Lesley Pearse

Belle

É preciso coragem para perder a inocência.

AUTORA #1 *BEST-SELLER*
COM MAIS DE 7 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Belle

Lesley Pearse

CAPA

SUMÁRIO

BELLE

***

***

AGRADECIMENTOS

BELLE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

SOBRE LESLEY

Belle

Lesley Pearse

Belle

É preciso coragem para perder a inocência.

***

Copyright © 2011 Lesley Pearse Copyright © 2012 Editora Novo Conceito Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão - 2012

Edição: Edgar Costa Silva
Tradução: Bárbara Menezes, Carolina Caires Coelho, Elisabete B. Pereira
Produção Editorial: Tamires Cianci, Lívia Fernandes
Revisão de Texto: Alline Salles
Diagramação: Nhambikwara
Editoração Capa: Esper Leon

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

Ficção: Literatura inglesa 823

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 - Parque Industrial Lagoinha 14095260 - Ribeirão Preto - SP www.editoranovoconceito.com.br

***

Para Harley MacDonald, meu novo e maravilhoso neto, nascido em março de 2010. E para Jo e Otis, por me fazer uma vovó feliz e orgulhosa novamente.

Agradecimentos

Evelyne Noailles por sua valiosa ajuda e pesquisa das coisas francesas. Deus a abençoe. Você foi além e ultrapassou o esperado.

Jane Norton, minha querida amiga e sábia, que possibilitou o contato com Evelyne. Tentarei retribuí-la algum dia.

Jo Prosser por ouvir a história infinitas vezes e mostrar uma coragem surpreendente conforme vagamos por pesquisas em Paris. O que eu faria sem você?

Al Rose, por seu ótimo livro, *Storyville*, *New Orleans*, o qual me ajudou muito a escrever sobre os bordéis. Uma leitura fantástica que deu vida a um lugar e a um momento extremamente perversos.

Enfim, por último, mas não menos importante, minha querida editora Mari Evans. Sem seu encorajamento, apoio e amizade, eu teria hesitado em escrever *Belle*. Aquele momento parecia tão longo e difícil quanto a gravidez de um elefante, mas você me manteve focada com seu entusiasmo e seus conselhos.

Belle

Capítulo 1

Londres, 1910

- Você deve ser uma prostituta. Você vive num bordel!

Belle, de 15 anos, se afastou do garoto ruivo e sardento e olhou-o consternada. Ele correu atrás dela rua abaixo para devolver a fita que havia caído de seu cabelo. Isso por si só já era incomum nos arredores das ruas fervilhantes de Seven Dials, onde praticamente todo mundo pegaria para si qualquer coisa que não estivesse pregada no chão. Então ele se apresentou como Jimmy Reilly, o recém-chegado sobrinho de Garth Franklin, dono do Ram's Head. Eles conversaram por um tempo e Jimmy perguntou se poderiam ser amigos. Belle ficou animada, tinha gostado da aparência dele e calculava que ele tivesse a idade próxima da dela. Mas então ele teve que

estragar tudo perguntando se ela era uma prostituta.

- Se eu morasse em um palácio não seria obrigatoriamente uma rainha - ela respondeu com raiva. - É verdade que eu moro na Casa da Annie, mas não sou prostituta. Annie é minha mãe! - Jimmy, arrependido, com seus olhos escuros, fitou Belle firmemente.

- Me desculpe se entendi errado. Meu tio me disse que a Casa de Annie era um bordel, então como vi você saindo de lá... - Ele ficou completamente constrangido. - Eu realmente não quis ferir seus sentimentos.

Então Belle ficou ainda mais confusa. Ela não achava que tinha encontrado alguém antes que tivesse se preocupado se estava ferindo seus sentimentos. Sua mãe com certeza não, nem nenhuma das garotas da casa.

- Está tudo bem - ela replicou um pouco insegura. - Você não tinha como saber, você não vive aqui há muito tempo. Seu tio está te tratando bem? - Ele encolheu os ombros. - Ele é um valentão - Belle afirmou, imaginando que Jimmy já tivesse sido apresentado aos punhos de seu tio, pois todo mundo sabia que Garth Franklin tinha um temperamento instável. - Você tem que ficar com ele?

- Minha mãe sempre disse que eu teria que ficar com ele se alguma coisa acontecesse com ela. Ela morreu no mês passado, e meu tio pagou o funeral e disse que eu teria que vir para cá aprender a profissão.

Belle deduziu por seu tom triste que ele se sentia obrigado a ficar.

- Lamento por sua mãe - ela disse. - Quantos anos você tem?

- Quase 17. Meu tio disse que eu deveria fazer um pouco de boxe para ganhar músculos - Jimmy respondeu com um sorriso maroto. - Minha mãe sempre disse que era melhor para um homem ter cérebro do que músculos, mas talvez eu possa ter os dois.

- Só não pense que todas as garotas são prostitutas ou você não viverá para ganhar os músculos - Belle disse com jeito atrevido. Ela tinha gostado dele; ele tinha um lindo sorriso e uma suavidade que o fazia muito diferente de todos os outros garotos da região.

Seven Dials não era muito longe dos smart shops[1] da Oxford Street, dos teatros da Shaftesbury Avenue ou ainda da grandiosidade do Trafalgar Square, mas era muitos quilômetros distante dos privilegiados. Grandes faixas de seus desordenados apartamentos e habitações muito pobres podem ter sido demolidos nos últimos 20 anos, mas com o mercado de frutas e

vegetais do Covent Garden ainda em seu coração, e muitas ruelas, quadras e becos por todo canto, as novas construções rapidamente se tornam exatamente tão desgastadas como as antigas. Seus moradores são principalmente das classes baixas da sociedade - ladrões, prostitutas, mendigos, vagabundos e brutamontes - vivendo junto com os pobres que fazem os piores trabalhos - varredores de rua, lixeiros e operários. Em um cinzento, gelado dia de janeiro, com muitas pessoas agasalhadas contra o frio apenas com trapos, tudo isso junto é uma visão deprimente.

- Da próxima vez que eu resgatar a fita do cabelo de uma garota bonita vou ter realmente muito cuidado com o que digo para ela - disse Jimmy. - Seu cabelo é lindo, nunca vi cachos pretos tão brilhantes antes, e você tem lindos olhos também.

Belle sorriu porque sabia que seu longo e encaracolado cabelo era o que tinha de melhor. A maioria das pessoas pensava que ela deveria cacheá-lo à noite e colocar óleo para que ficasse brilhante, mas ele era naturalmente assim - tudo o que fazia era escová-lo. Seus olhos azuis, tinha herdado de Annie, mas Belle imaginava que tinha de agradecer ao pai por seu cabelo e a sua mãe apenas pelo brilho que ele tinha.

- Bem, obrigada, Jimmy - ela disse. - Continue sendo tão gentil assim com as garotas e você vai fazer um grande sucesso por aqui.

- Em Islington, de onde eu vim, as garotas não falariam com alguém como eu.

Belle mal havia saído de Seven Dials, mas sabia que Islington era onde os respeitáveis, a burguesia, viviam. Ela tinha deduzido isso por sua última observação - e o que ele havia dito

sobre seu tio ter pago o funeral - que sua mãe tinha trabalhado lá.

- Sua mãe era uma cozinheira ou empregada doméstica? - ela perguntou.

- Não, era costureira, e ela tinha uma boa vida até ficar doente - ele disse.

- E seu pai?

Jimmy encolheu os ombros.

- Ele foi embora perto do meu nascimento. Mamãe dizia que ele era um artista. Tio Garth o chamava de um "nada". De qualquer forma não o conheço e nem quero conhecer. Mamãe sempre dizia que era sortuda porque ela era uma costureira habilidosa.

- Ou talvez ela devesse ter vindo e trabalhado na Casa da Annie? - Belle disse de um jeito travesso.

Jimmy gargalhou.

- Você é rápida, eu gosto disso - ele disse. - Então, podemos ser amigos?

Belle olhou para ele só por um minuto. Ele era uns três, talvez cinco, centímetros mais alto que ela, tinha traços suaves e um bom jeito de falar. Não exatamente refinado como o de um cavalheiro, mas não tinha um modo grosseiro de falar misturado com as gírias de Londres que a maioria dos rapazes das proximidades do Seven Dials tinha adotado. Ela imaginou que ele deveria ter sido bem próximo de sua mãe, e tinha sido protegido de certos excessos de bebida, violência e vícios que havia por ali. Ela tinha gostado dele e precisava de um amigo tanto quanto ele.

- Eu gostaria - ela disse, e estendeu seu dedinho do jeito que Millie, na Casa da Annie, sempre fazia quando oferecia amizade. - Você tem que me dar seu dedinho também - ela dizia com um sorriso, e assim que o dedo dele se enroscava com o dela, ela apertava a mão dele. - Fazer amigos, fazer amigos, nunca, jamais romper com os amigos - ela cantarolava.

Jimmy respondeu com um emocionado sorriso de orelha a orelha que deixou claro que ele tinha gostado do que Belle havia dito.

- Vamos para algum lugar - ele sugeriu. - Você gosta do Parque St. James?

- Nunca estive lá - ela respondeu. - Mas eu realmente tenho que voltar.

Era um pouco depois das 9 da manhã, e Belle tinha feito o que sempre fazia, deu uma

escapada para pegar um ar fresco enquanto todos os outros na casa ainda dormiam.

Talvez ele tenha percebido que Belle não estava ansiosa para ir para casa e estava tentada a passear porque ele agarrou a mão dela e colocou em seu braço, então começou a andar.

- Está mesmo muito cedo ainda, nós não vamos fazer falta - ele disse. - O parque tem um lago e patos e será bom tomar um pouco de ar fresco. Não é longe.

Um leve entusiasmo tomou conta de Belle. Tudo o que a esperava em casa era esvaziar baldes de resíduos e carregar carvão para o fogo. Ela não precisava de mais nada para convencê-la a ir com Jimmy, mas queria colocar sua melhor capa azul-royal com o capuz enfeitado com pele. Ela se sentia muito desleixada naquela sua cinza velha.

Enquanto iam apressadamente pelas ruelas detrás para a Charing Cross Road, depois desciam para a Trafalgar Square, Jimmy lhe contava mais sobre sua mãe, e fazia Belle rir com historinhas sobre algumas das mulheres ricas para quem sua mãe costurava.

- A senhora Colefax era a que deixava minha mãe realmente doida. Ela era enorme, tinha quadris como os de um hipopótamo, mas ela achava que mamãe cobrava dela por muito material e usava o que sobrava para fazer algo para ela mesma. Um dia minha mãe não conseguiu segurar mais e disse: "Senhora Colefax, exigiria de mim toda a criatividade do mundo fazer um vestido para a senhora com cinco metros de crepe. O que sobraria não daria para fazer uma jaqueta para um gafanhoto".

Belle deu risada, imaginando a mulher gorda em pé lá com seu espartilho provando um vestido.

- O que ela disse?

- "Nunca fui tão insultada" - Jimmy imitou a senhora Colefax falando com uma voz alta e ofegante. - "Você deveria lembrar bem quem eu sou."

Eles pararam para olhar as fontes em Trafalgar Square, então foram apressadamente pela estrada em direção ao Mall[2] .

- Não é grandioso o Palácio? - Jimmy disse como se eles tivessem andado através do Admiralty Arch e visto o Palácio de Buckingham em todo o seu pálido esplendor diante deles até o extremo do Mall. - Eu amo me afastar do Ram's Head e ver lugares bonitos. Isso me faz acreditar que sou mais do que apenas o garoto de recados do meu tio.

Até aquele momento Belle nunca tinha considerado que lugares bonitos podiam inspirar

alguém, mas quando eles estavam entrando no Parque St. James e ela viu como a geada tinha transformado galhos totalmente nus, arbustos e grama em um espetáculo reluzente, ela entendeu o que Jimmy queria dizer. O fraco brilho do sol cortava a nuvem espessa,

e os cisnes, gansos e patos no lago voavam facilmente na água. Era um mundo diferente do Seven Dials.

- Eu quero ser uma chapeleira - ela admitiu. - Gasto todo o meu tempo disponível desenhando chapéus. Eu sonho acordada em ter uma lojinha no Strand, mas nunca contei isso para ninguém antes.

Ele pôs suas duas mãos na dele e a puxou para perto. Sua respiração era como fumaça no ar gelado, quente em seu rosto frio.

- Mamãe sempre dizia que se você quer muito algo você consegue - ele disse. - Tudo o que tem que fazer é planejar como irá consegui-lo.

Belle olhou seu sorriso, o rosto sardento, e ficou se perguntando se ele queria beijá-la. Ela não tinha experiência com essas coisas; garotos eram algo misterioso para ela que tinha crescido só com mulheres. Mas ela tinha um tipo de sensação estranha, como se estivesse derretendo, o que era ridículo porque estava congelando de frio.

- Vamos apenas dar uma volta rápida no parque, então eu realmente tenho de ir para casa. Mog imaginará onde estou - ela disse rapidamente por conta da estranha sensação que a estava deixando nervosa.

Eles começaram a andar rapidamente através da ponte em cima do lago.

- Quem é Mog?

- Suponho que você a chamaria de empregada ou governanta, mas ela é mais do que isso pra mim - Belle disse. - É como uma mãe, tia, irmã mais velha, todos os papéis em um. Foi ela que sempre cuidou de mim.

Enquanto andavam rapidamente em volta do parque, Jimmy falou como deveria ser agradável no verão, sobre livros que ele tinha lido e sobre a escola que havia frequentado em Islington. Não perguntou a Belle nada sobre a casa dela; ela imaginou que ele estava com medo, com receio de dizer algo errado.

Não demorou muito e eles estavam de volta no encardido Seven Dials, e Jimmy disse que sua primeira tarefa quando ele tivesse que entrar seria acordar o tio com uma xícara de chá e depois esfregar o chão do porão.

- Podemos nos encontrar de novo? - ele perguntou, olhando ansiosamente como se esperasse que ela recusasse.

Posso sair na maior parte das manhãs neste horário - Belle respondeu. - E geralmente por volta das 4 da tarde também.

Vou procurar por você então - ele disse com um sorriso. - Foi bem agradável hoje. Estou muito feliz que sua fita tenha caído.

[1] Lojas em que se vendem drogas (N. T.).

[2] Mall: lugar muito importante em Londres, que fica nos arredores do Palácio de Buckingham. Todo o trecho faz menção a locais próximos ao palácio (N. T.).

Capítulo 2

Belle sentiu um vazio enquanto via Jimmy descendo a Monmouth Street. Na hora que se passou ela tinha se sentido feliz e livre, mas sabia que logo que entrasse teria que voltar a uma série de tarefas, incluindo esvaziar penicos e limpar e acender o fogo.

Eles tinham mais em comum do que Jimmy imaginava. Ele, com seu tio de gênio difícil para enfrentar, ela, com uma mãe mal-humorada. Ambos eram rodeados de pessoas, mas tinha ficado evidente que Jimmy era tão solitário quanto ela, sem amigos de sua própria idade para conversar.

O Sol que tinha saído ligeiramente enquanto eles estavam no parque havia desaparecido atrás de negras nuvens, e conforme caminhavam, o homem que vendia fósforos na esquina berrava que ia nevar mais tarde. Belle relutou

para entrar, mas estava muito frio para ficar mais tempo do lado de fora.

Ela conhecia muito pouco do mundo que ia além de Seven Dials. Ainda vivia na mesma casa que tinha nascido. O que sabia de sua história era que sua mãe tinha dado à luz sozinha no andar de cima, colocado a bebê enrolada em uma velha manta em uma cômoda e descido para o salão de novo com as outras garotas como se nada tivesse acontecido.

Belle aprendeu muito novinha que ela tinha que ser praticamente invisível. Seu lugar, já que estava muito grande para dormir na cômoda, era no porão da casa, e ela não deveria nunca, jamais, se arriscar a subir as escadas depois das cinco, ou perguntar à sua mãe sobre o que acontecia lá em cima.

Ela tinha ido à uma pequena escola no Soho Square dos 6 aos 10 anos, onde aprendera a

ler, escrever e somar, mas tudo acabou de repente depois de algum tipo de desentendimento entre sua mãe e sua professora. Belle então teve de ir a uma escola muito maior, a qual ela odiou, e ficou muito aliviada quando pôde deixá-la aos 14 anos. Mas desde então tinha achado os dias longos e monótonos. Porém, um dia, quando expressou isso em voz alta, sua mãe a sondou e perguntou se ela gostaria de ser uma copeira ou vendedora de flores nas ruas como tantas garotas da idade dela eram forçadas a ser. Belle não gostaria de trabalhar daquele jeito: a garota que vendia flores mais adiante na rua era tão magra e esfarrapada que parecia que uma rajada de vento poderia levá-la embora.

Annie também não aprovava que Belle fizesse o que ela chamava de ficar "rodando pelas ruas". Belle não tinha certeza se era porque sua mãe pensava que ela ia se meter em encrenca,

ou porque não queria que sua filha ouvisse fofocas sobre ela.

Em um de seus raros momentos nostálgicos e comunicativos, Annie contou a Belle que era a favorita da "Condessa", a administradora da casa na época em que Belle tinha nascido. Se não fosse pelo carinho da mulher, Annie teria sido jogada nas ruas e acabaria em uma Casa de Trabalho[3]. Ela explicou que a Condessa tinha passado a usar o apelido por conta de seus modos elegantes, sua beleza de rainha em seus dias de juventude e seus admiradores masculinos de alto nível. Foi um destes, e havia rumores de que era membro da família real, que montara a casa para ela em Jake's Court.

Quando Belle era apenas uma criança, a Condessa ficou doente e Annie cuidou dela por mais de um ano. Antes de morrer, fez um testamento e deixou tudo o que tinha para Annie.

Annie dirigia a casa desde então. Ela contratava e demitia, agia como uma anfitriã e cuidava do dinheiro. O comentário frequente nas redondezas de Seven Dials é que ela administrava uma boa casa, ainda que fosse muito dura.

Belle tinha ouvido a palavra "bordel" durante sua infância inteira, mas não sabia o significado exato dela, apenas que era algo que não se fala na escola. A Casa de Annie era também conhecida como uma "casa de prostituição": há alguns anos, Belle tinha perguntado à sua mãe o que isso significava e ela respondeu que era um lugar de diversão para cavalheiros. Apenas o jeito como Annie lhe respondeu, alto e rapidamente, deixou claro para Belle que ela não deveria questionar mais.

Nos arredores de Seven Dials qualquer mulher comum ou garota que se vestisse de forma vulgar, fosse meio volúvel ou agisse com

atrevimento, gostasse de alguns drinques e de dançar provavelmente seria chamada de prostituta.

Era um termo pejorativo, naturalmente, mas como era usado frequentemente havia um quê de brincadeira nisso, da mesma forma que chamavam alguém de "namoradeira" ou de "bruxa". Então, até há alguns meses, Belle acreditava que o negócio de sua mãe era apenas dar festas noturnas em que cavalheiros encontravam garotas atrevidas e divertidas para beber e dançar.

Mas recentemente, por meio de músicas indecentes, piadas e "conversinhas", Belle percebeu que os homens têm algum tipo de necessidade para satisfazer e era para satisfazer essa necessidade que eles iam a lugares como a Casa de Annie.

Os detalhes do que isso significava não tinha descoberto. Mas não podia puxar assunto nem com Annie nem com Mog, e as garotas tinham muito medo de sentir a fúria de Annie para contar quaisquer segredos para Belle.

À noite, ao se deitar na cama no porão, sons de alegria filtrados chegavam até lá; o piano era tocado com entusiasmo, copos tiniam, havia gargalhadas masculinas, batidas, pés dançando e canções - parecia muito divertido. Belle algumas vezes desejou se arriscar, arrastar-se até as escadas e dar uma olhadinha pela porta.

Porém, ainda que ela quisesse muito conhecer toda a verdade dos negócios de sua mãe, algo lhe dizia que havia também um lado obscuro em tudo isso. Em alguns momentos ouvia choros, súplicas ou até gritos, e sabia que as garotas não eram felizes o tempo todo. Havia muitos dias em que elas desciam para jantar

com os olhos inchados e faziam suas refeições em um sombrio e pesado silêncio. Por vezes alguma delas tinha um olho roxo ou hematomas nos braços. Mesmo no melhor dos dias as garotas estavam sempre fracas e pálidas. Elas não tinham muita disposição de ser amáveis com Belle também. Mog dizia que era porque sentiam que ela era uma espiã da Annie, e que tinham ciúme dela. Belle não podia imaginar do que teriam ciúme - não possuía nada mais do que elas -, mas as garotas nunca a incluíam nas conversas e paravam de falar quando ela entrava na sala.

Apenas Millie, a garota mais velha, era diferente. Ela sorria para Belle e gostava de conversar. Por outro lado, Millie era limitada, pulava de um assunto para outro como uma borboleta, incapaz de sustentar uma conversa significativa com alguém. Mog era na verdade a única amiga de Belle, e muito mais mãe para ela do que Annie. Seu verdadeiro nome era

Mowenna Davis, e ela vinha dos vales Welsh. Belle não tinha conseguido dizer Mowenna quando era bebê e a tinha chamado de Mog, e o nome continuou a ser usado por todo mundo. Ela contara a Belle uma vez que, se a chamassem de Mowenna, não reconheceria esse nome como sendo o dela.

Uma simples, pequena mulher em seus quase 40 anos, com opacos cabelos castanhos e pálidos olhos azuis, Mog trabalhava na casa como empregada desde os 12 anos. Talvez sua simplicidade fosse o que a tinha mantido limpando quartos e acendendo o fogo; ela usava um vestido preto, avental branco e touca em vez do cetim chamativo e acetinado e cabelos cheios de fitas das garotas de lá de cima. Mas ficar sozinha na casa era algo comum para ela. Não fazia birra, discutia ou brigava. Ela executava seus deveres domésticos com alegria serena, e inabaláveis lealdade e devoção para com Annie e amor por Belle.

A porta da frente da Casa da Annie era na Monmouth Street, pelo menos ficava atrás, em um beco meio distante, mas apenas os cavalheiros visitantes usavam aquele caminho, subiam quatro andares para a porta da frente e entravam no hall e no salão. A entrada usada por todos os que moravam lá era perto da esquina da Jake's Court; entravam no pequeno quintal, desciam seis andares para a porta de trás e entravam no que era quase um porão.

Mog estava picando carne na mesa da cozinha quando Belle entrou pela copa. A cozinha era um grande cômodo com teto baixo e chão lajeado, dominado pela extensa mesa no centro. Um armário ao longo de uma parede guardava toda a porcelana, e no lado oposto estava o fogão, havia ainda vasilhas e outras panelas penduradas acima dele em ganchos. Lá era sempre quente por causa do fogão, mas um pouco escuro por ser no porão. Durante os meses de inverno,a luz a gás ficava acesa o tempo todo.

Havia muitos outros cômodos neste piso, uma lavanderia, os quartos de Belle e Mog e muitos depósitos assim como o estoque de carvão.

- Venha e se aqueça no fogão - Mog disse logo que viu Belle. - Não sei o que você arranja para fazer na rua! Não suporto todo aquele barulho e empurrões.

Mog raramente ia além das áreas próximas porque tinha medo de multidões. Ela dizia que quando foi olhar o cortejo do funeral da rainha Vitória, nove anos antes, foi tão empurrada que teve palpitações e pensou que ia morrer.

- Tem muito barulho aqui também, mas não parece incomodar você - Belle ressaltou quando ela tirava sua capa e seu cachecol. De lá de cima ela podia ouvir Sally, a garota mais nova, gritando sobre alguma coisa.

- Essa não vai durar muito - Mog disse sabiamente. - Muito explosiva!

Era raro Mog fazer algum comentário sobre as garotas e Belle esperava que ela dissesse muito mais, talvez ela conseguisse que Mog continuasse.

- O que você quer dizer com isso? - Belle perguntou, aquecendo suas mãos no fogão.

- Ela acha que deve ser a garota mais importante - Mog respondeu. - Sempre discutindo, sempre se colocando em primeiro lugar. As outras garotas não gostam disso, ou do jeito que ela se joga nos cavalheiros.

- De que jeito? - Belle perguntou, esperando não parecer muito óbvia.

Mas Mog congelou visivelmente, de repente se dando conta de que estava falando de algo que sua "protegida" não deveria saber.

- Agora chega, temos trabalho a fazer, Belle. Logo que eu tiver colocado isso para cozinhar quero fazer no salão uma limpeza completa. Você vai me ajudar, não vai?

Belle sabia que na verdade ela não tinha nenhuma escolha, mas gostava do jeito que Mog sempre lhe dava ordens como se fossem perguntas.

- Claro, Mog. Temos tempo para uma xícara de chá antes? - ela perguntou. - Acabei de encontrar o sobrinho de Garth Franklin. Ele é um garoto muito agradável! Durante o chá, Belle contou a Mog tudo sobre Jimmy, e como eles foram andar no parque. Ela sempre falava todas as coisas para Mog, pois era muito mais próxima dela que de Annie. Para a maioria das

pessoas, Mog era uma velha empregada, mas Belle a via como muito moderna em vários sentidos. Ela lia jornais e era profundamente interessada em política. Apoiava Keir Hardie, o socialista do Partido Trabalhista, e os sufragistas que faziam campanha para o voto feminino. O dia passava mais lentamente quando Mog não comentava suas últimas reuniões, a marcha no Parlamento ou a história sobre eles terem sido forçados a comer à força na prisão porque tinham feito greve de fome. Ela sempre dizia que gostaria de se juntar a eles.

- Estou feliz que você tenha encontrado um amigo - Mog disse carinhosamente. - Mas tome cuidado para que ele não tome liberdades com você ou o rapaz terá que lidar com alguém pior que Garth Franklin! Mas é melhor irmos para o salão agora.

Annie gabava-se de que ela tinha o melhor salão fora de Mayfair, e era verdade que ela

tinha gastado bastante dinheiro em espelhos italianos, candelabros de cristal, tapete persa e lindas cortinas de veludo para as janelas. Mas com aproximadamente vinte cavalheiros visitantes por noite, as garotas entrando e saindo e cigarros e charutos sendo fumados, junto com bebidas derramadas, uma boa faxina era necessária frequentemente.

Belle imaginava que o salão deveria ter uma boa aparência à noite, mas ela não acreditava muito nisso de dia. As cortinas quase nunca eram retiradas nem as janelas abertas, e o papel dourado das paredes parecia apenas um amarelo sujo quando a luz do dia entrava. Do mesmo modo, as cortinas cor de ameixa tinham poeira, teias de aranhas e um cheiro curtido de tabaco impregnado nelas. Mas Belle gostava de fazer faxina lá. Havia algo de realmente prazeroso em remover um mês de sujeira dos espelhos e vê-los brilhando, ou bater o tapete do lado de fora até as cores se

tornarem brilhantes de novo. E ela gostava de trabalhar ao lado de Mog porque ela era uma alma feliz, que trabalhava duro e apreciava a ajuda dos outros.

Como sempre, durante a limpeza, elas empilhavam sofás e mesas em um canto primeiro, depois enrolavam o tapete persa e o carregavam escada abaixo cada uma segurando de um lado.

O salão ocupava a maior parte do térreo. Havia uma pequena área para chapéus e casacos na porta da frente, a que Mog atendia quando a campainha tocava. Atrás da escadaria que levava aos outros três andares ficava o que eles chamavam de escritório, em forma de um "L", e além disso era o quarto da Annie. Escondidas ali também, atrás da porta, estavam as escadas para o porão. Mog sempre tinha observado que aquela disposição da casa era a ideal. Belle supôs que ela queria dizer que a

adolescente nunca via quem entrava como visitante, e os cavalheiros nunca viam como elas viviam.

Havia um toalete no térreo também. Só havia sido instalado há poucos anos; antes disso todo mundo tinha de usar o banheiro externo.

Belle sempre se sentia incomodada porque as garotas não usavam sempre esse toalete, e em vez disso usavam seus penicos nos quartos. Se ela podia dar um jeito, em uma noite extremamente fria, de usar o banheiro externo e não o penico que ficava embaixo de sua cama, Belle imaginava que elas poderiam no mínimo descer alguns lances de escada dentro da casa.

Mog, porém, nunca a apoiou quando ela reclamava de esvaziar os penicos. Ela apenas encolhia os ombros e dizia que talvez as garotas estivessem "apertadas".

Belle pensava que era um absurdo; afinal de contas depois de tudo, se elas estavam entretendo os cavalheiros no salão, levaria muito mais tempo ir a seus quartos para urinar no penico do que usar o toalete do salão.

Estava muito frio quando elas levantaram o tapete sobre o varal no quintal dos fundos; o hálito das duas parecia fumaça no ar gelado. Mas assim que começaram a bater o tapete com as pás de bambu, ficaram aquecidas novamente.

- Vamos deixá-lo aqui até o chão secar - disse Mog quando acabaram e as duas tinham uma camada cinza de sujeira por todo o corpo.

Foi somente quando voltaram para cima que Belle viu sua mãe. Como sempre, de manhã, Annie estava vestindo seu roupão de veludo azul-marinho sobre a camisola e ela tinha coberto os cachos com sua touca de laço.

Mog tinha a idade próxima da de Annie, as duas perto dos 40 anos, e tinham formado o que Mog chamava de "uma aliança" quando eram jovens porque tinham chegado à casa, quando era da Condessa, mais ou menos na mesma época. Belle sempre se perguntava por que Mog não dizia que elas tinham se tornado amigas, mas Annie não era uma pessoa calorosa, talvez ela não quisesse uma amiga.

Arrumada, com seu rosto maquiado, Annie ainda era bonita. Tinha uma cintura fina, seios firmes e um ar de rainha. Mas em seu roupão seu aspecto parecia cinzento, seus lábios finos, secos, seus olhos, opacos. Além disso, seu corpo escultural sumia sem o espartilho. O jeito maldoso com que ela frequentemente falava com suas garotas sugeria que se ressentia que sua própria aparência estivesse decaindo enquanto elas ainda estavam no auge.

- Oi, mãe - Belle disse de joelhos, esfregando o chão. - Estávamos fazendo uma faxina no salão, e já era hora, está imundo.

- Vamos deixar o tapete lá fora até acabarmos - completou Mog.

- Você deveria dar às garotas algumas instruções de limpeza - Annie se dirigiu a Mog sarcasticamente. - Seus quartos são como ninhos de ratos, elas não fazem mais do que arrumar a cama. Não é suficiente.

- Isso não é bom para os negócios - Mog replicou. - Não adianta manter o salão lindo, e depois levar um cavalheiro para uma lixeira.

Belle estava ainda olhando para sua mãe enquanto Mog falava, e ela viu os olhos de Annie se arregalarem em choque com a observação sobre levar homens para a lixeira. Mog percebeu o olhar também e empalideceu, e quando

Belle deu uma olhada de uma para a outra percebeu que sua mãe não queria que ela soubesse que os homens iam para o quarto das garotas.

Belle tinha aprendido há tempos que se quisesse ficar bem com sua mãe era melhor fingir ser muito boba para entender bastante do que era dito ao redor dela.

- Eu poderia limpar bem o quarto das garotas - ela ofereceu. - Eu poderia fazer um por dia e conseguir que elas ajudem.

- Deixe-a fazer isso - Mog disse. - Ela gosta de se manter ocupada.

Por alguns segundos Annie ficou em pé ali, olhando para Mog e Belle, sem dizer uma palavra. Pareceu a Belle que ela estava tentando achar um jeito de lidar com a informação que tinha surgido.

- Uma boa ideia. Ela pode começar com o da Millie hoje porque é o que está pior. Embora eu duvide que Millie vá ajudar muito, ela não consegue se concentrar em nada por muito tempo.

À uma e meia, com o salão agora brilhando e cheirando bem, Belle foi limpar o quarto de Millie no topo da casa. Millie tinha saído para algum lugar com Sally, e as outras garotas estavam em um dos cômodos do andar de baixo. Belle tinha tomado uma grande tigela de sopa, seguida de uma torta de melaço, e a vontade de limpar estava diminuindo rapidamente. Mas tinha apenas começado a nevar então ela não poderia sair, e o quarto de Millie era o mais quente da casa como se todo o calor de todos os fogareiros da casa flutuasse lá para cima.

Millie tinha uma posição especial na casa. Embora fosse muito mais velha que as outras garotas, tinha por volta de 28 anos, ela era ainda

excepcionalmente linda, com sedosos e longos cabelos loiros, grandes olhos azuis e uma suave boca de criança. Por ser limitada intelectualmente, ela tinha o carinho de todos: de fato talvez fosse por sua natureza ingênua como a de uma criança é que todo mundo cuidasse dela.

Millie era também a única garota que tinha permanecido desde que a Condessa dirigia a casa. Belle sentia que tanto Annie como Mog toleravam sua preguiça por causa do passado que compartilharam juntas. Também era dito em muitas ocasiões que ela era muito popular com os cavalheiros por conta de sua natureza doce.

Belle também tinha afeto por Millie. Ela gostava de seu caloroso e amigável temperamento e de sua bondade e generosidade. Sempre lhe dava presentinhos - contas, uma fita de cabelo ou chocolates - e a abraçava

apertado se ela estivesse machucada ou triste. O quarto de Millie refletia sua natureza infantil. Ela tinha cortado pedaços de tampas de caixas de chocolate com figuras de gatinhos e cachorrinhos e os colado na parede. Ela tinha amarrado um guarda-chuva de laço às costas de uma cadeira com uma grande fita rosa e embaixo dele pôs sentadas muitas bonecas. Algumas eram de pano com vestidos chamativos de algodão que pareciam ter sido feitos por ela mesma. Mas havia também uma boneca muito mais impressionante com rosto de porcelana, cabelo loiro ondulado e um vestido de cetim rosa.

Quando Belle olhou em volta, viu que Millie tinha dez vezes mais coisas que qualquer uma das outras garotas: enfeites de porcelana, escovas de cabelo prateadas na parte de trás, um trem de brinquedo de madeira, um relógio cuco que não funcionava e muitas almofadas enfeitadas com fitas.

Belle começou a trabalhar limpando a grande cama de bronze primeiro, depois a cobriu com um lençol para evitar poeira antes de empilhar em cima dela a mobília e outros itens.

O chão estava grosso com tanta poeira, e havia um único pequeno tapete que poderia ser sacudido pela janela. Depois que tinha limpado a grelha da lareira e varrido e lavado o chão, ela preparou a lareira e a acendeu para o chão secar mais rápido.

Uma hora mais tarde ela tinha quase acabado, prateleiras limpas e sem pó, espelhos e janelas brilhando, todas as coisas de Millie arrumadas cuidadosamente de novo.

Estava escuro agora e ainda nevava bastante. Olhando para fora da janela para Jake's Court, Belle sabia que a neve o tinha transformado. Seven Dials era famoso em Londres por ter a maioria dos bordéis, cassinos clandestinos,

tavernas e outras casas noturnas em uma área de 640 acres. Com o início do funcionamento do mercado de Covent Garden no meio da noite junto com o movimento dos beberrões e jogadores indo para suas casas e camas, nunca havia um momento de silêncio. Sempre se dizia que as favelas em Londres logo seriam uma coisa do passado, e era verdade que muitas áreas como aquelas estavam sendo "limpas", mas ninguém no governo levava em conta para onde os habitantes das favelas esvaziadas iriam. No momento eles se refugiavam lá, procurando um mínimo de abrigo junto com centenas de outros homens desesperados, mulheres e crianças de muitas ruas sem saída, becos fedidos e estreitos e sinuosas ruelas. Até para Belle, que nunca tinha conhecido nenhum outro lugar, ali era um lugar sujo, fedido e barulhento, e ela podia entender o quanto seria assustador para alguém que caísse ali por engano ao fazer a volta no lugar errado ao vir da vizinhança do *smart*.

Mas agora, através do brilho amarelo da lamparina a gás, o Court parecia encantado e bonito embaixo de uma fina camada de neve. Estava deserto também, uma situação incomum, e Belle supôs que naquela noite a casa ficaria muito quieta.

O quarto estava muito quente e, com as cortinas fechadas e apenas a luz do fogo e da luz a gás se apagando, estava tão agradável que Belle não pôde resistir e se deitou na cama para um descanso. Ela esperava que Millie chegasse a qualquer minuto, e que ficasse feliz por achar seu quarto tão bonito.

Ela sentia que estava ficando sonolenta e tentava despertar para descer, mas estava muito aquecida e confortável para se mexer.

O som dos passos nas escadas a acordaram com um sobressalto. Ela não tinha ideia de que horas eram, mas o fogo estava quase no fim, o

que sugeria que era noite e ela tinha adormecido por um bom tempo. Seu estômago se contorceu de ansiedade, por conta da regra rigorosa de Annie de que ela nunca deveria subir depois das 5. Belle ainda podia se lembrar da surra que ela havia lhe dado aos 6 anos por ter ousado desobedecê-la.

O pânico a fez pular, ajeitar as cobertas e se esconder debaixo da cama. Mas como estava lá, ela disse para si mesma que se Millie estivesse sozinha ela poderia explicar o que tinha acontecido e conseguir que a levasse escondido de volta para a cozinha sem ninguém vê-la.

Mas seu coração ficou apertado quando a porta se abriu e Millie entrou seguida por um homem. Ela acendeu a lamparina a gás e duas velas também. Debaixo da cama, Belle não podia ver mais que a metade debaixo do vestido azul-pálido de Millie com seus laços de renda e

as calças marrom-escuras do homem e suas botas com botões laterais.

- Por que você fingiu não estar aqui a semana passada quando eu te chamei? - o homem perguntou. Sua voz era áspera e ele parecia estar com raiva.

- Eu não estava aqui - Millie replicou. - Tive uma noite de folga e fui ver minha tia.

- Bom, eu paguei pela noite toda com você hoje - ele disse.

A primeira reação de Belle foi de choque por ele ter pagado para compartilhar o quarto de Millie. Mas então seu estômago se contorceu quando ela percebeu que isso significava que ela estava presa. Como ia sair dali? Não podia ficar lá, mas também não podia sair de debaixo da cama, pedir desculpas pela invasão e ir embora.

- A noite inteira - Millie repetiu, e parecia tão horrorizada com a ideia quanto Belle.

Houve então um silêncio, e Belle supôs que eles estavam se beijando já que estavam em pé bem juntos. Ela podia ouvir a respiração pesada e o barulho das roupas, e o vestido de Millie foi jogado de uma só vez ao chão a apenas alguns centímetros de Belle. Uma anágua caiu também, e depois as botas do homem e suas calças foram tiradas, e finalmente ficou claro para Belle exatamente o que era uma prostituta. Os homens pagavam as prostitutas para fazer aquilo que eles supostamente deveriam fazer só com as esposas para ter filhos. Ela não entendia por que não tinha percebido isso antes. Mas agora estava claro, e se sentia mal só de pensar que Jimmy e outras pessoas que ela conhecia acreditavam que ela permitia aos homens fazerem isso com ela também.

Millie estava apenas com sua *chemise*, meias e sua lingerie enfeitada com desenhos. O homem tinha tirado sua jaqueta junto com suas calças e botas, mas manteve sua camisa, que caiu até os joelhos, expondo pernas muito musculosas e peludas.

- Deixe-me colocar um pouco mais de carvão no fogo, está quase no fim - Millie disse de repente. Quando ela se curvou para colocar a pá no balde de carvão, Belle pensou em tentar fazer sinal para ela e então Millie levaria o homem para fora do quarto, mas antes que pudesse ten-tar, o homem se moveu e agarrou Millie pela cintura por trás, puxando e tirando a lingerie dela tão brutalmente que a rasgou.

Belle estava tão chocada que sentiu que seu coração poderia parar de bater. De onde estava só podia ver o casal da cintura para baixo, mas estava bem longe. Ela não queria ver as formas rechonchudas de Millie, as coxas com

furinhos e nádegas, ou o homem a forçando a se curvar para que ele pudesse pôr seu pênis dentro dela. Belle só tinha visto alguns pênis em sua vida, e eles pertenciam a garotinhos que estavam sendo lavados por suas mães em uma bomba d'água de rua. Mas o deste homem era sete ou oito centímetros maior e tão firme como um mastro. Ela podia ver pelo esforço das articulações das mãos de Millie, quando ela se apoiava na lareira, que ele a estava machucando.

- Está melhor, meu amor? - ele dizia sem fôlego enquanto a forçava. - Você gosta disso, não é?

Belle fechou os olhos para não ver aquilo, mas ouviu Millie responder que gostava daquilo mais do que qualquer outra coisa no mundo. Era claramente uma mentira, pois quando Belle abriu os olhos de novo Millie se movera o

suficiente para a garota ver seu rosto de lado, contorcido de dor.

De repente Belle entendeu por que as garotas tão frequentemente pareciam rabugentas e abatidas. Ela foi iludida pelos momentos que ouvia de muita diversão. Mas evidentemente elas não tinham um momento agradável no salão por muito tempo. Em vez disso eram levadas a seus quartos para se sujeitarem àquele tipo de provação.

Quando o homem se abaixou mais atrás de Millie, Belle viu seu rosto de lado. Ele tinha o cabelo preto, ligeiramente grisalho nas têmporas, e um grosso bigode estilo militar. Seu nariz era bem grande, ligeiramente curvado. Ela pensava que ele tinha por volta de 32 anos, embora sempre tenha achado difícil adivinhar a idade dos homens.

Então os dois foram para a cama, e o som do rangido das molas estava apenas a poucos centímetros de sua cabeça, e as coisas loucas que ele dizia para Millie eram horríveis. Ainda pior, ela podia vê-los refletidos no espelho que ficava em cima da lareira. Não o rosto, apenas do pescoço até o joelho. Ele tinha um traseiro peludo e ossudo e segurava os joelhos de Millie; parecia estar forçando-os a abrir para que ele pudesse mover-se mais dentro de Millie.

Isso tudo, o som de carne contra carne, molas guinchando, grunhidos, xingamentos e respiração ofegante continuou e continuou impiedosamente. De tempos em tempos Millie gritava de dor, e em certo momento ela até exigiu que ele parasse, mas ele continuava indiferentemente.

Belle percebeu que isso era "foder". Ela ouvia a palavra diariamente nas ruas onde isso era como um xingamento - alguns homens a

usavam em cada frase que eles pronunciavam - mas ela a tinha ouvido referente a homens e mulheres também, e agora entendia seu real significado.

Ela odiava ter sido testemunha daquilo e estava tentada a aproveitar uma oportunidade e sair sorrateiramente de debaixo da cama e ir para a porta. Mas o bom senso dizia-lhe que ia pagar muito caro se fizesse isso, tanto do homem como de Annie. Ela imaginava também por que Mog não tinha avisado de seu sumiço e tinha vindo procurar por ela.

Justamente quando pensou que o martírio de Millie estava acabando, de repente o homem pareceu estar alcançando algum tipo de sensação intensa, porque ele estava muito ofegante e se movia ainda mais rápido. Então tudo parou de repente, ele saiu de Millie e afundou no colchão ao lado dela.

- Não foi maravilhoso? - ele perguntou.

- Ah, sim, querido - Millie respondeu com a voz tão fraca e débil que parecia ter sumido.

- Então não vamos mais ficar nessa enrolação - ele disse. - Você deixará este lugar amanhã de manhã e virá comigo para Kent?

- Não posso - ela disse fracamente. - Annie não vai me deixar ir, ela precisa de mim aqui.

- Bobagem! Prostitutas se encontram aos montes, e a maioria é mais jovem do que você. E por que você mentiu para mim a semana passada?

Sua voz, que não tinha sido em nenhum momento suave com ela, estava agora se tornando realmente ameaçadora.

- Eu não menti pra você - ela disse.

- Mentiu. Você nunca tem uma noite de folga aqui e não tem nenhuma tia. Você me evitou de propósito da última vez que eu vim. E nunca teve a intenção de vir morar comigo.

Millie negou. Então um estalo nítido seguido por um choro revelou que ele tinha batido nela.

- Isso vai te mostrar o que acontece quando mentem para mim - silvou para ela.

- Eu te evitei por causa disso - ela gritou. - Por que você me machuca se diz que quer que eu viva com você?

- Uma prostituta deve esperar esse tipo de coisa - ele disse, como se estivesse surpreso com a reclamação dela. - Além disso, você adora que eu foda você.

De repente Millie pulou para fora da cama e Belle viu que ela estava vestindo apenas uma blusinha enfeitada com um laço, seus grandes e macios seios se revelavam pela blusa, e apareciam seus pelos púbicos abundantes.

- Não gosto de jeito nenhum disso. Eu finjo porque é o que eu devo fazer - ela disse de modo desafiador.

Belle sabia instintivamente que aquele homem não ia gostar daquele tipo de afirmação, e que Millie podia até mesmo estar em perigo. Ela quis desesperadamente correr para a porta e sair enquanto podia.

Mas antes que a garota sequer pensasse em fugir o braço dele se esticou para agarrá-la, e ele a arrastou de volta para a cama.

- Sua vadia - rosnou para ela. - Você me levou com sua fala mansa, me fez acreditar em

mentiras e mais mentiras. Eu fiz planos para nós, e agora você diz que estava fingindo!

- Todas nós mentimos para agradar os clientes - Millie rebateu.

Ele bateu nela de novo e desta vez ela gritou de dor e implorou a ele para deixá-la ir.

- Eu vou deixar você ir sim - ele respondeu. - Direto para o demônio ao qual você pertence.

Só o jeito louco de o homem falar já indicava para Belle que ele ia matar Millie. Ela queria tanto ser corajosa, sair de debaixo da cama e bater na cabeça dele com o penico antes de avisar Annie sobre o que estava acontecendo. Mas estava paralisada pelo medo e incapaz de mover um músculo.

- Não, por favor! - Millie implorava, e havia um som de espancamento enquanto ela tentava se

afastar dele. Mas aos poucos o som diminuiu, e enquanto Belle podia ouvir uma respiração pesada do lado de cima, ela pensava que seus medos eram infundados porque ele estava beijando Millie de novo.

- Assim é melhor - ele disse suavemente quando finalmente a briga parou. - Apenas se entregue a mim. É assim que eu gosto.

Por conta de seu medo Belle tinha recuado para o centro da cama, então ela não podia vê-los no espelho. Mas o jeito de o homem falar sugeria que a grosseria tinha acabado completamente e ele estava pensando em começar a transar com Millie de novo. Belle achou que deveria esperar as batidas e som de tapas começarem de novo, depois sairia e correria para a porta.

Mas algum tempo se passou e não houve batidas, apenas respiração pesada, então Belle se

mexeu para o lado da cama, assim podia ver o reflexo deles no espelho. Mas o que viu foi tão chocante que quase gritou.

O homem estava ajoelhado na cama, completamente nu agora e esfregava seu membro enquanto o segurava no rosto de Millie. O queixo dela estava virado para cima, expondo seu nariz branco, mas ela não reagia ao que ele fazia. Seus olhos pareciam estar quase saltados de sua cabeça e dava a impressão de que Millie ia gritar, mas não havia som saindo de sua boca aberta.

Belle esqueceu seu próprio terror ao temer por Millie. Silenciosamente se virou embaixo da cama até que estivesse diante da porta, rastejou no chão até a ponta da cama, tomou fôlego enquanto estava fora da linha de visão dele e deu uma corrida até encostar na porta.

Com um rápido movimento deu um pulo e puxou o trinco. Ela ouviu o homem urrar alguma coisa, mas já tinha aberto a porta e corrido escada abaixo pulando dois lances por vez.

- Um homem está machucando Millie! Salve ela! - ela gritava como se fosse o fim do mundo e viu Annie saindo de seu escritório.

Por apenas um breve segundo a expressão de sua mãe era tão agressiva que Belle pensou que ela ia agredi-la. Mas sem dizer uma palavra Annie se dirigiu calmamente para o salão.

- Jacob - ela chamou. - Venha comigo para ver a Millie. O homem careca e corpulento era um recém-chegado na casa. Belle o tinha visto apenas uma vez há uns quinze dias quando ele estava colocando uma nova arruela na torneira da copa. Mog tinha dito que Jacob fora contratado para fazer bicos, mas também para garantir que não houvesse bagunça no andar de

cima durante as noites. Ele estava elegante esta noite, com uma jaqueta verde-escura, e atendeu prontamente à ordem da Annie, correndo escada acima.

Annie o seguiu, mas parou, olhando para Belle e mostrando a porta do porão.

- Desça e fique lá. Falo com você mais tarde - ela ladrou.

Belle sentou-se na mesa da cozinha, segurando a cabeça com as duas mãos, desejando que Mog descesse porque sabia que podia explicar como tudo aquilo acontecera muito mais facilmente para ela.

No relógio da cozinha eram dez e dez. Sem dúvida ela tinha adormecido no quarto de Millie por muito mais tempo do que pensava. Mas não entendia por que não tinha sido acordada pelo barulho das garotas que estavam se

aprontando para a noite, ou por que Mog não tinha subido para encontrá-la quando ela não voltou após a limpeza do quarto. Mog era como uma "mãezona", geralmente ficava louca se Belle estivesse sumida só por uma hora, e elas sempre tomavam chá juntas por volta das seis da tarde, antes de Mog ter de subir para preparar a noite.

As noites eram habitualmente tediosas para Belle porque ela ficava sozinha. Ela lavaria a louça do chá, depois leria um jornal se um dos cavalheiros tivesse deixado algum no andar de cima na noite anterior. Se não houvesse jornal para ler, costuraria ou tricotaria. Mas geralmente ia para a cama às oito e meia porque não aguentava ficar sozinha mais do que isso. Esta noite, no entanto, não estava apenas solitária, estava aterrorizada. Não por ela mesma, embora estivesse apavorada com o que Annie podia fazer com ela, mas por Millie. Belle conseguia enxergar seu rosto tão

claramente em sua cabeça, aquele grito silencioso, o jeito como a cabeça dela estava jogada para trás e seus olhos salientes. Será que o homem tinha matado Millie?

Não vinha som do salão lá em cima, então talvez só Jacob estivesse lá além dela quando desceu as escadas. Isso dava para entender por causa da neve; mas ela se perguntava onde as garotas e Mog estavam. Além de Millie havia outras garotas, mas mesmo que estivessem todas em seus quartos, com ou sem cavalheiros, com certeza alguma delas teria olhado para fora quando Annie e Jacob foram correndo escada acima...

Entretanto, muito além de seu medo por Millie, e as possíveis repercussões dos eventos desta noite, havia o choque e a repugnância que ela sentia pelo que tinha acontecido enquanto estava debaixo da cama. Como podia

ter sido tão estúpida a ponto de não saber o que acontecia na casa onde vivia?

Como conseguiria andar de cabeça erguida nas ruas agora? Como podia ser amiga de Jimmy sem se perguntar se ele queria a mesma coisa dela? Sem pensar no que Mog tinha dito, se ele não queria ter "liberdades" com ela!

Belle ouviu um grito alto vindo de trás, rapidamente seguido por um estrondo e um barulho, como se alguém tivesse derrubado as lixeiras, e então ainda mais gritos de várias pessoas diferentes. Ela correu para a copa em direção da porta de trás. Não a destrancou e saiu porque sabia que já tinha problemas suficientes, mas procurou a janela mais próxima.

Não havia nada para ver, apenas a neve cobrindo todos os velhos engradados e caixas do lado de fora, e ainda estava caindo bastante neve, o vento a carregava.

- Belle!

Belle se virou rapidamente na direção da voz de sua mãe. Ela tinha entrado na cozinha e estava de pé, com uma mão no quadril.

- Desculpe, mãe, eu caí no sono no quarto da Millie. Não queria estar lá em cima.

Annie sempre vestia preto à noite. Mas este vestido de seda de manga longa tinha uma faixa do lado enfeitada com um bordado prateado que ia dos ombros até o decote. Com o cabelo preso para cima com presilhas prateadas e pêndulos de diamante nas orelhas ela parecia da realeza.

- Venha comigo. Quero que me conte rapidamente o que viu - ela disse com pressa.

Belle achou aquilo muito estranho, pois em vez de gritar com ela ou acusá-la de ter feito algo

errado, Annie pegou sua mão e a levou para o seu quartinho. Desfez a cama e indicou que Belle tirasse a roupa, colocasse sua camisola e se deitasse. Ainda ajudou Belle com os botões de trás do vestido e deslizou a camisola por sua cabeça. Quando já tinha colocado a filha debaixo das cobertas, Annie sentou-se na cama ao lado dela.

- Agora me conte - ela exigiu.

Belle explicou por que ela estava lá quando Millie entrou com o homem, e que, em pânico, ela se escondera embaixo da cama. Não sabia como dizer a Annie o que os dois estavam fazendo, então ela se referiu àquilo como beijar e enroscar-se. Annie acenou sua mão impacientemente e pediu para ela avançar para o ponto em que o homem estava conversando com Millie.

Belle repetiu tudo o que pôde lembrar e como ele tinha atacado Millie, e então como tudo ficou quieto e ela olhou para fora de debaixo da cama.

- Ele tinha seu... - Belle parou para apontar seu umbigo. - Aquilo estava na mão dele, no rosto dela. Ela não se mexia, e foi quando eu saí correndo. Millie está bem?

- Ela está morta - Annie disse secamente. - Parece que ele a estrangulou.

Belle encarou sua mãe horrorizada. Ela já tinha pensado na possibilidade de o homem ter assassinado Millie, mas era muito diferente ter certeza. Ela sentiu que sua cabeça podia explodir como choque, aquilo era o pior tipo de pesadelo.

- Não! Ela não pode estar morta. - A voz de Belle era apenas um sussurro. - Ele a

machucou, mas certamente não a mataria, não é?

- Belle, você me conhece muito bem, eu não diria isso se não fosse verdade - Annie disse em um tom de repreensão. - Mas não temos muito tempo. A polícia estará aqui logo, enviei Jacob até eles. Você tem que esquecer que esteve naquele quarto, Belle!

Belle não entendia e só conseguia ficar olhando para sua mãe com surpresa.

- Preste atenção, vou dizer a eles que eu encontrei Millie. Direi que subi ao quarto dela porque ouvi um barulho de alguém pulando pela janela - Annie explicou. - Veja, não quero que eles a interroguem. Então vou dizer que você estava na cama aqui embaixo. Então se pedirem para falar com você, é o que deve dizer. Você foi para a cama aqui às oito e meia

e só acordou agora há pouco por causa de um barulho do lado de fora. Você pode fazer isso?

Belle aquiesceu. Era uma coisa tão rara sua mãe falar com ela de um jeito tão delicado que estava preparada para dizer qualquer coisa que Annie pedisse. Claro que não entendia por que não podia dizer a verdade, mas imaginava que tinha de ser por uma boa razão.

- Boa garota. - Annie colocou seu braço em volta dos ombros de Belle e os apertou. - Sei que você teve um choque, viu coisas que nunca desejei que visse. Mas se fosse contar à polícia que estava no quarto e viu o que aconteceu, isso se transformaria no pior pesadelo que você pode imaginar. Você teria de ser testemunha no julgamento do homem e ser interrogada. Eles te diriam todo tipo de coisas nojentas. Você apareceria nos jornais. E poderia ficar em verdadeiro perigo por causa do homem que fez

isso com Millie. Não poderia fazê-la passar por tudo isso.

Belle esperava ser punida severamente, mas ela se sentiu um pouco melhor ao perceber que em vez disso sua mãe queria protegê-la de um mal maior.

- Onde está Mog? - ela perguntou.

- Eu a deixei sair para ver sua amiga em Endell Street quando soube que aqui estaria tranquilo por causa da neve - Annie disse, enrugando os lábios. - O que acabou sendo uma boa coisa... Mas ela virá logo para casa. Agora, apenas lembre-se de contar a mesma história para Mog também.

Belle balançou a cabeça concordando.

- Mas quando a polícia pegar o homem ele provavelmente vai dizer que eu estava no quarto - ela falou bem baixo, num sussurro.

- Eles não vão pegá-lo porque vou dizer que não o conhecia - Annie disse. - Mas você não deve se preocupar com nada disso. Apenas Jacob e eu sabemos que você estava lá em cima, e Jacob não contará a ninguém.

- Mas se a polícia não pegar o homem ele não será punido por ter matado Millie - Belle disse.

- Ah, ele será punido, não se engane - Annie disse furiosamente.

[3] Casas que adotavam um sistema prisional, estabelecidas para os pobres na Inglaterra em 1834 (N. T.).

Capítulo 3

Belle ainda estava bem acordada quando ouviu o andar característico de Mog nas escadas. Ela tinha um joelho rígido e desceu vagarosamente.

- Mog! - Belle sussurrou meio alto porque não sabia se os policiais ainda estavam no andar de cima. Ela os tinha escutado fazendo barulho por lá mais cedo e se preparou para caso eles fossem falar com ela. - Você vai vir aqui me ver?

- Ah, céus, que bagunça! - Mog exclamou quando entrou no cômodo. Não havia luz a gás no quarto de Belle, então ela riscou um fósforo e acendeu uma vela. - Sua mãe me disse o que aconteceu esta noite. A polícia tinha acabado de ir embora quando eu voltei. A avoada Millie assassinada! Todas as garotas estão assustadas agora, e ouso dizer que algumas delas irão

embora bem rápido amanhã. Mas eu lhes disse que este lugar é mais seguro que qualquer outro. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

A falta de histeria em Mog era previsível; ela nunca se abalava com nada.

- Pobre Millie - ela continuou com lágrimas brilhando nos olhos. - Ela era um amor, uma boa alma. Isso nunca deveria ter acontecido com ela.

Ela estava na beirada da cama de Belle e tranquilamente tirou o cabelo de seu rosto. - Você está bem, querida? Essa história deve ter te perturbado.

- Não sabia de nada até mamãe vir aqui embaixo com o policial - Belle mentiu.

Mog a olhou bem.

- Nunca! Você tem ouvidos de morcego! Não ouviu nem o homem descendo pelo tubo de encanamento do fundo do quintal?

- Bem, eu ouvi alguma coisa - Belle admitiu. - Mas só pensei que fosse um gato pegando porcarias das lixeiras.

Mog sentou-se na cama e ficou em silêncio por um momento ou dois, e seu rosto parecia mais jovem e suave à luz da vela.

- Você ainda estava no quarto da Millie quando eu saí. A que horas você desceu? - ela perguntou finalmente. Belle balançou a cabeça.

- Não sei exatamente, não olhei o relógio. Não era tarde, a Casa estava tranquila.

- Annie deixou as garotas irem ao *music hall* por causa da neve. Ela só deixou a Millie e a Dolly para trás. Eu ainda estava aqui e as

garotas fizeram barulho suficiente para acordar um morto quando estavam saindo, todas entusiasmadas e tal. Engraçado você não ter escutado isso e ter descido!

Belle se sentiu muito desconfortável naquele momento. Mog sabia que ela estava mentindo, como sempre fazia.

- Você caiu no sono lá em cima, não foi? - Mog disse preocupada. - Eu ia subir e te procurar, mas pensei que sua mãe ia bater em você se te visse lá em cima. Calculei que você ia descer discretamente, mais tarde, quando estivesse tudo quieto.

Belle podia sentir as lágrimas caindo. Ela nunca teve certeza se sua mãe tinha algum sentimento por ela, mas sempre sentira o grande e forte amor de Mog apenas pelo modo como ela falava e olhava para Belle. Era difícil mentir para Mog, ainda que pensasse que

Annie deveria ter uma boa razão para insistir que o fizesse.

De repente os olhos de Mog se arregalaram com horror.

- Você viu o que aconteceu! - ela exclamou, pondo a mão na boca. - Ah, meu bom Jesus! E sua mãe disse para você não falar nada?

- Não - Belle disse fracamente. Ela queria tanto contar o que aconteceu, chorar e deixar Mog consolá-la e abraçá-la até que o medo fosse embora. Mas quando Annie dava uma ordem, todo mundo tinha de obedecer. - Eu estava aqui dormindo.

Mog segurou as duas mãos de Belle e seus pequenos, e geralmente brilhante olhos, estavam frios e sérios.

- Não há nada de bom em mentir sobre um assassinato - ela insistiu. - Eu falarei sobre isso com Annie amanhã e não me importa quanto escândalo ela vai fazer. Além de ser perverso deixar um assassino ir embora após um crime, qualquer mulher deveria saber que uma jovem precisa falar sobre uma coisa dessas, ou isso vai causar-lhe pesadelos. Mas entendo que você fez uma promessa à sua mãe e não te forçarei a quebrá-la esta noite.

Belle entendeu que isso significava que Mog ia desistir de questioná-la por enquanto e sentiu alívio e decepção. Alívio porque sabia que se Mog continuasse a perguntar-lhe coisas, ela cederia e contaria toda a história, e Annie ficaria furiosa. Mas ao mesmo tempo ficou decepcionada por Mog não ir contra a vontade de Annie, já que Belle queria muito conversar sobre o que tinha visto.

- Vá dormir agora - Mog a empurrou de volta para a cama e puxou as cobertas até as orelhas de Belle, deixando-as tão apertadas que mal dava para se mexer. - Amanhã as coisas podem parecer diferentes para todo mundo.

Como caíra uma nova camada de neve durante a noite, o gelo estava ainda mais espesso na manhã seguinte, escondendo, assim, quaisquer marcas feitas pelo assassino. O corpo de Millie tinha sido recolhido pela van mortuária de manhã bem cedo, e o primeiro grupo de policiais chegou logo depois para fazer uma cuidadosa busca no quarto dela.

Annie mandou Belle ficar na cozinha. Não quis que ela subisse nem para fazer limpeza, acender o fogo ou esvaziar os penicos. Annie estava como rosto abatido e a língua afiada, embora Mog tivesse observado que esse comportamento era em parte porque fora obrigada

a se levantar e a se vestir no que ela considerava um horário absurdo.

Mog ficou no andar de cima e Belle não sabia se era porque tinha sido uma exigência da polícia ou porque ela escolhera ficar de olho nas garotas. Ela tinha escutado as moças serem chamadas no salão para serem interrogadas, uma após a outra. E quando Ruby, uma das mais jovens, desceu para a cozinha para pegar uma xícara de chá, ela disse que a polícia estava perguntando sobre os homens que gostavam especialmente de Millie.

- Eu disse a eles que todos gostavam de Millie - Ruby comentou com um toque de amargura. Ela não era muito bonita, sua pele era ruim e seu cabelo castanho, opaco. - Não consigo entender por que eles escolhiam alguém tão velha como ela. E ela tinha problemas mentais!

- Apesar disso ela era ótima - Belle disse. - Gentil e sorridente.

Ruby fez uma careta.

- Ser sorridente mostra que ela era doida. Não há muito por que sorrir neste lugar, eu posso te garantir! As moscas varejeiras ficaram lá na Dolly por bastante tempo só porque ela não tinha vindo conosco na noite passada. Ela disse que foi para a cama pois estava com uma enxaqueca e não ouviu nada.

Era incomum para Belle ter uma conversa tão longa com qualquer uma das garotas; Annie desencorajava isso. Agora que Belle tinha uma oportunidade de falar com Ruby ela estava determinada a descobrir mais sobre as atividades do andar superior.

- Engraçado que ela não tenha ouvido nada - Belle disse.

- Bem, ela gosta de seu remédio La-la, não é? Cavalos poderiam estar galopando pela Casa quando está "ligada" que ela não acordaria.

- Remédio La-la? - Belle perguntou.

- Láudano - disse Ruby, olhando zombeteiramente para Belle como se estivesse surpresa de ela perguntar o que era. - A coisa marrom que faz o dia muito mais agradável.

Belle tinha ouvido falar sobre láudano, mas pensava que os médicos só davam às pessoas quando elas estavam sentindo dor.

- Machuca muito quando vocês fazem aquilo com os cavalheiros? - ela perguntou.

Ruby deu uma risadinha.

- Você ainda não fez com ninguém?

Belle estava prestes a responder que, obviamente, não tinha feito quando Annie apareceu no topo das escadas e ordenou que Ruby subisse de novo.

- Eu só queria uma xícara de chá - Ruby disse.

- Você terá uma quando eu disser que você pode ter uma - Annie falou rispidamente. - Então venha para cima. Belle, você pode passar aquela pilha de roupas de cama.

Belle colocou o ferro de passar no fogão e pôs a manta de passar em cima da mesa, pronta para começar. Mas ao ouvir um policial chamar Annie para o salão, ela subiu as escadas e abriu a porta do hall só um pouquinho, assim podia ouvir o que estavam dizendo.

O policial fez várias perguntas gerais, sobre quem vivia na Casa, o que Annie sabia sobre cada um deles e quanto tempo trabalhavam lá.

Depois, ele passou a perguntar sobre os visitantes e se eles escolhiam a garota de que gostavam mais, ou se ela selecionava uma garota para cada homem.

- Quando é a primeira visita do homem ele geralmente fica inibido, por isso eu costumo escolher alguém para ele - Annie respondeu. - Mas na segunda ou terceira visita eles gostam, principalmente, de vir aqui, beber algo e conversar com as moças. Se eu tiver um pianista eles dançam também. Então escolhem a que quiserem dentre as que estiverem livres.

- E Millie, ela era escolhida frequentemente? - um outro policial, de voz áspera, perguntou. Até então Belle pensava que só havia um deles com sua mãe.

- Ah, sim, ela era minha garota mais popular - Annie disse sem hesitação. - Eu diria que quase todos os meus cavalheiros pediram por ela em

algum momento. Mas eu lhe disse na noite passada que ela não fora morta por um dos meus clientes habituais. O homem que fez isso nunca tinha estado aqui antes.

- Você o descreveria para mim? - o policial de voz áspera perguntou. - E faça um esforço um pouco maior ao pensar sobre isso do que você fez na noite passada - ele acrescentou sarcasticamente.

- Já lhe contei que não costumamos observar um homem de muito perto em sua primeira visita porque ele não volta mais - Annie disse com firmeza. - Eu diria que ele não tinha mais que 25 anos. Esbelto, bem vestido, com cabelo castanho e barbeado. Parecia que trabalhava em um escritório; usava um chapéu redondo e um colarinho inglês.

Belle ficou bastante surpresa com o modo como sua mãe descreveu o homem por ser

muito diferente da verdade. Ela tinha entendido mais ou menos por que sua mãe não queria que ela contasse ao policial sobre o que tinha visto, mas agora Annie parecia estar enviando-os a uma busca inútil por um homem que não tinha nada a ver com o verdadeiro criminoso.

Naquele momento, Mog desceu pisando forte na escada principal, então Belle teve que fechar a porta e voltar correndo para o seu ferro de passar.

Estranhamente, Mog ainda não tinha dito mais nada para Belle, sem perguntas, sem advertências, nada. Belle não sabia se era porque Annie a advertiu para não fazer isso, ou porque ela não queria dizer nada enquanto a polícia estava na Casa.

Outra coisa estranha era que não se via Jacob em lugar nenhum, e embora Belle não tivesse

muita certeza, não se lembrava de ele estar lá na noite passada quando a polícia chegou. Parecia-lhe que Annie dissera a ele para chamar a polícia, ir embora e não voltar até que aquilo tudo estivesse esquecido.

Era chocante para Belle que nas últimas 24 horas sua vida inteira tivesse mudado. Na manhã do dia anterior ela nem sequer entendia o que se passava no andar de cima. Mas o que sabia agora é que aquilo a enojava e a envergonhava. Mas estava ouvindo sua mãe mentir muito e isso não fazia nenhum sentido para ela.

A polícia entrava e saía da Casa até depois das quatro horas da tarde, e Mog, muito brava, reclamou da neve que continuavam trazendo com eles.

- Sobe e desce as escadas, para dentro e para fora do salão, sem nenhuma noção do que

estão fazendo com nossos tapetes. Por que eles não podem entrar e ficar do lado de dentro? Homens! Artigos inúteis! Não daria a eles sequer um espaço na Casa.

Belle notou que Mog não estava tão preocupada com a bagunça quanto com todos por quem ela se sentia responsável. Belle percebia que ela mesma se sobressaltava com ruídos repentinos, sentindo-se chorosa e assustada.

Ela avaliava sem parar o que havia testemunhado, e ainda não fazia o menor sentido que o homem tivesse assassinado Millie apenas porque ela não queria morar com ele. Ela realmente precisava falar sobre isso, se livrar das horríveis imagens em sua cabeça, e a única pessoa que deveria estar ali para ouvi-la, confortar e explicar as coisas era sua mãe.

A raiva crescia em Belle a cada minuto. Ela se sentia decepcionada e amarga com o fato de

que Annie parecia se importar mais com "suas garotas" do que com sua própria filha, e que era esperado que Belle agisse como se nada tivesse acontecido e voltasse às suas tarefas habituais.

- Mamãe não teria muitos negócios sem homens - ela falou, na esperança de que isso provocasse Mog a continuar o que tinha começado na noite passada.

Mog não entrou na provocação e continuou mexendo o ensopado de frango que estava fazendo para a ceia, mas seu rosto pálido e cansado demonstrava que ela estava tão preocupada quanto Belle.

- Boa garota - Mog disse a elogiando quando olhou em volta e viu que Belle estava dobrando a manta de passar roupa após ter terminado a alta pilha de roupas. - Vamos nos sentar e tomar uma xícara de chá. Acho que merecemos.

Durante sua curta vida, Belle observara que o jeito de Mog lidar com qualquer problema era fazer um bule de chá. Se as garotas do andar de cima brigassem, se chovesse no dia de lavar roupa, a chaleira trabalhava. Ela nunca falava do problema até que tivesse seguido calmamente seu ritual de colocar para fora as xícaras e os pires, a jarra de leite e o açucareiro, e enchido o bule de chá. E era apenas quando as pessoas envolvidas estivessem sentadas à mesa e ela estivesse servindo o chá que se sentia pronta para expor suas opiniões.

Mas Mog não estava calma desta vez. Enquanto pegava as xícaras de chá do armário, elas balançavam porque suas mãos estavam tremendo, ainda que seu andar pela cozinha fosse contraditoriamente tranquilo. Quando abriu a gaveta sob a mesa para tirar as colheres de chá, ela derrubou uma no chão. Belle achava que Mog lutava para controlar as emoções, e que estava

tão confusa, com medo e perplexa quanto a própria Belle.

Mog estava justamente pondo a bonita capa vermelha de tricô no bule de chá cheio quando ouviram Annie entrar pela porta no alto das escadas do porão. As duas pularam como se tivessem sido pegas em flagrante fazendo alguma coisa errada.

- Está tudo bem, não vou morder - Annie disse. Ela parecia extremamente cansada. - Uma xícara de chá é exatamente do que eu preciso, estou exausta.

Belle rapidamente pegou outra xícara e pires do guarda-louça.

- Vamos abrir esta noite? - Mog perguntou com cuidado.

Annie se sentou, parecendo pensativa, por um ou dois segundos.

- Não, acho que vamos ficar fechados. Por respeito. Millie era uma boa garota e todos nós sentiremos a falta dela.

- E os parentes dela? - Mog perguntou. - Eu sabia que ela tinha família. Quem contará para eles?

Belle percebeu o tom incisivo na voz de Mog e sentia que ela tinha coisas que gostaria de dizer para Annie, então pegou o chá servido para ela e foi se sentar na poltrona perto do fogão para deixar as duas mulheres conversarem.

- Eu não vou contar, suponho que a polícia fará isso - Annie replicou, e desta vez parecia muito insegura. - Será que contarão a verdade sobre

como e por que ela morreu? É uma coisa terrível para uma mãe escutar.

- Com certeza é - Mog concordou.

Agora que Belle entendia o que Millie era, e que sua mãe tinha um negócio com garotas como ela, achava um pouco surpreendente que Annie se importasse com o que seria dito à família da moça.

- Será que você poderia escrever algumas palavras para eles? - Annie perguntou a Mog.

- Mesmo que soubesse onde moram, o que eu poderia dizer que melhoraria a situação para eles? - Mog perguntou se queixando, e Belle viu uma lágrima caindo por sua bochecha. - Escrevi uma carta para Millie quando ela veio aqui querendo primeiramente se passar por minha empregada e depois que dissesse que ela era uma boa garota. Millie implorou para

que eu fizesse isso quando sua mãe estava preocupada e ela mesma não podia escrever. Mas a mãe dela nunca escreveu de volta, e mesmo que Millie sempre dissesse que iria para casa quando tivesse guardado dinheiro, ela sempre o gastava.

- Estava pensando que você poderia dizer que ela pegou uma febre, ou que foi atropelada por um táxi - Annie sugeriu. - Mas, de qualquer modo, se não lembra onde os parentes dela viviam não dá para fazer isso.

- Esse é o tipo de história sangrenta que rapidamente vai parar na primeira página de todos os jornais - Mog a lembrou com um tom cortante. - Eles descobrirão a verdade de qualquer jeito!

- Não seja assim, Mog - Annie disse reprovando-a. - Já me sinto suficientemente mal com isso sem você ficar me atacando.

- Está certo, você se sente tão mal sobre isso que não deixou sua filha contar à polícia o que ela viu, e disse a eles um monte de mentiras sobre como o assassino se parecia também.

Belle se surpreendeu ao ver como Mog podia ser tão audaz e corajosa. Ela parecia pronta para uma luta de verdade, projetando seu queixo desafiadoramente. Por sorte, Annie se mostrava tão arrasada que não aparentava ter energia para fazer uma cena.

- Eu não disse uma palavra para Mog - Belle falou, com medo de que sua mãe a culpasse por inventar histórias. - Mog adivinhou.

- Está certo, eu deduzi. Logo que vi Belle eu soube; ela não consegue mentir de forma tão convincente como você.

- Cuidado com o que está dizendo - Annie avisou.

- O que você vai fazer? Me mandar embora? Eu poderia ir à polícia e contar o que eu sei, e você seria processada. Apenas me diga por que está protegendo esse homem. É aquele que as garotas chamam de Bruiser?

- Não quero falar sobre isso na frente de Belle - Annie silvou.

- Ela já descobriu da pior maneira possível o que acontece nesta Casa - Mog disse corajosamente, com um punho fechado na direção de Annie. - Eu implorei a você para mandá-la para uma escola, longe, disse a você vezes e mais vezes que era só uma questão de tempo antes de ela descobrir tudo. Mas você sabia o que era melhor! Você pensava que se a mantivesse aqui embaixo ela nunca perceberia nada. Deus sabe que nunca passou por minha cabeça que ela descobriria isso de uma maneira tão terrível, mas qualquer um com um pouco de cérebro poderia ver que uma garota

esperta como Belle descobriria tudo por si mesma a qualquer momento.

- Você está passando dos limites, Mog - Annie avisou, mas a dureza habitual em sua voz tinha desaparecido.

- Eu me atrevo a passar dos limites porque amo você e Belle - Mog aumentou seu tom de voz. - Caso tenha se esquecido, fui eu que falei com a Condessa para não te expulsar quando estava grávida. Eu apoiei Belle neste mundo, dava banho e alimentava, a amava como se fosse minha filha para deixar você livre para bajular a Condessa. Estive com vocês duas em cada passo do caminho, trabalhei para você, menti por você, chorei por você e te dei suporte quando as coisas ficaram difíceis. Pode ser a dona desta Casa, Annie Cooper, mas eu sou a cola que mantém sua vida estruturada.

Belle nunca tinha ouvido a quieta e gentil Mog lutar por alguém antes. Isso a fez se sentir mais corajosa também.

Belle foi até onde ela estava de pé bem em frente a sua mãe.

- Me dê um bom motivo por que eu não deveria contar à polícia como o homem realmente se parecia e que eu vi tudo - ela perguntou, olhando sua mãe nos olhos.

Annie baixou os olhos.

- Porque ele é um homem muito perigoso, muito bem relacionado. Mesmo que a polícia o pegue esta noite e o prenda, ele achará um jeito de nos ferir. Não posso correr esse risco.

Um calafrio subiu pela espinha de Belle. Aquilo não era o que ela esperava ouvir.

- Por que você não se recusou a deixá-lo entrar depois da primeira vez que ele foi bruto com uma das garotas? - Mog perguntou, mas sua voz tinha perdido a dureza como se já se sentisse derrotada.

- Eu tentei, mas ele me ameaçou - Annie respondeu, com o olhar ainda baixo e cruzando os dedos em seu colo. - Ele tinha descoberto algo sobre mim. Como ele continuou a chamar por Millie e ela não parecia se incomodar com a brutalidade dele, eu pensei que o homem se cansaria em algum momento e iria para outra casa.

- Acho que ele a amava - Belle afirmou espontaneamente. - Ele disse que queria que ela fosse morar com ele.

- Homens como ele não amam ninguém! - Annie exclamou com desdém. - Uma linda e estúpida garota como a Millie seria usada e

descartada quando ele tivesse se cansado dela. Para ela é melhor estar morta do que ter uma vida com ele.

Belle tinha a impressão de que sua mãe estava falando com a voz da experiência.

- Qual é o nome dele? - Mog perguntou.

- Ele se apresentava como Sr. Kent, mas sei que é conhecido em outros círculos como "o Falcão". Mas chega disso. As garotas estão confinadas em seus quartos o dia inteiro sem nada para comer. É hora de descerem para o jantar. Nem uma palavra para qualquer das garotas sobre isso, de nenhuma de vocês. Vou falar com o sargento da polícia amanhã e perguntar se eles sabem de onde a Millie é. Se não souberem, vou preparar um funeral. É o melhor que posso fazer por ela.

Capítulo 4

Passaram-se quatro dias após a noite do assassinato de Millie até que Belle tivesse uma nova oportunidade de sair de casa. A polícia ficava telefonando em diferentes horários para fazer mais perguntas e Annie estava uma pilha de nervos. Porém ela não tinha medo apenas da polícia, mas também de que um jornalista fosse mandado para ficar bisbilhotando em Seven Dials e fazendo perguntas. Ela temia que ele tentasse entrar disfarçado na Casa e publicasse uma história sórdida sobre o que tinha acontecido, por isso ainda não havia reaberto o negócio.

Rose e May foram embora dois dias depois do assassinato. Disseram que estavam com medo e iam para a casa de suas mães, mas Mog acreditava que simplesmente foram trabalhar em outro bordel. E as outras garotas, com muito tempo livre, começaram a oscilar entre dizer

que tinham medo de ficar sozinhas com qualquer homem e reclamar porque não estavam ganhando dinheiro. A cada hora surgia um argumento agressivo ou uma briga para Mog apartar. Ela dizia que as moças estavam se comportando como crianças.

Belle sentia que tinha se comportado muito bem logo depois do assassinato. Ela não ficou histérica ou disse algo que não deveria. Ela nem mesmo sentiu medo, apesar de todos os outros na Casa estarem convencidos de que estavam em perigo de morte. Mas a impressão era de que o choque apenas fora anestesiado, pois no terceiro dia Belle acordou, antes que o dia clareasse, depois de um pesadelo que envolvia a morte de Millie. Parecia que estava em câmera lenta, e cada um dos detalhes ampliado e esticado, fazendo-os mil vezes mais aterrorizantes. E durante todo aquele dia ela se pegou pensando muito mais naquilo; não só no crime, mas no tipo de casa em que vivia.

A palavra "foder" permanecia em sua cabeça. Antes era apenas um palavrão que ela tinha ouvido quando pequena, mas agora que sabia que era para isso que os homens iam a Casa, o termo soava sinistro. Algumas das garotas eram apenas um pouco mais velhas do que ela, e não podia deixar de pensar se sua mãe tinha a intenção de torná-la uma prostituta também.

Antes da morte de Millie, Belle raramente pensava nos negócios de Annie. Talvez fosse justamente porque cresceu nesse ambiente, o mesmo acontece com os filhos de um açougueiro ou de um dono de bar. Porém, agora esse assunto estava em sua cabeça constantemente. Ela se pegava olhando para as garotas de forma diferente, querendo perguntar-lhes como se sentiam sobre a situação e por que tinham escolhido fazer isso.

Para Belle parecia que sua mãe fora uma prostituta também, e muito provavelmente seu pai

era um de seus clientes. Isso a deixava mal, mas essa deveria ser a explicação do porquê Annie era tão fria com ela. Jovem e inexperiente como era, Belle percebeu que um bebê deveria ser a última coisa que qualquer prostituta desejava; isso só faria sua vida duas vezes mais difícil.

Antes de tudo acontecer, Belle se sentia segura e até um pouco superior em relação a seus vizinhos. Sua casa era limpa e arrumada, ela lia e escrevia bem, vestia-se bem, era saudável e todo mundo notava como ela era bonita. Seu sonho de ter uma lojinha de chapéus sempre lhe pareceu possível, por isso tinha enchido um caderninho inteiro com rascunhos de chapéus que desenhara. Tinha a intenção de, um dia, ir à casa de moda na Strand Street e implorar a eles que a aceitassem como aprendiz, então poderia aprender como fazer chapéus.

Mas sua confiança tinha sumido agora. Sentia-se tão baixa e sem valor como qualquer criança de rua que dormia embaixo dos arcos da ferrovia na Villiers Street ou nas caixas abandonadas nos arredores do mercado do Covent Garden.

Até parece que o dono de uma loja de chapéu aceitaria a filha de uma dona de bordel!

E doía em Belle também que todo este tempo ela tinha agido como se fosse muito superior; muitos lojistas em Seven Dials devem ter achado hilário que a filha de uma dona de bordel tivesse o descaramento de ter esse tipo de atitude. Belle ficava vermelha só de pensar no que falavam sobre ela. Talvez estivessem até apostando quanto tempo levaria para ela se vender.

Belle tentou falar com Mog sobre isso, mas Mog foi um pouco rude com ela.

- Não tenha essa atitude com sua mãe, Belle, você não tem ideia do quanto é difícil para uma mulher ganhar a vida - ela disse acidamente. - Limpar, costurar, trabalhar em uma loja, eles pagam muito pouco por várias horas de trabalho. Nem sempre aprovo o que sua mãe faz, mas não vou admitir que você levante o nariz para ela por dirigir este lugar. Ela fez o que tinha de fazer para sobreviver. Tomara que você nunca se encontre em uma situação como essa.

As paredes da casa pareciam estar se fechando em Belle; no entanto, por mais que se esforçasse para apagar aquilo tudo, a imagem dos olhos de Millie saltados e aquele homem pavoroso segurando seu pênis contra a bochecha da garota não iriam embora. Ela precisava desesperadamente de ar fresco, o som de qualquer outra coisa que não fosse as garotas discutindo no andar de cima, ou a expressão assombrada de Annie.

Acima de tudo, queria ver Jimmy. Por alguma razão que não podia explicar racionalmente, sentia que ele entenderia o que ela estava passando.

Belle colocou sua velha capa cinza enfeitada com pele e suas mais grossas botas e fugiu pela porta de trás. Não nevava já fazia três dias, mas ainda estava muito frio para a neve e o gelo derreterem. Não era mais uma visão bonita, pois a neve nas estradas e nas calçadas agora estava misturada com sujeira, coberta com esterco de cavalo e sulcos das carroças e rodas de táxi. Muitos lojistas tinham jogado areia e sal do lado de fora de seus estabelecimentos por segurança, e isso deixou o cenário ainda mais feio.

Belle escolheu seu caminho com cuidado ao longo da Monmouth Street, levantando um pouco suas saias para não encostarem na sujeira. Eram apenas nove da manhã de outro

dia cinzento, muito frio, e parecia-lhe que o Sol não brilhava há semanas.

- Belle, espera.

Ao ouvir o som da voz de Jimmy atrás de si, seu coração acelerou e ela se virou para vê-lo correr descuidadamente pela rua em sua direção, então ele escorregou em um trecho com gelo e neve compactada.

Jimmy vestia uma blusa azul surrada, que parecia dois números menores que o tamanho dele, e calça cinza muito curta. Tinha um cache-col xadrez em volta do pescoço, mas nenhum casaco. Belle suspeitava que ele não tivesse um.

- Como você está? - Ele estava ofegante quando a alcançou. - É uma coisa terrível a história da garota que foi morta, todo mundo está falando sobre isso. Alguém disse que você

seria mandada embora. Eu ficaria feliz por você se isso fosse ajudá-la a se sentir melhor, mas não gostaria de nunca mais vê-la.

Os olhos de Belle se encheram de lágrimas, pois ele era a primeira pessoa que parecia preocupado com ela. Até Mog tinha evitado qualquer referência à sua dura situação, e ela sabia exatamente o quanto Belle tinha visto.

- Sim, foi terrível - ela admitiu. - Eu gostava de Millie e isso tudo tem sido um grande choque.

- Não chore - ele disse, chegando mais perto dela e segurando uma das mãos dela com luva. - Você quer falar sobre isso? Ou devo tentar distrair você?

Seus olhos escuros estavam cheios de preocupação por ela, mas ele deu um sorriso forçado que mostrou uma covinha em seu queixo.

- Me distraia - ela disse.

- Então vamos embora para o Embankment - ele sugeriu. - A neve ainda está bonita nos jardins.

Segurando firme a mão de Belle, Jimmy a fez correr e deslizar com ele para baixo em direção ao Covent Garden, passando por carregadores que transportavam caixas de frutas em suas cabeças e outros que rodavam com carrinhos carregados com sacos de vegetais. Ele a levou à seção de flores do mercado, e as bancas de cor brilhante e o perfume imediatamente levantaram o espírito dela.

- Onde eles conseguem flores no meio do inverno? - ela perguntou.

Jimmy pegou um botão de rosa do chão e ficou cheirando.

- De países quentes, talvez - respondeu, chegando mais perto dela e colocando a flor através do fecho do casaco de Belle. - Ou talvez elas tenham crescido em estufas. Não sei na verdade. Mas gosto de vir aqui e cheirá-las. Isso me faz esquecer toda a feiura a minha volta.

- Do bar do seu tio?

Ele balançou a cabeça concordando e pareceu pensativo.

- Sim. Os homens que gastam seu dinheiro em bebida quando deveriam usá-lo para cuidar de suas mulheres e filhos. Aqueles que se gabam de bater em suas esposas para mantê-las na linha. Ladrões, cafetões, enganadores e assassinos. Estou começando a achar que não há um homem honesto e de bom coração em Seven Dials. Nem sei se o tio Garth é um deles.

- Ele não pode ser completamente mau. Ele acolheu você, pagou pelo funeral de sua mãe - Belle o lembrou. - Minha mãe não é o que você chamaria de uma boa mulher também, mas talvez nenhum deles tenha tido escolha em relação a isso.

- Você deve estar certa. Acho que é muito difícil vencer os obstáculos de ter seu próprio negócio. Não dá para imaginar que muitas pessoas poderiam fazer isso e permanecer completamente íntegras - Jimmy disse resignado.

Enquanto caminhavam pela Strand Street e depois para o Thames Embankment, Jimmy lhe disse como em Ram's Head eles tinham recebido as notícias do assassinato na mesma noite em que aconteceu.

- Não sabíamos naquele momento quem era a garota, mas alguém disse que torcia para que

não fosse Millie porque ela era uma boa garota. Se eu não tivesse te conhecido teria pensado que ninguém de um bordel poderia ser bom. Fiquei pensando sobre isso naquela noite, imaginando se você estaria segura, como teria sido para você e sua mãe.

O pequeno jardim no Embankment estava muito bonito. A neve nos caminhos estava pisada, mas era espessa, fresca e branca nas árvores, arbustos, grama e corrimões de ferro. Era um lembrete para Belle de que há apenas poucos dias ela era tão inocente como a neve fresca, mas que o terrível homem tinha pisado na pureza de sua mente e lhe mostrado a dura realidade.

Ela precisava tentar fazer Jimmy entender como era para ela, mas tinha muita dificuldade em explicar.

- Eu realmente não sabia o que acontecia na Casa - ela disse hesitante, ficando muito vermelha. - Quero dizer, não até aquela noite. Pensava apenas que era um tipo de festa particular em que os homens pagavam para entrar.

Jimmy assentiu em sinal de compreensão.

- Disse ao meu tio que tinha te conhecido, e ele falou que você tinha sido mantida bem longe daquilo tudo. Disse ainda que o crédito por isso era de sua mãe, que te educou muito bem. Mas talvez ela devesse ter explicado um pouco sobre a situação. Deve ter sido um grande choque descobrir a verdade...

- Sim, e foi pior ainda por causa de Millie. Ela era a única das garotas que eu sentia que realmente conhecia - Belle disse, com a voz trêmula.

Jimmy tirou neve de um banco e sugeriu que se sentassem quando Belle começou a contar a história. Ele estava muito atento e era tão bom estar do lado de fora, ao ar livre. Mas a beleza dos jardins, e até um pintarroxo que ficava dando pulinhos na frente deles fizeram Belle sentir que se sufocaria com as mentiras sobre estar dormindo em sua cama quando tudo aconteceu. Ela parou no meio das frases, com as lágrimas brotando em seus olhos.

- Não chore - Jimmy disse, colocando seu braço em volta do ombro dela, confortando-a. - Deve ter sido muito chocante ter tudo isso em sua cabeça. Mas não diga mais nada se isso estiver te perturbando.

Ela apoiou o rosto no peito dele.

- Contar mentiras é o que me perturba - ela disse num tom um pouco mais alto que um sussurro. - Se eu te contar a verdade, você

promete não repetir isso a nenhuma alma viva? Ele colocou o dedo sob o queixo dela e levantou seu rosto, assim podia vê-la melhor.

- Nunca vou contar nada a ninguém do que me disser em segredo - ele disse. - Minha mãe era muito boa em guardar segredos e falar a verdade. Pode falar, isso deve fazer você se sentir melhor.

Então Belle contou a verdadeira história. Era incoerente às vezes; ela não conseguia encontrar as palavras certas e ficava constrangida com o que o homem estava fazendo com Millie antes de matá-la. Finalmente explicou que foi sua mãe que insistiu que ela devia dizer que estava dormindo em sua cama durante todo o episódio.

Jimmy parecia tanto perplexo quanto triste.

- Nem sabia o que as moças faziam com os homens até aquela noite - ela sussurrou, colocando suas mãos no rosto para esconder a vergonha.

Então Belle começou a soluçar, derramando lágrimas amargas, que deveriam ter saído logo depois do ocorrido. Jimmy parecia sentir isso, pois colocou os braços ao redor dela, segurando-a com firmeza e deixando-a chorar.

Finalmente ela se controlou, se afastou dele e encontrou seu lenço para soprar o nariz.

- O que você pensa de mim? - ela disse, vermelha de vergonha.

- Acho você encantadora - ele disse, pegando o lenço de Belle para enxugar os olhos dela. - Só penso em você desde que nos encontramos. E gostaria de fazer ou dizer algo para fazê-la se sentir melhor a respeito disso tudo.

Belle deu uma espiada nele através dos cílios e viu sinceridade nos olhos de Jimmy.

- Queria muito te ver desde que aquilo aconteceu - ela disse delicadamente. - É tão horrível, e ninguém na Casa vai me deixar falar sobre isso. Eu senti que você entenderia, mas isso parecia uma coisa idiota, pois eu mal te conheço.

- Não acho que o tempo que você conhece alguém é importante. Eu conheço meu tio a vida toda, mas não posso confiar nele. Porém, eu só falei com você alguns minutos e te contei coisas sobre minha mãe - respondeu. Ele colocou seu dedo supergelado sob o queixo dela e levantou seu rosto até que olhasse para ele.

- Minha opinião é que sua mãe está errada em não contar à polícia quem e o que você viu. Mas posso entender por que ela não queira fazer isso: porque tem medo do que pode te

acontecer. Isso prova que ela se importa com você.

- O que fez você achar que ela não se importava? - Belle perguntou.

- Só o jeito como você falou dela - ele disse encolhendo os ombros. - Como se você tivesse medo dela.

- Todo mundo tem um pouco de medo dela. - Belle deu um sorriso amarelo. - Ela não é uma pessoa fácil de lidar. Não como Mog. Eu sempre quis que Mog fosse minha mãe.

Belle contou de modo geral sobre como foi crescer em uma casa de mulheres.

- Se eu não lesse livros e jornais acho que nem sequer imaginaria como é ter um pai - completou.

- Era mais ou menos assim comigo também - Jimmy disse, pensativo, movendo seu braço para colocá-lo nos ombros dela. - Sempre fomos minha mãe e eu, e as visitas das damas para quem ela costurava. Tio Garth aparecia de tempos em tempos, e costumava dizer que ela estava me deixando mole. Eu não sabia na época como ele achava que os homens deveriam ser , e agora que eu os vejo no bar do meu tio, não quero ser daquele jeito. Você não ia querer um pai que fosse como os homens que vão à Casa de sua mãe, iria?

Belle deu um meio sorriso.

- Imagino que ele fosse um deles. Mas nunca vi nenhum dos homens, exceto o assassino, e não é possível que todos sejam como ele.

- Você sabe qual era o nome do homem?

- Ele se apresentava como senhor Kent, mas ouvi mamãe dizer que seu nome era "o Falcão". Ninguém teria um nome como esse se não fosse perigoso.

Então eles caminharam para se aquecer, foram juntos pelo Embankment até a ponte de Westminster. Quando Belle tinha por volta de 9 anos, Mog a levou para visitar a Trafalgar Square, o Horse Guards, a Catedral de Westminster e as Casas do Parlamento. Naquela época Belle acreditava que tinha andando quilômetros; isso durou até Jimmy levá-la ao Parque St. James, quando percebeu que todos aqueles esplêndidos e históricos lugares ficavam muito perto de casa.

Jimmy sabia muito mais do que ela sobre Londres. Ele explicou a cerimônia de mudança de guarda do Horse Guards e o que acontecia no Parlamento.

- Quando a primavera chegar eu a levarei para passear por toda a cidade - ele disse. - Iremos a Greenwich, ao Hyde Park, à Catedral de St. Paul e à Torre de Londres. Isto é, se você ainda for minha amiga...

Belle deu uma risadinha.

- Claro que eu serei - disse, de repente se dando conta de que ele a tinha feito sentir-se esperançosa e feliz novamente. - Eu realmente gosto de estar com você.

Ele parou de andar subitamente e virou-se para ela com um sorriso de puro contentamento.

- Acho você adorável - ele disse, com seu frio e pálido rosto enrubescendo. - Mas seria melhor voltarmos agora ou nós dois estaremos encrencados.

Enquanto voltavam caminhando para Seven Dials, ele contava que sua principal função era recolher e lavar copos, manter a adega de cerveja limpa e conferir todas as entregas; mas seu tio o mantinha ocupado com muitas outras coisas também, que iam desde lavar as roupas e manter os pavimentos acima do bar limpos até cozinhar as refeições. Belle imaginou que ele trabalhava das onze horas da manhã até a meia-noite sem nunca receber uma palavra de incentivo.

- Um rapaz esperto como você podia arrumar um emprego melhor - disse, sentindo muita pena dele.

- Sim, eu poderia - ele concordou. - Só que por mais duro que o tio Garth possa ser, ele não hesitou em me aceitar quando minha mãe morreu, e ela pensava muito nele. É um homem inteligente, experiente, e daria muito trabalho a alguém que quisesse enganá-lo sobre qualquer

coisa. Vou esperar um pouco, aprender tudo que puder com ele, me fazer indispensável e então procurar um trabalho melhor.

- Talvez isso é o que eu deveria fazer na Casa da Annie também - Belle disse.

Jimmy parou, virou-se para ela e pôs suas mãos nas dele.

- Acho que quanto menos você aprender sobre aquele lugar, melhor - ele disse. - Leia livros, Belle, inclusive alguns sobre história e geografia. Pratique a redação e vá sonhando com sua lojinha de chapéus. Você não tem de se tornar uma prostituta, assim como não tenho de me tornar um *barman* que serve ladrões, cafetões e espancadores de esposas. Vamos ser realmente bons amigos e ajudar um ao outro. Nós poderíamos sair de Seven Dials se nos ajudarmos.

Belle ficou profundamente emocionada. Olhava para os olhos escuros de Jimmy e desejava que tivesse as palavras certas para dizer quão melhor ele a tinha feito se sentir consigo mesma. Ele acendeu uma centelha de esperança dentro dela de novo, a fez sentir que podia ter uma boa vida longe de Seven Dials. Ela pensava que ele devia até ter o poder de apagar a lembrança do lado feio dos homens que ela conheceu no quarto de Millie. Belle não sentia aquele tipo de ameaça em Jimmy, na verdade desejava que ele a segurasse com firmeza novamente, talvez até que a beijasse.

- Isso é algo bom de pensar - ela disse, e inclinou-se para frente e beijou as bochechas dele. - Obrigada, Jimmy, por me animar. Vou fazer o que você disse.

Eles se apressaram a voltar então, conscientes de que ambos teriam problemas se ficassem fora muito tempo, mas quando se separaram

no caminho de Jake's Court, Belle acenou e ele soprou um beijo para ela.

Capítulo 5

- Onde você estava? - Mog perguntou indignada quando Belle entrou na cozinha depois de se despedir de Jimmy. - Você deveria ter me pedido antes de sair sozinha.

- Desculpe - Belle disse. - Eu só queria um pouco de ar fresco.

- Você tem sorte de sua mãe ainda estar na cama - Mog disse. - Vou ter de sair agora para organizar o funeral da Millie. Os oficiais de polícia disseram que eles não tiveram sorte em encontrar onde os parentes dela vivem, mas acho que nem tentaram.

- Há alguma coisa que posso fazer para ajudar? - Belle perguntou. Era evidente que Mog estava um pouco cansada.

- Na verdade não, querida. Vamos somente eu e Annie. Não queremos ninguém mais nos acompanhando.

- A família de Millie nunca vai saber o que aconteceu com ela? - Belle perguntou, pensando em como era triste que uma pessoa tão entusiasmada e cheia de vida seria enterrada praticamente em segredo.

- Bem, eles sabiam onde Millie estava quando ela chegou aqui - Mog disse fungando desaprovadoramente. - Mas nunca escreveram. Eu diria que isso significava que eles não se importavam com ela.

Belle teve que concordar que parecia isso mesmo.

- Quando será então? - ela perguntou.

- Sexta-feira, às 4 da tarde - Mog disse. - No Holy Trinity. Depois, teremos um chazinho aqui para nós e as garotas. Só uma despedida, nada exagerado. Vou fazer alguns bolos e sanduíches. É tudo o que podemos fazer por ela.

Belle pensou que testemunhar um assassinato a fizera crescer de repente, e percebeu que Mog estava guardando seu sofrimento em relação à Millie, porque todos sempre esperavam que ela lidasse com qualquer coisa que a vida lançasse sobre ela. Belle costumava ver Mog como uma pessoa mais velha, mas na verdade ela só era dez anos mais velha que Millie, e ela gastara mais ou menos metade de sua vida na Casa, raramente saindo, à disposição de todos e, na maioria das vezes, sem reconhecimento.

Ela chegou mais perto de Mog, colocou seus braços ao redor dela e abraçou-a apertado.

- Por que isso? - Mog disse asperamente.

- Porque você é muito especial - Belle disse.

- Sai fora - Mog respondeu, mas o jeito brincalhão como empurrou Belle e o temor em sua voz mostraram que ela estava emocionada.

Na sexta-feira, às três e meia da tarde, Mog e Annie, vestindo roupas pretas e chapéus com véu, deixaram a Casa para ir à funerária em Endell Street. O corpo de Millie fora levado depois de ser examinado no necrotério. As duas mulheres seguiriam o carro fúnebre puxado por cavalos a curta distância, do cemitério, para o enterro. Durante a manhã, duas coroas e dois buquês foram deixados na porta em Jake's Court. Não havia cartões neles, mas Mog achava que eram de admiradores. Annie tinha comprado uma coroa de folhas verdes com rosas vermelhas enceradas, que duraria mais que uma de flores frescas. Ela fora muito agressiva durante a manhã, e Mog disse que isso era de se esperar, já que Annie tinha afeição por

Millie. Belle pensava que era mais provável que ela estivesse com medo de que o funeral chamasse ainda mais atenção, o que ela não queria.

Lily e Sally, as duas garotas mais velhas das que permaneceram na Casa, foram encarregadas de algumas responsabilidades. Mog disse-lhes para ligarem a chaleira às quatro e meia da tarde e deixar as coisas para o chá na cozinha. Ela e Annie estariam de volta logo.

Assim que Mog e Annie estavam longe de sua vista, Belle vestiu seu casaco e saiu pela porta dos fundos. As garotas estavam todas no andar de cima, ela podia ouvi-las gritando uma com a outra. O colar de Dolly tinha sumido e ela dizia que uma das outras deveria tê-lo roubado.

Elas brigavam constantemente desde o assassinato de Millie. Mog dizia que era porque estavam entediadas, mas o que quer que

estivesse causando isso, Belle se sentia mal por ouvir tantas grosserias que falavam umas para as outras. Então saiu para encontrar Jimmy.

Ela não se atrevia a entrar no Ram's Head para procurá-lo, então pas-sou pelo lugar caminhando lentamente na esperança de que ele pudesse vê-la. Ele tinha dito que geralmente podia sair lá pelas quatro horas, então Belle atravessou a estrada para olhar a vitrine de um brechó enquanto esperava que ele aparecesse.

A temperatura tinha subido ligeiramente durante o dia e o monte de gelo sujo nas sarjetas estava derretendo rápido. Ela esperou pelo menos 15 minutos até escurecer, então, sentindo frio demais caminhou pela rua em direção ao mercado do Covent Garden, mas procurando por Jimmy.

Como sempre, as ruas estreitas abrigavam uma multidão de pessoas, e os ouvidos de Belle

foram atacados pelos gritos dos camelôs, músicos de rua tocando acordeão, violinos e até batidas de colheres na coxa, jogadores de cartas além de ruídos de carroças sobre as pedras e pessoas gritando umas com as outras mais alto que todo o barulho. Não só os ouvidos foram atacados, mas o nariz também. Estrume de cavalo, maçãs de caramelo, peixe, vegetais podres, pão quente e bolos, tudo estava misturado e envolvido junto como um fedor, uma espécie de teia nebulosa no ar frio. Ela, com desânimo, observou as construções ao redor em mau estado de conservação, com ruas repletas de lixo, homens e mulheres em vários níveis de embriaguez e um monte de crianças imundas vestindo nada mais que uns poucos trapos. Os únicos lugares que tinham aparência de prósperos e bem conservados eram os bares e as casas de penhores.

Parecia estranho para Belle que tivesse crescido ali, porém, até então, nunca tinha

realmente percebido quão esquálido, depressivo e decadente aquele lugar era. Talvez ela não estivesse bem, pois o barulho estava lhe dando dor de cabeça, os odores estavam revirando seu estômago e sentia o perigo escondido em cada beco e quadra. Começou a andar mais rápido, ansiosa para chegar em casa em segurança.

Belle ouviu uma carruagem atrás dela quando se aproximava de Jake's Court, mas nem sequer virou a cabeça, já que era um som comum. De repente, no entanto, ela sentiu que alguém lhe deu uma rasteira e a agarrou por trás. Seus braços foram agarrados bem apertados e torcidos para trás, ao mesmo tempo em que uma mão deu um tapa em sua boca para silenciá-la. Ela lutava e tentava chutar, mas o agressor era muito maior e mais forte do que ela, e Belle foi carregada para dentro da carruagem que agora estava ocupando a rua estreita.

Como estava escuro, com a fraca iluminação a gás da rua, e ainda mais escuro dentro da carruagem, Belle não percebeu que havia outro homem do lado de dentro, não até ele segurar com força seus braços enquanto o primeiro homem entrou em seguida. Um deles bateu na lateral da carruagem para dizer ao motorista que fosse embora.

Belle estava aterrorizada, mas ainda gritava tão alto quanto podia, e lutava para alcançar a porta da carruagem para fugir. Uma dura pancada do lado de sua cabeça derrubou-a no assento.

- Outro som seu e eu te mato - uma voz rude e familiar disse.

Belle soube instantaneamente que era o assassino de Millie. E não tinha dúvida de que ele cumpriria sua promessa se ela o desobedecesse.

- Onde está ela, Mog? - Annie perguntou irritada.

Elas estavam em casa mais ou menos há 15 minutos. Como as garotas já estavam na cozinha quando elas voltaram, todas pedindo para ouvir sobre o funeral, Annie não tinha percebido imediatamente que Belle não estava lá. Foi apenas quando serviu cada uma com um copo de vinho suave que sentiu falta dela.

- Não sei. Espero que ela tenha saído só para tomar um ar fresco, você sabe como ela é - Mog replicou. - Ela não disse nada para nenhuma de vocês? - perguntou às garotas.

- A última vez que a vimos foi somente antes de vocês saírem - Lily replicou. Lily e as outras quatro garotas estavam apenas meio vestidas, com surrados agasalhos sobre *chemises* que pareciam sujas. Todas davam a impressão de

não ter escovado o cabelo há dias. O cabelo louro de Lily parecia um ninho de passarinho.

A aparência relaxada das garotas, junto com suas expressões vazias, deixou Mog furiosa.

- Vocês poderiam ter feito um esforço para se apresentar bem e mostrar algum respeito - ela vociferou.

- Mas não vamos abrir esta noite - Lily disse com um tom insolente. - Por que ficar pronta se ninguém vai nos procurar?

- Só espero que alguém faça um esforço ao levantar - Mog silvou para ela. - E você podia mostrar mais preocupação com Belle.

- Vai dar tudo certo com ela - Amy concordou enquanto brincava com uma madeixa, que parecia um rabo de rato, do cabelo gorduroso e mastigou a ponta dele. - O que pode

acontecer com ela por estas redondezas onde todo mundo conhece a mãe dela?

Às oito horas daquela noite, Annie desceu até a Bow Street para dizer à polícia que achava que sua filha tinha sido sequestrada e talvez até morta. Ela e Mog tinham andado por toda a Seven Dials, perguntando a todo mundo que conheciam se tinham visto Belle. Mas para desespero delas ninguém a tinha visto naquele dia.

O sargento atrás da mesa, um homem grande com um bigode cheio, parecia achar engraçada a afirmação de Annie.

- Isso não é provável, senhora - ele disse, com um sorriso afetado brincando em seus lábios. - Garotas desta idade ficam passeando. É possível até que haja um jovem envolvido.

- Ela não ficaria passeando depois do anoitecer, e você com certeza sabe a respeito da garota que foi assassinada em minha casa há apenas alguns dias. É possível que o mesmo homem estivesse observando a casa e tenha sequestrado minha Belle.

- Mas por que ele iria querer sua filha? Ela não é uma das garotas que trabalham lá - o policial disse. - Você mesma disse que ela estava na cama na hora do assassinato e que nunca a deixa no andar de cima durante a noite. Ele provavelmente nem sabe que você tem uma filha jovem.

- Ele deve ter feito isso para me dar uma lição - Annie insistiu. - É como um aviso de que ele pode fazer o que quiser. Matar uma das minhas garotas, sequestrar minha Belle... O que ele vai fazer em seguida?

O sargento levantou de trás da mesa, empertigado e bocejou.

- Olhe, senhora, entendo sua preocupação, mas pode apostar sua vida que ela saiu para encontrar um amigo e se esqueceu da hora. A garota deve estar com muito medo de voltar para casa agora porque sabe que você ficará brava com ela. Mas ela voltará quando estiver com frio e fome.

- Por favor, comece a procurar por ela - Annie implorou a ele. - Pelo menos peça para verem se alguém a viu esta tarde.

- Está certo, faremos isso amanhã se ela não for para casa esta noite - ele concordou. - Mas ela vai voltar, você vai ver.

Às onze horas da noite, Annie e Mog se sentaram juntas na cozinha, ambas muito preocupadas para pensar em ir para a cama. A

opinião do sargento não as tinha tranquilizado. As duas sabiam que Belle nunca perderia o pequeno velório de Millie; para ela pareceria que não se importava com a moça morta. Se outra coisa tivesse acontecido com ela, se tivesse sido atropelada na rua ou passado mal, Belle com certeza faria uma mensagem chegar a elas.

- Não sei o que é melhor fazer - Annie admitiu. - Se eu contar aos policiais que conhecia o assassino e que Belle testemunhou o crime, eles acharão que eu estava de alguma forma ligada ao homem e talvez me acusem por obstrução. Porém, se não contar eles, não vão me levar a sério o suficiente para procurá-la. Mas a pior coisa é que se eu disser a eles que é o Falcão e ele ficar sabendo que o entreguei, ele matará Belle e depois virá atrás de mim.

Mog sabia que Annie podia ter razão. Ninguém em Seven Dials sequestraria Belle. Annie era

parte da comunidade, e embora alguns dos vizinhos fossem cruéis, nunca roubaram ou feriram pessoas próximas a eles.

Mas Kent, ou o Falcão, como era conhecido, sabia que sua liberdade dependia da certeza de que Belle e sua mãe ficariam de boca fechada. Ele provavelmente fez contatos em todos os lugares, e Mog apostaria que ele já sabia que Annie tinha ido a Bow Street naquela noite. Mas depois da frieza com que matou Millie, Mog estava muito consciente de que o assassino nem precisaria da desculpa de que a polícia estava se aproximando dele para matar Belle.

- Acho que você deve contar a verdade à polícia - Mog respondeu, depois de ponderar sobre tudo. - Mas além disso você deveria pedir alguns favores e conseguir ajuda para descobrir onde esse demônio bastardo a pegou.

Annie ficou em silêncio por um tempo, roendo as unhas pensativa. - Tenho medo de que ele a venda - ela finalmente desabafou.

Mog empalideceu. Ela sabia exatamente o que Annie queria dizer por "vender". Uma jovem bonita e virgem vale muito em alguns círculos.

- Por favor, Deus, isso não - ela sussurrou, fazendo o sinal da cruz. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela estendeu a mão para segurar a de Annie, pois sabia que isso era o que tinha acontecido com sua amiga quando ela tinha a mesma idade de Belle.

Os lábios de Annie estavam tremendo. Ela apertou a mão de Mog e tentou com dificuldade evitar a lembrança do horror que tinha acontecido com ela 25 anos antes.

Foi a mais dolorosa, nojenta e humilhante experiência, e mesmo depois de tantos anos, ela

podia sentir o cheiro do suor daquele homem, o uísque em seu hálito e sentir mais uma vez a sensação de ser esmagada viva por seu corpo pesado em cima dela. Ela gritava, machucava demais, mas ele parecia gostar daquilo, e quando finalmente tudo acabou, ele examinou as partes íntimas dela e sentiu prazer em ver sangue.

Annie era apenas uma criança na época. Não tinha seios, apenas um corpo magro como o de um garoto!

Ela sabia agora que tinha sido apenas uma das milhares de crianças raptadas nas ruas. Por toda a Londres, inescrupulosos donos de bordéis pagavam pessoas, frequentemente mulheres com aparência maternal, para procurar jovens garotas para o negócio. Grande parte das garotas era tratada como Annie: aprisionadas e mantidas semifamintas para que fossem

submissas. Às vezes apanhavam até seu espírito estar totalmente destruído.

A maioria, uma vez que quando criança foi abusada desse jeito, se sentia destruída tanto mentalmente quanto fisicamente, e ficava na prostituição porque não conseguia enfrentar a volta para casa. Com Annie foi a mesma coisa; ela sabia que se sua mãe soubesse o que tinha acontecido, ela nunca se recuperaria. Então perdeu sua família para sempre; achava preferível pensarem que não se importava com eles do que saber que tipo de trabalho ela fazia.

Alguns anos depois, Annie encontrou em si mesma a força interior de que precisava para fugir dos demônios daquele bordel, e a sorte brilhou para ela desde que encontrou uma relativa segurança na casa da Condessa, em Jake's Court. Lá ela aprendeu a suportar, se não gostar, da profissão na qual tinha sido

jogada. Às vezes, na companhia das outras garotas, era até feliz.

Na época em que a Condessa passou a casa para ela, Annie considerou vendê-la e usar o dinheiro para abrir uma loja em uma área respeitável. Mas aquilo era tudo que ela conhecia na época, e se começasse outro negócio e falhasse, perdendo todo o dinheiro, como ela e Belle viveriam?

Annie pensou cuidadosamente sobre o assunto e pareceu-lhe que, enquanto os homens tivessem desejo por sexo, sempre haveria pessoas ganhando dinheiro com isso. Então tomou a decisão de continuar nos negócios, mas prometeu a si mesma que a casa seria uma das boas. Ela sempre pegaria apenas garotas que queriam e tinham experiência. Ela as alimentaria bem, conferiria sua saúde e limpeza, e não ficaria com todo o dinheiro que ganhassem. E parecia ser perfeito.

Ela nunca, e jamais, ofereceria uma criança para alguém. Os homens frequentemente pediam a ela que encontrasse uma para eles, mas Annie sempre mostrava a eles a porta da rua, deixando-os bem conscientes do que ela pensava sobre esse tipo de prática doente.

Agora que Belle estava desaparecida e talvez na iminência de ser abusada por um homem monstruoso, ela percebeu como foi estúpida por não ter previsto algo assim. Como imaginou que poderia manter Belle a salvo quando a menina vivia num bordel?

- Você estava certa, eu deveria tê-la enviado para um internato - Annie disse, com a voz cheia de emoção. - Foi estupidez mantê-la aqui comigo.

Annie sabia exatamente por que não tinha mandado Belle para longe. Era porque ela era a única coisa boa na vida dela, na verdade sua

única razão de viver. Sentia que ao mantê-la por perto, poderia protegê-la de qualquer mal que se aproximasse.

Ela olhava para Mog com os olhos cheios de lágrimas.

- Mesmo se isso não tivesse acontecido, mais cedo ou mais tarde ela perceberia o que estava acontecendo.

- Pare de se culpar e comece a pensar quem pode nos ajudar.

Mog não sentia prazer em ter razão sobre mandar Belle para longe. Além disso, apesar de ter estimulado isso, ela sentiu apenas alívio quando Annie se recusou a fazê-lo. Belle era tão preciosa para ela que somente um dia sem ela era muito longo.

- Qual é o nome do homem que era gentil com Millie? O jovem com as bochechas vermelhas. Ele não é um tipo de investigador?

Annie franziu as sobrancelhas.

- Noah Bayliss! Acho que você está certa. Millie disse que ele escrevia para um jornal também. Mas como o encontraremos?

- Podemos começar olhando no livro de registros da casa - Mog disse. - Sei que eles todos colocavam nomes falsos, mas Noah não era o que se podia chamar de um "jogador regular", ele deve ter colocado seu verdadeiro endereço.

Capítulo 6

Uma batida na porta entrou no profundo sono de Noah e o fez abrir os olhos cuidadosamente. Ele não podia ver nada; as pesadas cortinas tinham sido retiradas. - O que é isso? - falou em voz alta fracamente, pois tinha bebido muito na noite anterior.

- Uma dama quer vê-lo - a senhora Dumas, sua senhoria, anunciou. - Ela disse que lamenta chamar tão cedo, mas queria encontrá-lo antes que o senhor fosse trabalhar.

- Não tenho nenhum trabalho hoje - Noah murmurou. - Mas isso tem a ver com quê? - ele perguntou bem alto.

- Ela disse que era sobre Millie.

Noah acordou imediatamente. Ele só conhecia uma Millie, e embora não conseguisse imaginar

por que alguém o procuraria ali para falar sobre ela, estava intrigado. - Vou descer! - gritou enquanto jogava as colchas para trás.

Noah Bayliss tinha 31 anos, era solteiro e tinha uma precária vida financeira porque embora fosse os dois, jornalista *freelance* e investigador de uma companhia de seguros, nenhuma das duas profissões pagava muito ou oferecia trabalho regularmente. Jornalismo era o verdadeiro amor de Noah, ele sempre sonhava em conseguir um grande furo jornalístico, assim o *The Times* lhe ofereceria uma posição fixa no jornal. Ele frequentemente sonhava mais alto ainda, se tornaria o editor do jornal. Mas para sua decepção nunca fora mandado para cobrir emocionantes e importantes novas histórias como um julgamento incrível ou um inquérito. A maioria das vezes ele tinha ordem de relatar muitos entediantes encontros da câmara ou outras histórias ovas que ganhariam menos que

três centímetros de espaço nas costas do jornal.

Até dizer que ele era investigador de seguradoras era um exagero. A maioria das vezes era apenas enviado para ajudar encontrar os requerentes na casa deles e fazer um relato na volta sobre qualquer coisa que pudesse ser suspeita. Geralmente era chamado após uma morte para encontrar a viúva ou o viúvo de luto. Ele não tinha ainda conhecido alguém que tivesse o mais leve cheiro de veneno, ou recebido um empurrão da escada ou nada que pudesse apontar que a morte não tinha causas naturais, embora tivesse esperanças de que um dia acharia.

Ele lavou seu rosto na água gelada do jarro no lavatório, pôs uma blusa limpa e resgatou suas calças do chão onde ele as tinha jogado na noite anterior. Ele estava bem em seu espaço, pois a senhora Dumas era uma viúva que queria

companhia e algo para fazer, mais do que apenas dinheiro. Sua casa com varanda em Percy Street, perto da Tottenham Court Road, era muito limpa e confortável, e ela tratava seus três inquilinos quase como membros da família. Noah gostava disso, então assumia para si a responsabilidade de fazer alguns pequenos serviços de manutenção, e enchia os baldes de carvão para ela todo dia. Quando ele desceu quietinho as escadas torceu para que a senhora Dumas estivesse longe da campainha; ele não queria que ela soubesse que ele tinha estado em um bordel.

- A senhorita Davis está no salão - ela disse quando ele chegou no hall. Ela era uma mulher pequena com mais de 60 anos, lembrava um pequeno pássaro com seu nariz acentuadamente pontudo e olhos penetrantes. Ela estava parada na porta que dava para a cozinha, vestindo o avental branco de babados que sempre colocava em cima do vestido de

manhã. - Venha para a cozinha quando você tiver terminado e farei seu café da manhã - disse, com o rosto iluminado de curiosidade.

O nome senhorita Davis não significava nada para Noah, mas quando entrou no salão, reconheceu a pequena mulher com um casaco preto e um chapéu muito severo como a empregada da Casa da Annie, que Millie chamava de Mog.

- Desculpe chamá-lo tão cedo, senhor Bayliss - ela disse, levantando e oferecendo sua mão. - Acho que o senhor sabe de onde eu sou.

Noah concordou e apertou a mão dela. - Minha senhoria mencionou a Millie.

- Estou certa de que o senhor ouviu as terríveis notícias sobre o assassinato dela... - Mog disse.

Noah cambaleou em choque: - Assassinato? - Ele engasgou.

- Oh, querido. - Ela franziu as sobrancelhas, se aproximou dele e tocou seu ombro como um gesto de consolo. - Desculpe, senhor Bayliss, dar-lhe esse tipo de choque. Nunca me ocorreu que o senhor não soubesse ainda, não sendo um repórter e o fato de estar em todos os jornais também.

Noah estava tão horrorizado e chocado que seu cérebro apagou temporariamente e ele não conseguia pensar nada adequado para dizer. Havia estado fora em uma investigação para a seguradora na semana passada e não tinha se preocupado em comprar um jornal. Ele podia sentir as lágrimas brotando em seus olhos, o que o deixou constrangido. - Não posso acreditar nisso! Quem mataria uma garota tão encantadora? Quando foi isso? O assassino foi pego? - Ele finalmente desabou e tinha esperança de que Mog não tivesse percebido seus sonhos românticos com Millie.

Mog gentilmente sugeriu que se sentassem e lhe contou a história toda. Noah achava curioso que uma mulher que trabalhava em um bordel pudesse ser tão sensível e doce. Ela explicou como tinha saído à noite e chegado em casa apenas após a polícia ter ido embora, e contou a história do assassinato por meio dos olhos da jovem garota que o tinha testemunhado. Quando chegou ao ponto em que Annie, a mãe de Belle, mentiu para a polícia e disse que ela estava dormindo durante toda a situação, ela teve que enxugar delicadamente as lágrimas com um lenço.

Noah nem imaginava que Annie tinha uma filha, muito menos uma de 15 anos vivendo na casa. Apenas pelo jeito de Mog falar dela ficou evidente que a jovem era inocente e para Noah era difícil conceber a ideia de que tivesse testemunhado algo tão chocante.

- Mas para tornar tudo isso ainda pior, agora Belle foi sequestrada! - Mog exclamou, com a voz aumentando com o desespero. - Sequestrada diretamente da rua! Foi ontem enquanto estávamos no funeral da Millie.

- Oh, meu Deus - Noah desabafou. - Vocês com certeza foram à polícia...

- Sim, claro, embora isso tenha sido de pouca ajuda para nós, pois enquanto eles não souberem que Belle viu o assassinato não terão pressa na busca ou nos levarão a sério. Assim, não sabemos o que fazer. Então Annie lembrou que você era um investigador e que realmente gostava de Millie, por isso tivemos esperança de que poderia estar disposto a nos ajudar.

O jornalista Noah só conseguiu pensar que este podia ser o furo que sempre esperou para fazer seu nome. Mas imediatamente se sentiu envergonhado com tal tipo de ideia. Ele tinha muito

carinho por Millie, e pensou que gostaria de ser o homem que levaria seu assassino à justiça, então não podia explorar sua morte para melhorar sua carreira.

Não sabia que ela era uma prostituta na primeira vez que a encontrou. Ele tinha chegado na Strand logo depois de uma criança ter sido atropelada por um táxi, e esperando ser o primeiro a chegar com a história, começou a perguntar às pessoas se tinham visto o que acontecera. Millie era apenas uma dessas pessoas. Ela era tão linda e prestativa, preocupada com a criança e seus pais, e quando disse que tinha que ir para casa, ele caminhou com ela. Apenas quando pegaram a Jake's Court ela confessou o que era. Noah disse que não se importava, ainda gostava muito dela.

Ele só tinha estado no bordel uma vez antes de conhecer Millie, e não teria ido se não fosse

por um amigo que o arrastou para lá quando estava bêbado. Não gostava da ideia de que um homem pudesse comprar uma mulher como se fosse um pacote de açúcar ou um saco de carvão. Mas estava desesperado para ver Millie de novo, e mesmo apreensivo a respeito de ir à Casa da Annie, era o único jeito de vê-la.

Na primeira visita, nem queria fazer sexo com ela. Disse-lhe que só queria estar com ela, então foram para o quarto dela e simplesmente conversaram e se beijaram.

Nas visitas seguintes ele dormiu com ela - não conseguiu se controlar uma vez que estava em seu aquecido e desorganizado quarto e ela tinha tirado seu vestido e ficado em pé lá só de lingerie com seus fartos seios aparecendo por cima do top de sua *chemise*. Foi maravilhoso, a coisa mais emocionante que tinha experimentado, porém não era só sexo, ele gostava

de tudo nela - sua natureza doce e generosa, sua pele sedosa e seu sorriso brilhante.

Talvez estivesse sendo tolo, mas acreditava que ela gostava dele tanto quanto ele dela, e nas próximas seis ou sete semanas foi vê-la toda segunda à noite, o dia mais tranquilo da Casa. Mas da última vez ela já tinha alguém com ela e ele se sentiu tão desanimado e ferido que ficou longe de lá na semana seguinte. Agora Millie estava morta e ele nunca mais a teria novamente.

- Olhe, senhora Davis, não sou um detetive - ele explicou, com a voz trêmula de emoção. - Eu gostava de Millie e gostaria de ver o assassino dela temer por isso. Quero ajudar achar Belle também, mas não tenho ideia de como fazer isso.

- Estou certa de que você descobrirá como - Mog disse, suplicando com os olhos.

Noah suspirou. - Creio que posso começar falando com as pessoas nos arredores de Seven Dials, alguém deve saber alguma coisa. Talvez também possa encontrar uma pessoa no jornal que conheça o policial certo em Bow Street para arrancar informações.

- A senhora Cooper não espera que você faça isso de graça - Mog se apressou em dizer-lhe, imaginando que a maior parte do dinheiro dos homens jovens fosse gasto tão rapidamente quanto obtido. Desde a primeira vez que ele chegou na Casa da Annie, Mog soube que Noah era um bom homem. Ela gostava de suas bochechas rosadas, o jeito de seu cabelo claro não querer se assentar completamente, embora ele colocasse muito óleo nele. Não era bonito, seu nariz achatado e grosso lembrava o de um cachorro pequinês, e suas orelhas eram de abano, mas havia honestidade em sua expressão, e ela gostava do fato de que era gentil com Millie, não a desejava só sexualmente.

Quando descobriu que ele tinha colocado seu endereço verdadeiro no livro da casa, isso confirmou a impressão que ela tinha, que era um homem honesto. E encontrá-lo vivendo em uma casa respeitável era mais evidência de que Noah era o que ela acreditava que fosse.

- Mas deve ir sem dizer que o Falcão, ou senhor Kent como o conhecemos, é muito perigoso. Achamos também que ele provavelmente possui muitas pessoas em sua folha de pagamento, então você tem que ter bastante cuidado com o que diz.

- Você tem alguma ideia de onde ele deve ter pegado Belle? - Noah perguntou. - Quer dizer, ele tinha uma casa ou endereço comercial que vocês saibam? Algum parente, amigas?

- Não fazemos esse tipo de pergunta - Mog disse reprovadoramente, como se ele devesse saber disso. - Belle falou que ele estava

pedindo a Millie para ir embora com ele para Kent, então deve ter uma moradia lá. Ouso até a afirmar que é por isso que ele usava o nome Kent como apelido. Mas Annie tem medo que ele vá vendê-la. Você sabe o que isso significa?

Noah enrubesceu, e suas já vermelhas bochechas ficaram em chamas. - Com 15 anos? - ele disse horrorizado.

- Isso acontece com garotas mais jovens ainda - Mog disse, estremecendo com aversão. - É difícil acreditar que os homens podem ter prazer com uma criança. Se eu pudesse eles seriam pendurados pelos pés e cortaria pedaço deles por dia, começando com os estupradores.

Noah deu um meio sorriso. Ele acreditava que Mog era capaz de infligir essa punição ao homem que levara Belle. Era evidente pelo jeito como falava que a amava muito. Também tinha muito carinho por Millie e isso a tinha

cativado em relação a ele também. - Mas por que fazer isso? Ela ainda será capaz de entregá-lo.

- A maioria das garotas vendidas deste jeito nunca recuperam sua força interior - Mog disse e seus olhos se encheram de lágrimas. - Elas fazem o que se espera delas e fogem da realidade com bebidas ou ópio. Outras se tornam duras, tão frias como os que as venderam, e geralmente ficam tão cruéis quanto eles. De qualquer maneira perdem a alma.

Noah engoliu em seco, sem gostar das imagens que Mog apresentava para ele. - Tentarei conseguir alguma informação para você - ele disse. - Agora me conte sobre os amigos de Belle. Não acredito nem por um segundo que ela saiu com algum deles, mas ela pode ter dito a essas pessoas que não comentou com você sobre esse homem, Kent.

Mog encolheu os ombros. - Ela não tinha amigos na verdade. Quando Belle deixou a escola mais de um ano atrás nós a mantivemos em casa. Mas nunca a deixei se misturar com nossas garotas porque não queríamos que ela se perdesse. Quanto às crianças dos vizinhos, também eram travessas, ou seus parentes não os deixavam se misturar com nossa Belle.

- Certamente deve haver alguém... - Noah disse. Parecia uma vida trise e solitária para uma jovem.

Mog colocou a cabeça de lado como se estivesse pensando bem. - Há um rapaz chamado Jimmy que vive no Ram's Head com seu tio, Garth Franklin - ela disse. - Belle não o conhece há muito tempo, na verdade o conheceu na manhã do dia em que Millie foi morta. Eu me lembro porque ela chegou em casa toda cheia, me contando sobre ele. Parece que a mãe dele morreu recentemente e seu tio o

tinha levado para viver no pub. Belle estava realmente encantada com ele. Mas não acho que foi a única vez que o viu. Depois do assassinato de Millie ela desapareceu uma manhã, mesmo que sua mãe tenha dito para ela ficar em casa.

- Vou começar com ele então. É o Ram's Head na Monmouth Street?

Mog assentiu. - Mas nunca contei a Annie sobre este Jimmy. Ela não queria que Belle tivesse amizade com nenhum garoto, e a bem da verdade tinha claramente esquecido dele até você perguntar sobre amigos. O tio do garoto é um homem duro e difícil. Mas se conseguir trazê-lo para o nosso lado, ele pode conhecer pessoas que nos ajudariam.

- Não posso prometer nada, mas farei o meu melhor. - Noah disse. - Você e a mãe de Belle devem estar apavoradas.

-Estamos doentes de tanta preocupação - Mog admitiu. - A maioria das pessoas acham que por conta do trabalho que fazemos não temos sentimentos. Mas isso não é verdade.

- Millie me disse que a Casa da Annie era um bom lugar para trabalhar e que você era muito gentil com ela - Noah disse. - Sei que ela ia querer que eu te ajudasse.

Mog se esticou e tocou a bochecha de Noah, como um gesto de agradecimento e confiança. - Devo ir agora - ela disse. - Annie irá querer voltar ao Bow Street para dizer aos policiais que Belle ainda não voltou. Ela está decidida a admitir que Belle testemunhou o crime, mas imploraremos a eles para manterem discrição.

Noah saiu imediatamente depois que tomou seu café da manhã. A senhora Dumas tinha sido muito curiosa sobre a visitante, então ele teve de mentir e dizer que a senhorita Davis era

parente de alguém que ele tinha investigado para a companhia de seguros e ela tinha lhe dado informações que sugeriam um pedido de seguro fraudulento. Quando sua senhoria continuou lhe questionando ele teve que ser mais seco do que gostaria, apenas para parar o interrogatório dela.

Era um dia de vento brutal e enquanto Noah fazia o caminho até Tottenham Court Road amarrou seu cachecol de lã mais apertado em volta do pescoço e levantou o colarinho do sobretudo. Noah sabia que muitas pessoas achavam que Seven Dials era um lugar terrível onde provavelmente seriam atacados ou assaltados, ou pegariam alguma séria doença só por passar por lá. Isso pode ter sido verdade algumas décadas passadas, antes de algumas das habitações terem sido derrubadas, mas não era tão ruim agora e ele gostava de ir lá. Mas ao mesmo que reconhecia aquela como uma área de Londres carente, superlotada,

esquálida e cheia de problemas era também viva, colorida e fascinante, e nem de longe como partes destruídas e depressivas do East End.

Os moradores eram amigáveis, riam com facilidade e não reclamavam de seu destino na vida. Eram espertos, mas nunca perdiam, naturalmente, uma oportunidade de surrupiar um relógio, um lenço ou uma carteira, e lhe contaram histórias tão trágicas por causa de drogas que suavizariam um coração de pedra. Mas ele não estava na mira dos ladrões: suas roupas eram baratas e ele não tinha carteira ou relógio para levarem.

Um homem idoso e corcunda lavava a calçada do Ram's Head.

- Bom dia - Noah disse polidamente. - Jimmy está?

- Bem, não sei com certeza - o corcunda respondeu. Ele despejou as palavras de um jeito curioso. - Quero dizer, não sei se ele "está" para você! - acrescentou depois de uma pausa dramática.

- Então talvez você não se importaria de perguntar-lhe se ele pode ver o senhor Bayliss, é sobre Belle Cooper - Noah replicou.

O corcunda entrou no pub com um balde de caranguejo ao lado que era ainda mais estranho do que o jeito de ele falar. Noah o seguiu, mas ficou bem atrás.

O Ram's Head era um dos melhores bares em Seven Dials. Não via uma camada de tinta há anos, o painel de madeira estava rachando e

o chão rangia e era irregular, porém até as dez no sábado de manhã, muito cedo para clientes, ele tinha uma atmosfera acolhedora. O fogo estava aceso no fundo da sala, e o bar tinha sido lustrado. Noah não se surpreendia que fosse um lugar tão popular, era provavelmente mais confortável e aquecido que a maioria das casas da vizinhança.

- Jimmy! - o corcunda gritou em direção ao fundo do bar. - Há alguém aqui que quer ver você, é sobre Belle Cooper.

Houve um barulho de pés nos degraus de madeira e um jovem com o rosto sardento e cabelo vermelho entrou desatado no bar. Suas calças estavam molhadas abaixo dos joelhos, como se ele estivesse lavando o chão.

- Você a encontrou? - ele perguntou ofegante.

Noah balançou a cabeça. E percebeu que o rapaz achava que ele era policial a paisana.

A expressão de Jimmy desabou. - Então você já tem provas de que ela foi raptada?

- O que faz você pensar que ela deve ter sido sequestrada? - Noah questionou.

Jimmy o encarou por alguns segundos. Então assumiu um ar cauteloso como se estivesse com medo de ter dito a coisa errada. - Me diz quem é você primeiro - ele disse.

Noah caminhou até uma mesa do lado do fogo. - Você pode se aproximar e sentar comigo?

Jimmy o acompanhou, mas se sentou na beirada da cadeira como se estivesse preparado para fugir. O corcunda voltou para fora.

Noah explicou que ele não era policial, mas um amigo de Millie, e que a senhorita Davis havia pedido sua ajuda. - Concordei porque eu realmente gostava de Millie - ele disse. - Espero que você me ajude porque gosta de Belle. Qualquer coisa que me contar vai ficar somente entre nós.

A expressão incisiva e suspeita desapareceu, sendo substituída por ansiedade. - Ouvi que Annie e sua empregada estavam ontem por volta de cinco e meia perguntando a todo mundo se tinham visto Belle. Eu queria ir e ajudá-las mas meu tio - ele é o dono deste lugar - disse que Annie iria me comer vivo se soubesse que Belle tinha falado comigo - ele disparou. - Depois daquela noite meu tio disse que tinha visto Belle do lado de fora na loja de penhores do outro lado da rua por volta das quatro horas. Ele pensou que Belle devia estar empenhando alguma coisa para fugir.

- Por que ele não contou isso para a Annie? - Noah perguntou.

- Bem eu teria ficado feliz se ele o fizesse, porque eu sabia que ela estava lá me esperando e todo mundo ficaria louco com isso. Mas eu não estava aqui naquela hora, tinha ido ao King Cross enviar uma mensagem para uma pessoa.

- Então por que você acha que ela foi sequestrada e não só fugiu?

- Por causa do que ela me disse depois da morte de Millie.

- O que foi?

- Ela me fez prometer não contar.

Noah gostou, o rapaz era honesto e leal. - Acho que ela disse a você o que a senhorita Davis

me contou, sobre ter visto o assassinato - Noah disse. - Se eu estiver certo, você deve me dizer o que sabe porque muito provavelmente o homem que matou Millie é o responsável pelo sumiço de Belle.

- Você acha que ele pode matá-la também? - Jimmy perguntou temeroso.

Noah balançou a cabeça concordando. - Não vou mentir para você. Acho que é bem provável. Ele pode ser enforcado pelo que ela testemunhou. Homens desesperados fazem coisas desesperadas.

Jimmy empalideceu, mas rapidamente revelou tudo que Belle tinha contado a ele. - Temos que salvá-la - ele disse ofegante quando terminou. - Você tem alguma ideia para onde ela foi levada?

- Nenhuma - Noah admitiu. - Estava esperando que você e seu tio pudessem ter algumas ideias. Qual seria a posição de seu tio? Ele ia querer nos ajudar a encontrar Belle?

- Por que você não me pergunta pessoalmente? - Uma voz grave ressoou atrás deles.

Noah se virou em sua cadeira para ver o proprietário parado lá de pé, e seu estômago se contorceu, pois o homem olhava de um jeito como se fosse capaz de arrancar a cabeça de alguém apenas por olharem para ele do jeito errado. Ele era grande, tinha um metro e oitenta de altura no mínimo, ombros fortes e braços como de um boxeador. Noah achava que ele tinha mais ou menos a idade próxima à dele, perto dos 40, tinha ainda uma barba espessa vermelho-escura e uma cor vermelha como se bebesse muito.

- Me desculpe, senhor. - Noah deu um salto e estendeu sua mão. - Meu nome é Bayliss, era amigo de Millie. Me pediram para ajudar a encontrar Belle Cooper, e como me disseram que seu sobrinho era amigo dela eu vim aqui ver se podia me ajudar com algo mais.

- Mais do quê? - Garth perguntou ironicamente.

- Mais do que ela somente ter desaparecido enquanto sua mãe estava no funeral de Millie. Também tinha esperança que nos ajudasse, senhor.

- O dono de um bar tem que ser imparcial - Garth disse secamente.

- Naturalmente - Noah concordou. - Mas deixe-me contar a história toda, como a senhorita Davis me contou. Se não quiser ajudar depois disso, irei cuidar das minhas coisas.

Garth continuou de pé e com os braços cruzados, com uma postura como se dissesse que não ia ser influenciado.

As palavras eram a essência de Noah, e ele contou a história de Belle escondida debaixo da cama e testemunhando o assassinato de Millie com eloquência, adicionando detalhes dramáticos e com representações de coisas que a senhorita Davis tinha apenas insinuado. Ele sabia que estava causando impacto quando Garth descruzou os braços e sentou na cadeira, e seus olhos azuis arregalados com o choque.

- Tenho certeza de que você imagina quão aterrorizante esse tipo de cena deve ter sido para uma garota tão jovem e inocente - Noah concluiu. - E ela deve ter ficado tão chocada por sua mãe não ter dito imediatamente toda a verdade para a polícia.

- Bem, tenho uma certa simpatia por Annie em relação a isso - Garth disse, diminuindo seu tom áspero. - Ela fez o melhor para a garota todos esses anos; não ia querer que ela fosse interrogada pela polícia e virasse testemunha no tribunal quando pegassem o bastardo assassino.

Noah ficou mais esperançoso de que o homem fosse ajudar agora que sua agressividade tinha desaparecido e tinha sido substituída por simpatia.

- Mas se ela disser a verdade à polícia, eles podem pegá-lo do jeito certo - ele disse. - Ou pelo menos podem colocar um de seus homens para vigiar o lugar.

- Por seu jeito eu diria que você não conhece criminosos - Garth disse com desdém. - Ou quanto inútil a polícia pode ser.

- É por isso que preciso da ajuda de alguém como você que conhece a área, as pessoas e como as coisas funcionam - Noah disse.

Garth puxou o ar. - Como eu disse, um proprietário tem que ser imparcial, não poderia levar bem meu negócio se as pessoas pensassem que fico passando informação.

- Não estou certo se você pode ser completamente imparcial - Noah disse olhando o grande homem diretamente nos olhos. - Não quando Belle contou a Jimmy que era testemunha do assassinato, e o nome do homem que fez isso. Isso coloca Jimmy em perigo também.

Garth arregalou os olhos. - Isso é verdade, Jimmy? - ele questionou. - E se é, por que não me contou a noite passada?

- Eu fiquei tentado a contar, tio Garth - o rapaz respondeu nervosamente, levantando a

cabeça. - Mas prometi a Belle guardar segredo. Só falei porque o Noah acha que o criminoso foi quem a levou.

Garth colocou seu punho contra a testa como se estivesse pensando profundamente. - A garota conhecia o assassino? - ele perguntou finalmente.

- Não. Ela nunca tinha encontrado com ele antes de vê-lo matar Millie, mas Annie o conhecia como senhor Kent, ele tinha estado na Casa poucas vezes - Noah explicou. - Ela acha que ele é conhecido também como Falcão.

O grande rosto vermelho de Garth embranqueceu. - Oh, céus! - exclamou. - Ele é um demônio sem dúvida, e iria aos infernos para salvar o próprio pescoço. - Garth se aproximou do sobrinho e colocou a mão em seu ombro. - De agora em diante, filho, não quero que você ponha o pé para fora da porta sozinho.

- Você o conhece então? - O coração de Noah acelerou.

- Apenas por sua fama, nunca o encontrei na verdade. Mas sei do que ele é capaz. Considere que eu o ajudarei agora, você não parece capaz de lidar com essa sujeirada sozinho. Jimmy olhou para seu tio com uma expressão de choque, admiração e encantamento, tudo misturado dentro dele. Noah deduziu que o rapaz estava mais surpreso com a preocupação de seu tio por ele do que por oferecer ajuda para encontrar Belle.

- Eu disse que ele queria levar Millie para sua casa em Kent - Noah disse. - Você tem alguma ideia onde, em Kent, pode ser?

Garth chupou os dentes pensativamente. - Não sei, mas ouvi falar que ele era um marinheiro. Marinheiros geralmente têm suas casas

próximas do porto de onde saem para navegar. Pode ser Dover.

- Você poderia descobrir para mim? - Noah pediu. - Qualquer informação seria útil.

- Suponho que seja - Garth disse com um tom seco. - Mas antes de se precipitar e fazer perguntas às pessoas e falar sem pensar, lembre que este cara é bruto e violentíssimo. Ele cortará sua garganta em um beco assim que puser os olhos nela, e pegará meu Jimmy também se ele imaginar que o garoto está no meio disso.

- O que você sugere que eu faça então? - Noah questionou nervosamente.

- Comece com as outras garotas da Annie. Ele tem de ter estado com uma ou duas delas quando a Millie não estava disponível. Ele pode ter deixado escapar um nome de algum

homem, mencionado família, lugares em que bebe, ou onde vive.

- A senhorita Davis disse que o apelido dele era Bruiser - Noah disse. - Ela pensava que era só porque ele gostava de machucá-las, mas não pode ser que *bruiser* queira dizer também lutador de boxe?

- Se ele era nunca ouvi falar disso - Garth afirmou, esfregando sua barba pensativo. - Mas elas dizem que ele é um homem ágil, tem boas roupas, sapatos feitos à mão e relógio de ouro.

- Vou perguntar às garotas o que sabem sobre ele - Noah respondeu.

- Apenas garanta que elas não comecem a fofocar com todo mundo sobre ele - Garth alertou, fazendo um gesto de uma faca cortando a garganta dele quando ele saiu e deixou Noah com Jimmy.

- Você acha que ele já matou a Belle? - Jimmy perguntou, com a voz trêmula de emoção.

Noah se solidarizou genuinamente com o jovem. Qualquer um podia ver que ele tinha sido bem educado, e ter a necessidade de viver e trabalhar em um lugar duro como o Ram's Head dificilmente era o ideal para um garoto gentil e ainda em luto por sua mãe. Mas mais triste ainda na visão de Noah era que sentia, pelo jeito como o moço falava sobre Belle, que ela era a melhor coisa que tinha acontecido a ele desde que sua mãe falecera. Agora a garota também tinha sido roubada dele.

Considerando o que disseram sobre Kent, que Belle era a única pessoa que podia levá-lo à forca, Noah só podia pensar que o homem provavelmente já a tinha assassinado. Mas não podia dizer isso a Jimmy.

- O que eu sei? - Noah deu de ombros. - Não sou detetive. Mas me ocorre que se ele a levou com a intenção de matá-la, teria feito isso na hora e jogado o corpo. Vou para o Bow Street agora, perguntar se acharam um corpo, mas se não o acharam, então podemos ter esperança de que está viva. Eles dizem que quanto mais tempo um sequestrador mantém sua vítima, é menos provável que a mate.

- Mas não é muito tempo ainda, nem deram 24 horas - Jimmy afirmou. - E se ele a tivesse assassinado provavelmente não deixaria o corpo na esquina de uma rua em Seven Dials para que a polícia encontrasse facilmente, não é?

Noah engoliu e pensou rápido. - Não, claro que não, mas a polícia mantém contato com os policiais de outras áreas, e devemos ter esperança de que a cada hora que passa sem acharem um cadáver significa que ela está um pouco mais segura. Mas tenho que ir agora. Quero

que você tente falar com seu tio. Faça ele lembrar de tudo que ouviu sobre o Falcão, lugares em que ele bebe, quem são os amigos dele, qualquer coisa que possa ser útil. Você poderia escrever tudo isso para mim?

- Farei tudo que puder - Jimmy disse, fixando seus olhos escuros em Noah. - Você me deixará saber o que está acontecendo, não vai? Não vou conseguir dormir até saber que Belle está segura.

- Você gosta dela - Noah disse provocando, esperando aliviar a situação.

- Gosto - Jimmy disse com sinceridade atordoante. - Ela é a mais encantadora e linda garota que já conheci. Não descansarei até que esteja segura novamente.

Capítulo 7

Belle gritou o mais alto que pôde, mas isso só serviu para que fosse imediatamente silenciada por Kent, que pressionou as cordas vocais dela com os polegares e aproximou seu rosto tão perto que seu bigode tocou o nariz dela.

- Fique quieta - ele rosnou para ela. - Ou mato você aqui e nesse minuto.

- Mas por que você me quer? - ela choramingou quando ele a soltou. - Não fiz nada para você.

- Você sabe quem eu sou, isso é suficiente - ele disse. Com isso empurrou o rosto dela em direção ao assento, segurando-a ali enquanto seu companheiro segurava os tornozelos ao mesmo tempo. Então ele a pôs sentada e amarrou seus pulsos para frente.

Nada na vida de Belle tinha sido tão terrível quanto atravessar Londres sendo prisioneira daqueles dois homens. Ela podia ouvir seu coração bater, estava banhada em suor frio e seu estômago estava se agitando assustadoramente como se ela estivesse doente. Nem o jeito como se sentiu quando viu o que homem estava fazendo com Millie não era tão ruim como agora. Porém uma vozinha dentro dela dizia que não devia fazer ou dizer nada que fizesse os homens ficarem mais irritados com ela. Ela tinha visto do que Kent era capaz quando ele realmente estava com raiva.

Conforme a carruagem chacoalhava pelas ruas lotadas ela podia ouvir outros táxis e carroças e os vendedores que chamavam as pessoas para comprar suas mercadorias. Porém, embora os sons familiares a encorajassem a ter esperança de um resgate, em seu coração ela sabia que aqueles dois homens não a teriam sequestrado se não estivessem determinados a

silenciá-la definitivamente. Eles provavelmente só estavam esperando deixar a cidade para fazê-lo.

Apesar de estar apavorada, ela não gritou. Em vez disso, chorou silenciosamente na esperança de que tivessem pena dela, ou ao menos adiassem os planos. Talvez assim uma oportunidade para fugir poderia aparecer.

Levou pouco tempo até Belle se dar conta de que eles mal tinham prendido seus tornozelos, deixando-os afastados o suficiente para ela ser capaz de andar bem lentamente. Isso dava a Belle outro mínimo fio de esperança, pois, certamente, se fossem matá-la teriam amarrado bem apertado e então a levariam para o lugar de execução.

Mas era apenas um fio de esperança. Depois de tudo, podiam estar planejando levá-la para alguma floresta escura ou para o meio do

pântano, algum lugar onde a carruagem não conseguisse chegar.

Os dois homens não se falavam. Belle estava virada para a frente da carruagem, com Kent próximo a ela, embora ele mantivesse distância, encostado na janela. Ele acendeu um cachimbo, mas parecia muito tenso, e se movia inquieto quando a carruagem dava qualquer solavanco na estrada.

Seu companheiro, sentado oposto a ela, estava muito mais relaxado. Ele se acomodara no centro do assento, com os joelhos afastados, e parecia não se incomodar e suportar bem os solavancos e desvios. Estava muito escuro na carruagem para perceber muitos detalhes do homem, mas ela tinha certeza de que nunca o havia visto antes. Ele era moreno como um cigano, com cabelos escuros e encaracolados e lábios grossos. Estava vestindo um sobretudo, o tipo preferido dos homens que andavam de

carruagem, e Belle podia sentir um cheiro forte de mofo vindo do casaco, como se tivesse sido guardado em um lugar úmido.

Belle tentou calcular quando sua mãe e Mog começaram a se preocupar com seu sumiço e quanto tempo se passou até terem começado a procurá-la. Imaginou que elas só ficaram bravas quando voltaram do funeral e Belle não estava lá, mas às oito ou nove horas começaram a achar que alguma coisa devia ter acontecido com ela, e então deveriam ter começado uma busca. Belle tinha esperança de que alguém pudesse tê-la visto ser amarrada na carruagem, mas não se lembrava de ter notado alguém por lá antes do que aconteceu, portanto isso não era provável.

Nessas circunstâncias, será que sua mãe contaria à polícia quem matou Millie? Talvez, mas não significava que a polícia saberia onde encontrá-lo. Ela deu uma olhada para o lado, e

ao ver o rosto do assassino de perfil, entendeu por que ele era chamado de Falcão: seu nariz era como um bico em forma de gancho. Suspeitava que tivesse esse nome por outros motivos também, talvez pela rapidez e a forma impiedosa com que ia atrás de sua presa.

A viagem continuava e Belle sentia tanto frio que podia morrer só disso antes até dos homens tentarem matá-la. Todos os sons de Londres tinham ficado para trás já há um bom tempo e tudo que ela podia ouvir eram os cascos dos cavalos e as rodas da carruagem, nada mais. Era como se tivesse viajado a noite inteira, mas claramente não era o caso, pois Kent havia puxado seu relógio e dito ao companheiro que deveriam chegar lá pelas nove da noite.

Belle não tinha ideia de quantos quilômetros era de Londres para Kent ou para qualquer outro lugar. Mesmo se soubesse,

provavelmente não poderia calcular qual distância podia ser coberta em quatro horas e meia por um grupo de quatro cavalos.

Ela estava muito assustada para sentir fome, mas a questão não era apenas que tinha muito frio, estava desesperadamente precisando urinar. Ela não se atreveu a dizer isso, pois podia ser motivo suficiente para eles a matarem e jogá-la para fora da carruagem.

Mais tarde Kent puxou a persiana para olhar do lado de fora. Belle só podia ver a mais profunda escuridão, nem mesmo havia um lampejo de luz para mostrar as casas passando. Mas ele pareceu saber onde estavam, pois alguns minutos mais tarde a carruagem diminuiu ligeiramente e virou bruscamente para a esquerda no que parecia soar como pedras soltas.

Durante todo o caminho Belle se sentiu tentada a perguntar o que ele estava pretendendo fazer com ela, mas estava assustada demais para falar. Talvez fosse melhor se manter em silêncio de qualquer forma, Kent podia bater nela se o incomodasse.

- Preciso ir - ela finalmente soltou desesperada. Não sabia como as mulheres deveriam falar aos homens que precisavam ir ao banheiro. Na casa as garotas usavam a palavra mijar, mas Mog dizia que não era a palavra ideal para uma dama.

- Chegaremos logo - Kent disse bruscamente.

Mais ou menos cinco minutos depois o condutor parou os cavalos.

O homem com aparência de cigano saiu primeiro e acenou para Belle mostrando que ela era a próxima. A corda em seus pés não era

longa suficiente para que ela andasse na carruagem, mas ele foi até ela e a alcançou, pegou-a pela cintura e a levantou.

A grossa camada de geada era como uma neve iluminada no chão, brilhando com a luz das lanternas da carruagem. Estava muito escuro acima da pequena piscina de luz dourada para observar os arredores, mas Belle sentiu que era uma fazenda, pois o cheiro de estrume de animal era muito forte. Parecia um lugar muito antigo, mas a única luz vinha de uma lanterna na frente da porta.

Belle podia ouvir Kent falando em voz baixa para o condutor da carruagem quando o cigano a pegou pelo braço e a fez andar com dificuldade ao lado dele para a casa. Ele não teve que destrancar a porta da frente, apenas a puxou e entrou. Estava um breu do lado de dentro e ele fuçou em volta, falando muito baixo por uns poucos segundos. Mas então

riscou um fósforo e acendeu uma vela, e Belle viu que estavam em um extenso corredor com chão de pedra.

Era visivelmente uma casa com que estava familiarizado, pois mesmo na escuridão da única vela o cigano achou uma lâmpada a óleo e a acendeu. Subitamente surgiu luz suficiente para se enxergar uma imponente escadaria de carvalho atrás deles e muitas portas nos dois lados da sala. Para Belle parecia a casa de uma pessoa rica, mas um cheiro de umidade e uma camada de poeira no alto aparador mostrava que tinha sido negligenciada por muito tempo.

Belle estava apenas começando a abrir a boca para perguntar se podia ir ao banheiro quando Kent entrou pela porta da frente. Atrás dele Belle podia ouvir a carruagem indo embora.

- Direto para a cozinha - o cigano disse. - Tad deve ter acendido o fogão e deixado algo para comermos.

Ele pegou a lâmpada a óleo e a carregou pelo salão passando por algumas pinturas tenebrosas de cavalos.

A cozinha estava quente e havia um apetitoso cheiro de sopa ou guisado, mas a sala era muito suja. Havia um pão de forma na mesa no centro da sala, e o cheiro bom provavelmente vinha da caçarola escurecida em cima do fogão.

Belle tomou coragem para perguntar se podia ir ao banheiro, Kent assentiu e disse ao outro homem para soltar as mãos dela, mas não os pés, e levá-la para fora.

Era a privada mais fedida em que Belle já tinha estado, e como estava muito escuro lá, e o

cigano ficava andando do lado de fora, ela não demorou. Ele empurrava suas costas para entrar rápido, mas não amarrou de novo suas mãos.

Kent serviu o guisado em três tigelas e as colocou na mesa, empurrando o menor em direção a Belle. Então despejou um pouco de vinho de uma garrafa em dois copos para ele e seu companheiro e deu a Belle um copo de água.

No começo Belle estava com muito medo de comer, então cautelosamente experimentou o guisado, que estava muito bom, pois a carne era gorda. Mas ela se forçou a comer de qualquer jeito. Pelo menos isso iria aquecê-la.

Os dois homens comeram em silêncio, mas de vez em quando sentia que davam uma olhada para ela depois um para o outro como se fizessem um comentário silencioso. Era uma agonia não saber o que ia acontecer com ela.

Parte dela pensava que não iriam se preocupar em alimentá-la se fossem matá-la logo, mas o jeito como o cigano olhava para ela a fez pensar que talvez pretendesse fazer sexo com ela. Esse pensamento era quase pior do que morrer. Seu estômago embrulhou de novo, o suor frio voltou e ela não podia parar as lágrimas de caírem.

Depois de observá-lo nos últimos minutos, Belle percebeu que ele era mais velho do que tinha imaginado quando estava na Casa da Annie; ele estava perto dos 40 anos, talvez um pouco mais ainda. Se não fosse o nariz de gancho, olhos frios e escuros e expressão fechada, teria sido um homem bonito. Ele não era um homem grande, devia ter por volta de um metro e sessenta, bem magro, mas parecia forte e ela se lembrava de quando o vira sem roupas, suas pernas eram bastante musculosas. Seu cabelo era preto, grisalho nas têmporas e possuía um bigode escuro, tudo muito comum,

porém suas roupas eram boas e ele falava como um cavalheiro, o que fazia sua brutalidade parecer ainda mais terrível.

Belle não achava que Kent fosse o dono da fazenda. Ela achava que a propriedade pertencia ao cigano. Ele tinha falado sobre o jantar e alguém chamado Tad, pegado o casaco de Kent e pendurado o seu atrás da porta do jeito que as pessoas fazem em sua própria casa. O cigano tinha um pouco de sotaque caipira em sua voz. Fora seu sobretudo, que era surrado e cheirava a mofo, todas suas outras roupas eram boas e vestiam bem, na verdade suas botas, embora enlameadas, eram do tipo que ela tinha observado os cavalheiros elegantes vestindo em Regent Street. Devia ser solteiro, pois era evidente, pela sujeira na cozinha, que não havia mulher naquela casa. Belle se perguntava se ele era um homem mais gentil do que Kent, e se era possível trazê-lo para seu lado.

- Leve-a para cima, Sly - Kent disse bruscamente quando Belle empurrou a tigela vazia.

O nome Sly a deixou ainda mais apavorada, e ela se encolheu para longe quando ele veio para cima dela. Mas o homem ignorou isso, acendeu uma nova vela, pegou-a pela cintura e levou-a para fora da cozinha.

Levou algum tempo para subir as escadas por causa do jeito como seus tornozelos estavam presos, mas Sly foi paciente com ela, o que a encorajou. Mesmo assustada como estava, sentia que deveria dizer alguma coisa para ele.

- Você é um homem ruim como o senhor Kent? - ela soltou quando eles chegaram ao topo das escadas. - Não parece que seja.

Ela estava falando a verdade em relação a isso, pois ele tinha um rosto agradável, com muitas ruguinhas ao redor dos olhos castanhos suaves.

Achava que isso dificultava julgar a idade dos homens, mas imaginava que ele fosse alguns anos mais velho que o senhor Kent.

- Ser mau significa diferentes coisas para pessoas diferentes - ele respondeu, e parecia ter sinal de riso em sua voz.

- Matar pessoas é mau para todo mundo - ela disse.

- Bem, eu não matei ninguém - ele disse, e pareceu um pouco surpreso - e nem tenho intenção de fazer isso.

- Então o que vocês vão fazer comigo? - ela perguntou.

Ele abriu uma porta e a deixou entrar, colocando a vela em um assento debaixo de uma grande janela. O quarto estava sem mobília exceto por uma cama com colchão fino

e um pouco manchado além de um penico embaixo dela. Em cima do móvel havia uma pequena pilha de cobertores e um travesseiro.

- Você mesma pode arrumar - ele disse. - Não vou amarrar suas mãos de novo porque você não tem como sair daqui. A janela é vedada com tábuas do lado de fora e eu a trancarei aqui.

- Por quanto tempo? - ela perguntou. - E o que vocês vão fazer comigo? - ela repetiu.

- Isso será decidido esta noite - ele disse.

- Se essa casa é sua e você o ajuda a me trazer aqui e ele me matar, você será tão mau quanto ele - ela disse, olhando para ele atentamente com o olhar que Mog sempre usava e que tinha apelidado de "olhar de implorar".

- Você, menina, é esperta demais para sua idade - ele disse com um meio sorriso. - Mas imagino que isso seja parte de crescer em um bordel. Sua mãe falhou com você, ela deveria tê-la mandado para longe. Mas talvez ela tivesse a intenção de treiná-la.

Belle franziu as sobrancelhas, sem entender o que ele queria dizer com aquilo.

- Durma um pouco - ele disse. - Boa noite!

Quando a porta foi fechada e trancada por fora, Belle se desmanchou em lágrimas. Estava com um frio que atravessava os ossos, sem ideia de onde estava, e ainda que seus sequestradores não a tivessem estuprado ou machucado como ela esperava, não iam deixá-la voltar ilesa para casa no dia seguinte.

Mas se iam matá-la, por que não tinham feito isso logo que a pegaram?

Belle queria muito acreditar que esse não era o plano deles e que talvez fossem pedir um resgate por sua liberdade. Mas era muito mais provável que precisassem da luz do dia para levá-la ao lugar de sua morte, alguma floresta ou pântano onde seu corpo nunca pudesse ser encontrado.

Belle nunca tinha antes passado uma noite longe de sua mãe e de Mog. Ela frequentemente se sentia um pouco solitária e excluída por ficar embaixo, na cozinha, enquanto elas estavam em cima, mas jamais ficava assustada, porque sempre soube que Mog ia vê-la de hora em hora.

Mas não havia Mog agora para ajudá-la a arrumar a cama, para colocá-la nela e apagar a vela. Embora mal pudesse enxergar através das lágrimas escolheu dois cobertores macios para se deitar entre eles como não havia lençol, então espalhou o resto das roupas por cima, com

seu casaco por último. Sentando na cama, ela se abaixou e tirou as botas, então balançou suas pernas amarradas para cima da cama e torceu-as para baixo dos cobertores. Ela se sentia pegajosa e cheirando a mofo, e o colchão era fino e encaroçado também.

- Por favor, Deus, não deixem que me matem - ela implorou enquanto soluçava no travesseiro. - Faça mamãe e a polícia virem me buscar. Não quero morrer.

Ela repetiu a oração várias e várias vezes na esperança de que Deus a ouvisse.

Capítulo 8

Sly voltou à cozinha depois de ver Belle entrar no quarto. Kent ainda estava sentado perto do fogão, curvado em sua cadeira como se refletisse. Sly não falou nada, mas pegou uma garrafa de uísque do armário, serviu dois grandes copos e sentou-se perto do fogão também, entregando um dos copos para Kent.

Belle estava certa em pensar que a casa pertencia a Sly. Seu verdadeiro nome era Charles Ernest Braithwaite, mas tinha ganhado o apelido de Sly porque era um jogador que parecia ter poderes quase telepáticos que lhe mostravam qual jogo participar e quais abandonar. Como qualquer jogador, ele perdia algumas vezes, mas não frequentemente como os outros, e nunca grandes somas.

Belle também tinha acertado ao pensar que ele tinha sangue cigano, pois sua mãe, Maria, era

uma cigana. Maria, em uma noite de inverno, tinha encontrado aquela fazenda remota perto de Aylesford, em Kent, quando ela teve que fugir de sua família. Frederick Braithwaite, o pai de Sly, era um solteiro de 40 anos na época, que lutava para cuidar de sua mãe doente e da fazenda.

Fred não era um homem generoso nem benevolente, mas quando Maria implorou-lhe para alimentá-la e deixá-la dormir no celeiro, ele viu que podia ser uma vantagem para ele, e concordou que Maria poderia ter as duas coisas se o ajudasse a cuidar de sua mãe.

Maria era igualmente prática. Ela tinha fugido de sua família porque a estavam forçando-na a se casar com um homem que ela odiava. Não demorou muito tempo para descobrir que a maioria das pessoas tinha preconceito contra ciganos, e que ninguém lhe daria trabalho ou abrigo. Na verdade, ela não queria cuidar de

uma mulher idosa e doente que não significava nada para ela, nem gostaria de acabar na cama de Fred, mas estava desesperada e gostava da aparência da fazenda. Ela imaginou que as coisas podiam ser piores do que apenas ter que cuidar de uma senhora idosa, e talvez ela pudesse começar a gostar de Fred.

Eles se casaram em cinco meses. Depois de um ano de casamento, Charles nasceu, e a senhora idosa morreu em paz em sua cama.

O casamento pode ter começado por conveniência, mas Maria trabalhava duro para ser uma boa esposa para Fred e uma mãe amorosa para Charles, e eles se tornaram uma pequena e feliz família. Fred morreu de um ataque cardíaco quando Charles tinha apenas 19 anos, mas Maria manteve tudo funcionando enquanto permitia que seu filho fizesse o papel de jovem cavalheiro pela cidade.

Charles tinha 27 anos quando sua mãe morreu e foi só então que ele se voltou para negócios ilegais a fim de ganhar mais dinheiro. A fazenda era dele e dava lucro, mas ele tinha pouco interesse nela. E sabendo que a propriedade seria uma boa fachada para esconder suas atividades, tudo que teve que fazer foi pagar outra pessoa para dirigi-la.

Charles sempre conseguiu justificar qualquer atitude dele reprovada pela sociedade perguntando a si mesmo se aquilo prejudicava alguém ou não. Jogar e beber só prejudicavam a si mesmo, mesmo que soubesse que sua mãe teria desaprovado. Então quando ele saía procurando jovens mulheres para bordéis, se justificava dizendo para si mesmo que as estava ajudando. A maioria delas tinha sido expulsa ou fugido de casa e muitas cresceram em orfanatos. Ele sentia que, se não fosse por sua interferência, elas provavelmente morreriam de fome ou frio nas ruas.

Sly conseguia encontrar jovens e garotas nas estações de trem, escondidas do lado de fora dos bares, e nos mercados; na verdade, em qualquer lugar onde elas tivessem a esperança de receber comida ou bebida de um desconhecido gentil. Ele era este desconhecido gentil. E realmente acreditava que estava dando a elas muito mais do que uma refeição quente e simpatia: ele estava arrumando trabalho para elas em algumas das melhores casas da cidade.

Charles não era um homem cruel e não gostava nem um pouco das circunstâncias em que tinha adquirido esta última garota. Ele nunca levou alguém antes contra a vontade da pessoa, e certamente nunca tinha sequestrado uma inocente das ruas.

- Ela não parece as minhas habituais - ele disse quando tomou o último gole de uísque em seu copo e então o encheu novamente. - Não gosto disso.

- Não seja tolo, o que tem de tão diferente nela? - Kent perguntou, meio surpreso com a visão de seu amigo. - Ela é mais velha do que algumas que você pegou e sua casa não era boa. Além disso, você sabe que eu não tive escolha a não ser fazer isso. Ela podia ter me mandado para a forca.

Kent admitira que ele tinha estrangulado uma prostituta em Seven Dials, mas Sly não estava totalmente certo se acreditava que a garota que testemunhara o crime contaria algo. As pessoas em Seven Dials aprendiam cedo a não dedurar ninguém. Kent era seu parceiro, embora, além de ser o tipo de homem com quem ninguém gostaria de cruzar pelo caminho, era também quem falava com os donos dos bordéis quando tinham uma nova garota para vender. Sly precisava mantê-lo tranquilo, mas também conversar com ele.

- Ela é esperta e não será fácil moldá-la - Sly argumentou, pois Kent planejava vender Belle para um bordel na França. - Eu estou te dizendo, ela vai dar mais problema do que lucro. Vamos levá-la de volta para Londres amanhã à noite e largá-la perto da casa dela?

- Não seja estúpido. Não podemos fazer isso, você sabe por quê.

- Mas ela não tem ideia de onde é este lugar - Sly falou. - Nem sabe nada sobre você. E sua mãe não vai causar problema se ela for devolvida ilesa. Podemos ir direto para Dover depois de largá-la e pegar um barco para a França como planejamos.

Sly pode não ter tido sorte suficiente para ter nascido com boa aparência, pois ele era baixo, tinha o nariz curto e largo, mas possuía um certo carisma que lhe ajudava bastante com os dois sexos. Os homens o viam como uma

companhia divertida, admiravam sua natureza astuta, determinação e força. As mulheres gostavam do jeito como fazia com que se sentissem a pessoa mais importante no mundo quando falava com elas. Sly tinha os modos e o comportamento de um cavalheiro, mas com um lado animalesco que elas achavam muito atraente. Seu charme era tão forte que, muitas vezes, uma garota que deveria vê-lo como seu carrasco teimosamente o defendia de todos que o criticavam.

Kent, ou melhor Frank John Waldegrave, que era seu verdadeiro nome, nascera como nobre no norte da Inglaterra. Mas embora o patrimônio de sua família fosse grande, como era o terceiro filho e o de que seu pai menos gostava, ele soube desde cedo que não herdaria nada de valor. Com inveja de seus irmãos mais velhos e magoado por sua mãe e sua irmã nunca o defenderem, Frank saiu para o mar com um complexo de inferioridade que crescia

a cada depreciação ou humilhação por que passava.

Juntar-se à marinha mercante era provavelmente a pior carreira possível para um jovem que não gostava de receber ordens, tinha dificuldade em fazer amigos e estava acostumado com os grandes espaços do yorkshire Moors. Ele tinha uma mente perspicaz que combinava muito mais com contabilidade, direito ou até medicina, mas em vez disso, se viu obrigado a compartilhar todas as suas horas acordado com o tipo de homens sem educação como os que trabalhavam na propriedade de sua família.

Frank não tinha mais sucesso com as mulheres do que tinha em fazer amizade com pessoas do mesmo sexo. E de volta a terra firme, em Dover, um cavalheiro bem-educado que era apenas um marinheiro comum não tinha nada de especial. Ele gostava de pensar que as

atendentes das lojas e as empregadas que conhecia achavam que ele estava muito acima delas, quando, na verdade, era ele que não sabia como falar com as mulheres. As moças de classe média ou alta com quem Frank podia se sentir mais à vontade não frequentavam salões e casas de baile onde os marinheiros se reuniam.

Ele tinha uns 20 anos quando, numa noite em Dover, foi levado a um bordel e achou que as garotas de lá tinham gostado dele. Escolheu acreditar nisso porque elas o escutavam com atenção e estavam dispostas a dar-lhe exatamente o que queria. Frank até provou isso para si mesmo dezenas de vezes quando era bruto com uma delas porque estava com raiva. Elas não reclamavam ou se recusavam a vê-lo na próxima vez em que seu navio atracasse. Elas gostavam disso.

Dez anos atrás, quando Frank tinha 28 anos, seu tio Thomas, irmão mais novo de seu pai, morreu. Para sua surpresa, o tio havia feito do sobrinho seu único herdeiro. Frank não tinha ideia do porquê disso, pois nunca teve muito a ver com o tio, mas só conseguia supor que Thomas sentira que ele era maltratado pela família e simpatizou com ele.

Thomas não era um homem muito rico, era dono de pequenas propriedades no país; possuía somente alguns cortiços em Seven Dials e uma dezena de esquálidas casas em Bethnal Green. Frank ficou horrorizado na primeira vez em que viu o lugar que eles chamavam de Core. Os prédios dilapidados em Seven Dials eram cheios de vagabundos e inúteis que existem nas cidades. As casas em Bethnal Green eram tão ruins quanto essas - nem para abrigo de animais elas deveriam servir. Frank cobriu o nariz, fechou seus olhos para a miséria ao redor e foi para um confortável hotel. Mas, no

dia seguinte, qualquer dúvida que tinha a respeito de viver da renda dos aluguéis dos imóveis desapareceu, pois Frank se deu conta de que isso significava que poderia desistir do mar e viver uma vida muito confortável com o mínimo de esforço. Ele se tornara adulto na época em que estava na marinha, e se acostumou a pressionar os outros. Assim, a perspectiva de se tornar o proprietário de cortiço o animou.

Foi naquele momento que ele adotou o nome Kent.

Na linda vila de Kent, em Charing, não muito longe de Folkestone, onde ele pretendia ter uma casa permanente, ele seria um tranquilo e respeitável cavalheiro, livre de responsabilidades, Frank Waldegrave. Mas em Londres, como John Kent, o implacável administrador de propriedades, ele poderia exercitar todas as suas fantasias - prostituição, canalhice, jogo e extorsão. Não precisava de amigos se tivesse

pessoas que obedecessem às suas ordens por medo.

Ironicamente, quando realmente acreditava que amizade não era para ele, Frank conheceu Sly em um jogo de cartas na sala dos fundos de um *saloon* na Strand Street. Alguma coisa aconteceu entre eles, estavam na mesma sintonia. Sly uma vez dissera gargalhando que era porque um possuía características que faltavam no outro. Talvez ele estivesse certo, pois Kent admirava o jeito fácil como Sly lidava com as pessoas e Sly, por sua vez, admirava a frieza de Kent.

Qualquer que fosse a razão para a amizade deles, os dois tinham o mesmo objetivo, embora, naquele momento, não soubessem qual era. Mas logo ficou claro que queriam controlar os vícios e o jogo em Seven Dials e se tornarem extremamente ricos fazendo isso.

Foi Sly quem apelidou Kent de "o Falcão". Ele dizia que nunca conhecera nenhum homem com um olho tão perspicaz e predador. E Kent gostou do nome para ser disseminado ao redor, pois ele sabia que isso o faria temido.

Belle acordou ao ouvir um galo cantando por perto e seu primeiro pensamento foi de que aquele deveria ser um galo maluco, pois ainda era noite. Mas como ela ficou deitada por alguns instantes, cheia de medo sobre o que o dia seguinte traria, percebeu três pequenas faixas de luz através do quarto gelado e se deu conta de que estava olhando para as rachaduras nas tábuas presas na janela , e que havia luz lá fora.

Ela tinha se esquecido de que seus tornozelos estavam amarrados e quando se levantou para usar o penico, quase caiu. Belle então foi espiar através da maior rachadura nas tábuas, e embora sua visão fosse muito limitada, podia

ver árvores por perto e um campo aberto além delas, ainda com manchas de neve em cima da terra descoberta. Para uma garota da cidade que crescera cercada por casas e bombardeada com o barulho do trânsito, aquilo era sombrio e assustador.

Como dormira com suas roupas e não tinha escova ou água para se lavar, voltou para a cama para esperar qualquer que fosse o destino que os homens tinham guardado para ela.

Apesar do terror, Belle devia ter caído no sono, pois a próxima coisa que viu foi Sly mandando-a se levantar.

- Trouxe água quente para você se lavar - ele disse, e na escuridão ela podia ver o vapor subindo de um jarro dos utensílios para a lavagem. - Há um pente lá também. Voltarei em dez minutos.

Seu terror diminuiu um pouco , pois certamente ninguém daria água quente e um pente a alguém que pretendia matar. Ela começou a pedir a Sly uma explicação, mas ele rapidamente saiu novamente pela porta e a trancou.

Sly voltou, como disse que o faria. Pegou o casaco dela da cama, e em seguida segurou seu braço quando estavam nas escadas, mas a levantou e a jogou nos ombros em vez de fazê-la andar.

Belle então teve a chance de ver mais partes da casa dele porque a luz do dia estava fluindo através das janelas. Era de um tamanho razoável, ela imaginava que teria por volta de seis cômodos em cada um dos dois pavimentos. Era um lugar muito antigo com teto baixo, vigas e pisos irregulares, e nem luz a gás tinha. Por meio de uma janela levantada quando estava sendo posta no chão viu ligeiramente a imagem de vacas sendo ordenhadas em um

galpão perto da casa, e percebeu que estava na casa grande da fazenda. Mas também estava claro que Sly não a administrava, outra pessoa, provavelmente o homem chamado Tad o fazia, e ela imaginou que nenhuma mulher nunca entrava lá, por isso estava tudo tão cheio de poeira e largado.

Belle olhou de um para o outro homem enquanto comia a tigela de mingau que Kent tinha dado para ela. Os dois homens estavam em silêncio, ela sentia que estavam em desacordo a respeito de algo, e era provavelmente sobre o que fazer com ela.

- Você sabe ler e escrever?

A pergunta de Kent pegou Belle de surpresa.

- Por que quer saber? - ela perguntou.

- Apenas responda - ele estrilou.

Ocorreu a ela que podia ser uma boa ideia se fingir de ignorante, desse jeito eles seriam menos prudentes com ela.

- Não, não sei - ela mentiu. - Nunca fui para a escola.

Ele fez uma expressão desdenhosa como se já esperasse isso, e Belle sentiu que tinha ganhado uma vantagem.

- O que vocês vão fazer comigo? - ela perguntou.

- Não faça tantas perguntas - ele respondeu. - Termine este mingau. Você não vai ter mais nada para comer por um tempo.

Com isso Belle sentiu que deveria se alimentar o máximo que pudesse e não apenas comer todo o mingau, mas também duas gordas fatias de pão nas quais ela passou manteiga

generosamente. Sly serviu a ela uma segunda xícara de chá e piscou para sua companheira.

A piscada a animou, pois parecia que ele estava do lado dela.

Ela mal tinha terminado de acabar de beber o chá quando Kent colocou seu sobretudo e enrolou um cachecol no pescoço. Então pegou o casaco de Belle e passou para ela, ordenando secamente que ela o colocasse.

Em menos de dez minutos ela estava sendo conduzida para fora da porta da frente onde uma carruagem, provavelmente a mesma da noite anterior, estava esperando. Sly a levou para fora dali levantando-a e colocando para dentro, enquanto Kent voltou para casa para fazer algo. O Sol tinha saído, e embora fosse fraco e invernal e as árvores em volta da casa grande estivessem peladas, aquele era um lindo cenário.

- Você vivia aqui quando era um garoto? - Belle perguntou a Sly.

Ele deu um meio sorriso.

- Sim, quando eu tinha sua idade, achava que não havia lugar mais bonito que este e pretendia ordenhar vacas e ajudar com a colheita.

- O que fez você passar de fazendeiro a ajudante de assassino? - ela perguntou corajosamente.

Ele hesitou por um segundo antes de responder, e ela esperava que fosse porque tinha perturbado sua consciência.

- Sugiro que você não faça esse tipo de pergunta - ele respondeu, olhando severamente. - Ou diga qualquer coisa que possa irritar Kent. Ele tem pavio curto.

As mãos de Belle foram amarradas de novo antes de a carruagem deixar a fazenda, e ela foi colocada perto da janela, virada para a frente. A cortina foi abaixada para que ela não pudesse ver para onde estava indo. Mais uma vez, Kent sentou-se ao lado dela. Sly ficou sentado na direção oposta, mas ele tinha sua cortina levantada e podia olhar para fora.

O andar da carruagem e o constante trotar dos cavalos fez Belle dormir, mas embora ela mantivesse a cabeça inclinada, estava suficientemente acordada para ouvir os dois homens falando bem baixo. A maior parte das vezes discutiam coisas que não significavam nada para ela, mas ela ficou atenta quando ouviu Sly mencionar Dover e um navio.

- Eu preferia navegar à noite, e só dizer que ela está cansada ou doente - Sly disse.

- É melhor assim, sem riscos. Vamos levá-la direto para a cabine e mantê-la ali.

Desta pequena conversa Belle captou que não apenas a levariam para fora do país em um navio, mas estavam preocupados de alguém vê-la e imaginar que ela fora sequestrada. Enquanto a ideia de estar fora do país a deixava tão apavorada quanto na noite anterior, saber que eles estavam ansiosos lhe dava prazer. Ela pensava que podia significar uma oportunidade de conseguir ajuda ou escapar. Belle continuava fingindo estar dormindo na esperança de que eles dissessem mais alguma coisa. Mas nada mais foi dito, e Belle se preparou para gritar quando surgisse uma boa oportunidade.

Subitamente a carruagem passou em cima de cascalhos e parou. Belle continuava fingindo dormir, mas quando estava sendo carregada para fora da carruagem por Kent, ela lutou com ele e gritou.

- Pare com o barulho - Kent silvou, colocando a mão na boca de Belle.

Ela sabia que estavam nas docas de Dover como ela esperava, mas a uma curta distância de uma pequena, mas muito bonita casa de madeira pintada de branco com azul na porta da frente. O imóvel pare-cia uma daquelas cas-as típicas retratadas em caixas de chocolate, com

o jardim geralmente brilhante e flores iguais às do verão. Mas mesmo em janeiro o jardim era bonito, com arbustos cortados de diferentes formas e muitos ramos cobertos por bagas vermelhas.

À primeira vista, ela pensou que a casa era isolada, mas quando olhou em volta, viu que ficava no meio de duas outras, com apenas uma cerca separando-as. Era óbvio que Kent estava com medo de que alguém a ouvisse e

fosse ver o que estava acontecendo. Mas ele segurou sua boca com força para o caso de ela gritar de novo enquanto a arrastava em direção à porta da frente.

Logo que estavam dentro da casa, Kent a amordaçou com um lenço branco.

- Não acho que você vai ficar quieta - ele disse.

Belle foi deixada de pé na sala, amordaçada e ainda com as mãos e calcanhares amarrados, conforme os dois homens subiram as escadas. Ela imaginou que aquela deveria ser a casa de Kent, pois ele tinha puxado um chaveiro de seu bolso e selecionado a chave certa do molho só de olhar para ele. Se era a casa para a qual ele pretendia levar Millie, ela teria gostado, pois era um lugar muito bonito.

Naturalmente, Belle não conseguia ver o lugar por inteiro, não de onde estava na sala, mas o que podia ver tinha um estilo feminino e adorável. O chão de madeira da sala era brilhante e polido, com um tapete azul felpudo no meio, e havia uma cúpula de cristal com três pássaros empalhados empoleirados na árvore dentro dela. As escadas tinham um espesso carpete azul e dourado e havia um pequeno candelabro de cristal que brilhava. Belle se moveu lentamente para que pudesse ver dentro da sala de estar, que era decorada e mobiliada em tons de azul e verde, com centenas de livros em uma estante que ia do chão até o teto.

Aquilo, porém, não parecia combinar com um bruto como Kent. Confusa, ela estava prestes a ir em frente para poder ver mais quando os homens reapareceram no topo das escadas, carregando um grande baú vermelho com eles. O coração de Belle parou porque era óbvio para o

que aquilo serviria. Movendo-se lentamente de volta em direção à porta, ela implorou ao Sly com os olhos para não fazer aquilo.

- Não será por muito tempo - ele disse se desculpando.

Eles desceram o baú pela escada e abriram-no na sala.

- Não tem buracos para respirar - Sly disse, olhando para Kent.

- Então faça alguns - Kent disse de maneira impertinente e foi em direção à parte de trás da casa.

Só a ideia de ser trancada em um espaço pequeno deixou Belle em pânico e ela mal podia respirar. Ela conseguia ver que precisaria manter seus joelhos dobrados para caber, mas se estavam preparados para ir tão longe para

escondê-la em um navio, o que iam fazer com ela quando a levassem para a França?

Kent voltou pelo corredor com um copo em sua mão. Ele o largou em cima da mesa da sala, empurrando Belle na direção de uma cadeira, então tirou sua mordaça.

- Beba isso - ele ordenou, segurando o copo em sua boca.

- O que é isso? - ela perguntou.

- Você sempre tem uma pergunta - ele disse, olhando irritado. Então segurou sua cabeça por trás enquanto pressionava o copo na boca dela. - Beba - ele ordenou.

Belle sentia que ele iria bater nela se não o obedecesse, então engoliu aquilo cautelosamente. Tinha gosto do remédio com semente de anis que Mog dava a ela quando

tinha dor de barriga, mas apenas para a mais forte.

- Vamos, beba tudo - Kent alertou.

Não havia opção a não ser fazer o que ele tinha dito. Quando ela o bebeu sabia que Sly tinha uma cinta e uma pequena ferramenta na mão e estava fazendo pequenos buracos nos lados do baú.

Uns quinze minutos depois, após ter sido levada para cima para usar o banheiro, Belle foi carregada para baixo e colocada no baú. Sly tirou a corda dos seus tornozelos e suas botas. Colocou um cobertor embaixo dela, uma almofada em sua cabeça como travesseiro, depois outro cobertor sobre ela. Mesmo tão aterrorizada, ela se sentiu tocada ao ver que Sly estava tentando deixá-la confortável. Belle não achava que Kent se preocuparia se ela estivesse sofrendo, com frio ou com fome.

- Você ficará bem aí - Sly disse gentilmente. - Vai dormir em pouco tempo, e estaremos lá quando você acordar.

- Apenas me conte o que vocês vão fazer comigo, é tudo que eu preciso saber - ela implorou.

- Vamos te levar para fora do país e isso é tudo que você precisa saber. Agora, silêncio!

Belle ainda estava acordada quando carregaram o baú com ela dentro para a parte de trás da carruagem. Ela sentia a carruagem avançar, podia ouvir o ruído das rodas, o cheiro do cachimbo do Kent e até a voz dos dois homens, embora eles não estivessem falando alto o suficiente para ela ouvir o que estavam dizendo. Mas subitamente ela sentiu como se estivesse sendo sugada cada vez mais para algum lugar escuro e incapaz de impedir que isso acontecesse.

- Tente o sal aromático - Kent sugeriu.

Sly puxou o pequeno frasco para fora de seu bolso e tirou a cortiça, então se curvou no baú aberto e o passou embaixo do nariz de Belle. Seu nariz contraiu-se e ela involuntariamente virou a cabeça para longe.

- Você deu muito para ela - Sly disse acusadoramente. - Uma criança como ela só precisa de algumas gotas; ela podia ter morrido no baú.

O navio teve um atraso de três horas por conta de mau tempo e a viagem demorou mais do que esperavam. Sly tinha tentado acordar Belle quando estavam na cabine do navio. Ele tinha a intenção de dar a ela bebida quente e comida, mas ela não acordava e ele começou a temer que nunca o faria. Eles saíram de Calais em uma carruagem alugada, e como eram duas

da manhã, estavam preocupados que o bordel estivesse fechado quando chegassem até lá.

- Ela está acordando - Kent disse, movendo a vela que ele estava segurando perto do baú. - Olha, suas pálpebras estão se mexendo.

Sly suspirou aliviado quando viu que Kent estava certo.

- Belle! - ele disse, dando uma palmadinha em sua bochecha. - Acorde, acorde!

Ele desejou tanto ter se recusado a ajudar Kent com esta garota. Deveria ter calculado que ele não estava dizendo a ele toda a verdade. Antes de eles sequestrarem Belle, Kent disse que ela era uma prostituta que tinha testemunhado o assassinato da amiga e que ela só precisava ser removida de Londres por um tempo. Eles chegaram perto do bordel de carruagem, meia hora antes do funeral da garota,

e Kent esperava que a garota que ele procurava fosse ao funeral. Mas apenas duas mulheres mais velhas, usando roupas pretas, saíram carregando uma coroa, e quando Kent estava dizendo que eles deviam esperar alguns minutos e pegar a garota rapidamente, ela saiu.

Sly a viu apenas de longe, o suficiente para observar que ela estava se demorando perto do Ram's Head, como se esperasse por alguém, e havia muitas pessoas ao redor para raptá-la ali. Então ela foi na direção do mercado e eles não podiam segui-la de carruagem. Mas Kent disse que ela voltaria antes das duas mulheres mais velhas retornarem do funeral, então eles esperaram.

Só nesse momento que Kent contou seu plano de vendê-la para um bordel francês. Sly não tinha problemas com isso, afinal de contas já tinham pegado garotas para a França e para a

Bélgica antes, e ele achou que a prostituta em questão tinha 18 anos ou mais. Quando Kent avisou que ela estava chegando e disse a Sly para sair e agarrá-la, já estava muito escuro.

Foi apenas quando a garota estava na carruagem e Kent bateu nela para que parasse de gritar que Sly viu que ela era um pouco maior que uma criança e muito bonita, bem cuidada por alguém. Quis exigir que Kent parasse a carruagem e a deixasse ir, mas Kent tinha observado mais cedo que, se ele fosse condenado por assassinato, muitos outros crimes viriam à tona, muitos nos quais Sly estava envolvido. Sly sentia que não tinha escolha a não ser continuar com aquilo e esperar que depois pudesse falar com Kent.

Na noite anterior, depois de a garota ter sido trancada no andar de cima, Sly pediu a Kent para não continuar com o plano. Mas ele não foi persuadido. Ele disse que havia muito

dinheiro em jogo, e, além disso, se voltassem atrás não teriam escolha a não ser matá-la, pois ela sabia demais.

Já era ruim o suficiente eles a estarem levando para a França, mas Sly ficou preocupado quando Kent quis colocá-la no baú. Esperar tanto tempo em Dover deve ter sido um dos momentos mais agoniantes por que ele já tinha passado. Se ela acordasse e começasse a bater no baú, alertando as pessoas, Sly sabia que estaria diante de um tempo muito longo na prisão.

Mas olhando-a agora à luz da vela seu coração apertou e, falando com Deus, ele desejou que nunca tivesse se envolvido com Kent. Belle estava muito pálida agora, mas ele ainda achava que nunca tinha visto uma garota mais bonita. Ela tinha um cabelo brilhante escuro, com cachos caindo encantadoramente por todo o seu rosto e lábios vermelhos carnudos. Mas não

era apenas sua aparência, ele admirava sua valentia também, pois a maioria das garotas em sua idade teria gritado sem parar desde o momento em que foi capturada. Ela não tivera medo de apelar para o lado bom dele, e agora, ao pensar no que aconteceria com ela, desejou ter sido corajoso o suficiente na noite passada para ajudá-la a escapar da casa grande.

Kent não tinha dito o quanto ele estava pedindo por ela em Paris, mas Sly sabia que jovens virgens eram um grande negócio para qualquer um com esse tipo de preferência. E uma linda como Belle, que ainda tinha jeito de criança e o corpo ainda não totalmente desenvolvido, valeria uma pequena fortuna.

Sly apreciava mulheres crescidas e experientes, e ele não tinha tempo para homens que desejavam crianças. Mas podia deduzir que aquele tipo de dona de bordel que fazia parte deste tipo de negócio era provavelmente cruel

e mercenária também. Ela com certeza faria Belle passar como virgem várias vezes e depois, quando ela fosse apenas mais uma prostituta, e não mais desejável para a função, ela possivelmente passaria fome, se viciaria em drogas e seria constantemente humilhada até seu espírito ser destruído.

O estômago de Sly revirava e ele tinha que respirar profundamente para não passar mal.

- Onde estamos? - Belle perguntou quando abriu os olhos.

- Na França - Sly disse e colocou a mão embaixo de sua cabeça para ajudá-la a se sentar no baú. - Você está com sede?

Ela passou sua língua nos lábios e franziu as sobrancelhas.

- Não sei, me sinto muito estranha.

Sly não fez nenhum comentário. Desejou que pudesse ser um homem de verdade e enfrentar Kent. Mas desviou os olhos do lindo rosto de Belle e tentou dizer a si mesmo que não era culpa dele ela estar ali.

Passou algum tempo antes que chegassem à cidade. Belle não conseguia mensurar quanto tempo havia passado enquanto ela estava dormindo, mas sabia que eles estavam em uma cidade, pois a carruagem ia lentamente, o que indicava que estava indo por ruas estreitas. Ela podia ouvir gargalhadas, o romper de diferentes tipos de música, canções e gritaria, e havia também um cheiro acre de algo cozinhando.

- Alguém fala inglês no lugar para onde eu vou? - ela perguntou.

- Duvido - Kent disse, e deu um sorriso maldoso como se sentisse prazer nisso.

Como ela tinha ficado muito tonta ao acordar, não ficou com medo, mas o sorriso de Kent fez Belle acordar de seu estado sonolento de sobressalto. Isso significava que ele planejara algo muito ruim para ela. O terror voltou dez vezes mais forte, e quando ela olhou para Sly foi apenas para se assegurar de que os olhos dele não encontrariam os seus.

- Você deve saber muito bem para onde estão me levando - ela disse com a voz estremecida de medo. - Afinal de contas, se não falam nada de inglês, não os entenderei, então como vou ser capaz de fazer o quer que seja que vocês estão planejando?

Os homens trocaram olhares.

- Vou ser uma empregada? - ela perguntou diretamente a Kent, e quando nenhum dos dois respondeu, Belle indagou: - Ou é algo de longe muito pior do que isso?

Ela esperou por alguma resposta, mas não houve nenhuma. Sly ficou incomodado ao ouvir o nome dele e olhava para todo lugar exceto para ela.

- Você acha que só porque você está me deixando aqui em um país estranho eu não serei capaz de achar meu caminho de volta para a Inglaterra e ir à polícia e contar a eles que você matou a Millie? - ela disse para Kent, tentando soar mais corajosa do que se sentia. - Aposto que eu podia até achar o caminho para sua casa. Aquelas casas de madeira são raras. Você sabe que as pessoas em Seven Dials quebrarão seu código de silêncio para minha mãe. Elas logo falarão quem é este homem, o Falcão, e seu capanga chamado Sly. Eles não vão gostar de você ter me sequestrado na rua.

Kent então reagiu, esbofeteando-a com força no rosto.

- Cale a sua boca - ele silvou. - Para onde você vai, fará exatamente o que mandarem ou não viverá para ser desobediente uma segunda vez. Quanto a voltar para a Inglaterra, você nunca terá essa oportunidade.

O rosto de Belle latejava, era como se estivesse inchando, e ela que-ria chorar, mas estava determinada a não dar a ele esta satisfação.

- Não tenha tanta certeza - ela disse.

Kent estava prestes a bater nela de novo, mas Sly deu um salto para frente e o impediu.

- Não estrague a mercadoria - ele disse.

Esta palavra, mercadoria, dizia tudo para Belle. Ela era apenas um produto para estes homens, como um saco de roupas, uma caixa de uísque ou um monte de carne que seria

vendido para outro. Além disso, podia adivinhar para quem iriam vendê-la. Ela podia ter descoberto apenas recentemente o que eram os bordéis afinal de contas , mas sabia, com toda certeza, que estava indo para um. Belle queria acreditar que iria apenas ser uma empregada para as garotas como Mog era, mas ninguém contrabandearia alguém em um navio e levaria tão longe só por isso. Logo, a verdade era que ela estava sendo vendida para ser uma prostituta!

Belle queria gritar e depreciar os dois homens, mas sabia que apenas deixaria Kent com raiva e ele podia até asfixiá-la se estivesse suficientemente irritado.

Mog sempre dizia que Belle tinha mais truques na manga do que um mágico. Ela então respirou fundo para se acalmar. Ela não ia ser morta e não acreditava que alguém fosse bater nela, não se quisessem que ela tivesse boa

aparência. Tudo que precisava fazer era usar a cabeça para encontrar um jeito de escapar. Sem protestar ou fazer uma confusão para começar; talvez assim eles desistissem de vigiá-la constantemente.

Alguns minutos depois a carruagem parou. Kent saiu primeiro e alcançou Belle para descê-la, segurando seu braço com força para que ela não pudesse fugir. Sly seguiu-os imediatamente. Eles estavam em uma área lúgubre de casas altas e com luz a gás, mas a luz das janelas de um bar alcançava uns 15 metros da rua pavimentada. O lugar estava quase pulsando com música, pés dançando e risadas.

- Parece que ninguém dorme aqui - Sly disse, e ele parecia se sentir aliviado.

Kent disse algo para o condutor. Belle presumiu que ele estava falando francês porque ela não entendia nenhuma palavra. Então, com

Kent ainda segurando seu braço direito e Sly o esquerdo, eles desceram em um beco estreito e em uma pequena quadra. Belle olhou para Sly questionando-o, mas ele virou o rosto para o outro lado.

Outro pequeno bar na quadra ainda estava aberto, luzes douradas saíam das pequenas janelas, mas todas as outras lojas estavam fechadas e não havia ninguém em volta exceto uma dupla de homens muito bêbados. Simultaneamente os dois homens apertaram as mãos nos braços de Belle e Kent pôs a outra mão sobre a boca dela.

A casa em que os homens iam deixá-la ficava em uma esquina, longe dos vizinhos. A quadra era muito pouco iluminada por duas lâmpadas a gás, mas mesmo assim Belle podia ver o suficiente da casa para sentir calafrio. Era maior que a maioria das casas da vizinhança, com quatro andares e com ogivas e beirais góticos.

As janelas eram longas e a maioria delas estreitas, pareciam ser persianas. Em dois postes ladeados de cinco ou seis degraus, à frente da varanda, havia grifos de madeira. Uma fraca luz vermelha brilhava sobre a porta da frente na varanda de estilo gótico. Aquele lugar lembrou a Belle uma casa de bruxa que ela tinha visto em um livro quando era pequena.

Logo após tocarem a campainha a porta foi aberta por um homem grande em roupas de noite. Ele olhou para baixo e para Belle com uma certa surpresa, mas Kent falou em francês rapidamente e o homem mostrou que eles podiam entrar.

Belle podia ouvir música, conversas e risadas vindas do salão à sua esquerda, mas quando a porta se fechou não podia ver quem estava lá. O homem que os permitira entrar desapareceu no salão à sua direita. Belle deu uma rápida

olhada e viu um tapete estampado azul-escuro, mas nada mais.

Esperando em uma sala ampla com uma escadaria ornada com entalhes atrás dela, Belle percebeu que a sala e o tapete da escada eram puídos, e que o papel de parede escuro estava manchado. Só um candelabro acima dela impressionava; era duas vezes o tamanho do que ela tinha em casa, e os cristais tremiam e cintilavam com a corrente de ar da porta da frente, mas ninguém tinha se incomodado em colocar velas em todos os castiçais. Belle achou as pinturas nas paredes muito antigas; eram todas de mulheres nuas, mas o artista tinha dado a elas rostos de animal.

O porteiro saiu de novo e disse algo para os homens, e ainda segurando o braço de Belle dolorosamente, Kent a levou para o quarto, com Sly falando atrás.

Mog teria descrito a mulher que estava em uma grande e muito polida mesa, como "cara de machado". Nem um sorriso de boas-vindas surgiu em seu rosto magro. Ela era alta, delgada e muito elegante em um vestido de noite de tafetá, seu cabelo escuro era elaboradamente encaracolado e colocado para cima, mas os olhos que estudavam Belle eram mortos, como os de um peixe em uma placa de mármore na peixaria.

Ela falava rápido, usando as mãos para se expressar. Belle não podia entender uma palavra e não achava que Kent entendesse tudo também, e de vez em quando ele tinha de parar a mulher, que suspirava profundamente e revirava os olhos, então repetia o que ela tinha dito mais lentamente. Ele sussurrou algo para Sly algumas vezes também, mas Belle tinha a impressão de que era algo que ela não podia ouvir, que ele escondia algo da mulher.

Eles finalmente pareceram chegar a algum tipo de acordo, pois a mulher deu a volta na mesa e apertaram as mãos. Ela então se aproximou de Belle, que ainda estava de pé entre os dois homens, pôs sua mão debaixo do queixo e o levantou para estudar seu rosto mais de perto.

- *Très jolie* - ela disse, e Belle imaginou que era um cumprimento, visto que os dois homens sorriram.

Eles conversaram mais um pouco e a mulher serviu um conhaque para cada um e tocou um sininho em sua mesa.

Uma mulher usando um vestido liso preto e com cabelo grisalho entrou; Belle sentiu que ela devia ser uma governanta ou empregada doméstica.

A mulher na mesa deu algumas instruções e a mulher mais velha se virou para Belle, sorriu e

segurou-a pela mão. Belle a ignorou, apesar de a mulher lembrar um pouco Mog.

- Madame Sondheim quer que você vá com sua empregada doméstica que se chama Delphine - Kent traduziu. - Ela vai dar a você sopa e colocá-la na cama. Ela imagina que você esteja cansada e com fome. Madame falará com você mais tarde, quando estiver descansada.

- Vocês vão me deixar aqui? - Belle dirigiu sua pergunta a Sly. Ela odiava Kent, mas Sly não parecia ser tão cruel e frio, e ele pelo menos era inglês e seu último contato com sua casa.

- Sim, Belle. - Quando Sly falou sua voz parecia um pouco estranha, como se tivesse algo em sua garganta. - Faça o que mandarem e você ficará bem.

- Por favor, mande uma mensagem para minha mãe que estou bem? - ela implorou para ele. - Só ela e Mog se preocuparão.

Apesar de fazer esse apelo, ela sabia o quanto isso era absurdo. Dois homens que podiam sequestrar uma jovem garota e vendê-la para um bordel não iam perder o sono por causa da ansiedade da mãe dela. Amanhã, no entanto, quando fosse claro, ela encontraria um jeito de escapar.

Mas quando Delphine pegou com firmeza o pulso dela em direção à porta, Belle viu a expressão triste de Sly.

- Por favor, Sly? - ela chamou. - Só uma nota por baixo da porta, qualquer coisa para que elas saibam que estou viva!

Capítulo 9

Depois de sua conversa com Jimmy e Garth, Noah Bayliss gastou o resto do dia na vizinhança falando com as pessoas. Com as garotas da casa da Annie foi decepcionante, elas não sabiam de nada pessoal sobre Kent, não estavam de acordo nem com a descrição dele. Mas foram unânimes em dizer que era um homem frio e duro que não se incomodava em bater em mulheres.

Em outro lugar Noah tinha dito que o homem, geralmente conhecido como o Falcão, administrava propriedades perto de Bethnal Green, e cortiços em Seven Dials conhecidos como Core. Todo mundo parecia nervoso até em falar muito sobre ele e muitas pessoas diziam a Noah que ele não deveria procurar problema.

Mais tarde, às 5 da noite, Noah foi chamado aos escritórios do *Herald* em Fleet Street e foi

dar uma palavra com o subeditor, Ernie Greensleeve. Ele sempre tinha admirado o homem esquelético e de cabelo rebelde por seu entusiasmo pelo jornalismo investigativo. Ernie gostava nada menos do que cavar a sórdida verdade, e quanto mais terrível ou trágica fosse, ou quanto mais conhecidos os envolvidos na história eram, mais animado ele ficava.

Noah contou-lhe um resumo da história sobre o assassinato de Millie e o desaparecimento de Belle e perguntou a Ernie onde ele podia ir em seguida para obter informações sobre Kent.

- Ouvi rumores sobre este homem - Ernie disse, coçando sua cabeça e deixando seu cabelo mais desarrumado ainda. - Alguns anos atrás houve boatos de que ele estava envolvido em tráfico de garotas. Mas todas as linhas de investigação deram em nada. Isso deve significar que ou os rumores não eram verdadeiros ou que ele tinha amigos no alto escalão ou ainda

que é suficientemente esperto para não deixar pistas. Mas eu perguntaria nos arredores novamente e veria se alguma coisa mudou.

- Você tem algum jeito de descobrir se a polícia está investigando direito? - Noah perguntou. - Afinal de contas é um assassinato, e agora um sequestro que pode levar a um segundo assassinato. Certamente como são crimes graves, não podem simplesmente ser varridos para debaixo do tapete, nem mesmo se a vítima de assassinato for uma prostituta...

- Um dos maiores problemas que este país precisa enfrentar é a incompetência da força policial - Ernie disse com um suspiro. - Isso facilita o crescimento da corrupção. Nós temos impressão digital agora, então deveria ter dobrado o número de condenações este ano, mas até agora isso não está acontecendo. Porém, verei o que posso fazer, e você continue

tentando encontrar pessoas com quem falar nos arredores de Seven Dials.

Quando Noah entrou no Ram's Head às sete da noite, Jimmy achou que ele parecia cansado e abatido.

- Sem sorte ainda? - ele disse.

- Bem, descobri que ele está envolvido em alguns cortiços em Bethnal Green e no Core. Como os dois lugares são o inferno na terra, isso no mínimo é evidência de que ele não tem escrúpulos quando se trata do sofrimento humano.

Core era o nome dado ao terrível cortiço que havia ali em Seven Dials. Jimmy tinha um tipo de fascinação e horror em relação ao lugar. Dizia-se que mais de doze pessoas dormiam em muitos dos quartos e o único saneamento consistia em uma torneira em cada quintal e uma

latrina que era um perigo para a saúde. Ele sempre tinha imaginado por que o lugar era conhecido por este nome estranho, mas ninguém parecia saber. Seu tio Garth tinha dito que pensava que alguém tinha dito que ali era um lugar realmente ruim e o nome ficou.

Jimmy não conseguia imaginar como alguém suportava viver num lugar tão pavoroso. Viviam lá tanto indigentes, velhos, bêbados, doentes e deficientes mentais quanto criminosos e crianças que tinham também fugido ou foram expulso de suas casas na mesma proporção, mas ninguém deveria viver daquele jeito. Eles pediam nas ruas, vasculhavam ou roubavam e o lugar era um foco de doenças.

- O que você pensa do envolvimento dele? - Jimmy perguntou. - Ele é o proprietário, ou apenas um cobrador de aluguéis?

- Isso eu não sei - Noah disse. - Mas eu tenho alguém no jornal investigando isso.

Noah ficou no bar conversando até por volta de nove e meia, e depois foi para casa, Jimmy foi ajudar o Alf Perna de Pirata quando ele estava lavando alguns copos. Alf tinha perdido sua perna na guerra da Crimeia em 1850, quando era pouco mais que um garoto, e ficou desde então inválido para o serviço militar exército. Ele tinha passado o resto de sua vida adulta como um mendigo e fazendo bicos para todo mundo que o contratasse.

Alf vivia no Core. O homem tinha por volta de 70 anos e dividia um quarto com muitos outros em uma situação similar à dele. Se não fosse pela bondade de donos de bares como Garth, que o deixava lavar alguns copos e varrer o chão em troca de uma refeição quente e meia libra ou duas, ele não conseguiria sobreviver.

- Você conhece este homem que chamam de Falcão? - Jimmy perguntou quando ele secava copos para Alf.

- Sim, é do mal e uma cara ruim - Alf disse, depois olhou sobre seu ombro como se o homem pudesse estar lá. - Você não vai querer se envolver com ele.

- Por que tem medo dele? - Jimmy perguntou.

Alf fez uma careta. - Quando tiver minha idade e um homem puder jogar você na rua porque não gosta da sua aparência, também terá medo dele.

- Ele é seu senhorio? - Jimmy perguntou, querendo que Alf lhe falasse mais dele.

- Não sei se ele é o dono do lugar, mas certamente envia o bastardo pegajoso que vem coletar o aluguel. Ele tem espiões por toda

parte, se alguém consegue uma outra pessoa para ajudar com o aluguel, ele manda subir o valor. Eu não tive o aluguel uma noite e ele disse que se eu não o levasse até o escritório no dia seguinte eu estaria na rua.

- Você levou então? - Jimmy perguntou. Alf era tão magro e frágil que parecia que uma rajada de vento que soprasse acabaria com ele. Ele geralmente tinha um cheiro ruim, mas não podia ajudar com isso enquanto vivesse naquele lugar horrível. E Alf era um homem bom, completamente honesto.

- Sim, eu levei. - Alf revirou os olhos. - Ele estava sentado lá com os pés em cima da mesa, dando uma de lorde para cima de mim. Mas naturalmente nunca trabalhou um dia de verdade na vida.

- Então onde é o escritório dele? - Jimmy perguntou.

Jimmy mal podia conter sua alegria ao encontrar o escritório de Kent em Mulberry Buildings em Long Acre. Sabendo que seu tio não aprovaria que ele "arrombasse" e entrasse no escritório de um assassino, Jimmy esperou até o bar estar fechado à noite e Garth tivesse ido para a cama, depois ele saiu de mansinho e voltou lá.

Long Acre era perto do mercado do Covent Garden, uma rua que havia principalmente escritórios e pequenos negócios mais do que casas. Porque o mercado era mais movimentado durante a noite, e havia muitos jovens rapazes trabalhando lá, Jimmy se sentiu confiante que ele não pareceria suspeito de estar na área. Ele encontrou Mulberry Buildings facilmente, e quando olhou para a tabuleta do lado de fora, notou que a maioria dos moradores eram pintores e comerciantes aliados. Esperando que aquilo significasse segurança poderia ficar tranquilo de que eles dificilmente atrairiam

ladrões, então foi e virou em direção ao beco para tentar um jeito de entrar.

Ele não conseguia acreditar na sorte que teve ao achar uma janela aberta com uma rachadura no térreo. Mas infelizmente, quando ele estava dentro da sala de impressão, achou a porta interna que levava ao resto do prédio fechada. Ele tinha tomado a precaução de levar o molho de chaves sobressalente com ele, mas embora tivesse tentado todas elas, nenhuma abriria a porta, então ele saiu de novo pela janela e tentou em outro lugar.

Quando chegou no segundo andar ele viu uma pequena porta-balcão aberta de fácil acesso. Ele escalou no peitoril, colocou sua mão em uma janela pequena e abriu a parte mais larga embaixo.

Ele entrou no que parecia ser um depósito. Quando acendeu a vela que tinha trazido em

seu bolso viu centenas de caixas de papel para impressão empilhadas por todo o cômodo. Ele se esquivou delas e foi em direção à porta, que para sua alegria não estava fechada.

O depósito levava a um corredor estreito no qual havia cinco outras portas e quando ele andou pelo corredor viu uma pequena tabuleta em uma delas. Segurou sua vela mais de perto e leu "KENT, ADMINISTRAÇÃO".

A porta estava fechada e ele abaixou sua vela para tentar usar as chaves do molho. Para sua decepção, de novo nenhuma funcionou. Mas quando se curvou para pegar a vela, pretendendo desistir e sair do prédio, percebeu o capacho. Lembrou-se de que era onde sua mãe sempre deixava a chave para ele, então puxou-o para trás, e lá, para sua surpresa e entusiasmo, havia uma chave.

Quando entrou no escritório sentiu muito medo. Não havia persianas na janela e um policial do lado de fora que estivesse fazendo sua ronda suspeitaria imediatamente de uma luz em um escritório fechado. Por outro lado não havia muito o que procurar - o cômodo continha apenas uma mesa grande, duas cadeiras e um armário de arquivos de madeira quase idêntico a um em que seu tio mantinha toda a papelada do bar.

Nas gavetas da mesa só canetas, lápis, um livro de receitas e vários outros livros que, embora houvesse coisas escritas nele, não interessavam a Jimmy. Ele voltou sua atenção para o arquivo.

Havia poucas coisas lá, só alguns folhetos com alguns papéis neles, uma garrafa de uísque e o que podia ser uma soqueira, com quatro buracos por onde podia-se enfiar dedos. Ele experimentou o negócio espetado de ferro em sua

mão e percebeu que evidentemente ele tinha sido feito para um adulto com mãos grandes. Isso o fez estremecer, pois o dano que poderia causar no rosto de alguém era horrível demais para imaginar.

Jimmy retirou os folhetos e os levou para perto da vela na mesa bem rápido folheando-os rapidamente. Nos principais havia cartas de reclamação de várias fontes sobre o estado das habitações do Core, algumas com mais de 20 ou 30 anos e endereçadas a Sr. F. J. Waldegrave. Ele concluiu que este era na verdade o dono do prédio, embora houvesse algumas cartas parecidas, com data recente, para o Kent. Havia uma boa quantidade delas que tratavam de várias propriedades em Bethnal Green também, de novo eram reclamações, a maioria sobre infestação de ratos, saneamento e superlotação.

Mas então ele encontrou uma correspondência de um conselheiro em Chancery Lane, datada de apenas um ano antes, que não tinha nada a ver com o Core, mas era sobre a compra de uma casa em Charing em Kent. Era endereçada a Sr. F. J. Waldegrave.

Jimmy guardou esta carta. Era velha e não sentiriam falta dela e ele precisava estudá-la com mais cuidado. Como parecia não haver nada mais de interesse no escritório decidiu ir para casa.

O garoto não saiu do mesmo jeito que entrou, mas desceu pelas escadas e saiu pela porta da frente, que convenientemente tinha um dos novos tipos de fechadura, e não precisava de chave para abrir, além disso se trancava sozinha atrás dele.

Às oito horas da manhã seguinte, Jimmy saiu do bar, apesar de não ter ido para a cama até

as três da manhã. Seu tio raramente levantava antes das dez e Jimmy esperava poder ver Noah e voltar para casa antes disso.

Estava muito frio e ele correu a maior parte do caminho para se manter aquecido.

A senhora Dumas, senhoria de Noah, parecia muito surpresa por seu inquilino ter uma visita tão cedo, mas disse que Noah estava tomando seu café da manhã e perguntou se Jimmy gostaria de acompanhá-lo com uma xícara de chá.

- Eu invadi o covil do Falcão ontem à noite - Jimmy sussurrou para Noah no minuto em que chegou na sala de café da manhã e a senhora Dumas foi para a cozinha. - Achei isso - ele disse, passando a carta do conselheiro para ele.

- Mas estava endereçada a um Sr. Waldegrave - Noah disse quando olhou o conteúdo.

- Acho que este é o verdadeiro nome de Kent - Jimmy disse animado, mantendo sua voz baixa, pois havia outro inquilino sentado longe no fim da mesa. - Veja, encontrei cartas muito antigas de reclamação sobre o Core dirigidas a Sr. F. J. Waldegrave , e as mais recentes eram para Kent. Então deduzi que seu verdadeiro nome não era Kent coisa nenhuma, e as cartas mais recentes de reclamação eram endereçadas a seu pai, ou outro parente. Mas ele não teve muita imaginação ao escolher um apelido, não é? - O rapaz sorriu. - Não se ele vive em Kent! Eu me pergunto por que ele precisa de um nome falso... Noah sorriu. - Para encobrir suas atividades. Talvez eu devesse me chamar Warren Street porque vivo ali perto.

- Ou eu podia ser senhor Ramshead - Jimmy gargalhou. - Mas veja, temos o endereço dele -

Pear Tree Cottage, High Street, Charing. Ele pode estar mantendo Belle lá.

- Não acho de jeito nenhum que seria tão fácil - Noah disse devagar e pensativamente. - Ele não a levaria a um lugar em que ele sabe que as pessoas poderiam descobrir.

- Talvez não, mas podemos dizer à polícia onde ele vive. Eles podiam checar lá.

Noah olhou o entusiasmo do jovem Jimmy, com a expressão esperançosa e desejou poder lhe assegurar que a polícia faria algo para encontrar Belle. Mas a experiência de Noah de apelar no Bow Street não tinha sido encorajadora, na verdade ele tinha encontrado total desinteresse no desaparecimento da garota. A verdade é que a polícia não via a filha de uma prostituta como sendo algo importante.

Mas isso não era tudo. Quando Noah insistiu que Belle tinha sido levada por um homem chamado Falcão, o sargento de polícia fingiu que o nome não significava nada para ele. Ele não era um mentiroso convincente, pois não conseguia olhar Noah nos olhos, e se tornou bem hostil do jeito que os homens ficam quando estão escondendo alguma coisa. Como quase todo adulto em Seven Dials tinha ouvido falar do Falcão, mesmo sem nunca o terem encontrado, era inconcebível que a polícia não soubesse nada sobre ele.

Nestas circunstâncias, voltar à polícia com evidências de onde o homem tinha uma casa estava fora de questão. E se o sargento estivesse na folha de pagamento de Kent, como Noah suspeitava, ele avisaria o homem, e isso poderia significar transformar Jimmy e seu tio em alvo de criminosos contratados.

- Acho que precisamos falar com seu tio primeiro e trazê-lo para nosso lado - Noah disse, dando a si mesmo tempo para pensar um pouco mais. - Mas não diremos a ele que você invadiu aqueles escritórios. É melhor dizermos que fui eu.

- Você vai ao bar hoje? - Jimmy implorou.

- Não agora - Noah disse, então balançou a cabeça, cumprimentando a senhora Dumas, que estava chegando com um bule fresco de chá e torrada para eles. - Posso ir lá pelas seis horas se Garth puder falar comigo nesse horário.

- Vou garantir que ele possa - Jimmy disse. Ele pegou um pedaço de torrada e passou manteiga enquanto a senhora Dumas servia o chá para ele. Jimmy não deu ao chá nem chance de esfriar, mas o bebeu ansiosamente, então se levantou para ir, com a torrada na

mão. - Tenho que voltar. Mas e se ele já tiver matado ela, Noah? A expressão desolada do rapaz fez o coração de Noah se encher de compaixão.

- Ainda acho que ele a teria assassinado no beco se essa fosse sua intenção - ele respondeu com o máximo de convicção que pôde. - Você fez bem em pegar esta carta, Jimmy, foi muito corajoso de sua parte.

Noah continuou a tomar seu café da manhã depois de o rapaz ir embora, mas não estava muito animado. Ele falava a verdade quando disse que não achava que Belle tinha sido assassinada, mas não podia contar ao rapaz o que ele suspeitava ter acontecido com ela. Nem podia deixar escapar por que a polícia não iria ajudá-los a encontrar Kent e puni-lo tanto pelo crime de Millie quanto pelo sequestro.

Um tempo antes de ter conhecido Millie, Noah recebeu informações sobre vários crimes em que a pessoa presa era de repente solta e todas as acusações eram retiradas. Havia evidências claras de que os policias tinham sido subornados, e a testemunha do crime ameaçada. Noah escreveu o que Ernie Greensleeve disse ser um incrível artigo sobre o assunto, mas quando o levou ao Sr. Wilson, o editor, este disse que não podia publicá-lo porque era muito polêmico.

Noah argumentou que o público em geral tinha o direito de saber que havia corrupção na força policial, mas o editor respondeu lembrando-lhe que havia um monte de outros jornalistas mais novos que ficariam muito felizes em tomar o lugar dele. Então ele teve que recuar. Sabia que se tentasse vender a história para outros jornais sensacionalistas, nunca escreveria para o *Herald* de novo.

Mais tarde na mesma manhã Noah foi enviado para entrevistar um atacadista de frutas no Covent Garden. Era uma história bem divertida, pois uma tarântula tinha rastejado para cima de algumas bananas e subido em um dos empregados, um homem de meia-idade imponente. Ela foi apontada, pois estava no ombro do homem, por outra empregada, que quase desmaiou com o choque. Quando o pobre homem percebeu que ela estava em cima dele, ficou completamente aterrorizado, mas um garoto de 11 anos que o ajudava fazendo bicos jogou-a para longe sem medo, com um copo e um pedaço de papel duro, e a tirou dele.

A vítima desmaiou enquanto o garoto alegremente tentava mostrar seu troféu para todo mundo na loja. Finalmente a aranha foi transferida para um pote com tampa, e enviaram uma mensagem para o Zoológico de Londres para alguém pegá-la.

Tudo isso aconteceu bem cedo, quando a história chegara a Fleet Street e Noah fora enviado para entrevistar as pessoas envolvidas, a aranha já havia sido coletada e a vítima tinha ingerido tantos conhaques que estava quase inconsciente. Mas, de qualquer maneira, o garoto era o herói da história e ficou emocionado porque ia ser mencionado pelo nome no jornal.

Como Noah estava em Seven Dials decidiu ir falar com Annie Cooper antes de voltar ao Fleet Street. Ele tinha falado com ela rapidamente no dia anterior, junto com todos na casa, mas agora, quando tinha algumas novidades para lhe contar, graças ao Jimmy, ele esperava que as contando, ela pudesse responder com algo que ainda não tinha revelado.

Ele deu a volta por trás da casa na Jake's Court e bateu na porta. Foi aberta pela senhorita Davis, que usava um avental salpicado de farinha.

- Bom dia, senhorita Davis - Noah disse polidamente. - Desculpe atormentá-la tão cedo novamente, mas acho que descobri um pouco mais sobre este homem, Kent. Eu queria falar com a senhora Cooper sobre isso.

- Me chame de Mog, ninguém me chama de senhorita Davis - ela disse, estimulando-o a entrar. - Temo que Annie esteja doente!

A julgar pelos olhos vermelhos de Mog ela tinha chorado muito, mas apesar disso disse que tinha feito um bule de chá e ofereceu uma xícara a Noah. Ela estava no meio do processo de enrolar massa na mesa, e havia um cheiro bom de guisado com carne enchendo o cômodo. Ela o estimulou a se sentar perto do fogão e perguntou se podia pegar algo para ele comer.

Ao sentar na cozinha aquecida com Mog se movimentando em volta dele, Noah podia entender agora por que Belle não tinha percebido

a natureza dos negócios de sua mãe. O porão era completamente separado do resto da casa, um acolhedor lugar caseiro, e Mog era uma doce e maternal mulher. No dia anterior ela tinha mostrado a ele o quartinho de Belle, onde havia bonecas antigas, livros e jogos em uma prateleira, a cama era coberta com uma colcha colorida, e embora fosse um quarto escuro com apenas uma janela pequena, era bonito e refletia que ela era muito amada e cuidada.

- Annie não é de demonstrar seus sentimentos - Mog disse quando ofereceu a ele um pão azedo com chá. - Mas isso a golpeou com tanta força que eu temo por ela. Ela precisa falar com alguém sobre isso, e, se você tiver qualquer notícia, só isso pode ajudá-la a se abrir.

Ao deixar Noah beber seu chá, Mog subiu as escadas para falar com sua patroa. Ela voltou

alguns minutos depois e disse que ele podia subir.

Annie estava no quarto atrás do salão, que Millie tinha sempre se referido como "o escritório". Era na verdade o quarto de Annie, o cômodo era em forma de L e a cama estava na menor parte e escondida por um biombo extravagante. Era um quarto muito feminino, com um sofá de veludo rosa pink em frente do fogo. A pequena mesa redonda, as cadeiras e a mesa de Annie eram todas de laqueado delicado negro e pintadas à mão com pink e flores e folhas verdes. Havia algumas pinturas nas paredes, todas românticas, fosse representado um soldado com sua namorada andando em um campo de milho, ou uma mulher esperando no cais para encontrar seu amor de um navio.

Millie tinha dito que ela sempre tomava chá ali perto do fogo com Annie à tarde e que quando ela tivesse sua própria casa ia querer um

quarto como aquele. Noah podia entender por que agora. Era aquecido, um quarto tão acolhedor que sugeria que Annie não era tão severa, fria e mal-humorada como aparentava.

Mas Annie sentada ali perto do fogo, mal sendo capaz de virar a cabeça para recebê-lo, estava diferente da mulher elegante e arrogante que ele encontrou em diversas ocasiões enquanto visitava Millie. Mesmo no dia anterior ela tentava manter sua frieza, modos distantes e de fato sua elegância. Se Noah não tivesse falado com Mog quando Annie estava desesperada com o sumiço da filha, ele nunca teria imaginado isso, pois ela não mostrava nenhuma emoção.

Ela não parecia diferente hoje. Estava com um aspecto acinzentado e esquelético, como se tivesse perdido muito peso de repente, e seus olhos estavam fundos e mortos. Seu severo vestido preto com seu pescoço altivo e as

mangas perna de carneiro faziam ela parecer mais velha do que era, e seu cabelo, que até hoje Noah sempre o tinha visto em cachos artisticamente organizados, tinham sido puxados com muita força para trás, com faixas de cabelo grisalho bem perceptível entre os fios castanhos.

- Lamento perturbá-la de novo tão cedo - Noah disse. - Mas imaginei que você podia gostar de saber que descobri um pouco mais sobre Kent.

Não havia a mais leve centelha de esperança nos olhos de Annie quando ela olhou para ele. - Então estou em débito com você - ela disse, mas sua voz era vazia e sem energia como se ela falasse com esforço.

- Não fui só eu, mas Jimmy também. Ele é o sobrinho de Garth Franklin do Ram's Head. Está ávido assim como eu para tentar achar sua

Belle e levar este monstro a julgamento por matar Millie.

- Mog me disse que ele era amigo de Belle. Por favor leve o meu agradecimento pela ajuda dele.

Noah achou estranho que ela não perguntasse mais sobre como Jimmy conhecera sua filha, ou até que pulasse de seu assento para perguntar as novidades que ele tinha trazido. Ele achava que ela era muito fria.

Ele continuou a explicar onde o homem vivia agora e que, em sua opinião, Kent tinha a polícia na palma da mão. - Poderíamos fazer uma cilada e forçá-lo a nos dizer o paradeiro de Belle, eu realmente não sei como proceder - ele admitiu. - Mas não acredito de verdade que ele a matou. Eu tenho absoluta certeza de que ele a está mantendo viva em algum lugar.

- Às vezes pode ser pior - Annie disse, virando um pouco o sofá para olhá-lo. - Eu descobri por meus informantes, e estou certa de que você também tem, que ele é conhecido por ser um caçador de meninas.

- Isso foi dito por algumas pessoas - Noah admitiu. - Mas eles o apontaram como responsável por muitos crimes, e eu realmente espero que seja um exagero.

- Esse é um dos lados mais lucrativos do nosso negócio - ela assinalou e virou os olhos cheios de dor para Noah. - Isso me enoja, e eu nunca tive nenhuma garota trabalhando para mim que não viesse voluntariamente, e suficientemente madura para saber o que estava fazendo. Mas pensar que minha Belle está sendo usada desta forma é demais para suportar.

Noah viu que o lábio inferior dela estava tremendo e ela parecia perto de desabar. - Desculpe, senhora Cooper. - Ele se aproximou e pegou sua mão para consolá-la. - Mas Jimmy me disse que ela é uma garota corajosa e esperta, então talvez escape disso.

- Eu era esperta e corajosa também - disse com a voz quebrada. Mas eles me capturaram, me encarceraram e me fizeram passar fome. Mesmo sem a surra ou a privação de alimento, nenhuma jovem, embora corajosa, é páreo para um adulto descontrolado sexualmente.

- Então isso aconteceu com você? - Noah perguntou gentilmente. Ela estava tremendo de emoção e ele não sabia se era melhor ela colocar tudo para fora, ou se deveria mudar de assunto. - Eu lamento.

- Eu era apenas um pouco mais nova que Belle e queria muito ver Londres então implorei por

uma carona no vagão de carga para chegar lá - ela explicou. - Você sabe como são os mais novos, não pensam bem nas coisas. Eu me imaginava circulando, olhando em todas as janelas de lojas, e de repente estava ficando tarde e eu não tinha ideia de como voltar. Comecei a chorar e uma mulher veio até mim e perguntou o que estava errado. Ela parecia apenas como qualquer esposa ou mãe, não alguém para se temer. Então lhe disse o que era, e falou que eu podia ir para a casa dela e ela me mostraria a Torre de Londres de manhã antes de arrumar alguém para me levar para casa.

- Bem, eu vi a Torre de Londres no dia seguinte, mas foi através de uma rachadura de janelas com tábuas de um antigo depósito no rio.

- Ela te trancafiou? - Noah exclamou.

Annie assentiu penosamente. - Em um minuto ela estava prometendo todas as coisas que ela ia me mostrar o dia seguinte, no próximo eu estava presa naquele lugar. Gritei e chorei, mas ela gritou de volta que ninguém me ouviria. Ela me deixou lá sem comida, só com um saco cheio de palha para dormir e um fino cobertor. Eu tive tanto frio aquela noite que não consegui dormir. No dia seguinte, quando um homem veio me dar um pouco de comida, tentei lutar com ele. Então me deu uma lata de lixo e levou a comida e o cobertor embora. Não o vi por três dias, quando eu estava pronta para prometer qualquer coisa por comida e um cobertor. Isolamento, morrer de fome e medo são as três coisas que podem aniquilar até mesmo a vontade da pessoa mais dura.

Noah estava profundamente chocado. - Especialmente quando você é nova - ele concordou. - Eu duvido que aquele foi o último dia sem comida ou cobertores quentes.

Annie concordou balançando a cabeça. - Bem, finalmente eles me levaram para o Tooley Street. É um bordel ainda hoje, embora não soubesse o que era na época. Me deram banho, meu cabelo foi lavado e penteado, e me colocaram uma lingerie limpa, então me levaram para baixo para uma sala ampla com uma cama grande. Eles deram algo para eu beber que me fez ficar um pouco tonta, mas quando o primeiro homem veio no quarto e começou a entrar em mim doeu tanto que eu gritei. - Ela parava, com seus olhos cheios de lágrimas. - Ele gostou de me ver gritar - ela sussurrou. - Ele realmente gostava daquilo.

- Eu lamento tanto - Noah disse com a maior sinceridade. Ele ficou com vergonha de ser homem e imaginar mulheres na cama frequentemente.

- E não parou só com ele. Houve três outros aquela noite. A mulher que tinha me enviado

para tomar banho entrou no quarto após cada homem para me lavar. Então o próximo entrava. Eu achava que ia morrer aquela noite, pois certamente nenhuma criança poderia sofrer tanta dor e humilhação e sobreviver.

Noah colocou a mão no ombro dela quando ela se desmanchou em lágrimas. Ele pensou em pegá-la nos braços como se fosse uma amiga que estivesse sofrendo, mas ele tinha medo de ultrapassar o limite.

- Eles eram o que a maioria das pessoas chamariam de cavalheiros - ela desabafou violentamente. - Eles têm boas roupas e linho, anéis em seus dedos. São provavelmente homens profissionais, advogados, doutores, políticos, cientistas. Homens inteligentes com dinheiro e quase certamente com mulheres e crianças em casa. Mas eles encontram prazer em estuprar uma menina até mesmo só para saber como é.

Noah não conseguia falar, pois a imagem que ela descreveu era horrível demais para se imaginar.

- Isso acontece em todo lugar - ela disse, com os olhos queimando de raiva. - Todo santo dia há meninas bonitas que desaparecerão, geralmente de cortiços e ruelas onde seus pais não têm poder ou dinheiro para ter voz. Mas há um monte de garotinhas do interior como eu também. Algumas dessas garotas acabam mortas, uma vez que sua utilidade acabou, ou são enviadas para fora do país. As outras ficam estraçalhadas, elas não podem voltar para uma vida respeitável porque estão completamente destruídas... - Ela parou para se recompor. - E isso é o que eu temo que Belle esteja passando exatamente agora - ela continuou, com a voz incisiva por conta da dor. - Sua vida vai se tornar uma cópia da minha. É tudo minha culpa. Eu deveria ter mandado ela para longe, para a escola. Não deveria?

- Porque você a amava e queria ela perto de você? - Noah sugeriu.

- É verdade, mas a coisa mais triste é que nunca demonstrei. - Annie soluçou. - Ela ficava sempre mais próxima de Mog do que de mim. Esse foi o abuso sexual que esses homens cometeram contra mim: eu não conseguia amar, era uma casca vazia sem sentimentos, e fiquei trabalhando como prostituta porque senti que era a única coisa aberta para mim.

Noah suspirou profundamente. Ele tinha a impressão de que Annie nunca tinha dito isso tudo para ninguém antes, e se perguntava se ela se desprezaria depois de revelar tanta coisa.

- Eu farei o que tiver que fazer para trazer Belle de volta e ver aquele bastardo enforcado pelo que ele fez - Noah disse intensamente. - O jovem Jimmy também está preocupado, ele

realmente gosta dela, sabe, e o tio dele fará o que puder também. Sinto que não tenha feito nada ainda, mas não importa o que acontecer, farei meu jornal falar sobre a polícia encobrindo criminosos. E talvez se falarmos às pessoas sobre essas bestas que sequestram jovens e crianças elas se levantarão e desejarão linchar tais homens.

Annie olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas pelo que pareceu ser um longo tempo. - Você já ajudou, Noah - ela disse finalmente, enxugando os olhos com um lenço bordado. - Me deixou dizer o que estava no coração. Tudo isso guardado por tanto tempo estava me envenenando. Obrigada.

Capítulo 10

Belle se sentia confusa. Ela estava na casa agora há quatro dias. Estava trancada em um quarto no topo do prédio como uma prisioneira, embora as duas mulheres que entravam no quarto e traziam sua comida, punham o carvão no fogo, esvaziavam o balde de resíduos e traziam água para Belle se lavar eram gentis com ela.

Elas não falavam inglês, mas o jeito como olhavam para ela, penteavam seu cabelo e desaprovavam quando ela não tinha ingerido a comida que trouxeram, mostrava que eram cuidadosas com ela. Belle se perguntava se eram prostitutas, mas não pareciam ser quando usavam vestido liso azul-escuro, toucas e avental. Na Casa de Annie as garotas andavam quase despidas a maior parte do dia.

Belle tinha tentado, com linguagem de sinais e mímica, perguntar-lhes o que ia acontecer com ela e tentar fazê-las entender que queria escrever uma carta para sua mãe, mas elas apenas balançavam a cabeça como se não tivessem ideia do que ela queria dizer.

Então, Belle variava entre pensar que era como as crianças em João e Maria, sendo generosamente engordada antes de ser dada a um homem. Ou que em vez disso, e melhor ainda, nada ia acontecer porque Madame Sondheim não tinha gostado dela ou a considerava inadequada e estava planejando enviá-la de volta para a Inglaterra tão logo ela fizesse alguns arranjos.

O quarto em que estava sendo mantida era um quarto do tipo ateniense, e o teto era bem inclinado em direção ao chão perto da janela. Era pequeno, bastante escuro e de mobília só havia uma pequena cama de ferro, um

lavatório e uma pequena mesa e cadeira embaixo da janela. Mas era aquecido e confortável, embora ela achasse a comida que levavam um pouco esquisita. Havia também um monte de jogos de quebra-cabeça que ajudavam o tempo passar mais rápido.

Escapar era totalmente impossível. Logo na primeira manhã, Belle subiu na janela para ver se conseguia descer para a rua daquele jeito, mas quando estava no peitoril percebeu que cairia direto nos fundos da casa. Olhando para o telhado, ela ficou com muito medo de tentar escalar aqueles escorregadios azulejos velhos para ver se havia um jeito de descer pela frente da casa. Além disso, se houvesse um jeito, Belle duvidava que Madame Sondheim teria deixado a janela destrancada.

Ouvir pela porta não ajudava em nada. Ela podia ouvir vozes e passos de vez em quando, mas as pessoas sempre falavam em francês.

Durante a noite, ela ouvia a música e de vez em quando gargalhadas vindas do andar de baixo, o mesmo tipo de barulho que ouvia em Londres. Mas em casa, Mog sempre ia até ela algumas vezes durante a noite, a última vez geralmente para colocá-la na cama e dar um beijo de boa-noite. Mas ali ninguém ia vê-la depois que ela tinha tomado sua sopa, e duas vezes o óleo da lâmpada tinha acabado durante a noite, então ela era obrigada a deixar o quebra-cabeça e ir para a cama.

Elas geralmente traziam sua sopa bem tarde. Uma vez ela escutara o relógio da igreja dar oito horas e ela estava comendo. Então em sua quinta noite, quando sua sopa tinha sido trazida antes de escurecer, ela percebeu que algo finalmente ia acontecer.

A sopa era de vegetais, bastante saborosa, com pedaços de pão, seguida por uma torta de peixe e batatas cozidas. Havia o copo usual de

licor vermelho também, mas naquela noite o gosto estava diferente. Ela imaginou que talvez tivessem colocado um pouco de vinho nele e bebeu assim mesmo.

Quando a porta abriu de novo, Belle supôs que era uma das empregadas para pegar as coisas. Era a mais baixa delas junto com Delphine, a empregada que tinha levado Belle para cima na primeira noite. Ela falava francês muito rápido e quando Belle apenas ficou atrás dela, sem entender, ela acenou como se fosse para acompanhá-la.

Belle ficou feliz de ter uma oportunidade de sair do quarto, mas também com medo do que isso significava. Delphine a levou para baixo dois lances de escada e a deixou entrar em um banheiro.

A banheira estava quase cheia e as duas mulheres começaram a tirar a roupa de Belle.

- Eu posso fazer isso sozinha - ela disse, irritada empurrando-as para longe. - Me deixa fazer!

Elas tiraram o vestido de brim azul-escuro que fora dado a ela em sua primeira noite ali e lhe entregaram outro mais bonito e leve, verde com um babado em volta da bainha, e com um colarinho e faixa de um sedoso material pintado de verde. Assustada como estava naquela hora, ficou feliz pelo vestido porque era muito bonito e a fez pensar que eles não fariam nada de mal com ela se estavam pre-ocupados com sua aparência. Agora tinha visto no assento do banheiro, que parecia estar limpo, uma *chemise* e uma lingerie enfeitada com laço, então talvez eles estivessem pretendendo levá-la para outro lugar.

Belle não gostou do jeito que as mulheres ficaram com ela até que estivesse sem roupa, claramente com a intenção de darem banho

nela como se fosse uma criança. Mas, como as empregadas não a entendiam, teve de deixar.

Elas a esfregaram como se Belle fosse uma vagabunda imunda tirada das ruas. Então, depois que tiraram o tampão da banheira, passaram creme no cabelo dela e jogaram muitos jarros de água quente. Somente quando a estavam enxugando vigorosamente que de repente percebeu que tinha sido drogada. Não era como a droga para dormir que Kent havia dado a ela, não sentia que ia cair no sono. Mas ela sentia um tipo de entorpecimento e descontração, tanto que começou a dar risadinhas felizes quando as duas mulheres começaram a secá-la e ajudá-la a colocar a lingerie limpa.

Levou muito tempo para secarem seu cabelo. Elas o esfregavam e esfregavam com uma toalha seca, depois enrolaram seus cachos até que estivessem como longos e pretos saca-

rolhas. Então alguém gritou algo do lado de fora da porta, e Delphine gritou de volta.

Evidentemente gritaram para se apressarem, pois de repente as duas mulheres pareciam perturbadas e preocupadas que o cabelo de Belle estivesse ainda desarrumado. Mas se esqueceram de ajudarem-na a colocar seu vestido de novo e apenas abriram a porta do banheiro. Segurando cada uma de suas mãos, rapidamente a levaram descalça escada acima de novo, apenas de lingerie.

Quatro dias antes, quando chegou ali, Belle observou muito pouco da casa além do tapete que estava gasto, mas tinha ficado com medo e a maioria das luzes a gás estavam apagadas. No entanto, estavam todas acesas agora, e ela viu que a casa era muito maior do que imaginava, com cinco ou seis portas em cada andar, e que o papel de parede estava tão velho

e manchado que era impossível ver algum desenho nele.

As duas mulheres abriram a porta no terceiro andar, dentro do qual havia uma passagem curta como se levasse a uma ala separada da casa. No fim desta passagem havia outra porta.

Delphine a abriu, e dentro dela estava Madame Sondheim. Delphine disse algo que pareceu ser um pedido de desculpas, empurrou Belle para frente e saiu, fechando a porta atrás dela.

Era um outro quarto pouco mobiliado. Nele se via uma cama de ferro que não estava arrumada exceto por um lençol e dois travesseiros, cortinas nas janelas, um lavatório e nada mais. Mas enquanto o quarto em estilo ateniense parecia bem acolhedor porque era pequeno com teto inclinado, este quarto era grande e severo.

Sentado na beirada da cama havia um homem grande com uma cara gorda e vermelha. Ele estava vestindo um casaco cinza com um terno cinza e preto listrado, com um colete embaixo, e sorria para ela.

Madame estava claramente a apresentando, pois Belle reconheceu seu nome. Seu estômago revirava e ela tentou fugir para a porta, mas Madame chegou primeiro e acenou com uma chave para ela mostrando que já estava trancada.

Sem nada mais a acrescentar, Madame virou Belle e arrancou a nova *chemise* pela cabeça dela. Com outro movimento rápido a lingerie foi tirada e ela ficou completamente nua. Belle começou a chorar e envolver seu corpo com os braços, mas Madame tirou suas mãos, depois as pôs para baixo, falando todo o tempo do mesmo jeito que Belle tinha observado

treinadores de cavalos fazer quando estavam tentando vender um animal.

Mas a expressão do homem era realmente assustadora. Ele olhava para Belle como se não se alimentasse há semanas e ela fosse um bife apetitoso para o jantar. Seus olhos brilhavam, ele tinha suor na testa e estava lambendo os lábios. Madame acabou de falar e puxou Belle para perto do homem, e então ele a empurrou para a cama.

Com uma última observação que Belle sentiu que significava "Ela é toda sua agora", Madame saiu, fechando a porta atrás dela.

- *Ma chérie* - o homem disse, e Belle sabia que isso era um termo carinhoso, pois as duas empregadas o usavam. Ele se curvou sobre ela na cama e a beijou nos lábios. Belle virou a cabeça para longe porque ele tinha um mau hálito e barba no queixo. Mas isso não pareceu

detê-lo, pois suas mãos estavam nas partes íntimas dela e ele estava abrindo os lábios de Belle e fazendo pressão nela.

De uma vez só ele tirou suas roupas como um homem possuído até que ficou só com uma camisa. Suas pernas eram curtas, gordas, muito brancas e peludas, mas muito mais aterrador para Belle era o pênis dele porque parecia grande, com uma ponta roxa brilhante.

Ela tentou se esquivar para o outro lado da cama, mas ele avançou e agarrou o braço dela e a virou de costas, abrindo as pernas dela e abaixando entre elas, enquanto colocava os dedos de uma das mãos dentro dela, e com a outra segurava seu braço com força. Ela estava chorando, mas ele não parecia se importar, pois estava murmurando coisas enquanto a tocava intimamente e parecia estar em seu próprio mundo. Ele ficava brincando com o pênis também, esfregando-o para cima e para

baixo e colocando a ponta nela de um jeito que a revoltava.

Mas de repente ele foi empurrando-o para dentro dela, agarrando firmemente suas pernas e puxando-as para cima enquanto forçava mais.

Nada em sua curta vida doeu tanto. Era como se ele a estivesse rasgando ao meio. Ela gritava e gritava, mas ele nem parecia ouvi-la. Foi só quando tentou desesperadamente se livrar que ele percebeu, e bateu com força nas nádegas dela puxando-a para ainda mais perto dele. Ele falava a todo momento, dizendo as mesmas palavras repetidamente; e ela supôs que fossem palavras sujas. Mas então seus movimentos se tornaram mais rápidos, com as molas da cama protestando ruidosamente, e a dor crescia até o ponto em que Belle sentiu que ia morrer daquilo. Ela não podia gritar mais, sua boca e garganta estavam muito

secas. Ela pedia por sua mãe e Mog e orava a Deus para fazer aquilo terminar logo.

Finalmente tudo acabou e o homem sentou na cama suando como um porco. Belle fugiu e agachou-se no canto o mais longe dele que pôde. Tinha sangue correndo pelas pernas e havia uma terrível viscosidade e um cheiro também. Ela estava tremendo inteira e se sentiu mal.

O homem dormiu quase imediatamente. Belle podia ouvi-lo roncando, mas não era capaz de se levantar e sair do canto. Então a porta se abriu e Madame entrou. Ela olhou para o homem na cama, e depois para Belle. Disse algo para ela que não entendeu, e Madame a pegou pelos pulsos e a puxou para cima.

Os olhos da mulher correram pelo corpo de Belle, mas sua expressão dura não se suavizou de jeito nenhum. Ela apenas virou-se para a

porta, onde havia um cobertor pendurado num prego, pegou-o e deu para Belle se cobrir. Em seguida, Madame pegou o novo conjunto de lingerie, segurou Belle pelos pulsos novamente e deixou claro que a estava levando de volta para seu quarto. Não houve nem uma palavra gentil. De volta ao quarto, Madame apontou para o lavatório e mostrou por mímica que era para Belle se lavar. Então ela se virou e saiu, trancando a porta.

Mais tarde, depois de ter tomado banho e já na cama, e vestindo a camisola que deram a ela, Belle estava muito machucada e em choque até para chorar. Ela apenas se deitou. A dor dentro dela tornava impossível pensar em outra coisa. Ver Millie fazendo aquilo foi horrível, mas Belle conseguiu se conformar com a situação pensando que Millie tinha escolhido ser uma prostituta, assim como todas as garotas na Casa de Annie. Era apenas um trabalho para elas, não tão ruim como ser uma

empregada, e pagava melhor por menos horas do que a maioria dos trabalhos.

Mas deve ter sido assim para todas elas a primeira vez. Como elas continuavam depois disso? Como conseguiam se arrumar com suas melhores roupas e sorrir para o próximo homem que quisesse fazer isso com elas?

Belle passou o dia seguinte todo na cama, chorando no travesseiro. As empregadas levaram comida e a mais nova disse algumas palavras que Belle tinha certeza de que eram de consolo, mas isso não a fez se sentir nem um pouco melhor. Então depois da sopa que ela comeu, foi levada para o andar de baixo e colocada na banheira. Elas não lavaram seu cabelo desta vez, e lhe foi dado o mesmo conjunto de lingerie. Depois a levaram ao quarto exatamente como na noite anterior.

O homem era diferente, mais velho e mais magro, e seu pênis era muito menor. Depois de Madame Sondheim ter deixado o quarto, ele tentou colocar seu membro na boca de Belle, mas quando ela engasgou e gritou, ele foi direto para a ação principal. Não doeu tanto como na noite anterior, mas era tão repugnante quanto. Ela estava por baixo dele e seu desejo era ter uma faca e poder enfiá-la em suas costelas finas e matá-lo.

Por mais três noites foi a mesma rotina, com um homem diferente a cada vez. Ela teve outro que a fez segurar o pênis na boca, outro que a pegou por trás como um cachorro e o último que a manteve com a parte de cima da lingerie em cima e a fez sentar-se em seu colo, como se Belle fosse sua filha ou sobrinha. Mas ele não estava mostrando afeição fraternal, suas mãos estavam embaixo de sua lingerie a tocando, e ela sabia que ele estava jogando algum jogo doentio em sua mente. No final ele a

pegou por trás e demorou tanto que ela pensava que a dor e a ferida ficariam nela para a vida toda.

No dia seguinte ao quinto homem Belle começou a vomitar e não conseguia parar. À noite nada parava em seu estômago, mas ela continuava vomitando. Como ficava cada vez mais fraca, a empregada tentou fazê-la comer e beber alguma coisa, mas ela pôs tudo para fora também.

Belle deitou na cama incapaz até de querer ficar melhor porque se sentia morta por dentro. Ela apenas vagamente tinha consciência do dia virando noite, depois era dia de novo. Ela não tinha ideia de quanto tempo tinha passado, mas percebeu a preocupação das empregadas com ela quando ela não conseguia mais usar o penico sem ajuda. Elas falaram com Madame Sondheim sobre ela, então um médico veio e a examinou.

Ele falava um pouco de inglês, e apenas pelo fato de tentar se comunicar com ela a fez chorar.

- Como você chegou na França? - ele perguntou depois de ouvir seu peito, tirar sua pressão e sentir seu estômago.

- Em uma caixa, com homens maus - ela disse chorando, e pegou as mãos dele para ele ouvi-la. - Minha mãe na Inglaterra deve achar que eu estou morta. Me ajude!

Ele se virou e olhou para Madame Sondheim de maneira inquisidora, mas ela apenas deu de ombros.

- Ela é uma mulher ruim, fez cinco homens fazerem isso. - Ela puxou para baixo os cobertores e indicou a vagina dela porque ela não sabia mais como explicar.

- Vou ver o que posso fazer - o doutor disse carinhosamente, e pôs sua mão gentilmente em seu peito como se confirmasse o que ele queria dizer.

Belle se sentiu um pouco melhor depois que o médico saiu, não por causa do remédio que ele lhe deu, mas porque sentiu que a ajuda estava próxima. Ela dormiu se imaginando em casa na cozinha com Mog e sua mãe.

Ela acordou mais tarde com o som de alguém entrando no quarto. Ao ver um homem vindo na direção da cama ela gritou o máximo que pôde. Mas Delphine estava com ele e ela foi até Belle e colocou sua mão na boca da garota, mostrando que era para ela ficar calada. Então falou rápido em um francês incompreensível, mas o jeito que ela gesticulou para o homem e depois pôs Belle sentada e enrolou um cobertor bem apertado nela significava que ele ia levá-la para outro lugar.

Belle tinha esperança de que fosse para um hospital, pois o choque de ver o homem a fez tremer ainda mais violentamente.

Ela pensava que estava sonhando que andava de carruagem, porém o barulho das rodas e o trotar dos cascos dos cavalos pareciam muito reais.

Foi o silêncio que a alertou, quando acordou, que ela tinha de fato sido levada para outro lugar. Na outra casa havia constantes sons - vozes de pessoas, cascos de cavalos na rua, música e pela manhã um barulho distante de serra e um estrondo que podia ser de uma fábrica ou oficina. Não necessariamente era um barulho alto, mas sempre havia um som como o de insetos no verão.

Aquele lugar era quieto como um cemitério, como se não houvesse outro ser humano ou até algum animal em quilômetros. Belle virou a

cabeça em direção da fonte da pálida luz dourada e viu que havia uma grande janela com cortinas puxadas, pequenas e cor de pêssego, que ondulavam com a brisa leve.

Sua cama era quente e confortável, mas um leve cheiro vinha de debaixo dos cobertores, o que sugeria que ela deveria estar lá por algum tempo, talvez até por dias. Ela lutou para sentar, mas se sentiu tão fraca que caiu de volta no travesseiro. O quarto era quase como de um convento, tinha pouca coisa. Sua cama era de um ferro estreito, no lugar havia uma cadeira simples de madeira, uma mesa de jogos coberta de feltro próxima da cama dela e em cima desta mesma mesa um jarro de água e um copo. As paredes eram muito brancas e havia um crucifixo em cima de sua cama. Não existia espelho, pinturas, nem mesmo um lavatório. Ela se perguntou onde estava.

Ela se lembrou de que havia ficado muito doente e que um médico tinha ido vê-la. Não se sentia doente agora, e quando se moveu um pouco na cama achou que suas partes íntimas não estavam mais machucadas. Ela se esticou e bebeu um pouco de água: era bom beber, sua boca estava muito seca.

O som da porta abrindo a surpreendeu e ela se cobriu involuntariamente, escondendo os olhos.

Uma mulher falou em francês, com voz gentil que era tão reconfortante quanto o silêncio dali.

- Você está se sentindo melhor, *ma chérie*? - ela perguntou em inglês.

Os olhos de Belle abriram de repente para olhar uma mulher muito bonita de uns 30 anos. Ela tinha cabelos castanhos brilhantes presos

em um coque, grandes olhos cinza e usava um vestido de lã cinza de gola alta com um broche de pérola no pescoço.

- Você fala inglês? - Belle disse, e sentiu que sua voz parecia rachada.

- Sim, um pouco. Sou Lisette, tenho cuidado de você desde que chegou aqui.

- O que é este lugar? - Belle perguntou amedrontada.

Lisette sorriu. Seus lábios eram carnudos e ela tinha o tipo de sorriso que acalentaria qualquer um.

- Um bom lugar - ela disse. - Nada para você temer.

- Sem homens? - Belle perguntou em voz baixa.

Lisette pegou uma de suas mãos e colocou nas suas. - Sem homens. Sei o que fizeram com você. Aquilo não acontecerá de novo. Você ficará forte e bem.

- Então vou poder voltar para casa na Inglaterra?

Ela sabia só pelo olhar de Lisette que isso não ia acontecer. - Não, Inglaterra, não. Madame Sondheim passou você adiante, então não voltará para lá.

Aquilo era suficiente para Belle por enquanto. Ela sentia fome, precisava se lavar, e se conseguisse dormir em paz naquele lugar quieto sem ameaça de violência, estava bom.

Capítulo 11

Mog acordou de um estranho e ligeiramente perturbador sonho, e ficou deitada por alguns momentos no escuro querendo saber exatamente sobre o que era, e se ela deveria levantar e fazer uma xícara de chá. Mas de repente sentiu cheiro de fumaça e pulou fora da cama. O fogo estava sempre presente por toda a Londres, mas especialmente em lugares como o Seven Dials onde as casas eram muito coladas e muitas delas apresentavam mau estado de conservação. Mog sempre tinha feito questão de conscientizar as garotas de como era fácil um fogo começar com uma cinza que caía num tapete, uma vela acesa derrubada, ou até longas saias presas na lareira sem proteção.

Mas quando Mog subiu três quartos da escada partindo do porão e viu o fogo perto da porta,

ela sabia que ele não tinha começado de nenhuma dessas formas.

Era óbvio que um trapo inflamado ou algo similar tinha sido colocado na caixa de correspondência. E não foi preciso muito também para deduzir quem era o responsável, mas agora sua única preocupação era tirar todo mundo da casa com segurança.

Embora o fogo não tivesse ainda alcançado as escadas que levavam aos andares de cima, isso só levaria cinco minutos para acontecer, então Mog sabia que era imprudente ir até lá. Correndo para o salão ela agarrou o sinal que elas tocavam 20 minutos antes de fechar para lembrar aos clientes que horas eram. Ela o pegou e o tocou tão forte quanto podia.

O quarto de Annie estava no térreo exatamente atrás da escada e ela apareceu quase imediatamente após Mog ter começado a tocar

o sino. Ela gritou de horror por ver a sala em chamas, mas Mog não tinha tempo para histeria ou para explicações.

- Pegue isso! - Mog disse, empurrando o sino para as mãos de Annie. - Toque e grite até as garotas descerem. Mas não suba, você pode ficar presa. Vou descer para pegar alguns baldes de água para tentar desacelerar e abaixar o fogo. Diga às garotas para ir até o Jake's Court e gritar até vir o carro de bombeiros.

Quando Mog desapareceu em direção ao porão, Lily veio correndo pelas escadas. Sally gritou do corredor do primeiro andar que estava indo fazer as outras se apressarem. Quando Mog voltou para cima cambaleando com os baldes de água, o fogo estava a apenas um metro da escada e muito quente; Annie agarrou os baldes e jogou-os no fogo, ordenando a Mog para enchê-los de novo.

O fogo recuou um pouco, mas era evidente que era apenas um adiamento. Lily e Ruby desceram correndo pelas escadas com Amy, que tossia por causa da fumaça.

- Pra fora - Annie gritou, empurrando-as em direção ao porão. - Você também, Lily - ela gritou para a garota que estava parada lá de boca aberta. - E toque o alarme!

Sally ainda não tinha voltado com Dolly, e Annie gritou o máximo que pôde para chamá-las.

O fogo estava a toda força. Tinha enchido o corredor, engolido as paredes. Mog voltou com outros dois baldes de água, e estava justamente passando pelo fogo quando Sally e Dolly apareceram no topo das escadas. Elas estavam agarradas uma na outra e chorando, com medo de descer porque pensavam que não dava para passar pelas chamas.

Annie bravamente subiu até elas, pegou a mão das garotas e pulou para baixo. O fogo de repente virou na direção do fundo da escada, bloqueando a saída.

- Suba de lado e pule - Annie ordenou, empurrando primeiro Sally e depois Dolly por cima do corrimão. Mog ficou embaixo para encorajá-las e pegá-las, e Annie pularia rapidamente depois delas.

As duas garotas, curvadas, tossiam violentamente por conta da fumaça, e Mog teve que pegar o braço delas e praticamente arrastá-las, depois descê-las pelas escadas do porão.

Mog estava tão envolvida em levar as garotas para o quintal, agarrando cobertores, casacos e qualquer cosa que pudesse mantê-las aquecidas na rua, que não percebeu imediatamente que Annie não estava lá.

Horrorizada, Mog correu de volta para subir as escadas. Ela achou que Annie devia ter retornado ao quarto para pegar a caixa de dinheiro que elas mantinham para sustentá-las. Mas quando foi para a porta ela pôde ouvir mantas de gás explodindo no calor do outro lado, então percebeu que o fogo deveria estar no salão impedindo a passagem para o quarto da Annie, prendendo-a lá.

O coração de Mog estava batendo muito com medo por sua amiga, mas ela se voltou para as escadas, pegou um cobertor para cobrir sua camisola e foi para fora, gritando no mais alto volume de seus pulmões para Annie abrir a janela e pular em segurança.

A cozinha era apenas um meio porão atrás da casa. De trás da porta seis degraus de pedra levavam ao Jake's Court para um pequeno quintal. Ou seja, as janelas do quarto da Annie não eram tão altas, na verdade o muro que

cercava o quintal ficava a apenas um metro da janela. Mas tristemente o muro não estava perto o suficiente da janela para dar acesso à janela só por ele. Precisava de uma escada.

O barulho e a comoção tinham trazido uma multidão para fora, mas diferente de Mog e as garotas eles puseram casacos, chapéus e botas por cima de suas roupas de dormir. Mog olhou em volta para as garotas e viu que elas estavam amontoadas compartilhando cobertores, apenas para olhar.

- Alguém arrume uma escada! - ela gritava para a multidão, estarrecida porque não faziam o menor esforço para ajudar. - Annie ainda está lá, temos que tirá-la!

Mas ninguém se movia. Havia homens grandes e saudáveis entre eles, porém ficaram lá como muitos carneiros encarando a casa e apontando para as chamas que já estavam saindo da

janela do salão, que era próxima da janela da Annie.

Com muito medo de que Annie queimasse até a morte, Mog lançou o cobertor de lado, pulou em uma lixeira e subiu no muro do quintal. Com os pés descalços ela correu ao longo dele e ao chegar ao muro da casa tentou se esticar para pegar o peitoril da janela do quarto de Annie. Mas estava no mínimo a um metro de distância.

- Deixe-me passar - uma voz masculina e alta de repente gritou, e Mog se virou para ver, para sua surpresa e alívio, que era Garth Franklin carregando uma escada, ajudado por Jimmy.

- Annie está lá dentro. - Mog apontou para a janela e voltou pelo muro para descer de novo. - Acho que ela deve ter sido vencida pela fumaça.

Garth se moveu com muita rapidez. Ele praticamente arremessou a escada contra o peitoril da janela do quarto e a endireitou. Tirou alguma coisa do bolso e bateu contra o vidro, então deu pancadas várias vezes em volta da borda para quebrar o resto. Então ele entrou. Jimmy apareceu atrás de seu tio e pulou para dentro com a mesma rapidez, então de repente Garth estava do lado de fora na escada de novo enquanto Jimmy ajudava a colocar a mulher inconsciente sobre os ombros do homem mais velho.

Enquanto Garth descia pela escada com a Annie, o som dos vidros quebrando de dentro ficaram tão altos como fogos de artifício. Mog segurou a respiração porque Jimmy tinha desaparecido da vista. Mas somente quando Garth chegou ao chão, e Mog estava agitada, torcendo suas mãos, porque ela sentia medo de Jimmy ter desmaiado também, ele saiu da

janela carregando a caixa de dinheiro e o casaco de pele da Annie.

E naquele exato momento o sino soando dos bombeiros foi ouvido. A multidão se animou e se moveu para trás quando os quatro cavalos puxando o carro de bombeiros atrás deles galoparam em direção ao Court em um ritmo cada vez mais acelerado.

Mas Mog só conseguia pensar em Annie, tirou-a de Garth, envolvendo-a em um cobertor, e a deitou no chão, ajoelhando-se ao lado dela.

Ela não tinha ideia do que se devia fazer para as pessoas que desmaiam por causa da fumaça, mas de repente Annie começou a tossir e abriu os olhos.

- Oh, meu bom Jesus! - Mog exclamou sem fôlego, pegando sua amiga nos braços. - Pensei que você estivesse morta.

- Eu pensei que ia morrer também quando não pude abrir a janela. - Annie ficou ofegante antes de outra onda de tosse novamente.

Mog pôs Annie sentada, batendo em suas costas para ajudá-la a pôr para fora a fumaça, e a envolveu no cobertor protegendo-a mais. Mog estava congelando também em sua camisola, mas só estava preocupada com sua amiga.

- Todo o lugar se foi? - Annie se virou e tentou falar com voz rouca alguns minutos depois.

Até então Mog não tinha nem considerado o que a perda da casa significava; para ela eram as pessoas que viviam lá que importava. Mas quando ela virou a cabeça para olhar aquilo tudo, seus olhos se encheram de lágrimas. Em cada janela havia chamas saindo de lá. Ela se lembrava de quanto animada ela e Annie tinham ficado quando foram comprar o lustre e o tapete persa para o salão. Ela adorava polir o

piano e arrumar as flores frescas na mesa da sala. Quase tudo, cama, porcelana, pinturas e tudo o mais na casa tinha uma história.

Até mesmo o porão, que era sua área, estava aceso agora. Todos estes pequenos tesouros, sua cesta de costura, uma fotografia de Belle em uma moldura de tartaruga, a escova de cabelo prateada atrás que Annie havia lhe dado no Natal, um gato de porcelana e umas coisinhas e peças que ela juntou durante anos, e que faziam de seu quaro seu lar, tinha sido queimado.

Mog supunha que a maioria das pessoas pensavam que é uma vergonha trabalhar como empregada em um bordel, mas ela nunca teve - na verdade tinha orgulho em mantê-lo limpo e confortável. Annie e as garotas eram como sua família, o bordel tinha se tornado sua vida, e agora tinha desaparecido.

- Sim, tudo se foi. - Mog lutou para não desabar. - Mas vamos ficar felizes que ninguém morreu lá. Alguém estava tentando matar todas nós.

Garth veio e colocou um cobertor nos ombros de Mog quando ela estava ajoelhada ao lado de Annie. - O melhor para vocês duas é vir comigo - ele disse rouco.

Mog olhou para cima, para o grande e barbudo homem ruivo com surpresa. Ela sempre tinha ouvido falar que ele era duro e de espírito mesquinho. - Isso é tão gentil, senhor Franklin - ela respondeu. - Mas você fez mais que o suficiente por nós esta noite. Não podemos nos impor a você. Iremos para um hotel.

- Vocês não farão isso - ele falou com firmeza. - Alguém tentou matar vocês esta noite, e não é difícil adivinhar quem pode ser. Vocês

precisam de uma lugar seguro, e estarão seguras comigo.

As pessoas foram indo embora, pois os bombeiros tinham o fogo sob controle e estava muito frio para ficar parado. Mog olhou e viu que todas as outras garotas tinham ido embora - ela supôs que os vizinhos tinham amavelmente lhes oferecido uma cama por uma noite. Mas ela achou que elas podiam ter vindo e perguntado como ela e Annie estavam.

- Venham, vocês procurarão a morte aqui fora - Garth disse impacientemente, e pegando Annie em seus braços como se ela não pesasse mais que uma pequena criança, ele começou a andar em direção do Ram's Head.

- Venha, senhorita Davis. - Jimmy sorriu para Mog, colocando sua caixa de dinheiro no chão e segurando o casaco de pele de Annie para ela colocar os braços dentro. - Para casa com a

gente? Seus pés devem estar congelados! - Ele pegou a caixa de dinheiro novamente e ofereceu seu braço a ela. Mog ficou feliz de pegá-lo, pois depois do choque e dos esforços feitos naquela noite era bom poder deixar as decisões para outra pessoa, mesmo que fosse apenas um jovenzinho.

Três dias depois do fogo, Mog estava parada ao lado de Annie em desespero. Ela tinha com firmeza se recusado a tomar banho, então ainda cheirava a fumaça e seu cabelo ainda continha rabos de ratos nos ombros de sua camisola suja. Exceto levantar para usar o penico de vez em quando, ela não tinha deixado a cama desde a noite em que Garth a colocou lá.

- Estou arruinada - ela soluçou. - O que vai ser de mim?

Mog automaticamente colocou uma mão, em apoio, no ombro de sua amiga, mas ela estava achando difícil sentir muita simpatia, pois fisicamente não havia nada errado com Annie. Ela comia tudo que colocavam na frente dela, e tinha parado de tossir. Mog havia perdido sua casa e sua subsistência também, mas não ficava deitada chorando e se lamentando, na verdade ela estava tentando tirar o melhor de uma situação se fazendo útil no Ram's Head.

O quarto que elas dividiam era desagradável, muito pequeno, e até Mog teve dificuldade com isso, e muito sujo. Mas mesmo que não tivesse conforto e estilo a que elas estavam acostumadas, era muito gentil de Garth levá-las para lá.

Em retribuição, Mog se virava para cozinhar e limpar desde manhã bem cedo no Ram's Head. E embora Garth fosse um homem de poucas palavras, e não dado a elogios, sentia que ele

estava gostando de ter comida caseira e uma faxineira lá. Jimmy tinha lhe confidenciado que seu tio tinha ficado muito mais fácil desde que elas haviam chegado e Mog fez ali parecer um verdadeiro lar.

Mog gostava de estar lá. Jimmy era um bom rapaz, e era bom viver sem todas as brigas mesquinhas que acontecia com as garotas. Mas com Annie se recusando a se recompor e nem mesmo tomando uma decisão sobre o futuro dela, era muito provável que Garth logo se sentisse usado e pediria para elas saírem.

- O que você quer dizer com o que vai ser de mim? - Mog devolveu. - Você está viva. Receberá um pouco da companhia de seguros. E tem a caixa de dinheiro.

Mog não tinha a ideia exata do que a caixa continha, mas estava pesada, e ela sabia que

Annie não arriscaria sua vida para voltar a menos que houvesse uma soma considerável lá.

- Você não entenderia, nunca teve que mobiliar uma casa ou ter a responsabilidade de dirigir um negócio.

- Eu não me lembro de você mobiliar também. Além do lustre e do tapete persa, a maioria das outras coisas vieram da Condessa - Mog retrucou. - Quanto a eu não dirigir, eu estive lá noite e dia, organizando a alimentação, a lavanderia, limpando os quartos, pondo as garotas na linha e cuidando de você e de Belle. Se não fosse por mim todas teriam morrido na cama. Como você pode sugerir que eu não tenho nada a ver com a administração da casa?

- Você sempre foi apenas uma empregada.

Mog olhou duramente para Annie. Ela nunca foi linda. Tinha sido atraente, com uma boa

silhueta, mas sua pele era amarelada e seu cabelo castanho opaco. O que ela tinha era presença. Só precisava entrar em um lugar e as pessoas se viravam para ela; ela era interessante e equilibrada com algo exótico. Quando era uma das garotas, esta presença fazia os homens sentirem que estavam levando algo especial extra, e como os homens a solicitavam frequentemente, talvez ela realmente tivesse.

Então, quando a casa foi deixada para ela, Annie fez a transição harmoniosa de prostituta para madame. Sua natural dignidade e equilíbrio exigiam respeito. Ela usou apenas a quantidade certa de frieza com aqueles que tinham sido seus clientes para fazê-los entender que ela estava agora fora do alcance, porém que eles ainda eram bem-vindos na casa.

Mas agora ela estava afundada em autopiedade, sua dignidade tinha

desaparecido. Ela olhou e sentiu o cheiro tão rançoso como algumas mulheres malévolas que havia na casa. A triste verdade da questão é que mulheres no lado errado, em seus 30, provavelmente não terão muitas novas oportunidades, e mesmo pensando que havia simpatia por Annie agora por causa do desparecimento de Belle e do fogo, logo ela murchará e morrerá se não se levantar e começar a lutar de novo.

- Apenas uma empregada - Mog disse com um profundo suspiro. - Obrigada por isso, Annie. É bom saber que eu tenho valor. Eu tenho lidado com a polícia por você desde o fogo, esvazio seu penico, trago suas refeições, pego suas roupas, e todo o tempo eu tenho sofrido por sua filha como se fosse minha. Porém não tenho escutado você dizer uma palavra sobre ela! "Apenas uma empregada", você diz! Bem, eu tenho profunda certeza de que você não conhece nenhuma outra empregada que fez

tudo o que eu fiz por você. Então talvez seja hora de eu cuidar de mim e parar de me preocupar com você e com os seus.

- Olha, você sabe que eu não quis dizer isso - Annie disse movendo sua cabeça. - Eu estou caída, o que espera?

- Eu espero que você possa estar feliz de que ainda tenhamos uma à outra - Mog replicou. - Espero que comece a pensar sobre o que podemos fazer com esse bastardo que levou Belle e pôs fogo em nós. O jovem Jimmy, Garth e Noah estão todos do seu lado, mas é hora de se lavar e se arrumar bem de novo, e voltar para a luta.

- Não posso - Annie se queixou. - Não tenho mais forças. Queria que você tivesse me deixado morrer no fogo.

- Há coisas piores do que perder uma casa - Mog disse perplexa. - Belle ter sido sequestrada por um assassino é uma delas. Mas você não desmoronou por isso. Você tem certeza de que a casa não é mais importante para você do que Belle?

- Você não entende. - Annie olhou para Mog com lágrimas nos olhos. - Ser dona da casa compensava por todas as outras coisas horríveis que fizeram comigo. Quando a Condessa a deixou para mim isso curou minhas feridas. Eu podia parar de ficar presa aos homens que abusaram de mim, e todos os homens para quem eu tinha de fingir querer porque estavam me pagando. Agora acabou, todas aquelas memórias voltaram. Não sou nada agora.

- Você será *nada* se não lutar por sua Belle - Mog respondeu, tentada a dar um tapa para acordar Annie. - Você deve ir até o Bow Sreet agora fazer um escândalo pelo fogo, não ficar

deitada aqui se acabando. Exija ver o homem mais experiente de lá, insista que eles investiguem o fogo e o sumiço de Belle. Por que não usar um pouco do dinheiro da caixa para oferecer uma recompensa por informação? É impossível que algum rato por aqui não saiba algo… Dinheiro sempre os tira de seus esconderijos.

- O Falcão fará mais coisas comigo - Annie disse fracamente.

Mog revirou os olhos exasperada. - O que mais ele pode fazer? Ele já fez as duas piores coisas em que eu posso pensar, não há mais nada a fazer.

- Ele pode me matar.

- Bem, você disse que queria que eu a deixasse morrer no fogo, então não será tão ruim - Mog disse sarcasticamente. - Agora vou encher a banheira para você na copa. Se não se levantar

eu temo por você e eu terei que me afastar de você.

Capítulo 12

Mog se inclinou no balcão agressivamente e colocou o rosto perto do sargento de polícia.

- Por que vocês não foram na casa ou no escritório de Kent e o interrogaram - ela exigiu saber. - Ele assassinou uma jovem, sequestrou uma criança e queimou nossa casa. O que mais ele tem de fazer para vocês tomarem uma providência?

Foram dois dias até Mog convencer Annie a ir ao Bow Street para pressionar a polícia a agir. Mas como ela não chegava de jeito nenhum perto de uma decisão, Mog sentiu que tinha de assumir.

- Já o chamamos nos dois, na casa e no escritório de Kent. Ele está fora do país, então não poderia ter colocado fogo. - O sargento

gordo e vermelho de um sorriso afetado claramente achando que ia fazer Mog desistir.

- É mesmo? - ela desdenhou. - Como se eu acreditasse nisso.

A expressão do policial se fechou. - Você tem que acreditar porque temos evidências de um passageiro em um barco que estava deixando Dover em 14 de janeiro.

- É o dia depois em que Belle foi sequestrada - Annie exclamou. - Então a levaram para fora do país! Para onde?

- Ele estava viajando para a França com outro homem, sem criança com eles - o sargento disse com um jeito aéreo.

Mog engasgou. - Então ele deve tê-la matado - ela disse.

- Não há absolutamente nenhuma evidência de que ele raptou a garota, a matou ou causou o incêndio. - O sargento revirou os olhos e olhou farto para o teto. - O coletor do senhor Kent confirmou que ele ainda estava fora do país. Agora, saiam, tenho trabalho a fazer.

Annie se virou para sair, mas Mog não ia desistir tão fácil. - Você tem coração? - ela perguntou. - Como você se sentiria se sua filha fosse roubada de você e sua casa incendiada? É um fato que Millie foi assassinada por este Kent, um ato testemunhado por nossa Belle. Então não tente dizer para nós que ele não a levou ou que não queimou nossa casa para nos assustar e ficarmos quietas. E o que é ainda mais assustador é que você está levando em consideração um homem que tem alguns dos piores cortiços em Londres. Ele dificilmente seria confiável!

- Prostitutas menos ainda - o sargento retrucou. - Agora, saia antes que eu pense em algo para prender vocês duas.

Se Annie não tivesse agarrado o braço de Mog e a puxado para fora da delegacia de polícia, Mog teria tentado esbofetear o policial.

- Você ouviu o que ele disse? - Ela soltou quando chegaram na rua. Seu rosto estava roxo de raiva.

- Sim, ouvi, e não gostei mais do que você - Annie disse, pegando os dois braços de Mog e a sacudindo gentilmente para falar abruptamente. - Mas ele estava amaçando nos prender por algo, e isso não ajudaria ninguém. Noah virá mais tarde, vamos falar com ele e ver o que podemos fazer a seguir.

Mog perdeu na luta contra Annie. Ela sabia que estava nocauteada por enquanto e ser presa não serviria para nada.

Era outro dia muito frio e o vento gelado produzia mais cor ainda nas bochechas de Mog quando elas voltaram em direção ao Ram's Head. Annie deu uma olhada de lado em Mog e viu, a propósito, que sua boca estava uma linha reta, pois ela estava zangada, e um pouco desta raiva era dirigida a ela.

Annie sabia que Mog não achava que ela sentia tão profundamente quanto a própria Mog os recentes acontecimentos, mas ela estava errada. Apenas Annie achava impossível falar de seus sentimentos. Ela desejou que pudesse ser diferente, gostaria de ser capaz de derramar sua raiva e medo, mas não conseguia. Em vez disso, o assassinato de Millie e o sequestro de Belle estavam trancados dentro da cabeça dela, girando, paralisando tanto que se sentia

incapaz de fazer qualquer coisa. Essa era a razão de ter ficado na cama por tanto tempo depois do fogo.

Se todo mundo pensava que ela estava sofrendo do choque de ter ficado presa no fogo, ela estava feliz por isso, pois certamente não queria admitir como se sentia culpada por ter falhado em proteger sua própria filha. Não uma, mas duas vezes. Ela falhou em checar onde Belle estava na noite do assassinato e depois em prever que Kent podia tentar silenciá-la permanentemente por causa do que ela tinha visto.

Em nome de que nesta terra ela arriscou e tentou guardar tudo em vez de contar quem tinha matado Millie imediatamente e enviar Belle para um lugar seguro?

Não havia resposta para essa questão. Ela se comportou como uma avestruz, escondendo

sua cabeça na areia, imaginando que tudo acabaria, e ela sempre sentiria vergonha disso. Mas ela desejava também que fosse capaz de dizer a Mog que a amava como a uma irmã. Ela era sempre constante, gentil, honesta e leal, e ficava surpresa quando Annie era frequentemente maldosa com ela. Mas depois, podia sempre justificar sua maldade com ela dizendo a si mesma que Mog tinha uma vida encantada. Ela nunca tinha sido forçada a se vender, sempre teve uma casa segura e trabalho onde ela era valorizada, sem responsabilidade real. Além disso, Belle tinha sempre a amado mais também, por mais que não fosse sua própria mãe.

Mas bem no fundo Annie sabia que Mog tinha ganhado aquele amor, e ela tinha que admitir que Mog também estava certa em reclamar por ficar na cama sentindo pena de si mesma. Então ela se obrigou a levantar, tomar um banho, lavar o cabelo e colocar as roupas que

Mog tão atenciosamente tinha separado e comprado para ela. E tão logo ela se viu no espelho parecendo muito como estava antes de os problemas começarem, ela se sentiu mais ela mesma.

Ela era muito agradecida a Jimmy por resgatar seu lindo casaco de raposa vermelha junto com sua caixa de dinheiro. Um admirador tinha comprado o casaco para ela cinco anos atrás, e agora que o futuro dela parecia tão incerto ela só desejava ter aceitado sua oferta de casamento. Mas isso eram águas passadas, e ela estava determinada a sair do abismo em que estava afundada. No dia anterior ela tinha gastado uma libra inteira em um pequeno chapéu de veludo que combinava perfeitamente com seu casaco. Mog provavelmente veria isso como uma compra completamente frívola e reclamaria que ela deveria pegar um de segunda mão por menos da metade do que pagou, mas Mog não tinha reputação de ser

elegante, e ela certamente não entenderia o desejo de não perder a dela.

- Você acha que os dois realmente foram sozinhos para a França? - Mog perguntou de repente quebrando o silêncio.

- Tenho certeza do que foi dito ao policial - Annie disse. - Mas Kent deve ter subornado alguém para dizer isso. Eles podem até ter contrabandeado Belle para o navio. Eu estou interessada em saber quem era o outro homem.

- Como podemos descobrir? - Mog perguntou.

- Eu podia pedir a Noah para pegar um trem para Dover e perguntar no escritório do porto - Annie disse. - Ele parece ser um jovem engenhoso, tenho certeza de que ficaria feliz em ir.

Mog parecia um pouco animada com isso, mas isso antes de ela falar de novo. - O que vamos

fazer de nossas vidas, Annie? - ela perguntou. - Quero dizer sobre como sobreviver e arrumar uma nova casa. Não podemos ficar com Garth muito mais tempo.

Annie tinha se feito a mesma pergunta mais cedo naquela manhã. Foi um tempo antes de ela esperar algum dinheiro do seguro, e duvidava que tivesse o suficiente para reconstruir a casa ou comprar outra. Mas colocando isso de lado, ela não se sentia capaz de tomar decisões sobre o futuro ainda. Precisava de um tempo sozinha para considerar todas as opções.

- Talvez você pudesse fazer planos apenas para si - ela respondeu. - Não serei capaz de manter uma empregada, pelo menos não num futuro próximo.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, Annie percebeu que isso implicava que

Mog, antes de mais nada, não era uma amiga de confiança, mas apenas uma empregada.

- Se é assim que você se sente - Mog respondeu, com o tom revelando como tinha ficado magoada.

Annie tentou consertar o que disse, mas podia ver pela expressão de Mog que não fez diferença.

Mog não falou com ela de novo naquela manhã. Cada vez que Annie tentava começar uma conversa ela fingia que tinha algo a fazer em outro cômodo. Mas ao meio-dia, quando Noah chegou no Ram's Head, Mog parecia ter esquecido suas queixas.

Noah tinha sido chamado um dia depois do fogo para oferecer simpatia e perguntar se havia alguma coisa que ele podia fazer por elas, mas naquela hora ele estava carregado

com uma sacola de roupas, lençóis de cama e toalhas de sua senhoria.

- Que gentil! - Mog exclamou, pedindo a ele para vir pelo bar na pequena sala de trás a fim de oferecer a ele refrescos.

- A senhora Dumas é uma dama muito gentil - Noah disse. - Ela lamenta muito por vocês e espera que estas coisas possam ser úteis. Ela também desejaria oferecer a vocês duas um quarto na casa, mas infelizmente todos estão ocupados.

Annie disse a ele para agradecer à senhora Dumas em nome das duas, depois lhe contou o que tinha sido dito no Bow Street. - Não acho que o sargento de polícia mentiria sobre Kent ter ido à França, não acha? - ela perguntou, franzindo as sobrancelhas profundamente. - Mas deve haver mais informações a

acrescentar, como o nome de seu companheiro, como chegaram a Dover e assim por diante.

- Acho que a polícia está convencida de que ele foi para a França, mas concordo que deve haver mais para descobrirmos.

- Acho que você pode, Noah, afinal de contas, você é um investigador - Annie disse, e ofereceu-lhe uma diária de pagamento mais despesas.

Noah expressou: - Posso ir a Dover e voltar em um dia - ele disse.

- Eu posso ir com você, Noah? - Jimmy falou da entrada. - Poderíamos passar na casa de Kent em Charing depois, é o caminho de volta. Eu podia entrar por uma janela e dar uma olhada geral para você!

Noah sorriu. - Eu gostaria muito de sua companhia, Jimmy, isso se seu tio puder te dar uma folga de um dia; mas não acho que vamos poder arrombar qualquer lugar.

Jimmy ficou um pouco desapontado com isso. O fogo tinha deixado claro para todos deles que Kent era extraordinariamente mau caráter e capaz de matar qualquer um que tentasse cruzar o caminho dele. Jimmy estava desesperadamente preocupado com Belle; no fundo de seu coração ele sentia que ela estava viva, mas de certa forma era pior, pois ele ficava imaginando o que Kent podia fazer com ela. Tendo feito o possível na busca em seu escritório, agora ele estava pronto para fazer o que fosse necessário para encontrar Belle.

Annie e Noah continuavam conversando e Mog, ainda se sentindo ferida por Annie, foi para dentro do bar ver se ela podia ajudar Garth. Havia apenas dois homens sentados perto do

fogo bebendo demais, e Garth pediu a ela para cuidar do bar enquanto ele foi rapidamente para a adega.

Outros dois homens entraram enquanto ele saía e Mog serviu-lhes três quartos de cerveja para cada. Garth voltou justamente quando ela estava dando a eles o troco.

- Você é boa para se ter por perto - ele disse elogiando. - Vou sentir sua falta quando Annie decidir se mudar.

Mog estava realmente surpresa com a observação calorosa dele. No dia anterior ele elogiou a habilidade dela de cozinhar e agradeceu por costurar botões em suas camisas, mas não tinha imaginado que ele pudesse sentir falta de alguém.

- Não vou me mudar com ela - Mog disse triste. - Ela quer ficar sozinha.

- Bem, isso é surpreendente - ele disse. - O que ela planeja fazer?

Mog sacudiu sua cabeça sombriamente. - Não acho que ela já saiba.

- E você?

Mog deu de ombros. - Posso ser uma boa empregada doméstica, mas quem ia me querer se eu trabalhei em um bordel?

- Eu ia querer - ele respondeu.

Mog deu um meio sorriso, achando que ele estava brincando, mas até agora ela não o tinha visto como um piadista. - Continuar com você! - ela disse.

- Quer dizer. Você fez este lugar parecer mais um lar no pouco tempo que está aqui. Eu gosto disso, e sei que Jimmy gosta de tê-la aqui.

- Ele sente a falta da mãe - Mog disse.

- Sim, sente. Eu penso que ele gasta muito tempo com o passado, e lamento dizer, mas ele não fica choramingando, é um bom rapaz.

Mog não esperava nunca ouvir o grande e ruivo homem elogiando alguém, muito menos Jimmy, ele era a pessoa gentil que age como se pensasse que elogios são fraquezas.

- Então você está dizendo que vai me contratar como empregada? Quer dizer, me pagar?

- Bem, não posso pagar muito. Meia libra por semana está bom para você?

Mog costumava ganhar quase 1 libra, e sabia que uma empregada em uma casa grande poderia ganhar mais ainda, mas depois do que Annie tinha dito essa manhã, ela estava agradecida por ser querida por alguém.

- Me parece muito bom, Garth - ela disse com um sorriso. - Então como empregada você não se importará se eu der uma séria organizada e fizer uma faxina por aqui?

Ele sorriu, e foi tão incomum que era como o sol saindo. - Você pode organizar a casa o máximo possível que quiser - ele disse. - Mas o bar fica do jeito que está, gosto bastante assim.

- Fiquei muito feliz que o tio Garth pediu a Mog para ser sua empregada doméstica - Jimmy disse para Noah quando eles foram para a estação de Charing Cross na manhã seguinte para pegar um trem para Dover. - Eu gosto muito de Mog e não quero que ela vá embora.

- E Annie? - Noah respondeu. Ele já tinha dito que ela pretendia ir embora por sua própria conta.

- Não é fácil gostar da Annie - Jimmy disse pensativo. - Você acha que ela terá um outro bordel?

Noah engoliu. Ele não se sentia confortável falando sobre esse tipo de coisa com um jovem. - Não tenho ideia. Mas eu acho que é melhor ela pegar outro tipo de negócio, assim, se Belle voltar não terá que ser jogada dentro desta situação.

- Talvez ela já esteja sendo forçada a isso.

Noah olhou com atenção para Jimmy e viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. - Vamos esperar que não - ele disse, apertando o ombro ossudo do rapaz. - Você tem uma vantagem em relação a mim, Jimmy. Veja, eu não pude conhecer Belle. Diga-me do que ela gosta.

- Ela é muito bonita, tem o cabelo encaracolado, brilhante como piche molhado e

profundos olhos azuis. Sua pele parecia de pêssego e brilhava também, não como a maioria das garotas daqui. Ela era tão cheirosa, limpa e fresca, e seus dentes eram pequenos e brancos.

Noah sorriu. Essa descrição detalhada mostrava o quanto Jimmy estava apaixonado por ela. - Mas o principal não é tanto como ela parece, mas como ela é - Jmmy acrescentou para uma boa descrição.

- E como ela é?

- Animada, brilhante, tem personalidade própria. Eu a vi a primeira vez no dia em que Millie foi morta. Perguntei se ela era uma prostituta porque ela vivia num bordel.

- O que ela disse disso?

Jimmy sorriu. - Ela ficou muito indignada. Disse que podia viver em um palácio e ainda não ser uma rainha. Mas ela não sabia realmente o que era uma prostituta então. Só descobriu quando viu Millie ser assassinada.

Noah ficou vermelho, pois ele teve de repente uma lembrança de Millie em pé de frente para ele só de *chemise* e colocando a mão dele em seu seio. Suas memórias de Millie eram todas doces e ele não gostava de ouvi-la sendo chamada de prostituta, ou pensar no que a palavra significava.

- Garotas como Millie não têm muita escolha no que elas acabam fazendo para viver - Noah disse. - Com Annie foi o mesmo, ela foi forçada a isso. Então fale com gentileza sobre essas mulheres, são homens como nós que as transformam no que elas são.

- Eu sei disso - Jimmy disse com indignação. - De qualquer forma, a próxima vez que eu vi Belle foi quando fomos ao Embankment Gardens e ela me disse o que viu, colocando tudo aquilo para fora chorando. Eu deduzi que era um jeito realmente ruim para uma garota descobrir aquilo tudo.

- Essas foram as únicas vezes que você encontrou Belle?

Jimmy assentiu. - Ela me causou uma forte impressão, eu estava muito feliz de ela querer ser minha amiga. Então ela foi raptada antes de eu poder conhecê-la melhor.

Eles estavam se aproximando da estação quando Noah parou para comprar um jornal em que ele queria olhar algumas pequenas notícias que tinha escrito e que eram supostamente para estar lá naquele dia.

- Você já esteve em um trem antes? - ele perguntou, feliz de mudar o assunto para algo mais leve quando ele percebeu Jimmy se entristecer falando de Belle.

- Apenas uma vez. Mamãe me levou para Cambridge quando ela teve que fazer ajustes para uma dama para quem ela fazia roupas. Pensei que era maravilhoso, mas foi um longo, longo trajeto.

- Não acho que Cambridge é muito mais longe do que Dover, é por volta de 8 quilômetros, mas quando se é muito novo, sentar por uma hora pode parecer interminável.

- Nunca vi o mar antes. Poderemos vê-lo em Dover?

- Sim, claro. - Noah riu do entusiasmo do garoto. - Será lamentável se estiver muito frio para remar.

Parecia um logo trajeto, interminável, para Dover e estava muito frio no vagão também. Na hora em que chegaram o nariz de Jimmy estava tão vermelho como seu cabelo.

- Você precisa de um casaco quente - Noah disse. Jimmy vestia apenas uma surrada jaqueta de tweed e um cachecol cinza em volta do nariz.

- Eu não gosto de pedir ao meu tio - Jimmy disse. - Mog falou que ela ia tocar no assunto e pedir novas botas também - as minhas têm buracos - mas acho que ela esqueceu.

- Eu tenho um casaco em casa que é muito pequeno para mim - Noah disse. - Vou pegá-lo quando voltar. Mas eu uso minhas botas até elas se partirem.

- Você é realmente um dândi - Jimmy observou, olhando com admiração o casaco escuro

até o joelho, seu chapéu de tigela e o curto colarinho inglês.

- Tenho que ser no meu tipo de trabalho - Noah explicou. - As pessoas que questiono sobre os pedidos de seguro não me levariam a sério se eu parecesse com um camelô. Minha mãe sempre dizia: "As roupas fazem o homem".

- Minha mãe costumava dizer isso também - Jimmy disse enquanto eles andavam na estrada em direção ao porto. - Eu estava sempre muito bem vestido até que ela ficou doente. Então tivemos que gastar o dinheiro em coisas mais importantes como os remédios dela e comida. Eu costumava desejar que parasse de crescer assim não precisaria de coisas novas.

Noah colocou uma mão no ombro do rapaz. - Ela realmente teria orgulho de você - ele disse. - Suspeito que você nem percebeu que seu tio rabugento gosta de você.

Jimmy deu uma risadinha. - Ele não é tão ruim quando se acostuma com ele. Ele late, mas não morde. Minha mãe me disse que ele só se tornou assim quando sua mulher fugiu com outro homem. Acho que agora que Mog vai ficar conosco ele pode até ficar feliz porque ele realmente gosta dela.

Jimmy ficou em silêncio quando viu o mar. O vento soprava nas ondas altas que quebravam nos seixos da praia com imensa força.

- É muito diferente em um dia de verão - Noah explicou, percebendo que Jimmy sentiu um pouco de medo do que viu. - Ele pega sua cor do céu, por isso está cinza-escuro agora, mas em dia de sol ele terá um encantador azul-claro e ondas gentis. Talvez possamos vir depois durante o ano para você ver.

- É tão grande - Jimmy disse em uma voz com respeito. - Vai indo e indo... Para sempre.

- Porém este é o trecho mais próximo da França, apenas 30 quilômetros. As pessoas nadam nele.

- Mas não em um dia frio como este. - Jimmy riu. - Você pode ver como está frio apenas olhando para ele.

Jimmy ficou muito impressionado pelo jeito como Noah enfeitiçou o bilheteiro. Ele tinha rosto magro, jeito de muito infeliz, que tinha começado de forma hostil dizendo que não podia dar nenhuma informação sobre passageiros. Mas Noah disse que ele era um investigador de uma companhia de seguro e tinha a aprovação da polícia para continuar suas investigações, o que fez o rapaz abrir um livro e olhar na lista do dia em questão.

- O senhor Kent e o senhor Braithwaite - ele disse. - E me lembro deles porque quiseram uma cabine.

- Eles estavam com uma jovem garota?

- Oh não! Eram só os dois.

- Você se lembra como Braithwaite se parecia? - Noah perguntou.

O recepcionista franziu as sobrancelhas. - Ele tinha cabelo encaracolado e era mais agradável que o outro, mas é só, estava escuro, a luz aqui não era boa.

- Há qualquer outro jeito que eles poderiam contrabandear uma garota para o navio sem ninguém notar?

- Não. O bilhete dos passageiros são checados de novo quando eles sobem no corredor do navio. Somos todos vigilantes com isso.

- Como os homens chegaram?

- Não consigo ver daqui, mas imagino que fosse em um táxi ou em uma carruagem, pois tinham um baú com eles.

- Um baú! - Noah exclamou. - Que tamanho tinha?

- Não sei, eles não o trouxeram aqui. Eu ouvi os porteiros perguntarem se eles queriam ajuda.

- Então foi assim, eles a colocaram em um baú - Noah disse quando eles deixaram a bilheteria.

- Você não tem como ter certeza - Jimmy disse.

- Eu tenho - Noah insistu. - Homens não levam baú a não ser que estejam emigrando, eles servem mais para as coisas de mulher e roupas

de cama. Um homem só levaria uma maleta ou uma mala.

- Ela estaria viva no baú? - Jimmy perguntou temeroso.

Noah sugou suas bochechas enquanto pensava. - Acredito que sim - ele disse finalmente. - Alguém se arriscaria a ser pego deixando o país com um corpo? Isso não faria sentido. Mas se foi assim que a leva-ram, então devem tê-la drogado para mantê-la quieta.

- Isso significa que eles têm algo especial preparado para ela - Jimmy disse com um tremor na voz. - O que poderia ser?

Noah não precisou dar uma razão, ele podia ver que Jimmy já sabia a resposta. Ele apertou o ombro do rapaz, desejando que ele pudesse pensar em uma alternativa menos pavorosa. - Você disse que Belle tem coragem e

personalidade, então ela podia muito bem ser mais esperta do que seus sequestradores. Vamos até a casa de Kent ver se podemos descobrir alguma pista lá de para onde eles a levaram.

- Você quer dizer invadir? - Jimmy perguntou, com os olhos se iluminando.

- Acho que sim. - Noah sorriu.

Apenas depois das onze da mesma noite, Noah e Jimmy voltaram para o Ram's Head. Garth colocava para fora os últimos poucos clientes do bar e disse a Jimmy para ir nos fundos e trazer Annie e Mog para se juntar a nós no bar.

As duas mulheres vieram correndo, com o rosto brilhando de expectativa. Noah desejou ter mais a dizer para elas.

Ele repassou o que descobriram em Dover e depois mudou para como pegaram o trem para Charing e invadiram a casa de Kent.

- Mas isso não revelou nada de incomum a não ser uma ferramenta de furo deixada na sala - Noah disse sombrio.

- Não era o topo de lugar que esperávamos, era? - Jimmy falou, olhando para Noah. - Era tão bonito e perfeito, não o tipo de lugar que você espera de um homem que administra cortiços.

Noah deu um sorriso afetado para Annie. - Ele está certo, isso me faz pensar em uma casa de boneca. Cada detalhe da mobília, cada ornamento, tapete e almofada pareciam ter sido escolhidos e colocados no lugar com grande cuidado. Como se fosse um bom ladrãozinho, Jimmy forçou uma pequena janela e abriu completamente a porta para mim, eu estava

quase com medo de entrar, estava muito organizado.

- Engraçado pensar isso, parecia mais uma casa de mulher - Jimmy disse. - Eu costumava entregar roupas que minha mãe tinha feito para duas mulheres em Islington. Sua casa era igual a esta, como se nenhum homem tivesse entrado lá. Me deu arrepios. Checamos em cima, mas não havia coisas de mulher em nenhum lugar.

- O que é uma ferramenta de furo? - Annie perguntou.

Noah demonstrou com suas mãos que era uma ferramenta para fazer buracos para parafuso, mais usada por carpinteiros. - Todas a outras ferramentas estavam no galpão do jardim, colocadas habilmente em um cinto de couro com voltas para segurá-las. Acho que usaram a ferramenta para fazer buracos para respirar no

baú. Mas não achamos nada mais. Então acho que podem ter levado Belle lá só para pegar o baú e colocá-la dentro dele, então seguiram para Dover.

- Vocês olharam os papéis dele? - Annie disse.

- Sim, mas não havia muito, apenas contas de comerciantes, todas em nome de senhor Waldegrave, e olhei cada uma delas - Jimmy disse seriamente. - Você sabe que Belle ouviu Kent pedindo a Millie para ir embora com ele? Bem, acha que ele fez este lugar para ela? Porque é o que parece.

Annie deu de ombos. - Quem sabe? Não dá para imaginar um homem que estrangula uma mulher por dizer a coisa errada cuidando dela o suficiente para fazer uma casa bonita para ela. Talvez ele nunca tenha pretendido viver com ela. Ele pode ter planejado levá-la de barco para outro lugar também.

Noah olhou pensativo. - Talvez por isso ele mantenha essa casa assim. Um bom lugar para levar garotas para elas acharem que vão ter segurança financeira, então as vende.

- Não havia nenhum sinal de que Belle foi mantida lá? Pratos sujos, coisas fora do lugar, cama desarrumada? - Annie perguntou.

Noah balançou a cabeça. - Nada. Nem uma xícara suja e pires ou um tapete que estivesse levantado. As camas estavam todas arrumadas com colchas. Ele deve ter uma empregada. Nenhum homem manteria uma casa daquele jeito. Mas não se sentia umidade nem frio, como se ninguém estivesse estado lá há anos. Então talvez alguém vá lá e acenda um fogo de vez em quando para ele?

- Você perguntou na vila sobre isso?

- Não ousamos. É um lugar pequeno, ficamos com medo de parecer suspeito - Jimmy disse.

- Estranho um homem viver em uma casa perfeita e ganhar a vida com um lugar como o Core - Mog disse sensatamente. - Se eles não mantiveram Belle lá, pode ser que tenham ficado na casa do outro homem. Braithwaite, este era o nome dele?

Garth de repente pareceu animado. - Acabei de lembrar que eu conheço um homem chamado Braithwaite - ele disse. - Não o conheço pessoalmente, apenas histórias sobre ele. É um jogador. Conhecido por Sly!

- Você o viu? - Noah perguntou.

- Não. - Garth balançou a cabeça. - Apenas os homens que o mencionaram aqui. Mas posso perguntar sobre ele por aí.

- Pode não ser o mesmo Brathwaite - Mog disse.

- Não é um nome comum - Annie observou. - Quais as chances de ter outro por aqui?

- Mas Kent pode não conhecer o homem daqui - Mog argumentou.

Annie apertou os lábios. - Bem, não consigo vê-lo recrutando ajuda para um sequestro na pequena vila. Você consegue?

Mog ignorou o sarcasmo de Annie. - E agora? - ela perguntou. - Quero dizer, se Belle está na França nunca a encontraremos.

- Tenho alguns modos de obrigar Kent e Braithwaite falarem - Garth disse sombriamente. - Kent não ficará fora daqui por muito tempo, ele tem que pegar os aluguéis do Core para o

banco. Aviso quando ele reaparecer, não se preocupem com isso.

- E se ele arranjar alguém para pôr fogo aqui? - Jimmy disse em uma baixa e temerosa voz. - Ele não irá ceder facilmente, vai? Afinal de contas, ele será enforcado por matar Millie.

- A única coisa de que um valentão tem medo é de um maior que ele - Garth disse com um sorrisinho. - Acredite em mim, vou fazer este bastardo gritar quando o pegar.

- Mas quanto tempo temos de esperar? - Mog disse, esfregando as mãos. - A cada dia que passa Belle está em perigo maior. Eu nem posso suportar o pensamento do que pode estar acontecendo com ela.

- Nem eu posso - Jimmy disse com voz baixa e tensa. - Não importa o que aconteça, vou achá-la e trazê-la para casa.

Todos os adultos olharam para ele e viram a determinação em seu rosto sardento. Garth abriu a boca para zombar, mas viu o aço nos olhos do rapaz e assentiu aprovando.

- Que bom para você ! - Noah exclamou. - Se eu tivesse agido de acordo com meu coração em relação a Millie, talvez ela estivesse viva agora.

- Deus te abençoe - Mog disse delicadamente. - Você, Jimmy, e Noah e Garth restauraram minha fé nos homens.

Capítulo 13

- Diga-me onde estou, Lisette, e o que vai acontecer comigo - Belle implorou. - Sei que você é uma mulher gentil, então por favor me diga a verdade.

Aparentemente havia pouco com o que se preocupar. Seu quarto era brilhante e confortável, um fogo era aceso a cada manhã, Lisette trazia sua bebida e alimentação três vezes por dia, havia até fruta em uma tigela para comer, e tinham lhe dado alguns livros de inglês para ler e roupas novas. Mas do lado de fora da janela, terra e cores cinzenta em um inverno pardo, marrom e preto que se estendia a grandes distâncias sem uma casa à vista, e a porta de seu quarto era sempre mantida trancada.

- Sinto muito por você, *ma chérie* - a francesa respondeu, com seu rosto bonito cheio de sinceridade. - Mas sou apenas uma empregada, e

foi dito para eu não te contar nada. Posso te dizer que está em uma vila perto de Paris, mas é tudo.

- Paris! - Belle exclamou.

Lisette assentiu.

- Não quero que você tenha problemas - Belle disse. - Mas com certeza você pode me dizer se homens vão vir aqui e me estuprar de novo?

- Não, não, não isso, não aqui. - Lisette pareceu horrorizada com a sugestão. - Essa casa é como hospital, para mulheres doentes.

- Mas não estou doente agora. O que eles pretendem fazer comigo?

Lisette deu uma olhada ao redor na expectativa de alguém estar espionando. - Você não

pode dizer que eu te disse. Mas eles planejam te mandar embora para a América logo.

- América! - Belle exclamou descrendo. - Mas por quê?

Lisette encolheu os ombros. - Eles compraram você, Belle, você é, como eu digo, propriedade deles.

Belle de repente se sentiu mal. Ela sabia o que "propriedade deles" significava.

- O que eu vou fazer? - ela perguntou.

Lisette não respondeu imediatamente, mas olhou para Belle sentando na cadeira baixa à frente do fogo. - Acho - ela disse finalmente - que o melhor para você é fazer o que eles querem.

Belle olhou para cima, seus olhos brilhando com ódio. - Você quer dizer que tenho de ser uma prostituta?

Lisette franziu as sobrancelhas. - Há coisas piores, *ma chérie*. Morrer de fome, não ter casa. Se você lutar eles a punirão; uma garota que trouxeram aqui teve seu braço arrancado. Agora ela não pode trabalhar, mas os homens a levam para becos por algumas moedas.

O estômago de Belle se revirou com a imagem que Lisette tinha pintado para ela. - Eles fazem isso? - ela perguntou em um suspiro aterrorizado.

- Eles fazem pior também - Lisette respondeu. - Meu coração vai com você, mas ouça o que eu digo. Se você fizer conforme eles querem, aprender a jogar o jogo que os cavalheiros querem, eles não te vigiarão tão de perto.

- Não sei como você pode me dizer para fazer isso - Belle gritou.

- É porque eu gosto de você, Belle, e devo te dizer a melhor maneira de se salvar. Eu fui levada para uma casa quando era jovem exatamente como você. Sei como isso é ruim. Mas com o tempo não importa mais. Eu fiz amigos, rio de novo.

- Você ainda faz isso agora?

Lisette balançou a cabeça. - Não mais, trabalho aqui, cuido das pessoas doentes. Tenho um filho.

- Você é casada?

- Não. Não casada. Digo às pessoas que meu marido morreu.

Belle silenciosamente digeriu toda a informação enquanto Lisette arrumava seu quarto. O pensamento de que tinha de deixar qualquer homem se aproximar dela, e ainda fazer aquela coisa horrível com ela, a fazia estremecer, mas o senso comum dizia a ela que a maioria das mulheres não tinham medo de sexo, ou o odiavam, ou não havia nem romance nem casamento. Ela não se lembrava de qualquer uma das garotas da Casa da Annie dizendo que odiavam homens; algumas delas até tinham namorados que iam encontrar em suas noites de folga.

- Como eu posso aprender a tolerar isso? - ela perguntou depois de um tempo.

Lisette veio mais perto dela e colocou a mão em seu ombro. - Você pode ter um jovem de que você goste, então é muito diferente. Muitas garotas vão compartilhar seus truques para deixar o homem tão excitado que tudo

acaba rápido. Mas eu te prometo, isso nunca vai te machucar do jeito que aconteceu nas primeiras vezes.

Lágrimas vieram aos olhos de Belle porque ela sentia que a mulher realmente se preocupava com ela. - Sinto falta da minha mãe e de Mog que costumava cuidar de mim - ela desabafou. - Elas devem estar tão preocupadas. Você não pode me ajudar a fugir?

Lisette olhou tocada. - Eu desejava poder ser corajosa suficiente, mas eles machucariam meu Jean Pierre. Uma mãe sem marido não pode arriscar - ela disse. - Mas me ouça, Belle, mesmo que você conseguisse sair de algum jeito, sem dinheiro você não poderia voltar para casa. Talvez pessoas muito ruins te pegam, pior do que aqui.

Belle estava longe de ser estúpida, e do que ela já tinha passado percebeu que os "donos"

dela se tornariam muito cruéis com qualquer um que tentasse libertá-la. Então era completamente compreensível que Lisette tivesse medo pela segurança do filho. Ela sabia também que mesmo se ela pudesse encontrar o caminho para a costa, ela não poderia atravessar o canal inglês sem dinheiro. - Está certo - ela disse, dando a Lisette um fraco e triste sorriso. - Você tem sido tão gentil comigo, e eu não ia querer te causar problemas. Mas por que me levarão para a América? É tão longe!

Lisette deu de ombros. - Não sei. Talvez as garotas inglesas sejam especiais lá. Mas você estará com pessoas que falam sua língua, isso é bom.

Belle assentiu.

- Se você mantiver sua cabeça, aja doce e boa, enquanto observa as pessoas em sua volta.

Você acha as fraquezas delas, e use-as - Lisette acrescentou.

Belle lembrou quando Mog afirmava que Annie descobria as fraquezas das pessoas depois jogava com elas. Na hora isso não fez muito sentido para ela, mas agora estava começando a fazer.

- Madame Sondheim que está me mandando para a América?

- *Non*. Lisette balançou o dedo negando. - Ela vendeu você quando ficou doente. Ela já ganhou dinheiro, não ter desejo de ficar com você na casa.

Belle lutou contra se derramar em lágrimas, pois era horrível pensar que ela estava sendo passada para frente como se fosse um pedaço de carne no mercado de Smithfield. - Depois meu novo dono pode ser pior? - ela perguntou.

- Seu novo dono paga para você estar aqui. Eles veem você ter boa comida, cama macia e enfermeira para a saúde. Você é valiosa para eles, eles não te machucarão a não ser que brigue com eles.

Belle estava muito desanimada para fazer mais perguntas. Ela não podia acreditar que alguém podia comprar uma jovem doente que tinha sido sistematicamente estuprada por vários homens, e depois planejar embarcá-la para a América para ser uma prostituta, podia ter mesmo uma partícula de decência.

Ela abaixou a cabeça e chorou.

Lisette pôs sua mão no ombro dela. - Eu cuidei de muitas garotas como você nesta casa, mas já posso ver que é uma das mais fortes. Você é bonita também, e acho que é esperta, então use a cabeça. Fale com as garotas mais velhas, aprenda delas, e espere por sua oportunidade.

Então ela deixou o quarto, rápida e silenciosamente, deixando Belle chorando.

Belle tinha perdido a noção de exatamente quanto tempo tinha passado desde o dia do funeral da Millie quando ela foi sequestrada da rua. Ela se lembrava que era 14 de janeiro, e supôs que podia perguntar a Lisette qual era a data atual, mas ela não disse porque saber exatamente quanto tempo tinha passado podia fazê-la acreditar que ela nunca veria sua mãe ou Mog de novo.

Ela sentia falta de tudo de Londres tão fortemente que seu coração doía. Não havia Mog, o cheiro de cozido na cozinha, aquela agradável sensação quando ela a colocava na cama à noite com um beijo, o conhecimento de que ela sempre a tinha amado. E sua mãe também, ela podia não ter sido calorosa como a Mog, mas havia aquele sorriso que dava algumas vezes quando Belle a deixava orgulhosa. E sua

beleza, o riso cintilante que Belle conhecia como um som raro, porém ela o ouvia mais do que qualquer outro porque sua mãe a achava divertida.

Mas não era só das pessoas que ela sentia falta, era dos gritos dos camelôs, o jeito de falar das pessoas, o barulho, as multidões, os cheiros. Paris podia ser uma cidade refinada, mas não era a cidade dela. Ela queria estar com Jimmy de novo no mercado de flores, ou correndo para o Embankment Gardens escorregando no gelo. Ela tinha sentido algo especial por ele naquele dia quando a segurou para confortá-la, e não tinha dúvidas de que ele se tornaria seu namorado se não tivesse sido sequestrada.

Isso era quase a pior parte disso: eles tiraram todas as coisas simples dela, o beijo de um namorado, seus sonhos de ter a loja de chapéus, de casar e ter filhos. Tudo apagado,

nunca aconteceria, pois não haverá outro garoto como Jimmy cuidando dela daquele jeito especial mas inocente em que ele lhe disse que ela era a garota dos seus sonhos.

Enquanto ela ficou de pé na janela observando a neve caindo sobre os campos à tarde no momento em que a luz pálida da tarde se apagava, imaginou que ela estava lá há pelo menos um mês. Portanto devia ser próximo do fim de fevereiro.

Ela suspeitava que era a neve que os estava impedindo de enviá-la para a América. Ela tinha acordado um dia depois de falar com Lisette sobre a pesada neve que caía, que por três dias ela permaneceu congelada então a neve não tinha derretido. Agora que estava nevando de novo as estradas provavelmente estavam intransitáveis.

Talvez ela devesse ficar feliz porque não conseguiam removê-la, mas não estava. Estar trancada neste quarto, por mais confortável que ele fosse, ainda a fazia se sentir em uma cela. Ela queria sair, pelo menos lá havia uma chance de fugir, era melhor do que olhar os campos congelados e imaginar o que estava reservado para ela.

A mudança, quando aconteceu, foi súbita e assustadora. Em um minuto ela estava dormindo completamente, no próximo estava sendo sacudida por uma mulher que nunca tinha visto antes, que ordenou que se vestisse. Estava profundamente escuro, e a mulher ficou dizendo "*Vite, vite*" enquanto ela enfiava as roupas de Belle e uma camisola em uma bolsa.

Por um breve momento Belle achou que a rapidez exigida era porque a mulher a estava resgatando, mas essa esperança foi logo frustrada. Quando a mulher a estava puxando

pelas escadas, a empregada que algumas vezes subiu para o quarto com Lisette entrou na sala para entregar uma cesta que parecia conter provisões para a viagem.

Antes de deixar a casa foram dados a Belle um casaco de pele marrom-escuro, luvas de tricô, e um gorro que era forrado com pele de coelho e ficava em cima das orelhas. Eles cheiravam mofado e pareciam velhos, mas estava tão frio que ela ficou feliz com eles.

Um homem estava esperando na carruagem do lado de fora, e embora ele falasse francês para o acompanhante de Belle, e pegou sua mão para ajudá-la a entrar, não disse nada para ela, nem mesmo se apresentou. Estava muito escuro para vê-lo claramente, mas Belle achou que ele devia estar na meia-idade já que possuía uma barba grisalha.

A dupla falava entre si apenas ocasionalmente no longo trajeto. Belle permaneceu encolhida no casaco de pele, com um cobertor sobre os joelhos, mas ela não conseguia dormir por causa do frio.

Quando clareou a mulher abriu a cesta de comida. Ela entregou a Belle um grande pedaço de pão e um pedaço de queijo. Ela dizia algo incisivamente, e embora Belle não pudesse entender o francês ela achou que era uma ordem para comer como se ela não fosse ter algo mais tarde.

Havia menos neve nesta parte da França, e era mais montanhosa que o lugar de onde eles tinham saído, mas o lugar parecia ser esparsamente povoado, pois ela só via o estranho chalé aqui e acolá. Belle marcou uma placa de sinalização no cruzamento, e viu que a estrada para onde a estavam levando ia para Brest. Ela parecia lembrar de ter visto aquele nome no

mapa da França e estava certa de que estava no lado esquerdo, perto do mar. Supôs que eles iam pegar um navio dali.

Ela tentou não ficar em pânico com a perspectiva de uma longa jornada pelo mar em pleno inverno, e sonhou em achar um marinheiro amigável no navio que podia ser persuadido a ajudá-la, se não a escapar, pelo menos a mandar uma mensagem para sua mãe e para Mog. Ela aceitou outro pedaço de pão e queijo agradecida, sorrindo para a dupla na esperança de ganhar a confiança deles, mas não corresponderam.

A carruagem parou em um porto, e a porta foi aberta por um homem alto com frios olhos azuis vestindo um sobretudo preto e um chapéu de feltro. Ele encarou-a por alguns momentos como se confuso, depois olhou para a dupla. - *Je ne savais pas qu'elle était aussi jeune*[4] - falou.

Belle não sabia o que ele tinha dito exceto a palavra *jeune* - Lisette a tinha usado algumas vezes e sabia que significava "jovem" - então ela deduziu que como ele parecia confuso tinha dito que não esperava que ela fosse tão jovem.

A dupla tagarelou algo de volta e deu de ombros como se isso não tivesse nada a ver com eles.

- Você virá comigo para o navio - ele disse para Belle em um inglês perfeito só com um leve sotaque francês. Ele segurou sua mão para ajudá-la a descer. - Meu nome é Etienne Carrera, você vai me chamar tio Etienne todas as vezes em que estivermos no navio. Vou dizer a todo mundo que me perguntar que você é filha do meu irmão, criada na Inglaterra, e que eu a estou levando para minha irmã porque sua mãe morreu. Você entende?

- Sim, tio Etienne - Belle respondeu atrevidamente, na esperança de desarmá-lo porque ele parecia lúgubre.

- Devo dizer antes de darmos outro passo - ele disse, envolvendo a cintura dela em um aperto que sentiu como se fosse uma algema, com seus olhos azuis aborrecidos diretamente focalizados nela de um jeito arrepiante - se você fizer confusão, tentar que alguém a ajude a escapar, ou qualquer coisa assim que eu não gostar, eu vou matá-la.

O sangue de Belle gelou, pois sentia o que ele queria dizer.

Parecia que o navio a vapor iria primeiro para Cork na Irlanda para pegar mais passageiros e reabastecer, depois iria pelo Atlântico para Nova York.

Etienne levou Belle para baixo pela escada no navio, passaram por um corredor curto e então desceram mais escadas para a cabine deles.

- É isso - ele disse bruscamente quando abriu a porta. Belle entrou no minúsculo espaço, que era menor que 45 centímetros da estreita beliche até a pequena escotilha. Embaixo da escotilha estava um lavabo dobrável, uma prateleira estreita e um espelho em cima dela. No fim das beliches estavam dois ganchos para pendurar roupas e embaixo da beliche mais baixa estava um armário para outras coisas.

Belle não tinha ideia de que fosse tão pequeno, mas ela estava horrorizada que ela tivesse que dividi-la com Etienne.

- Não há razão para temer que eu toque em você - ele disse, como se lesse minha mente. - Meu trabalho é entregar você sem experimentar a mercadoria. Você pode ficar em cima e

puxar a cortina para ter sua privacidade. Eu só voltarei aqui para pegar suas refeições, levá-la para algum exercício, tomar ar fresco e, naturalmente, para dormir.

Ele tirou as duas bolsas do ombro, a dela e a dele. Ele entregou a dela a Belle e colocou a dele na cama de baixo. - Eu a deixarei para se instalar. Partiremos logo. Voltarei quando estivermos em curso.

Então ele deixou a cabine, trancando-a.

Dois dias depois, quando o navio deixou Cork com um grande número de passageiros, Belle parou na portinhola observando o extenso litoral da Irlanda ficando cada vez menor até que ela não podia vê-lo mais, e um pensamento surpreendente lhe ocorreu, que ela já tinha viajado muito mais do que sua mãe e Mog o tinham feito a vida inteira.

Ela não estava com medo como esperava ficar. Estava entediada, frustrada por ficar trancada até Etienne vir escoltá-la, e solitária também. Mas não assustada. Etienne era muito respeitoso: se ela queria usar o banheiro ele não a fazia esperar de acordo com a conveniência dele, mas descia pelo corredor com ela e a esperava do lado de fora. Ele saía da cabine, assim ela podia se lavar e se vestir. Ele era até solícito sobre como ela se sentia, se tinha comida suficiente e bebida, e encontrou alguns livros para ela ler.

Mas ele não falava muito. Nem uma palavra sobre sua própria situação ou onde ela ia descer. Na sala de jantar ele respondia se outro passageiro falasse com ele, mas não tomava a iniciativa de conversar. Belle achava que estava com medo que ela implorasse a alguém para ajudá-la e naturalmente que *ela* estivesse procurando pela pessoa certa.

Eles eram passageiros de segunda classe, como todo mundo que tinha uma cabine no mesmo nível deles. Havia apenas 12 passageiros de 1ª classe, cujas cabines eram no convés em cima, e eles comiam na sua própria sala de jantar onde a comida era provavelmente muito melhor.

Em Cork eles tiveram que pegar uma centena de passageiros de terceira classe ou que fazem baldeação. Eles ficaram alojados no interior do navio, e Belle tinha ouvido um dos oficiais informando a esses passageiros rapidamente que eles só tinham permissão para ir a certas partes do convés em certos horários. Com olhadelas Belle percebeu pelas roupas e botas, quando embarcaram no Cork, que eram pobres. Ela se lembrou de na escola falarem sobre os recentes imigrantes irlandeses para a América, e que eles sofriam condições terríveis na viagem; ela esperava que estas pessoas pobres não fossem tão maltratadas.

Quase imediatamente após ter se visto trancada na cabine ela fez um plano. Ao perceber que Etienne não ia tolerar desobediência ou grosseria, ela decidiu tentar suavizá-lo com charme. Cada vez que ele voltava da cabine ela o recebia calorosamente, perguntando quanto estava frio no convés, quem estava lá em cima e outras coisas assim. Ela arrumou a cama para ele, manteve suas coisas arrumadas e tanto quanto era possível tratou-o como se realmente fosse seu tio.

Ela sentia que ele estava respondendo a isso também, pois voltava para a cabine frequentemente para sugerir que eles tivessem um passeio pelo convés ou fossem se sentar em cadeiras confortáveis no salão no convés de cima para olhar o mar.

Ela se virou da portinhola como se tivesse ouvido Etienne chegando. - Olá, veio me liberar? - ela disse com um sorriso.

- Há uma tempestade se formando - ele disse. - Algumas pessoas já estão sentindo enjoo. Geralmente é melhor ficar perto de ar fresco quando o mar está agitado. Você gostaria de subir para o salão?

Belle tinha decidido que Etienne era um homem atraente. Seus gelados olhos azuis podiam ter sido um pouco assustadores no início, por causa de como ele a tratou, mas tinha nariz proporcional e uma boca grande, e sua pele era lisa, clara e dourada como se tivesse estado no sol recentemente. Surpreendentemente, ele não tinha um bigode ou barba, e ela gostava disso. Seu cabelo era bom também; ela estava tão acostumada a ver homens com cabelos finos e escorregadios com óleo, ou ao redor de Seven Dials onde eles o deixavam sujo e desalinhado. Mas o de Etienne era limpo, espesso e regular, o tipo que com certeza Mog diria que era feito para bagunçar.

Belle tinha dado uma espiada de trás da cortina mais cedo para vê-lo se despir até a cintura para se lavar e se barbear, e tinha ficado bem surpresa de ver que ele tinha uma musculatura firme e fortemente construída como a de lutadores de boxe. Ele também era mais novo do que ela tinha pensado inicialmente, imaginava que tinha por volta de 22 anos ou aproximadamente isso. Foi tudo isso, sua relativa juventude e boa aparência, que a fez ter esperança de trazê-lo para seu lado.

- Esta seria boa, tio - Belle disse com um sorriso forçado. - Talvez poderíamos pegar uma xícara de chá também.

Etienne pediu a eles chá e um bolo, e quando sentaram perto da janela olhando para o mar, Belle percebeu três mulheres jovens elegantemente vestidas sentadas junto. Elas não tinham mais do que 23 ou 24 e deveriam ter embarcado em Cork, pois não as tinha visto antes.

Duas delas eram bem comuns, mas a terceira era muito bonita, com cabelos encaracolados vermelhos.

- Aquela garota ruiva estaria perfeita para você - Belle disse. - Ela é muito bonita.

- E o que faz você pensar que eu quero achar uma jovem dama? - Etienne perguntou, com um leve sorriso brincando em seus lábios.

- Todos os homens querem, não é? - ela devolveu.

- Talvez eu já tenha uma esposa - ele disse.

Belle sacudiu a cabeça. - Não acho.

- O que faz você dizer isso?

Ela queria responder que nenhuma mulher gostaria de um marido que pega garotas para

trabalhar em bordéis, mas isso provavelmente o irritaria.

- Você parece solitário - ela disse em vez do que realmente pensava.

Ele gargalhou pela primeira vez e seus olhos pareceram menos frios. - Você é uma garota divertida, é madura para sua idade. Como uma pessoa parece solitária?

- Como se não tivesse ninguém para cuidar dela - ela disse, e pensou em Jimmy e como sua expressão se iluminou quando ela disse que podiam ser amigos. Ela imaginou se ele tinha perguntado a Mog onde ela estava. Se ele sabia que tinha sido sequestrada, se estava preocupado com ela.

- Eu me sinto só às vezes, mas todo mundo se sente - ele disse.

- Em casa havia uma senhora que cuidava de mim quando eu era pequena. Ela disse que era bom se sentir só às vezes porque isso faz você apreciar o que tem - ela disse. - Eu não apreciava nada de jeito nenhum, não até ter sido sequestrada da rua e levada embora. Agora tudo em que eu posso pensar é voltar para casa e isso me faz mais só ainda.

- Você foi sequestrada da rua? - Etienne franziu a testa e olhou surpreso.

Belle achava que ele sabia de tudo sobre a história dela e por que ela estava na França. Ele não tinha dado a ela um fio de esperança, mas com isso ela podia ganhar a simpatia dele.

- Sim, eu testemunhei um assassinato, e o homem que fez isso me levou para a França. Fui vendida para um bordel e estuprada por cinco homens em muitos dias antes de ficar doente. Parece que a madame desta casa me

vendeu então, e meus novos donos, para quem você deve trabalhar, cuidaram da minha saúde.

Ele pareceu estremecer um pouco com isso.

- Não é bom você olhar como se não soubesse disso, você deve saber o que eu passei, e o que me aguarda - ela disse sarcasticamente.

- Eu nunca pergunto nada, apenas faço o que pedem - ele disse. - Mas nunca me pediram antes para levar uma das garotas deles a lugar algum. É a primeira vez.

- Você acha que está certo forçar uma jovem a este tipo de coisa?

- Não, não, claro que não - ele disse rapidamente. - Mas este é meu ponto de vista pessoal. Veja, no meu tipo de trabalho tenho que fazer muitas coisas que preferia não fazer, mas

é parte do trabalho. Não tenho escolha nisso. Eles me deram esse trabalho porque conheço bem a América.

- Mas não é uma vergonha fazer coisas ruins por dinheiro?

Ele olhou duro para ela por um momento e sorriu. - Você tem se comportado de uma maneira até agora que eu pensei que tivesse 18 anos pelo menos, mas vejo agora que tem a mente idealista de uma criança. O que seu pai faz? Tenho certeza de que até ele tem tido algumas tarefas de que não gosta.

- Não conheço meu pai - Belle disse sinceramente. - Mas sei onde você quer chegar porque eu cresci em um bordel. Minha mãe o dirigia. Algumas pessoas diriam que era ruim, mas eu sei que ela não machucava ninguém, e nenhuma das garotas que trabalhavam para ela eram forçadas a isso.

Ele olhou tão surpreso de ela ter esse tipo de histórico que ela continuou a contar a ele um pouco mais sobre isso, e como ela foi mantida sem saber a exata natureza dos negócios de sua mãe até aquela fatídica noite quando Millie foi morta. - Minha mãe nunca teria feito de mim uma prostituta - ela concluiu. - Ela e Mog queriam que eu tivesse uma vida respeitável e devem estar em agonia sem saber onde eu estou ou o que estão fazendo comigo.

- Eu não machuquei você, machuquei? - ele disse, como se isso fizesse com que sua parte naquilo não fosse ruim. - Como sua mãe, eu tive pouca alternativa a não ser fazer o que eu faço, e sempre tentar usar o mínimo de força. Você é uma garota esperta, Belle. Sei que você decidiu arriscar ganhar minha confiança, o que sempre é a melhor estratégia em uma situação como a que temos. Mas por mais que eu simpatize com você, tenho de seguir as ordens que me dão ou serei mutilado ou morto.

Ele disse isso tão casualmente que Belle sabia que devia ser verdade.

Aquela noite uma tempestade explodiu e o navio foi lançado em volta como um galho em um rio cheio. Belle se sentia bem, ainda que pensasse que era desconcertante ser quase jogada fora de sua cama e estar em uma cabine que parecia um louco cavalo de parque de diversões.

Mas Etienne não estava se sentindo muito bem. Quando Belle o ouviu gemendo, ela pulou de sua cama para pegar o balde mantido no pequeno armário embaixo de sua cama. Ele ficou violentamente doente várias vezes e sucessivamente, até ele não ter nada para vomitar exceto a bile.

Ela finalmente teve a oportunidade de deixar a cabine sem sua supervisão para esvaziar o balde, mas ela estava tão preocupada com ele

que ela não fez mais nada que isso, depois foi procurar um administrador para perguntar se o médico do navio podia vê-lo.

O médico nunca chegava. Parece que como havia muitos passageiros doentes ele tinha se concentrado nos mais vulneráveis, os mais novos e os mais velhos. Então Belle foi a enfermeira de Etienne. Ela segurava o balde para ele vomitar, o limpava com a esponja, fazia ele beber água. Ela mal dormia e tinha muito pouca fome também, e não o deixava por mais de cinco minutos.

Mas na noite do quarto dia, o balanço do navio suavizou e Etienne estava mais tranquilo. Belle subiu ao salão de jantar, devorou uma refeição quente e pegou sopa e pão para ele.

- Você foi muito gentil - ele disse fracamente quando Belle o ajudou a sentar e colocou

travesseiros embaixo dele para dar um suporte.

- Foi sorte eu não ter ficado enjoada também - ela disse, colocando a sopa em sua boca como se ele fosse um bebê. - Praticamente todos os passageiros ficaram doentes. A sala de jantar estava vazia.

- Você aproveitou a chance para pedir ajuda? - ele perguntou, segurando-a com força pela cintura.

Ele estava ainda muito pálido, mas o tom verde de sua pele tinha ido embora. Ela olhou para baixo e sua mão agarrando ela e franziu as sobrancelhas. Ele a tirou de repente e se desculpou.

- Era o melhor - ela disse endurecida. - Mas não, eu não pedi ajuda, estava muito ocupada cuidando de você.

Seu alívio era palpável, e passou em sua mente a ideia de que ela devia ter mentido e dito que ela tinha contado ao comissário de bordo ou a alguém.

- Então é melhor me recompor rapidamente, antes de você escapar em um bote salva-vidas - ele disse com um sorriso. - Você foi uma enfermeira de 1ª classe, pois teve um estômago forte e vontade de ferro, mas você é gentil também.

Belle sorriu porque ela estava feliz por vê-lo tão melhor. Mas ao mesmo tempo estava confusa sobre por que ela devia se preocupar como ele estava quando para todos os efeitos ele era seu inimigo. - Coma, você tem que dar um jeito de ficar forte o suficiente de novo para me atormentar. Eu desistirei da minha fuga até lá - ela respondeu.

Nos dias que se seguiram o mar ficou mais calmo e gradualmente a rotina normal no navio voltou. Etienne recuperou muito rapidamente e logo estava comendo bem novamente. Mas seu jeito com Belle tinha mudado: ele era mais caloroso, e em vez de trancá-la na cabine por longos períodos ele sugeriu que jogassem cartas e jogos do navio no salão para

passar o tempo.

- Para qual lugar em Nova York você está me levando? - ela perguntou enquanto jogavam xadrez.

- Não é em Nova York. É New Orleans.

- Mas isso é certamente na outra ponta da América, não é? - ela perguntou.

Etienne concordou com a cabeça. - Bem no Sul. Você estará num lugar completamente quente.

- Mas como chegaremos lá?

- Outro navio. - Ele continuou lhe contando que New Orleans era completamente diferente de qualquer outro lugar na América, como a prostituição era legal e a música, a dança e o jogo não paravam. Ele explicou que os nativos eram *créoles* franceses, mas havia também uma grande população negra. Isso era porque eles foram para a cidade depois da abolição da escravatura e da Guerra Civil. O Exército da União tinha destruído a maior parte das grandes plantações de algodão e tabaco ao Sul e deslocado a força de trabalho, que teve que procurar outro tipo de trabalho.

- New Orleans é uma cidade com aparência refinada - ele disse com óbvia admiração. - Foi

construída por franceses com mansões elegantes, lindos jardins e quadras. Acho que você a amará.

- Talvez, quando eu tiver superado o fato de ter que me vender - ela disse sarcasticamente.

Ele lhe deu um sorrisinho irônico. - Você sabe das coisas, Belle, eu tenho a sensação de que você é esperta o suficiente para convencer as pessoas que te compraram que é mais útil para eles em outro papel.

- Que tipo de papel? - ela perguntou.

Etienne sugou as bochechas pensativo. - Dançar, cantar, em frente da casa, guardadora de chapéu. Não sei, mas pense nisso e veja o que pode surgir. Sua mãe tinha alguém trabalhando na casa que não fosse com homens?

- Bem, tinha Mog, de quem eu já falei - Belle disse. - Minha mãe a chamava de empregada, mas ela era empregada doméstica e cozinheira também. À noite ela trabalhava no andar de cima. Acho que ela apresentava os homes e lhes servia bebidas, ela nunca me falou o que fazia.

- Uma empregada em um bordel geralmente cuida do dinheiro e das garotas - Etienne explicou. - É um papel crucial, pois ela tem que ser diplomática e sensível, mas dura também se necessário. Por que você supõe que ela não fica com nenhum homem? - ele perguntou, com a sobrancelha levantada.

- Bem, ela não era muito bonita - Belle disse, e instantaneamente se sentiu desleal com Mog.

Etienne gargalhou e afastou um cachinho da bochecha dela. - Ninguém nunca dirá isso de você! Mas você é definitivamente astuta,

Belle, e isso pode ser uma vantagem em uma cidade que tem centenas de garotas lindas, mas preguiçosas, mesquinhas e muito estúpidas.

Belle já tinha deduzido que quem a comprou agora deve ter pago um alto preço por ela. Só as despesas de viagem deveriam custar mais dinheiro do que ela já sequer sonhou ganhar. Ela estava confusa, porque não fazia o menor sentido comprar uma garota inglesa que eles nem conhecem, quando deve haver inúmeras garotas mais bonitas e maleáveis já lá nos estados do sul da América.

Mas isso significa que ela deve ser vista como algum tipo de prêmio. Então se ela somar isso com o que Etienne tinha dito sobre se oferecer como outra coisa, talvez funcionasse.

Mas o que ela podia oferecer? Ela conseguia cantar afinado, mas não era brilhante; a única

dança que ela conhecia era a polca, e não conseguia tocar um instrumento musical também. Ela não podia pensar em nada que ela podia fazer que faria alguém sentar e notá-la.

Mog tinha dito logo após Millie ser morta que ela era a favorita da casa, e Belle sempre teve consciência de que Mog e Annie davam a ela mais elogios, afeição e presentinhos do que para qualquer outra garota. Agora ela sabia que isso significava que Millie trazia mais dinheiro para elas, mas qual era a diferença em como Millie tratava os clientes das outras garotas? Belle certamente não queria ser uma prostituta, mas se não tinha escolha, então era melhor ser uma boa para quem os homens pagassem mais.

Mas como ela podia descobrir o que fazia uma delas ser a melhor? Ela tinha a sensação de que Etienne saberia, mas ela era muito tímida para perguntar-lhe esse tipo de coisa.

Dois dias antes eles foram para o desembarque devido em Nova York, Etienne a levou para um passeio à tarde pelo convés. Estava frio e ventando, mas o sol estava saindo, e era bom sair para tomar ar fresco observando as gaivotas gritando e fazendo um redemoinho em volta do navio.

- Temos dois dias em Nova york, antes de embarcarmos no navio para New Orleans - ele disse quando eles se apoiavam na murada perto da proa, observando a ondulação do mar indo embora enquanto o navio o atravessava como um arado. - Vou te dar uma escolha. Ficar trancada no hotel comigo ou se me prometer que não vai fugir eu a levo para ver a vista.

Belle já tinha aprendido que Etienne era um homem de palavra, e ela gostou que ele estava preparado para confiar nela também.

- Prometo que não vou fugir desde que você me deixe mandar uma carta para casa para dizer-lhes que estou viva - ela respondeu.

Ele se virou, apoiando suas costas contra a mureta do navio. O vento estava bagunçando seu cabelo arrumado e isso o fez parecer mais menino e nada ameaçador. Ele a encarou sem responder pelo que pareceu ser uma eternidade.

- O gato comeu sua língua? - ela perguntou atrevidamente.

Ele sorriu. - Nunca entendi essa frase inglesa. Por que um gato comeria a língua de alguém? Mas eu decidi que vou permitir a você escrever um cartão-postal. Tudo que pode dizer é que está em Nova york e com boa saúde. Eu o leio e envio.

Belle deu um grito de alegria. Não iriam conseguir resgatá-la, mas iriam parar, Mog e sua mãe, de temer que ela estivesse morta. - Trato feito - ela disse. - Não tentarei fugir.

Estava noite enquanto o navio navegava por East River para atracar em Nova york. Tinha sido anunciado mais cedo que eles desembarcariam de manhã, e as instruções sobre o que podiam esperar quando eles fossem passar na imigração em Ellis Island foram dadas. Belle só tinha ouvido metade do que o oficial dissera, já que sabia que Etienne saberia o que fazer. Mas enquanto estava guardando suas coisas na bolsa, se aprontando para o dia seguinte, ela imaginou como pretendia lidar com qualquer oficial de imigração que fizesse perguntas difíceis, pois o capitão tinha anunciado que havia um exame médico e uma série de exames antes de entrar na América.

Ela estava justamente começando a tirar a roupa para ir para a cama quando Etienne entrou na cabine.

- Estamos indo - ele disse incisivamente. - Coloque as últimas coisas na bolsa e se apresse.

Ele tinha aquele olhar tenso e duro de novo como quando se conheceram em Brest.

- Como podemos ir embora? - ela perguntou confusa enquanto puxava sua bolsa de debaixo da cama e colocava suas últimas coisas dentro. - O navio não atracou.

- Alguém veio do lado dele para nos levar - ele disse. - Agora rápido e não discuta.

O navio estava ancorado, esperando por um rebocador para levá-lo assim que clareasse. Estava muito quieto quando eles deixaram a cabine e caminharam para o convés inferior.

Belle imaginou que a maioria dos passageiros deviam estar se arrumando no início da noite para estarem prontos de manhã. Segurando seu braço, Etienne a levou para a porta lateral do convés onde ela viu o oficial de 3ª classe Barker esperando. Este homem tinha sido muito atencioso com Belle quando Etienne tinha ficado doente. Ela entendeu por que agora, pois ele estava evidentemente sendo pago para ajudar imigrantes a fugir dos oficiais de imigração.

Com grande pressa, Barker a agarrou e a empurrou para uma cadeira de mastro, colocando ao mesmo tempo suas bolsas em seu colo. Então Etienne pulou nela, ficando ao seu lado com os pés presos nas pernas dela e segurando na corda. De repente a cadeira foi empurrada para o lado, fora do navio, e Barker começou a baixá-la. O assento girou loucamente no vento frio e Belle teve que fechar os olhos, pois estava com medo de cair na água.

- Não tenha medo - Etienne disse em voz baixa. - Você está segura. Estaremos em segundos em outro barco.

Ele estava certo - durante a fala dele ela sentiu um impacto como se o assento tivesse chegado em outro barco. A cadeira foi puxada de volta, e antes que Belle tivesse tempo de se ajustar ao balanço do barquinho, ele começou a se afastar do grande navio.

Um pequeno e robusto homem em roupa impermeável veio até eles. - Na casa do leme com você. Sente no chão fora da vista - ele disse seco. Belle podia não ter sentido enjoo durante a tempestade no navio grande, mas ela se sentiu muito enjoada quando estavam presos na casa do leme. Não era apenas o cheiro de peixe ou o balanço do barco, mas o medo, pois não tinha ideia do que estava reservado para ela. O homem do leme não falava com eles, ou nem virava para olhá-los

enquanto estavam lá. Era como se ele pensasse que se não admitisse nossa presença, ele podia fingir não saber que estávamos a bordo.

Belle estava assustada. Se estava entrando no país ilegalmente, o que podia acontecer com ela se tentasse deixá-lo? Ela ficou com raiva de si mesma por não ter fugido de Etienne em vez de ter sido estúpida o suficiente para acreditar que ele ia mostrar a ela a vista de Nova York ou enviar um cartão-postal. Não era mais provável que ele ia entregá-la a algum lugar terrível, até pior do que o bordel em Paris? Em nome de que ela tinha começado a confiar nele?

Etienne não falou uma palavra com ela enquanto estavam sentados de cócoras no chão, e como Belle sentia que podia se colocar em perigo maior dizendo algo, ela ficou quieta. Eles estavam no barco por aproximadamente 25 minutos, de repente houve uma luz

brilhante vindo através da janela de onde estavam, e Belle podia ouvir homens gritando um com o outro.

- Estamos nos aproximando das docas. Eles ancorarão a qualquer minuto - Etienne sussurrou. - Ficaremos aqui até eles nos dizerem se é seguro ir.

- Para onde vamos? - ela sussurrou de volta temerosa.

- Para um hotel, exatamente como eu te disse - ele disse. - Eu não contei como iríamos entrar em Nova york para você não entrar em pânico.

- Se nos pegarem? - ela sussurrou. - Não vão nos jogar na prisão?

Ele pegou suas duas mãos e beijou a ponta de seus dedos gentilmente. Seus olhos pareciam

travessos. - Eu nunca fui pego. Na França me chamam *L'Ombre*, que significa "O sombra".

- Você é um bom guia - Belle disse enquanto eles desciam pela prancha de acesso do pequeno barco que os levava para fora para ver a estátua da Liberdade. - Talvez você devesse fazer isso em vez de trabalhar para homens maus.

Estava anoitecendo agora, e ficando muito frio, mas os últimos dois dias estavam brilhantes e ensolarados e eles andaram quilômetros e viram muita coisa: o Flat Iron Building, o primeiro arranha-céu de Nova york, A ponte de Brooklyn, o Central Park... Eles viajaram no "E", um trem que passava por cima de casas e escritórios. Belle comeu o primeiro cachorro-quente e se maravilhou com as grandes lojas da Quinta Avenida, mas também viu muitos cortiços obscuros e superlotados e percebeu

que havia mais gente desesperadamente pobre na América do que em sua casa.

Etienne tinha cumprido sua palavra, levando-a segura do barco de pesca para um hotel no Lower West Side. Embora a vizinhança parecesse tão esquálida como em Seven Dials, certamente não viviam do jeito que as pessoas na Inglaterra imaginavam que os americanos viviam, o hotel era muito confortável e aquecido, com banho quente e banheiros internos.

- É bom te mostrar os arredores - Etienne disse. - Eu só gostaria que tivéssemos mais dias, pois há muito mais que eu gostaria de te mostrar. Quando voltar para a França terei de continuar o mesmo tipo de trabalho, pois não tenho escolha, mas quando estivermos em New Orleans tentarei influenciar sua nova senhoria a cuidar bem de você.

Belle estava segurando seu braço e o apertou, sabendo que ele se sentia muito mal por ter participado de seu sequestro. Ela também sabia por que ele tinha que continuar com isso, porque ele finalmente lhe contou sua história.

Ele nasceu e cresceu em Marseille, mas sua mãe tinha morrido quando ele tinha 6 anos, e seu pai se tornou alcoólatra. Ele roubava inicialmente por necessidade. Seu pai gastava cada centavo em bebida, e alguém tinha que pôr comida na mesa, comprar roupas e pagar o aluguel dos dois cômodos.

Mas quando tinha 14 anos ele se tornou um hábil ladrão, e visava os grandes hotéis ao longo da Riviera onde os muito ricos se hospedavam. Ele ia atrás de joias, que vendia por uma fração do real valor em uma das muitas joalherias na rua estreita perto de porto.

Ele tinha 18 quando foi pego em flagrante uma noite no quarto de um homem que tinha se tornado milionário por meio de, a notícia vazou, extorsão. Ele ofereceu uma escolha: trabalhar para este homem, que Etienne escolheu chamar de Jacques porque ele não podia revelar seu verdadeiro nome, ou ser entregue à polícia, e sem dúvida garantiria que ele pegasse uma longa pena, seria como se ele tivesse um espinho enfiado nele por anos.

Etienne explicou para Belle que naquele momento achou que era o homem mais sortudo do mundo por ter ele ter lhe oferecido trabalho.

- Eu mal podia acreditar naquilo. Ele me enviou para Londres onde eu ia dar aulas de inglês. Fiquei em um lugar chamado Bayswater e tive aulas mais profundas dos hábitos da aristocracia inglesa então podia roubá-los. Mas enquanto no passado eu teria roubado um anel de diamante ou alguns brincos de esmeralda,

deixados na penteadeira, agora eu tinha que esvaziar um cofre contendo milhões em joias, ou enganar alguém, o que lhes renderia muito dinheiro.

Ele disse que por alguns anos foi bom ter boas roupas e camisas de seda e ficar nos melhores hotéis, e ganhava mais dinheiro do que nunca sonhou. Mas um susto com a polícia inglesa fez ele voltar a Paris para deixar a poeira baixar, e durante esse tempo ele foi para casa em Marseille e conheceu uma garota por quem se apaixonou. Ele queria casar com ela, e sentiu que era hora de usar bem o dinheiro que tinha ganhado para começar um negócio legítimo antes de sua sorte acabar.

- Então contei a Jacques meu plano, e ele me perguntou se lhe dava mais dois anos. Depois disso voltei para Marseille e casei com Elena, e em sociedade com o irmão dela, que é chefe, abrimos um restaurante lá. Mas estava errado

em pensar que podia só dizer adeus para Jacques; ele não gostava que ninguém escapasse de sua rede. De vez em quando me enviaria um recado de que tinha trabalho para mim, e eu não podia recusar.

- Trabalhos como me pegar? - Belle perguntou.

- Não, eu te disse que nunca fiz nada como escoltar garotas antes. Era sempre algo relacionado a força física - Etienne explicou. - A maioria das vezes lidava com alguém que não estava seguindo as regras ou talvez que estivesse no caminho dele. Frequentemente tenho de usar violência, mas você tem que entender que estas pessoas eram todas assassinas e gângsteres, então não é nada para mim. Mas agora eu gostaria de, depois de ter aberto o restaurante, ter recusado diretamente fazer qualquer trabalho para ele. - Ele suspirou. - Ele não teria gostado disso, e faria coisas

comigo, mas por continuar com isso eu apenas estou afundando cada vez mais.

Belle o ouviu com atenção e perguntou se havia algum jeito de ele sair disso agora.

- Por escoltar você até aqui eu me coloquei em uma posição pior ainda - Etienne respondeu sombrio. - Violência entre assassinos e gângsteres é aceita e entendida pela maior parte das pessoas, mas agora Jacques me envolveu em tráfico de jovens, ele tem coisas mais fortes para me prender.

- O que sua esposa pensa disso? - ela perguntou.

- Ela acha que sou consultor de um empresário com muitas empresas, e embora não goste de me ter longe dela, ela gosta do dinheiro extra que levo para casa. E para dizer a verdade, sempre gostei de ser o grande homem que

resolvia desavenças entre criminosos. Mas não me sinto assim agora, não agora que Jacques me fez fazer esse tipo de trabalho. Tráfico de jovens é perverso, e eu não quero tomar parte nisso, nem gostaria que minha esposa e filhos jamais descobrissem o que fiz.

- Estamos mais ou menos na mesma posição, não é? - Belle disse sombriamente. - Não posso fugir de você porque tenho medo do que te aconteceria. E você não pode me ajudar por causa do que aconteceria com sua mulher e filhos.

Ele se virou para ela e segurou o rosto dela em suas mãos.

- Belle, eu correria esse risco se eu tivesse certeza de que você estaria em segurança, pois facilmente podia dizer a Jacques que o pessoal da imigração pegou você, e ele acreditaria porque não haveria como checar. Mas o que

aconteceria com você? Você teria que encontrar trabalho aqui, com todos os riscos de ser uma garota sozinha em uma cidade perigosa. Ou você contaria às autoridades que foi trazida ilegalmente e eles a mandariam de volta.

Belle sabia que a esperança devia estar registrada em seu rosto, pois ele balançou a cabeça.

- Isso pode parecer a perfeita solução para você, mas este Kent de quem você me falou, ele terá notícias de New Orleans, sobre o que aconteceu e ele terá que te matar para se salvar. Sei como esses homens trabalham, ele é como Jacques.

- Então não há outro jeito? - ela perguntou.

- Você é uma jovem impressionante - ele disse com tristeza. - E isso me dá certeza de que você conquistará New Orleans do seu jeito. Ela é

muitas coisas, corrupta, um lugar perigoso, mas também tem alma, e eu acho que no final você estará mais segura lá. Pegue a oportunidade de escolher seu próprio caminho na vida.

[4] Em francês: Não sabia que ela era tão nova (N. T.).

Capítulo 14

Conforme o navio navegava pela costa da América, o vento diminuiu, e gradualmente ficou um pouco mais quente e o céu mais azul. No 16º aniversário de Belle, Etienne comprou uma garrafa de champanhe francesa para eles comemorarem.

- Queria que você tivesse me contado que seu aniversário já estava tão próximo enquanto estávamos em Nova York, assim eu teria comprado um presentinho para você - ele disse se desculpando. - Você está pensando muito em sua mãe e em Mog hoje?

Belle estava *pensando* em sua casa. Mog sempre fazia para ela um bolo gelado especial com velas, e havia presentinhos de todo mundo da casa. No último aniversário sua mãe lhe deu uma capa cinza que ela usava quando foi

sequestrada, mas mesmo isso tinha ido embora agora, deixada na casa da Madame Sondheim.

- Não importa - ela disse, embora ainda se sentisse muito triste. - Nos próximos anos eu me lembrarei de onde eu estava quando tomei minha primeira taça de champanhe.

Alguns dias depois eles estavam em pé no convés olhando para o litoral a distância.

- New Orleans é muito mais quente que a Inglaterra durante todo o ano - Etienne explicou. - Seu inverno é suave e quente, no verão fica pegajoso. Mas lá há também muita chuva, e furacões, a maioria no fim de agosto e começo de setembro.

- O que mais você pode me dizer sobre isso? - Belle estava ficando mais assustada agora, pois em 24 horas Etienne teria que entregá-la e voltar à França.

- É um lugar de diversão - ele disse, com os olhos brilhando como se tivesse boas memórias de lá. - As pessoas chegam no fim de semana para cair na farra, dançar, jogar, achar uma mulher e ouvir música. A música é o que fica em sua cabeça depois de deixar New Orleans. Ela está em cada bar, clube, salão de baile, e te segue pelas ruas e em seus sonhos.

- E se eles quiserem que eu faça "aquilo"? - Ela ficou vermelha como o escarlate, pois ela não conseguia falar abertamente do que ela sabia que seria esperado dela. - Há alguma coisa que você possa me dizer que tornaria mais fácil suportar?

Ele colocou sua mão na bochecha dela, seus olhos se suavizaram como se ele desejasse garantir a ela que não ia acontecer. - Se eu fosse você eu tentaria pensar em dinheiro. Escravidão é morte, e você deve ficar com metade do que ganha, se quer bancar a si

mesma. E coloque o dinheiro em um lugar seguro, é para seu futuro que economizará. - Ele parou por um momento como se pensasse o que podia dizer sobre o ato em si. - Acho que o verdadeiro truque é fazer os homens acharem que estão levando algo único e maravilhoso - ele continuou. - Isso é fácil porque os homens podem ser tolos, eles olharão para seu rosto bonito e verão como você é jovem, e antes que você só pegue na mão deles eles acreditarão que é um sonho realizado.

Belle sorriu. Ela amava ouvir Etienne falar, até se o assunto não fosse nada agradável. A dica do sotaque francês foi muito convincente, e quanto mais olhava para ele, mais ficava triste que logo ia perdê-lo.

- Mas acima de tudo você tem que acreditar que é a melhor - Etienne disse sinceramente. - As melhores garotas em New Orleans ganham em média 30 a 40 dólares por vez, elas usam

os vestidos da última moda, têm uma empregada para arrumar o cabelo delas, algumas até têm sua própria carruagem para circular. Muitas dessas garotas tem um patrocinador rico que pagam a elas para não saírem com nenhum outro homem. Há outras garotas como essas que têm tempo reservado para a noite toda, toda noite, porém frequentemente seus clientes só querem dormir nos braços delas. Então o nível desce nas mais baratas *sporting houses*, com garotas que alugam um quarto por hora, até finalmente ter as garotas que fazem seu trabalho nos becos. Elas são sujas, depravadas e carregadas de doenças, e cobram apenas alguns centavos. Você tem que sempre se lembrar que você é uma garota do topo. Mantenha-se bonita, seja doce e charmosa com seus clientes mesmo quando quiser chorar. Você deve tentar amar os homens no curto tempo que está com eles, e logo você achará que realmente pode amá-los um pouco e não se sentirá mal por sua vida.

- Você fala como se realmente soubesse o que acontece. Você já esteve nessas casas?

- Belle, eu era um ladrão, sempre me misturei com pessoas do lado errado da cerca. Eu conhecia as garotas das *cat houses* em Marseille como se fossem minhas irmãs. Elas queriam me contar sobre a vida delas, os clientes, as outras garotas e as senhorias, e eu sei que você sempre deve ter *madame* do seu lado. Ela é a que pode fazer sua vida um inferno se não gostar de você.

- Você disse *sporting houses* e *cat houses*, elas são o mesmo que bordéis? - ela perguntou com curiosidade.

Etienne sorriu para ela. - Eles usam essas palavras mais em New Orleans do que a palavra bordel. *Sporting houses* são geralmente grandes lugares, que oferecem uma banda tocando no salão vazio. Eles colocam uma tela

em volta dos músicos assim eles não podem ver a identidade dos homens que entram para dançar e se divertir com as garotas.

De repente Belle foi tomada pela emoção e começou a chorar.

- O que foi? - Etienne perguntou, colocando seus braços ao redor dela e puxando-a para seu peito.

- Vou sentir muito sua falta. - Ela soluçou.

Ele a segurou bem apertado e acariciou seu cabelo. - Eu vou sentir sua falta também, pequena. Você se tornou parte do meu coração. Mas eu posso ter de sentar de novo aqui algum dia e você será tão grande e importante que nem vai querer falar comigo.

- Eu nunca vou ser grande demais para você. - Ela fungou por trás de suas lágrimas e quase

gargalhou porque ela sabia que ele só estava provocando ela. - Mas meus admiradores podem ter ciúme porque você é muito bonito.

Ele segurou a cabeça dela com as mãos para beijar suas lágrimas. - Acho que é melhor para mim ficar longe quando você for mais velha, pois certamente você quebrará meu coração - ele disse com suavidade. - Agora, só lembre o que eu te disse, que você é bonita e esperta, e deve usar esta natureza suave para driblar qualquer um que quiser te enganar ou machucar você.

Mais tarde Etienne deixou Belle no convés enquanto ele foi para sua cabine fazer algo. Além disso desde quando ele estava passando mal, foi a primeira oportunidade que teve de falar com alguém que ela escolheu. Havia uma dezena de outras pessoas no convés - casais casados respeitáveis, grupos de homens jovens, um pouco de pessoas mais velhas, e

até duas mulheres de vestido que ela sentia que podiam ser de uma igreja. Elas seriam as pessoas ideais para pedir ajuda, e ela não tinha dúvida de que se essa oportunidade tivesse surgido no navio a vapor que veio da França, ela a teria aproveitado alegremente.

Mas ela não queria nenhuma ajuda agora. Era verdade que ser entregue em um bordel não era o ideal para começar a vida, mas em Londres seria melhor para ela? Ela tinha absoluta certeza de que sua mãe e Mog não iam querer que ela se tornasse uma prostituta, mas o que mais havia para uma garota com seu histórico exceto a igreja ou trabalhar numa fábrica? Ficar em casa para sempre era uma perspectiva ainda pior, pois ela nunca fez amigos e os dias seriam intermináveis.

Belle tinha frequentemente olhado as grandes lojas de departamento como as novas Selfridges que tinham aberto apenas um ano

antes em Oxford Street, ou Swan e Edgar's na Regent Street, e desejou poder trabalhar em uma delas. Mas mesmo que ela fosse capaz de conseguir uma boa referência de alguém, o que era improvável, todo mundo dizia que as garotas dessas lojas trabalhavam muitas horas e recebiam pouco e eram assediadas pelos gerentes. Ela se lembrava de como as outras garotas na escola sussurravam sobre ela. Ela não tinha dúvidas de que aquele tipo de sussurro iria segui-la em qualquer trabalho que pudesse encontrar. Assim como Jimmy tinha deduzido que ela fosse uma prostituta porque vivia em um bordel, qualquer outro o faria.

Então ela decidiu que ia fazer exatamente o que Etienne tinha sugerido e usar sua sagacidade para fazer uma boa vida para si mesma. Ela não iria lutar para ser uma prostituta, apenas continuaria com o objetivo de chegar ao topo. Eles não a trancariam ou a olhariam como um falcão se eles vissem que ela estava

disposta. E seria bom usar vestidos de seda e dirigir sua própria carruagem. De fato podia até ser a maior aventura. Ela estava, afinal de contas, na América, um país onde os sonhos podem se tornar realidade.

Um dia, quando ela tiver economizado dinheiro suficiente, ela voltará para a Inglaterra e abrirá aquela lojinha de chapéu com que ela costumava sonhar.

Aquela noite na sala de jantar com Etienne, Belle sentiu tonturas estranhas porque ela havia tomado uma decisão sobre seu futuro. Estava mais quente, e ela colocou um vestido mais leve, de tafetá azul pálido que tinha ganhado em Paris e não o tinha usado antes porque ele era muito frio. Era muito bonito, com babados de laço branco no corpete e nas man-gas, e ela colocou uma fita azul no cabelo para combinar. Quando Etienne ofereceu-lhe um pouco de vinho tinto, ela aceitou

ansiosamente, pois isso era parte de entrar em sua nova vida.

- Você parece diferente esta noite - Etienne disse enquanto o servia. - Você não está planejando arriscar no momento em que o navio atracar amanhã, está? Só New Orleans é um lugar tão perigoso para uma jovem sem companhia estar.

Belle deu uma risadinha. - Não, não vou arriscar. Isso seria estupidez. Sinto-me melhor sobre tudo agora.

Ele sorriu, e colocou sua mão sobre as dela na mesa. - Estou feliz com isso. Você sabe que vou fazer tudo que puder amanhã para ter certeza de que eles entendem como você é especial.

Etienne saiu ao convés para fumar um charuto depois do jantar, e Belle foi sozinha para sua

cabine e acendeu uma vela para tirar o vestido. Ela percebeu que estava apenas um pouco bêbada, mas gostava da sensação, assim como ela tinha gostado do toque da mão de Etienne na dela.

Quando começou a desabotoar seu vestido ela ficou pensando que gostaria de ter beijado Etienne. Não um beijo na bochecha, mas um verdadeiro de adulto nos lábios. O pensamento a fez sentir quente e trêmula.

Ela olhou para a cama dele, e de repente soube que queria estar nela, com ele. Com os dedos tremendo abriu os últimos botões e tirou o vestido, depois suas botas. Suas anáguas em seguida, que caíram em seu vestido azul em uma espuma branca. Ela parou em sua *chemise*, lingerie e meias, imaginando quanto mais ela deveria remover. Ela gostava da *chemise*, era a única que tinham lhe dado em Paris, de algodão macio e branco com tachinha

e fitas de laço em volta do decote. Decidida, ela arrancou sua lingerie e meias, lançou todas as suas roupas em cima de sua cama, e subiu na de Etienne.

Seu coração estava pulando, cada nervo, músculo e tendão esperava o retorno dele, mas felizmente ela não esperou por muito tempo antes de ouvir os passos conhecidos chegando pelo corredor.

A porta da cabine se abriu e ele entrou, então ele parou abruptamente quando a viu em sua cama. - Agora, o que você está fazendo aí? Muito bêbada para subir?

Ela gostou que ele não tinha pensado que ela estava na cama para ficar com ele. - Não, estou aqui porque quero seus braços me envolvendo - ela sussurrou.

Ele tirou sua jaqueta e pendurou-a em um dos ganchos no fim da beliche, então ele se ajoelhou perto da cama. - Linda, Belle - ele suspirou. - Você é tentação suficiente até para o mais santo dos homens. Mas o que faz você fazer isso? Você está praticando ser sedutora? Ou talvez pensa que se fizer isso não serei capaz de levá-la para a casa amanhã?

- Sei que você ainda terá de me levar - ela disse, um pouco desencorajada pela expressão preocupada dele. - Mas Lisette disse para mim em Paris que se eu achasse um homem de quem realmente gostasse, eu mudaria minha cabeça sobre isso. - Ela não sabia que palavra usar, não conseguia usar a palavra sexo, ou foder, era uma palavra menos crua que ela não conhecia.

- Com um homem de quem você realmente gosta isso é chamado fazer amor - ele disse, inclinando-se para frente assim seu rosto ficou

muito próximo do dela. - Fico lisonjeado que você goste de mim, Belle, nunca conheci uma jovem de quem eu gostei mais do que você. Vou abraçá-la e beijá-la, mas só isso, pois tenho uma mulher em casa a quem não posso ser infiel.

Ele se aproximou ainda mais e seus lábios tocaram os de Belle, com a suavidade de asas de borboleta. Os braços de Belle o envolveram e sua língua tremulava a boca dela fazendo-a sentir um leve tremor correr pela espinha.

- Como foi? - ele disse provocando. Com apenas uma vela iluminando ela não conseguia ver o rosto dele claramente. Mas ela tirou suas mãos e colocou em forma de concha, usando seus polegares para acariciar os lábios dele gentilmente.

- Foi tão bom que eu quero mais - ela sussurrou.

Ele se moveu e escorregou para a cama do lado dela, envolvendo-a em seus braços. - Você é uma pequena sedutora - ele sussurrou. - Você se dará bem em New Orleans.

Ele a beijou várias vezes até o corpo todo dela estar doendo para ser acariciado também. Mas embora ele a beijasse e encostasse em seu pescoço, braços e dedos ele não tentou ir além.

Belle sabia que ele a desejava, ela sentiu seu pênis se esforçando para ser liberado das calças, mas quando ela tentou colocar a mão ali, ele gentilmente a tirou.

- Hora dos dois dormir - ele disse, beijando-a na testa suavemente e saindo da cama.

Ele pegou as roupas dele da cama, apagou a vela e subiu lá, e Belle se esticou no espaço

vago e sorriu para si mesma enquanto cheirava o perfume dele no travesseiro.

Nenhum homem seria tão assustador agora que ela sabia quão doce isso podia ser. Ela se sentiu triste que Etienne não estivesse preparado para ser aquele que iniciaria ela na arte de fazer amor, mas ele a fez entender o que era o desejo.

- *Bonsoir, ma pétite* - ele disse suavemente da cama de cima.

- Boa noite, Etienne - ela sussurrou de volta. - Se os cavalheiros de New Orleans forem todos como você não terei nenhum problema em amá-los.

Capítulo 15

Anjinhos de ouro segurando uma mesa de alabastro, sofás de veludo azul-turquesa com almofadas de cetim dourado e rosa, um piano branco e um quadro de uma moça nua, em tamanho real, deitada em um divã pendurado acima da lareira de mármore branco; essas eram apenas algumas das maravilhas na sala de estar da *maison de joie* de Martha, como a mulher a denominava. Belle precisou se esforçar para não se distrair com o esplendor e conseguir prestar atenção e escutar o que Etienne dizia à Madame Martha.

Ela era uma mulher grande, com cerca de 45 anos. Belle acreditava que ela devia ter aproximadamente um metro e 75, e pelo menos 100 quilos. Seus cabelos eram tingidos com um tom de loiro-dourado e arrumados em um penteado elaborado. Mas independentemente de seu tamanho e de sua idade, ela ainda era bonita,

sua pele num tom de marfim acetinado e olhos tão escuros que Belle não conseguia ver as íris. Ela usava um vestido solto cor de damasco, com diversos bordados na gola, e seus seios enormes ameaçavam escapar. Seus pés eram minúsculos, dentro de sapatilhas bordadas da mesma cor do vestido e suas mãos, igualmente pequenas, ostentavam um anel em cada dedo.

- Belle é muito diferente de suas outras meninas, madame - disse Etienne, de modo educado. - É inteligente, tem o porte e as habilidades de comunicação de uma mulher adulta; também é muito gentil, carinhosa e sensível. Eu não me atreveria a dizer como a senhora deve gerenciar a sua Casa. Mas aprendi a conhecer Belle muito bem na longa jornada até este lugar, e acredito que seria mais vantajoso para a senhora mantê-la aqui. Permita que ela aprenda com as outras meninas e até mesmo provoque os senhores um pouco com ela.

- Se eu quisesse a sua opinião, querido, eu teria pedido - Madame respondeu. Mas, apesar do que havia dito, parecia ter gostado do comentário.

- Eu não ousaria ofender uma mulher tão linda - disse Etienne com delicadeza. - Mas eu sei que às vezes as meninas são colocadas tão rapidamente para trabalhar que seus verdadeiros talentos não são reconhecidos. Belle tem sido muito maltratada, foi tirada de sua casa e levada a Paris, onde foi submetida ao tipo de coisa que sei que a senhora abomina. Ela precisa de mais tempo.

Madame assentia enquanto Etienne falava, mas quando ele chegou à parte em que afirmou que Belle havia sido maltratada em Paris, virou-se para olhar para Belle, avaliando-a.

- É verdade, docinho? - perguntou ela.

- Sim, é - respondeu Belle, surpresa por terem dirigido a palavra a ela. - Fui sequestrada porque testemunhei um assassinato. Em Paris, fui estuprada por cinco homens diferentes, e então fiquei muito doente - admitiu ela. Mas sem querer dar a impressão de que tinha sido permanentemente prejudicada, ela sorriu para a mulher mais velha. - Estou bem melhor agora, claro, e seria uma empregada muito boa e posso ajudar a senhora com todos os serviços domésticos, lavando, passando e até cozinhando.

- Com certeza não paguei para que você fosse trazida de Paris para ser uma empregada - Madame disse. Seu tom de voz era firme, mas os olhos escuros brilhavam. - Minha Casa é uma das melhores na cidade porque minhas garotas são felizes, e acredito que posso esperar um pouco para ver como as coisas transcorrem com você, para ver se você também pode ser feliz.

- A senhora é uma boa mulher - disse Etienne, pegando sua mão e beijando-a.

- Eu acho que você é carinhoso com ela - disse Madame suavemente, erguendo uma das sobrancelhas de modo sugestivo.

- Qualquer homem seria - respondeu ele. - Ela é uma pérola.

Etienne disse que precisava se retirar e Belle o acompanhou até a porta da frente para dizer adeus.

O hall era quase tão grande quanto a sala de estar, com um enorme candelabro, chão de cerâmica preto e branco e papel de parede vermelho e dourado, em alto-relevo. Tudo o que Belle havia visto até então parecia bonito, mas ela sabia que as aparências importavam muito pouco, e que quando Etienne fosse embora, ela estaria sozinha, em um país

desconhecido, sem ninguém com quem pudesse contar.

Talvez Etienne tivesse percebido como Belle se sentia, porque ele parou na porta e se virou para dizer:

- Não fique com medo. - E acariciou o rosto dela. - Apesar de eu não conhecer Martha bem, tenho referências e ela é uma boa mulher. Você ficará segura aqui.

Belle não queria que ele fosse embora, mas era orgulhosa demais para chorar ou se desesperar.

- Diga-me uma coisa: você teria me matado se eu tivesse fugido ou procurado ajuda?

Ele sorriu de modo jovial.

- Como eu poderia tê-la matado em caso de fuga? E também não poderia ter feito isso se

você procurasse ajuda. Mas precisei assustá-la para que se comportasse. Sinto muito se lhe causei medo.

- Nunca me arrependerei de ter conhecido você - disse ela, e corou. - Você ganhou um pedaço do meu coração.

- Continue linda e doce como é agora - disse ele. - Acredito que você passará a ver New Orleans como sua casa, e vai se esquecer do passado. Apenas tome cuidado para que ninguém lhe prejudique e reserve algum dinheiro para os dias mais difíceis.

Belle se inclinou para poder beijar os lábios dele.

- Faça uma boa viagem de volta e pense em mim de vez em quando.

Os olhos de Etienne, que pareciam tão frios e ásperos quando ela o conheceu em Brest, estavam suaves e tristes.

- Vai ser difícil pensar em qualquer outra coisa - disse ele, e então a beijou com tanto sentimento que ela sentiu as pernas tremerem.

***

Quando Belle deitou-se exausta na cama aos primeiros raios de luz da manhã seguinte, ela quase se sentiu à vontade. O clima na Casa de Martha era similar ao da Casa de Annie, tomado pela expectativa, levemente histérico, mas caloroso e acolhedor também. Tinha até os mesmos cheiros e os mesmos sons: perfume, charutos, o resvalar das roupas de tafetá e as risadas das garotas. Ela podia não ter passado uma noite no andar de cima, mas os sons e cheiros permeavam a Casa toda.

Havia apenas cinco garotas ali, todas com cerca de 18 ou 19 anos, incrivelmente belas: Hatty, Anna-Maria, Suzanne, Polly e Betty. No começo da noite, quando Belle as viu descer as escadas, cada uma usava um vestido diferente de seda, de cor intensa, que revelava seus atrativos o suficiente para provocar qualquer homem, e foi como apreciar cinco belas e raras plantas de estufa.

Elas não tinham aquela aparência quando se encontraram pela primeira vez. Apesar de ser o meio da tarde, elas tinham acabado de sair da cama, e usavam apenas uma manta solta sobre a camisola, com os cabelos desgrenhados.

Enquanto as moças comiam frutas e salgados e bebiam café, Martha havia apresentado Belle. Sugeriu que ela contasse algo sobre si, e como Belle queria que as garotas se tornassem suas amigas e aliadas, contou que fora criada em

um bordel e também sobre o assassinato que havia testemunhado.

Depois, ela ficou se perguntando se disse coisas demais, e se também teria sido melhor se calar, mas as meninas prestaram atenção em tudo o que ela disse, demonstrando solidariedade, e quiseram saber tudo sobre a Inglaterra. Belle ficou surpresa com a preocupação demonstrada, relembrando que quando uma nova garota chegava em sua Casa, sempre havia picuinhas e mal-estar.

Anna-Maria, de cabelos pretos, era *créole* e tinha um sotaque francês confortante, como o de Etienne. Hatty e Suzanne eram de São Francisco, e assim como fizera com Belle, Martha havia pagado para que ambas fossem trabalhar para ela. As duas rapidamente afirmaram não ter arrependimentos, e apesar de o contrato de um ano com Martha ter terminado meses antes, elas queriam permanecer ali.

Polly e Betty tinham trabalhado juntas em um bordel de Atlanta, mas ele fora fechado pela polícia e, assim, elas foram para New Orleans. Consideravam-se sortudas por terem sido levadas à Casa de Martha, e por serem aceitas imediatamente.

As cinco eram brancas. Aparentemente, não eram permitidas casas com meninas de raças diferentes, então as outras moças ficavam em locais diferentes.

O pianista se sentava na sala de estar no começo da noite, as garotas se aconchegavam nos sofás, e logo depois os cavalheiros começavam a chegar. Para a surpresa de Belle, eles realmente pareciam cavalheiros. Eram magnificamente bem-educados, não falavam profanidades e tratavam as garotas como damas. Todos vestiam ternos benfeitos, camisas brancas, botas muito polidas e tinham bigodes e barba bem aparados. Alguns usavam um tipo

de colete xadrez e luxuosas correntes de relógio de ouro que Etienne havia descrito como indicadoras do "lixo branco", enquanto eles estavam no navio proveniente de Nova york. Mas apesar de aqueles homens serem um pouco ousados e espalhafatosos, mesmo assim eram muito educados. Belle achava meigo o fato de eles pedirem ao pianista que tocasse músicas especiais para que pudessem dançar com as garotas.

O nome do pianista era Errol, e ele era negro, mas aparentemente todos os pianistas eram chamados de "Professor". Ele conhecia centenas de melodias, e as tocava de ouvido, sem partitura. Algumas faziam Belle bater os pés e sentir vontade de dançar. Betty dizia que aquela música se chamava *jazz*, e que ela ouviria muito aquele ritmo, afinal, era "a" música de New Orleans. Mas o Professor também cantava - tinha uma voz adoravelmente profunda, rouca - e em algumas canções ele

mudava as letras, com frases ousadas sobre a Casa de Martha, e todos riam.

Belle oferecia aos cavalheiros uísque, vinho ou champanhe, os quais pareciam extremamente caros, a um dólar a dose, principalmente porque ela sabia que o "vinho" que eles compravam para as garotas era apenas água com corante vermelho. Ela achava bom que os homens não fossem levados ao andar de cima às pressas e que as moças ficassem conversando e flertando com eles, como se todos estivessem em uma festa. Mais tarde, ela percebeu que todas as bebidas que eles compravam davam muito dinheiro, e por isso Martha incentivava as meninas a mantê-los na sala de estar.

Convidar uma garota para dançar parecia ser o jeito discreto pelo qual os homens escolhiam sua acompanhante, e quando eles deixavam a sala sozinhos, de mãos dadas, era como se

estivessem saindo para dar um passeio inocente pelo jardim.

Belle não sabia como as coisas eram pagas, pois além da cobrança das bebidas e das gorjetas de Errol, não via nenhum outro dinheiro. Mas Suzanne explicou que a primeira coisa que as meninas faziam quando iam para o quarto com o cavalheiro era pedir os 20 dólares. Estes eram passados a Cissie, a empregada do andar superior, que os entregava a Martha, que mantinha um registro de tudo o que as meninas recebiam na noite.

Cissie era negra, uma mulher alta, magra e estrábica. Tinha uma expressão muito séria e raramente sorria, mas as garotas disseram que ela era a própria gentileza, especialmente quando estavam doentes.

Belle ficara muito surpresa ao se dar conta do pouco tempo que os homens passavam com as

garotas no andar de cima, principalmente porque eles costumavam ficar na sala de estar conversando e bebendo por mais de uma hora. Ela achava que o tempo médio que eles passavam no quarto de uma das garotas era de apenas 20 minutos; quando permaneciam por 30 minutos, Martha começava a ficar tensa. Belle sempre pensara que o ato sexual durava pelo menos uma hora, porque era quanto parecia durar para ela em Paris, e quando Kent estava com Millie. Agora, ela estava começando a ver que costumava ser um tempo muito menor, mas o horror da situação toda fazia parecer muito mais.

Como cada menina entretinha cerca de dez cavalheiros por noite, a 20 dólares cada, elas estavam ganhando uma pequena fortuna, ainda que Martha ficasse com metade disso. Belle havia achado muito bom quando Martha disse que daria a ela 1 dólar por dia para servir bebidas, e só naquela primeira noite ela recebeu

2,50 dólares de gorjeta. Isso, claro, não era nada perto do que as garotas recebiam, ou das gorjetas que o Professor recebia; quase todos os cavalheiros davam 1 dólar a ele. Mas para Belle, parecia que aquele era um lugar onde qualquer pessoa com a atitude certa podia ficar rico muito depressa.

As garotas disseram que aquela era uma noite tranquila, e que aos sábados o movimento era grande. Mas observando as moças, vendo seus sorrisos prontos, escutando as risadas, ficava claro que, obviamente, aquele não podia ser um trabalho tão ruim quanto Belle imaginara.

Mas Belle não queria pensar nisso naquele momento. Era melhor afundar-se em seu colchão macio de penas com uma manta fina sobre ela porque estava bem quente e pensar em como fazia frio em sua terra natal.

Ela esperava que, àquela hora, o cartão-postal que enviara de Nova york a Annie e Mog já tivesse chegado. Etienne não havia permitido que ela dissesse para onde estava indo, nem o que esperava fazer, assim como ela não disse o que acontecera com ela em Paris. Mas levando em consideração que sua mãe dirigia um bordel, elas se dariam conta da verdade. Belle só podia esperar que elas percebessem que estava feliz quando escreveu o cartão-postal e que, assim, ficassem menos ansiosas.

Ela havia planejado escrever uma carta quando estivesse estabelecida, mas agora já não sabia se era o mais certo a fazer. Poderia piorar as coisas; afinal, sua mãe não poderia ir buscá-la, e mesmo que pudesse, Martha insistiria para que Annie devolvesse a quantia paga por Belle.

Ela também pensou em Jimmy. Queria muito escrever e contar a história toda, mas se fizesse isso, ele poderia querer ir atrás de

Kent, e então sua vida poderia estar em perigo.

Pensando melhor, Belle concluiu que seria melhor para todo mundo se ela não escrevesse. A verdade faria apenas com que eles se preocupassem. Mas se ela mentisse e dissesse a eles que estava trabalhando em uma loja ou como empregada, eles não acreditariam. Afinal, ninguém poderia sequestrar uma pessoa e então dar a ela uma vida boa e respeitável!

Ela adormeceu pensando no problema.

Belle acordou na manhã seguinte às dez horas. Era estranho não escutar quase nenhum barulho do lado de fora. Na noite anterior, o local havia estado ainda mais barulhento do que a Monmouth Street em uma noite de sábado.

Ela estava morrendo de vontade de sair e conhecer o lugar, pois tudo o que ela vira de New Orleans até então tinha sido no táxi, voltando do navio. Também estava silencioso, pois eram apenas nove da manhã, e ela só via carrinhos de entrega, varredores de rua e empregadas negras esfregando escadarias e polindo partes de latão das portas. Mas ela havia ficado impressionada com quão velha e atraente era cidade. Etienne dissera a ela que a parte por onde eles passaram se chamava French Quarter, porque, em 1721, os primeiros 20 quarteirões foram construídos pelos franceses.

Todas as casas da rua eram térreas, sem jardim na frente, como muitos dos terraços vitorianos em sua cidade, mas aquelas não eram iguais: havia casinhas *créoles* coloridas com janelas com cortinas ao lado de casas em estilo espanhol com varandas de ferro forjado delicadas nos andares superiores, geralmente com um monte de plantas e flores crescendo

ali. Belle conseguia ver partes de pequenos quintais, havia praças com um jardim central, e ela viu muitas flores de aparência exótica e também palmeiras altas.

Etienne prosseguira explicando que até 1897, New Orleans era um local assustador, sem lei, com prostitutas se oferecendo ou esperando, praticamente nuas, em quase todos os locais da cidade. Por ser um porto movimentado, marinheiros de todas as nacionalidades iam à cidade todas as noites para jogar, beber, procurar uma mulher e geralmente arrumar uma briga também. O número de mortes causadas por esfaqueamentos e tiros era alto e muitos eram encontrados inconscientes, nas vielas, depois de serem agredidos e roubados. Pessoas comuns e respeitáveis tentando criar seus filhos tinham que aguentar aquilo o tempo todo e exigiam que algo fosse feito a respeito.

O vereador Sidney Story arquitetou um plano para pegar a área de 38 quarteirões no lado mais distante da estrada de ferro, atrás do French Quarter, e tornar a prostituição legalizada ali. Assim, todos os males da cidade ficariam concentrados em um único lugar, facilitando o policiamento. Os cidadãos comuns ficaram felizes por poder votar em uma lei que colocaria um ponto final no ir e vir de prostitutas e marinheiros embriagados e arruaceiros perto de seus lares. As casas de jogos e os pontos de venda de ópio ficariam fora de vista e eles não mais teriam que temer a violência de crimes relacionados a vícios.

Sidney Story propôs a lei e conseguiu fazer com que ela fosse aprovada, e dessa forma, a região ganhou o nome de "Storyville". Mas a maioria das pessoas a chamavam apenas de "o Distrito".

Belle ficou um pouco surpresa enquanto Etienne explicava como eram as coisas antes de a lei ser aprovada. Era muito parecido com Seven Dials! Ela comentou sobre isso e também disse que, apesar de ter sido cercada por todos os tipos de atividades criminais e vícios, não havia tomado consciência daquilo, nem fora atingida, até Millie ser assassinada.

- Me surpreende ver que as pessoas que reclamam a respeito do vício são, em grande parte, aquelas que mais se beneficiam dele - disse Etienne, sorrindo. - Lojas, hotéis, salões de cabeleireiros, lavanderias, taxistas, costureiras e chapeleiros não poderiam sobreviver sem todos os visitantes que o Distrito traz a New Orleans. Até mesmo o conselho regional, os hospitais e as escolas se beneficiam dos impostos que vêm dele. Mas todo mundo quer que a renda suja seja escondida.

Belle saiu da cama para se aproximar da janela e ver o local que as pessoas de New Orleans queriam esconder.

Seu aposento ficava no quarto andar, um local pequeno, pouco mobiliado, que servia para uma empregada, muito diferente dos quartos opulentos que as garotas tinham no andar de baixo. A janela dava vista para os trilhos que separavam a Basin Street do French Quarter. Pelo que ela entendia, a Basin Street era a primeira no Distrito, com as casas mais prestigiadas, com as garotas mais belas, a melhor comida, bebida e diversão. Os estabelecimentos nas ruas atrás da Basin Street, fossem botequins, restaurantes ou bordéis, tornavam-se mais baratos e mais decadentes quanto mais próximos do fim do Distrito. No último quarteirão e na Robertson Street, os bares eram choupanas e as garotas que trabalhavam ali ofereciam serviços sexuais por apenas

alguns centavos. Algumas não conseguiam nem mesmo alugar um dos quartos baratos.

Betty havia contado sobre os quartos. Eram uma série de quartos pequenos sem espaço para nada além de uma cama. Os homens ficavam em fila do lado de fora, e quando um saía, outro entrava. Betty disse que elas conseguiam atender 50 homens por noite. Mas aquelas garotas eram controladas por cafetões, que levavam a maior parte do que elas recebiam, e costumavam apanhar quando não conseguiam a quantia que o cafetão esperava. Para aquelas garotas, não havia luxos, como banheira ou banheiro interno. A vida delas era indescritivelmente difícil, e encontravam refúgio na bebida ou no ópio. Betty dizia que os homens que as usavam eram os mais grosseiros, e elas não tinham esperança de que as coisas melhorariam, tanto que grande parte das garotas via a morte como uma libertação.

Para decepção de Belle, ela não conseguia ver nada além dos trilhos do outro lado, mesmo se enfiasse a cabeça pela pequena janela. Por enquanto, teria que se satisfazer com o que tinha visto rapidamente quando chegara, no dia anterior: casas grandes e muito bem construídas, nenhuma delas decadente como era o caso das construções em Seven Dials. Hatty dissera que a maioria tinha luz elétrica e aquecimento a vapor.

Apesar de ser apenas abril, o Sol esquentava os braços e o rosto de Belle, como um dia de verão em sua cidade. Ela pensou que, naquela época do ano, em Seven Dials, o tempo ficava nublado, frio e ventava muito e ela se admirava por se sentir mais feliz do que triste estando ali.

Queria poder sair agora, caminhar e conhecer o Distrito. Mas tinha a sensação de que Martha

poderia não aprovar se ela saísse sem permissão.

Ao abrir a porta e descer a escada estreita que levava para o andar seguinte, ela ficou atenta a sinais de que houvesse mais alguém ali. Mas não escutou nada além do ronco leve que parecia vir do quarto de Hatty.

Ela conseguia sentir o cheiro dos charutos da noite anterior e havia um corpete azul, de seda, sobre o carpete vermelho e dourado sob seus pés. Ela tentou adivinhar a qual das meninas ele pertencia e por que havia sido deixado ali. Em uma janela no patamar havia uma bela cortina de renda branca, e como a porta do banheiro estava um pouco entreaberta, ela conseguiu ver o piso branco e preto e parte do pé da banheira.

Tudo parecia muito limpo, brilhante e belo, e ela sorriu pensando em como desejava fugir

quando estava em Paris. Poderia sair dali naquele minuto, vestir-se, descer a escada e sair pela porta da frente. Mas percebeu que não era o que queria fazer.

E não era só porque tudo que ela tinha no mundo eram 2,50 dólares, as gorjetas da noite anterior. Na verdade, gostava dali.

- É melhor que eu comece a me comportar como as outras meninas, então - murmurou para si mesma, virando-se para voltar para seu quarto.

Uma semana depois, aproximadamente às três da madrugada, Belle estava sozinha na sala de estar, recolhendo copos e cinzeiros, quando escutou um grito vindo da rua.

A noite estava silenciosa na Casa de Martha. O último cavalheiro havia partido meia hora antes, e as garotas foram para a cama, pois

claramente não chegaria mais nenhum cliente. Martha fora para seu quarto no primeiro andar, e Cissie estava na cozinha preparando uma xícara de chá.

Belle abaixou a bandeja de copos e foi até a janela e olhou para fora. Viu um pequeno grupo de pessoas reunidas a 20 metros dali, mais para baixo na rua, perto do bar Tom Anderson's, sob a luz do poste.

Belle se surpreendera ao ver o Tom Anderson's à noite, pois ficava iluminado por tantas lâmpadas elétricas que faziam arder os olhos. Anderson gerenciava tudo ali: resolvia conflitos, punia quem precisava e era proprietário de grande parte da cidade. Seu bar deslumbrante, que ocupava meio quarteirão, era todo decorado com entalhes de cerejeira, espelhos e peças brilhantes, e funcionava 24 horas por dia, com 12 garçons.

A Basin Street nunca ficava completamente silenciosa. Podia haver uma calma depois da cinco da manhã até às nove ou dez horas, mas no restante do tempo, a música tocava em dezenas de bares, clubes e bordéis, havia músicos ambulantes nas ruas e, além disso, farras que combinavam com o clima de distrito da luz vermelha. Às vezes, Belle olhava para fora e via grupos de marinheiros embriagados descendo a rua em direção ao Cabaré Pouca Roupa. As outras garotas disseram que eles provavelmente tinham tomado uma bebida na maioria dos bares pelos quais passaram desde que saíram do navio. Eles iam para os quartos em Iberville Street, onde as prostitutas custavam 1 dólar, mas quando chegavam ali, provavelmente não conseguiriam desempenhar a função desejada e ficariam sem dinheiro.

Os homens que chegavam a New Orleans de trem tinham chances maiores de conseguir mulheres antes de ficarem embriagados demais,

pois os trens paravam no começo do Distrito e os passageiros viam garotas em alguns dos bordéis posando de modo sedutor para a vantagem deles.

Sem conseguir ver pela janela, Belle foi para a porta da frente e saiu na varanda. Pensou que a multidão reunida estivesse observando dois homens brigando, pois escutou gritos e brados de incentivo. Mas, de repente, as pessoas se afastaram e Belle viu que eram duas mulheres brigando e se atracando como dois cães selvagens.

Ela havia visto a mulher grande de cabelos tingidos de vermelho no dia anterior, pois gritara na rua. Hatty dissera que acreditava ter algo a ver com o cafetão da mulher, que ele foi visto com outra mulher ou algo assim. Se fosse verdade e a mulher menor de cabelos tingidos tivesse roubado o amante e protetor da ruiva, ela corria o risco de ser morta.

Elas rolaram pelo chão, levantaram-se e voltaram a se atracar. A loira lutava como uma mulher, arranhando o rosto da outra com as unhas, mas a ruiva lutava como uma campeã, usando os punhos, e a plateia vibrava a cada soco dado no rosto ou corpo da loira.

De repente, elas se prenderam uma à outra, e Belle foi até a calçada para ver melhor. Um grito repentino de dor emitido pela loira fez com que todos se aproximassem ainda mais, e a ruiva cuspiu algo na calçada.

Ela havia mordido três dedos da mão da outra.

Belle ficou paralisada de terror. Os três dedos ensanguentados estavam ali na calçada, a cerca de dez metros dela.

- Chega! - gritou um homem da multidão. - Vamos, Maria, você num pode comer as pessoas assim.

- Vou arrancar a orelha ou o nariz de quem tentar me impedir de matar essa cadela - gritou a ruiva, com sangue escorrendo de sua boca.

Quatro ou cinco homens deram um salto à frente e prenderam a mulher, enquanto os outros cuidavam da ferida.

Belle se afastou e entrou, sentindo-se enjoada com o que acabara de testemunhar.

- O que foi toda aquela confusão? - perguntou Martha, descendo a escada enquanto Belle trancava a porta da frente.

Belle contou e sentiu ânsia de vômito ao explicar.

- Foi a Maria Suja - disse Martha, puxando Belle pelo braço para levá-la à sala de estar, onde lhe serviu um pouco de conhaque. - Ela deu

uma enxadada em outra mulher há alguns anos, cortou o braço dela abaixo do cotovelo. Foi inocentada. Ela tem uma sorte do diabo.

- Por que ela fez algo tão ruim a alguém? - perguntou Belle, sentindo-se muito abalada e arrependida por ter saído.

- Ela tem sífilis, por isso a chamam de Maria Suja. Pode afetar o cérebro dela, sabia?

- Mas ela não infecta as pessoas? - perguntou Belle, chocada.

- Oh, ela não trepa mais - disse Martha de modo calmo, como se estivesse dizendo o que elas tomariam no café da manhã. - Só faz a francesa agora.

- O que é isso? - perguntou Belle, pensando que preferiria não saber.

- Ela só leva na boca. - Martha franziu o nariz com nojo. - Muitas das garotas fazem isso para não correr o risco de engravidar ou pegar alguma doença. Você vai ouvir as meninas falarem da Casa Francesa descendo a rua, é o que elas fazem lá.

Belle fez uma careta.

- Mas não faça essa cara - disse Martha sorrindo. - É rápido, não faz sujeira, dispensa a cama. Há muitas vantagens.

Belle já havia escutado mais do que o suficiente a respeito da "francesa", mas queria saber o que ia acontecer com Maria e a loira sem dedos.

- Maria vai para a delegacia; mas provavelmente não receberá nada além de uma multa. A outra menina será levada ao hospital.

- Mas sem dedos, como a loira viverá? - perguntou Belle.

Martha sorriu e deu um tapinha no ombro de Belle.

- Pare de se preocupar com os outros e vá para a cama. Amanhã quero conversar com você a respeito de seu futuro.

Capítulo 16

- Fique aí e observe o que Betty faz - disse Martha com firmeza.

Ela apontou para a cadeira baixa que estava atrás da tela e para o furo no tecido tela, pelo qual Belle poderia espiar enquanto estivesse sentada.

- Procure observar tudo! Veja como ela verifica se ele tem sífilis, como ela o lava e tudo. Você deve ficar parada aí, aprendendo!

Belle já havia sido avisada de que era dessa maneira que Martha preparava as novatas, por isso não ficou muito chocada. E Betty tinha sido surpreendentemente aberta ao falar sobre como via o próprio trabalho.

Belle gostava da garota atrevida de Atlanta. Era engraçada, simpática e sempre disposta a bater papo.

- Todas fingimos estarmos nos divertindo muito - disse Betty com um sorriso travesso. - Afinal, é o que o trabalho exige. Mas penso em coisas quentes enquanto estou trabalhando e guio os pensamentos para me darem prazer e, sabe, querida? Às vezes é bom de verdade.

Apesar de a atitude de Betty, de comentar sobre tais coisas, ser incomum, Belle sentia que, na verdade, nenhuma das garotas detestava seu trabalho ou se sentia insatisfeita com sua vida. Todas riam muito e demonstravam bastante interesse por tudo e todos ao redor. Todas elas vinham de famílias pobres, mas apesar de citarem a pobreza, esta não parecia ser a única razão pela qual elas se tornaram prostitutas. Belle achava que se tratava da combinação da ânsia por aventura, o prazer de

ser desejada, e também ganância e até preguiça, porque elas sabiam que era difícil manter um trabalho respeitável.

Belle sentia-se grata por Martha ter dado a ela quase duas semanas de preparação antes de jogá-la aos leões, pois durante esse tempo, a atmosfera lânguida e sensual da Casa a envolvera. O tempo todo, ela sonhava acordada lembrando-se de como se sentira quando Etienne a havia abraçado e beijado, admirava os homens dali e queria que eles a desejassem também. Queria usar um belo vestido comprido de seda como as outras meninas, pedir a ajuda de Cissie para fazer um penteado e também queria ganhar mais dinheiro.

Talvez a atmosfera da casa tivesse atenuado os traumas do passado, e de fato ela esperava com muita ansiedade pelo dia em que se tornaria o que Martha chamava de "cortesã". Mas foram os passeios por New Orleans que fizeram

com que ela visse que tinha opções. Não precisava se imaginar presa para sempre em um lugar e em um emprego que detestava.

A princípio, ela só via a cor, a música e a decadência de New Orleans: uma festa enorme que durava o dia todo, sete dias por semana. Quando observou com mais atenção, percebeu que tudo girava ao redor de fazer dinheiro. Desde os homens ricos que eram donos dos salões chiques de jogos, onde milhares de dólares iam de mão em mão todas as noites, com madames gerenciando prostíbulos, até os taxistas, que cobravam apenas poucos centavos por corrida, e os músicos em todos os bares ou de rua. O dinheiro era o centro ao redor do qual o Distrito todo girava.

Mas diferentemente de Londres e Nova york, onde eram os homens, principalmente, que cuidavam dos shows, em New Orleans as mulheres podiam ter papéis de protagonistas. Elas

vinham de todas as partes dos Estados Unidos e de outros lugares. Muitas eram madames, claro, mas tantas outras tinham lojas ou outros negócios: eram donas de hotéis, bares e restaurantes. Belle ouviu alguém dizer que uma grande parte delas havia chegado na cidade sem nenhum tostão e usavam a prostituição como uma maneira de começar; mas isso a impressionava ainda mais porque provava que, com vontade e determinação, qualquer pessoa poderia se dar bem.

Belle sentia que também poderia fazer isso. Tinha a vantagem de ser inglesa, para começo de conversa, o que era curioso ali. Sem ser presunçosa, ela também conseguia ver que era mais bela do que a maioria das garotas, e ainda tinha a juventude a seu favor. Mas acima de tudo, era inteligente. Não tinha noção dessa realidade em sua cidade porque não havia com quem se comparar. Ali, todos os dias ela constatava que era muito mais avançada

intelectualmente do que as outras garotas. Como dissera Etienne, a maioria era burra, preguiçosa e gananciosa.

Tanto Mog quanto Annie gostavam muito de ler e deram a Belle acesso aos livros e jornais de melhor qualidade, mas ela não havia notado que isso era incomum para uma menina com sua origem. Lembrou-se de que na Casa em Paris, as empregadas mostraram-se surpresas quando souberam que ela lia os livros que ficavam na sala. A leitura havia proporcionado a ela conhecimento a respeito de muita coisa: história, geografia e de realidades diferentes da sua.

Nenhuma das garotas de Martha lia. Na verdade, Belle percebeu que elas não sabiam, pois folheavam as revistas olhando apenas para ver as fotos. Tinham muito pouco conhecimento ou interesse em qualquer coisa que não fosse moda ou as fofocas do Distrito. Betty

pensava que a Inglaterra era próxima a Nova york. Anna-Maria achava que o México ficava acima do Mississippi. As únicas coisas que todas almejavam eram amor e casamento. Todas queriam um marido que lhes desse uma bela casa e filhos, e apesar de Belle considerar aquilo compreensível, tentava imaginar como elas acreditavam que conseguiriam realizar o sonho. As garotas deveriam saber que poucos homens se casariam com uma prostituta.

Belle não tinha o desejo de ser mantida como um animal de estimação. Queria ser igual a qualquer homem. Ainda não sabia como conseguiria, mas por enquanto estudaria os homens com bastante atenção e aprenderia tudo a respeito deles.

Cerca de dez minutos depois, Betty entrou no quarto guiando seu cavalheiro pela mão. Ela era uma ruiva baixinha e repleta de curvas, tinha a pele clara como leite e olhos azuis que

expressavam uma inocência que seu palavreado desmentia.

O vestido de seda cor de maçã-verde mal cobria seus grandes seios e quando Betty fechou a porta, puxou o corpete para baixo para expô-los, e colocou as mãos do homem sobre eles.

- Você gosta deles, querido? - ela perguntou, olhando para ele com a expressão mais provocante possível.

- Adoro - ele respondeu, com seus olhos castanhos deliciando-se com os seios, a voz carregada de desejo. - Mal posso esperar para ver o que mais você tem para mim. Ele não tinha mais do que 24 anos, era magro e tinha cabelos escuros, bigode e a pele bronzeada. Talvez não fosse lindo, mas tinha um belo rosto.

- Bem, querido, dê-me 20 dólares, tire a calça e prepare-se para visitar o paraíso.

Belle sentiu vontade de rir, pois Betty sabia que ela estava ali observando, e parecia que a última frase fora retirada de um manual de instruções para prostitutas.

O homem entregou o dinheiro, Betty abriu a porta e o entregou a Cissie e então fechou a porta, recostou-se nela e sorriu de modo sedutor para seu homem.

- Vamos ver o que você tem para mim - disse ela.

Ele tirou os sapatos, calça e roupa íntima num piscar de olhos, e Belle viu que seu pênis já estava ereto pelo volume que fazia por baixo da camisa.

- Lindo e grande - disse Betty, e então ela o empurrou para que se deitasse, tirou sua camisa e segurou seu pênis, apertando-o e analisando-o de perto.

No dia anterior, enquanto tomavam café na cozinha, as garotas conversaram sobre verificar se o cliente tinha sífilis. Falaram sobre procurar "gonorreia", um pus amarelado, além de feridas ou lesões ao redor da genitália. Se houvesse qualquer sinal de infecção, elas se recusavam a atender o cliente.

Depois que Betty examinou seu homem, ela pegou um pano de uma bacia de água com desinfetante e o limpou de modo vigoroso, enquanto fazia comentários indecentes a respeito de sua virilidade e de como estava ansiosa para senti-lo dentro dela.

Ela fez o homem desabotoar seu vestido quando terminou de lavá-lo, e jogou a peça,

juntamente com a anágua, em cima de uma cadeira, deixando-a vestindo apenas uma camisola com borda de renda que deixava seus seios à mostra e terminava em suas nádegas. Já haviam dito a Belle que nos outros bordéis as garotas só vestiam lingerie, algumas dançavam com os clientes quando estavam quase nus. Mas Martha gostava de manter uma ilusão de pureza em sua Casa, por isso, apesar de os decotes das garotas serem fundos e de elas não usarem roupas debaixo, ficavam vestidas enquanto permaneciam nas salas públicas.

O jovem estava ficando cada vez mais excitado enquanto Betty tirava as peças de roupa, e quando ela subiu na cama e se ajoelhou ao lado dele, ergueu a camisola para mostrar as partes íntimas. Belle viu que ela tinha um monte de pelos encaracolados e escuros entre as pernas, e quando o jovem esticou o braço para tocá-los, Betty gemeu e arqueou as

costas, convidando-o para ter mais intimidade com ela.

Foi algo muito estranho para Belle. Ela imaginava que sentiria repulsa ao ver tais coisas e se lembraria do que tinha acontecido em Paris, mas, na verdade, sentiu uma excitação curiosa, e uma sensação quente em suas partes íntimas.

Os dedos do homem desapareceram dentro de Betty e ela remexia o corpo como se estivesse adorando, gemendo baixinho.

- Hummm, isso é muito bom, querido - disse ela. - Você está me deixando prontinha para cavalgar no seu pau grande.

Belle olhou para o rosto do homem e viu que ele olhava fixamente para os seios de Betty, e a excitação que sentia ao tocá-la ficava

evidente em seu rosto corado e na rigidez de seu pênis.

- Suba em mim agora! - disse ele de repente, e Betty agitou-se rapidamente para montar em cima dele, movendo-se lentamente para baixo até ele entrar em seu corpo. Ela se inclinou para frente, apoiando-se nas próprias mãos, e o homem brincou com seus seios enquanto ela subia e descia nele.

Ele estava quase delirando de prazer, virando a cabeça para um lado e para outro no travesseiro, passando as mãos pelo corpo voluptuoso de Betty com satisfação. E Betty parecia estar controlando o ato, erguendo-se a ponto de quase tirá-lo de dentro de si, e voltando a abaixar enquanto a respiração ofegante e os gemidos de prazer dele ficavam cada vez mais altos.

Até que, de uma vez, tudo terminou. O homem emitiu um rugido e então ficou parado e esticou os braços para tocar o rosto de Betty com delicadeza.

Betty não foi grosseira com ele, mas não perdeu tempo e logo saiu de cima do homem, lavou seu pênis e deu a ele a cueca e a calça. Enquanto ele calçava os sapatos, ela se lavava, e quando ele estava pronto para sair, Betty já estava na porta esperando na ponta do pé para dar-lhe um beijo no rosto de despedida.

- Tchau, querido - disse ela. - Volte logo para mim.

Não houve troca de beijos antes daquele momento, e conforme Betty fechava a porta e se despedia de seu homem, Belle saiu de trás da tela um pouco envergonhada.

- Viu? Não tem nada de mais - riu Betty. - É só excitar eles antes de cair na cama e eles viram caramelo nas suas mãos. Saiba que eu faria isso com aquele jovem de graça, ele é bonito e acho que ele me daria prazer a noite toda se eu pedisse.

Belle ajudou Betty a vestir-se e fechou os botões e fechos.

- Por que você não o beijou? - perguntou ela.

- Porque isso é coisa de namorados, querida - disse Betty. - O beijo excita, mas serve para fazer amor, não para fazer sexo. Isso você reserva ao homem que ama. Entende?

Belle entendeu muito melhor do que esperava entender. Não podia dizer que estava disposta a assumir seu lugar como uma das garotas, mas sentia-se muito menos relutante agora, e chegou até a pensar que se conseguisse um

homem jovem como aquele, não seria tão ruim.

Durante a semana seguinte, Belle observou cada uma das garotas com um cliente, e certa noite, observou Anna-Maria e Polly com apenas um homem.

- Eu faço com que eles paguem muito dinheiro por isso - explicou Martha. - Geralmente, são os velhos e ricos que querem isso, mas você verá que as meninas não se importam nem um pouco; o mais difícil para elas é controlar o riso.

Belle já havia descoberto que as risadas eram artigo abundante na Casa de Martha. À tarde, as garotas adoravam se sentar no pequeno quintal dos fundos, à sombra, bebendo chá gelado ou limonada e conversar sobre os destaques da noite anterior. Elas não escondiam quase nada, as descrições eram vívidas e

detalhadas, e, quase sempre, muito engraça-das, principalmente aquelas feitas por Betty e Suzanne. Às vezes, as meninas riam tanto que reclamavam de dor na barriga.

No começo, Belle apenas ficava escutando, mas, aos poucos, ela pas-sou a ser incentivada a contar para as garotas suas experiências em Paris. Mas aquelas cenas de pesadelo que ela se esforçava para esquecer quase se tornaram trechos de comédia quando ela as relatou às novas amigas. Ela se via exagerando a respeito da obesidade de um homem ou a idade avançada de outro, pois assim doía menos. Talvez sua voz embargasse ou seus olhos ficas-sem marejados de vez em quando, mas as meninas seguravam sua mão e a apertavam, e faziam algum comentário que não apenas mostrava que elas entendiam o que Belle havia passado, mas com frequência transformavam as lágrimas em riso.

- Se você conseguir rir desses demônios antigos e ridículos que só conseguem aprontar com pessoas jovens e assustadas, então terá conseguido vencê-los - disse Suzanne, com um toque de amargura, um sinal de que ela sabia sobre o que estava falando. - Não permita que eles acabem com a sua vida, Belle. Um dia, você conhecerá um homem que mostrará a você que o sexo pode ser bonito. Mas enquanto você estiver aqui, mostraremos que ele pode ser divertido e muito rentável.

As palavras de Suzanne combinavam com as atitudes das garotas com os clientes. As duas, Anna-Maria, de cabelos pretos, e Polly, de cabelos loiros, estavam completamente nuas, com corpos firmes e rostos bonitos em forte contraste com o texano grande de rosto corado e barriga enorme e flácida. Seu pênis era muito pequeno, mas quando Anna-Maria ajoelhou-se diante de seu rosto, permitindo que ele a observasse se masturbando, ficou

ereto. Polly cuidou dele, inclinando-se para trás para brincar com suas bolas enquanto se movia sobre ele, e então Anna-Maria se inclinou para frente para permitir que ele a lambesse.

Belle mal conseguia acreditar no que estava vendo, pois estava claro que eram as garotas que estavam no controle, não o homem. Polly se esforçava para não rir, mas, ao mesmo tempo, ela o acariciava e mexia o quadril para tornar aquele momento o mais erótico possível, para que ele ejaculasse depressa. Anna-Maria, na verdade, parecia estar gostando muito de receber as lambidas do homem; estava dizendo a ele que aquilo era excitante e sensual e que ela estava gozando. Com certeza ela parecia estar falando sério, com o rosto corado, os olhos semicerrados e os lábios entreabertos.

O texano berrou como um boi ao gozar, e Polly levou a mão à boca para controlar o riso. Anna-Maria ainda se remexia contra a língua grande do homem; ela segurou a cabeça dele no momento em que disse que estava gozando, e o suor brilhava em sua testa e escorria pelos seios.

Belle se recostou na cadeira enquanto as duas garotas se despediam do cliente. Ele sorria de orelha a orelha, dizendo que elas o levaram ao céu.

- Adoraria ter vocês duas pimentinhas em minha cama todas as noites - disse ele, abraçando as duas e apertando-as. - Acho que vou pegar meu pau todas as noites e pensar em vocês.

Depois de deixarem o homem ir embora e fecharem a porta, Belle saiu de trás da tela. Polly começou a rir.

- O que achou, querida? Gostou?

Anna-Maria estava sentada na beira da cama, esforçando-se para vestir a camisola. Ela parecia um pouco abalada.

- Parece que você gostou muito de tudo - disse Belle.

- E gostei - Anna-Maria respondeu com um leve sotaque francês, e riu e corou. - Foi a primeira vez que isso aconteceu comigo, eu gozei de verdade.

Belle já havia escutado aquela expressão muitas vezes desde que chegara à Casa de Martha. Compreendia aquilo no sentido masculino, mas até aquele momento, não imaginava que podia acontecer com mulheres também. Mas aquilo obviamente chamou a atenção de Polly, que começou a rir sem parar.

- Imagine ele com o pau na mão pensando em nós. - Polly riu.

Belle subiu para seu quarto e deixou as garotas se lavarem e se vestirem de novo. Sentou-se na cama e percebeu que estava confusa. Não em relação ao que acabara de ver, mas, sim, por todas as coisas que a vida havia colocado em seu caminho, pois certamente havia algum plano por trás de tudo aquilo, e ela queria entender o que era.

Ela fora criada em um bordel, mas não sabia o que aquilo significava. Havia visto uma menina ser assassinada e sua mãe mentira sobre o culpado. Depois, ocorreram seu sequestro e os fatos tenebrosos em Paris. E então, ela conheceu Etienne, que lhe causara muito medo a princípio, mas de quem ela aprendeu a gostar e até amar um pouco. Belle deveria ter se assustado por ter sido levada até ali para ser uma prostituta, mas não sentia medo. Deveria

estar assustada com New Orleans, mas, ainda assim, gostava dali. Não se ressentia nem um pouco por Martha estar colocando-a em um trabalho pelo qual havia pagado para que ela realizasse.

Seria por que ela nascera para ser uma prostituta? Seria possível que alguém herdasse a disposição para tal trabalho da mesma maneira que se herda o nariz ou a cor da pele da mãe?

Em parte, ela julgava ruim que uma mulher vendesse o próprio corpo, mas por outro lado, não se importava. Ela havia visto o prazer no rosto daquele homem, as garotas o fizeram feliz, então por que aquilo podia ser tão ruim?

Mas havia outras coisas que também a deixavam confusa. Sentia falta de Mog e sempre teria um lugar para ela em seu coração, mas sentia-se mais à vontade ali, com

Martha e as garotas, do que em Londres. Por quê? Não seria algo desleal de sua parte?

Se Etienne tivesse tentado algo com ela, Belle acreditava que não teria sido capaz de resistir. Isso certamente era prova mais contundente de sua natureza desajustada. Na verdade, parecia que ela não conseguia mais definir o que era bom ou ruim, pois tudo havia se misturado e borrado.

Uma batida de leve na porta assustou Belle e ela ficou ainda mais surpresa quando Martha espiou.

- Posso entrar, querida? - perguntou ela.

- Sim, claro - respondeu Belle, sentindo-se esquisita por ter sido surpreendida. - Eu já ia descer de novo. Sinto muito.

- Não se preocupe com isso - disse Martha, sentando-se na cama estreita. - Você precisava se recompor, compreendo.

Belle notou que a senhora parecia compreender tudo o que as pessoas faziam. Nem uma vez a flagrara elevando o tom de voz, com raiva.

- Acredito que o que você viu esta noite foi um pouco surpreendente, certo? - Martha continuou.

Belle esperava que ela usasse a palavra chocante em vez de surpreendente.

- Sim, senhora - sussurrou Belle, desviando o olhar.

- Você não esperava que as garotas se divertissem tanto ou que o cavalheiro ficasse tão satisfeito?

Belle assentiu.

Martha suspirou profundamente.

- Pessoas respeitáveis, frequentadoras da igreja, parecem não perceber que fomos feitos para gostar de sexo. Não serve apenas para fazer bebês, querida. Amar uns aos outros no sentido físico faz bem para todos nós, é a cola que mantém um casamento em pé e torna-o feliz. Se as esposas dos homens que atendemos aqui aprendessem a gostar de trepar, não haveria a necessidade de existirem casas como a minha.

Belle corou. Martha e todas as garotas usavam aquela palavra com muita frequência, e ela a considerava desconcertante.

Martha ergueu o queixo de Belle com um dos dedos.

- Veja só! Você está corando. É assim mesmo, querida, é melhor aprender a dizer a palavra e deixar de ser recatada. Quando você aprender como é bom ser amada por um homem, verá as coisas com mais clareza. Acredito que deveria ter permitido que Etienne passasse a primeira noite aqui com você. Ele é do tipo que chama a atenção de qualquer mulher.

- Ele era casado - disse Belle, abismada.

Martha riu.

- Querida, você acha que me importa que homens casados venham a esta casa?

Belle sorriu, pois acreditava que mais da metade dos homens que iam lá eram casados.

- Não, acho que não.

- Etienne tinha... Como posso dizer? - Martha fez uma pausa para escolher a palavra certa. - Carisma! Duvido que ele já tenha pagado por alguma mulher.

- Ele foi muito correto comigo - respondeu Belle.

- E isso faz com que uma mulher sinta ainda mais vontade de ser incorreta - Martha riu. - Mas, querida, acho que está na hora de acordar você para a realidade.

Belle teve o sonho mais vívido e perturbador naquela noite. Estava nua, deitada em uma cama grande e cercada por homens que esticavam os braços para tocá-la. Não estavam segurando-a, apenas fazendo carícias leves que faziam com que ela se sentisse em brasas. Acordou banhada em suor, com a camisola erguida e tinha quase certeza de que estava

acariciando sua genitália da mesma maneira que vira Anna-Maria fazer naquela noite.

Capítulo 17

Jimmy se escondeu atrás de uma pilha de caixas de flores na feira quando o homem parou para conversar com alguém. Esperou um segundo, e então olhou pelo canto das caixas para ver o que eles estavam fazendo.

Ele tinha certeza absoluta de que o homem era Kent. Ele havia passado horas nas últimas semanas observando seu escritório, em momentos diferentes do dia, gradualmente eliminando os homens que trabalhavam na gráfica no térreo e no primeiro andar quando eles entravam ou saíam. Nunca havia uma luz acesa no escritório de Kent, e Jimmy começara a pensar que ele havia desistido de usar o local, quando, de repente, naquele dia, ele apareceu.

Algo na maneira com que o homem bem-vestido subia a Long Acre, de modo firme, certo, que fez Jimmy ficar nervoso antes

mesmo de o sujeito se aproximar o suficiente para ver que ele tinha o nariz proeminente, o bigode grosso em estilo militar e os ombros largos e musculosos que se encaixavam na descrição que ele havia recebido a respeito de Kent.

Quando entrou no prédio, ele teve a confirmação de que era ele, mas Jimmy também ficou em um impasse. Passava das dez da manhã, ele já estava fora havia mais de uma hora, e sabia que precisava voltar ao bar. Mas a necessidade de saber mais sobre aquele homem era maior do que o medo que sentia de seu tio. Decidiu esperar mais uma hora para ver se ele sairia de novo e para onde iria. Para sua surpresa, Kent reapareceu depois de apenas dez minutos.

Jimmy o seguiu pela feira de flores em direção a Strand, mas antes de chegar ali, Kent entrou na Maiden Lane. Jimmy manteve-se afastado

uma boa distância, consciente de que seus cabelos ruivos, apesar de estarem escondidos por um boné, chamavam a atenção. Como a maioria dos caminhos antigos na área, a Maiden Lane era estreita e esquálida, com antigos prédios como tocas de coelho dos dois lados. Também viu a porta dos fundos de dois cinemas na Strand, e quando Kent de repente desapareceu, Jimmy pensou, a princípio, que ele tivesse entrado no Vaudeville. Mas quando tentou abrir a porta do cinema, viu que estava trancada. Mas a porta ao lado estava entreaberta, e parecia bem provável que ele tivesse entrado ali.

Jimmy hesitou. Acima da porta, havia a imagem de uma mulher, pintada à mão, com o rosto meio escondido por um leque. Não havia nome, nada que explicasse quais negócios eram tratados ali dentro, mas ele tinha certeza de que ali funcionava um tipo de bar, provavelmente com meninas dançarinas.

Talvez Belle tivesse sido levada para lá, se Kent fosse proprietário do local.

Seu coração batia acelerado, mas ele abriu a porta um pouco mais e entrou. Consciente de que estaria em apuros se fosse flagrado espiando, concluiu que a única maneira de se comportar seria como se realmente tivesse assuntos a tratar ali. Então, desceu o corredor estreito com coragem e subiu as escadas de madeira, uma vez que todas as portas do andar térreo estavam fechadas com cadeado.

No topo da escada havia mais uma porta e uma pequena abertura coberta com vidro. Ele espiou por ali e viu que a sala era mais ou menos como esperara que fosse, grande, sombria, sem janelas e mobiliada com mesas e cadeiras. O chão era coberto por tacos. O bar ficava do lado direito, e havia um pequeno palco e um piano à esquerda. A escuridão era parcial, pois havia uma porta aberta do outro lado, e Jimmy

escutou homens conversando ali dentro. Ele entreabriu a porta e o odor o atingiu como um golpe violento. Era uma mistura sufocante de cerveja, cigarro, sujeira e bolor. Ele não teve certeza, naquele momento, se era corajoso o suficiente para entrar, pois se fosse interrogado, não teria como justificar sua presença ali. Mas apesar do medo, quis escutar o que os homens estavam falando e ver como era a sala onde eles estavam.

Com o coração aos pulos, ele se manteve rente à parede, pronto para se enfiar embaixo de uma mesa se alguém entrasse. Durante todo o tempo, ele se esforçou para escutar o que estava sendo dito.

- Eles afirmam que querem mais duas, mas não consigo encontrar o tipo que eles querem - disse um dos homens. Ele era bem articulado, então Jimmy acreditou que devia se tratar de Kent.

- Será que Sly pode conseguir duas? - perguntou um homem com um sotaque londrino mais carregado.

- Não. Ele me assustou na última vez. Fiquei sabendo de um lugar em Bermondsey onde dizem que podem fazer isso, mas não sei se posso confiar nele.

Jimmy se aproximou, até a porta, e espiou pela abertura no lado das dobradiças. Era um escritório, com uma janela grande que dava vista para o Savoy Hotel na Strand. Kent estava em pé diante da janela, e o outro homem estava sentado em uma cadeira atrás da mesa. Ele se parecia muito com o Rei Edward, grande, careca, com a barba abundante, mas não tinha uma cicatriz assustadora no rosto, e usava um colete vermelho sob o paletó, além de um relógio de ouro.

- Não precisamos nos preocupar em confiar nele - disse o careca com uma risadinha. - Quando ele aparecer com as meninas, podemos descartá-lo.

Jimmy sabia que já tinha escutado o suficiente para ser morto lentamente se fosse flagrado, por isso ele se afastou da porta e fez o caminho da saída na ponta dos pés. Quando chegou à porta de fora, passou por ela e desceu a escada em um piscar de olhos, suando de medo.

***

- Seu idiota! O que diabos você achou que estava fazendo? - Garth vociferou com Jimmy.

Ele havia ficado irritado quando acordou às nove e viu que o sobrinho não estava, pois tinha uma tarefa para dar a ele. Mas às onze horas, quando o rapaz ainda não havia retornado, ele ficou bravo. Estava esperando a

entrega de cerveja, a lareira do bar precisava ser limpa e a lenha precisava ser queimada, além de mais diversos serviços. Quando Jimmy chegou correndo, com o rosto vermelho e sem fôlego, Garth pensou que ele estava aprontando alguma coisa e que havia escapado de quem o perseguia. Mas quando o questionou e descobriu que o sobrinho estava espiando Kent, o medo o deixou ainda mais irado.

Apesar de se gabar, Garth não havia conseguido encontrar o homem Sly, e não obtivera mais informações a respeito de Kent. Noah também havia se retraído e dizia muito a respeito da fama de Kent o fato de ninguém ousar falar sobre ele. A polícia não demonstrava qualquer interesse em prender alguém pelo crime, e como já fazia mais de três meses que Belle havia desaparecido, era quase certo que ela estivesse morta. Garth já havia desistido, apesar de não admitir isso a Mog.

Saber que seu sobrinho ainda estava tentando fazer algo o envergonhava e fazia com que se sentisse mal. E era comum que ele se colocasse na defensiva quando se sentia daquela maneira.

- Preciso descobrir mais a respeito do homem - disse Jimmy de modo desafiador. - E pelo que escutei hoje, diria que eles estão sequestrando outras meninas para levá-las a algum lugar. Vou invadir aquele escritório e ver o que mais consigo descobrir.

- Você não vai fazer isso - vociferou Garth. - Se for pego por qualquer um envolvido naquele clube, vai acabar sendo morto e lançado ao rio.

- Não serei pego, eu sei como fazer isso - disse Jimmy com teimosia.

- Você não deve voltar perto daquele lugar de novo - gritou Garth. Jimmy se assustava quando o tio gritava daquela maneira, mas ele manteve sua decisão e olhou de modo desafiador para o homem mais velho.

- Há muito tempo não temos novidades, tio. Mog está sofrendo, Annie foi embora porque não consegue suportar imaginar o fogo levando tudo de que ela gostava, e quero ver aquele idiota sofrer por ter matado Millie, e quero encontrar Belle.

- Ela deve estar morta a uma hora dessas - exaltou-se Garth. - Você com certeza sabe disso!

Jimmy balançou a cabeça.

- Eu sinto que ela está viva, e Mog também sente. E mesmo que estejamos errados e ela estiver morta, ainda assim quero pegar Kent.

Garth surpreendeu-se com a coragem e determinação do sobrinho. Sentiu vergonha de si mesmo.

- Então, é melhor tomar cuidado - disse ele. - A última coisa que Mog e eu queremos é que você também acabe desaparecendo. E da próxima vez que decidir brincar de detetive, pelo amor de Deus, conte-nos aonde vai.

Jimmy se afastou para fazer suas tarefas, mas estava sorrindo. Já esperava, de certa forma, que seu tio o repreendesse, mas certamente não esperava vê-lo preocupado.

Garth sentou-se em uma cadeira quando Jimmy saiu, confuso com seus sentimentos e pela maneira com que a vida havia mudado desde a morte de sua irmã e desde que ele havia aceitado morar com Jimmy. Na verdade, ele não se lembrava de nutrir sentimentos por nada, estava ocupado demais cuidando do

Ram's Head, e acreditava que o passado o havia transformado em alguém amargurado.

Ele e Flora não tinham sido muito próximos na infância. Ele tinha apenas 6 anos e sua irmã 14 quando ela foi trabalhar em um ateliê de roupas e viver ali. Flora concluiu o período de aprendiz e permaneceu no mesmo ateliê até se casar com um artista irlandês, Darragh Reilly, quando ela tinha 25 anos.

Garth tinha 17 anos na época do casamento e conseguia se lembrar de seu pai dizendo que Flora havia escolhido um imprestável. Logo ficou claro que o pai estava certo, pois Darragh considerava-se talentoso demais para fazer qualquer outro tipo de trabalho para conseguir dinheiro. Logo depois do nascimento de Jimmy, ele desapareceu e nunca mais voltou, e Flora precisou assumir o papel de única provedora.

Garth fez o que pôde para ajudá-la nos primeiros dias do abandono, mas Flora era uma costureira tão boa que logo começou a ganhar a vida sozinha. Garth sempre a admirou por isso, mas sempre discordava de seu jeito de lidar com Jimmy. Acreditava que ela era muito boazinha com ele e que, assim, ele acabaria sendo um inútil, como o pai.

Ele tinha que admitir que havia se enganado a esse respeito. Jimmy trabalhava com afinco, era honesto, leal, e um orgulho para sua mãe. Ele se daria bem na vida se conseguisse esquecer Belle, mas com Mog por perto, ele não a esqueceria, pois ela mantinha as esperanças vivas.

Annie havia se mudado seis semanas antes. Alugara uma casa na King's cross e planejava aceitar moradores. Enquanto estivera ali, ficara sem trabalhar, agindo de modo superior e passava por ali como se sentisse um cheiro

ruim o tempo todo, por isso Garth ficou feliz com sua partida. Mog podia ainda estar sofrendo por Belle, mas guardou isso para si e era uma dona de casa excelente. Ele gostava muito dela, e sabia que Jimmy também gostava.

Mog entrou no bar enquanto Garth servia-se de uma dose de uísque.

- Você está começando cedo hoje! - disse ela. Olhou ao redor, para a lareira que não tinha sido limpa na noite anterior. - Está frio de novo hoje, ela deveria estar acesa antes de os clientes entrarem.

- Sou o proprietário aqui - disse Garth. - Eu sei o que precisa ser feito, e esse é o trabalho de Jimmy.

- Ele está fazendo o trabalho dele no porão e está tentando não atrapalhar você - disse Mog

-, então, cuidarei da lareira. Ele realiza muitas tarefas para mim durante o dia, é o mínimo que posso fazer.

- Você é uma mulher gentil - disse ele, com a voz rouca, pois ela havia se ajoelhado ao lado da lareira para retirar as cinzas e, por algum motivo, ao ver aquilo, ele se sentiu rebaixado. - Eu não sei como nós nos virávamos antes, sem você. Agora, temos camisas passadas, boa comida e uma casa limpa.

Mog se levantou e agachou de novo. Usava um avental cinza por cima do vestido escuro; o avental seria trocado para um branco cor de neve quando ela terminasse todas as tarefas da manhã.

- Só estou fazendo o meu trabalho - disse ela. - Mas, na maior parte do tempo, não parece um trabalho, porque o seu Jimmy é um rapaz adorável. Sei que o senhor está irritado porque

ele não esquece Belle, e talvez pense que é minha influência, mas não posso assumir o mérito pela determinação dele, pois ele é como um buldogue em cima do osso.

Garth não conseguiu conter um sorriso, pois lembrou-se que sua mãe dizia a mesma coisa sobre ele quando ele era jovem.

- Tenho medo que ele acabe se prejudicando - admitiu ele.

- O senhor deveria sorrir mais - disse Mog de modo corajoso. - Fica bonito.

Naquele momento, Garth riu. Percebeu que andava sorrindo e rindo muito mais desde a chegada de Mog... Ela tinha essa capacidade.

- Se eu preciso sorrir para ficar mais bonito, acho que você deve vestir algo mais belo do

que um vestido preto todos os dias - disse ele, provocando-a.

- Quem nasceu para lagartixa, não chega a jacaré - disse ela, olhando para ele sem desviar os olhos acinzentados. - E se eu começasse a me vestir melhor, as pessoas diriam que o senhor está me dando confiança.

- Desde quando você se importa com o que as pessoas dizem? - perguntou ele, divertindo-se com a resposta.

- Eu sabia exatamente quem eu era quando trabalhei para a Annie - disse Mog de modo sincero. - Eu era a empregada, quem cuidava da casa, e também a mãe da filha dela, praticamente. Posso ter aprendido sobre muita coisa, informações sobre nossos cavalheiros de arrepiar, mas todo mundo aqui sabia que eu não era uma prostituta. Eu me orgulhava disso, pois me dava dignidade.

- Você ainda tem essa dignidade - disse Garth. - Nada mudou.

- As pessoas estão esperando que eu saia da linha - disse ela. - Poucas pessoas aqui gostavam de Annie de verdade, ela era muito fria e durona. Elas também pensavam a mesma coisa sobre mim também, mesmo sem me conhecer. Agora que a Annie se mudou, elas querem fazer fofoca a meu respeito. Imaginar que eu estou esquentando a sua cama para conseguir um teto daria a elas muito com o que se divertir.

Foi uma surpresa descobrir que Mog era tão esperta. Garth já a valorizava por suas habilidades como dona de casa, mas sentia-se culpado por ter pensado que ela era uma pessoa simples. Com sua intuição forte, ele havia notado que ela era mais esperta do que ele e que só havia continuado a trabalhar para Annie porque amava Belle.

- Eu nunca daria a ninguém a ideia de que você está esquentando a minha cama - disse ele, surpreso por se importar com o que clientes e vizinhos pensavam sobre Mog.

- Mas continuarei usando os vestidos e aventais pretos para poupá-lo da vergonha de ver as pessoas dizendo que o senhor está fazendo isso - disse ela, e voltou a limpar a lareira.

Garth se ocupou de organizar as garrafas atrás do bar, mas o tempo todo ele a observava jogando as cinzas dentro de uma lata de metal. Estava claro que ela não se considerava atraente, e sem dúvida Annie havia reforçado essa ideia. Mas ele se sentia atraído por seu corpo cheio de curvas, e via uma doçura em seu rosto que vinha de dentro. Quando era mais jovem, sempre se sentira atraído pelo tipo de mulher atrevida e bela que usa sua feminilidade para conseguir o que quer. Mas sabia que tais mulheres não eram verdadeiras.

Elas se transformavam em harpias agressivas se os presentes, a atenção e a bebida não fossem tão constantes. Maud, sua última mulher, aquela que incendiou seu coração, tinha sido um bom exemplo. Ele havia jurado, quando ela foi embora com outro homem, que nunca mais permitiria que outra mulher entrasse em sua vida.

Dois dias depois, às quatro da manhã, com o barulho dos roncos de seu tio ecoando pelo Ram's Head, Jimmy saiu pela porta dos fundos e foi para as ruas escuras. Correu até a feira, diminuindo o ritmo apenas para desviar dos carregadores que empurravam pesados carros de frutas, flores e legumes.

Ele foi à Maiden Lane primeiro, mas como o esperado, a porta do clube estava trancada com cadeado. Em seguida, foi para a Strand, atravessou a rua próximo ao Savoy Hotel e olhou para as janelas do outro lado. A maioria das

janelas acima do andar das lojas faziam parte da loja ou do estoque abaixo; em alguns casos, os proprietários moravam ali. A sala que Jimmy queria alcançar era muito óbvia, porque as janelas não eram limpas havia anos, e, além disso, a menor folha de vidro na ponta tinha sido quebrada em algum momento e um pedaço de madeira havia sido colocado por cima, algo que ele notara enquanto espiava pela fresta da porta.

Havia um cano grosso que ia desde o topo do prédio e descia em direção à rua, e ficava a cerca de apenas trinta centímetros do parapeito da janela do primeiro andar. Mesmo do outro lado da rua, na escuridão, Jimmy conseguiu ver que o parapeito era largo. Dentro do bolso do casaco, ele levava um molho de chaves, duas velas e algumas ferramentas para estourar cadeados e abrir portas. Também tinha um cordame enrolado no corpo, na altura do peito, escondido pelo casaco. Mas

acreditava que conseguiria entrar na sala sem precisar usar nenhuma daquelas coisas.

Observando para ver se não havia ninguém olhando, ele atravessou, deu um pulo para se segurar no cano e então começou a subir. Sempre fora bom em escalada; sua mãe dizia que ele parecia um gato.

Quando conseguiu chegar ao parapeito, analisou a janela quebrada e descobriu, com alegria, que a madeira estava apenas encostada na estrutura, para impedir que a chuva ou o frio entrassem, mas não era um bloqueio para ladrões. Com jeitinho, logo conseguiu tirá-la, mas antes de sair do parapeito, Jimmy pegou o cordame do peito e o amarrou com força ao redor do cano para o caso de ter de escapar rapidamente.

Dentro da sala, Jimmy acendeu uma vela, e então fechou as cortinas. Elas eram feitas com

um tecido velho, endurecido pela sujeira e com um cheiro ruim. Mas pelo menos elas eram grossas e, assim, ninguém na rua veria a luz ali acesa. Depois de fechar as cortinas, ele acendeu a luz a gás do teto, pois agiria com mais rapidez se conseguisse enxergar bem. Era uma sala desarrumada e cheia de coisas, e muito suja, com cinzeiros repletos de bitucas de charuto, copos usados, pratos e xícaras por todos os lados. O cesto de lixo estava transbordando de papéis e havia cinza de charuto pelo chão todo. Parecia que o local não era limpo havia meses.

Dentro das gavetas da mesa não havia nada de interessante, apenas alguns livros de registros que pareciam ser do clube. Dentro de uma caixa de dinheiro aberta, havia quase 50 dólares, talvez o dinheiro de alguns dias de trabalho. Mas ele a fechou e a colocou de volta onde a havia encontrado, pois seu objetivo não era roubar. Em seguida, abriu o arquivo, que

estava totalmente desorganizado, com montes de papéis jogados, uns em cima dos outros. Estava claro que o proprietário do local não compreendia o conceito de arquivamento.

Jimmy ergueu uma pilha de papéis e os colocou sobre a mesa, para poder mexer neles. Havia diversas correspondências. Algumas das cartas eram sobre aquele prédio; parecia que o Sr. J. Colm estava alugando a propriedade em Maiden Lane de uma empresa em Victoria. Eles estavam escrevendo para ele para avisar que haviam recebido reclamações de outros inquilinos a respeito de barulho, de pessoas embriagadas saindo do prédio e da violência que se espalhava na Maiden Lane. Algumas das cartas ameaçavam despejá-lo, mas Jimmy viu que tais ameaças eram de mais de quatro ou cinco anos antes, então parecia que o Sr. Colm as estava ignorando ou dando dinheiro aos locatários para mantê-los calados.

Outras correspondências eram, em grande parte, de fornecedores de bebida. Havia também uma lista de nomes e endereços de mulheres que Jimmy pensou que pudessem ser dançarinas ou garçonetes. Ele as colocou dentro do bolso.

Analisou o conteúdo do armário, mas não havia nada ali que provasse um elo ou parceria entre ele e Kent, ou algo além de coisas que diretamente tinham que ver com a administração do clube. Ele espiou pela cortina e, por uma luz fraca no céu, viu que já se aproximava das seis horas, e que tinha que sair antes de a Strand ficar repleta de pessoas.

Ele ia abrir a cortina antes de desligar o gás, mas viu um endereço preso na parede ao lado da janela. Era um endereço de Paris, e ele provavelmente não teria dado atenção, mas o nome era Madame Sondheim, e para um rapaz de 18 anos com imaginação fértil, parecia o

nome da dona de um bordel. Então, por garantia, ele o pegou e colocou dentro do bolso, então abriu as cortinas e apagou a luz.

Do parapeito da janela, Jimmy viu que muitas pessoas caminhavam pela Strand. Mas estava chovendo e escuro e todas andavam olhando para o chão, e para ele não seria bom adiar a descida, pois mais e mais pessoas apareceriam.

Soltou o cordame pelo parapeito e então desceu segurando-se com calma. Um homem que estava indo em sua direção mostrou-se chocado e surpreso, e gritou para que ele parasse. Mas Jimmy partiu correndo, dobrou a esquina, e cruzou a Maiden Lane com a Southampton Street. O homem deve ter decidido não ir atrás dele, porque ele não escutou passos nem gritos, e quando chegou à feira, Jimmy diminuiu a velocidade e passou a caminhar.

- Por onde você esteve, Jimmy? - perguntou Mog quando ele entrou pela porta dos fundos. Ela vestia um xale por cima da camisola e os cabelos estavam soltos sobre os ombros. - Você está ensopado! Isto é hora de sair de casa?

- Sim, quando se quer conseguir informações - respondeu ele, sorrindo.

- Você entrou no escritório daquele homem de novo? - perguntou ela, assustada.

- Não de quem você está falando - disse Jimmy. - Mas por que você está acordada tão cedo?

- Escutei você sair - disse ela, tentando voltar ao assunto, e balançou o dedo em sua direção. - Fiquei tão preocupada que não consegui voltar a dormir. Então, vim preparar uma xícara de chá.

Por um breve instante, a expressão no rosto de Mog foi a mesma daquela do rosto da mãe de Jimmy, e este sentiu um nó na garganta.

- Não faça essa cara - disse ele.

- Que cara?

- A cara que minha mãe fazia.

Mog se aproximou dele, tirou o boné e despenteou seus cabelos. - Parece que vou ter que tomar o lugar dela - disse ela. - Vamos tomar um chá e você poderá me contar o que encontrou.

Cerca de meia hora depois, na segunda xícara de chá, Jimmy já tinha contado tudo a Mog.

- Essa Madame Whatsit pode não ter nada a ver com Belle - disse Mog com tristeza, mas continuou olhando para um papel como se

quisesse que ele respondesse às suas dúvidas. - Quanto à lista de meninas ou mulheres, é muito mais provável que elas sejam meninas que trabalham para ele.

- Mas eu o escutei falando sobre conseguir meninas, e ele disse que alguém o assustou. Garth disse que o homem chamado Braithwaite era conhecido como Sly, e sabemos que Braithwaite foi para a França com Kent, então talvez tenha sido ele que se acovardou. Se ao menos conseguíssemos falar com ele!

- Um homem como aquele não admitiria nada que tenha feito, nem mesmo depois de se arrepender do que fez - disse Mog, com desânimo. - Ele provavelmente cortaria a língua para calar sua boca se você chegar perto dele. Mas essa Madame Whatsit, pode ser que valha a pena segui-la. Noah pode aceitar ir lá para descobrir algo.

- Quer que eu vá à casa dele para dar o recado? - perguntou Jimmy.

Mog suspirou. - Acho melhor conversarmos com seu tio primeiro. Mas vamos dar mais uma olhada naquela lista de meninas. Algumas delas vivem aqui perto... Eu poderia interrogá-las.

Naquela manhã, com as tarefas realizadas e um bife e patê de fígado na panela em cima do fogão, Mog foi à Endell Street, para o primeiro endereço na lista.

A Endell Street era uma área mista. Algumas das construções e das casas estavam em situação ruim e as pessoas pobres viviam dentro deles, com muitas outras pessoas e em condições inadequadas de higiene, mas as outras casas eram limpas e organizadas, casas de pessoas decentes e trabalhadoras: taxistas, carpinteiros etc. Mog ficou muito surpresa ao descobrir que a casa número 8 era uma das

bonitas, com cortinas de renda muito branca e escadas de acesso muito bem polidas.

Ela bateu à porta, sem saber o que dizer quando atendesse, e quando a porta foi aberta por uma mulher rechonchuda aproximadamente da mesma idade que ela, vestindo um avental alvo por cima do vestido estampado, Mog ficou sem reação momentaneamente.

- Sinto muito incomodá-la, mas Amy Stewart mora aqui? - perguntou ela quando a mulher questionou o motivo de sua presença, forçando-a a dizer algo.

- Morava - respondeu a mulher, mas de repente seus lábios começaram a tremer e seus olhos ficaram marejados.

- Oh, por favor, não se abale - pediu Mog, surpresa, imaginando que a menina havia feito algo para chatear a mãe.

- Por que quer saber? - perguntou a mulher, e Mog identificou-se com o apelo em seus olhos. - Minha Amy desapareceu há dois anos. Ela foi à loja para mim e não voltou mais. Ela só tinha 13 anos, jovem demais para ir sozinha a algum lugar.

Capítulo 18

- Prazer em conhecê-la, Belle. Você deve saber que seu nome significa bela em francês. Você recebeu um bom nome, porque é mesmo muito bela.

Belle sentiu-se corar da testa aos dedos dos pés, pois aquele bonito homem que lhe fazia um elogio tão extravagante tinha um sotaque francês, assim como Etienne, com um tom profundo e aveludado que fazia com que ela estremecesse por dentro.

- Muito obrigada, Sr. Laurent, o senhor é muito gentil - disse ela, rapidamente.

- Você deve me chamar de Serge. Quer caminhar um pouco comigo? - perguntou ele. - Podemos ir à Jackson Square para tomar um sorvete.

Belle percebeu, assim que Martha a chamou no andar de baixo para apresentá-la àquele homem, que ele devia ser um dos que Martha esperava que ensinasse a Belle como gostar de fazer amor. Ela havia descido as escadas com ansiedade, pensando que ele fosse velho e feio. Quando viu um homem magro, alto, muito bem vestido com um terno cinza-claro e um rosto cativante, ela sentiu o coração acelerar. Os cabelos dele eram pretos, os olhos pareciam duas poças de chocolate derretido, e seus lábios tinham um contorno que davam a impressão de que ele sorria o tempo todo. Ela nunca tinha visto um homem tão perfeito; ele tinha até uma covinha no queixo e seus dentes eram impecáveis.

Por um momento, ela apenas olhou para ele. Podia estar assustada com a ideia de fazer amor, mas certamente nenhuma mulher no mundo conseguiria resistir a Serge Laurent. Até mesmo seu nome acelerava o coração de Belle.

- Adoraria caminhar com o senhor. - Enquanto eles caminhavam em direção à Jackson Square, Serge contou a ela muitas histórias a respeito das pessoas que haviam vivido nas casas pelas quais eles passavam no French Quarter. Contou sobre piratas, jogadores, criadoras de vodus, madames e caras maus, além de muitos escritores e poetas famosos. Ele tornava tudo tão colorido que ela teve certeza de que ele inventava um pouco daquilo, ou que pelo menos exagerava, mas não importava - ela estava gostando da companhia e o dia estava agradavelmente quente.

Martha dissera, mais cedo, que logo ficaria muito quente e quando isso acontecia, as pessoas ficavam preguiçosas demais para trabalhar, ficavam irritadas e às vezes enlouqueciam por causa do calor. Belle não conseguia imaginar um calor assim; em sua cidade, nos dias mais quentes, a única coisa de que se lembrava era do leite azedado e da manteiga derretida na

manteigueira. Mas o calor na Inglaterra nunca durava mais do que sete ou oito dias no ano todo.

Serge comprou dois sorvetes em cone e eles foram para os jardins da Jackson Square e se sentaram em um banco à sombra para tomá-los. Belle estivera poucas vezes naquela parte de French Quarter e gostara muito. Era uma área calma, tranquila e serena, pelo menos quando comparada com a Basin Street, que estava sempre cheia de pessoas, movimentada e barulhenta.

Havia dois músicos se apresentando, uma menina negra fazendo sapateado em cima de uma tábua de madeira e uma mulher mulata de aparência estranha, usando um capuz vermelho de cetim por cima do que parecia um vestido de casamento velho de renda, estava lendo a sorte com alguns palitos que estava jogando.

Muitos dos homens que passavam pela praça tinham chances de ir ao Distrito mais tarde naquele mesmo dia; talvez muitas das belas jovens que caminhavam com sombrinhas decoradas fossem, na verdade, prostitutas à noite. Mas não era o que parecia. Se Belle olhasse para a frente, conseguiria ver pessoas sentadas ao sol da tarde nas varandas com grades de ferro forjado, mães amamentando seus bebês. Conseguiria ouvir casais conversando e crianças gritando enquanto brincavam com as mães, e parecia que nada de ruim poderia acontecer no French Quarter.

Serge não fez nenhuma pergunta a ela, nem mesmo a respeito de seu passado nem sobre como chegara à casa de Martha. Ele falava sobre generalidades e contou a ela histórias ainda mais divertidas, mas o tempo todo ele segurava sua mão e a acariciava, e ela só conseguia pensar no desejo que sentia de ser beijada por ele.

Eles tinham saído da casa de Martha aproximadamente às três da tarde, e eram quase cinco horas quando ele disse que a levaria à casa dele para servir-lhe um pouco de chá de hortelã. Naquele momento, Belle já pensava que poderia morrer de desejo se ele não a beijasse logo.

Ela não teve que esperar muito. Assim que chegaram ao apartamento pequeno, com venezianas de madeira escura nas janelas, ele a abraçou. Quando os lábios dele se encontraram com os dela, Belle teve a sensação de estar perdendo todo o controle sobre si mesma. Queria, mais do que tudo, entregar-se a Serge.

- Linda, linda Belle - sussurrou ele enquanto beijava seu pescoço e desabotoava seu vestido. - Você sabe que foi feita para o amor, seus cabelos, sua pele, seu corpo, tudo tão perfeito. E farei você ver como é bom fazer

amor. Você pode ter chegado aqui como uma menina, mas sairá uma mulher.

Belle quis acreditar nele quando ele abaixou a cabeça para beijar seus seios, murmurando que eles também eram muito perfeitos, que nunca havia dito isso a outra moça e que estava se apaixonando por ela. Mas ela sabia que as coisas não eram daquele jeito, que ele era apenas um ator que representava seu papel muito bem, e ela não se importou muito com isso, pois ele estava fazendo com que sentisse coisas nunca antes sentidas.

Ele tirou todas as roupas dela fácil e rapidamente e a levou a sua cama enquanto permanecia totalmente vestido, à exceção de seu paletó, que ele havia retirado quando entraram ali. E então, na cama, ele a beijou com ainda mais vontade, enquanto seus dedos acariciavam sua genitália. O mais surpreendente é que as carícias que aqueles outros homens

faziam em Paris, tão ruins e dolorosas, eram agora deliciosas.

Ele começou a beijar seu corpo todo, movendo-se para baixo, passando pelos seios, braços, barriga e ela arqueava as costas para receber mais carícias, pois ele havia encontrado um ponto em sua vagina que provocava uma sensação tão maravilhosa quando ele o circundava com o dedo que ela pensou que fosse gritar. Ele tirou a mão, virando-a para beijar suas costas e nádegas, e então escorregou a mão entre suas pernas de novo para provocá-la e fazê-la dizer que aquilo era ótimo.

Belle não se lembrava de tê-lo visto tirando as roupas, pois ele fez isso com muita discrição. Em um momento, ele estava vestido, e no momento seguinte, nu, e quando ela viu seu pênis ereto, não ficou com medo, quis senti-lo dentro dela.

Ela o puxou em direção a si mesma pelo quadril, envolvendo o corpo dele com as pernas, e quando ele a penetrou, ela gritou de prazer. Belle havia testemunhado o ato sexual muitas vezes, mas o que sentia naquele momento nada tinha que ver com os procedimentos rápidos e sem emoção que havia observado. Tanto ela quanto Serge estavam banhados em suor, e todos os toques, apertões, beijos ou carícias tinham a intenção de dar prazer, e davam muito. Ele se afastava de seu corpo diversas vezes, sempre encontrando aquele pontinho sensível. Então, de repente, ela sentiu-se explodindo nos dedos dele, e ele voltou a entrar em seu corpo, com mais força, até a mesma coisa acontecer com ele.

Meio adormecida, segura nos braços dele, Belle sentiu que finalmente conseguia entender todas as piadas que as meninas faziam. Aquele era o estado que todos queriam alcançar, mas talvez poucos alcançassem, pois ela tinha

certeza que poucos homens conheciam o corpo de uma mulher como Serge conhecia.

Ele se ergueu, inclinado sobre ela, com os cabelos escuros caindo em seu rosto bronzeado.

- Você foi feita para o amor, Belle. E agora que sabe como pode ser bom, cuide para ter amantes que mereçam você, pois a maioria dos homens é egoísta, e pensam apenas no próprio prazer.

Belle franziu o cenho. Ela se lembrou de Millie dizendo algo assim na cozinha, certo dia. Mog a havia repreendido, fazendo um sinal para indicar a Millie que Belle estava presente.

- Eu duvido que os homens que estiverem me pagando desejarão me dar prazer - disse ela.

- Muitos farão isso se você incentivá-los - disse ele com um sorriso, inclinando-se para beijá-la

de novo. - Eu aprendi tudo o que sei em bordéis. É mentira que todos os homens só querem espalhar suas sementes e partir. Pode ser que eles façam isso porque é o que se espera, mas um bom homem dará a uma mulher muito mais do que isso. Martha percebeu seu potencial e acho que você pretende enriquecer. É isso mesmo?

Belle assentiu.

- Então, seja a melhor das melhores - disse ele. - Quando um homem quiser você, pergunte se ele quer o paraíso ou só uma relaxada. Satisfaça as fantasias dele, e ele voltará muitas vezes, pagando cada vez mais.

- Mas como conseguirei saber quais são as fantasias dele? - perguntou Belle, confusa por não saber exatamente a que ele se referia.

- É simples, você deve perguntar a ele. - Serge riu, e a covinha ficou mais profunda. - Veja, a minha fantasia era o que acabei de ter, uma menina inexperiente que levei ao céu. Muitos homens têm essa fantasia, especialmente com uma menina jovem e bela como você. Mas alguns homens gostam de ver a mulher vestida de empregada doméstica ou garçonete. Tenho um amigo que gosta de ver sua mulher vestida com o hábito de uma freira. Mas não precisa ter roupas especiais. Alguns homens gostam que a mulher os provoque, que caminhe nua e se exiba para eles. Até mesmo tocar a si mesma para que ele observe. - Serge colocou a mão em cima da vagina de Belle mais uma vez e sorriu para ela. - Gostaria de ver você fazendo isso, assim como gostaria de vê-la chupando meu pau, e também quero lambê-la aqui. Mas preciso levá-la de volta agora, e preciso deixar um pouco para os outros homens também.

Martha apenas sorriu para Belle quando ela voltou para a Basin Street. Serge a levou de volta às dez, despediu-se com um beijo e, no fundo, ela sabia que aquela era a última vez que o veria. Ela tentou imaginar enquanto ele se afastava por meio das pessoas na rua, com o andar tão leve, as costas eretas, a cabeça erguida, quanto ele havia recebido pelo tempo passado com ela. Belle sentia que deveria estar envergonhada, mas não estava. Afinal, Serge estava fazendo apenas o que ela pretendia fazer. E se ele conseguia fazer com que ela se sentisse tão bem sendo pago para isso, então ela tinha certeza de que conseguiria fazer igual.

Percebeu que compreendia todos os mistérios da vida agora que Martha havia ensinado a ela as questões práticas, como colocar uma pequena esponja no fundo da vagina para evitar engravidar, a lavagem depois, e sobre as infecções dos homens. Mas ainda que os

homens que pagassem para fazer sexo com ela não conseguissem fazer o que Serge fizera, pelo menos agora ela sabia como poderia ser bom com o homem certo.

Na tarde do dia seguinte, Martha chamou Belle para ir a seu quarto.

- Eu acho que você já está pronta - disse ela com um sorriso caloroso. - Então, esta noite será a sua estreia. - Belle sentiu seu coração acelerar, e quis pedir um pouco mais de tempo. Mas Martha já tinha sido muito gentil e paciente, e a moça tinha a impressão de que aquela atmosfera poderia mudar se ela não começasse a dar retorno ao investimento em breve.

- Se você acha melhor... - disse ela.

- Menina corajosa - disse Martha. - A primeira vez é sempre a pior, estranha e embaraçosa,

mas venha ver o vestido que escolhi para você. Assim, pode ser que você se sinta melhor.

Ela foi para trás do biombo e pegou um vestido vermelho de seda. Belle ficou boquiaberta com a beleza da peça. Sem mangas, com um decote fundo, parecia ter sido feito para marcar o corpo em vez de escondê-lo.

- Experimente-o - disse Martha. - Vamos! Há uma camisola nova atrás do biombo também.

Assim que Belle tirou as roupas e vestiu a camisola, sentiu que Martha não queria que ela vestisse roupa íntima. A nova camisola era vermelha e branca, de *crepe de chine*, mal cobria seus mamilos e também era curta, cerca de cinco centímetros abaixo de suas nádegas. Ela se sentiu má; queria poder se ver no espelho, porque conseguia imaginar como Serge reagiria ao vê-la daquela maneira.

O vestido era muito fino, com hastes de armação para dar apoio e moldar seus seios. Havia diversas camadas de tule por baixo da barra da saia que faziam um leve som quando ela caminhava, mas a renda vermelha e macia colava em seu corpo como se fosse uma segunda pele.

- Venha, vou abotoá-lo para você - disse Martha.

Ela não disse nada ao ver Belle hesitante. Ela segurou a parte de trás do vestido em silêncio, amarrando as faixas da camisola em seus ombros.

- Dê uma olhada - disse ela, apontando para o espelho.

Belle mal conseguiu acreditar no que estava vendo. Ela estava com o corpo bem delineado, adulta, não sabia que seu corpo era tão cheio

de curvas e feminino. Obviamente era por causa do corte do vestido, que marcava pontos que normalmente ficavam bem cobertos pela anágua e pelas roupas íntimas. Ela não havia percebido que seus seios tinham ficado tão grandes; eles ameaçavam escapar do decote.

- Não estou indecente? - sussurrou ela, olhando para Martha.

A mulher riu.

- Você estaria indecente se estivesse indo à igreja. Mas para os nossos cavalheiros, você vai parecer o grande prêmio. Acho que você gostou de se ver nesse vestido, não é?

Belle deu um giro na frente do espelho. Tudo o que ela sentira com Serge no dia anterior continuava presente, e aquele vestido a deixava ansiosa.

- Gostei muito de me ver com ele - admitiu e riu. - Acho que, no fundo, já sou uma prostituta!

Martha se aproximou dela e, colocando a mão cheia de joias em seu ombro, beijou as duas faces da moça. - A maioria das mulheres é, mas elas negam e prendem esse lado. - Você será uma das grandes, foi o que senti quando chegou. Agora, vamos tirar esse vestido, você pode usá-lo depois de se banhar e depois que Cissie arrumar seu cabelo. Pode beber um pouco esta noite para acalmar os nervos, mas não permita que Cissie a convença a beber drinques com ópio, não é um bom caminho.

Belle ficou surpresa ao ver como as outras meninas foram gentis com ela ao vê-la na sala, vestida e pronta para o primeiro cavalheiro. Ela esperava ser tratada com desprezo - afinal, ela era uma concorrente e mais jovem do que todas as outras - mas elas a elogiaram e todas

quiseram dar conselhos. "Não permita que eles fiquem mais do que o tempo estipulado", "Ao primeiro sinal de encrenca, chame a Cissie", "Não os beije, nem se esqueça de lavá-los e analisar seus pênis. Pegue o dinheiro antes de se despir".

- Você parece assustada - disse Hatty de modo solidário. - Lembre-se de que todas nós temos medo. Você vai se sair bem, os homens ficarão tão malucos por você que gozarão só de olhar para seu corpo.

Martha observou quando os primeiros três homens da noite entraram. Dois deles eram amigos que já tinham estado ali, mas ela não conhecia o terceiro, mas ele era jovem, não tinha mais do que 25 anos, de rosto bonito e cabelos claros. Ela decidiu que ele era o ideal para Belle, pois ele parecia tão nervoso quanto ela.

Belle estava linda. O vestido era um triunfo, destacando seu corpo e seu tom de pele. Cissie havia prendido parte de seu cabelo para trás e o prendera com um laço de fita vermelha, e então usou bobes para fazer cachos que caíam por seus ombros quase nus. Um pouco de rogue escondeu o fato de ela estar pálida de nervosismo.

Martha se sentia em dívida com sua sócia no hospital em Paris. Ela tinha sido honesta o suficiente para admitir que Belle tinha sido mal aproveitada, e o preço que ela pedira refletia isso. Mas ela também havia dito acreditar que Belle poderia ser ajudada, e ela tinha aquela qualidade especial das grandes cortesãs.

Tinha sido uma aposta depositar muito dinheiro em um banco sem a certeza de que a menina chegaria, e mesmo que chegasse, sua colega de Paris poderia estar totalmente enganada em sua avaliação.

Mas quando o francês chegara ali com Belle, Martha viu que havia encontrado sua galinha dos ovos de ouro. Ela não era só bela, era linda, tinha um corpo perfeito e seu sotaque inglês mexeria com os homens antes mesmo que ela mostrasse seus outros atributos. Por 50 dólares, mais do que o dobro do que cobrava pelas outras meninas, ela reaveria o que havia pagado por ela em poucas semanas.

Muitas pessoas diziam que o ar de New Orleans era afrodisíaco, e talvez isso fosse verdade, até certo ponto, porque aquela menina inglesa havia se desabrochado como uma flor à ideia de sexo e da sedução desde sua chegada. Talvez tivesse sido Etienne o responsável por curar as feridas dela no caminho até Paris, talvez tivesse instigado a primeira reação sexual dela, e poder observar as outras meninas com seus clientes e escutar as histórias chulas delas a tivesse deixado mais à vontade. Mas era claro que Serge havia aberto o caminho

para sua condição de mulher. Martha havia visto a expressão no rosto da menina quando ela voltou para casa. Serge, definitivamente, a havia levado a um ponto do qual ela não ia voltar.

Agora que Belle era uma das meninas, Martha havia pedido a Esme para servir as bebidas em seu lugar. Esme tinha 30 e poucos anos, três filhos e não pretendia mais se vender, mas era uma boa empregada, intuitiva, discreta e excelente em unir a menina e o cavalheiro certos. Também não aceitava bobagens por parte das garotas. Se as coisas fossem da maneira que elas queriam, passariam a noite toda bebendo no salão, dançando e flertando, mas com apenas um olhar de Esme, elas colocavam o rabo entre as pernas e subiam a escada.

Esme não precisou recomendar Belle ao rapaz de cabelos claros. Ele olhou para ela com a

boca aberta e Belle se direcionou para ele como se tivesse feito aquilo mil vezes antes.

- Sou Belle - disse ela com o sorriso grande e lindo que tinha. - Quer beber alguma coisa?

Foi Esme que disse ao jovem que o preço seria 50 dólares, e Martha sorriu porque ele não demonstrou surpresa e pegou a carteira do bolso e pagou bem ali. Esme balançou a cabeça.

- Aqui, não. Entregue o dinheiro a Belle quando subir, ela vai passá-lo à empregada.

Belle ainda estava bebericando a bebida servida por Martha para lhe dar coragem, mas o jovem, que disse se chamar Jack Masters e ser do Tennessee, bebeu a sua em um só gole, pegou a mão de Belle e caminhou com ela até a escada.

Martha se escondeu quando eles começaram a subir a escada. Não queria ver o rosto bonito de Belle tomado pelo medo. Ainda conseguia se lembrar de sua primeira vez, em um bordel em Atlanta e o homem que pagara por ela não era calmo como o de Belle. Ele era tão bruto que ela se sentiu partida ao meio.

***

- Bem, Jack, tire sua calça para eu poder lavá-lo - disse Belle, esforçando-se para fazer parecer que ela já havia dito aquilo centenas de vezes. Ele havia entregado o dinheiro a ela assim que entraram no quarto, e ela abriu a porta de novo e entregou a quantia a Cissie, que esperava do lado de fora. Ao despejar a água da jarra dentro da bacia, sua mão tremia tanto que ela pensou que derrubaria o recipiente.

- Você é linda - disse ele enquanto desabotoava a calça. - Nossa! Não acredito que encontrei um anjo como você.

- É muito gentil de sua parte, senhor - disse Belle, segurando o riso. - Seria porque você nunca esteve em um bordel antes?

A calça dele estava no chão, juntamente com a cueca. Ele era muito pálido e as pernas eram muito finas.

- Esta é a minha terceira vez - disse ele com certo orgulho. - Venho a New Orleans a negócio com meu tio uma vez a cada três meses. Ele trabalha com artigos para mesa.

Belle sabia que precisava ser rápida, então abriu a camisa dele, segurou seu pênis e o lavou com o pano. O órgão instantaneamente endureceu, e felizmente parecia saudável, sem qualquer sinal de corrimento.

- Ele ficou feliz em me ver - disse ela, copiando o que havia escutado Hatty dizer a um dos cavalheiros.

- Com certeza - respondeu Jack.

- Bem, você pode desabotoar meu vestido - disse Belle.

Ela sentiu a respiração quente dele em seu pescoço, e percebeu seus dedos trêmulos. O fato de ele a desejar tanto fez com que ela também sentisse um leve desejo por ele. Ela acreditava que não seria tão ruim.

Quando ela tirou o vestido e o jogou no chão, ficou em pé com a camisola, meia-calça e sapatos e, sorrindo para ela, ele segurou sua mão e a colocou em um de seus seios.

Ela estava prestes a perguntar como ele a queria, quando ele se adiantou, abaixando sua

camisola para expor seus seios, e chupou um deles. Levou a mão entre as pernas dela, e segurando-a dessa maneira, ele a direcionou para a cama e fez com que ela se abaixasse. Não era agressivo, apenas intenso, e mais uma vez Belle sentiu uma onda de desejo, por isso se mexeu sob ele, dizendo que estava gostando. De repente, ele estava em cima dela, penetrando-a, com a boca ainda grudada em seu seio. Ela estava com apenas metade do corpo na cama, e ele estava em pé, trepando com ela.

Ele gozou depois de apenas quatro ou cinco investidas, e então relaxou sobre ela com um suspiro. Ela olhou para o pequeno relógio do mantel e viu que ele passara menos de dez minutos com ela. A situação era quase cômica; ele havia gastado mais do que a maioria das pessoas recebia em meses com ela e não havia durado nem mesmo o suficiente para se beber um copo de cerveja. Mas ela viu o lado triste

da situação: um jovem bonito, porém solitário, que provavelmente acreditava que ir a um bordel o transformava em um homem de verdade.

Ela o acariciou por alguns minutos, dizendo que ele tinha sido ótimo, e então o afastou de seu corpo e disse que ele deveria se vestir. Já estava esperando que ele dissesse que não tinha passado tempo suficiente com ela, mas ele parecia feliz e surpreso, nem um pouco desgostoso.

- Posso procurá-la na próxima vez em que vier a New Orleans? - perguntou ele.

- Claro que sim, estarei à sua espera - respondeu Belle.

Ele foi embora rapidamente. Ela fechou a porta e se recostou nela, fechando os olhos. Não se sentiu nem um pouco mal, pois Jack realmente parecia ter ficado feliz com ela e

com ele mesmo. Se todos fossem como Jack, talvez até pedisse para um ou outro que ficasse um pouco mais para ela poder ensinar uma ou outra coisinha sobre prazer.

Ela riu. Oficialmente, ela era uma prostituta. Uma prostituta que cobrava 50 dólares por cliente. Tentou imaginar o que sua mãe e Mog pensariam a respeito daquilo.

***

- Você cometeu um erro, Martha - disse Belle no fim da noite. Todas as meninas tinham recebido seu pagamento, e Belle esperou até que todas tivessem saído. Queria saber por que havia recebido apenas 2 dólares. - Atendi doze homens. Deveria receber 300 dólares.

- Não, querida. As meninas novas sob contrato comigo recebem apenas 2 dólares por dia até o preço pago por elas ser reposto e o custo de

vestidos, sapatos ou roupas íntimas ser recuperado.

Belle não soube o que dizer. Dois dólares por noite de trabalho seriam a mesma quantia que ela receberia na maioria dos outros empregos. Mas Etienne dissera que ela receberia metade do que fosse obtido, e ela não gostava de ser enganada.

- Bem, acredito que você não se importará de me mostrar as contas que está fazendo - disse depois de pensar um pouco. - Mostre-me o que pagou por mim, o que gastou comigo até agora. Assim, saberei até onde terei de trabalhar para que a dívida seja quitada.

Ela percebeu Martha ficar tensa, e sabia que ser esperta provavelmente não era uma boa ideia. Mas não tinha a intenção de voltar atrás.

- Vá dormir - disse Martha de modo frio. - Conversaremos amanhã de manhã.

Belle ficou acordada por muito tempo naquela noite, escutando os sons na Basin Street. Uma banda de jazz estava tocando pelas ruas e ela conseguia escutar as batidas de pés das pessoas que dançavam no chão de madeira de algum lugar, os gritos, as risadas, as conversas abafadas, bêbados gritando e garrafas sendo lançadas dentro de uma lata de lixo. Era o mesmo tipo de barulho que ela ouvira a vida toda em Seven Dials, e aquilo fez com que se perguntasse o que sua mãe responderia se uma de suas meninas questionasse a respeito do salário pago.

Ela suspeitava de que Annie diria que elas podiam ir embora se não estivessem felizes e que havia muito mais meninas para ficar em seus lugares. Mas Belle não fazia ideia de quantos homens cada uma das meninas de sua mãe

atendia por noite. Tampouco sabia o preço que elas cobravam. Mas duvidava que elas recebessem mais do que 5 dólares por vez, no máximo. Também não tinha dúvidas de que se as meninas recebessem apenas 1 dólar por noite, ficariam eufóricas.

Mas saber disso não fazia Belle se sentir melhor. Era ela quem lidava com os homens que a tocavam, seguravam, diziam coisas brutas, tiravam sua roupa e trepavam com ela e, por fim, que podiam até lhe passar uma doença ou engravidá-la. Martha só ficava sentada vendo o dinheiro entrar.

Belle também sentia o corpo arder, nem tanto pelo sexo, uma vez que nenhum dos homens havia permanecido tempo suficiente para machucá-la, mas, sim, pelo desinfetante que Martha fazia com que elas usassem. Tinha um cheiro forte o suficiente para matar um

homem, que dirá um espermatozoide ou germe.

Estava claro que muito dinheiro corria no mercado das prostitutas, mas agora Belle tinha a sensação ruim de que não conseguiria muito dinheiro trabalhando ali, para Martha. A mulher poderia nunca admitir quanto havia pagado por ela, e assim, Belle nunca conseguiria quitar a dívida.

Mas Belle não queria desistir ainda. Aquelas pessoas da América acreditavam que eram muito espertas, mas não conseguiriam vencer a esperteza de uma menina de Seven Dials. Ela concordaria com tudo por enquanto, mas ficaria de olho, escutando e aprendendo, e então quando a oportunidade certa aparecesse, ela a agarraria com as duas mãos.

Capítulo 19

Mog olhou para a Sra. Stewart sem acreditar.

- Está dizendo que sua Amy desapareceu? - assustou-se.

- Sim, isso mesmo. Já faz dois anos. Quase enlouqueci de dor e preocupação.

- Sinto muitíssimo - disse Mog, com sinceridade. - Perdemos a nossa Belle da mesma maneira, por isso compreendo pelo que você está passando. Posso entrar um pouco para conversarmos?

- Você sabe de alguma coisa? - A esperança tomou conta do rosto da Sra. Stewart e por um breve instante ela pareceu ter dez anos a menos.

- Não exatamente, mas se pensarmos juntas... - disse Mog.

A Sra. Stewart abriu mais a porta.

- Entre, Sra... - Ela fez uma pausa, percebendo que não sabia o nome da mulher.

- Sra. Davis - disse Mog ao entrar na casa -, mas todos me chamam de Mog. Belle é minha filha preferida, eu não tenho filhos biológicos, mas eu ajudei a criar Belle desde que ela era um bebê.

- Sou Lizzie. - A Sra. Stewart liderou o caminho por um corredor estreito para dentro de uma cozinha quente e ampla. - Eu levaria você ao salão, mas está frio lá dentro. Sempre acendia a lareira ali, até o dia em que Amy desapareceu, mas agora não vejo motivos.

- Eu também vivo na cozinha - disse Mog. Ela olhou ao redor, na sala, notando que não havia nada sujo, e a mesa e o chão eram bem polidos. Duas cadeiras próximas do fogão deixavam o ambiente muito acolhedor. - Não faz sentido gastar bom carvão em uma lareira diante da qual não se possa sentar. Você disse que sua Amy tinha 13 anos quando se foi. A polícia tinha suspeitos?

Lizzie balançou a cabeça com tristeza.

- Eles foram piores do que inúteis, ficavam me dizendo que ela iria para casa quando fosse a hora certa. Eu conhecia a minha menina, ela não iria embora dessa maneira para me assustar.

- O que você acha que aconteceu com ela? - perguntou Mog.

- Acredito que ela tenha sido levada para o mercado de escravas brancas - respondeu Lizzie.

Nos jornais mais sensacionalistas, sempre havia histórias a respeito de jovens que tinham sido raptadas para esse tipo de situação. No passado, Mog acreditava que eram histórias apenas para assustar, boatos inventados para vender mais jornais. Mas por mais que já tivesse rido a respeito de histórias dando conta de meninas inglesas raptadas para serem concubinas nos haréns dos príncipes persas, agora que Belle não estava mais por perto, a graça havia acabado.

- Não acho que exista o mercado de escravas brancas, pelo menos não na maneira que a imprensa faz parecer - disse Mog, delicadamente. - Mas acho que a sua Amy pode ter sido levada pelas mesmas pessoas que levaram a nossa Belle.

Ela não queria dizer coisas demais.

- Sabe, um amigo meu está tentando fazer uma investigação para encontrar Amy, e ele fez uma lista de nomes e endereços. O nome de sua Amy constava na lista, por isso eu vim falar com você.

- Devemos levar essa lista à polícia, então - disse Lizzie.

Naquele momento, Mog ficou um pouco assustada. Ela não sabia se podia confiar em Lizzie Stewart. Era uma mulher muito respeitável, e se Mog começasse a dizer a ela sobre uma menina que tinha sido assassinada em um bordel, ela provavelmente desceria a rua gritando como louca.

- Achamos que o homem que está por trás disso tudo tem a polícia na palma da mão - disse ela. - Por isso, não ousarei contar a eles

até ter prova de que ele está levando as meninas. Mas procurarei as outras pessoas da lista, e se todas as outras meninas também tiverem desaparecido, teremos um caso que a polícia não conseguirá ignorar.

- Está dizendo que a polícia é corrupta? - Lizzie arregalou os olhos azuis-claros com uma inocência infantil.

- Vamos dizer apenas que eles fecham os olhos de vez em quando, principalmente se o lado mau for forte, poderoso - disse Mog, sem querer decepcionar a mulher totalmente. - Lizzie estava em uma situação confortável por não saber muito, e apesar de viver perto de Seven Dials, provavelmente não tinha conhecimento do que ocorria. - Você tem uma foto de Amy para me mostrar?

Lizzie foi até sua penteadeira e trouxe uma foto da família em grupo, feita em um estúdio.

Estava sentada no sofá com o marido, um homem alto e magro com um bigode bem grande, e Amy estava sentada em um banquinho mais baixo, perto do joelho deles.

- Amy tinha 12 anos quando tiramos essa foto. - A voz de Lizzie ficou embargada. - Ela não é linda?

- Sim, de fato - concordou Mog. A menina era esguia como o pai, seus cabelos claros estavam arrumados em uma trança que tinha sido enrolada em sua cabeça como um C.

- Quando eu soltava os cabelos dela, chegava à cintura. - Os olhos de Lizzie ficaram marejados e seus lábios tremeram. - No dia em que desapareceu, ela estava usando um casaco azul, da mesma cor de seus olhos, que eu mesma fiz. Larry, meu marido, disse que era uma cor ruim porque mostraria a sujeira. Mas não me

importei, porque ela ficava tão linda com ele... - Ela parou de repente, tomada pela emoção.

Mog colocou a mão no braço da mulher, de modo solidário.

- Ela é minha única filha. A dor de perdê-la foi tão grande que pensei que ia morrer - Lizzie começou a soluçar. - Às vezes, gostaria de ter morrido porque não me resta mais nada nesta vida.

- Eu me senti da mesma maneira em relação à Belle - admitiu Mog. - É não saber se elas estão mortas ou vivas que torna tudo tão difícil. Mas estou me mantendo forte porque não acho que Belle esteja morta, sinto que não está. E vou encontrá-la. E você? Acha que Amy foi morta?

Lizzie balançou a cabeça.

- Não, tenho certeza que sentiria se ela estivesse. Larry não confia na minha intuição, ele diz que é um sonho sem razão, mas acho que ele está enganado.

- Então, ainda existe esperança - disse Mog, e abraçou a outra mulher. Lizzie retribuiu e elas ficaram daquela maneira por um tempo, duas estranhas unidas por causa do medo que sentiam em relação ao paradeiro das filhas.

Mog se afastou primeiro, com os olhos marejados.

- Não posso prometer nada, mas virei contar se descobrir algo. Se você pensar em algo que possa nos ajudar, ou se apenas quiser conversar, pode me encontrar no Ram's Head, na Monmouth Street.

O segundo nome na lista era de Nora Toff, de James Court. Mog sabia que ficava na Drury

Lane, e ela se lembrava que as pessoas costumavam dizer "Gin Court", pois diziam que ali sempre ficavam pessoas que bebiam muito. Mas sem querer saber se aquilo era verdade ou não, ela se apressou, ansiosa para poder apresentar alguma novidade a Garth e Noah.

James Court era um local muito esquisito. Mog passou com cuidado pela região, ignorando os olhares curiosos de pessoas de rua vestidas com trapos e encontrou a casa de número 2, que tinha uma porta que parecia ter sido chutada muitas vezes. Ela bateu com firmeza.

- Vão embora, seus imbecis - gritou um homem do lado de dentro, e Mog se afastou da porta, com medo. De repente, a porta se abriu e ela viu um homem vestindo apenas uma calça e um colete sujo. Seus pés estavam descalços e ele recendia a bebida. - Se você é da igreja, também pode dar o fora - disse ele.

- Não sou da igreja - disse Mog, indignada por ser tratada com tamanha grosseria. - Vim perguntar a respeito de Nora Toff. Ela é sua filha?

- E por que quer saber? - perguntou ele.

Mog percebeu que aquilo era, pelo menos, uma confirmação de que ele conhecia Nora, ainda que não fosse seu pai.

- Ela não tem nada que ver comigo, mas a filha de minha amiga desapareceu, assim como outra moça em circunstâncias parecidas. Só quero saber se Nora está em casa, em segurança.

- Ela foi embora há seis meses - disse o homem. - O que está dizendo? O que aconteceu com as outras meninas?

- Não sabemos, elas simplesmente sumiram - respondeu Mog. - As mães delas sabem que

elas não desapareceriam por conta própria, que eram boas meninas.

- É melhor você entrar - resmungou o homem. - Nossa Nora também não fugiria, ela nunca tinha feito algo assim antes.

Mog não queria entrar sozinha na casa do homem; o cheiro forte que vinha de dentro bastava para que ela soubesse que a situação estaria ainda pior do lado de dentro. Ele parecia desesperado; não era seguro.

- Gostaria de conversar sobre isso com o senhor - disse ela com cuidado -, mas não aqui. - Pode ir ao Ram's Head na Monmouth Street esta noite? É só pedir para falar com Mog.

Ela se afastou depressa, apesar de ele a estar chamando.

Quando virou a esquina na Drury Lane, analisou a lista de nomes e endereços e decidiu já ter feito o suficiente naquele dia.

Quando Mog entrou no bar, encontrou Noah ali, conversando com Jimmy e Garth. Todos pareciam ansiosos ao vê-la entrar e obviamente estavam falando sobre a lista de nomes.

- Amy Stewart desapareceu há dois anos - disse Mog baixinho, ciente de que alguns dos clientes podiam estar ouvindo. - Só tinha 13 anos, e seus pais são muito respeitáveis. - Ela continuou dizendo o que havia acontecido quando perguntou sobre Nora Toff.

- Não sei bem se o homem era pai dela - explicou ela. - Ele era meio durão, e andava bebendo, mas sugeri que viesse aqui à noite. Não quero tentar contato com mais ninguém hoje. Lizzie Stewart acabou com meu ânimo.

- Vou investigar algumas das outras - ofereceu-se Noah, e pegou a lista para ver. - Há duas de Ludgate Circus. Vou investigar sobre elas, pois preciso ir à Fleet Market esta tarde.

- E a viagem a Paris? Para investigarmos aquela Madame Sondheim - disse Jimmy, com os olhos brilhando de excitação. - Se você for, Noah, posso ir com você?

- Você não vai a lugar algum, filho - disse Garth com firmeza.

Jimmy fez um bico.

- Seu lugar é aqui - disse Noah, esticando o braço para despentear os cabelos do rapaz. - Você fez um trabalho muito bom conseguindo a lista e o endereço de Paris, mas se eu for levar alguém comigo, precisa ser alguém que fale francês.

- Na minha opinião, devemos redobrar os esforços para encontrar aquele homem chamado Sly e arrancar informações dele - disse Garth com ponderação.

- Oh, Garth! - exclamou Mog.

Garth cruzou os braços de modo desafiador.

- Olha, Jimmy escutou o nome dele sendo mencionado de novo, eles disseram que ele havia se acovardado, então tente entender o que isso quer dizer.

- Ficou irritado com o que os outros estavam fazendo? - sugeriu Noah.

- Pode ser - disse Garth. - Mas é mais provável que ele tenha se visto em uma situação ruim e se assustou.

- Você disse que ninguém aqui o vê há muito tempo - disse Jimmy. Garth assentiu. - Isso mesmo, mas eu conheço um homem com quem poderia contar que pode me dizer por onde ele anda.

Mog não gostava quando os homens falavam de "arrancar" informações ou de contar com alguém, e expressou sua opinião. Garth apenas sorriu. E disse: - Algumas pessoas só colaboram na base da agressão.

Duas semanas depois, Mog, Garth, Noah e Jimmy se reuniram ao redor da mesa da cozinha atrás do salão. Ventava e fazia muito frio do lado de fora, e às seis da manhã, o bar ainda estava muito tranquilo.

Noah mantinha uma folha de papel diante dele na qual havia escrito os nomes e endereços da lista encontrada no escritório de Colm e ao

lado dos quais ele havia feito anotações sobre o que encontrara.

- Amy Stewart - releu Noah. - Desapareceu há dois anos, aos 13 anos. Nora Toff, 14 anos, desapareceu seis meses atrás. Flora Readon, 16, desapareceu há onze meses. May Jenkins, desapareceu há quatorze meses. - Noah fez uma pausa e olhou ao redor. - Não é preciso mencionar os vinte nomes da lista. Todas, menos três delas, desapareceram nos últimos quatro anos. Elas tinham entre 14 e 16 anos. Amy Stewart era a mais jovem de todas, com 13 anos. Todas elas eram consideradas bonitas; na maioria dos casos, eu vi fotos e pude comprovar. Quanto às outras três, não sei ao certo o que houve com elas, pois as famílias não moram mais nos endereços da lista. Mas uma vizinha de Helen Arboury disse que a menina havia "sumido". Ela não disse ou não quis dizer se acreditava haver algo de suspeito nisso, mas

disse que a mãe de Helen era viúva e levara os outros dois filhos para morar com parentes.

- Devemos procurar a polícia agora? - perguntou Mog. - Afinal, temos todas a provas de que precisamos de que Kent e o tal Colm de Maiden Street estão pegando meninas jovens para fazer sabe Deus o que com elas. Noah olhou para Garth, que balançou a cabeça.

- Poderíamos ir até a polícia, Mog. Eu diria que para um homem ter uma lista de meninas desaparecidas em seu escritório, ele está totalmente envolvido. Mas temo que haja um informante na delegacia. Se essas pessoas descobrirem que estamos atrás delas, vão pôr fim à operação e nunca descobriremos o paradeiro das garotas nem colocaremos os responsáveis atrás das grades. - Ele fez uma pausa, com cara de pensativo. - Pretendo parar de perder tempo e ir para Paris imediatamente procurar a Madame Sondheim.

- Mesmo que ela esteja envolvida, provavelmente foi apenas a primeira pessoa a quem as meninas foram entregues - disse Mog, desconfiada. - Elas podem estar em qualquer lugar do mundo agora.

- Podem confiar em mim e no meu instinto - disse Noah com um sorriso. - Obviamente não estou esperando que todas as vinte meninas estejam em um mesmo endereço. Tenho um amigo que fala francês que irá comigo. Acredito que juntos poderemos descobrir algo.

- Eu ainda acho que seria mais direto encontrar o tal Sly e fazê-lo falar - disse Garth com teimosia. - Além disso, se vocês tiverem problemas em Paris, não terá ninguém com quem contar lá.

- Daremos um jeito - disse Noah com firmeza. - Meu editor está do meu lado. Ele espera que façamos uma matéria sensacional, por isso

criou identidades falsas para nós e pagará nossas despesas. Nós nos passaremos por empresários bem-sucedidos interessados em *Parri*. As meninas certamente cairão nessa!

Mog assentiu. Ela conseguia entender o que Noah queria dizer, e se seu amigo fosse tão bem-educado e tão charmoso como ele, ela não tinha dúvidas de que eles não teriam dificuldades para ganhar a confiança de um dono de bordel ou das meninas da casa.

- Mas vocês precisam ter cuidado - disse ela a eles. - Muitos bordéis têm leões de chácara que lidam com clientes difíceis, e se eles suspeitarem que estão investigando a vida deles, é possível que vocês apanhem em um beco.

- Não se preocupe, Mog - Noah sorriu para ela. - Vamos passar todas as informações a meu editor conforme as coisas forem acontecendo. Se algo acontecer, ele estará pronto para atacar.

Ele tem uma cópia da lista de nomes de meninas também, e haverá as manchetes sobre a polícia não fazer nada em relação ao desaparecimento de meninas.

- Isso não fará com que você volte para nós - disse Mog.

- Voltarei - disse ele sorrindo de orelha a orelha. - Quero um emprego melhor no jornal.

- Então, é aqui - disse Noah a seu amigo James, olhando para a casa grande e feia que ficava um pouco afastada na praça no distrito de Montmartre, em Paris. - Parece um pouco reservado, não se parece uma casa de diversão!

- Precisamos perguntar a alguém sobre ela e sobre a Madame Sondheim - respondeu James. - Precisamos escolher alguém de nossa idade. Se ela realmente administra um bordel aqui, as

pessoas que vivem nesta praça podem não querer admitir.

- Não acho que ninguém que more em Montmartre tenha problemas com bordéis - disse Noah sorrindo. Ao saírem de Pigalle, eles tinham visto dezenas de transeuntes, e tinham visto os pôsteres de dançarinas de cancã na frente do Moulin Rouge. - Alguns dos artistas que vivem aqui pintam apenas meninas em bordéis, por isso deve haver centenas deles.

- Talvez sim, mas esta praça parece um lugar onde moram pessoas comuns - disse James.

James Morgan seria descrito pela maioria das pessoas como "um homem de diversão". Quando seu pai herdou a loja de ferragens bem-sucedida de seu avô, em Birmingham, ele a vendeu e enfiou todo o dinheiro na fabricação de bicicletas. Ele foi um visionário e apesar de a maioria das pessoas considerá-lo

maluco por correr tamanho risco em algo que podia ser apenas uma moda passageira, ele tinha a certeza de que as bicicletas se tornariam o meio de transporte mais popular. Ele tinha razão, claro, e por ter entrado no negócio antes de o resto do mundo perceber seu valor, e ter superado diversos problemas, as bicicletas Morgan, fabricadas na Inglaterra tornaram-se um exemplo de habilidade e confiabilidade.

Sua empresa havia crescido, vendendo não apenas para o mercado nacional, mas também exportando para o mundo todo. James trabalhava, oficialmente, no escritório em Londres, mas seu emprego de verdade era viajar pela Europa para conseguir novos campos de venda. Por esse motivo ele havia concordado em ir para Paris com Noah: para todos os efeitos, ele estava apenas conferindo algumas das lojas que já tinham bicicletas Morgan.

Noah pegou seu relógio de bolso.

- Quase uma - disse ele. - Por que não almoçamos naquele lugar ali? - Ele apontou para um restaurante do outro lado da praça com mesas e cadeiras do lado de fora. - Podemos nos fazer passar por dois turistas e perguntar ao garçom onde encontrar algumas meninas!

James riu. Ele gostava da companhia de Noah; seu calor humano, boa aparência e confiança atraíam outras pessoas a eles. James não tinha facilidade para fazer amizades - não era exatamente tímido, apenas incapaz de ir além. Sabia que não era belo, por ser baixo e um pouco rechonchudo, e seus cabelos pareciam recuar mais a cada vez que ele se olhava no espelho. As pessoas sempre diziam que aos 30 anos, bem-educado e rico, ele era o partido ideal, mas apesar de seus pais e amigos sempre apresentarem moças distintas a ele, nenhuma o agradava. A verdade é que ele acreditava que

as mulheres o consideravam chato, e sentia que devia ser, afinal, ainda era virgem. Mas não conseguia contar isso a Noah.

Duas horas depois, após um bom almoço com diversas taças de vinho, os dois homens bebiam um brande. James não tivera coragem de perguntar se havia um bordel por perto, mas Noah, com seu vocabulário limitado em francês, um pequeno desenho de uma mulher nua em um pedaço de papel, e muitos gestos com as mãos, conseguira se fazer entender ao garçom pequeno e curvado e de avental verde quase tão longo quanto a calça que vestia. O homem apontou na diagonal, exatamente para o endereço que eles tinham, e mostrou sete dedos, e os rapazes concluíram que aquele era o horário de abertura da casa.

- Então, estamos indo bem por enquanto - disse Noah, pedindo mais uma bebida. - Quando soube que ali era um bordel, não achei

que deveria mencionar o nome de Madame Sondheim. Se ela soubesse que alguém esteve perguntando por ela, talvez não conseguiríamos entrar ali.

- Então teremos de ir lá esta noite? - perguntou James com nervosismo.

- De que outro modo poderemos descobrir algo? - perguntou Noah, rolando os olhos e demonstrando impaciência. - Vamos, James, você é quem fala francês aqui, não comece a relutar justamente agora.

- Nunca fui a um bordel - disse James em voz baixa, cuidando para que ninguém o escutasse. - Não sei como funciona.

- Elas sabem se você é "verde" - disse Noah, rindo, lembrando sua primeira vez. - Não acho que as coisas sejam diferentes aqui. Vamos agir como dois novatos, assim poderemos

conversar mais com as meninas. Como é você quem fala francês, pode dizer que não quer fazer nada por

ser novo.

- Mas não me importo em fazer - disse James com empolgação.

Noah sorriu.

- Você é inexperiente, não é?

James abaixou a cabeça e admitiu. Noah havia explicado tudo a respeito de Belle ter testemunhado o assassinato de Millie quando James concordou em ir à França com ele, mas agora sentia que precisava contar ao amigo como conhecera Millie e o que pensava sobre ela.

- Eu me apaixonei por ela - admitiu. - Ela era tão linda, calorosa e gentil, diferentemente do que as pessoas pensam das prostitutas. É por causa do jeito dela que preciso descobrir onde Belle está, e onde todas as outras meninas estão.

- Você a ama? - perguntou James. Ele havia concordado em fazer aquela viagem porque pensava que ele e Noah salvariam moças dos prejuízos morais e físicos. Mas sua educação rígida tornava difícil para ele compreender que um homem decente pudesse nutrir ideias românticas em relação a uma prostituta.

- O que é o amor? - perguntou Noah com um sorriso. - Se é pensar em alguém o tempo todo, sem conseguir comer, dormir ou pensar em qualquer outra coisa, então, sim, eu a amo. Mas acho que meu pai diria que o que sinto é desejo. Acredito que se eu tivesse conseguido tirá-la da Casa de Annie e passado um tempo

sozinho com ela, então poderia ter descoberto o que era. Mas não pude descobrir. Por isso, acredito que sempre procurarei uma mulher que faça com que eu me sinta como ela fazia. Você já se sentiu assim?

- O mais perto que cheguei de me sentir assim foi com sonhos eróticos com uma das meninas que vi na fábrica de meu pai em Birmingham admitiu James. - Se eu não tivesse bebido uma ou duas taças a mais, não contaria isto, mas a menina estava testando a altura do selim da bicicleta. Sua saia estava levantada, e consegui ver sua perna com a meia-calça preta, até o joelho, envolvida pela renda da meia. Acho que foi a coisa mais sensual que já vi.

Noah riu.

- Mas como ela era?

- Apenas normal - admitiu James. - Só consigo ver a perna dela em meus sonhos, mas não seu rosto.

- Bem, James, além de descobrirmos o que aconteceu com Belle e com as outras meninas em Paris, teremos de conseguir algo mais substancial com que você possa sonhar, do que uma mulher e uma bicicleta - Noah sorriu. - Agora, vamos caminhar e conhecer a área para podermos voltar à noite.

Os dois homens retornaram para a praça às oito horas daquela noite. A escuridão havia tomado conta de tudo quando eles estavam na Pigalle, mas eles estavam cercados por luz, barulho e movimentação. Ficaram surpresos com o número enorme de bares, cafés e restaurantes que não chamavam atenção durante o dia. Um anunciante na frente do Moulin Rouge gritava que era o maior espetáculo de Paris, e os turistas de diferentes

nacionalidades estavam do lado de fora, boquiabertos com um pôster enorme mostrando uma fileiras de pernas de mulheres apontadas para a frente com meia-arrastão.

Enquanto eles subiam a rua longa e íngreme, músicas de piano, acordeão e violinos soavam dos bares escuros e cheios de fumaça. Os cheiros dos alimentos dos restaurantes se misturavam com aqueles dos comerciantes das ruas, com suas castanhas ou crepes, e aumentando o pungente mix havia o cheiro de fezes de cavalo também.

James e Noah arregalaram os olhos quando o anunciante mostrou uma foto das meninas da casa vestindo quase nada além de roupas pequenas e um enorme leque de penas diante do rosto. Não faltavam prostitutas, eles foram abordados diversas vezes enquanto caminhavam, e James corava muito com o que as meninas diziam a ele.

James disse que o porteiro os havia alertado para que tomassem cuidado, pois aquele ainda era um local perigoso, repleto de ladrões, apesar de muitas das casas antigas terem sido derrubadas nos últimos dez anos, enquanto o Sacré-Coeur estava sendo construído. Mas Noah considerava aquele o local mais emocionante onde já estivera. Era pitoresco, colorido e vibrante, com um toque forte de ousadia e extravagância mais interessante do que em Seven Dials.

- Quer mais uma bebida para irmos até lá? - sugeriu James quando chegaram à praça. A casa de Madame Sondheim estava escura, exceto por uma luz vermelha na porta. Mas Noah tinha certeza de que a falta de luz do lado de dentro se devia às cortinas, e não por não haver ninguém ali.

- São apenas táticas de postergamento - disse Noah de modo brincalhão. - É melhor irmos

agora, pode ser que o local esteja mais cheio mais tarde, e talvez não tenhamos a chance de conversar. Estou contando com você, que fala francês. Vou tentar conseguir uma menina que fale inglês, pode até ser feia. - Ele riu. - Quero que você veja que sou sério e focado! - completou.

James parecia um coelho assustado quando se aproximaram da entrada.

- Coragem, meu amigo - disse Noah. - Qual é a pior coisa que pode acontecer em um bordel?

- Eu não conseguir levantar? - respondeu James, imaginando que aquela fosse a pior situação para Noah.

- Não, para mim seria se houvesse um incêndio e eu tivesse que sair correndo pelado. - Noah sorriu.

James riu e percebeu que estava um pouco menos tenso.

- Isso pode ser resolvido facilmente, é só ficar de roupa.

Quando Noah apertou a campainha, uma fresta foi aberta e eles viram uma mulher espiando. Noah tirou o chapéu para ela. A porta se abriu e uma mulher um tanto abatida de pelo menos 50 anos, usando um vestido preto, apareceu.

James disse a ela, com um francês hesitante, que eles eram ingleses e um amigo havia dado o endereço. A mulher fez um gesto com uma das mãos para que entrassem e então, depois de fechar a porta, pegou os chapéus deles e os levou para a sala à esquerda da recepção.

A sala estava aquecida, graças à lareira acesa. Havia quatro meninas ali, todas meio despidas, com camisolas de seda que mal disfarçavam as

roupas íntimas. A mulher que os havia levado para dentro ofereceu uma bebida; não havia nada além de vinho tinto. Em seguida, ela apresentou as meninas como Sophia, Madeleine, Arielle e Cosette. Arielle era uma beldade de cabelos escuros, com olhos enormes e claros, e lábios cheios e grandes, mas as outras três meninas eram comuns.

James cumprimentou-as com um aperto de mão, e elas riram.

- Alguma de vocês fala inglês? - perguntou Noah.

- *A leetle* - disse a pequena Cosette, de cabelos emaranhados. James começou a falar com Arielle e Noah percebeu que ela parecia interessada e envolvida na conversa. Noah sorriu de modo resignado a Cosette e segurou sua mão para beijá-la. Isso também fez as meninas rirem, mas Cosette pareceu gostar.

Uma pianola no canto da sala tocava músicas e Noah estendeu os braços para dançar. Mais uma vez, Cosette riu como se nenhum homem a tivesse convidado para dançar antes. - A Madame Sondheim não gosta que vocês dancem? - perguntou. Ele sabia que muitas madames não gostavam que suas meninas perdessem tempo com coisas daquele tipo.

- Você a conhece? - perguntou Cosette, assustada.

Noah balançou a cabeça.

- Não, eu não. Meu amigo veio aqui, ele disse que ela era muito rígida. É verdade?

Cosette assentiu. Noah percebeu que ela tinha belos olhos acinzentados, e apesar de seus cabelos precisarem ser lavados, era ótimo o fato de ela falar um pouco de inglês.

- Podemos conversar lá em cima? - perguntou ele, sentindo que ela ficaria incomodada na frente das outras meninas.

- Você me quer? - perguntou ela, como se estivesse surpresa.

Noah não sabia muito bem se queria fazer sexo com ela, mas sorriu e disse que sim, claro. De repente, ela o agarrou e praticamente o arrancou da sala e James ficou com a bela Arielle, e Madeleine e Sophia observavam.

Cosette o levou para o terceiro andar, mas enquanto passavam pelas portas fechadas do primeiro e do segundo andar, ele escutou sons que sugeriam que as outras meninas estavam ali dentro com clientes. O quarto de Cosette se parecia com ela - desarrumado e descuidado.

- Você deve me dar o dinheiro - disse ela, estendendo a mão.

Noah ainda não havia aprendido a lidar com o dinheiro francês, por isso pegou uma nota de 10 francos do bolso e entregou a ela, que franziu o cenho, e ele colocou mais uma ali, e então ela sorriu e foi até a porta, onde entregou o dinheiro para outra pessoa.

Ela começou a tirar a capa azul, mas Noah a impediu. - Não posso - disse ele. - Meu amigo queria muito uma mulher. Só vim com ele. Podemos conversar?

Cosette deu de ombros e sentou-se na cama, ajeitando a capa nos ombros.

- Os ingleses são estranhos - disse ela, balançando a cabeça.

Noah riu. - Sim, somos. Muitos de nós gostamos de meninas muito jovens. Fiquei sabendo que a Madame Sondheim aceita meninas novas de vez em quando.

- Não para jovens como você - disse ela. - Apenas homens mais velhos.

Noah se aproximou e se sentou na cama ao lado dela, segurando sua mão.

- Ela recebe meninas jovens inglesas? - perguntou ele.

Cosette assentiu. - Às vezes. É ruim. Nós as escutamos chorar. Não é bom para nós, os homens que vêm só querem isso.

Noah entendeu que as coisas estavam piorando para ela e para as outras meninas por causa disso.

- Você já viu essas outras meninas?

- Não, nunca vi. Elas ficam no andar de cima. Não descem para o salão.

- Trancadas? - Noah fez um gesto para indicar o que dizia.

Ela assentiu.

- Os homens vão lá em cima?

Mais uma vez, ela assentiu.

- Quanto custa? - perguntou ele.

Ela fez um gesto com as mãos que parecia significar muito dinheiro e contraiu os lábios, desgostosa.

- E depois, para onde eles vão? - perguntou Noah.

Cosette pareceu não compreender a pergunta. Noah tentou de novo, mudando as palavras, perguntando quanto tempo as meninas ficavam no andar de cima, mas ela continuou

balançando a cabeça e dizendo "Não compreendo". Mas o mais estranho é que seus olhos estavam marejados.

Ele pegou a carteira e tirou algumas notas dali.

- Para você. - Ele fechou a mão dela ao redor das notas. - A Madame não saberá. - Ele ergueu o queixo dela e delicadamente limpou as lágrimas com o dedo. - Agora, conte-me por que está chorando.

Uma enxurrada de francês começou, e apesar de ele não compreender uma palavra, ele sabia que ela estava irritada, uma irritação não direcionada a ele.

- Fale em inglês, por favor - pediu ele. - Para onde vão as meninas?

- Eu não saber - disse ela. - Escutei alguém dizer que algumas vão para o *couvent*.

- *Couvent?* - perguntou ele. - É a mesma coisa que *convento*? - Ela deu de ombros, claramente sem entender. - Onde? - Ao ver um lápis perto da cama, ele o pegou e abriu a carteira para procurar um pedaço de papel no qual escrever.

Mas ela empurrou sua mão e balançou a cabeça.

- Não saber onde fica. Ou como chama. Só escuto dizerem "*couvent*".

Ele começou a perguntar se uma menina havia sido levada para lá em janeiro, mas ela colocou um dedo em cima dos lábios dele.

- Chega. Não posso dizer mais nada. Você sabe, posso ter problemas.

Para Noah, aquilo significava que uma menina *havia* sido levada para lá em janeiro e se eles

conseguissem encontrar o convento, estariam no caminho certo.

Noah não conseguiu sair dali sem fazer com que Cosette se sentisse melhor.

- Você é muito doce - disse ele, e segurou o rosto dela com as duas mãos, e beijando sua testa, faces e lábios. - Se eu não fosse casado... - Ele fez uma pausa, esperando que ela chegasse à conclusão daquele comentário. - Mas minha esposa me fez jurar que eu me comportaria bem em Paris.

Ela sorriu nesse momento, e foi como se o sol tivesse aparecido, pois seu rosto ficou belo.

- Sua esposa sortuda por ter bom marido - disse ela. - Fala mais - continuou ela, puxando-o de volta para a cama para ele caminhou na direção da porta. - Eu fala o *ingleis*. - Noah percebeu que ela não queria que ele descesse

muito rapidamente por medo de passar vergonha diante das outras meninas, e não por querer praticar seu inglês, mas teria sido tolo de sua parte se recusar.

Ela disse que era de Reims, que era a mais velha de sete filhas, e que seu pai era agricultor. Não precisou dizer por que tinha ido a Paris para se tornar uma prostituta, pois estava claro que aquele era o único meio de ganhar dinheiro suficiente para ajudar a família. Ela corou ao dizer a ele que havia aprendido inglês com um artista inglês que vivia em Montmartre. Disse que o via quando tinha as tardes livres. Quando Noah perguntou se ele se casaria com ela, ela riu baixinho e disse que não, porque ele era muito velho. Disse também que ele era gentil com ela, e Noah pensou que se ela sorrisse mais e fosse mais bela, mais pessoas seriam gentis com ela.

Quando Noah voltou ao salão, apenas Sophia continuava ali. Disse algo em francês que parecia muito ressentido, e voltou a se sentar, dando as costas para ele.

Cinco minutos depois, James desceu a escada. Seu rosto estava corado e ele sorria. Quando a funcionária que havia aberto a porta para eles apareceu na porta do fundo do salão para entregar os chapéus, os dois não disseram mais nada e só voltaram a conversar na praça.

- Ela foi maravilhosa - disse James. - Tão gentil, tão generosa.

- Mas aposto que ela pegou o dinheiro - disse Noah. Ele estava feliz por seu amigo ter chegado lá, mas percebeu que agora ele passaria a noite contando os detalhes da experiência.

- Não acho que ela queria - disse James, ainda nas nuvens. - Mas ela tem muito medo da Madame Sondheim para não pegar o dinheiro.

- Então você fez algumas perguntas a ela?

- Ela não pareceu entender muitas delas. Perguntei a respeito das meninas novas e ela disse que era melhor para mim do que as mais jovens.

Noah sorriu. Acreditava que seria impossível esperar que seu amigo interrogasse uma mulher tão adorável quanto Arielle estando sozinho com ela em um quarto.

- A palavra *couvent* quer dizer convento? - perguntou ele.

- Sim, por quê? - James franziu o cenho.

- Porque é para lá que algumas das meninas jovens são levadas depois daquele lugar. Infelizmente, imagino que procurar um convento sem nome em Paris seria como procurar uma agulha em um palheiro.

Capítulo 20

1911

O calor despertou Belle e, como sempre, ela estava banhada em suor. Lembrava com nostalgia do clima frio inglês o tempo todo, pois o verão grudento de New Orleans era exaustivo.

Lembrou da emoção que sentira em abril do último ano, quando deram aquele quarto a ela. Ficava nos fundos da casa, por isso era mais tranquilo, grande e iluminado pelo sol, e tinha uma grande cama de latão. Ela não havia se dado conta, naquele momento, de que o local viraria um inferno quando o tempo esquentasse e que por isso nenhuma das meninas o queria. Mas então, dezesseis meses desde sua chegada, concluíra não poder confiar em nada e em ninguém. O que parecia bom um dia podia se tornar ruim no seguinte.

Ela havia cometido um enorme erro pedindo a Martha provas de quanto ela havia pagado para tê-la ali, principalmente em tão pouco tempo desde sua chegada. A mulher havia se tornado muito fria com ela e Hatty aconselhou Belle a se desculpar imediatamente.

- Todas nós temos um tipo de contrato, querida - explicara ela. - A madame de um prostíbulo precisa manter as rédeas curtas, caso contrário, as meninas se aproveitam. Mesmo para nós, que não fomos compradas como você foi, ela também dá casa e comida, comprou vestidos, sapatos e coisas assim, por isso é claro que ela desconta isso de nosso lucro... Ela precisa se manter. Também precisamos ganhar a confiança dela. Como seria se ela tivesse uma menina e, um belo dia, descobrisse que essa menina saiu pela cidade comprando do bom e do melhor?

Explicando daquele modo, Belle conseguiu entender.

- Mas eu só queria saber quanto tempo demoraria para ela reaver o dinheiro investido - explicou ela. - Não consigo ver nada de errado em perguntar isso. Caso contrário, como poderei planejar minha vida?

- Martha não pensa dessa maneira, ela diria que é o negócio dela - insistiu Hatty. - E nós, as meninas, somos como flores, nós permanecemos frescas apenas por um tempo. Ela precisa ganhar o que puder conosco enquanto ainda for possível. Se engravidarmos, pegarmos sífilis, formos deformadas por uma outra menina ou agredida por um dos clientes, não serviremos mais.

Aquilo fez Belle sentir um arrepio de medo. Ela não havia pensado que uma daquelas coisas

pudesse acontecer com ela, mas talvez pudesse, sim.

- Mas o homem que me trouxe aqui disse que ela era uma boa mulher, e ela realmente me pareceu muito gentil - disse ela, confusa. - Como é possível que ela ganhe tanto dinheiro conosco e nos abandone se algo ruim ocorrer?

Hatty sorriu como se não conseguisse acreditar na ingenuidade de Belle.

- Ela é uma boa mulher, pelo menos em comparação com a maioria das madames desta cidade. Ela nos alimenta bem; se ficamos doentes, ela cuida de nós. Ela não exige que trabalhemos quando estamos menstruadas. E antes que você comece a reclamar, querida, precisa abrir os olhos e ver como as coisas são para algumas meninas desta cidade. Meu Deus! Algumas sequer se alimentam direito, são agredidas, seus bebês são retirados de seus braços.

Fiquei sabendo que uma madame, quando uma de suas principais meninas quis sair da casa e voltar a morar com os pais, providenciou uma tatuagem feita nas costas da mão da menina, na qual se lia "prostituta". Assim, ela não pôde voltar para casa. Quando você tiver um tempo, posso contar histórias de madames más que deixariam seus cabelos em pé.

- Mas eu preciso do dinheiro para voltar para a Inglaterra - disse Belle, apesar de ter se assustado com os relatos de Hatty. - Temo ficar aqui por anos a fio.

Hatty riu ao escutar aquilo.

- Querida, nenhuma de nós, nem mesmo as mais lindas, ficarão aqui por anos e anos, não neste canto da cidade, pelo menos - disse ela, dando um tapinha consolador na cabeça de Belle. - O melhor que você tem a fazer é fazer as pazes com Martha, provar seu valor aqui,

esperar e procurar um homem rico que possa torná-la sua amante, ou até mesmo que se case com você. Essa é a única maneira pela qual vi as meninas conseguirem sair desta vida, e é o que farei.

Belle pensou na conversa por alguns dias. A parte que mais chamou sua atenção foi a afirmação de que as flores não permanecem frescas por muito tempo; ela não havia pensado que havia um limite de tempo para seu trabalho. Mais do que tudo, ela se lembrou do que Etienne dissera a respeito de as meninas precisarem cuidar para que a madame sempre fosse boazinha. Sua mãe costumava reclamar de algumas meninas e, pensando bem, ela se lembrou que tais garotas sempre acabavam indo embora. Provavelmente não por vontade própria.

Ela não tinha dúvidas de que Martha estava irritada com sua atitude. Ela se virava quando

Belle entrava, e não conversara diretamente com ela.

Depois de tudo que Hatty dissera, Belle percebeu que não havia opção; era preciso pedir desculpa e deixar tudo bem de novo; caso contrário, ela poderia acabar sendo vendida a outra pessoa. Todo mundo nos Estados Unidos gostava de dizer que a escravidão era coisa do passado, mas apesar de os mercados de escravos em busca de trabalhadores rurais e empregados não mais existirem, ali em New Orleans eles continuavam existindo para as prostitutas, independentemente de serem brancas, negras ou mulatas.

Todo mundo aceitava essa condição. As meninas de Martha falavam sobre isso o tempo todo. No lado mais lucrativo do mercado, havia até benefícios para uma menina que tivesse mudado de mãos por uma grande quantia. Tal menina podia ter a certeza de que seria

tratada com cuidado, enquanto os homens pagassem caro para tê-la. Mas mais adiante, as meninas não tinham direitos; ninguém se importava com a maneira com que elas eram tratadas, muito menos a polícia. E Belle tinha certeza de que se uma menina tentasse falar sobre isso, provavelmente seria silenciada para sempre.

Então, Belle disse a si mesma que deveria estar feliz por fazer parte de uma casa amigável, e por ser considerada um bem precioso por ser jovem, bela e inglesa. Deveria fazer o trabalho, demonstrar verdadeiro entusiasmo e, assim, ela se manteria segura até encontrar um modo de sair dali.

Então, ela procurou Martha para se desculpar.

Belle percebeu que ela mal se lembrava de incidentes ocorridos uma semana antes, mas, ainda assim, conseguia se lembrar de tudo a

respeito daquele dia, dezesseis meses antes, quando foi ao encontro de Martha em sua sala.

Ela se vestiu para a ocasião com um vestido azul de babados que havia ganhado na França, porque ele lhe dava um ar inocente. Soltou os cabelos sobre os ombros, e passou apenas um pouco de rouge sob os olhos para parecer que ela estava chorando.

Era quase meio-dia e Martha estava sentada em sua poltrona, com o vestido largo cor de damasco, os cabelos cobertos por um lenço que combinava.

- O que foi, Belle? - perguntou ela de modo frio.

- Vim pedir o seu perdão - disse Belle, mantendo a cabeça baixa e retorcendo as mãos. - Sei que você está brava comigo por ter perguntado a respeito do dinheiro, e sei que

devo ter parecido ingrata, apesar de você ser muito generosa comigo.

- Não gosto de ser questionada por minhas meninas - respondeu Martha. - Esta casa é minha e é administrada de acordo com as minhas regras.

- Foi muito errado de minha parte questioná-la - disse Belle. - Mas eu não sabia como as coisas funcionavam, porque sou muito nova nisso. Eu não levei em conta os belos vestidos, roupas íntimas e sapatos que você comprou para mim, ou no preço que pagou para me trazer aqui. Já analisei tudo e vejo que fui muito, muito sortuda por ter vindo para a sua casa. Por favor, como posso consertar a situação?

- Você, querida, teve muita sorte por eu não tê-la vendido a outra casa imediatamente - disse Martha de modo ríspido. - Só não fiz isso porque você é muito jovem e não está

acostumada com os negócios. Dediquei tempo e atenção a você; ninguém nesta cidade teria feito isso.

- Eu sei, senhora - disse Belle de modo arrependido. - A senhora tem sido uma mãe para mim. Sinto muito.

- Então você promete que não vai mais se rebelar? - perguntou Martha.

- Oh, sim, prometo que farei o que puder para compensar tudo isso - disse Belle, e conseguiu chorar uma lágrima ou duas, apesar de preferir dizer à mulher o que realmente pensava a respeito do trabalho escravo. - Quero muito deixar tudo isso para trás e começar do zero.

- Venha aqui, querida. - Martha deu um tapinha no assento a seu lado para que Belle se aproximasse. - Fico feliz que tenha me procurado hoje. Isso mostra que você é, em

essência, a criatura doce que pensei que fosse. Vou ignorar seu erro dessa vez, acho que você ficou encantada ao ver que meus cavalheiros estavam muito interessados em você. Mas se você me questionar de novo, não serei tão boa quanto da primeira vez. Você irá embora daqui quando menos esperar. Fui clara?

- Sim, senhora - disse Belle, abaixando a cabeça e forçando mais lágrimas. - Prometo que nunca mais a desrespeitarei.

- Tudo bem, querida - disse Martha, dando um tapinha no joelho de Belle como se ela fosse uma criança. - E tire esse vestido, parece a roupa que uma professora velha usaria.

Belle se lembrava de ter saído do quarto de Martha naquele dia e corrido de volta para o próprio quarto, onde pôde sentir raiva, em particular, por ter se rebaixado apenas para ter um teto. Mas ela fez uma promessa a si

mesma de que continuaria com aquele jogo apenas até onde fosse adequado, e então sairia.

Belle não havia se deixado levar pelo charme sedutor de New Orleans. Tampouco havia percebido que a vida simples e cheia de luxo da casa de Martha a sugaria e a tornaria tão indolente quanto as outras meninas.

Martha voltou a ser a mulher calorosa e amigável que era antes da pequena discussão. Belle havia feito amizade com as outras meninas e à tarde elas saíam juntas, iam até a Jackson Square ou saíam para caminhar perto do rio Mississippi. Elas sempre tinham sobre o que falar e rir, pois no trabalho delas sempre aconteciam coisas divertidas, e ninguém o levava muito a sério. Belle recebia seus 2 dólares por noite, e ela economizava o máximo que conseguia toda semana.

Na maior parte do tempo, Belle se sentia muito contente com as meninas, como se fossem as irmãs mais velhas que ela nunca tivera. Com elas, aprendeu sobre os Estados Unidos, sobre moda e dicas de beleza, e a respeito dos homens, claro, pois eles sempre eram assunto nas conversas.

Belle também tinha um quarto grande, que apesar de ser quente no verão, era bonito, com rosas em forte tom rosado no papel de parede. Podia comer o que quisesse, e havia aprendido a gostar de jambalaia apimentado e outros pratos tipicamente *créoles*. Podia dormir a maior parte do dia, se quisesse, ou relaxar nas almofadas à sombra, no quintal dos fundos, lendo um livro. Não tinha que esfregar o chão, lavar roupa ou qualquer coisa além de se embelezar. Mas, de vez em quando, a raiva e o ressentimento surgiam dentro dela. Ela conseguia lidar com o trabalho; para ser sincera, ela gostava do que fazia. Preferia os

homens mais velhos aos mais jovens. Às vezes eles diziam que eram viúvos ou que as esposas não queriam mais dormir com eles. Apesar de ela saber que era provável que estivessem mentindo e só quisessem carne nova sem complicações, independentemente de falarem a verdade ou não, eles sempre eram educados, delicados e agradecidos. Ela normalmente ficava emocionada com o cuidado deles - algumas lágrimas, um abraço caloroso antes da partida, flores ou chocolates deixados para ela mais tarde faziam com que ela se sentisse especial e até amada.

Alguns dos homens mais jovens, por outro lado, faziam com que ela se sentisse suja. Eram grosseiros, indelicados e insensíveis ao que ela pensava. Normalmente, eles agiam como se ela devesse agradecer por eles a terem escolhido, e às vezes ela atendia um que dizia que ela não valia o dinheiro. Martha dizia que muitos homens faziam isso por se sentirem

diminuídos por terem que pagar por sexo, e que ela não deveria ver aquilo como algo pessoal. Mas era difícil não se ofender.

Em muito menos do que dois anos, ela havia aprendido o que era sexo e conhecera mais do que queria. Sabia agora que não havia dois pênis iguais; já tinha visto enormes, minúsculos, tortos e afetados por doenças, e todas as variações entre eles. Havia aprendido o truque de contrair seus músculos internos para aumentar o prazer dos homens e fazer com que atingissem o orgasmo mais rapidamente. Conseguia até fazer sexo oral e fingir estar adorando, quando, na verdade, sentia vontade de vomitar.

Alguns homens queriam fazer amor de verdade, outros queriam apenas se aliviar rapidamente. Alguns queriam acreditar que ela, de fato, era uma moça pura, enquanto outros queriam que ela agisse como uma mulher

vulgar. Ela havia desenvolvido a habilidade de saber o que eles queriam só de observar como eles a olhavam no salão. Ela passava de donzela a mulher vulgar com tanta rapidez que não sabia mais qual era a sua real personalidade.

Belle sabia que ela não era a mesma menina que havia saído da Inglaterra. Não tinha mais sonhos românticos, e passara a analisar tudo o que lhe era dito com um certo pessimismo. Desenvolvera um cinismo forte e sabia ser durona também, principalmente com aqueles homens que conseguiam chegar perto da menina que ela já tinha sido.

A Inglaterra e tudo o que ela amava ali pareciam uma lembrança distante, como um sonho. Seu aniversário de 17 anos passou sem qualquer alarde, e ela ainda não tinha escrito uma carta para enviar para a sua casa porque sabia que não havia nada o que dizer que faria

com que sua mãe e Mog se sentissem melhor a respeito de seu desaparecimento. Ela acreditava que seria melhor que pensassem que ela continuava em Nova york, como estivera quando enviou um cartão, e que estava tendo uma vida bem melhor do que poderia ter com elas.

Ainda assim, ela não deixava de ler o jornal em busca de notícias da Inglaterra. Infelizmente, os jornais norte-americanos só noticiavam algo da Inglaterra quando a história era realmente importante, como quando o Rei Edward morrera, no último mês de maio. Isso havia sido bem coberto, com fotos do velório, e Belle chorou ao ver uma foto da Abadia de Westminster e as Casas do Parlamento ao fundo e se lembrou de quando Jimmy a levara ali.

Mog devia estar ali, no meio da multidão, para ver. Apesar de não gostar de multidões, nada a impediria de ver uma procissão, e ela gostava

do Rei Edward. Às vezes apareciam algumas linhas também a respeito das sufragistas, a força propulsora delas na prisão ou as últimas notícias a respeito do que elas tinham feito pela causa. Aquilo também tinha sido

o suficiente para fazer Belle chorar, pois Mog sempre dizia que queria ter coragem para se unir a elas.

Mas foi a coroação de George V, em junho daquele ano, que fez com que Belle sentisse mais saudade de casa. Aquele era o tipo de história a respeito da Inglaterra que os norte-americanos gostavam, e todos os jornais e revistas eram repletos delas. Ela conseguia se lembrar de quando Edward VII havia sido coroado, a excitação, os tiros e bandeiras sendo erguidas. Mog a levou para ver a procissão em Whitehall e ela nunca se esqueceria da charrete dourada e de todas as pessoas gritando. Eles tinham feito uma festa na rua

naquele dia, alguém levou um piano para fora e a dança e a bebedeira havia durado grande parte da noite.

Quando esses sentimentos de saudade de casa tomavam conta dela, Belle tentava convencer a si mesma de que sua vida ali estava muito melhor do que na Inglaterra, mas a dívida com Martha não saía de sua mente. O bom senso e a noção monetária diziam que o dinheiro já tinha sido recuperado meses antes, e que Martha era uma bruxa gananciosa e mentirosa que a estava enganando.

Belle tinha dinheiro suficiente guardado para sair da cidade, apesar de não ser o bastante para voltar para a Inglaterra, mas diziam que Martha tinha espiões em todos os lados e que ficaria sabendo assim que uma de suas meninas comprasse uma passagem de trem, e então imediatamente enviaria alguém para a estação de trem para impedir a fugitiva de embarcar.

Belle dizia a si mesma de que aquela não passava de uma história inventada para assustar as meninas, mas, ao mesmo tempo, tinha medo de se arriscar, pois sabia que se fosse pega, Martha se vingaria. Ela a venderia no mesmo dia e não seria para outra casa na Basin Street, mas, sim, para um local a diversos quarteirões dali, onde ela poderia atender quarenta ou cinquenta homens ao longo de um dia. E as pessoas que administravam tais lugares observavam tudo de perto e batiam nas meninas se elas saíssem da linha.

A gravidez era outra preocupação. Até aquele momento, as esponjas e duchas de Martha a haviam protegido, e também às outras meninas da casa, mas Belle sabia que em outras casas, as meninas não tinham a mesma sorte. Se engravidassem, podiam marcar uma consulta com Mammy Lou, uma mulher mestiça que conseguia tirar bebês indesejados, ou podiam ter o bebê e tentar a sorte de a madame permitir

que elas permanecessem na casa. Belle sabia que Martha nunca concordaria que suas meninas mantivessem bebês ali. Havia bordéis nas ruas de trás onde diversos bebês e crianças pequenas viviam em um quarto no andar de cima, mas Belle havia tomado conhecimento de que elas recebiam doses de "Quietude", um remédio preparado pelo Dr. Godfrey, contendo láudano, e quando ficavam maiores, eram tiradas dali. Mesmo em Londres, Belle escutara falar de crianças que eram mandadas embora com mulheres que trabalhavam cuidando de crianças. Não recebiam carinho e amor com elas, e na maior parte das vezes não eram bem alimentadas, e diziam que a mesma coisa acontecia nos Estados Unidos.

Mas, por enquanto, Belle sentia que precisava se concentrar em agradar Martha, porque ainda tinha a impressão de que a mulher não gostava dela. Não havia nada plausível que confirmasse isso, apenas o olhar mais duro e as

palavras mais diretas, mas as outras meninas costumavam contar histórias a respeito de como Martha tinha se vingado, no passado, de outras meninas que a haviam irritado, de alguma maneira.

Belle não achava fácil calar-se, como faziam as outras. Procurava evitar que Martha a flagrasse lendo o jornal ou um livro, imaginando que isso fosse algo que a diferenciasse das outras, e ela procurava não expressar suas opiniões. Mas Belle não tinha nascido para ser submissa, e ela não conseguia fazer papel de tola para agradar a uma mulher que comprava e vendia seres humanos.

Assim, para Belle, a ideia de Hatty, a respeito de encontrar um homem que a quisesse como amante era a única maneira de sair daquela vida. Ela não queria um marido; não seria certo casar-se sabendo que pretendia fugir da cidade. Mas um homem casado com uma

amante já estava sendo infiel, por isso ele também merecia ser traído.

Todas as noites, Belle relacionava em seu diário todos os cavalheiros que atendia, e posteriormente pensava em cada um deles e fazia mais anotações: o que ela achava dele, como ele era, a frequência com que ia à casa de Martha, e se ela era sua favorita. Havia muitos homens que iam à casa de Martha constantemente e sempre pediam para subir ao quarto com Belle. Ela separava aqueles de que mais gostava e aqueles que lhe davam presentes e, por fim, aqueles que ela acreditava serem ricos o bastante para poder sustentar uma amante.

Sobraram apenas dois homens: Faldo Reiss, um texano jovial que tinha um emprego importante na estrada de ferro, e o capitão Evan Hunter, dono de diversos barcos que partiam de New Orleans. Faldo tinha 50 e poucos anos,

tinha uma esposa e quatro filhos adultos em Houston. Evan era um pouco mais jovem, com cerca de 47 anos - ele nunca dissera ter esposa nem filhos, mas vivia em Baton Rouge.

Belle precisava se certificar de que os dois homens tinham negócios reais em New Orleans, ou se eles saíam de onde moravam apenas para irem à casa de Martha para vê-la.

Era frustrante o fato de Martha não incentivar nenhum homem a permanecer por mais de meia hora nos quartos das meninas. Isso porque ela conseguia ganhar muito mais dinheiro com uma sucessão de homens do que se um ficasse por várias horas, ou mesmo a noite toda. Meia hora era a duração adequada para o sexo, mas não sobrava tempo para conversar. As meninas tinham mais tempo no salão, mas as outras meninas e Martha estavam sempre em alerta, por isso Belle não podia manter uma conversa íntima com ninguém ali.

Em uma noite de sexta-feira, no fim de julho, a chuva caiu com tanta intensidade que os bueiros da rua não conseguiram escoar a água com rapidez e, assim, a Basin Street ficou parecendo um rio. As meninas diziam se tratar de um furacão, mas elas sempre falavam sobre furacões e sobre como eram assustadores, com telhados sendo arrancados das casas e árvores sendo arrancadas do chão. Martha concordou que podia se tratar de um furacão, apesar de estarem a um mês da época de tais fenômenos, mas ela disse que as meninas estavam exagerando e que em todos os anos desde sua chegada a New Orleans, ela só havia visto um telhado sendo arrancado.

Belle já tinha visto uma chuva forte como aquela dezenas de vezes na Inglaterra, mas sempre fazia frio naquele país. A chuva em Paris parecia um banho quente, e ela não se surpreendeu ao ver pessoas ainda na rua, apesar de estarem se encharcando. Mas a

chuva estava mantendo os cavalheiros longe dali. Às nove da noite, apenas dois tinham entrado, o Professor tocava o piano, e as meninas estavam tão entediadas que discutiam umas com as outras.

Anna-Maria, que Belle descobrira havia pelo menos um ano, que era extremamente maldosa, perguntou a Suzanne por que esta havia escolhido um vestido verde, que a deixava parecida com um salgueiro. Aquilo não era verdade: Suzanne tinha cabelos loiros e brilhosos, e a cor verde combinava com ela.

- Não tenho a intenção de ser desagradável - resmungou Anna-Maria. - Só acho que alguém precisava dizer isso a você.

- Alguém deveria dizer que você é uma vaca mentirosa - respondeu Suzanne, que ficou em pé e olhou para a outra de modo ameaçador. -

Você está com inveja de mim porque aquele banqueiro rico quis ficar comigo ontem.

- Ele não vai mais querer subir com você, agora que sabe como você é suja - retrucou Anna-Maria, levantando-se da cadeira que ocupava. - Sei que você não se lava entre um cliente e outro, você fede como uma cadela de rua.

Suzanne partiu para cima da outra menina com as unhas como garras em seu rosto. Belle não gostava muito de Anna-Maria, e acreditava que ela merecia ficar com o rosto arranhado por ter sido tão má com Suzanne, mas Martha costumava por a culpa em quem atacasse primeiro. Assim, Belle se levantou e colocou-se diante de Anna-Maria.

- Já chega - disse com a voz firme, como ouvia Mog se dirigir às meninas. - Anna-Maria! Você vai pedir desculpas a Suzanne, o que você disse foi horrível e está longe de ser verdade.

Hatty, Polly e Betty começaram a dar opiniões. Betty disse que Anna-Maria merecia uma surra por sempre estar aprontando das suas.

- Cuidado, pois posso atacar você também - Anna-Maria gritou com Betty, tentando passar por Belle. - Você também tem inveja de mim.

O Professor começou a tocar mais alto, e naquele momento a porta do salão se abriu e Martha apareceu, com o queixo duplo tremendo de raiva.

- O que é isto? - perguntou, olhando para todas as meninas.

Ninguém respondeu. Elas tinham um acordo não expressado de não dedurar umas às outras.

- Acredito que tenha sido você, Belle - disse Martha. - Posso ver, pelas suas atitudes, que você intimidou Anna-Maria.

- Não fiz isso - disse Belle, consciente de que estava em pé bem na frente da outra menina, e talvez isso parecesse intimidação aos olhos de alguém que tivesse acabado de chegar. - Diga a ela, Anna-Maria.

- Ela estava, sim, estava me ameaçando - disse Anna-Maria.

Ao mentir, ela havia acabado de quebrar o código de silêncio, e todas as outras meninas começaram a gritar o que havia acontecido de fato. Todas ainda gritavam e criticavam Anna-Maria quando, de repente, Cissie levantou a voz acima do barulho para dizer que um cavalheiro havia chamado.

Era Faldo Reiss, o texano, mas apesar de normalmente estar sempre muito bem vestido com terno risca-de-giz cinza e camisa branca, naquela noite, encharcado, ele estava ridículo na porta do salão.

As meninas se calaram imediatamente. Belle sentiu vontade de rir, pois com as roupas molhadas grudadas no corpo, e a barriga protuberante, além do bigode pingando água da chuva, ele parecia um leão-marinho.

- Que bom vê-lo, Sr. Reiss - disse Martha. - As meninas estavam apenas debatendo sobre algo. O senhor parece praticamente afogado, pobre homem. Cissie pegará seu casaco e seu chapéu e, por favor, entre e beba alguma coisa.

Belle ficou em pé rapidamente e se aproximou de Faldo, sorrindo para dar-lhe boas vindas.

- Muito bom recebê-lo, Sr. Reiss. Espero que não esteja correndo o risco de pegar uma pneumonia apenas para me ver.

- Eu correria qualquer risco para poder vê-la - disse ele de modo galanteador, pegando o

copo de uísque que Cissie ofereceu a ele e virando o líquido de uma vez.

- Podemos secar as roupas dele? - Belle virou-se para Martha para perguntar.

Martha estremeceu, como se tentasse desfazer a tensão causada alguns minutos antes.

- Sim, Belle, isso seria gentil de nossa parte. O senhor gostaria de subir com Belle, Sr. Reiss, ou veio à procura de outra menina?

Belle sentiu que Martha queria que ele escolhesse outra menina. Mas Faldo sorriu e disse que queria Belle.

Ao saírem da sala, Belle não resistiu e sorriu para Anna-Maria.

No quarto, Belle pediu a Faldo que tirasse suas roupas. Disse que as entregaria a Cissie para

que ela as secasse perto do fogão da cozinha. - Mas saiba que elas não estarão secas em menos de meia hora - disse ela, quando começou a tirá-las.

- Pagarei o suficiente para passar a noite - disse ele, muito bem-disposto. - Tudo bem?

- Terei que consultar a Madame - disse Belle, desviando o olhar com recato. Ela não queria que ele permanecesse a noite toda; ele era um homem grande e pensar que ele poderia querer fazer várias vezes não era muito animador, mas, por outro lado, ela queria uma oportunidade de conhecê-lo melhor.

Ela levou as roupas e os sapatos dele para o andar debaixo e os entregou a Cissie.

Martha ainda estava na sala e quando Belle entrou, ela sentiu a tensão e imaginou que ela estivesse repreendendo as meninas. Belle

perguntou se podia conversar com ela em particular. Quando Martha saiu da sala, ela explicou a situação e perguntou quanto custaria para Faldo ficar a noite toda.

- Quinhentos dólares - disse Martha de modo sucinto. Intuitivamente, Belle sabia que aquele era um preço muito mais alto do que o normalmente cobrado, principalmente em uma situação daquela, com o tempo tão ruim a ponto de estragar a noite dos negócios. Mas ela teve a impressão de que Martha havia dado um preço tão alto esperando que Faldo se recusasse a pagar, e, assim, Belle ficaria sem graça diante de todas as meninas e dela.

- Não sei se ele gosta tanto assim de mim - disse Belle com um sorrisinho. - Posso perguntar.

Quando subiu a escada, com o vestido de cetim balançado, sentiu que Martha a observava, e

também sentiu sua animosidade. Belle sentiu-se mal, mas não sabia o que fazer a esse respeito.

Faldo estava na cama quando ela voltou ao quarto. Ele tinha um peito grande, flácido e branco, e os cabelos, que ele havia secado com a toalha, estavam arrepiados e ele parecia um porco-espinho.

- Acho que o senhor não vai querer passar a noite, pois ela disse que serão 500 dólares - disse Belle de modo discreto.

Ele riu.

- Acho esse valor uma barganha para poder ficar com você - disse ele. - Pegue a minha carteira sobre a mesa, querida. Darei 20 a mais para podermos tomar uma garrafa de champanhe.

Quando Belle voltou para o quarto poucos minutos depois, com a champanhe em um balde com gelo e duas taças, mal conseguia conter sua alegria. Martha ficou surpresa quando Belle entregou o dinheiro a ela, dividida pelo susto por ter se enganado a respeito de Faldo e pelo prazer por receber tanto dinheiro em uma noite ruim.

Mas o prazer de Belle não se devia à cara de Martha, mas, sim, à reação de Faldo. Ele queria ficar com ela e havia pedido champanhe, o que significava que ele considerava aquela uma ocasião especial. Ela estava determinada a corresponder à expectativa.

Um pouco mais tarde, sentada ao lado dele na cama, bebendo champanhe e rindo, Belle se lembrou do que Etienne dissera a respeito de amar um pouco seus clientes. Fisicamente, Faldo não era muito atraente; na verdade, era muito esquisito. Tinha a cabeça pequena e em

formato ovalado, totalmente fora de proporção com sua estrutura grande. Os olhos pareciam botões pretos e o nariz era grande demais, e com a barriga flácida, mas braços e pernas magros, ele era realmente muito estranho. Mas, apesar disso, ele era um homem gentil e bem-humorado, que sempre a tratara bem. Não parecia ter nenhum dos outros fetiches irritantes que outros homens tinham, e sorria com os olhos e com a boca.

Mas agora que ele parecia não ter pressa para tocá-la, ela estava vendo outro lado dele. Era bom ficar deitada conversando; nunca tivera a chance de fazer isso com outros homens. Ele contou a ela que precisava andar muito de trem para ver se os passageiros nos vagões estavam sendo bem tratados, para ver se os trens não se atrasavam e para verificar se as estações estavam sendo bem cuidadas. Mas ele também estava envolvido na tomada de decisões a respeito de novas linhas, negociava os

acordos envolvendo terrenos e também sobre a construção e compra de hotéis e outras propriedades próximas das estações.

Ele tinha a capacidade de tornar coisas comuns interessantes, mas quando começou a falar sobre diferentes partes dos Estados Unidos, da natureza e do Red Indians, mostrou-se fascinado.

- É a terra de Deus - disse ele com fervor. - Amplas planícies, enormes florestas, rios grandes e de fluxo forte e montanhas tão lindas que dão um nó na garganta.

Depois, ele quis saber sobre a Inglaterra, e apesar de Belle ter feito o melhor que pôde para descrever Londres de um modo que ele conseguisse imaginá-la, sentiu vergonha por saber tão pouco sobre sua cidade-natal. Ela sentiu vontade de perguntar a ele a respeito de sua esposa e filhos, mas sentiu que ele não

ficaria feliz com tais perguntas. Então, ela decidiu contar como tinha sido tirada da rua e levada àquela casa.

Ele mostrou-se pensativo enquanto ela contava a história, e quando terminou, ele segurou sua mão e a apertou.

- São homens como eu que tornam este mercado lucrativo - disse ele com tristeza. - Nós vemos apenas a excitação, a cor e a emoção dos bordéis. Não paramos para pensar sobre como as meninas chegam aqui. Sinto-me envergonhado agora.

Ela apertou a mão dele e se aconchegou mais perto dele.

- Não se sinta envergonhado. Você é um bom homem. Não há meninas indispostas nesta casa. Mesmo que eu não tivesse sido forçada a esta vida, talvez ainda assim tivesse chegado a

ela. Não foi você que me prendeu, nem um dos homens que me estupraram em Paris. Gosto de ficar com você. Gosto muito de você.

Ele se virou para ela e acariciou seu rosto.

- Gosto de você também, Belle. Você é a menina mais linda que já vi, com seus cachos escuros e os olhos vivos. Você faz com que eu me sinta jovem de novo.

Depois de beberem toda a champanhe, Faldo segurou-a em seus braços como ela acreditava que um marido ou um amante fariam, e procurou dar prazer a ela, em vez de esperar que ela o satisfizesse. O sexo com seus clientes sempre terminava depressa e era bem parecido, independentemente da pessoa. Faldo também tinha sido como todos os outros; não havia nada que o diferenciasse, além do fato de não ter sido agressivo, de não ter dito coisas chulas e de não ter sido desagradável de

nenhuma outra maneira. Mas ele estava diferente naquela noite, mais lento, sensível e carinhoso. Não era como Serge, mas era agradável.

Belle olhou para o relógio na cabeceira em determinado momento e ficou surpresa ao ver que já se passava da meia-noite, mas eles tinham entrado no quarto um pouco depois das nove. Mas ele estava indo devagar, querendo fazer tudo durar mais e pela primeira vez Belle não tentou apressar as coisas; estava gostando, de verdade.

O dia nascia pelas bordas das cortinas quando ela acordou nos braços dele, e o corpo dele, que ela considerara tão flácido na noite anterior, agora estava quente, macio e confortável. E ela se espreguiçou ao longo daquele corpo como uma gata, passando as pernas por cima das dele. Ela pensou que as coisas deviam ser

assim para as pessoas casadas, uma satisfação confortável.

Ele fez amor com ela mais uma vez um pouco mais tarde, e foi ainda mais doce do que na noite anterior. Ela até permitiu que ele a beijasse, pois sentiu que precisava oferecer a ele tudo o que tinha.

Mas cerca de oito e meia da manhã, ele olhou em seu relógio de bolso e suspirou.

- Preciso ir, minha florzinha. Tenho uma reunião às dez e ainda preciso ir ao barbeiro para fazer a barba, voltar para o meu hotel e trocar de camisa.

- Foi ótimo - disse ela, abraçando-o com força. - Gostaria que fosse sempre assim. - À meia-luz do quarto com as cortinas fechadas, ele não parecia velho nem feio, apenas um homem

gentil que a fizera se sentir feliz e bem consigo mesma.

- Você é muito boa no que faz - ele riu baixinho. - Por um momento, quase acreditei que você estivesse sendo sincera!

Belle sentou-se de repente e olhou para ele.

- Mas eu estava sendo sincera. De verdade!

Ele sorriu e se aproximou para beijar seu mamilo. Apenas aquele toque suave fez com que ela sentisse uma onda de prazer e ela o puxou para mais perto.

- Preciso ir - disse ele com relutância depois de alguns minutos. - Você pode pegar as minhas roupas?

Cerca de dez minutos mais tarde, ele estava vestido com as roupas secas e passadas. Cissie

havia até engraxado seus sapatos. Ele colocou as mãos na cintura de Belle, sorrindo ao ver sua camisola vermelha de cetim e renda.

- Podemos repetir a dose, querida? - perguntou ele.

- Ficaria ofendida se você não quisesse - respondeu ela, erguendo o queixo para poder beijá-lo. - Mas me sinto mal por ter pagado todo aquele dinheiro à Madame.

Ele se inclinou para beijá-la. - Você vale, querida - disse sorrindo. - Mas agora, preciso ir.

Belle voltou para a cama depois que ele se foi. Não tinha certeza de como se sentia. Sentia-se satisfeita por ter se aproximado de Faldo, talvez ele a quisesse como amante a partir de então, e ela tinha certeza de que ele poderia pagar o que Martha pedisse para liberá-la. Mas

também se sentiu triste por estar planejando enganar um homem tão bom.

- Não pense nisso - ela disse a si mesma com repreensão. - Sua missão é cuidar de si mesma e voltar para a Inglaterra. Faldo vai conseguir o que quer também.

- Como foi passar a noite toda com ele? - perguntou Hatty mais tarde naquele mesmo dia. Todas as meninas estavam na cozinha mergulhando biscoito no café. - Ele deve ter muito dinheiro para pagar tanto.

Hatty era uma moça grande e voluptuosa com cabelos castanhos na altura dos ombros, olhos verdes e um coração muito generoso. Era com ela que Belle se abria e mantinha amizade. Ela havia sido criada em um orfanato em São Francisco e fugido quando um dos administradores tentou abusar dela. Ela havia sido forçada a se prostituir por um casal que fingiu ser seu

amigo, e foram essas pessoas que a venderam a Martha, juntamente com Suzanne.

- Ou ele está apaixonado por Belle? - perguntou Betty com um sorriso amplo.

- Acho que tem mais que ver com o fato de ele não querer vestir as roupas molhadas - Belle riu.

Ela percebeu que Anna-Maria estava em-burrada, por isso julgou ser melhor manter para si o que pensava sobre Faldo por enquanto.

- Pensei que o dia não fosse amanhecer - disse ela, para garantir.

As meninas conversaram um pouco a respeito de homens que pediam para passar a noite. Belle achava que a maioria dos homens se afastava quando escutavam o preço. Pelo que

ela percebera, sem parecer muito interessada, Hatty tinha sido a única outra entre elas a passar uma noite toda com um cliente.

- Você deveria contar seus truques para nós, querida - Anna-Maria disse a Belle. A menina sorria, a voz era doce, mas Belle sentia o veneno escondido. - Você os conseguiu em Paris? Conte!

- Não há truque. Como eu disse, ele não queria vestir as roupas molhadas - repetiu Belle. - Aposto que quando ele vir a carteira vazia, nunca mais voltará.

Na semana seguinte, Faldo não saiu da cabeça de Belle. Ela não pensava nele de modo apaixonado, mas, sim, como uma possibilidade de sair dali e dar alguns passos em direção à Inglaterra. Mas, enquanto isso, juntamente com a pressão existente entre ela e Martha, havia outra entre ela e Anna-Maria também.

Esta olhava para Belle de modo estranho, e geralmente parava de falar quando Belle se aproximava.

Belle sabia que Anna-Maria era a menina preferida da casa antes de sua chegada e, dentro de semanas, Belle havia tomado seu lugar, e entendia que tal situação era muito ruim; sabia que também sentiria ciúme se Martha trouxesse uma menina nova para tomar seu lugar.

A beleza de Anna-Maria era do tipo intenso: pele morena, olhos escuros, quase pretos, e cabelos encaracolados e também escuros, e um temperamento forte para combinar. Ela não se irritava apenas com a popularidade de Belle com os cavalheiros, mas também se ressentia pelo fato de as outras meninas terem se aproximado da garota e de geralmente ficarem do lado dela.

As brigas eram comuns em Londres, e raramente um dia se passava sem algum tipo de conflito. Belle se lembrava de Mog dizendo que as meninas podiam ser mortais como serpentes quando sentiam inveja, por isso ela tomou o cuidado de não piorar as coisas com Anna-Maria ainda mais.

Dez dias se passaram e então Faldo apareceu de novo, e chegou com uma bela caixa repleta de doces para Belle. Ela era decorada com rosas de veludo, e era tão linda que deixou a menina emocionada.

- Posso ficar a noite toda de novo? - perguntou antes mesmo de eles tomarem uma bebida.

- Tem certeza de que quer gastar tanto? - sussurrou ela, para que as outras não a escutassem. Felizmente, a sala estava cheia e o Professor tocava bem alto.

- Claro que sim! - disse ele. - Eu me arriscaria nadando com os jacarés do pântano para ficar com você.

Belle riu, mas disse que ele precisava conversar com Martha. Havia tantos cavalheiros ali aquela noite, que ela teve certeza de que Martha diria não. Surpreendentemente, a madame concordou, mas Belle não sabia quanto havia no bolo de notas que Faldo entregou a ela.

Mais uma vez, ele pediu champanhe e Cissie os acompanhou até o andar de cima.

Dentro do quarto, Belle beijou Faldo na boca e começou a retirar as roupas dele.

- Você não pode continuar fazendo isso - disse ela. - É loucura.

- Uma loucura muito boa, querida - ele riu, envolvendo-a pela cintura e beijando-a de novo. - Não pensei em mais nada, só em você, desde a última vez. Tem sido uma tortura imaginá-la com outros homens.

Ela segurou o rosto dele e o observou com carinho.

- Não posso fazer nada em relação a isso, Faldo. Tenho desejado vê-lo de novo também.

Ele a virou e começou a desabotoar seu vestido, beijando suas costas enquanto empurrava o vestido para baixo.

- Você é tão linda - disse ele. - Tão pequena e perfeita e estou sendo um velho tolo por me apaixonar por você.

Belle saiu de perto do vestido e se virou para ele de novo.

- Também estou me apaixonando por você - disse ela, e não se sentiu mal por dizer aquilo, pois parecia a verdade.

Ele a possuiu com muita intensidade antes mesmo de se despirem totalmente, e Belle reagiu com vontade também. Mais tarde, sentados na cama, bebendo champanhe, com os barulhos e a música do Distrito entrando pelas janelas abertas, Faldo suspirou profundamente.

- Parece que você carrega todas as preocupações do mundo nas costas - disse ela.

- Só tenho uma preocupação: você - disse ele. - O que você diria se eu pedisse para você abandonar tudo isto e ficar comigo?

Belle sentiu seu coração acelerar. Não esperava que tal proposta acontecesse tão rapidamente.

- Quem me dera - disse ela. - Mas estou presa por um contrato com Martha. - Ela explicou a situação e disse não saber quanto ela ainda devia.

- Entendo - respondeu ele, irritado com Martha. - Vou cuidar disso, não tenha medo.

- Mas Faldo, ela não permitirá que eu vá com facilidade - disse Belle, e o abraçou, pois de repente pensou que Martha não havia construído uma das casas mais bem-sucedidas no Distrito sendo boazinha, honesta e importando-se com o futuro de suas meninas.

- Tenho influência - disse ele para acalmá-la. - Não nos preocupemos com Martha.

Na manhã seguinte, Faldo levantou-se e vestiu-se. Belle permaneceu na cama, mas ficou um pouco preocupada ao ver a expressão dele.

- O que foi? - perguntou ela. Faldo se sentou na beira da cama e olhou para ela.

- Já pensei em tudo - respondeu ele. - Você deve agir como se nada estivesse acontecendo entre nós, não diga nada a ninguém.

Belle assentiu. Ela temeu que ele tivesse desistido da ideia de levá-la.

- Encontrarei um lugar para nós dois - disse ele. - Será em New Orleans, porque é aqui onde sempre venho, mas posso encontrar um local distante do Distrito. Quando tudo estiver resolvido, voltarei uma noite para avisá-la. Na tarde do dia seguinte, você pode fingir que vai sair para passear, mas pegará um táxi para me encontrar. Quando você estiver fora daqui, resolverei tudo com Martha.

Belle percebeu, pela expressão dele, que Faldo havia planejado tudo e que estava falando sério. Ela o abraçou e agradeceu.

- Você compreende que passará muito tempo sozinha? - perguntou ele, alertando-a. - E não poderá voltar ao Distrito para ver suas amigas. Precisa ser um rompimento definitivo.

- Não me importo com isso - disse ela. - Só quero ficar com você.

Capítulo 21

- Não adianta, Jimmy, temos que aceitar que nunca encontraremos a Belle - disse Noah. - Muito tempo se passou, as coisas mudaram e não temos ideias a respeito do que fazer. Não posso mais continuar, por mais que gostaria de poder.

Era um dia quente e sem vento em setembro, e os dois jovens estavam sentados no quintal dos fundos do Ram's Head no começo da noite. O verão estava sendo intenso e seco, e Mog havia se esforçado para deixar o quintal mais atraente. Ela havia convencido Garth a se livrar de todas as caixas velhas e outras quinquilharias que estavam ali fora e havia plantado gerânios em garrafas e pintado um banco velho e uma pequena mesa de branco. Durante semanas, aquele vinha sendo um refúgio muito apreciado da movimentação e do calor do pub.

A seca e o calor prolongados estavam causando problemas em toda a Londres. As pessoas estavam incomodadas, não conseguiam dormir, as bebidas esquentavam, os alimentos estragavam muito depressa, as ruas estavam cheias de poeira e mesmo as folhas das árvores caíam prematuramente. Na noite anterior, Garth havia comentado que não sabia se devia fechar o pub por uma semana para que ele, Jimmy e Mog pudessem escapar dali para passar um tempo na praia.

Mas a resposta de Jimmy foi de que seu tio e Mog podiam ir, mas ele ficaria ali, para o caso de alguma notícia de Belle surgir. Garth dissera nunca ter conhecido ninguém tão teimoso e determinado, a ponto de ainda esperar novidades depois de um ano e meio do desaparecimento.

Noah já tinha voltado três vezes a Paris com James, tentando desesperadamente encontrar

o convento sobre o qual a menina do bordel havia falado. Ele acreditava ter telefonado para todos os conventos de Paris, mais de quarenta no total, mas ainda assim não havia conseguido encontrar um que admitisse ter qualquer relação com a Madame Sondheim. Muitos conventos serviam de hospitais e eles diziam ter tido muitas pacientes que eram prostitutas, mulheres que tinham sido atacadas e aquelas que haviam sido levadas com complicações no parto. Mas eles afirmavam a Noah e James que as meninas não eram inglesas e nenhuma delas afirmava ter sido forçada a trabalhar como prostituta.

Noah não acreditava que as freiras com quem havia conversado permitiriam a exploração de jovens. Elas tinham sido muito sinceras, ficaram horrorizadas por saber que qualquer pessoa desconfiava de qualquer pessoa em uma ordem religiosa de tentar esconder tal crime.

Assim, ele sentiu que as pessoas por trás desse esquema de tráfico de meninas provavelmente chamavam o local que usavam de convento para não levantar suspeitas, e que o lugar era apenas uma casa onde as meninas eram mantidas até poderem ser mandadas para outro lugar. Mas sem uma única pista a respeito da localização do recinto, ele sabia que não tinha esperança de encontrá-lo.

Jimmy continuava procurando com a mesma vontade. Ele havia invadido os escritórios de Kent e Colm de novo para conferir a papelada e checar metade da população de Seven Dials na esperança de que alguém soubesse de alguma coisa. Um ano antes ele *havia* encontrado algo, e era onde Charles Braithwaite, conhecido pelo nome de Sly, vivia.

Jimmy só sabia que o homem vivia em Aylesford, em Kent, e foi até lá para descobrir coisas sobre ele. ficou sabendo que

Braithwaite havia sido criado para acreditar ser um cavalheiro, e desde então herdara a fazenda na qual passava a maior parte de seu tempo em Londres.

Com Garth dando apoio a ele, Jimmy telefonou para a fazenda com a intenção de forçar Braithwaite a dar a eles algumas informações, mas descobriram apenas Tad Connor, o administrador do local. Ele disse que Braithwaite havia desaparecido cerca de três meses antes, e não tinha qualquer notícia dele nem havia recebido nada desde então. Connor pare-cia um homem honesto e decente preso na armadilha de ser incapaz de partir porque tinha uma esposa e três filhos para sustentar e sua casa ainda precisava ser paga. Disse que estava sobrevivendo vendendo produtos agrícolas, e que se Braithwaite não chegasse logo, ele venderia algumas vacas no mercado.

Jimmy perguntou se ele se lembrava de Braithwaite ter levado uma menina para lá em janeiro. Tad se lembrava de seu empregador e um amigo terem chegado tarde, certa noite, e partido no outro dia de manhã, e foi o único momento em janeiro que eles estiveram ali. Disse que se havia uma garota com eles, ele não a viu. Mas disse que meninas já tinham ido para lá no passado. Não se lembrava de datas, e só vira as meninas a distância, por isso não conseguia descrever nenhuma delas, mas lembrava de ter pensado que Braithwaite e seu amigo não deviam estar aprontando boa coisa, pois Connor não podia entrar na casa durante esse período.

Como Jimmy se lembrava de Colm e Kent dizendo que Sly havia se amedrontado, sugeriu a Connor que talvez ele devesse denunciar o desaparecimento de seu empregador à polícia. Connor não acreditava ser preciso, mas disse

que pensaria no assunto se não tivesse nenhuma novidade em um mês.

Depois de Jimmy e Garth voltarem de Aylesford, Noah havia dito a Jimmy que não acreditava que eles podiam fazer mais alguma coisa para encontrar Belle. Naquele momento, Noah pensou que Jimmy concordava. Mas ao vê-lo agora, parecia que ele nunca desistiria.

- Você se saiu muito bem com a história no jornal a respeito de todas as meninas desaparecidas - disse Jimmy com tristeza. - Pensei que isso fosse fazer a polícia se mexer. Mas eles não fizeram nada.

Noah esticou o braço e despenteou os cabelos do rapaz com afeição. Sua matéria naquele mesmo ano a respeito das meninas desaparecidas tinha sido uma tentativa de conseguir um pouco de atitude e justiça. Apesar de não fazer qualquer diferença para a polícia, que

ainda dizia que tinham feito todo o possível, o jornal recebia centenas de cartas de pessoas de todas as partes da Inglaterra. A história realmente chamava a atenção, pois juntamente com toda a solidariedade oferecida aos pais das meninas desaparecidas, algumas das cartas eram de pessoas que também tinham uma filha que havia sumido. Algumas eram de pessoas que davam conselhos, mas isso não ajudava muito, na maior parte do tempo. E poucas cartas eram daqueles que pensavam conhecer os culpados; Noah entregou esses nomes para a polícia investigar.

A ironia em escrever aquela matéria era que apesar de não ajudar Belle, Noah começou a fazer um trabalho muito mais jornalístico, todas as boas investigações que conseguia realizar.

- A polícia realmente fez muita coisa - disse ele a Jimmy. - Eles interrogaram Kent e Colm,

e acho que tentaram culpá-los. Mas aqueles dois são experientes e não houve qualquer evidência clara que os relacionasse às meninas desaparecidas. Nem mesmo a afirmação de Annie a respeito de Kent ter matado Millie não se sustenta, Mog não estava ali naquela noite para confirmar. Só existem boatos, que vieram de uma menina que agora está desesperada. Se Annie tivesse dito a verdade à polícia na noite em que aquilo aconteceu, as coisas seriam diferentes agora.

- Não há mais nada que possamos fazer? - perguntou Jimmy.

- Uma de nossas esperanças é que uma das meninas desaparecidas apareça e nos conte onde esteve e quem a raptou.

- Se ao menos pudesse ser Belle - disse Jimmy, com a voz embargada. Noah conhecia Jimmy havia mais de um ano e meio, e nesse tempo

ele havia completado 18 e 19 anos. Mas somente agora ele percebia as mudanças físicas no rapaz. Ele havia crescido pelo menos sete centímetros, os músculos de seus ombros e braços esticavam o tecido de sua camisa e estava com a barba por fazer. Ele havia demonstrado maturidade por ter feito tudo o que estava a seu alcance para encontrar Belle e trabalhava com tanto afinco para o tio, que agora estava parecendo um homem e, apesar de não ter uma beleza clássica, com os cabelos ruivos e as sardinhas, tinha um rosto bonito e forte.

- Você deveria sair para conhecer garotas - disse Noah com simpatia. - Você conheceu Belle por um período muito curto. Mesmo que ela volte um dia, é improvável que vocês tenham algo em comum.

Jimmy olhou diretamente para ele, com os olhos ardendo, sinal para que nada mais fosse

dito a respeito daquele assunto. - Vou encontrá-la, Noah - disse ele com convicção. - Talvez ela não me queira quando eu a encontrar, e aceitarei isso. Conheci algumas garotas desde que ela se foi, mas elas não representaram nada para mim, não como Belle representa.

Em seguida, ele disse que tinha algumas tarefas a cumprir e saiu pelo portão do quintal dos fundos, e Noah voltou ao pub. Garth ainda não havia aberto o bar, e estava sentado à mesa da cozinha fumando seu cachimbo, e Mog estava sentada de frente para ele, costurando um par de meias. Noah havia observado que os dois sempre estavam juntos, e Mog era uma boa influência para Garth, pois ele estava bem menos intenso do que antes.

- Quer beber alguma coisa, chá ou cerveja? - perguntou Mog.

Noah recusou e disse que era melhor ir para casa, pois levaria uma moça ao salão de música na King's Cross mais tarde.

- Jimmy deveria estar fazendo coisas assim também - disse Mog.

Noah tinha a mesma opinião, mas ficou um pouco surpreso ao ver que Mog pensava isso também.

- Não faça essa cara! - exclamou ela. - Ele tem 19 anos, já era hora de ter uma namorada.

- Ela tem razão - disse Garth. - Não é bom para ele sofrer por Belle o tempo todo.

- Eu acabei de dizer algo parecido a ele - admitiu Noah. - Mas o fato de todos nós querermos isso para ele não quer dizer que é o que fará.

- Talvez eu faça com que ele se sinta pior - disse Mog. - Afinal, eu falo sobre Belle, não consigo evitar. Não compreendo Annie. Ela nunca vem aqui para saber se há novidades, nem mesmo para me ver. E quando fui lá mês passado, a empregada me disse que ela não estava. Sei que era mentira.

Noah tinha ido visitar Annie duas vezes e ficou muito surpreso ao ver a recepção fria dela. A casa onde ela estava recebendo pessoas era bonita, e tinha o tipo de hóspedes que ficariam horrorizados se descobrissem que a locatária já tinha administrado um bordel, mas ela não podia achar que Mog ou ele diriam qualquer coisa que a colocasse em uma situação difícil.

- Ela sempre foi fria - disse Garth. - Dizem que ela chantageou a Condessa para que esta deixasse sua casa a ela.

- Isso é fofoca maldosa e mentirosa - disse Mog. - A Condessa gostava dela e Annie cuidou dela até o fim como se fosse sua mãe.

- Então por que ela não demonstra mais carinho com a própria filha? - perguntou Garth. - Parece que você é a mãe de Belle, Mog. O que aconteceu?

Noah interrompeu os dois erguendo a mão.

- Eu sei que Annie foi forçada a fazer aquele trabalho. Não deve ser fácil amar um filho que nasce desse jeito.

Mog estava mordendo o lábio, como se tivesse algo a dizer, mas não se atrevesse.

- Diga, Mog - disse Noah. - Estou vendo que você sabe de alguma coisa.

- Foi culpa minha - sussurrou ela. - Assim que Belle nasceu, eu a segurei nos braços e fiz tudo por ela. Nunca deixei Annie ajudar. Ela era a melhor garota da Condessa, e eu disse que ela deveria voltar o mais rápido possível para evitar que outra tomasse seu lugar. - Mog começou a chorar, e enormes lágrimas rolaram por seu rosto. - Se eu não tivesse feito isso, acho que as coisas poderiam ter sido diferentes. Esse é meu castigo. Peguei a bebê de Annie há muitos anos, por isso agora, eu tenho que sofrer a dor por perdê-la - disse ela chorando.

Para a surpresa de Noah, Garth se levantou da cadeira e deu a volta na mesa para confortar Mog, e quando ele se curvou sobre ela, seu rosto normalmente sério estava repleto de ternura, e de repente Noah notou que Garth havia se apaixonado por ela.

- Não é culpa de ninguém, Mog - disse Noah olhando para trás enquanto caminhava em direção à porta dos fundos. - Você tem sido uma boa amiga e uma boa mãe substituta para Belle. Mas está na hora de fazer a sua vida e parece que você encontrou o homem certo para isso.

Noah sorriu ao chegar ao quintal dos fundos. Ele torcia para que Mog e Garth percebessem que aquele era um novo começo para os dois.

- Não chore, Mog - disse Garth sem jeito. Ele não se sentia à vontade perto de mulheres chorosas. - Noah está certo, nada é sua culpa, você é uma boa mulher.

- O que ele quis dizer com a última coisa que falou antes de sair? - perguntou ela, secando os olhos no avental e olhando para ele. Garth sentiu a mesma ansiedade que costumava tomar conta dele quando estava com Mog. Ele

achava seu rosto muito meigo, adorava vê-la mordendo o lábio quando ficava nervosa, e a delicadeza de seus olhos acinzentados. Ele sabia que precisava falar naquele momento ou talvez nunca conseguisse.

- A respeito do homem certo? Bem, acho que ele sabe que eu gosto de você, Mog - disse ele.

Ela arregalou os olhos e levou a mão diante dos lábios.

- De mim?

- Sim, por você, quem mais? - perguntou ele, com a voz rouca porque fazia muito tempo que ele não tentava conquistar uma mulher, e ela não parecia muito conquistada. - Mas talvez você não sinta a mesma coisa. Se for o caso, é só dizer e não falarei mais nada.

- Oh, Garth - disse ela delicadamente, com o lábio inferior tremendo como se fosse chorar de novo. - Sinto a mesma coisa, sim, mas pensei que não fosse correspondida.

Percebendo que aquela conversa poderia ir e voltar sem qualquer resolução, Garth se abaixou, segurou as mãos dela e a abraçou, beijando-a.

Ela estava com o cheiro das maçãs que havia fatiado um pouco antes para fazer uma torta, e também cheirava a sabonete e água de lavanda. Ele a envolveu com força, levantando-a do chão enquanto a beijava, e ele sentiu o coração acelerar porque percebeu, pelo modo com que seus lábios se entreabriam, que ela se sentia da mesma maneira que ele.

- Acho que já está mais do que na hora de eu abrir o bar - murmurou Garth enquanto ainda abraçava Mog, um pouco mais tarde. Ele havia

se sentado em uma cadeira da cozinha e a havia colocado no colo para beijá-la diversas vezes. Ele não sabia muito bem como se comportar a partir de então. Namorar era coisa de gente jovem, mas ele sentia que Mog poderia se assustar se ele tentasse algo depressa demais com ela. Além disso, eles tinham que pensar em Jimmy. Ele não podia simplesmente levar Mog para a sua cama sem deixar as coisas claras com o rapaz primeiro.

Mas ele tinha a impressão de que Jimmy pensaria que o casamento seria a única maneira certa de fazer as coisas, e talvez estivesse certo.

- Nunca pensei que isso fosse acontecer comigo - disse Mog, corando. - Mas precisamos pensar nos sentimentos de Jimmy; não podemos permitir que ele entre e nos flagre assim.

Garth achou incrível o fato de ela estar pensando na mesma coisa que ele. - Nunca pensei que seria meu sobrinho que me faria casar de novo - disse ele.

Mog ficou tensa em seu colo e começou a morder o lábio de novo, e Garth percebeu que a frase não havia saído como ele pretendera.

- Quero dizer que não posso dar um mau exemplo a ele - disse, e percebendo que mais uma vez não tinha sido bem-sucedido, corou. - O que quero dizer de verdade é que eu quero me casar com você, Mog. Quer ser minha esposa?

Ela riu naquele momento, uma emoção forte que fez seu riso parecer água caindo sobre pedras.

- É o que mais quero, Sr. Franklin - disse ela. - E precisamos andar depressa se não quisermos dar um mau exemplo a Jimmy.

Noah ainda sorria pensando em Mog e Garth ao subir a Tottenham Road em direção a sua casa. Em sua opinião, eles formavam um casal perfeito, e ele tinha certeza de que Jimmy poderia parar de pensar tanto em Belle se eles decidissem se casar.

Mas como costumava acontecer quando ele pensava em Belle, passou a pensar em todas as outras meninas desaparecidas e se lembrou do que um dos policiais na Bow Street havia dito a ele.

"Sabemos que isso não para, que meninas são atraídas para a França ou para a Bélgica para se tornarem prostitutas. E meninas que são trazidas para cá para o mesmo propósito. Encontramos duas meninas francesas em uma casa velha em Stepney, uma casa que invadimos há alguns meses. Elas se encontravam em um estado deplorável, magras como gravetos, sujas e viciadas em ópio. Quando elas tomaram

banho e encontramos alguém para conversar com elas em francês, descobrimos que elas acreditavam que estavam vindo para a Inglaterra para serem governantas de senhoras ricas. Aparentemente, as duas tinham sido entrevistadas na mesma casa em Paris, pela mesma mulher, que disse que elas iriam à Inglaterra com ela por um ano. As duas foram violentadas por 'cavalheiros' em uma casa grande, onde eram observadas de perto para que não escapassem. Então, poucos meses depois, elas foram levadas a diversos outros lugares, um sempre pior do que o outro, até chegarem a Stepney e nós as encontrarmos."

O policial dissera que todos os anos, cerca de 300 a 400 moças desapareciam, e desse número, apenas 150 voltavam a ser vistas. Ele disse que muitas provavelmente estavam com homens com quem tinham fugido, algumas podiam ter sido assassinadas e ele acreditava que o resto estava em bordéis de algum lugar. Ele

também disse que a maioria já não poderia ser recuperada, mesmo que soubessem de seu paradeiro, porque as meninas já estariam viciadas em drogas ou doentes. Em pouco tempo, elas seriam novos corpos dentro de um necrotério.

- Talvez eu devesse ir para Paris de novo, para tentar subornar Cosette - murmurou Noah a si mesmo, sem conseguir imaginar meninas jovens em um necrotério.

Capítulo 22

Belle sentiu enjoo de tanto medo enquanto descia a escada para sair da casa de Martha para sempre. Eram duas da tarde de um dia muito quente e seco, sem nenhuma brisa.

Na noite anterior, Faldo havia ido à casa de Martha para dizer que havia encontrado um lugar para eles. Pagou por um curto período, apenas o suficiente para entregar a ela o endereço e instruí-la a respeito do que fazer, deixando-a muito ansiosa. Aquela sensação não a havia abandonado; ela passou a noite acordada pensando se aquilo era o mais certo a se fazer. Parecia que ela estava depositando toda a sua confiança nas mãos de uma pessoa sobre a qual ela sabia muito pouco.

Mas era tarde demais para mudar de ideia agora, e como Faldo havia pedido, ela estava levando apenas uma pequena bolsa, onde

guardava nada além de suas economias, a escova de cabelos e alguns laços enrolados. Usava o vestido azul por baixo do verde que havia recebido em Paris e, por baixo deles, tinha dois conjuntos de anáguas, roupas íntimas e camisolas. Sentia muito calor com tantas roupas, mas não havia conseguido deixar todos os seus pertences para trás como Faldo dissera ser preciso.

Tudo que Martha havia dado a ela ficou no quarto, e ela esperava que as meninas fossem capazes de dividir as peças de joias e outros pertences ali deixados.

Martha estava vindo da cozinha no momento em que Belle chegou ao fim da escada.

- Está muito quente lá fora - disse ela olhando de modo curioso para Belle, como se notasse que ela estava mais rechonchuda do que o

normal. - As outras meninas estão todas no quintal dos fundos bebendo limonada.

Belle sentiu o estômago revirar. Tinha certeza de que Martha havia descoberto o que ela estava planejando. - Quero sair para caminhar - disse ela. - É fácil ficar preguiçosa quando o tempo esquenta assim.

- Bem, não exagere - disse Martha. - Nunca entendi direito por que os ingleses gostam tanto de se exercitar.

Martha vinha fazendo comentários sutis a respeito dos ingleses já havia algum tempo. Belle tinha a sensação de que ela estava tentando fazer com que ela retrucasse. Certamente, ela não tinha qualquer intenção de morder a isca naquele momento, por isso sorriu docemente.

- Acredito que vou me arrepender do passeio assim que atravessar a linha do trem - disse

ela. - E então voltarei para beber um copo de limonada gelada.

Martha saiu da sala naquele momento, e Belle foi para a porta da frente. Estava chateada por não poder se despedir das meninas, afinal, à exceção de Anna-Maria, ela havia se afeiçoado a todas as outras e sentia-se grata pela companhia, pelos conselhos e pela amizade. Ela sentiria falta delas pelas risadas, pelas conversas agradáveis e porque a presença delas a havia ajudado quando ela sentira medo, solidão e saudade de casa.

Belle caminhou rapidamente para atravessar os trilhos de trem no French Quarter, e então seguiu em ziguezague, olhando para trás de vez em quando para ter certeza de que Martha não havia mandado Cissie nem qualquer outra pessoa para espiá-la. Por fim, quando teve certeza de que não estava sendo seguida, chamou um táxi para levá-la pela Canal Street.

Belle raramente saía do French Quarter e do Distrito, por isso não fazia ideia de como era a região do centro da cidade. O táxi parecia ter atravessado um longo caminho pela Canal Street antes de parar. Mas ela viu a placa para a North Carrollton Avenue e se sentiu aliviada, pois aquela era a rua certa. Mas quando o táxi parou na frente de uma das muitas casas "Shot-gun" ("tiro"), ela ficou chocada e decepcionada.

Belle sabia que aquele estilo de casa de madeira de um único andar era muito comum em todo o sul dos Estados Unidos, pois eram baratas de construir. Com pouco menos do que quatro metros de largura, com os cômodos le-vando de um a outro sem corredor, não havia espaço per-dido, e, ainda recebiam o vento fresco no verão. Elas eram chamadas de "Shot-gun" porque com uma porta na frente e outra no fundo, um tiro podia atravessar a casa.

Não havia nada de errado com uma casa como aquela; ela sabia que milhões de pessoas ficariam felizes com uma moradia como aquela. Mas ela imaginava que Faldo conseguiria para eles uma das belas casas *créoles*, como aquelas de French Quarter, com varandas de ferro forjado e belas cortinas. Ela não esperava uma casa comum de pessoa pobre.

Não havia nem mesmo um jardim na frente. Todas as casas da rua eram erguidas em pilares de tijolos com degraus de madeira até a porta da frente, e o teto levemente caído criava uma pequena varanda.

Faldo saiu pela porta da frente e desceu os degraus quando Belle estava saindo do táxi. Ele a recebeu com um sorriso caloroso, pagou o taxista e então segurou o braço dela para ajudá-la a subir os degraus.

- Espero que não tenha tido problemas com Martha - disse ele. - Eu estava preocupado com você.

- Não. Ela conversou comigo quando eu estava saindo, mas eu disse que ia apenas passear. Pensei que ela havia notado como estou gorda. Estou usando dois vestidos e morrendo de calor. - Belle riu com nervosismo. Sentia-se aliviada por ter escapado de Martha sem problemas, mas de repente sentiu medo do que a aguardava a partir de então. Faldo abriu a porta de tela que impedia a entrada de insetos e fez um gesto para que ela entrasse antes. A primeira impressão que ela teve foi de que a sala era maior do que pensara e que o teto alto a tornava mais ampla, mas tinha pouca mobília, apenas duas poltronas de veludo vermelho e uma pequena mesa perto da janela. A iluminação era feita a gás, e havia uma lareira, mas com o tempo tão quente, ela não

conseguia imaginar New Orleans sendo fria o suficiente para acender uma lareira.

- Consegui comprar apenas alguns móveis essenciais hoje de manhã - disse Faldo. - Mas imaginei que você gostaria de escolher o resto sozinha.

Belle não sabia o que dizer. O local parecia muito vazio e pouco convidativo, muito diferente do conforto da casa de Martha. Ela sabia que moraria ali sozinha a maior parte do tempo e ao pensar nisso, sentiu medo.

- Posso ver o resto? - perguntou ela, tentando recompor-se e ficou feliz por estar dando os primeiros passos em direção à liberdade.

- Só um quarto e uma cozinha - disse ele, levando-a pela porta para dentro do quarto. A cama que ele havia comprado era uma bela de latão e sobre ela havia roupa de cama nova,

travesseiros e uma colcha. - Eu deixei para você arrumar, as mulheres são muito melhores nisso.

Também havia uma penteadeira de madeira escura com três espelhos ovais, e um banquinho perto dela. Belle admirou aquele móvel e a cama, e então abraçou Faldo, porque temia que ele tivesse percebido sua reação ao local.

- Sei que você é muito jovem para ter aprendido a cuidar de uma casa, querida - disse ele, beijando seu pescoço. - Mas vou ajudá-la em tudo o que puder, e uma moça esperta como você poderá aprender com revistas e livros.

O terceiro e último cômodo era a cozinha. Ali, havia um fogão a gás, uma pia, estantes na parede com louças de barro e panelas, e uma pequena mesa polida com duas cadeiras no centro. Faldo abriu um armário que tinha um

tipo de metal em sua extensão, com uma pedra de gelo dentro de um quadrado no fundo.

- Aqui é onde você deixará o leite, a manteiga e a carne para mantê-los frios - explicou ele. - Um homem virá vender as coisas a você todas as semanas. Você só precisa ir até ele com o prato quando ele tocar a campainha.

Belle já tinha visto o gelo sendo levado para a casa de Martha, mas não pensou que pessoas comuns tivessem acesso àquilo também, e ficou um pouco mais animada.

- Mas sinto em dizer que o banheiro fica do lado de fora - disse ele, preocupado, temendo que ela se ofendesse.

- Tudo bem - disse ela, apesar de sentir uma certa decepção. Ele encheu a chaleira para fazer um pouco de café para eles. Ele também

tinha comprado uma caixa de mantimentos e ao ver um bolo de nozes por cima, Belle se levantou para guardar tudo.

- Você sabe cozinhar? - perguntou ele ao colocar pó de café dentro de uma jarra.

- Um pouco - disse ela. - Costumava ajudar Mog a cozinhar em casa. Mas nunca preparei uma refeição toda sozinha.

- Se souber ler, vai aprender a cozinhar - disse ele, sorrindo. - Pelo menos, era isso o que minha mãe costumava dizer. Talvez você devesse ir a uma livraria para comprar um livro de receitas.

- É uma boa ideia - disse ela, tentando parecer entusiasmada e feliz, apesar de não se sentir daquele modo.

Eles tomaram café e comeram bolo de nozes, e então Faldo disse que pretendia dar a ela 10 dólares em trocos por semana. Belle ficou muito assustada por ser tão pouco - ela não conseguiria chegar muito longe com aquele dinheiro, mas ele não percebeu sua expressão de decepção. - Mas abri duas contas para você - continuou ele. - Uma fica no mercado Frendlar's, na Canal Street. A outra é na Alderson's, uma loja que vende de tudo, desde meias, tecidos, até mesas e cadeiras. Nessas duas lojas, você vai conseguir encontrar tudo de que precisa para tornar esta casa um lar; apenas pendure a conta em meu nome. Você deverá assinar as notas como Senhorita Anne Talbot, e se alguém perguntar, você deve dizer que sou seu guardião. Você está de acordo?

Belle imaginou que precisaria de um nome falso para o caso de Martha tentar encontrá-la.

- Você tem sido muito gentil - disse ela. - Espero que nunca se arrependa disto.

Ele sorriu e estendeu o braço para acariciar o rosto dela. - Não teria por que eu me arrepender, você é um prazer. Mas estou preocupado com a possibilidade de você se sentir sozinha e entediada. Virei sempre que puder, mas sei que não é a mesma coisa de ter amigos ou familiares por perto.

- Ficarei bem. Sei ler, posso costurar e aprender a cozinhar - disse ela com mais coragem do que de fato sentia. - Mas o que devo dizer sobre mim mesma aos vizinhos?

Faldo franziu o cenho.

- Acho melhor você se manter distante deles - disse ele. - Mas se ocorrer de você ter que conversar com eles, não deve contar que veio do Distrito. Você pode dizer que sou seu guardião

e que você veio para cá porque seus pais, na Inglaterra, morreram. Se eles ficarem curiosos querendo saber por que você não está vivendo com minha família, pode dizer que gosta de ser independente. Mas será mais seguro se evitar dizer qualquer coisa, assim, Martha não saberá onde você está.

- Quando você vai conversar com ela? - perguntou Belle.

- Não vou, querida - disse ele, e, ao ver sua surpresa. Explicou: - Ela é uma mulher difícil, vai pedir uma quantia enorme por você e poderá fazer maldades se eu me recusar a pagar o que pede. Assim, devo aparecer por lá uma noite dessas e perguntar sobre você, e assim passarei por inocente a respeito de seu desaparecimento. Mas, acho que você vai entender, que não deve se aproximar do Distrito nem do French Quarter.

Belle assentiu, mas sentiu-se triste por ele não estar preparado para pagar para libertá-la.

- Claro, eu não iria até lá, de qualquer forma - disse ela.

- Bem, vamos? - perguntou ele, segurando sua mão e levando-a ao quarto. Ele tirou toda a roupa de cama dali e a colocou no chão. - Terá que ser rápida, porque tenho uma reunião de negócios mais tarde.

Algum tempo depois, Belle escutou a tela da porta da frente sendo fechada e Faldo descendo os degraus, e então deitou-se no colchão e começou a chorar.

Sentia-se mais como uma prostituta agora do que quando morava na casa de Martha. Ele havia feito com que ela tirasse todas as suas roupas e simplesmente cumpriu o ato sem

qualquer carinho nem beijos e foi embora apressado.

Ela não esperava nada daquilo. Estava sozinha em uma parte da cidade que não conhecia e que percebia ser perigosa. Não tinha um banheiro nem um lavatório dentro de casa. Faldo daria menos dinheiro do que ela recebia na casa de Martha e se esta descobrisse que sua principal menina ainda estava na cidade, provavelmente mandaria alguém ensinar uma lição a ela por ter fugido.

Mas o que fez Belle se sentir mais triste foi o fato de ter sido tola o bastante para pensar que poderia fazer tudo a seu jeito, porque Faldo a amava. Esta talvez fosse uma expectativa não razoável; afinal, ela não o amava e havia se voltado a ele apenas por desespero. Mas ainda doía pensar que ele só queria uma menina bonita sempre à disposição para o sexo

e um lugar para ficar sempre que estivesse em New Orleans.

Ele também era esperto. Permitir que ela comprasse coisas e colocasse tudo em uma conta no nome dele fazia com que ele parecesse muito generoso, mas a verdade era que ele não queria dar a ela dinheiro para comprar comida e itens para a casa porque temia que ela fugisse com a quantia.

Ela tinha apenas um pouco mais do que 100 dólares guardados. Apesar de parecer muito, ela não fazia ideia se conseguiria chegar a Nova york, muito menos de volta para a Inglaterra. Belle chorou por tanto tempo que não percebeu que estava escurecendo. Precisava se recompor para vestir a camisola, fechar as cortinas e acender o gás. Sentiu cheiro de comida ali perto, mas a rua era muito mais silenciosa do que no Distrito. Ainda que não

gostasse de mais nada na casa, aquele era um ponto positivo.

- Você se apressou - disse ela ao entrar na cozinha para esquentar água. - Deveria tê-lo conhecido melhor ou observado outros homens antes de decidir quem escolher. Mas agora, já está feito, não há como voltar atrás, por isso precisa fazer o melhor que conseguir.

Dias depois de sair da casa de Martha, Belle descobriu que o tédio e a solidão eram seus maiores inimigos. Lidou com o primeiro limpando, cozinhando, caminhando, lendo e costurando, mas não havia nada que acabasse com sua solidão.

Quase todos os dias ela desejava estar com as meninas na cozinha de Martha, durante os cafés da manhã longos e divertidos, quando ficava de camisola com o cabelo despenteado, e todas falavam ao mesmo tempo a respeito da

noite anterior e riam quando uma delas descrevia uma experiência particularmente esquisita. Depois, vinham as tardes preguiçosas, que ela passava caminhando pelo French Quarter ou deitada no quintal dos fundos, conversando e bebendo refrescos. Ela daria qualquer coisa até mesmo para escutar a campainha tocando, ainda que isso significasse que um cavalheiro chegava e de repente todas tinham que expor sorrisos sedutores e se prepararem para o que viria em seguida.

No Distrito, era quase impossível descer a rua sem ser parada por alguém que quisesse conversar. Os músicos de rua sempre flertavam com as meninas, e normalmente tocavam músicas especialmente para elas - ela já tinha perdido a conta do número de vezes em que havia parado para escutar e rir enquanto flertavam com ela. Ela podia comprar um sorvete ou uma fatia de melancia de alguma barraquinha e a vendedora sempre contava alguma

fofoca. Os donos de lojas eram todos muito simpáticos e a cumprimentavam com sorrisos; não havia mau humor - ninguém se considerava superior a ninguém. No Distrito, existia a sensação de que todos eram iguais e estavam no mesmo barco, muito parecida com a atmosfera em Seven Dials.

Mas, até aquele momento, nenhuma pessoa da rua havia conversado com ela, nem mesmo sorrido. Ela duvidava que isso se devia ao fato de ela ser uma mulher reservada - ela não via ninguém conversando com ninguém. Imaginou que as coisas deviam ser assim em "áreas respeitáveis". As pessoas eram discretas com medo de alguma coisa. Ela não sabia se era medo de envolvimento ou apenas uma atitude esnobe. Mas, independentemente do motivo, ela não gostava daquilo.

Às vezes, se sentia tão sozinha que chorava até adormecer. O silêncio a sufocava e fazia com

que se sentisse ameaçada. Havia chovido muito forte duas noites também, uma chuva tão pesada que batia no telhado de latão com muita força, e ela tremia de medo. Passou a sair para longas caminhadas, e a cada vez ia mais e mais longe para demorar para voltar para casa e, assim, ficava muito cansada para poder dormir quando voltasse.

Faldo a visitava uma vez por semana, mas era sempre em dias diferentes. A princípio, ela pensava que aquilo se devia ao fato de ele não ter uma rotina e nunca saber por quanto tempo ficaria em um lugar, mas depois, ela passou a desconfiar de que ele só fazia isso para poder ter a certeza de que ela não estava na companhia de mais alguém.

Em sua primeira visita depois da mudança, ele chegou com uma caixa de uma loja chique de lingerie. Ele havia comprado para ela uma camisola de seda vermelha com um robe

combinando, além de elegantes chinelos de couro vermelho decorados com detalhes pretos. Ele foi adorável naquela noite, muito carinhoso, elogiando-a porque a casa estava bonita e mostrando-se preocupado por ela estar sozinha. Ela pensou que as coisas sempre seriam daquela maneira. Planejava preparar refeições especiais para ele, arrumando a mesa com flores e velas, e que às vezes eles sairiam para ir a um restaurante ou ao teatro. Ela até imaginava que um dia ele sugeriria uma viagem de férias.

Mas quando ele apareceu de novo, estava frio e distante e ela não conseguia entender o motivo. Ela não estava feia; todas as noites, ela tomava banho, cuidava dos cabelos e vestia uma lingerie nova, para o caso de ele chegar. Por ela fazer tudo o que podia para agradá-lo, foi doloroso ver que ele não retribuía com carinho. Mas naquela noite, ela o perdoou, por imaginar que ele tivera um dia péssimo.

No entanto, as coisas passaram a ser desse jeito. Nunca conseguia relaxar totalmente à noite, porque ele podia chegar a qualquer momento. Se até as dez ele não chegasse, ela sabia que não mais chegaria, então tirava a bela lingerie, vestia a camisola e ia para a cama. E nas noites em que chegava, ele não conversava, não perguntava como havia sido seu dia nem falava sobre o dele. Apenas a levava para a cama e fazia o que queria fazer, e então dormia.

No dia seguinte, ela conseguia se convencer que mesmo que Faldo não estivesse sendo carinhoso, ela se encontrava em uma situação muito melhor do que aquela vivida na casa de Martha. Ela era uma cortesã, não uma prostituta; também tinha uma casa confortável, pois havia ido à loja Alderson's e escolhido peças de mobília, tapetes, quadros e decorações e colocado tudo na conta de Faldo. Tinha alimentos suficientes e podia fazer o que quisesse

durante o dia. Mas nas noites em que ele estava presente, ela ficava acordada até muito depois de ele ter adormecido, pensando que ele havia conversado ainda menos do que na primeira vez em que estivera com ela na casa de Martha, e ela se sentia terrivelmente usada e magoada.

Pensava em Mog, em sua mãe e em Jimmy, e era como entrar em um túnel escuro que levava ao desespero, como ela sabia muito bem. Sempre pensava em escrever para eles pedindo ajuda para voltar para casa, mas não suportaria ter de contar o que havia acontecido de fato.

Certa tarde, cerca de quatro semanas depois de ela se mudar para a North Carrollton Avenue, uma pequena loja de chapéus a dois quarteirões de sua casa lhe chamou a atenção. Ela saía todos os dias, escolhendo caminhos diferentes todas as vezes para conhecer mais a

cidade e seus diferentes bairros. Mas, por algum motivo, ainda não tinha seguido pelo caminho da loja, apesar de ela não ser longe de sua casa.

Belle esperou uma carroça cheia de mercadorias passar, e então atravessou a rua para chegar à loja de chapéus. A vitrine era linda, e ela ficou ali, observando por um tempo. Tinha um tema outonal com um galho de árvore e folhas douradas e vermelhas feitas de papel, caídas ao chão. Diversos chapéus estavam pendurados na árvore; um vermelho moderno, com uma faixa dourada na aba e penas marrons, outro verde-musgo com aba larga e um véu, uma boina de veludo marrom e uma cloche dourada muito bonita, decorada com contas amarelas.

Desde que saíra da Inglaterra, nunca mais havia pegado um lápis para desenhar chapéus como fazia em casa. Na verdade, à exceção de ter dito a Etienne que seu sonho era ter uma

loja de chapéus, nunca mais tinha pensado no assunto.

Mas naquele momento, olhando para dentro da loja pela vitrine, tudo voltou a sua mente. Nos fundos da loja, havia um banco, e uma mulher muito pequena com cabelos brancos, estava em pé arrumando um chapéu preto em uma prateleira. Parecia estar prendendo um véu nele.

Havia dezenas de chapéus à exposição por toda a loja, e Belle acreditava que precisava entrar para ver melhor. Ao abrir a porta da loja, uma campainha tocou, com o mesmo som da loja de doces próxima de sua casa em Seven Dials.

- Como posso ajudá-la, senhora? - perguntou a idosa, parando o que fazia. Ela devia ter pelo menos 60 anos, o rosto era muito marcado por rugas e era um pouco corcunda. Mas, apesar de seu vestido preto comum com a gola e as

bordas da manga de renda cor de creme, ela tinha olhos claros e um sorriso caloroso.

- Só queria ver mais de perto - disse Belle. - Adoro chapéus e sua vitrine está linda.

- Obrigada, querida - respondeu a senhora. - E você também é inglesa. Sempre tive a opinião de que as mulheres inglesas têm muito bom gosto.

Belle conversou com ela a respeito dos chapéus por um momento e então, como a senhora parecia feliz por ter companhia, ela admitiu que já tinha sonhado em se tornar chapeleira e abrir uma loja.

- Que interessante - disse a senhora. - Nunca conheci ninguém que quisesse aprender a fazer chapéus. A maioria das pessoas pensa que eu os compro prontos. Elas não sabem que é uma

arte fazer o molde e, depois, costurar e decorar.

Belle estava preparada para elogiar e agradar a senhora para poder permanecer na loja e sentir-se um pouco menos sozinha por um tempo. Admitiu não ter dinheiro para comprar um chapéu, mas experimentou alguns deles e ficou encantada ao ver como eles eram muito benfeitos.

- É bom vê-los sendo usados por alguém tão jovem e bela como você - disse a senhora. - Sou a Senhorita Frank, e estava prestes a preparar uma xícara de café. Você aceita uma?

- Sou Belle Cooper e adoraria tomar um café - respondeu. Apenas depois de dizer seu nome ela se lembrou que deveria ter dito Anne Talbot. Não podia voltar atrás no nome, mas decidiu não divulgar mais nada.

- Sempre quis ir à Inglaterra - disse a Senhorita Frank, ao abrir a porta dos fundos da loja, revelando uma pequena cozinha. - Acho que nunca poderei ir, já que estou ficando cada vez mais velha. Mas eu adoraria ter visto o Rei Edward e seu palácio. E também há aquela torre onde costumavam decepar cabeças de reis e rainhas.

- O Rei Edward morreu no ano passado, e o Rei George foi coroado - disse Belle. - Já fui à Torre de Londres uma vez, é um local com aparência assustadora. Há guardas com uniformes vermelhos e dourados guardando o local, chamados Beefeaters. Mas ninguém mais tem a cabeça arrancada nos dias de hoje.

- Fico feliz em saber disso - a Senhorita Frank riu. - Cortar a cabeça das pessoas não seria bom para o meu negócio.

Belle riu, a primeira vez em que ria de verdade desde que saíra da casa de Martha.

- Gosto de vê-la rindo - disse a Senhorita Frank. - Vi você observando a vitrine, com uma carinha de triste e distante. Está com saudade de casa?

Belle assentiu. Preferiu não falar nada porque o assunto deixava seus olhos marejados.

- Você está aqui com parentes? - A Senhorita Frank olhou para ela por cima dos óculos enquanto colocava colheradas de pó de café dentro de um recipiente.

Belle assentiu e então, ao ver uma forma com formato de cabeça na cozinha, perguntou se servia para fazer os chapéus, apenas para mudar o foco da conversa.

- Sim, claro. Eu encho a parte de baixo com água e ponho para ferver, como uma chaleira. Coloco o feltro ou a lona em cima e o vapor molda a parte de cima. A parte grande de cima se chama bloco; tenho muitos diferentes para todos os tipos de abas e cabeças. Mostrarei a você como faço depois de tomarmos nosso café, se quiser ver, claro.

Belle permaneceu na loja durante quase uma hora, e a Senhorita Frank mostrou a ela todos os tipos de coisas relacionadas à chapelaria. Expôs gavetas repletas de laços e tranças, caixas com flores artificiais e penas. Era tudo muito fascinante e Belle admitiu que desenhava chapéus o tempo todo, na Inglaterra.

- Se quiser desenhar alguns modelos de novo, eu adoraria vê-los - disse a senhora. - Tenho feito isso há tantos anos que digo que estou um pouco estagnada. A Angelica's, a loja de trajes na Royal Street, no Quarter, compra meus

chapéus, e ela disse, da última vez em que a vi, que queria alguns modelos mais alegres. Para ser honesta, Belle, não entendi muito bem o que ela quis dizer com isso.

Belle sorriu.

- Recentemente, vi uma revista com a moda atual de Paris - disse ela. - Os chapéus que as modelos estão usando são menores, apenas um pouco maiores do que uma flor. Vi um que mais parecia um ninho pequeno, com um passarinho fofo e pequeno espiando. Acho que foi isso que ela quis dizer com "mais alegres".

A Senhorita Frank balançou a cabeça como se não conseguisse imaginar ninguém usando um chapéu como aquele.

- Talvez eu esteja ficando velha. Na minha juventude, a moda eram as boinas delicadas, os chapéus de palha com um belo laço ou talvez

uma borda florida. Então, no outono e no inverno, havia os chapéus de feltro, de pele, se estivesse muito frio. Era previsível o que as moças comprariam todas as estações. As coisas não são mais assim.

Belle foi para casa um pouco mais tarde, mas naquela noite não conseguiu pensar em nada além de chapéus. Pegou um papel e uma caneta e começou a desenhar freneticamente, mas, de certa forma, nenhum dos rascunhos estava bom.

Três dias depois, após passar quase todos os momentos livres desenhando, ela foi visitar a Senhorita Frank de novo.

- Não consigo fazer nada direito - admitiu ela à senhora. - Acho que porque, primeiro, preciso aprender a fazer um chapéu.

A Senhorita Frank apenas observou Belle por um momento sem nada dizer.

- Não posso pagar uma assistente, a menos que as vendas aumentem - disse ela. - Mas se quiser aprender a arte da chapelaria, vou ensinar a você.

- A senhora faria isso? - perguntou Belle, sem acreditar. - É o que mais quero.

Desde a primeira manhã em que Belle chegou à pequena loja da Senhorita Frank, e recebeu a tarefa de passar o feltro em um bloco, sentiu que a esperança estava de volta. A chapelaria era uma profissão digna; quando dominasse a arte, poderia encontrar um bom emprego. Mas mesmo que isso fosse algo para um futuro distante, de repente, ela passou a ter um motivo para se levantar de manhã, um propósito para todos os dias que não fosse apenas esperar pelo retorno de Faldo.

Ela aprendeu depressa. A Senhorita Frank disse que ela tinha dedos ágeis e jeito para a coisa. E a senhora era uma boa professora, tão disposta a ensinar o que sabia quanto Belle estava para aprender. Mas havia riscos ligados a sua nova função de aprendiz. A Senhorita Frank era curiosa, assim como as clientes que frequentavam a loja há anos. Elas queriam saber por que Belle havia ido para os Estados Unidos, como e quando, onde ela vivia e como se mantinha. Mesmo quando não faziam perguntas, seus olhos observavam, e Belle imaginava que quando ela não estava presente, elas questionavam a Senhorita Frank.

Mentir não era algo fácil para Belle. Ela havia dito à Senhorita Frank que estava ali morando com seu guardião, pois sua mãe viúva havia falecido. Mas como a esposa e os filhos dele não queriam que ela morasse com eles, o guardião encontrara uma acomodação alternativa para ela. Não parecia muito plausível, nem mesmo

para ela mesma, que um guardião permitisse que uma menina jovem como ela vivesse em uma cidade desconhecida. Mas a Senhorita Frank pareceu acreditar; ela desaprovava a situação e disse que não estava certo, mas sua reação deixava Belle ainda pior. Ela queria muito poder dizer a verdade, tirar o peso daquela história de cima de suas costas. Mas por mais que a Senhorita Frank fosse gentil, ela não era uma mulher da vida, mas, sim, uma solteirona beata que provavelmente nunca havia beijado nenhum homem, muito menos tido uma experiência sexual. Ela não aceitaria ter uma prostituta em sua pequena loja; poderia até pensar que Belle havia se aproximado planejando roubá-la. Consideraria nojento o fato de Belle ser amante de um homem casado. Poderia até denunciá-la à polícia e, assim, Martha tomaria conhecimento de seu paradeiro.

Por isso, Belle procurava manter-se calada, dizendo o mínimo possível à Senhorita Frank e a suas clientes, e, ao mesmo tempo, trabalhava com afinco para dominar as novas habilidades que estava aprendendo, fazendo desenhos de chapéus à noite.

Ela não contou a Faldo a respeito de seu novo interesse, pois sabia que ele não ia gostar. Mas encantada por ter encontrado a alegria na loja da Senhorita Frank, ela tentou fazer mais coisas para agradar a seu amante.

- Diga-me onde esteve esta semana - perguntou ela depois de fazer para ele um drinque com hortelã, que ele dizia ser seu preferido. Algumas vezes, ele dizia ter passado por St. Louis, ou até mais longe, mas quase sempre, ele não se preocupava em responder, apenas bebia o drinque e afirmava estar na hora de dormir.

Certa noite, ela perguntou por que ele não queria mais conversar com ela.

- O que quer que eu diga? - perguntou ele, dando de ombros. - Não venho aqui para responder a perguntas, fico cansado no fim do dia.

A cada visita, Belle se sentia um pouco mais triste e usada por ele, mas ela remediava isso dizendo a si mesma que tinha um abrigo, e culpava a si mesma por ter aceitado a situação sem conhecê-lo melhor antes.

Mas, durante os dias, ela ficava muito mais animada, porque seus desenhos começaram a melhorar drasticamente quando ela compreendeu como os chapéus eram feitos. Ela entrava correndo na loja com eles pela manhã e a Senhorita Frank se divertia com seu entusiasmo e afirmava que os avaliaria melhor mais tarde.

Na maioria das vezes, ela dizia a Belle que eles não eram práticos, às vezes por serem pesados ou desequilibrados demais, outras vezes porque exigiriam trabalho demais, mas, por fim, ela reexaminou um desejo que se parecia com uma rosa grande e disse, com alegria, que Belle havia feito um bom desenho.

- Ele é perfeito para as mulheres que não querem um chapéu que estrague ou amasse seu penteado - disse ela. - Posso fazer a base dele pequena; ele pode ser preso com um grampo de cabelo. Acredito que a dona do Angelica's vai adorar este. Vamos fazer um e vou levá-lo para ela.

Elas fizeram o primeiro chapéu na cor rosa. A base endurecida e moldada foi coberta por um veludo cor-de-rosa, e a flor foi feita de seda com arame, e o lado de dentro de cada pétala tinha um tom mais escuro. Elas o finalizaram no meio da tarde e, quando Belle o

experimentou, a Senhorita Frank bateu palmas, satisfeita.

- Querida, este é uma vitória - disse ela. - Vou levá-lo à loja agora mesmo. Vá para casa, vou fechar a loja.

Já eram quase quatro da tarde quando Belle saiu da loja e, no caminho para sua casa, começou a chover, por isso ela correu. Quando destrancou a porta e entrou, a chuva havia se transformado em tempestade e o céu estava tão escuro que ela precisou acender o gás imediatamente.

Sentira-se muito feliz na loja, por ter agradado à Senhorita Frank, mas naquele momento, de volta à realidade, sozinha por mais uma longa noite com a chuva batendo com força no telhado, ela sentiu que não mais aguentaria tudo aquilo.

Não era certo ser mantida por um homem tão frio. Ela deveria poder contar a ele que estava aprendendo a fazer chapéus, mostrar os desenhos e admitir o sonho de ter uma loja. Certa vez, ela contou a ele que havia pegado o bonde para ver as casas grandes do Garden District e por sua expressão, ela percebeu que ele não aprovava sua atitude. Desde então, ela só contava a ele que havia assado um bolo, ou feito um bordado ou tricotado, mas era muito errado não poder contar mais nada.

- Troquei uma escravidão por outra - murmurou ela a si mesma, e as lágrimas começaram a rolar. - Ele só quer um lugar onde ficar quando está na cidade e uma mulher na cama para não ter que pagar por uma em um bordel.

Ainda assim, nada daquilo fazia sentido para ela, pois era mais caro mantê-la do que se hospedar em um hotel e pagar por uma prostituta. Era confuso: ela conhecia os homens e sabia

que poucos deles colocariam alguém dentro de uma casa e pagariam as contas a menos que estivessem apaixonados.

Por que ele nunca dizia quando a veria de novo? Por que não fazia uma refeição com ela, por que não a levava para passear ou ir ao cinema? Por que, tendo sido tão caloroso e falante na casa de Martha, ele havia mudado tanto?

Por ser sustentada por ele, Belle acreditava que não podia questioná-lo acerca de nada, e também acreditava que precisava mostrar-se disposta a fazer amor com ele. Chegara a pensar que, assim, ela o incentivaria a tentar satisfazê-la na cama; ele não fazia qualquer esforço para agradá-la, e isso, juntamente com sua atitude rude de que, por ela ser sustentada por ele, tinha que fazer o que ele quisesse, tornava cada vez mais difícil para ela fingir que gostava de fazer sexo com ele. Não sabia

por quanto tempo mais teria de manter a falsidade.

Ela entrou na sala, sentou-se em uma das cadeiras e entregou-se ao choro. A lareira vazia fez com que ela se lembrasse que, naquela época do ano, em sua casa, todas as lareiras da casa ficavam acesas. Imaginou Mog vestindo um avental branco e limpo preparando a refeição da noite, falando enquanto tirava as panelas de cima do fogão e as colocava sobre a mesa. Annie estaria na sala fazendo as contas de casa; as meninas estariam arrumando os cabelos para a noite que começaria.

Belle queria estar com elas, lendo trechos do jornal para Mog, ou simplesmente contando fofocas que havia escutado enquanto resolvia pendências na rua. Sentia muita falta de casa. A vida era tão simples antes de Millie ser morta; talvez fosse um pouco chata, mas ela se sentia segura, ciente do que era esperado

de sua parte, e ciente também do que Mog e Annie sentiam em relação a ela. Lembrou-se de quando conhecera Jimmy e de como tinha sido bom ter um amigo de verdade. Com ele, Londres se tornara um lugar maravilhoso, e ela tinha grande esperança de explorar mais locais com ele.

Será que ela estaria caminhando com ele se não tivesse sido levada? Como teria sido se ele tivesse sido o primeiro homem a beijá-la?

Belle suspirou profundamente, não apenas por ter certeza de que Jimmy já a havia esquecido completamente, mas porque duvidava que conseguiria se encaixar na vida que havia deixado para trás na Inglaterra. O que deveria fazer? Não podia deixar Faldo, não enquanto não tivesse um emprego ou um lugar para morar. E suas economias não eram suficientes para levá-la para casa.

As lágrimas corriam livremente por seu rosto. Ela estava presa.

Capítulo 23

- *Bonsoir*, Cosette - disse Noah para a menina pequena e de cabelos oleosos. Ele a considerara, na última vez, a menina mais comum na casa da Madame Sondheim, e isso não havia mudado. Ela mais parecia uma mariposa marrom e pequena presa dentro de uma sala com cinco borboletas lindas e de cores vibrantes. - *Repellez moi*?

Ele não tinha certeza se aquela era a palavra que significava "lembrar", mas ela sorriu como se entendendo o que ele queria dizer.

- Sim, eu me lembro de você, homem inglês - respondeu ela em inglês. - Sem amigo desta vez?

Noah disse que havia ido sozinho para ver Cosette, e aceitou uma taça de vinho tinto. Duas outras meninas estavam de olho nele do

outro lado da sala, mas ele se virou ao ver Cosette e sorriu para ela como sabia ser a maneira mais charmosa.

Ela apertou a mão dele enquanto eles subiam a escada mais tarde, e ela parecia mais animada e leve do que da primeira vez. Ela estava claramente lisonjeada por ele ter voltado e a escolhido, e esperava que isso a ajudasse a falar o que ele queria saber.

- Sua esposa deixar você irritado? - perguntou ela quando ele entregou o dinheiro. Ele se lembrou, então, que sua desculpa para não fazer sexo com ela da última vez era por ser casado e feliz. Ele sentia que dessa vez ele teria de ser mais direto, por isso, depois que Cosette entregou o dinheiro à empregada do lado de fora, ele mostrou mais 25 francos a ela.

- Perguntei a você, da última vez, a respeito das moças que foram trazidas para cá. Desta vez, você precisa me dizer mais, porque a menina sobre a qual eu pergunto... Sua mãe está doente do coração, muito mal - disse Noah, levando as mãos ao peito para ser mais claro. - Você disse que eles levam as meninas ao *convento*, mas conferi todos os conventos em Paris. Não havia meninas ali. Por favor, por favor, Cosette. Conte-me o que sabe. Não vou trair você.

Ela sentiu medo, e olhava para a porta como se imaginando que havia alguém ali atrás escutando.

- Não direi que foi você que me disse - disse ele, abraçando-a e acariciando-a. - Será bom se você fizer isso. A mãe de Belle pode morrer se ela não souber onde está a filha. Você sabe que as pessoas daqui são ruins!

- Não tenho outro trabalho além deste - disse ela, com lágrimas nos olhos. - Minha mãe também está doente. Posso mandar dinheiro para ela, mas se eu perder este trabalho, ela morrer.

Noah percebeu que tinha que oferecer mais dinheiro a ela. Abriu a carteira e tirou 50 francos. - Mande isto para ela. Mas conte-me, Cosette, o que eu preciso saber! Prometo que não contarei a ninguém que você me ajudou.

Ela estava olhando para o dinheiro, e não para ele, e Noah pensou que ela podia estar pensando que aquele dinheiro seria suficiente para ela deixar Paris e voltar para seu vilarejo para sempre.

- Mude sua vida - ele pediu. - Deixe este trabalho para sempre. Deus ficará feliz com você se Belle for salva.

As emoções conflitantes dela ficaram claras em seu rosto. Ela queria o dinheiro, talvez até quisesse fazer a coisa certa para outras meninas, mas sentia muito medo.

- Não precisa sentir medo. Ninguém vai saber que você me deu a informação. Seja corajosa, Cosette, pela Belle e pelas outras como ela.

Ela suspirou profundamente, e então olhou dentro dos olhos dele.

- La Celle St-Cloud - disse ela. - Há uma casa grande no fim do vilarejo, tem um pássaro de pedra perto do portão. Chame Lisette, ela é uma boa mulher, é uma enfermeira. Ela também será cuidadosa em passar informações porque tem um menino pequeno. Promete que não dirá o meu nome?

- Prometo, Cosette - disse ele, e colocou o dinheiro em sua mão, beijando seus lábios. -

Abandone este trabalho agora. Vá para casa e cuide de sua mãe, case-se com um fazendeiro e tenha muitos filhos. Encontre a felicidade!

Ela apoiou as mãos nos ombros dele e ficou na ponta dos pés para beijar suas bochechas.

- Vou rezar para que você encontre a Belle, e que ela também aprenda a ser feliz de novo. Para a maioria de nós, não existe caminho de volta.

Seus olhos encheram de lágrimas, que transbordaram. Noah se lembrou de Millie e sentiu um nó na garganta. Millie havia dito algo parecido, certa vez; ele não compreendera o que ela pretendia com aquilo, mas agora, estava claro.

Logo cedo, no outro dia, Noah partiu para o sudeste de Paris, para o La Celle St-Cloud. Pelo que percebeu, ficava a cerca de 23

quilômetros da cidade, não muito longe de Versailles, e felizmente ele conseguiria chegar até lá de trem. Ele havia analisado a região por um guia, apenas para ter um pouco de informação, mas à exceção da agricultura, era conhecida também pelo Château de Beauregard, uma mansão enorme e antiga.

O vento estava frio e havia um ar outonal, e Noah pensou que deveria ter levado um casaco. Enquanto esperava pelo trem, sendo empurrado na plataforma lotada, ele estremeceu e se lembrou de que já fazia vinte meses que Belle havia desaparecido.

- Se não conseguir nenhuma informação nova hoje, você deve desistir de tentar encontrá-la - disse ele a si mesmo. - Não pode continuar nessa batalha.

Noah caminhou por La Celle St-Cloud, e ficou encantado com a praça central atraente onde

homens velhos ficavam sentados fumando cachimbos e onde as mulheres caminhavam comprando pão, carne e legumes. Depois do ritmo frenético de Paris, era bom estar em um local tranquilo e calmo.

Finalmente, ele encontrou a casa à qual Cosette se referia depois de seguir por duas ruas diferentes até o limite do vilarejo, onde encontrou apenas casas pequenas. Mas na terceira rua, ele viu uma casa grande à sua frente, e sentiu que era a que ele procurava, só de vê-la ali, sozinha, a última casa do vilarejo.

Havia uma águia de pedra em um dos pilares do portão, e apenas um pedaço de pedra quebrada do outro para mostrar onde ficava seu par. A casa ficava pelo menos a cem metros do vizinho mais próximo, cercada pela zona rural. Um homem arava a terra ao longe, alguns pássaros voavam em círculo acima dele e

apesar de a paisagem ser adorável, Noah se deu conta de que para qualquer pessoa dentro da casa, o lugar podia parecer assustadoramente afastado.

Ele olhou para a casa admirando-a. Era grande. Havia quatro andares com oito janelas na frente e uma varanda meio grande, mas velha, perto da entrada. Mas a casa toda e o que ele conseguia ver do jardim estavam meio abandonados.

Enquanto estava ali, pensando no que diria como desculpa para bater à porta da frente, uma mulher jovem apareceu de repente na lateral da casa. Ela era magra, tinha cabelos escuros, e ele imaginou que ela tivesse cerca de 30 e poucos anos. Usava um xale cinza em cima da cabeça e um vestido azul-escuro, e segurava um cesto de compras no braço.

Suspirou profundamente e ao chegar ao portão, tirou o chapéu, abriu um sorriso simpático e perguntou se ela era Lisette.

Ela ergueu a cabeça e sorriu, e para sua surpresa, ele viu que era uma bela mulher, com olhos suaves e escuros, pele clara e lábios cheios.

- Sim, senhor - respondeu ela, em inglês. - Por que um homem inglês está à minha procura?

Noah achou que ela tinha o sotaque francês mais sensual de todos; ela fazia com que ele se sentisse como um menininho encantado.

- Gostaria de falar com você - disse ele.

Ela ergueu a cabeça de modo a dispensá-lo.

- Tenho que fazer compras - disse ela.

- Então vou com você e carregarei as compras - disse ele. - Talvez eu consiga convencê-la a tomar um café comigo.

Ela olhou para ele, de modo observador, por um segundo, e riu.

- Se o Monsieur Deverall enviou você, então será perda de tempo. A resposta é não. - Ela começou a caminhar na direção do vilarejo e ele se aproximou.

- Ninguém me mandou aqui. Vim perguntar a respeito de uma menina chamada Belle.

A maneira com que ela parou de repente, com o rosto pálido, foi tudo o que Noah precisava. Ele segurou seu cotovelo.

- Continue caminhando - disse ele suavemente. - Não se assuste, não precisa me temer. Só quero fazer algumas perguntas.

Ela disse algo em francês, algo muito rápido.

- Sei apenas algumas palavras em francês - disse ele. - Você terá que falar inglês comigo.

- Não posso conversar com você. - Ela parecia assustada. - Não sei de nada.

- Você sabe, Lisette - insistiu ele. - Sei que você tem um filho pequeno e teme por ele, mas acredite, não precisa ter medo de mim. Sou amigo da mãe de Belle e prometi a ela que tentaria descobrir onde Belle está, porque ela está sofrendo, sem saber se a filha está viva ou morta, nem se está presa em algum lugar. Isso a está matando aos poucos. Mas o que você disser ficará entre nós dois. Não direi a mais ninguém, não chamarei a polícia nem nada. Você está totalmente segura comigo.

- Quem mandou você? - perguntou ela, com os olhos arregalados como pires, repletos de medo.

- Alguém bom e generoso que acredita que você também é boa e generosa - disse ele. - Mas só posso dizer isso. Prometi a ela que a manteria em segurança também.

- Mas não é seguro - disse ela. - Você não sabe quem são essas pessoas!

Noah percebeu que havia outras pessoas ao redor deles agora, enquanto entravam no vilarejo.

- Lisette, acalme-se, não chame atenção para nós. Vamos até o café. Se alguém perguntar sobre mim mais tarde, você deve apenas dizer que perguntei como fazia para chegar à estação e paguei um café. As pessoas acreditarão, já que você é tão linda.

Ela sorriu de modo nervoso, mas Noah sentiu que estava conseguindo deixá-la com menos medo. Mal conseguia acreditar na sorte que tivera por encontrá-la tão facilmente, mas sabia que essa sorte poderia desaparecer se ele fosse incisivo demais. Por isso, parou de falar sobre Belle e comentou a respeito das paisagens que vira em Paris enquanto a levava ao café.

Quando eles se sentaram do lado de fora e pediram café e pães, ele recomeçou.

- Lisette, sei que Belle foi levada ao local onde você trabalha - disse ele. - E imagino que você seja a enfermeira que cuidou dela.

Ela hesitou, claramente analisando se deveria admitir isso ou não. Então, assentiu. - Ela estava muito doente, no começo, fiquei preocupada.

- Ela tinha sido estuprada? - perguntou Noah.

Ele percebeu que ela estava estressada e prendeu a respiração, temendo que ela passasse mal. Mas ela respirou profundamente e olhou dentro dos olhos dele.

- Sim, ela havia sido estuprada. Muitas vezes - admitiu e ele percebeu que ela estava falando porque sentia-se aterrorizada. - Foi terrível eles terem feito aquilo com uma menina tão jovem. O corpo se cura, mas nem sempre a mente - disse.

Ela fez uma pausa, olhando para Noah como se avaliasse se podia confiar nele ou não. - Mas Belle foi guerreira, tinha força de... Como posso dizer? Espírito - disse por fim. - Ela me pediu ajuda para fugir, mas não pude ajudá-la. Eu ou meu menino seríamos mortos se eu a ajudasse. Você compreende?

Noah colocou a mão em cima da dela, de modo confortante.

- Eu sei, tenho certeza de que você a teria ajudado a escapar se pudesse. Mas não estou aqui para culpá-la só quero encontrá-la e levá-la para casa, para aqueles que a amam. Quando estiver em casa, ela poderá escolher se quer falar sobre os ingleses que a pegaram e levaram para a França. E então, eles serão punidos.

- Ela não está na França - Lisette o interrompeu. - Ela está na América. É só o que sei.

- Na América! - exclamou Noah, decepcionado. - Tem certeza?

Lisette assentiu com tristeza.

- Eu não a vi partindo. Entro de manhã e ela já tinha sido levada. Gostaria que ela estivesse na

França ou na Bélgica e eu soubesse onde, porque me afeiçoei a Belle. Mas eles não me dizem onde ela está.

- Ela foi vendida a um bordel? - perguntou Noah quase sussurrando.

- As meninas bonitas são como cavalos ou vacas para essas pessoas ruins - disse ela, com nojo. - Belle era carne de primeira. Jovem, inglesa, linda. Foi a mesma coisa comigo quando eu era jovem, eles me levaram a um bordel inglês, por isso falo o idioma. Mas ainda sou mantida por eles. Sou velha demais para o bordel, mas eles me fazem cuidar das meninas que eles ferem.

- Eles não deixam você partir? - perguntou ele.

- Nunca - respondeu ela. - Sou valiosa demais para eles como enfermeira, e eles sabem coisas sobre mim que fazem com que eu os

obedeça. Talvez, se eu tivesse dinheiro, poderia pegar meu Jean-Pierre e ir para a França, mas para isso eu precisaria de muito dinheiro.

- Posso tirá-la daqui - disse Noah de modo impulsivo.

Ela sorriu com tristeza. - Não, não seria bom para você fazer isso.

- Eu acho que seria e darei a você o meu endereço - disse Noah. - Se precisar de ajuda a qualquer momento, é só pedir, e prometo que virei aqui ou vou encontrá-la no Dover. Você acredita em mim?

- Sim, acho que você é um bom homem - disse ela.

- Há alguém que possa me dizer para onde Belle foi levada? - Noah sentiu que precisava forçar um pouco mais.

- Sou apenas um elo na corrente - disse Lisette com tristeza. - Eles não confiam em mim nem mesmo para me colocar em contato com o elo seguinte. Não sei de mais nada.

Noah acreditou nela. Ela podia saber os nomes das poucas pessoas acima dela, mas ele duvidava que ela soubesse os nomes reais, porque uma organização como aquela não sobreviveria se tal informação fosse passada.

Ele procurou dentro do bolso e tirou a lista das outras meninas que tinham desaparecido. E mostrou a ela.

- Apenas me diga se já viu algum destes outros nomes - disse ele.

Ela analisou a lista com atenção. - Lembro de uma Amy, inglesa, que ficou apenas uma noite - disse ela franzindo o cenho. - Também acho que me lembro de Flora e May.

Aquelas três meninas eram as mais jovens dentre os vinte e poucos nomes que ele tinha, e todas eram descritas como excepcionalmente belas.

- Elas também foram enviadas para a América?

- Não, nunca soube de nenhuma menina, além de Belle, ter sido mandada para lá. As outras foram para a Bélgica.

Ela só sabia que tinha sido para Bruxelas, não tinha endereço.

- Quando cheguei, você pensou que eu tivesse vindo em nome de Monsieur Deverall? - perguntou Noah. - Quem é ele?

O medo voltou aos olhos dela.

- Não posso dizer nada sobre ele - disse ela apressadamente. - Ele é o homem do topo.

Nunca o vi, mas sei que ele é cruel e mau. Dizem que muitas autoridades tentaram prendê-lo, mas ele é muito esperto, e nunca encontram provas do que ele faz. Mas ele nunca levaria Belle para a América sozinho, ela nunca deve tê-lo visto. Dizem que ele mantém seus homens a seu lado por meio de chantagem. Ele também tem muitos outros negócios. Sempre usando força.

Com isso, Noah concluiu que Deverall era um homem como Kent, com participação em muitas áreas ruins, extorsão e apostas. - Mas você pensou que eu tivesse sido mandado por ele. Então quer dizer que ele costuma mandar pessoas?

Ela suspirou.

- Você é tão esperto quanto esse homem - disse com um toque de admiração. - Ele também é charmoso como você, o tipo de homem

em quem uma mulher quer confiar. Deverall o manda de vez em quando para pedir que eu acompanhe as meninas, mas sempre me recuso.

- Por quê?

- É ruim vê-las sendo feridas, mas eu as curo. Não toleraria levá-las para alguém que as machucará de novo.

- Compreendo - disse Noah. - E esse homem que trabalha para Deverall aceita isso?

- Sim, ele sabe como me sinto, e sempre tem outra pessoa que leva as meninas, porque ele paga bem.

- Então, quer dizer que esse homem sabe para onde Belle foi levada?

- Não, acho que não, porque ele não estava envolvido na época. Só sei o que ouvi, que um veículo viria para levá-la a Brest. Acredito que o veículo levou Belle para encontrar alguém que a levaria de navio.

- Você sabe quem é a pessoa que a levou para a América? - perguntou Noah, de modo hesitante.

Ela fechou os olhos, cansada.

- Você não escutou nada do que eu disse? - explodiu. - Se eu disser isso, estou colocando em risco a vida de meu filho. Já ajudei o máximo que podia. Não faça mais perguntas.

- Mas com certeza não haveria problemas se você me dissesse o nome - disse Noah, segurando a mão dela. Ela tirou a mão e ficou em pé.

- Vou embora antes de concluir que devo denunciá-lo a Deverall por estar fazendo perguntas demais - disse ela, irritada. - Sei que sua intenção é boa, mas está colocando nós dois em perigo. Volte para a Inglaterra, esqueça esse assunto. Belle é uma menina forte. Acredito que ela encontrará uma maneira de voltar às pessoas que a amam.

Noah anotou seu endereço rapidamente e foi atrás da mulher.

- Fique com isto - disse ele. - Ajudarei você a sair da França, se quiser. Estou muito grato por ter conversado comigo, você é uma mulher generosa e corajosa.

Ela pousou uma das mãos no braço dele, olhando em seus olhos.

- Você também é um bom homem. Se a situação fosse diferente, eu gostaria de ser sua amiga.

Noah sentiu o coração acelerado. Ela sorriu, talvez por perceber como ele ficara surpreso.

- Você é um homem muito belo. E oferece segurança a mim e a meu filho, o que é muito tentador. Mas não posso querer que você corra riscos assim por mim.

- Estou disposto a fazer o que for preciso - disse ele. Ela colocou um dos dedos sobre os lábios dele para silenciá-lo.

- Farei mais uma coisinha por você - disse ela. - O homem em Brest, eu conheço apenas por informações que recebo, mas sei que ele é como eu, está preso em algo do qual não pode escapar. Ele não vem aqui, mas pode ser que eu consiga uma maneira de contatá-lo. Não

espere isso, pois posso não conseguir. Mas se eu puder e descobrir algo a respeito de Belle, vou escrever e contar a você. Agora, vá, não faça mais perguntas e saia logo de Paris. Deverall tem espiões por todos os lados.

Capítulo 24

- América! - Mog disse a palavra como se confirmasse a morte repentina de alguém. Noah a abraçou para confortá-la e tentou, desesperadamente, pensar em algo para dizer que pudesse tornar a notícia menos terrível.

Ele havia adentrado o salão tomado por fumaça de cigarro do Ram's Head na hora do fechamento. Garth estava dispensando os últimos clientes e Jimmy recolhia os copos. Garth o cumprimentou com simpatia, dizendo que Mog estava nos fundos, na cozinha, fazendo um pão com queijo para jantar, e perguntou se ele queria uma dose de uísque, já que a noite estava muito fria.

Assim que o último cliente saiu e a porta foi trancada, todos foram para a cozinha. Mog ficou encantada por ver Noah e ela pegou seu

casaco e pediu para que se sentasse bem perto do forno.

Noah viu que Mog estava radiante. Antes de ele ir para a França, ela havia contado a ele que Garth a havia pedido em casamento e agora parecia uma nova mulher. Ela estava até usando um vestido diferente, cinza-claro com listras brancas. Apesar de não ser uma enorme mudança, a cor combinava com ela, e ela não mais parecia uma dona de casa desleixada.

Ela mandou todos se sentarem à mesa e comerem enquanto servia chá. Então, pediu a Noah que contasse sobre a viagem.

Desde sua volta da França, ele vinha dizendo a si mesmo que tinha sido uma grande descoberta saber por onde Belle havia passado e onde estava agora. Mas quando explicou tudo o que havia descoberto e viu o terror no rosto de Mog, quase se arrependeu por ter conhecido

Lisette e por não ter novas informações a respeito de Belle.

- Pelo menos, a América é um país civilizado - disse Garth, fazendo o melhor que podia para animar Mog. - Ela pode fugir das pessoas que a levaram para lá e pedir ajuda da polícia.

- Você tem razão - disse Noah, feliz por Garth estar dizendo algo positivo. - Lisette disse que Belle é uma menina forte, por isso podem apostar que ela vai pensar em algo para fazer. Talvez já esteja escrevendo cartas para vocês que não foram entregues porque a casa de Annie pegou fogo.

Mog mostrou-se mais animada.

- Eu não tinha pensado nisso! Vou esperar o carteiro amanhã e perguntar para ele o que eles fazem com as cartas que não conseguem

entregar - disse ela. - Mas em que lugar da América ela está? O país é grande.

- Deve ser Nova York - disse Noah. - É onde tudo acontece.

- Eu posso ir lá para encontrá-la - disse Jimmy.

Noah percebeu que ele demonstrava determinação no olhar de novo.

- Não pode - disse ele, delicadamente. - Nova york é enorme, e você não faria a menor ideia por onde começar. O melhor que podemos fazer é torcer para que Lisette consiga mais informações do homem que levou Belle para lá.

Todos ficaram em silêncio. Não fez-se qualquer som, além do da mastigação e do carvão dentro do forno. Foi Mog que começou a falar.

- Vamos contar à Sra. Stewart que você acredita que a Amy está em Bruxelas? - ela perguntou a Noah.

- Acredito que é o que devo fazer - suspirou Noah. - Mas não quero cumprir essa tarefa. Ela ficará inconsolável. Assim como as outras mães.

Quando Noah acordou na manhã seguinte em sua casa, a primeira coisa em que pensou foi no rosto triste de Mog. Ficou deitado ali por alguns segundos, tentando imaginar se havia algo a mais que pudesse fazer por Belle e por todas as outras meninas desaparecidas.

Ele sabia que seu editor adoraria publicar uma matéria de acompanhamento com base no que Noah havia descoberto em Paris, mas isso agradaria apenas aos leitores que se divertiam com histórias de escravidão branca. Não traria nenhuma informação sobre onde as meninas

estavam sendo mantidas, tampouco faria com que elas fossem soltas. Na verdade, se alguém envolvido com os sequestros lesse a matéria, Cosette e Lisette imediatamente seriam vistas como informantes. Isso também poderia acontecer se Noah voltasse à polícia, e ele não tinha nada de concreto para dizer para que eles começassem uma investigação.

Ele não poderia colocar Lisette nem o filho dela em risco. Ele se lembrava de seu rosto, de sua voz, tudo lembrava como ele se sentia em relação a Millie. Ele se arrependeu por não ter pedido um endereço para escrever a ela, assim, ele poderia dizer, pelo menos, que havia gostado dela, e lembrar que estava falando sério a respeito de tirá-la da França. Mas não adiantaria escrever para a casa de saúde - uma carta da Inglaterra poderia ser interceptada. Ele imaginava que não teria escolha além de esperar Lisette entrar em contato. Tentou imaginar por que parecia sempre se apaixonar por

mulheres com problemas. Dia após dia, ele conhecia meninas e mulheres com trabalhos comuns, como enfermeira, costureira, atendente de loja ou secretária. As moças gostavam dele, porque ele não era feio, tinha bons modos. Então por que não se apaixonava por uma delas?

Belle estava pensando em seu destino, também, porque a Senhorita Frank havia recebido um pedido de uma dúzia de chapéus, feito pelas duas irmãs proprietárias da loja de chapéus Angelique's, no Quarter. Elas queriam o design de Belle.

- Acredito que vou ter que lhe dar um emprego remunerado agora - disse a Senhorita Frank, com um sorriso muito amplo. - Caso contrário, não poderei usar seus desenhos lindos nem pedir a você para me ajudar a fazê-los. Eu me gabei para as irmãs, dizendo que tinha uma

nova designer, e agora elas estão malucas para conhecer mais de seu trabalho.

Belle queria ficar animada com aquilo, mas, em vez disso, sentiu uma onda de terror, temendo que Martha fosse à Angelique's ver os chapéus, e as irmãs comentassem que a chapeleira de quem compravam as peças havia acabado de contratar uma designer inglesa.

- Você disse meu nome ou citou que sou inglesa? - perguntou Belle.

- Eu não diria a elas que você é inglesa - respondeu a Senhorita Frank. - Elas gostam de se gabar de comprarem peças chiques e francesas. Mas fiquei muito feliz por elas terem gostado de seu chapéu e comecei a falar bastante coisa, por isso devo ter mencionado o nome Belle. Mas por que quer saber?

- Eu gostaria que meu nome e que o fato de eu ser inglesa não fossem mencionados - disse Belle com nervosismo, ciente de que isso poderia fazer a Senhorita Frank parar de confiar nela.

- Você é uma moça muito misteriosa - comentou a mulher mais velha, mas ela balançou as mãos como se indicasse que não era um problema seu, e começou a falar sobre as cores que deveria dar aos chapéus.

Um pouco mais tarde, a Senhorita Frank sugeriu pagar a Belle 1 dólar por dia, e mais 25 centavos sempre que vendesse um dos chapéus desenhados por ela. - Sei que não é muito - disse ela, desculpando-se -, mas é o melhor que posso fazer por enquanto.

Quando o tempo ficou mais frio em outubro, Belle deveria ter ficado feliz, mas não ficou por estar ansiosa em relação a seu

relacionamento com Faldo. Ela adorava trabalhar com a Senhorita Frank e sentia orgulho de si mesma por dominar a arte da chapelaria, e por estar desenvolvendo um forte talento para aquilo. Também era muito bom poder guardar suas economias, sabendo que a cada dólar guardado, ela chegava mais perto de seu objetivo de sair de New Orleans.

Mas por mais que tentasse agradar a Faldo, ele não estava se tornando mais simpático com ela. Belle era a amante perfeita; ela o tratava bem, perguntava a respeito de seu trabalho, tentava fazer com que ele relaxasse e sempre estava linda à noite, para o caso de ele aparecer. Mas ele continuava não avisando quando apareceria de novo, e agora estava chegando tão tarde, que sequer se importava em passar alguns minutos conversando. Queria ir diretamente para a cama.

Ele andava bebendo também, e se por isso ele não conseguisse uma ereção, colocava a culpa nela. Muitas vezes, ela precisou se controlar, com medo de dizer a ele o que pensava. De manhã, ele não permanecia tempo suficiente para beber uma xícara de café.

Certa noite, ela tentou perguntar por que ele a tratava de modo tão diferente.

- Você ficava tão feliz quando me via, era gentil e amoroso - disse ela, começando a chorar. - Você não se lembra de como foram as duas noites em que passamos juntos? Se você não mais se sente da mesma maneira, talvez esteja na hora de eu sair desta casa para tentar encontrar um emprego.

- O único lugar onde você encontraria trabalho seria em um dos bordéis ruins da Robertson Street - disse ele, de modo sarcástico.

- Como pode dizer algo tão ofensivo para mim? - perguntou ela, chorando. - Vim para cá porque pensei que você se importasse comigo. O que eu fiz de tão ruim para você me comparar com aquelas prostitutas cheias de doença?

Ela pensou que ele a agrediria, pois Faldo deu dois passos ameaçadores em sua direção. Mas ele parou antes de agredi-la e se virou.

- Vou para a cama - disse ele. - Estou cansado, e lembre-se que se não fosse por mim, você estaria atendendo pelo menos dez homens por noite.

Ele partiu na manhã seguinte, muito cedo. Ela acordou e viu que ele saía de fininho do quarto, com as botas nas mãos. Ela pensou que ele estava envergonhado, por isso fingiu que estava dormindo.

Ela esperava que depois de pensar sobre o que ela dissera, ele voltasse a agir como agia na casa de Martha. Mas não aconteceu. Em vez de melhorar, ele foi se tornando cada vez pior, mais taciturno e ríspido a cada visita. Belle pensou que ele poderia estar se sentindo culpado por estar cometendo adultério, que ele queria encerrar o caso, mas não sabia como.

Ela desejava ter dinheiro suficiente para simplesmente ir embora e acabar com aquilo.

Em uma noite de quarta-feira, no começo de novembro, Belle ficou assustada quando escutou Faldo abrindo a porta da frente com sua chave. Ela estava sentada à mesa da cozinha desenhando um chapéu, ainda usando o vestido azul simples que vestia diariamente para trabalhar na loja. A louça do jantar ainda estava na pia, suja, e havia roupas secando na frente do forno. Ela não havia se importado em

arrumar a casa ou preparar-se, porque ele havia estado ali na segunda-feira e ela não esperava que ele voltasse naquela semana.

- Faldo! - exclamou ela, surpresa, enquanto ele entrava na sala, no quarto e na cozinha. - Não pensei que você voltaria esta semana! Mas que bom!

Ele ficou parado na porta da cozinha, olhando ao redor com uma expressão de nojo. - Então é assim que você cuida das coisas quando não estou aqui - disse ele.

Belle rapidamente fechou o caderno de desenho, levantou-se da mesa para ir abraçá-lo.

- Eu teria limpado tudo e me vestido melhor se soubesse que você viria.

- Não tolero desleixo - disse ele rispidamente, empurrando-a para longe dele.

- Todos os outros cômodos, exceto a cozinha, estão limpos e arrumados - disse ela de modo defensivo. - Mas o que importa a você se eu lavei os pratos ou não? Você nunca fica na cozinha. Está apenas criando um motivo para ser grosseiro.

- O que quis dizer com isso? - perguntou ele, segurando-a pelos braços.

- Você tem sido terrível comigo há semanas. A cada visita, está pior. Nunca me leva a lugar algum nem conversa comigo - disse ela, tentando se afastar, porque ele apertava seus braços.

- Eu encontrei este lugar para você, venho pelo menos uma vez por semana, o que mais você quer?

Belle não gostou da maneira com que ele aumentava a voz e corava.

- Eu já disse, queria que as coisas voltassem a ser como eram na casa de Martha. Naquela época, você parecia se importar comigo, nós conversávamos e ríamos, não era apenas sexo.

- Você quer 500 dólares por noite, não é? - retrucou ele.

Ela ficou tão chocada ao escutar aquelas palavras, com o tom da voz dele, que por um momento não soube como responder.

- Você sabe que nunca pus as mãos naquele dinheiro - disse ela, por fim. - Também sabe como fui parar na casa de Martha, não foi uma escolha minha.

- É o que você diz, querida, é o que você diz - disse ele com um sotaque texano sarcástico. -

Então vai escrever uma carta para a sua casa, implorando para que eles a salvem? - Ele pegou o caderno de desenhos da mesa e o abriu.

Olhou para o primeiro desenho por alguns segundos, e então folheou as outras páginas.

- O que é isto? - perguntou ele.

Os traços de Faldo eram muito pronunciados, o nariz era pontudo, assim como o queixo, e ele tinha o rosto angular também. Mas a desconfiança os deixava ainda mais pronunciados.

- Gosto de desenhar chapéus - disse ela.

- Por quê?

Belle deu de ombros. - Eu já disse a você, certa vez, que quando eu morava em Londres, tinha o sonho de ter uma loja de chapéus.

Ela sentiu medo naquele momento, temendo que ele descobrisse que ela nunca ficava em casa durante o dia. Talvez ele até pensasse que ela estivesse saindo com outro homem. Ela precisava acalmá-lo.

- Quer uma bebida, Faldo? Ou quer comer alguma coisa? - perguntou ela e então se aproximou dele, pegou o caderno e o abraçou. - Você está muito tenso.

- Você deixa qualquer homem tenso - disse ele, empurrando-a para longe dele. - O que você quer?

Belle não compreendeu o que ele havia perguntado, e a intensidade dele assustava. - Tenho tudo o que quero bem aqui - mentiu. - Um bom lugar para morar, você cuidando de mim. Só gostaria que você viesse com mais frequência e que conversasse comigo. Por que está dizendo que eu o deixo tenso?

- Inferno! - ele explodiu. - Sei que você não quer a mim. Apenas concordou com tudo para poder sair da casa de Martha. Mas como um tolo eu acreditei que você se importava comigo.

Apesar de ele estar certo, Belle queria um relacionamento amoroso com ele, e foi ele que não quis. Correndo o risco de deixá-lo ainda mais irritado, ela quis se defender.

- Eu me importava com você quando vim para cá, mas você me tratou mais como uma prostituta do que eu me sentia na casa de Martha - disse ela. - Como quer que eu ame você se não vem cedo para fazer uma refeição comigo? Se não pergunta o que fiz durante o dia, e só trepa comigo como se eu fosse uma puta qualquer e vai embora no dia seguinte sem dizer quando volta? Por que veio hoje? Para tentar me flagrar com outro homem?

Ele se moveu com tanta rapidez que ela não percebeu o soco, apenas sentiu o impacto no rosto. O golpe fez com que ela fosse impulsionada para trás, batendo em uma mesa, ferindo suas costas.

- Como pôde fazer isso? - perguntou ela, com raiva, com a mão no rosto. - Pensei que fosse um cavalheiro. Você me decepcionou.

Ela sentiu muita dor e pensou que no dia seguinte, o hematoma em seu rosto seria muito grande.

- Eu não queria machucar você - disse ele, segurando-a pelos ombros, chacoalhando-a. - Você me deixou irado porque sei que você nunca será minha, não como eu quero.

- De que maneira você me quer? - ela gritou com ele, chorando de raiva. - Estou sempre

aqui, à sua espera, faço o que você me pede. O que mais você quer?

- Quero o seu coração - gritou ele, com o rosto vermelho e retorcido.

Belle estava brava e magoada demais para responder de algum modo que o deixasse mais calmo.

- Você teria meu coração se tivesse me tratado como sua mulher, e não como uma prostituta - vociferou ela. - Tínhamos algo especial na casa de Martha, era doce e bom. Mas quando cheguei aqui, as coisas mudaram. Tenho me sentido tão sozinha, triste e assustada, e você deve saber disso, a menos que seja um completo idiota. Mas você já demonstrou preocupação? Já me levou a algum lugar para me dar a impressão de que quer algo mais comigo além de uma trepada? Não, nunca.

Ela se afastou dele, entrou no quarto e começou a despir-se.

- O que está fazendo? - perguntou ele ao ver as roupas dela ao chão.

Belle voltou para a cozinha totalmente nua.

- O que você acha que estou fazendo? - perguntou ela, de modo ríspido. - Sou uma prostituta, você está pagando por mim, por isso vamos resolver as coisas, certo?

Naquele momento, Faldo percebeu que havia se comportado de modo muito errado com ela. Quando Belle estava vestida, ela parecia sofisticada e decidida. Isso, juntamente com sua inteligência e facilidade de comunicação, todos pensavam que ela tinha 20 e poucos anos. Ela não era apenas bonita, mas, sim, devastadoramente bela, com aqueles cachos escuros, sobrancelhas como pequenas asas de anjo sobre

olhos profundamente azuis, pele clara e uma boca grande e muito sensual. Ele havia aparecido na casa de Martha um pouco depois de sua partida, e Martha dissera muitas coisas sobre a moça, principalmente que ela era uma vaca traidora, que aceitava qualquer homem pelos bens que ele possuía.

Faldo não queria acreditar nela; tentou convencer-se de que Martha estava sendo maldosa apenas porque havia perdido sua melhor menina, e muito dinheiro. Mas o veneno que ela derramou em seus ouvidos, além da consciência de que ele não era bonito, mas, sim, estranho, fez com que ele se convencesse de que havia errado feio e que Belle só estava brincando com ele até que alguém mais rico e mais influente aparecesse. Aquilo havia estragado tudo, e a única maneira que ele acreditava que seria justo agir seria tratando-a mal e nunca demonstrando qualquer sinal de afeto.

Havia muitas coisas em Belle que justificavam a opinião de Martha sobre ela. Ela era uma cortesã experiente, sempre usando a lingerie vermelha e preta que ele havia dado a ela. Permitia que ele a possuísse como quisesse, sem protestar, e geralmente o acariciava, satisfazia e tocava de modos que uma mulher decente não faria. Por mais estimulante e sensual que isso fosse, doía, porque era mais evidência das centenas de outros homens com quem ela já devia ter repetido os mesmos truques.

Martha dissera que Belle mentira ao dizer que tinha sido sequestrada e forçada a trabalhar como prostituta. Afirmava que Belle era uma predadora fria que havia sido criada para ser uma prostituta pela própria mãe, que tinha um bordel. Ela havia ido para New Orleans porque a prostituição era legalizada ali, sabendo que poderia ganhar muito dinheiro.

Mas naquele momento, nua diante dele, com os olhos cheios de lágrimas, ele via que ela não era nada daquilo que Martha dissera e nas quais ele havia decidido acreditar. Ela era apenas uma menina jovem e vulnerável, esguia e perfeita, e apesar de ter seios bem arredondados, eles apenas enfatizavam sua juventude. Ela podia fazer pose de sedutora, mas ele a via ferida e o homem decente e gentil que existia dentro dele o fazia lembrar que havia sido uma série de homens não muito diferentes dele que havia tirado sua inocência.

Há várias semanas, ele percebia que ela estava mais alegre. Até então, ele acreditava que tamanha alegria se devia ao fato de ela ter outro homem, e ele havia chegado ali naquela noite para flagrá-la com ele. Quando viu os desenhos, percebeu que havia se enganado. Não seria outro homem que a tiraria dele, mas, sim, sua inteligência e ambição.

- Vamos - disse ela. - O que está esperando?

Ele foi na direção dela com a intenção apenas de abraçá-la e se desculpar por tê-la ferido, mas ao abraçar seu corpo esguio e nu, ele ficou excitado no mesmo instante e só conseguia pensar em possuí-la. Ele a jogou sobre a cama, abriu a calça com uma das mãos e forçou a penetração. Ele percebeu que ela estava muito seca, e sabia que a estava machucando ao notar a rigidez de seu corpo, mas naquele momento ele não se importou. Ela era sua mulher e ele a desejava.

- Faldo, não, não - ela gritou. - Eu não mereço isso!

Ela se esforçou para se livrar dele, mas aquilo apenas o deixou mais irritado. Ele a penetrava com cada vez mais força, apertando suas nádegas com as unhas e a excitação de um ataque

tão brutal e intenso fez com que seu coração se acelerasse.

Belle estava horrorizada. Faldo podia ser frio e não demonstrar qualquer tipo de carinho, podia tê-la chocado ao agredi-la, mas ela nunca pensaria que ele seria capaz de se tornar uma maluco agressivo abusando dela como fizeram aqueles homens terríveis em Paris. Primeiramente, ela tentou se afastar dele, e ao perceber que isso o deixava ainda mais feroz, Belle tentou não resistir. Mas não conseguiu controlar o choro, não apenas porque ele a estava ferindo fisicamente, mas porque ele queria humilhá-la. Ele afundou o rosto em seu pescoço e sua respiração saía quente como o vapor de uma chaleira.

Ele continuava; sua camisa estava molhada de suor e a respiração, mais ofegante. Mas quando ele começou a emitir um tipo de grunhido, ela pensou que o martírio finalmente estava quase

no fim. Mas então, ainda dentro dela, ele arqueou o corpo e levou a mão ao peito, e apesar de a luz do quarto ser fraca, ela viu que seu rosto estava totalmente vermelho. Intuitivamente, ela percebeu que havia algo muito errado.

- Faldo! - ela gritou, saindo de baixo dele ao mesmo tempo em que o empurrava para a cama, para que ficasse de barriga para cima. - Maria, mãe de Deus, o que é isto? - perguntou ela, pois ele rolava os olhos e se debatia como se estivesse tendo uma convulsão.

Ela correu até a cozinha e pegou um copo de água e um pano úmido. Mas a água simplesmente escorreu para fora de sua boca quando ela tentou fazê-lo engolir, e colocar o pano úmido em sua testa não causou nenhum efeito.

- Faldo, escute - disse ela -, tente me dizer o que está acontecendo. - Mas enquanto falava,

ela sabia que ele não a estava escutando, que aquilo era sério e que precisava chamar um médico.

Ela se vestiu rapidamente, virou-se para Faldo, guardou seu pênis dentro da calça e a abotoou. Sem se preocupar em pegar um xale, ela correu para a rua. Como sempre, às dez da noite, a rua estava deserta, por isso ela correu até a Canal Street, onde esperava encontrar um policial ou taxista que pudesse lhe dizer onde encontrar um médico. Ela estava com sorte. Dois policiais estavam descendo a Canal Street juntos.

- Por favor, ajudem-me! - gritou ela ao correr na direção deles. - Um amigo meu teve um ataque. Não sei onde encontrar um médico.

Menos de cinco minutos depois, o mais jovem dos dois entrou na casa de Belle com ela. O outro policial partira para chamar um médico.

Por um breve momento, Belle pensou que Faldo havia se recuperado, porque havia se virado de lado e sob a luz fraca, parecia ter adormecido. Mas algo fez com que ela recuasse para deixar o policial examiná-lo. Ele colocou os dedos no pescoço de Faldo, e então procurou seu pulso. O policial se endireitou e virou-se lentamente para olhar para Belle.

- Sinto muito, senhorita - disse ele. - Mas seu amigo está morto.

- Não pode ser! - exclamou Belle, levando a mão diante dos lábios, chocada. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo com ela, que em um minuto Faldo estivesse fervendo de raiva e desejo e, no seguinte, morto. Ela era responsável por isso? Seu rosto latejava no ponto onde ele a acertara, e ela se lembrou do que ele havia dito, que queria seu coração e, de repente, ela começou a soluçar.

- Sinto muito, senhorita - repetiu o policial. - Pode me dizer quem vocês são e o que fez com que ele tivesse esse ataque que a senhorita mencionou?

Ela olhou para o jovem sem expressão por um momento. Ele tinha olhos muito azuis e parecia muito compreensivo, mas ela sabia que não podia permitir que aquilo a influenciasse a dizer toda a verdade.

- O nome dele é Faldo Reiss, e ele veio às nove horas, para me visitar - disse ela, chorando. - Conversamos por um momento na cozinha, e então ele disse que estava se sentindo um pouco mal. Estava muito vermelho e quente. Ficou em pé para sair pelos fundos e tomar um pouco de ar fresco, mas estava trôpego, por isso eu o levei ao quarto para que se deitasse. Em seguida, ele começou a respirar de modo ofegante, com a mão no peito. Tentei oferecer a ele um pouco de água e também passei o

pano em sua testa, mas ele não conseguia mais falar, por isso saí para buscar ajuda.

- A senhorita fez o mais certo - disse o policial. - A senhorita disse que ele é só um amigo. Então, onde vive?

- Em Houston, Texas - disse ela. - Mas não sei o endereço. Ele trabalha em uma empresa ferroviária. Vem para New Orleans quase toda semana, a trabalho.

O policial estreitou os olhos como se pensasse em algo.

- A senhorita é inglesa? - perguntou ele.

Belle assentiu. Estava aterrorizada porque sabia que não demoraria a ter que responder a mais perguntas difíceis. Faldo tinha um cargo importante na empresa. Podia ter sido mau com ela naquela noite, mas ela ainda se

importava com ele o bastante para querer impedir um escândalo que magoaria sua esposa e seus filhos. E ela também tinha que se preocupar com Martha. Se esta soubesse que Faldo havia morrido, e onde, concluiria o que havia acontecido.

- A senhorita disse que ele era um amigo?

Belle sentiu o estômago revirar ao ser questionada porque acreditava que o policial já havia concluído que Faldo era mais do que um amigo. O oficial era jovem, não tinha mais do que 25 anos, media cerca de um metro e oitenta, era bonito, com cabelos castanho-claros bem curtos, e os olhos azuis que ela notara antes. Mas apesar da aparência simpática, os policiais eram pessoas espertas e difíceis de enganar.

- Sim, só um amigo - disse ela. - Ele foi muito gentil quando cheguei aqui e me ajudou a

conseguir esta casa para morar. Ele costuma me visitar sempre que está aqui, a trabalho.

O policial anotava tudo o que Belle dizia em um caderno e perguntou seu nome mais uma vez. Ela precisou dizer Anne Talbot, pois Faldo havia aberto as contas nas duas lojas com esse nome e era possível que o locatário da casa também tivesse recebido esse nome. Mas antes que pudesse fazer mais perguntas, o outro policial chegou com o médico e os três homens entraram no quarto.

Belle permaneceu na cozinha e colocou água para ferver para fazer café. Seu coração batia tão forte que ela tinha certeza de que os homens conseguiam escutar.

O médico, um homem baixo e atarracado, careca e com óculos, saiu do quarto depois de alguns minutos.

- Bem, minha cara, os sinais dão conta de que seu amigo morreu de ataque cardíaco. Sinto muito, mas telefonarei para o necrotério e pedirei que venham retirá-lo.

O policial que havia feito as perguntas e que havia se apresentado como Tenente Rendall, permaneceu no recinto quando os outros dois homens saíram.

- Isto deve ser muito difícil para a senhorita - disse ele enquanto Belle lhe servia uma xícara de café. - Tem parentes com quem possa contar?

Belle disse que não e começou a chorar. Ele lhe deu um tapinha na mão e perguntou se Faldo era seu amante.

- Não, não era - disse ela, aos soluços. - Ele era um homem casado e tinha filhos. Por isso tudo isso é tão terrível. Espero que vocês possam

evitar contar à esposa dele a meu respeito, pois ela provavelmente concluirá a mesma coisa.

- Com certeza! E se não se importa que eu diga, Srta. Talbot, poucas esposas não se importariam se seus maridos visitassem alguém tão bela quanto a senhorita - disse o policial e pelo brilho em seus olhos, ela percebeu que ele não acreditava no que ela havia contado. - Mas se a autópsia não mostrar nada de inesperado, acredito que poderemos dizer à esposa dele que ele faleceu em uma pensão.

Belle agradeceu.

- Mas não compreendo o que uma moça inglesa faz em New Orleans - prosseguiu Rendall, observando-a com os olhos brilhantes. - Eu entenderia se fosse Nova york ou Filadélfia, até mesmo Chicago, mas não aqui. New Orleans é uma cidade perigosa.

- Eu vim com uma pessoa, mas ele me deixou - disse ela de modo impulsivo. - E assim que eu conseguir dinheiro para voltar para casa, irei.

- Quer me contar sobre ele?

Belle quase riu, pois aquele homem era simpático. - Não, não quero contar sobre ele. Só quero que esta noite horrível termine. Mas desconfio que nunca mais conseguirei dormir direito naquela cama, não depois de Faldo ter falecido em cima dela.

- Posso levá-la a uma pensão onde a senhorita passará a noite, se quiser - disse Rendall. - Há uma pensão tranquila e decente na esquina da Canal Street.

- É muito gentil de sua parte - disse ela. - Mas não tenho dinheiro para pagar por um quarto. Vou ficar aqui.

- A senhorita trabalha? - perguntou ele.

- Sim, trabalho em uma chapelaria - disse ela, rezando para que ele não perguntasse onde. - Mas o salário não é muito bom.

- Foi o Sr. Reiss que agrediu a senhorita? - perguntou Rendall, olhando para ela com atenção. - Pensei, mais cedo, que fosse apenas a sombra, mas agora estou vendo um hematoma em sua face.

- Eu tropecei nos degraus do fundo - disse ela. - Caí de rosto na haste da balaustrada.

Felizmente, a charrete do necrotério chegou naquele instante, e as patas dos cavalos batiam alto na rua silenciosa. Dois homens entraram, Rendall indicou onde ficava o quarto e alguns minutos depois, eles saíram com Faldo em uma maca coberta por um lençol. Rendall se despediu de Belle e disse que esperava que

ela ficasse bem, mas hesitou na porta, olhando para ela, que estava ao lado do forno, chorando.

- Não gosto de deixá-la nesse estado, senhorita - disse ele.

- Se o senhor não for embora, as pessoas comentarão - disse ela. - Já é bem ruim o fato de um homem ter morrido aqui, será pior se um dos policiais permanecer.

- Sim, acredito que tenha razão. Só quis dizer que alguém deveria ficar aqui com a senhorita.

- Já moro sozinha há algum tempo. Não tenho amigos na cidade. Faldo era o único.

- Bem, sinto muito por sua perda - disse ele e, por fim, fechou a porta e partiu.

Quando ele partiu, Belle trancou a porta e foi para o quarto. Seu corpo todo tremia e seu estômago se revirava. Nunca havia se sentido mais sozinha.

Conseguiu perceber a marca do corpo de Faldo sobre a cama e sentia o cheiro do óleo que ele usava nos cabelos e também de seu suor. Ela queria conseguir chorar por ele, devia isso a ele, mas estava irada por ter sido deixada daquela maneira por ele.

Ela se lembrou de Suzanne, da casa de Martha, contando sobre um homem que havia falecido em cima dela. Assim como Faldo, a causa tinha sido ataque cardíaco. Mas a maneira com que Suzanne e as outras meninas contaram a história tinha sido muito engraçada. Suzanne chegou a admitir ter aberto a carteira do homem antes de o médico chegar e pegado 100 dólares.

Mas era fácil rir de uma morte indigna em um local inadequado quando se tratava de um desconhecido. Suzanne dissera que a maioria dos homens, se pudessem escolher como morrer, escolheriam morrer trepando com ela. Brincara, dizendo que enviaria um cartão com flores para o funeral dele, no qual escreveria: "Eu sempre disse que o levaria ao céu!".

Mas ainda que Belle estivesse com todas as meninas ali, naquele momento, ainda assim não conseguiria rir de nada a respeito da morte de Faldo. Ele era um homem complicado e contraditório, que tinha sido agressivo. Ele dissera que queria seu coração, então não podia ser tão mau para ela.

As coisas sempre seriam daquele jeito com os homens? Eles desejariam seu corpo, mas nunca sua mente, e nunca conseguiriam enxergá-la como uma pessoa normal, e não apenas como uma prostituta?

Ela se deitou na cama e puxou a colcha para cima de seu corpo. Mas, de repente, ela percebeu que tinha muito mais com o que se preocupar do que com a opinião dos homens sobre ela. Na verdade, ela não tinha mais nada. Os poucos dólares que a Senhorita Frank lhe dava não bastariam para mantê-la. Quando o aluguel deixasse de ser pago, o dono da casa a pediria de volta. Como ela viveria?

Martha impediria que ela fosse contratada por outras casas; assim, só lhe restariam os bordéis tenebrosos da Robertson Street.

O pânico tomou conta dela. O que faria?

Capítulo 25

- E é assim que as coisas são, Senhorita Frank - disse Belle com a voz trêmula, porque conseguia perceber que a senhora estava horrorizada pelo que acabara de escutar. - Senti que devia contar toda a verdade porque a senhora tem sido muito boa comigo.

Ela não havia dormido nem um minuto com medo do que aconteceria com ela. Por um lado, ela queria desaparecer, jogar seus pertences em uma mala e pegar o primeiro trem para fora de New Orleans. Mas uma voz fraca e sensata perguntou para onde ela acreditava que fugiria, porque seria difícil começar do zero em uma cidade desconhecida onde ela não conhecesse ninguém.

Essa mesma voz sensata sugeriu que ela contasse toda a verdade à Senhorita Frank. Como a senhora parecia gostar dela, Belle pensou

que ela concordaria em dizer à polícia que seu nome era Anne Talbot se eles fossem até lá para fazer perguntas. Belle esperava que com o dinheiro que ganharia na loja de chapéus e trabalhando como garçonete, poderia permanecer em New Orleans.

- Você acha mesmo que eu estaria preparada para mentir para a polícia e dizer que conheço você como Anne Talbot? - perguntou a Senhorita Frank, depois de um momento. Belle percebeu a animosidade na voz da mulher e sentiu o estômago embrulhar. Enquanto via o horror no rosto da senhora ao contar sua história, enganou-se ao pensar que a Senhorita Frank estivesse compadecida de seu sofrimento. Mas, naquele momento, ficou claro que ela não sentia nada além de repugnância.

- Eu não pedi para a senhora mentir. Estou trabalhando aqui e não acho que importa por qual nome a senhora me conheça - disse Belle.

- Isso é muito importante para mim - respondeu a mulher. - Ninguém muda o próprio nome se não estiver aprontando algo errado.

- Mas eu expliquei por que o Sr. Reiss me fez usar esse nome, e como cheguei a New Orleans. A senhora não acha que já sofri demais sendo sequestrada e forçada a me prostituir? Se tivesse acontecido com a senhora, não acha que teria tentado escapar a qualquer custo?

- Não acredito que você não tenha tido escolha. Acho muito mais provável que você tenha fugido de casa e inventado essa história ridícula para ficar com o papel de vítima - disse a Senhorita Frank de modo reprovador, demonstrando indignação no rosto e na expressão corporal. - Não sei também se acredito que esse homem que a sustentava morreu de causas naturais. Afinal, está claro, pelo hematoma em seu rosto, que vocês estavam brigando! Mas, deixando isso de lado, você tem

ideia do que seria para meus negócios se minhas clientes soubessem o que você é? Elas não entrariam nesta loja, muito menos experimentariam um chapéu no qual você tenha tocado.

Belle sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago. Nem por um momento pensou que a Senhorita Frank não fosse acreditar nela, nem imaginara que a mulher consideraria uma prostituta como alguém tão perigoso quanto um leproso.

- Elas não vão pegar nada de mim - disse ela. - Mas podem pegar de seus maridos, pois pode apostar que a maioria deles vai ao Distrito com frequência.

A Senhorita Frank mostrou-se chocada.

- Como ousa dizer algo tão maldoso?

De repente, Belle viu que tinha sido uma tola por imaginar que aquela solteirona pudesse compreender as coisas pelas quais ela havia passado. A sociedade na qual ela crescera era totalmente afetada. E a maioria das mulheres como ela não tinham qualquer conhecimento nem mesmo a respeito do próprio corpo. Mesmo que Belle tivesse dito apenas que um homem a beijara, a Senhorita Frank ficaria indignada.

Mas Belle não imploraria por perdão por algo que não era a sua culpa. Tampouco choraria. E não permitiria que aquela mulher tola se escondesse atrás de suas opiniões ridículas e puritanas.

- Porque é a pura verdade - disse Belle de modo teimoso. - Por que as pessoas sempre julgam as prostitutas como sendo os piores seres da face da Terra? Elas não existiriam se não existissem homens que as procurassem. E posso

dizer, por experiência própria, que são os chamados "homens de respeito" casados os primeiros a usá-las. Se as esposas cumprissem seu papel dentro do casamento, eles não procurariam prostitutas. Por isso, suas clientes indignadas devem analisar a si mesmas antes de me julgarem.

- Nunca ouvi algo tão chocante! - disse a Senhorita Frank, corada.

- Chocante? Vou dizer o que é chocante - disse Belle com raiva. - O fato de a senhora me aceitar aqui para trabalhar todos os dias fingindo gostar de mim. Mas quando resolvo contar a verdade sobre minha vida aqui, a senhora me dá as costas. Pensei que a senhora fosse uma mulher gentil. Pensei que fosse me ajudar.

- Quero que você saia da minha loja imediatamente. - A voz da Senhorita Frank estava estridente e fria. - Saia agora, sua abusada.

Belle sabia que precisava sair; nada que ela dissesse venceria os preconceitos daquela mulher.

- Tudo bem, estou indo - disse ela, mexendo-se e pegando uma pequena pilha de desenhos de cima da mesa de trabalho. - Mas a senhora não poderá ficar com estes desenhos, e vou até a Angelique's para contar que o último pedido delas foi desenhado e feito por uma prostituta. Elas provavelmente desejarão devolver tudo se forem como a senhora.

Ela viu a Senhorita Frank ficar abalada com sua reação, e por um milésimo de segundo pensou em pedir desculpas. Mas estava magoada demais para voltar atrás. Ela realmente havia

acreditado que o afeto que sentia por aquela mulher era recíproco.

- Tenho apenas 17 anos. Já passei pelo inferno desde que me arrancaram de minha casa há um ano e meio, e estou a mais de seis mil quilômetros de lá, sem a menor ideia de como voltarei - disse ela, balançando os desenhos que segurava. - O pouco de segurança que eu tinha morreu ontem com o Sr. Reiss, mas pensei que tivesse uma amiga de verdade que me ouviria e me aconselharia a respeito do que fazer sem me julgar. Fui muito tola!

Ela sentiu um pouco de satisfação ao ver o rosto da senhora tomado pela vergonha, mas se virou e saiu da loja.

Sem conseguir enxergar direito por estar com os olhos marejados, Belle voltou para casa. Não tinha alternativa a não ser sair de New Orleans. Aquela era, para qualquer pessoa, uma

história complicada demais e ela sabia que a Senhorita Frank não conseguiria guardar segredo. Martha logo ouviria os boatos e iria atrás de Belle.

E também havia a polícia. Era possível que eles voltassem para fazer mais perguntas, principalmente se algo estranho acontecesse após a morte de Faldo. Quando descobrissem sobre o seu passado, poderiam até culpá-la pela morte. Mas o mais assustador era que as pessoas que estavam por trás de sua "compra e venda" quisessem silenciá-la permanentemente.

Ela estava aterrorizada. Se fosse para a estação de trem, um dos espiões de Martha podia vê-la e eles iriam atrás dela. Um navio provavelmente seria o melhor plano, mas ela não fazia ideia de como comprar uma passagem.

Enquanto arrumava a mala, tentou dizer a si mesma que sempre soubera que aquele dia chegaria, porque havia comprado a mala exatamente para isso. Mas, ainda assim, ela chorou, pois nunca pensou que isso aconteceria naquelas circunstâncias. Ela havia escolhido as coisas para a sua casa com muito carinho, e era doloroso deixá-las para trás. O leque azul decorado com anjos dourados que colocara acima da cama poderia ir com ela, pois ele era dobrável, mas ela não podia levar o quadro de praia porque ele era grande demais. Ela havia passado muitas horas imaginando-se dentro de uma cabana com teto de palha em uma praia como aquela, com palmeiras bonitas, areia branca e mar de água azul-turquesa. Também havia sonhado em conhecer um homem como Etienne para cuidar dela. Mas o quadro, o lindo tapete vermelho da sala de estar e todas as outras coisas lindas que comprara teriam de permanecer ali.

Ela tinha mais roupas agora do que antes, em sua chegada, quatro vestidos, diversas anáguas, camisolas, meias, roupas íntimas e sapatos, mas não tinha mais um casaco quente, pois o casaco de pele que recebera na França havia ficado no navio quando chegou em New Orleans. O clima ali ainda estava ameno, mas ela sabia que conforme se aproximasse de Nova York, esfriaria muito.

Uma hora depois, Belle estava na Canal Street, com o braço dolorido por carregar uma mala tão pesada. Ela havia colocado a chave da casa dentro da caixa de correspondência quando partiu, imaginando que o proprietário da casa a chamaria quando soubesse da morte de Faldo.

Fazendo sinal para um táxi parar, ela pediu para que ele a levasse à Alderson's e esperasse enquanto ela fazia compras, e de lá, pediu que a levasse ao porto.

Belle sentiu uma pontada de culpa quando passou pelo caixa com o caro casaco cinza com gola e mangas de pele de carneiro, além de um chapéu de pele de carneiro para combinar, e um vestido azul-escuro de lã, e colocou tudo na conta do Sr. Reiss. Mas ela lembrou a si mesma de que sempre fora muito cuidadosa com os gastos até aquele momento, e que ele devia isso a ela pelo soco no rosto e por tratá-la tão mal antes de morrer.

No meio da tarde, Belle estava prestes a chorar, porque não conseguia comprar uma passagem de navio. Apesar de compreender, pelas informações dadas pelos atendentes, que a maioria dos navios eram embarcações mercantes que não levavam passageiros, aquelas que levavam pessoas exigiam que ela tivesse documento para poder comprar a passagem.

O porto era um local fedorento, sufocante e muito movimentado. Homens corpulentos

suavam carregando e descarregando os navios, gritando uns com os outros enquanto desciam ou subiam enormes caixas de madeira com correntes. Outros rolavam barris por pranchas, e então os empilhavam no chão de paralelepípedos.

Carroças e caixas repletas de mercadorias eram levadas por vendedores muito cansados que passavam pelas pessoas. Havia até gado, cavalos e bodes levados pelos navios. Em determinado momento, alguns bezerros escaparam em pânico, derrubando os marinheiros, os estivadores e outras pessoas. Belle era constantemente perturbada por mendigos, e um jovem negro vestido com trapos havia chegado a tentar arrancar o chapéu de sua cabeça.

Ela sentia calor, cansaço e ansiedade. Já haviam dito a ela, mil vezes, que New Orleans era um local perigoso, mas apenas aquele dia,

no porto, ela teve real noção daquilo. Havia gangues de crianças imundas, de cabelos desgrenhados e quase nuas de 5 ou 6 anos à procura de coisas para roubar; ela viu prostitutas do mais baixo nível com os seios de fora chamando os homens à luz do dia. Havia muitos bêbados e muitos, pelos rostos amarelados, eram viciados em ópio. Ela ouviu muitos idiomas diferentes, e viu pessoas de muitas nacionalidades, desde chineses a índios. Apesar de saber que New Orleans abrigava pessoas de todas as raças e credos, até aquele momento não tinha visto aqueles que viviam nos níveis mais baixos e mais pobres.

Como precaução, ela havia colocado todo o seu dinheiro dentro de um saco que estava preso dentro da cintura de sua saia antes de sair de casa, mas viu que tudo o que tinha - roupas, sapatos e mala - eram os principais alvos dos ladrões. Ela não ousou relaxar e não se distraiu nem por um segundo. Mas conforme o tempo

passava, ela foi sentindo cada vez mais medo, pois se não encontrasse um navio antes de escurecer, seria obrigada a encontrar um lugar para dormir, e naquele lugar, todas as opções eram terríveis.

- Aqui, senhorita, o *Kentucky Maid* partirá da França esta noite.

Belle ficou surpresa por ver que o menino a abordava, e ela se lembrou de Jimmy em Londres, pois ele tinha a mesma cor de cabelo e o rosto cheio de sardinhas.

- Onde? Ele leva passageiros? - perguntou ela.

O menino apontou para o cais. - Não é bem um navio de passageiros - disse ele. - Mas conheço o capitão e acredito que ele pode levá-la.

- Quem é você? - perguntou ela de modo sério, uma vez que nunca havia visto aquele garoto e era estranho ele saber o que ela queria.

- Sou Able Gustang, faço alguns serviços aqui no porto. Escutei a senhorita conversando com o atendente, e vi que parece desesperada para ir embora. Está fugindo?

- É claro que não - disse ela, mas quase riu pela semelhança entre ele e Jimmy, e por sentir que podia confiar nele. O garoto era muito magro, estava descalço, e a calça velha estava rasgada no meio da coxa. Ela pensou que ele devia ter, no máximo, 12 anos. - Mas vim para a América sem meus documentos e quero ir para casa - explicou ela.

- Você é prostituta? As prostitutas *costuma* não ter *documento* - disse ele.

- Não, não sou - respondeu ela, mas sem saber se tinha sido convincente.

- Bom, acho que foi um homem que trouxe você aqui - disse ele, estreitando os olhos, porque o sol atrapalhava sua visão. - É o que acontece com as meninas bonitas.

Belle sorriu. - Você me lembra de uma pessoa da minha cidade. Mas sou mais durona do que pareço, por isso não tente me enganar. Se você conseguir uma vaga para mim, vou recompensá-lo.

- Dez dólares? - perguntou ele.

- Justo, desde que o barco seja adequado para navegar e eu não tenha que dormir ao sereno, nem com o capitão.

Able sorriu ao ouvir aquilo, mostrando vários espaços entre os dentes. - O capitão deste vai

querer, mas ele sabe ser cavalheiro. Já fiz alguns trabalhos para ele, que é boa gente.

O *Kentucky Maid* era um barco a vapor de bom tamanho, mas Belle sentiu-se desanimada ao se aproximar dele e ver que era enferrujado e malcuidado, e assim, duvidou que a embarcação oferecesse o tipo de conforto que ela tivera no navio de passageiros que a levara a New Orleans. Mas estava indo para Marseille, que era muito mais perto da Inglaterra do que Nova York. E, de qualquer forma, tão tarde como estava, ela não podia ser fresca.

- Fique aqui um minuto, vou conversar com o capitão - disse Able. - Não fuja, está bem?

Belle garantiu a ele que não fugiria, e observou o menino subir a prancha com confiança de adulto. Cerca de dez minutos se passaram, e ela foi ficando cada vez mais ansiosa e, de repente, Able apareceu no deque com um

homem baixo e atarracado usando um quepe e uma trança dourada no casaco escuro. Ele olhava para ela e Able falava animadamente, balançando as mãos como se tentasse convencer o homem.

Able desceu a prancha correndo até onde Belle estava.

- Ele teme que você dê trabalho - disse ele. - Não gosta de levar moças desacompanhadas, porque elas ficam enjoadas e esperam tratamento especial. Mas se você conseguir convencê-lo de que não é assim, talvez até se der a ideia de que pode ser útil para cozinhar ou ajudar de modo geral, ele aceite.

Belle se preparou ao subir ao deque para conhecer o Capitão Rollins. Ela sabia que precisava ter muito cuidado. Se fosse simpática demais, ele pensaria que poderia fazer o que quisesse com ela até a França, mas se fosse

fria demais, ele usaria isso como desculpa para não levá-la.

Ela lançou a ele um amplo sorriso e estendeu a mão.

- É um grande prazer conhecê-lo, capitão. Estou muito agradecida por saber que o senhor pode me levar como passageira.

- Ainda não decidi se farei isso - disse ele de modo ríspido. Seus olhos eram tão escuros que pareciam não ter pupilas, e apesar de ser baixinho e atarracado, era um belo homem, com pele clara e bronzeada e traços benfeitos. - Preciso ter certeza de que você não causará problemas.

- Ficarei dentro da cabine o tempo todo se for melhor para o senhor - disse ela. - Ou posso ajudar a fazer as refeições. Sou uma boa

marinheira; no caminho para a América, todos os passageiros ficaram enjoados, menos eu.

- Por que não tem documentos? - perguntou ele diretamente.

- Porque fui sequestrada em Londres - disse ela. - Fui testemunha de um assassinato e o assassino me tirou de lá para impedir que eu o denunciasse.

- Um pouco extremo trazê-la tão longe - disse o capitão, esboçando um sorriso.

- Ele conseguiu muito dinheiro ao me vender - disse ela. - Mas quero ir para casa e fazê-lo pagar pelo que fez. Por favor, diga-me quanto vai cobrar para me levar para a França.

- Duzentos dólares - disse ele.

Belle rolou os olhos. - Nesse caso, terei que procurar outro navio, porque não tenho essa quantia.

- Tenho certeza de que poderemos chegar a um acordo - disse ele.

Belle resolveu se impor. Sabia exatamente o que aquilo significava.

- Não, vamos estabelecer o preço agora mesmo - disse ela. - Setenta dólares?

Ele fungou e contraiu os lábios, desviando o olhar.

- Posso, no máximo, 80 - implorou ela. - Por favor, Capitão Rollins, leve-me com o senhor, eu prometo que serei útil.

Ele olhou para ela de novo, balançando a cabeça lentamente. Mas, então, sorriu.

- Certo, senhorita, vou levá-la por 80 dólares, mas se ficar enjoada, não espere ajuda de ninguém.

Vinte minutos depois de pagar Able e despedir-se, Belle estava dentro da cabine. Ela era tão pequena que Belle só conseguia virar-se de um lado a outro no espaço entre os beliches e a parede com a portinhola. Não conseguia imaginar como seria ter que dividir a cabine com mais uma pessoa.

O Capitão Rollins a aconselhara a ficar dentro da cabine até o navio partir, mas ela teve a impressão de que ele queria que ela ficasse ali dentro até segunda ordem. Mas ela não se importava, pois estava tão cansada por ter dormido tão pouco na noite anterior, que poderia ficar horas e horas ali.

O capitão lhe informara que havia apenas mais dois outros passageiros a bordo. Arnaud

Germaine era francês, mas sua esposa Avril era norte-americana, e eles estavam indo viver com a família dele na França. Belle havia visto os dois brevemente; Avril tinha cerca de 35 anos, e seu marido era pelo menos dez anos mais velho. Mas ainda que eles não lhe fizessem companhia, ela ficava mais tranquila por saber que havia pelo menos mais uma mulher no navio. Quando o capitão mostrou onde era sua cabine, ela havia sido observada por muitos tripulantes. Todos tinham aparência desleixada, tinham olhos arregalados e estavam sujos. Ela pretendia manter a porta da cabine trancada o tempo todo.

No terceiro dia a bordo do navio, Belle estabelecera uma rotina e descobrira que os tripulantes estranhos eram de diversas nacionalidades. Cerca de metade deles era negros, e os outros eram cajun, mexicanos, chineses, irlandeses, brasileiros e o cozinheiro era italiano. Mas, por enquanto, eles vinham sendo

surpreendentemente educados com ela, talvez porque o capitão tivesse dito que ela era uma amiga de sua filha.

Belle caminhava pelo navio durante uma hora depois do café da manhã, e então pegava um pouco de café da galé e levava ao Capitão Rollins para ver se ele tinha alguma tarefa para ela. Até então, ele não havia pedido muitas coisas, na verdade, parecia que ele estava se esforçando para encontrar algo que ela pudesse fazer. Ela havia costurado alguns botões de camisa e arrumado sua cabine, e também ajudara Gino, o cozinheiro, a preparar legumes para o jantar, mas ele não permitia que ela fizesse mais nada na galé. As conversas com o capitão preenchiam parte do dia, e ela sentia que ele gostava de sua companhia.

À tarde, ela se sentava e lia no pequeno quarto que eles chamavam de "bagunça do oficial". Havia centenas de livros ali, nas estantes,

guardados em caixas e empilhados no chão, alguns tão velhos que corriam o risco de se desfazer. Belle, e o Sr. e a Sra. Germaine, além dos cinco oficiais do navio, também se alimentavam ali. E apesar de ser um lugar repleto de coisas, era confortável.

Arnaud Germaine a ignorava e ela sentia que ele sabia sobre seu passado. Sua esposa, Avril, olhava para ela com curiosidade, mas certamente havia recebido ordens para não conversar. Belle não se incomodava nem um pouco com isso, pois não queria ter que responder a perguntas. O Capitão Rollins podia fazer perguntas e fazia, mas ele era gentil e seus olhos escuros brilhavam. Durante as conversas de manhã, ela havia contado a ele mais sobre si mesma do que pretendera, mas mesmo quando ela admitiu ter trabalhado na casa de Martha, ele manteve a mesma expressão calma e levemente alegre, e ela acreditava que mesmo que

tivesse revelado tudo, ele reagiria da mesma maneira.

O navio pararia em Bermuda para conseguir água, depois atravessaria o Atlântico até Madeira e, finalmente, chegaria a Marseille. Uma noite antes de eles chegarem a Bermuda, o capitão disse a Belle que ela deveria ficar dentro da embarcação no dia seguinte.

- As autoridades são muito atentas aqui - explicou ele. - Bem, têm que ser, porque são ingleses - disse com um sorriso. - Você pode pensar que eles seriam simpáticos com você, mas se engana. Eles a mandariam de volta a New Orleans e me processariam. Por isso, permaneça em sua cabine.

Dentro de sua cabine, o calor estava insuportável quando o navio atracou. Belle sabia que Bermuda tinha praias como aquela da foto que ela tivera de deixar para trás, e ela queria

muito poder vê-las. Mas ficou só de camisola e deitou-se em seu beliche com a portinhola bem aberta e escutou os sons da ilha tropical que entravam ali. Alguém tocava um tambor de metal à distância, e ela escutou uma mulher dizendo algo, como os mercadores das ruas de Londres. Ela não conseguia ver o porto pela portinhola, pois o navio estava virado para o mar, mas na aproximação com a praia, ela havia visto mulheres morenas de pele brilhante usando vestidos coloridos e carregando cestos de fruta na cabeça. Vira homens em barcos compridos, que pareciam feitos do tronco oco de uma árvore, e eles lançavam redes de pesca à água clara, e crianças rechonchudas e nuas pulavam da doca para nadar.

Toda a tripulação estava muito animada por parar ali. O segundo-tenente Gregson comentara que eles estariam totalmente embriagados uma hora depois de desembarcarem. Ele havia dito a ela que aquele era o lugar onde os

homens costumavam abandonar o navio, às vezes intencionalmente, mas, normalmente, porque tinham se embriagado depois para voltar à embarcação a tempo da partida. Reclamou que fazia parte de sua obrigação reunir todos eles no fim da noite, e por isso ele precisava manter-se relativamente sóbrio. Quando todos já tinham desembarcado e o navio ficou em silêncio, Belle sentiu-se muito triste e abandonada. Tentou dormir para fazer o tempo passar mais depressa para que eles voltassem a navegar, mas para sua irritação, continuava muito desperta. Não parava de pensar que quando chegasse à França, seria Natal, e logo depois, já se completariam dois anos da morte de Millie e até aquela noite, ela não sabia muito bem o que era um bordel. Era difícil de acreditar que ela já tinha sido tão ingênua, mas Mog e sua mãe provavelmente tinham ameaçado as meninas dizendo que elas seriam expulsas se contassem a Belle o que faziam no andar de cima.

Como as coisas tinham mudado desde então! Ela havia viajado milhares de quilômetros e passado de virgem à prostituta, de menina à mulher. Não acreditava que havia algo de novo a aprender sobre os homens; todas as ideias românticas que ela já tivera a respeito de namoro, amor e casamento, não mais existiam.

Uma das maneiras preferidas de Belle passar o tempo no navio era estudando os tripulantes e imaginando cada um deles na casa de Martha. Gregson, o segundo-tenente, era o oficial mais jovem e solteiro. Ele tinha cabelos loiros e olhos azuis de um herói de livros de aventura; ela acreditava que ele poderia ficar bêbado até cair, e quando finalmente subisse para o quarto com uma das meninas, desmaiaria.

O primeiro-tenente, Attlee, um homem casado de 40 anos de St. Louis, julgava a si mesmo como um tipo de Don Juan. Belle achava que ele pare-cia uma fuinha, pois era forte, porém

alto, com olhos escuros atentos observando tudo como se tivesse medo de perder algum acontecimento. Ela percebeu que ele era o tipo observador, um daqueles homens que gostavam mais de ver os outros fazendo sexo do que de fazer sexo, propriamente dito.

O Capitão Rollins era mais difícil de classificar. Ele era o homem de família - em sua mesa, havia fotos de sua bela esposa e três filhos, e ele falava sobre eles com carinho. Mas ela também sentia que existia um outro lado dele, pois quando ela admitiu ter trabalhado na casa de Martha, ficou claro que ele conhecia tais lugares. Ela sentia que ele era um oportunista, e que apesar de não se impor a nenhuma mulher, ele era do tipo que se colocava em uma situação na qual uma mulher teria dificuldades de resistir a ele. Belle acreditava que ele era um homem intenso que devia ser um bom amante, e generoso.

Ao pensar nisso, Belle sorriu. Ele poderia ser útil quando eles chegassem a Marseille.

Belle passou um balde para Avril Germaine dentro do qual ela pudesse vomitar e secou sua testa com uma flanela molhada, sentindo pena da moça. Ela se lembrava de como Etienne havia passado mal, e a súplica de Avril, dizendo que acreditava estar prestes a morrer, fizeram Belle sentir que precisava ajudar a mulher. Quando esta vomitou de novo, seu rosto tinha um tom esverdeado do cobertor com que Belle a cobrira, depois de ajudá-la a sair dos lençóis sujos de seu beliche.

- Você não vai morrer - disse Belle com firmeza, pegando o balde de sua mão e esvaziando-o em um outro balde maior. Enxaguou o balde com água e então o entregou a Avril, no caso de ela precisar vomitar de novo. - A tempestade vai passar nas próximas horas e você vai se sentir bem de novo.

Avril era uma mulher pequena e bonita, com cabelos loiros e cacheados, olhos azuis e uma pele parecida com porcelana. Suas roupas eram caras e belas, e ela fazia com que Belle se lembrasse de uma boneca de porcelana de um livro que Mog havia lhe dado na infância. A boneca pensava ser a rainha do jardim de infância porque era linda, e o brinquedo preferido de sua dona. Ela sempre tratava os outros brinquedos mal, que pensavam ser inferiores a ela. Avril era como ela, em todos os aspectos.

- Por que está sendo tão gentil comigo? - perguntou com a voz fraca. - Tenho sido tão má com você.

Belle esboçou um sorriso. Avril e o marido a haviam ignorado no começo da viagem, mas eles tinham se tornado muito mais desagradáveis desde a partida de Bermuda, excluindo-a de conversas no escritório do oficial, fazendo

comentários maldosos sobre ela. Estava claro que eles tinham provas de que ela era uma prostituta e sentiam-se ultrajados por terem de comer à mesma mesa que ela.

Por causa disso, ela havia sentido vontade de mandar Arnaud Germaine para o inferno quando este implorou para ela ajudar sua esposa enjoada, mas Belle nunca conseguira ignorar outro ser humano que estivesse sofrendo.

- Até mesmo as putas têm coração - disse ela, enquanto ajeitava o lençol limpo na cama. - Na verdade, algumas têm corações maiores do que as pessoas comuns. Mas não entendo por que você e seu marido foram tão hostis comigo. Pelo que sei, vocês ganharam dinheiro vendendo bebidas a bordéis!

O Capitão Rollins havia deixado vazar essa informação. Belle suspeitava de que não se

tratara de um acidente, e que ele queria que ela usasse aquilo a seu favor. Avril vomitou de novo. Belle parou de arrumar a cama para erguer os cabelos da mulher e molhar seu pescoço com o pano úmido. Então, quando Avril parou de sentir ânsia, ela lavou seu rosto e lhe deu um pouco de água.

- Você tem razão - disse Avril, recostando-se na parede. - É assim que ganhamos dinheiro. Mas acho que decido não pensar sobre isso.

Belle não viu motivos para dificultar as coisas; afinal, Avril estava passando muito mal. A boneca de porcelana de seu livro também havia sofrido; caiu de uma prateleira e seu rosto rachou, e depois disso, sua dona nunca mais quis brincar com ela.

- Bem, pelo menos você tem dignidade para admitir isso - disse Belle. - Agora, vamos, você

precisa se lavar e trocar de camisola... Assim, você ficará mais à vontade.

Uma hora depois, Belle saiu da cabine dos Germaine, levando os lençóis e a roupa dela para lavar. Estava feliz por perceber que os enjoos de Avril estavam passando. Depois de se lavar e se deitar na cama limpa, ela havia adormecido e seu rosto parecia melhor. Belle estava lavando o lençol na pia da lavanderia quando o Capitão Rollins espiou pela porta.

- Como foi a missão de piedade? - perguntou ele, com os olhos brilhando.

- Piedosamente breve - respondeu Belle. E disse: - A Sra. Germaine está um pouco melhor agora.

Colocou a ponta do lençol entre os roladores e girou a maçaneta e observou a água escorrer.

- Você seria uma boa enfermeira - disse o Capitão Rollins. - Acabei de falar com o Sr. Germaine e ele ficou muito comovido com o modo com que você cuidou da esposa dele.

Belle deu de ombros. - Prostituta, enfermeira, são profissões parecidas, de cuidar de necessidades diferentes.

- Você poderia erguer a cabeça se escolhesse ser enfermeira - disse ele.

Belle olhou para o capitão e viu que ele olhava para ela com muita atenção.

- Eu poderia erguer ainda mais a cabeça se tivesse minha casa, charrete e boas roupas - disse ela de modo áspero. - Mas o emprego de enfermeira não paga tão bem.

- Então você vai continuar trabalhando como prostituta quando chegar à Inglaterra?

Belle considerou aquela pergunta muito esquisita.

- Não, se eu puder evitar - disse, erguendo a cabeça. - Quero ter uma loja de chapéus com alguns cômodos no andar de cima, onde eu possa trabalhar e ter uma oficina. Mas tenho muito pouco dinheiro agora, e a viagem é longa de Marseille até Londres. Por isso, se tiver alguma ideia de como poderei evitar ganhar esse dinheiro sem me vender, sou toda ouvidos.

- Fico triste ouvindo você dizer isso - disse ele, com a voz suave. Belle soltou o lençol e se aproximou do capitão, e segurou seu rosto com o polegar e o dedo indicador e o apertou.

- Como eu disse, pode me mostrar outra maneira e ficarei feliz em seguir sua ideia. Mas não se preocupe comigo, porque como eles dizem em New Orleans, eu sou forte.

Às nove da mesma noite, Arnaud Germaine foi até a ponte para ver o Capitão Rollins.

- Boa noite, senhor - Rollins cumprimentou seu passageiro. - Como está a sua esposa agora que o mar está mais calmo?

A tempestade havia passado perto das seis da tarde e apesar de o mar ainda estar revolto, o navio não mais balançava.

- Ela está bem melhor agora - Arnaud respondeu com seu sotaque inglês carregado. - Temos que agradecer à Senhorita Cooper.

- Sim, eu soube - disse o capitão. - Ironicamente, quase recusei sua entrada no navio por acreditar que ela passaria mal e precisaria de atenção.

- Sinto-me envergonhado pela maneira com que a tratei. Minha esposa diz que ela salvou sua vida.

O Capitão Rollins sorriu. Não imaginou que o francês carrancudo fosse capaz de sentir vergonha. - Então, talvez, o senhor devesse recompensá-la - sugeriu ele. - Fiquei sabendo que ela terá dificuldade para pagar a passagem de trem para chegar à Inglaterra.

- Hum, pode ser - murmurou Arnaud. - Mas, diga-me, capitão, o senhor considera essa menina um mistério?

- O senhor diz isso porque ela é jovem e bela, e ainda assim tão gentil?

Arnaud assentiu. - Ela também tem um jeito curioso de agir. Aqueles olhares certos, as respostas sempre ácidas. Acho que ela está se divertindo às nossas custas. Ela disse a minha

esposa que ganhamos dinheiro vendendo bebida para bordéis, por isso não somos melhores do que ela.

O Capitão Rollins riu. - Se ela tivesse dito isso enquanto sua esposa estava bem, a situação poderia ter ficado feia.

- Sim, tem razão. Mas não acho divertido, como o senhor. Receio que ela tente ganhar a simpatia de minha esposa para ser convidada a ir à nossa casa, na França.

- Não acho que ela seja assim - disse o Capitão Rollins. - Acredito que o senhor a está julgando pelos seus padrões.

Arnaud bufou indignado.

- Senhor, isso é muito grosseiro - disse ele.

O capitão deixou o primeiro-tenente guiando o navio mais tarde e desceu para sua cabine para fazer o registro do navio. Mas viu-se sentado olhando para o nada, pensando no que Arnaud Germaine dissera a respeito de Belle.

Ela *era* um mistério, forte, direta e corajosa, pois a maioria das jovens em sua posição nunca ousariam viajar até a França em um navio de carga. Mas o que ele mais gostava nela era do fato de não ter vergonha de ser uma prostituta. Era como se ela tivesse decidido, em determinado momento, que ainda que não fosse sua escolha, seria muito boa naquilo. E ele não tinha dúvidas de que ela era boa, com aquela aparência maravilhosa e corpo perfeito.

Ele a desejava desde que a vira, mas ela havia deixado bem claro que não estava disponível. Ele a considerava muito honesta e também gostava de seu senso de humor. Sorriu ao pensar que ela havia colocado Avril Germaine

em seu lugar lembrando que ela e o marido ganhavam dinheiro fornecendo bebidas a bordéis. Ele também se divertira quando contou que havia se tornado a amante do funcionário da ferrovia, e sobre como se decepcionara com ele.

Rollins já tinha conhecido muitos homens que tratavam sua bela esposa ou namorada da mesma maneira com que tratavam seu ouro, nunca permitindo que elas brilhassem em público e humilhando-as sempre que possível. Ele tinha que admitir que eles se sentiam, de certa forma, desvalorizados, ou tinham medo de que outro homem as roubassem. Ele não conseguia imaginar a si mesmo comportando-se desse jeito, pois se Belle fosse sua amante, ele desejaria valorizá-la, exibi-la, sentir os homens invejando-o. Qual era o sentido de ter um grande tesouro se era preciso mantê-lo escondido?

Mas ele estava um pouco preocupado com o interesse de Germaine em Belle. Apesar de ter dito não querer qualquer contato com ela em Marseille, Rollins teve a impressão clara de que o único objetivo do francês ao procurá-lo era para falar sobre Belle, como se tivesse algum plano para ela.

Ficou pensando que talvez devesse alertá-la para não aceitar convites do casal. Mas se fizesse isso, ela seria capaz de dizer algo aos Germaine. Com isso, seria possível que Germaine procurasse outro navio no futuro para levar seu vinho a New Orleans. Então, talvez fosse melhor confiar no bom senso de Belle e não dizer nada.

Capítulo 26

A doca em Marseille era muito mais barulhenta, movimentada e malcheirosa do que a de New Orleans. Além disso, estava escuro, muito frio e todos ao redor dela falavam francês. Belle estava na prancha de embarque do navio, com a mala na mão, falando francês, aterrorizada por não saber o que fazer ou para onde ir.

Ela pensou que sairia do navio e veria um hotel, mas só o que conseguia ver diante de si mesma eram formas escuras de prédios que mais pareciam galpões. Homens tentavam pegar a mala de sua mão, pedindo que ela os acompanhasse só Deus sabia para onde, e havia meninos puxando seu casaco e pedindo dinheiro.

De repente, Arnaud Germaine apareceu a seu lado.

- Deixe-me pegar um *fiacre* para você - insistiu ele, segurando a mala de Belle. - Isto aqui deve ser assustador quando não se fala francês.

- Sim, realmente. Graças a Deus você apareceu! - exclamou ela, acreditando que "fiacre" fosse "charrete" em francês. - Eu estava quase entrando em pânico por não saber aonde ir. Pode pedir ao motorista que me leve a uma pensão, um local limpo, mas barato?

Desde que cuidara de Avril, tanto ela quanto seu marido haviam se tornado simpáticos com Belle. Jogavam baralho quase todas as noites depois do jantar, e Belle passara a gostar de Avril. Mas tinha mais cuidado com Arnaud: ele estava se esforçando para ser simpático, mas ela sentia que era algo forçado.

- Eu conheço o lugar certo, minha cara - disse ele com um sorriso caloroso. - Vou levá-la até lá e apresentá-la ao proprietário.

O cheiro de peixe no porto estava muito forte, por isso Belle levantou a gola do casaco e tampou o nariz com ela. O cheiro ruim saía de um casebre muito iluminado a vinte metros dali; ela acreditou que pelos gritos que escutava, os peixes estavam sendo vendidos.

- Este lugar é interessante de dia - comentou Arnaud, de modo brincalhão. - Mas não é agradável ver lagosta, bacalhau e arenque quando se está cansado e com frio. Segure o meu braço e vou encontrar um *fiacre*.

Belle pensou em perguntar onde Avril estava, mas o barulho e a agitação eram tão grandes que ela apenas segurou o braço dele e deixou que ele a guiasse pelas pessoas.

Ele colocou dois dedos entre os lábios e assoviou alto.

- Sempre quis fazer isso - disse ela, admirando a capacidade dele. - Mas não é algo muito adequado a uma moça.

Arnaud riu concordando e mostrou que seu gesto tinha sido eficiente, pois um taxista já estava puxando as rédeas de seu cavalo para seguir na direção dele.

- Logo sairemos deste tumulto e você se sentirá segura de novo.

- É incrivelmente gentil de sua parte, Sr. Germaine - disse Belle enquanto o francês a ajudava a entrar na charrete.

- É o mínimo que eu poderia fazer por você ter ajudado a minha esposa quando ela estava mal - disse ele, colocando a mala dela ali dentro e entrando em seguida, depois de trocar algumas palavras com o condutor.

As mãos de Belle estavam muito geladas, mas ficaram um pouco mais aquecidas dentro da charrete.

- Onde está sua esposa? - perguntou ela.

- Ela pediu para que eu cuidasse de você e a colocasse em segurança - respondeu Arnaud. - Minha família vai levá-la para casa e eu a encontrarei mais tarde. Ela me pediu para convidar você para nos visitar no Natal.

O dia seguinte seria o Natal, mas Belle só conseguia ver a data como um inconveniente que atrasaria sua volta para a Inglaterra. Mesmo que houvesse um trem de manhã, ela acreditava não ter dinheiro suficiente para comprar uma passagem. Pior ainda, o pouco de dinheiro que ainda tinha acabaria no pouco tempo em que vivesse em uma pensão. Precisaria encontrar um emprego para ganhar mais, mas seria difícil sem falar francês. Ela queria pedir ao

Capitão Rollins que lhe emprestasse um pouco de dinheiro, mas não conseguiu. Da mesma maneira, desejava ter a coragem de pedir a Arnaud.

- Adoraria visitar vocês, mas terei de encontrar trabalho, pois acredito não ter dinheiro para voltar para a Inglaterra - disse.

- Tenho certeza de que tudo isso se ajeitará - disse ele com gentileza, dando um tapinha em seu joelho.

De repente, Belle se sentiu desconfortável. Não sabia se aquela sensação se devia ao fato de estar cansada, com frio e ansiosa, mas parecia que a aparente gentileza de Arnaud era apenas um jeito de deixá-la em dívida com ele. Ela sabia muito bem que só havia uma maneira de ganhar dinheiro rapidamente em Marseille, e se resignou. Já havia decidido usar

o plano do hotel, uma ideia de algumas meninas da casa de Martha. Mas ainda que aceitasse dar alguns francos a um recepcionista de hotel que a ajudasse a encontrar o cliente certo, não queria que Arnaud ou qualquer outro homem pegasse o que ela recebesse.

Mas não podia dizer isso. Talvez ele realmente a estivesse ajudando a acertar as coisas. Se ela dissesse algo ruim, ele poderia tirá-la do táxi e ela não saberia para onde ir. Por fim, ela não disse nada; parecia o mais sensato a se fazer.

A Madame Albertine, a proprietária ruiva da pensão, começou a falar sem parar com Arnaud, em francês, e a julgar pela animação em sua voz e por seu amplo sorriso, eles eram grandes amigos.

Mas, de repente, ela cobriu os lábios com a mão e se virou a Belle:

- Eu não deveria ficar falando em francês com Arnaud, porque você não compreende - disse ela com um inglês perfeito. - Sinto muito. Por favor, perdoe-me.

Belle sorriu e disse não esperar ouvir nada além de francês na França, e que deveria aprender um pouco do idioma enquanto estivesse ali.

Arnaud disse que precisava partir, e que Belle não deveria se preocupar com a conta, pois ele queria que aquilo fosse uma maneira de agradecer por ter tomado conta de Avril. Belle sentiu vergonha por ter desconfiado das intenções dele, deu um beijo em seu rosto e desejou feliz Natal.

- Até a próxima - disse ele, segurando a mão dela e beijando-a. - Mandarei uma charrete para buscá-la.

Madame Albertine tinha cerca de 40 anos, era muito atraente com seus cabelos ruivos, olhos verdes e corpo voluptuoso. Vestia um belo vestido de brocado prateado que Belle achou lindo.

- Vou sair para jantar esta noite - disse ela. - Em qualquer outro dia, eu estaria vestindo roupas muito comuns, mas é Natal, por isso procurei me arrumar mais.

Enquanto levava Belle para o andar de cima, ela disse que esperava que a moça não se sentisse muito sozinha.

- Minha casa estava cheia, mas os hóspedes foram passar a data com suas famílias. Mas nos próximos dias, vou apresentá-la a alguns de meus amigos.

O quarto que ela mostrou a Belle era pequeno, com paredes brancas simples e cortinas nas

janelas, mas havia uma colcha de cores fortes sobre a cama de latão e Madame Albertine riscou um fósforo para acender uma lareira que já estava preparada.

- Logo ficará quente - disse ela. - Se eu soubesse que uma hóspede chegaria, eu a teria acendido uma ou duas horas atrás.

- Já está bem aquecido - disse Belle, de modo agradecido. - Eu estava assustada quando saí do navio. Estou muito feliz porque o Monsieur Germaine me trouxe para cá.

Madame Albertine sorriu de modo caloroso.

- Será bom ter uma companhia feminina no Natal. Vou deixar um pouco de pão com queijo para você jantar. Tenho certeza de que você saberá chegar à cozinha, pois fica no fim do corredor. Sinta-se em casa, certo? Até

amanhã. Talvez você queira ir ao mercado comigo para fazer as compras da ceia de Natal.

A última coisa que a mulher disse antes de sair é que havia bastante água quente para um banho se Belle quisesse. Em New Orleans, ela tinha que ferver baldes de água para encher uma banheira de latão, e no navio, não pôde tomar um banho, apenas limpar-se com uma toalha, por isso, saber que havia uma banheira ali era como ganhar um presente de Natal.

Belle dormiu como uma pedra naquela noite. Só acordou quando as cortinas foram abertas e quando o sol entrou no quarto. A Madame Albertine estava ali com uma xícara de café nas mãos.

- Se quiser ir à feira comigo, precisamos sair agora - disse ela com um grande sorriso. - Levante-se e vista-se.

Belle ficou encantada com as grandes ruas que levavam ao mercado perto do porto. As casas eram meio velhas, com a tinta descascando das janelas e as portas com aparência de velha, e havia portas próximas umas das outras, desorganizadas. Ela conseguia perceber as semelhanças com o French Quarter, em New Orleans, nas cortinas e nas varandas de ferro forjado, mas ali estava uma irmã mais velha e menos organizada. As ruas eram mais estreitas, os cheiros mais fortes e não havia placas em inglês.

Quando elas chegaram à feira, Belle procurou não se afastar de Madame Albertine, com medo de se perder na enorme multidão para sempre. Já tinha visto muitas feiras - em Seven Dials, havia uma feira diária muito grande - mas nunca tinha visto algo como aquilo.

Havia centenas de barracas repletas de todos os tipos de alimentos que se podia pensar, e

muitos outros que ela não reconhecia. Lebres, coelhos e faisões pendurados pelas patas em postes. Perus, frangos e gansos ficavam expostos em grandes prateleiras. Havia barraquinhas com montanhas de maçãs vermelhas brilhantes, e outras, nas quais diferentes frutas e legumes eram expostos de modo tão belo que pareciam uma obra de arte. Havia bolos esplêndidos para o Natal, bolos Dundee e outros tipos parecidos, com cobertura de frutas e castanhas. Dezenas de salsichas vermelhas, marrons e brancas ficavam penduradas, e o vendedor geralmente fatiava os embutidos e os oferecia aos clientes. Havia inúmeros vidros do que Belle acreditava serem alimentos em conserva, apesar de não reconhecer o conteúdo, e barraquinhas vendendo apenas pão, e muitos deles tinham a casca quadriculada e outras formas fantásticas. Havia ervas, pimentas, garrafas de vinho e cordial, chocolate, puxa-puxa e doces.

Aqui e acolá, havia uma barraca vendendo decorações pintadas à mão para a árvore de Natal, e também havia biscoitos de gengibre com cobertura decorativa que imediatamente fizeram Belle se lembrar de Mog. Ela costumava fazer biscoitos como aqueles para o Natal e pendurá-los em cordões acima do forno.

Eles nunca tiveram uma árvore de Natal em casa. Annie torcia o nariz para elas, e na verdade parecia que ela não gostava de nenhuma tradição de Natal. Aos 7 anos, Belle ficara muito decepcionada ao saber que a meia vermelha de lã que Mog sempre pedia a ela que pendurasse ao lado do forno, para que o Papai Noel a enchesse de doces, nozes e pequenos brinquedos, era, na verdade, preenchida por Mog. Mas apesar de Annie não gostar do Natal, ela gostava do elemento de fartura que o acompanhava. Quando a casa era fechada, as meninas que não tinham familiares por perto para irem para casa, se reuniam na cozinha, e

Belle sempre se lembrava desses dias como dias de alegria, nos quais Mog e sua mãe ficavam um pouco embriagadas. Às vezes, elas comiam carne de ganso, às vezes, um frango grande, mas também havia salsichas, recheios maravilhosos e o que chamava de Batatas Assadas Especiais de Natal. Belle sabia que Mog adoraria aquela feira francesa, pois em todas as partes havia mulheres que se pareciam muito com ela, enchendo os cestos de compra com alimentos especiais para suas famílias.

Em uma barraca, um homem estava assando um porco em uma fogueira, e Madame Albertine comprou dois pães recheados com carne de porco assado para eles comerem enquanto caminhavam por ali.

- Delicioso! - exclamou Belle, rolando os olhos, pois havia muito tempo que não experimentava algo tão delicioso. - Assim, não vou querer ir embora de Marseille!

Madame Albertine escolheu uma árvore de Natal juntamente com todos os outros produtos que tinha comprado, e um menino prometeu entregá-la em sua casa mais tarde. Madame explicou que havia comprado uma caixa cheia de decorações para a árvore, e Belle poderia ajudar a montá-la quando chegassem em casa.

Belle foi para a cama à meia-noite, quase sem acreditar no dia maravilhoso que tivera. Depois de um período longo e solitário desde que deixara a casa de Martha, era ótimo ter uma mulher como companhia, e ajudar com as compras, a comida e a decoração da árvore. A Madame Albertine era tão agradável, que Belle acabou contando a ela sobre o período passado em New Orleans, sobre a morte de Faldo e sua decepção com o tratamento hostil da Senhorita Frank. Em parte, Belle contou tudo isso porque tinha certeza de que Arnaud contaria a ela que Belle havia trabalhado em um bordel, isso se já

não tivesse feito isso, e ela queria contar a história de seu jeito, sem permitir que ele acrescentasse os detalhes que quisesse. Quando Belle, de modo nervoso, perguntou se ela estava horrorizada, a Madame Albertine deu de ombros de modo expressivo.

- Por que eu estaria? Acho que você deveria ser admirada por sua coragem e força.

Belle ficou feliz e sentiu-se muito melhor a respeito de si mesma.

***

O dia de Natal foi igualmente adorável. Primeiro, Belle foi para a igreja com a Madame Albertine e, apesar de a missa ser toda realizada em latim, e os hinos serem em francês, ela adorou o cheiro do incenso, o fato de todos estarem vestindo suas melhores roupas, e de a igreja antiga ser linda.

Belle havia escolhido seu melhor vestido, um de crepe azul-claro que se ajustava como uma luva em seu quadril. Ele tinha um babado na gola e outro na bainha que subia pelas costas até a cintura, criando um efeito de volume. Ela o havia comprado em New Orleans enquanto ainda vivia na casa de Martha, mas nunca o usara ali, porque as meninas diziam que a peça fazia com que ela ficasse parecida com uma professora.

Belle sabia que ele não dava essa impressão; na verdade, as meninas na casa de Martha tinham que usar vestidos com decote.

A Madame Albertine gostou do vestido e disse que ele era perfeito para o dia de Natal. Deu a Belle uma flor azul de veludo para ser presa aos cabelos, que combinava perfeitamente com o vestido.

Depois da igreja, alguns amigos voltaram para a casa para beberem algo. Foi o único momento durante o dia no qual Belle se sentiu um pouco desconfortável e exposta, pois nenhuma daquelas pessoas falava inglês, e todas ficavam olhando para ela. A empregada da Madame Albertine estava preparando um ganso assado enquanto a patroa fazia sala aos convidados, mas quando os visitantes foram para casa, Belle foi à cozinha com a Madame para ajudar.

O almoço de Natal deveria ser comido às três, e havia apenas três convidados, todos cavalheiros. A Madame Albertine havia explicado, antes de eles chegarem, que eram empresários que não haviam conseguido voltar para casa para passar a data com a família, e que ela já era famosa por reunir os solitários nessa época do ano.

Felizmente, os três homens se comunicavam muito bem em inglês, e apesar de também

conversarem em francês, falavam com Belle o bastante para que ela não se sentisse deixada de lado. Por ter bebido champanhe antes do almoço, e depois vinho, Belle não conseguira se lembrar dos nomes completos dos homens nem o que faziam, mas já bastava o fato de ela conseguir se lembrar dos primeiros nomes deles - Pierre, Clovis e Julien.

Todos flertaram com ela e fizeram grandes elogios, e a Madame Albertine parecia satisfeita por ver que todos estavam se dando bem. Mais tarde, jogaram cartas, e Belle aprendeu alguns jogos que nunca havia jogado. Os cavalheiros partiram às oito da noite, aproximadamente, e quando alguns vizinhos chegaram para visitar a Madame, Belle subiu para seu quarto, onde adormeceu assim que se deitou.

No dia seguinte, Arnaud e Avril enviaram a charrete para pegar Belle e levá-la para almoçar com eles em sua casa.

Eles tinham uma casa pequena, porém linda, no alto de uma montanha às margens da cidade com uma paisagem incrível, do mar e de Marseille. Havia diversos outros convidados, a maioria deles falava um bom inglês, mas Belle não se sentiu muito à vontade, pois tinha a sensação de que Arnaud e Avril poderiam ter contado sobre ela aos presentes. Nada foi dito, eles eram muito agradáveis, mas ela sentia estar sendo observada de perto, e os homens eram um tanto familiares, por isso ela ficou aliviada quando chegou o momento de voltar para a casa de Madame Albertine.

Na manhã seguinte, Madame perguntou a Belle se ela gostaria de ir a um jantar naquela noite com Clovis, um dos cavalheiros presentes no almoço do dia de Natal.

- Ele deve trazer um amigo, e como gostou de sua companhia e a considera a moça mais bonita da cidade, torce para que você tenha

gostado dele o bastante para concordar em acompanhá-lo.

Belle sentiu-se lisonjeada com o convite. Clovis era um homem de gostos requintados, que havia dito adorar ópera e balé, e apesar de ele ter apenas cerca de 30 anos, ela não pensou que ele desejaria a companhia de alguém tão jovem e canhestra. Ele também era belo, com as características marcantes, como as faces bem protuberantes, olhos muito escuros e o nariz aquilino.

Belle disse que adoraria acompanhá-lo, mas não acreditava ter um vestido apropriado para a ocasião.

- Tenho alguns vestidos lisos do dia a dia, e o vestido azul que vesti no Natal, mas o único outro é de cetim vermelho. Acredito que ele deixe claro para as pessoas o que sou.

A Madame Albertine riu alto.

- *Ma cherie*, estamos na França, não julgamos aqui, mas talvez eu tenha algo mais apropriado. Eu já fui tão magra quanto você e nunca vendi nem doei nenhum de meus lindos vestidos.

Ela encontrou um vestido de renda preta para Belle, que serviu como uma luva. Era um tubinho clássico, com mangas compridas que ia até os joelhos e terminava com babados até o chão. O forro do vestido era um corpete, por isso os ombros, braços e a elevação dos seios podiam ser vistos através da renda.

- Já passei momentos incríveis usando esse vestido - disse a Madame, rindo. - Os homens diziam que ele era sensual, acredito que eles consideram provocante ver um pouco da pele.

O jantar foi no restaurante de um grande hotel no centro de Marseille. Clovis disse que Belle estava bonita quando foi buscá-la em um *fiacre*, e parecia verdadeiramente animado por estar com ela e Belle não sentiu nervosismo quando ele entrou no hotel de braço dado com ela para encontrar seus amigos.

Eram doze no total. As outras cinco mulheres eram todas atraentes, e estavam muito bem vestidas e ostentavam joias, mas eram um pouco mais velhas do que Belle. Eram charmosas e pareciam acreditar na história que a Madame Albertine havia sugerido que Belle contasse, de que havia sido mandada para a casa da tia, em New Orleans, quando sua mãe faleceu. Belle disse que sua tia tinha uma chapelaria, onde trabalhava fazendo e vendendo chapéus. Ela contou a história com facilidade - afinal, havia alguns elementos verdadeiros ali - e fez todos rirem ao descrever algumas das clientes mais

incomuns que já tinham entrado na loja de chapéus.

De modo estranho, ninguém perguntou o que ela fizera em um navio com destino a Marseille, mas a maioria das pessoas conhecia os Germaine, por isso a história a respeito dos cuidados prestados por Belle a Avril já era conhecida. Belle sentiu-se bem por ser vista como uma moça espirituosa e generosa, e por ter a admiração de Clovis.

Se Belle tivesse sido convidada para uma festa como aquela em Londres, seu sotaque teria deixado claro que ela pertencia a classes inferiores. Mas, felizmente, por ter passado tanto tempo nos Estados Unidos, ela havia conseguido esconder isso e, claro, por serem franceses, eles não davam tanta importância a detalhes, como sotaques. Martha sempre elogiara Belle por seus bons modos - e isso ela devia a Mog -, mas ao ver a série de talheres e copos

diferentes sobre a mesa, sentiu um certo medo.

Ela pegava o que todos pegavam, e percebeu que gostava bastante de estar em um hotel bacana, com um companheiro belo e atencioso, bebendo champanhe e degustando alimentos deliciosos, sendo o centro das atenções, de certo modo. Sabia que estava sensacional com aquele vestido de renda; podia não ter diamantes como as outras mulheres, apenas algumas contas vermelhas de vidro, mas ela era jovem e bela, com o mundo a seus pés.

Belle notou que havia bebido muito quando se levantou da mesa depois da sobremesa. Teve dificuldades de andar em linha reta, e os rostos das pessoas estavam um tanto borrados. Sua consciência lhe dizia que embriagar-se com pessoas que ela mal conhecia era perigoso, mas ela não estava preparada para

escutar a própria consciência, pois estava se divertindo muito. Quando Belle voltou do toalete, ofereceram-lhe licor. O gosto era de café, e ela bebeu tudo de uma vez.

- Você está bem, Belle? - perguntou Clovis.

Ela se virou para ele, colocou as mãos em seu rosto e olhou dentro de seus olhos escuros e um pouco caídos.

- Estou bem - disse ela, apesar de ter um pouco de dificuldade para dizer aquilo. - Eu estaria melhor se fosse beijada.

- Vou beijá-la mais tarde - disse ele, apertando sua mão.

Na sala ao lado da sala de jantar, uma banda estava tocando e, ao ouvir uma valsa, Belle ficou em pé e segurou as mãos de Clovis, convidando-o para dançar. Teve a impressão

de ter ouvido alguém à mesa dizer que se uniriam a eles, mas não percebeu se alguém mais foi para a pista depois.

Apenas se lembrava de sentir-se sonolenta e agarrar-se a Clovis. Ouviu quando ele disse algo a respeito de levá-la para seu quarto, e quando se deu conta, ele a abraçava e a ajudava a subir uma escada enorme com um carpete grosso e cheio de detalhes.

- Você tem um quarto aqui? - perguntou ela, tentando dizer as palavras corretamente.

- Sim, é onde sempre fico quando venho a Marseille.

- Mas o que eles pensarão ao me verem indo a seu quarto? - perguntou ela.

- Hotéis tão bons quanto este não opinam a respeito do comportamento de seus hóspedes - disse ele.

Belle se lembrava de ter subido a escada, mas pareceu demorar muito para chegar ao quarto. Então, em apenas um segundo ela estava totalmente nua. Tinha uma vaga lembrança de Clovis em pé com ela diante de um enorme espelho, tocando-a de um modo íntimo, mas que não pare-cia muito adequado, não para um homem que deveria estar levando-a para jantar.

Então, lembrava-se de vê-lo nu de repente, e ficou um pouco chocada ao ver que seu peito e suas costas eram cobertos por grossos pelos pretos. Naquele momento, ela tentou dizer que aquilo era um erro e que deveria ir para casa, mas ele não escutou, apenas deitou-a na cama grande.

Tudo ficou borrado depois disso. Ela escutou quando ele disse coisas em francês que pareciam grosseiras, também sabia que ele a estava penetrando, e mesmo em meio à sua embriaguez, sentiu uma certa vergonha por ter baixado a guarda bebendo tanto e fazendo Clovis acreditar que ela queria aquilo.

Ela acordou mais tarde com a garganta seca, e a princípio não soube onde estava, tamanha a escuridão do quarto. Mas virou-se de lado e sua mão pousou nas costas peludas do rapaz, e então ela se lembrou de tudo.

Sentiu-se enojada por ter se entregado depois de ficar bêbada. O que a Madame Albertine pensaria dela a partir de então? Sua cabeça latejava, sentia o cheiro de seu corpo e precisava muito de um pouco de água. Lembrava-se vagamente de ter usado o banheiro ao lado do quarto, por isso saiu da cama e caminhou segurando-se na parede. Chegou a uma porta,

mas, ao abri-la, a luz do corredor invadiu o quarto. Mas antes de fechá-la, conseguiu ver que havia uma segunda porta no quarto.

Dentre todas as coisas que Belle mais valorizava na vida, um banheiro com banheira com água quente e fria, e um vaso sanitário com descarga estavam no topo da lista. Apesar de haver um assim na casa de Martha, com tantas meninas querendo usá-lo, e a caldeira que aquecia a água sendo acesa em determinados horários, seu banho de banheira não acontecia com a frequência que ela desejava. A casa de Madame Albertine era boa, havia até algo chamado *bidê*, onde era possível lavar o traseiro. Mas o banheiro daquele hotel era o melhor que Belle já tinha visto, com uma pia presa a uma base de mármore, uma banheira enorme e um lavatório com bidê, com um chão de piso preto e branco que brilhava como se

estivesse molhado.

Mas apesar de Belle gostar do luxo, assim que fechou a porta, sentiu uma forte ânsia de vômito e chegou ao vaso sanitário a tempo de vomitar.

Teve a impressão de passar horas vomitando. Em determinado momento, sentiu tanto frio que precisou envolver o corpo com uma toalha de banho, mas em seguida sentiu tanto calor, a ponto de pensar que desmaiaria. Por fim, quando não havia mais nada em seu estômago, ela se levantou do chão com dificuldade e olhou para seu reflexo no grande espelho atrás da banheira.

Os cabelos, que ela gastara uma hora arrumando na noite anterior, firmando os cachos com escova e prendendo-os com grampos na cabeça, estavam muito embaraçados, o rosto estava pálido e os lábios pareciam inchados e feridos. Sentia uma ardência nas partes íntimas

também, e concluiu que Clovis a possuíra com agressividade.

Quando Madame Albertine explicou o propósito de se usar um bidê, Belle não havia entendido muito bem, mas quando se sentou nele, e a água quente atingiu suas partes íntimas, compreendeu. Infelizmente, com a compreensão a respeito da utilidade dos bidês, veio a percepção de que havia sido enganada. Ela não acreditava que um homem culto e inteligente como Clovis se aproveitaria de uma mulher que tivesse bebido demais, a menos que ele soubesse que ela não poderia reclamar.

Pensando nisso, concluiu que a Madame Albertine havia contado a ele o que ela era, e Belle chorou por isso, porque gostava de Albertine, e acreditava que seus segredos estariam em segurança com ela.

Belle permaneceu no banheiro durante muito tempo. Lavou-se completamente, penteou os cabelos e bebeu muita água, até sentir-se totalmente sóbria de novo. Então, voltou para o quarto escuro e procurou, até encontrar, as roupas pelo chão.

Ao observar entre as cortinas, viu que ainda estava escuro, e que o amanhecer se anunciava com apenas um pouco de luz, e além de não saber como voltar para a casa de Madame Albertine, também não queria que a vissem sair dali. Por isso, depois de se vestir, pegou um cobertor que havia caído da cama e se sentou no sofá ao lado da janela e cobriu o corpo para manter-se aquecida, enquanto pensava em como lidaria com a situação.

Clovis roncava baixinho, um som amável em muitos aspectos, e Belle desejou poder acreditar que ele a tivesse levado até ali com a intenção de deixá-la dormindo até a embriaguez

passar, e que foi vencido pelo desejo. Infelizmente, no entanto, ela conhecia os homens bem o suficiente para acreditar naquela ideia. Ironicamente, ela poderia ter ido para a cama com ele em outro encontro, porque havia gostado dele.

Mas ao pensar na forma com que tinham se conhecido no almoço de Natal, de repente ela se deu conta de que a Madame Albertine podia estar exibindo Belle naquele momento e mais cedo naquele dia, a seus outros amigos, preparando-se para oferecê-la no leilão maior. Belle ficou horrorizada, pois aquele era o pior tipo de traição. Mas quanto mais pensava naquilo, mais percebia que tinha razão e, ainda mais, que Madame Albertine não podia estar sozinha naquilo: seu principal cúmplice era Arnaud.

Ela conseguiu entender tudo. Arnaud havia se oferecido para chamar um táxi para levá-la a

um lugar que ele conhecia, porque já havia planejado tudo. Era possível que Madame Albertine já administrasse um bordel, e ficou encantada por Arnaud ter levado sua mais nova contratada. Belle entendia agora por que havia se sentido desconfortável na casa dos Germaine; os amigos dele já sabiam o que ela era e talvez até já estivessem fazendo ofertas por ela.

O jantar daquela noite tinha sido a isca. E ela havia mordido e se prendido no anzol. Para fazê-la cair na armadilha, foram necessários apenas um belo acompanhante, um lindo vestido e bebida em excesso. Por ter ido ao quarto de Clovis por livre e espontânea vontade, não podia reclamar a respeito do que ele fizesse com ela.

Mas era claro que a Madame Albertine não esperava que ela reclamasse. Sem dúvida, ela se mostraria triste quando Belle voltasse para

casa, mas delicadamente sugeriria que ela fizesse aquilo por dinheiro no futuro; afinal, seria a maneira mais rápida de conseguir o suficiente para a passagem de trem de volta para a Inglaterra.

Independentemente de quem conseguisse os clientes, Madame Albertine ou Arnaud, não havia dúvida de que eles dividiriam o dinheiro que ela ganhasse. Belle voltaria exatamente para a mesma posição à qual havia sido submetida na casa de Martha.

Ela sabia que todos os portos tinham bordéis, e apesar de não haver outras meninas na casa da Madame Albertine, e de o local não se parecer com uma casa de prostituição, era bem possível que os dois tivessem planos de colocar Belle em uma casa perto dali. Ela concluiu que não seria muito lógico ficar brava, pois pretendia mesmo trabalhar como prostituta, antes de tudo aquilo. Mas era a decepção que doía. A

Madame Albertine havia desfilado com ela como se quisesse que Belle se divertisse, mas, durante todo o tempo, estava sendo vista como uma mercadoria a ser vendida a quem oferecesse uma quantia maior.

Belle ficou sentada ali, pensando por um momento, e então foi até o paletó de Clovis, que ele havia jogado no chão. Encontrou a carteira dele e tirou dali cinco notas de 20 francos. Imaginou que aquilo valesse cerca de 20 dólares, um preço justo por uma noite com uma prostituta de primeira.

Seus olhos já tinham se acostumado com a escuridão e ela ficou em pé, ao lado da cama, por um momento, olhando para Clovis. Ele era belo, e a noite tinha sido divertida até ela se embebedar, mas ele não era um cavalheiro por ter se comportado daquele modo. Havia cerca de 300 francos em sua carteira e ele podia se considerar sortudo por ela não ter pegado todo

o dinheiro. Mas não era e nunca seria uma ladra.

Então, guardando o dinheiro dentro da pequena bolsa, saiu do quarto na ponta dos pés, deixando Clovis roncando baixinho.

No andar de baixo, no hall de entrada, um porteiro cochilava sentado a sua mesa, e Belle passou por ele e foi para a saleta, onde havia deixado seu casaco horas antes, e que felizmente ainda estava ali. Quando saiu dali e se aproximava das portas principais, o porteiro acordou, endireitando-se num sobressalto.

- *Revenez au sommeil, doux monsieur* - disse ela, e soprou um beijo na direção do homem. A Madame Albertine dissera isso a um dos homens no dia de Natal, quando ele não compreendeu algo que ela dissera, e Belle soube que significava: "Volte a dormir, querido senhor". Ela nunca saberia se aquela era a

tradução certa, mas o homem sorriu e Belle saiu.

Fazia muito frio na rua e ainda estava escuro. Belle desceu a rua monte abaixo porque logicamente o caminho levaria ao porto. Esperava encontrar um café aberto, para poder beber algo quente e conseguir se informar sobre como chegar à estação de trem. Felizmente seu casaco era longo o suficiente para esconder seu vestido de festa, pois seria muito estranho ser vista com ele durante o dia. Ela precisaria comprar uma roupa mais quente com o dinheiro de Clovis. Obviamente, ela não poderia voltar à casa de Madame Albertine para reaver seus pertences e economias.

Ao descer a rua deserta, sentiu-se desesperadamente envergonhada de si mesma e tola também, por ter acreditado em pessoas que a manipularam. Estava cansada e sentiu vontade de chorar. Não era de surpreender, uma vez

que havia dormido muito pouco e tivera de abrir mão de todos os seus pertences e roupas. Mas o lado bom era ter certeza de que 100 francos seria mais do que o suficiente para chegar a Paris, e ainda poderia ficar com o lindo vestido de festa.

***

Já era fim de tarde quando o trem chegou a Paris. Belle tivera sorte antes de chegar ao porto de Marseille, pois viu uma placa indicando a ferroviária à esquerda, e descobriu que estava a poucas ruas de distância. Um trem partiria de Paris às seis da tarde, em apenas meia hora, e um café estava se abrindo, onde ela comprou uma xícara de café.

Ela adormeceu quando o trem começou a andar, e só acordou ao meio-dia porque as outras pessoas do vagão estavam fazendo muito barulho. Todas pareciam ser da mesma família,

dois homens de 20 e poucos anos, um homem de cerca de 30 anos e um casal muito mais velho que provavelmente era pai deles. Eles estavam discutindo, mas parecia ser de modo brincalhão, pois riam, e dividiam alimentos de um cesto.

A mãe disse algo a Belle, que ela acreditou ser um pedido de desculpas por tê-la acordado, e um pouco depois, ofereceu a ela uma fatia de um pudim delicioso de seu cesto, e logo depois, pão e queijo. Belle sorriu e agradeceu no escasso francês que havia aprendido nos últimos dias, mas ficou aliviada por ninguém do grupo saber falar inglês, por isso não se sentiu obrigada a conversar. Quando o trem se aproximou de Paris, ela começou a se preocupar. Encontrar uma acomodação barata, comprar uma troca de roupa e produtos de higiene, tudo isso sem falar francês, já assustava o suficiente. Mas sabia que também precisava de dinheiro, além de documentos para voltar para

a Inglaterra. Não houvera problemas em Marseille, onde um oficial havia entrado a bordo para conferir os documentos dos tripulantes; o Capitão Rollins não mencionara a presença de passageiros e o oficial não perguntou. Quando as autoridades saíram do navio, ela estava livre. Não seria assim quando fosse entrar na Inglaterra, e disso Belle tinha certeza.

Ao olhar pela janela do vagão e ver os campos planos e vazios, lembrou-se de uma paisagem parecida no hospital em que estivera em Paris. Tentou imaginar se a polícia francesa a ajudaria a voltar para a Inglaterra se explicasse o que havia acontecido.

Algo dentro dela dizia que aquela não era uma boa ideia. Já não tinha aprendido que não podia confiar em ninguém?

Capítulo 27

As ruas em volta da estação Gare de Lyon, em Paris, eram pouco iluminadas e estavam lotadas de pessoas que pareciam ter uma pressa terrível. Eram sujas, barulhentas e malcheirosas, muito piores do que as de Marseille, e Belle sentia-se ameaçada por todos os homens que olhavam para ela. Além de tudo isso, estava frio e começava a chover. Havia hotéis em todos os lados para que ela olhava, mas nada indicava se eram bons, ruins, caros, baratos, seguros ou perigosos, pois todos eram igualmente malcuidados. Ela pensava o tempo todo no seu vestido de noite sob o casaco e os sapatos; feitos para serem usados em ambientes internos, não eram adequados para vagar pelas ruas de uma cidade. Ela também sentia muita fome e muita sede.

Essa não era a Paris da sua imaginação, com bulevares amplos e arborizados, grandes

prédios, fontes adornadas, lojas bonitas e restaurantes finos. Tudo era tão cinza e lúgubre e lhe trazia à memória que havia sido nessa cidade que cinco homens a estupraram.

Como podia ter esperado que algo de bom lhe acontecesse ali?

Ela chegou a um restaurante e parou para olhar pela janela. Era triste como todos os outros, mas estava bem cheio. A maioria dos clientes parecia ser de funcionários de escritórios e, assim, ela pensou que o lugar poderia ter um bom custo-benefício.

Belle sentou-se a uma mesa com duas garotas não muito mais velhas do que ela. Elas estavam arrumadas, mas usavam roupas simples, com os cabelos penteados para longe do rosto. Belle sorriu para as duas e disse "*Bonsoir*". Elas a cumprimentaram também, mas voltaram para sua conversa.

O cardápio não significava nada para Belle e, por isso, quando a garçonete aproximou-se para anotar o pedido, ela apontou para o que parecia um ensopado de carne no prato de uma das garotas.

- *S'il vous plaît* - ela disse, com um sorriso.

A garçonete franziu as sobrancelhas.

- *Je ne parle bien français* - Belle acrescentou, orgulhosa de si mesma por lembrar aquela frase.

Quando a garçonete se afastou, uma das garotas perguntou se Belle era inglesa. Ela concordou.

- Sua uma vez na França? - a garota perguntou.

- *Oui* - respondeu Belle, aliviada ao saber que a garota falava inglês, ainda que não muito bem.

- Estou assustada porque não sei para qual hotel ir.

As duas garotas se olharam e, depois, tagarelaram em francês uma para a outra.

- Você quer hotel limpo, não muitos francos? - a primeira garota, a que tinha o cabelo mais escuro, perguntou a ela.

Belle concordou balançando a cabeça.

As duas garotas conversaram e a mais morena tirou um pequeno caderno da bolsa, arrancou uma página e escreveu nela com um lápis.

- Esse bom - ela disse, entregando o papel a Belle. - Não se assusta.

Ela havia escrito Hôtel Mirabeau, rue Parrott e desenhado um mapa grosseiro para mostrar que ele estava na rua que ficava, mais ou

menos, atrás do restaurante. Ela sorriu para Belle.

- *Bonne chance* - disse.

O Hôtel Mirabeau parecia tão gasto e malcuidado quanto todo o resto. Se não fosse pela placa descascada que balançava sobre a porta da frente, Belle não o teria visto, pois ficava no meio de um terraço, apertado entre uma padaria e uma loja para consertos de botas. Porém, estava frio demais na rua para procurar outra coisa e os pés dela estavam doendo; assim, Belle subiu os três degraus, empurrou a pesada porta e entrou.

A porta da frente abria-se diretamente para uma pequena sala de estar, que também servia de hall, com um balcão de recepção. Belle ficou parada, olhando ao redor, por um momento antes de tocar o sino do balcão. A sala, e a escada que saía dela, tinham papel de

parede vermelho-escuro nas paredes, o que lhe dava um ar aconchegante e oferecia um bom pano de fundo para a grande coleção de quadros pendurados. Todos tinham cenas do campo: homens cortando milho com uma foice, homens voltando para casa em uma carroça com feno, um pastor com um rebanho de ovelhas. Era claro que tinham sido pintados pela mesma pessoa e Belle perguntou-se se seria o dono do hotel.

Uma mulher curvada e muito magra saiu de uma porta ao lado da escada. Sua careta provavelmente era o mais próximo que ela conseguia chegar de um sorriso. Belle pediu um quarto, levantando um dedo para mostrar que seria para apenas uma pessoa. A mulher concordou balançando a cabeça e disse "50 centavos".

Parecia barato o suficiente para Belle e, assim, ela concordou e recebeu uma chave presa a

uma peça de metal de 15 centímetros. Depois, a mulher fez sinal para que Belle a seguisse e subiu para o quarto andar. Ela abriu uma porta e Belle entrou. Era um quarto pequeno; os móveis e o tapete no chão eram velhos, mas tinham a aparência e o cheiro de limpos.

- Obrigada - disse Belle. - Está bom.

Ela estava cansada demais até para tentar pensar em como falar aquilo em francês. A mulher lhe virou um olhar duro.

- Sem visitas - ela falou, em inglês. - Duas noites adiantadas. Um franco, por favor.

Belle corou, pensando que a mulher sabia o que ela era. Porém, quando pegou a bolsa, percebeu que a mulher tinha suspeitas porque ela não trazia bagagem.

- Roubaram minha mala - ela mentiu. - Amanhã terei de comprar roupas novas.

A mulher balançou a cabeça concordando, mas sua expressão continuava séria.

- *Petit déjeuner de sept à neuf*.

Belle entendeu a palavra "café da manhã", mas não o resto.

- Que horas? - ela perguntou, levantando os dedos.

- Sete às nove - a mulher respondeu, sucinta. - *Salle de bain dans le couloir*.

Depois, ela saiu, batendo a porta.

Belle supôs que aquilo significava que o banheiro era no corredor. Ela cutucou a cama. Era dura e, quase com certeza, cheia de

ondulações, mas resistiu à vontade de chorar. Em vez disso, ela pensou na refeição deliciosa que acabara de comer, deu os parabéns a si mesma por conseguir um quarto e pensou que tudo pareceria melhor pela manhã.

Belle acordou com o barulho de pessoas na passagem do lado de fora do quarto. Ajoelhou-se na cama e abriu um pouco a cortina. O céu estava clareando e, assim, ela pensou que deveriam ser por volta das sete e meia, mas da janela não havia vista, apenas as casas do lado oposto da rua, que se pareciam muito com aquelas do lado dela.

Ela havia dormido bem. A cama era surpreendentemente confortável, os lençóis cheiravam a lavanda e os cobertores e o edredom eram bem quentes. Ela vestiu o casaco sobre a *chemise* com a qual dormira, pegou a toalha muito fina que estava dobrada sobre a cadeira e foi procurar o banheiro.

O banheiro era bastante limpo, embora muito frio, e a água era fria também. Mas ela tirou a *chemise*, ficou em pé na banheira e lavou-se. Ela desejou ter uma escova de dente, pois o gosto na sua boca estava terrível.

Quinze minutos depois, Belle desceu para o salão de jantar. Para sua surpresa, era um lugar inesperadamente quente e convidativo, pintado em amarelo-vivo. As toalhas das seis mesas eram estampadas em xadrez azul e um fogão estava trabalhando com força total. Ela escolheu a mesa vazia mais próxima ao fogão, enrolando bem o casaco em seu corpo para que o vestido de noite não fosse visto. Havia dois casais comendo e um homem sozinho que lia um jornal. Ele olhou para Belle e deu um pequeno sorriso.

A mulher da noite anterior entrou pouco depois de Belle se sentar, carregando uma bandeja. O café da manhã era composto de um bule de

café, uma jarra de leite, alguns *croissants* em uma cesta, manteiga e geleia. A mulher não era tão velha quanto Belle pensara, era provável que tivesse 30 e poucos anos, mas não se esforçava para melhorar a aparência. O vestido preto velho ficava justo onde lhe tocava o corpo e o cabelo estava em um coque tão puxado que ela parecia ter pintado a cabeça de um marrom sem graça. Ela também tinha uma echarpe de xadrez preto e branco presa em volta do pescoço que parecia muito estranha, quase como se estivesse escondendo algo no pescoço dela. Na noite anterior, ela estava usando uma também, mas era toda preta e menos óbvia.

Não havia nada naquela mulher que sugerisse a Belle que as duas tinham algo em comum, mas ela não podia resistir à vontade de fazer amizade com ela, nem que fosse apenas para descobrir quem pintara os quadros do hall.

Enquanto ela colocava o café da manhã na mesa, Belle sorriu para ela.

- Como você se chama? - perguntou.

A mulher abriu um pequeno sorriso, o que foi um tímido avanço em comparação com a noite anterior.

- Gabrielle Herrison - ela respondeu.

- Eu me chamo Belle Cooper - disse Belle. - Mais tarde, você poderia me indicar onde comprar algumas roupas de segunda mão?

A expressão de Gabrielle suavizou-se um pouco.

- Eu vou encontrar pequeno mapa - ela prometeu. - Tem loja boa perto.

Belle estava apreensiva quando entrou na pequena loja de Madame Chantal. Madame Herrison não parecia ser o tipo de pessoa que entendia de roupas e, assim, Belle imaginou que a loja de roupas usadas recomendada por ela seria como as de Seven Dials. Elas tinham um fedor de mofo, suor antigo e coisa pior, e as roupas, todas misturadas sem cuidado, geralmente estavam em um estado tão ruim que apenas alguém desesperado as compraria. Porém, para a surpresa de Belle, nessa loja as roupas estavam penduradas e arrumadas em araras e ela não sentia cheiro algum além daquele de café recém-preparado.

Uma mulher baixa de cabelo grisalho, usando um vestido preto com gola e punhos de pele de mink, veio na direção dela e cumprimentou-a em francês. Belle pensou que a mulher provavelmente estava perguntando o que ela procurava e então perguntou se ela falava inglês, mas a resposta foi uma negativa com a

cabeça. Com isso, Belle tirou o casaco para mostrar o vestido de noite de renda e fez uma mímica de alguém fugindo com a mala dela. Foi surpreendente, mas a mulher pareceu entender ao assentir com a cabeça e indicar uma arara de vestidos comuns para o dia a dia.

Belle olhou os vestidos. Todos eram bons e simples, mas ela precisaria de algo com um pouco mais de graça se quisesse atrair clientes ricos.

Talvez a dona da loja tenha reparado na falta de entusiasmo dela enquanto olhava as roupas porque disse algo que Belle não entendeu e segurou um *tailleur* para que ela visse.

Ele era azul-claro com bordados em azul mais escuro no casaco bem acinturado. Parecia ter sido muito caro e estava bem próximo do que Belle tinha em mente. Mas a cor não era nada boa. Belle sorriu e acenou com a cabeça para a

mulher saber que ela tinha gostado. Depois, apontou para um vestido roxo e um vermelho e, em seguida, para o *tailleur*.

A mulher concordou com a cabeça. Depois de procurar pelas araras por um ou dois minutos, ela tirou um *tailleur* vermelho com alamares pretos ao longo do peito, que lhe davam um ar um pouco militar, e um roxo com gola e punhos de veludo preto.

Belle segurou o vermelho em frente ao corpo e olhou no espelho. Ficaria perfeito se servisse nela, era elegante e moderno, mas um pouquinho picante, e a cor combinava muito bem com ela.

A mulher a levou para um cubículo na parte de trás da loja para prová-lo. Ela apontou para uma etiqueta de seda no casaco que dizia "Renee" e Belle entendeu que ela estava tentando mostrar que era especial, e não feito por

um costureiro qualquer. Belle percebeu, pelo toque do tecido, a costura e até o corte do *tailleur* que ele havia pertencido a uma mulher rica. Mal podia esperar para vesti-lo.

A dona da loja estava tagarelando em francês do lado de fora do cubículo e Belle tinha quase certeza de que ela estava valorizando a mercadoria, dizendo que pertencera a uma mulher jovem e bonita, assim como ela. No momento em que ela fechou a saia na cintura, pôde ver que a antiga dona devia ter o mesmo tamanho e altura que ela, pois o comprimento estava perfeito, a apenas dois centímetros e meios do chão, e a peça envolvia seus quadris como uma segunda pele. Ela prendeu a respiração ao vestir o casaco, desejando que não fosse muito pequeno; e não era. Como a saia, serviu como uma luva.

- *Magnifique! Il est fait pour vous* - a dona da loja comentou, animada, quando Belle saiu do

cubículo, e ela teve de supor que isso significava que a roupa era ideal para ela.

E era perfeita mesmo, de todas as formas. O modelo fazia sua cintura parecer bem fina, a cor contrastava bem com seus cabelos escuros e os alamares com visual militar lhe davam um ar um pouco atrevido.

- *Combien*? - Belle perguntou. Era a única palavra que aprendera com Madame Albertine quando esteve no mercado.

- *Vingt francs* - a dona da loja respondeu e levantou todos os dedos duas vezes.

Belle engoliu a seco. Ela sabia que 20 francos era um preço razoável para um *tailleur* tão bonito, mas faria um grande rombo na quantia que ela tinha. Ela precisava da roupa certa para fazer dinheiro, mas e se o seu plano nos hotéis não funcionasse? E então? Além disso,

ela também precisava de outra roupa de baixo, um vestido comum para o dia a dia e um par de sapatos melhor.

A dona da loja olhava para ela com curiosidade e Belle apontou para os seus sapatos, ergueu a saia para mostrar que não tinha anáguas e, por fim, tocou em um dos vestidos simples. Ela tirou 20 francos da sua pequena bolsa e mostrou à mulher.

Ela com certeza entendeu o que Belle tentava dizer, mas não gostou. Murmurou, virou os olhos e começou a andar de um lado para outro parecendo brava, mas Belle manteve sua posição e ficou com uma expressão de desalento. Finalmente, a mulher se acalmou e foi até a parte de trás da loja, onde estavam os sapatos, voltando com vários pares, todos em ótimas condições. As pequenas botas pretas de cano curto com botões na lateral couberam em

Belle com perfeição. Elas tinham saltos pequenos e um visual

muito elegante.

Em seguida, a mulher pegou um vestido cinza leve de lã. A parte de cima tinha botões na frente e apliques de flores de um cinza mais escuro em um lado. Belle gostou porque ele seria quente e adequado para a maioria das situações. Ela indicou que gostaria de prová-lo. Com isso, a mulher caminhou até uma cesta com algumas anáguas, calças e combinações, que jogou nas mãos de Belle, como se dissesse que ela deveria procurar o que queria.

Quase uma hora depois, Belle saiu feliz da loja usando o vestido cinza e os sapatos novos. A roupa de baixo que escolhera, o *tailleur* vermelho, o vestido de noite e os sapatos estavam embrulhados em um papel marrom. Ela

comprou tudo por 25 francos, mas não se sentia culpada diante da pobre dona da loja.

Mais à frente, na mesma rua, ela reparou em uma loja que vendia penas, contas, véus e flores para chapéus. Ela ficou algum tempo olhando a vitrine e lembrou a si mesma que seria modista de chapéus quando voltasse à Inglaterra. Concentrar-se nisso fazia com que ela se sentisse mais forte e determinada. Ela não iria juntar dinheiro apenas para voltar à Inglaterra, mas para fazer um pé de meia também; assim, poderia andar de cabeça erguida quando estivesse em sua terra natal.

Além de uma escova de dente e um pequenino pote de creme para o rosto, Belle também comprou um chapéu usado, de pena preta, que era o mais parecido que ela conseguiu com aquele que combinava com seu casaco e ela tinha deixado em Marseille. No dia anterior, ela se sentira vestida apenas pela metade sem

um chapéu, mas, agora, ela se sentia completa de novo.

Madame Herrison estava no hall quando Belle voltou.

- Você encontrou algo bom? - ela perguntou.

Belle estava tão contente com suas compras que ficou muito feliz em mostrá-las e, enquanto as exibia para a dona do hotel, sentiu que a mulher ficou menos fria com ela. Ela segurou o *tailleur* vermelho na altura dos ombros de Belle e sorriu.

- É a sua cor - ela comentou. - Acho que trará sorte para você.

- *Merci*, *madame* - Belle agradeceu e foi recompensada com um sorriso que iluminou o rosto da mulher e deixou-a dez anos mais nova.

Tudo o que Belle sabia sobre a prostituição em hotéis vinha das histórias das meninas de New Orleans, que diziam ter vivido dessa forma por muitos meses em Washington e ganhado muito dinheiro. Porém, por mais brilhante que o plano fosse na teoria, Belle achava a ideia aterrorizante. Ela sabia bem que a prostituição era ilegal em Paris, apesar de a cidade ter a reputação de ser tolerante. Ela tinha visões de dois policiais levando-a a força e jogando-a em uma cela. Era óbvio que havia centenas de prostitutas em Paris, fosse pelas ruas, em bordéis ou em hotéis, e ela desejava apenas conhecer algumas delas para descobrir como tudo funcionava.

No seu segundo dia em Paris, Belle comprou um mapa de ruas e olhou alguns hotéis na Champs-Elysées, supondo que lá estariam os melhores. Alguns, na verdade, eram desleixados; outros ela dispensou porque os porteiros pareciam muito alertas e ela achou que nunca

conseguiria executar seu plano lá. Outros hotéis pareciam bonitos no exterior, mas, depois de observar as pessoas entrarem e saírem, ela percebeu que os hóspedes eram muito comuns e ela precisava de um hotel que atendesse aos extremamente ricos.

No final, ela pediu informações sobre hotéis a um porteiro, fingindo estar procurando um lugar para sua tia e sua mãe. Ele lhe deu uma lista de quatro hotéis e, depois, acrescentou o Hôtel Ritz, na Place Vendôme. Ele abriu um sorriso malicioso ao fazê-lo.

- *Vous devez être très riche pour y rester* - disse.

Ela tinha quase certeza de que ele dissera que era preciso ser muito rico para se hospedar lá e, por isso, sentiu na hora que deveria ser o lugar certo para ela.

A Place Vendôme era uma praça grande, que parecia quase circular, já que os prédios se inclinavam nos cantos e havia apenas duas entradas para a praça, uma de cada lado. Belle percebeu imediatamente que era um lugar muito especial, pois os belos prédios simétricos eram possivelmente dois séculos mais velhos do que aqueles dos amplos bulevares por onde ela esteve enquanto andava pela cidade e tinham apenas quatro andares a mais do que os seis que pareciam ser a regra da cidade. No centro da praça pavimentada havia uma enorme estátua de bronze e, enquanto ela ficou parada olhando para cima, imaginando se era Napoleão quem estava lá, ouviu um cavalheiro inglês de sobrecasaca e cartola explicar para a esposa que a peça havia sido feita com centenas de canhões que Napoleão apreendera na suas batalhas. Enquanto ela observava o casal, ele entrou em uma das muitas joalherias da praça. Qualquer um podia perceber, só de olhar as vitrines, que essas lojas não eram para

pessoas comuns: colares de diamantes brilhantes, anéis com safiras, esmeraldas e rubis enormes tão magníficos que quase a deixaram sem fôlego.

O Ritz não propagandeava sua presença na praça. Na verdade, era necessário olhar com muita atenção para ver as discretas placas douradas sobre as portas. Belle lembrou que Mog dissera que os melhores hotéis eram aqueles que tinham uma dignidade comedida. O Ritz com certeza tinha isso e ela esperava que, por ele ser tão majestoso e caro, poucas garotas tivessem coragem de tentar a sorte lá. Se era um plano inteligente ou não ela não sabia, mas Martha sempre dizia que suas garotas deviam sonhar grande.

Quando Belle voltou para o Mirabeau para se trocar, estava cansada, pois havia caminhado por quilômetros seguindo o mapa. Ela sabia que devia aprender logo a usar os trens do

Métropolitain; afinal, as pessoas de Londres usavam o metrô o tempo todo e o de Paris não podia ser diferente. Porém, ela só tinha andado no metrô uma vez com a mãe e tinha achado muito confuso.

E andar tinha sido bom, pois ela vira o Arco do Triunfo e - rapidamente - a incrível Torre Eiffel; ela se lembrava de ter aprendido na escola que era uma das construções mais altas do mundo. Também passou por lugares que eram tão esquálidos e assustadores quanto seus similares em Londres. Disse a si mesma que iria explorar a cidade pouco a pouco e aprender a amá-la. Iria a lojas de chapéus e olharia os modelos para ter ideias e, na verdade, estudaria todos os aspectos da moda da França. Porém, antes de tudo isso, ela tinha de tomar uma decisão e voltar ao Ritz naquela noite.

A coragem de Belle quase a abandonou quando ela voltou à Place Vendôme às sete e meia. Ela sabia que estava bonita em seu *tailleur* vermelho e com o cabelo preso, mas a enormidade do que ela pretendia fazer e a possibilidade de ser expulsa do Ritz faziam seus joelhos baterem.

Ela havia achado a Place Vendôme intimidadora o bastante durante o dia, mas, vista à luz dos lampiões a gás, com dúzias de carruagens privativas à espera, algumas das quais tinham até brasões nas portas, e alguns brilhantes carros a motor, ela sentiu que não conseguiria ir em frente. A simples maneira como a luz do cintilante lustre de cristal do hall do hotel atravessava as portas de madeira bem polida e os enormes arranjos de flores que ela viu ao passar indicavam hóspedes famosos e, possivelmente, até a realeza.

Belle respirou fundo, ergueu a cabeça e caminhou com atitude até as portas. Estava apavorada, mas não iria recuar agora. Homens ricos sempre queriam mulheres. Ela era capaz de fazer aquilo.

- *Bonsoir*, *mademoiselle* - cumprimentou o porteiro uniformizado com um sorriso, ao abrir a porta para ela.

Ela tentou agir como se frequentasse lugares como aqueles o tempo todo, mas, diante dela, havia um corredor longo e amplo de mármore branco com o tapete mais grosso e suntuoso de azul-cobalto que ela já vira estendido por ele. Havia estátuas de mármore, mais arranjos enormes de flores espetaculares e lustres cintilantes, e todas as portas de madeira brilhavam como espelhos. Ela pensou que o Palácio de Versalhes devia ter sido assim nos dias de Luís XIV.

Por sorte, havia dúzias de pessoas em volta dela, o que a fazia se sentir menos constrangida. Algumas faziam o *check-in* no balcão, outras apenas chegavam para o jantar ou iam embora depois de comer. Todas as mulheres estavam vestidas com elegância, banhadas em joias, e muitas exibiam casacos de pele que Belle supunha terem custado centenas de libras. Ela viu carregadores empurrando carrinhos com pilhas de malas de couro, uma lembrança dolorida de que ela deixara sua mala de papelão em Marseille. A riqueza de lá a deslumbrava e ela sentiu uma inveja profunda das pessoas que viviam daquela forma e não conheciam outra. Ainda assim, ao olhar com objetividade para as mulheres, viu que nenhuma era bonita e que algumas eram bastante sem graça.

Dois homens no início da meia-idade estavam em pé conversando. Com o canto dos olhos, ela os viu interromper a conversar e olhar para

ela. Assim, ela virou-se um pouco, mantendo a cabeça baixa, e, depois, ergueu-a e sorriu maliciosamente para eles, antes de baixar os olhos de novo.

Ela sabia que seria impossível abordá-los diretamente no *foyer* do hotel, mas esse não era o plano dela. Ela ouvira dizer que todos os *concierges* de hotéis tinham garotas que podiam oferecer aos hóspedes por uma taxa alta e ela acreditava que o de lá não seria diferente, apenas mais seletivo do que aqueles de hotéis menos luxuosos.

Belle colocou-se ao lado de uma mesa dourada e ornamentada com formato de meia-lua e ficou olhando para os lados, como se esperasse alguém. Ela cruzou o olhar com outro homem e sorriu; depois, baixou o olhar. Mesmo olhando para baixo, ela podia sentir que ele a estava observando e que gostava do que via.

Por um momento, foi como se voltasse à casa de Martha. Ela sempre se sentira poderosa quando os homens entravam e lhe davam aquele olhar que significava que a queriam. Ela sentiu o mesmo naquele momento e isso a fez parar de ter medo. Ela se sentiu bem.

- *Est-ce que je peux vous aider*?

Belle assustou-se com a pergunta. Ela não tinha visto nem ouvido o homem se aproximar. Ele tinha cerca de 50 anos, cabelos grisalhos, um bigode cuidadosamente aparado e um cavanhaque. Os olhos dele eram pequenos e muito escuros e ele vestia um terno preto simples. Ela não conseguia adivinhar, pelas roupas dele, se ele trabalhava no hotel ou não, mas teve a impressão de que trabalhava sim.

- Eu não sei falar francês - ela disse, embora estivesse quase certa de que ele perguntara se poderia ajudá-la.

- Eu falo inglês - ele avisou, quase como se fosse um inglês legítimo. - Sou o Monsieur Pascal, o *concierge*. Perguntei se poderia ajudá-la. Está esperando por alguém?

- Sim, talvez o senhor - ela respondeu, sedutora, piscando os dois olhos.

Ele quase sorriu, mas se conteve. Belle imaginou que ele se aproximara porque suspeitou dela, porém, ele não podia saber ao certo se ela era uma prostituta procurando serviço ou alguém que esperava de verdade por um amigo ou familiar. Ela achou bom que ele não tivesse certeza. Pelo que tinha ouvido, os *concierges* sempre conseguiam distinguir as prostitutas, então as roupas e a discrição dela deviam ser bastante convincentes.

- Está esperando alguém que é hóspede deste hotel? - ele questionou.

Belle sabia que tinha de aproveitar a chance. Era um caso de cara ou coroa, vencer ou perder. Ele poderia expulsá-la, mas, por outro lado, poderia vê-la como um meio de renda extra.

- Eu poderia estar - ela disse, olhando bem nos olhos dele. - Acho que isso pode depender de você.

Ela viu o pomo de Adão dele subir e descer, o que costuma ser um sinal de incerteza, e imaginou que ele estava fazendo uma pausa enquanto pesava o que ela dissera. Ela continuou a olhá-lo nos olhos com um pequeno sorriso confiante nos lábios.

- Acho que deveríamos continuar esta conversa em um lugar menos público - ele acabou dizendo, baixando o volume da voz.

Belle sentiu vontade de comemorar. Ele não a levaria a nenhum lugar se já não estivesse um pouco interessado nela. Apenas a levaria rapidamente até a porta e a mandaria embora se não quisesse que ele chamasse os policiais.

- Por mim, tudo bem - ela concordou.

Vinte minutos depois, Belle estava caminhando de volta ao seu hotel. Ela achava que Pascal seria um bom jogador de pôquer, já que não tinha revelado nada sobre si mesmo nem arriscado sua posição no hotel. Ele a havia levado para uma pequena sala do longo corredor que parecia ser usada pelos hóspedes para reuniões de negócios, mobiliada com uma mesa grande e oito cadeiras. Pediu que ela se sentasse e, depois, sentou-se em frente a ela e perguntou sem rodeios o que ela queria. Ela disse que queria fazer contato com cavalheiros que quisessem uma companhia para a noite quando estivessem sozinhos em Paris. Ele

reagiu perguntando por que ela achava que ele ou qualquer outra pessoa do hotel iria querer se envolver com tais esquemas.

- Para deixar seus clientes felizes - ela respondeu, tentando fingir que já fizera isso outras vezes.

Ele não respondeu a isso, o que deixou Belle ainda mais confusa. Ele não tinha nenhum motivo real para levá-la àquela sala; poderia ter feito aquelas perguntas para ela no *foyer*, onde havia tantas pessoas passando de lá para cá que ninguém os ouviria. Ela não aludiu a sexo nem vagamente, nem disse nada sobre uma taxa por seus serviços. Se fosse mais ingênua, poderia ter pensado que ele não entendera o que ela queria dizer.

Mas a experiência dizia a Belle que ele não só sabia exatamente o que ela estava oferecendo, mas também a queria para si mesmo. Os olhos

escuros dele podiam não ter expressão e sua postura era muito formal, mas ele tinha lábios muito frescos, algo que ela tinha observado com frequência que representava uma natureza passional.

- Acredito que um *concierge* pode ganhar mais do que seu salário semanal regular apenas por ajudar um hóspede com algo especial - ela completou, com um sorriso. - Não é motivo o suficiente para se envolver?

- Então você acha que é especial? - ele zombou.

- É claro, por isso vim até aqui, para o lugar onde as pessoas mais especiais ficam.

Ele ficou olhando para ela em silêncio pelo que pareceu durar pelo menos cinco minutos, embora provavelmente tenham sido apenas

segundos. Quando por fim falou, seu tom era muito direto:

- Dê-me seu endereço. Se eu tiver alguma coisa para você, mandarei uma mensagem.

Belle sentiu um pouco de medo ao entregar um pedaço de papel com o endereço do Mirabeau, percebendo que ele poderia simplesmente passá-lo para a polícia e ela seria presa. Mas seu instinto lhe disse que não era essa a intenção dele; ele estava interessado em ganhar algum dinheiro, mas não estava preparado para admitir isso ainda.

Era uma noite fria e ela tremia ao voltar para o seu hotel, desejando ter usado o casaco. Porém, por mais frio que sentisse, caminhando pela Rue de la Paix em direção ao Boulevard des Capucines, ela estava vendo a Paris que sempre imaginara, com seus bulevares amplos e arborizados. Ela pensou em todas aquelas

mulheres no *foyer* do hotel com seus casacos de pele e joias cintilantes e no quanto gostaria de viver aquela vida e sentiu uma certeza inabalável de que Monsieur Pascal entraria em contato com ela e faria com que isso acontecesse.

- *Un message pour vous*, *mademoiselle* - soou a voz de um jovem garoto.

Eram três horas da tarde do dia seguinte e fazia muito frio. Belle estava deitada sob o edredom na sua cama, lendo um romance inglês que encontrara em uma prateleira da sala de jantar. Estava quase dormindo, mas, com a voz ao garoto, ela despertou e pulou da cama.

O garoto de cabelos escuros era o filho de 13 anos de Gabrielle, Henri. Belle o tinha visto rapidamente no café da manhã daquele dia.

- *Merci* - ela disse, quase arrancando o envelope da mão dele.

No entanto, lembrando-se das boas maneiras, fez um gesto para que ele esperasse e pegou a bolsa. Deu a ele 1 centavo e agradeceu novamente.

O recado era curto, mas direto ao assunto. "Monsieur Garcia quer sua companhia esta noite, às seis e meia, para o jantar e, em seguida, uma sessão de teatro. Esteja no restaurante do hotel às seis e quinze e diga que vai encontrar o Monsieur Garcia. Virei falar com você antes de ele chegar." Estava assinado por Edouard Pascal.

Embora Belle tremesse muito ao chegar ao Ritz, ela não precisava ter se preocupado. Apenas sorriu para o porteiro e pediu que mostrasse a ela onde ficava o restaurante, onde informou ao *maître d'hôtel* que Monsieur

Garcia tinha reservado uma mesa. Seu casaco foi levado, indicaram a ela uma mesa de canto, ofereceram-lhe uma bebida enquanto esperava e, apenas um ou dois minutos depois, Pascal chegou. Ele a cumprimentou, para manter as aparências diante dos funcionários do restaurante, como se ela fosse alguém da família que ele havia passado para ver. Em voz baixa, ele disse que já havia cuidado da taxa com Garcia e, com discrição, entregou a ela um envelope que continha sua parte, 100 francos.

Embora se comportasse de maneira relaxada, como um tio, ele a examinou, aprovou o vestido de noite preto com renda e a falta de maquiagem no rosto dela. Porém, em voz baixa, ele passou a avisá-la de que ela deveria se comportar como uma dama o tempo todo, pois um cavalheiro da posição de Garcia não iria querer que ninguém percebesse que ele havia pagado pela companhia.

Por fim, ele informou que Garcia a levaria de volta ao Ritz após o teatro, mas uma carruagem a levaria para seu hotel à meia noite e meia. Ele a beijou dos dois lados do rosto antes de sair, mas sussurrou uma ameaça mal disfarçada de que, se ela saísse da linha de qualquer forma, iria se arrepender.

A ameaça foi suficiente para deixar Belle nervosa. E, quando Bernard Garcia chegou alguns minutos depois, ela se sentiu ainda pior, pois ele era baixo e gordo, com apenas algumas mexas de cabelo amarelado cruzando o restante careca da cabeça. Ele tinha pelo menos 55 anos, talvez mais, e nem mesmo o caro paletó feito sob medida ou o relógio de ouro que aparecia no bolso do seu colete poderiam torná-lo um companheiro atraente.

Mas ele falava um inglês quase perfeito e olhava para Belle como se fosse o homem de mais sorte do mundo, e isso a fez gostar dele.

Ele jogou conversa fora falando do frio que fazia e disse que tinha vindo de Bolonha em um trem naquela tarde e tido de tomar um banho quente para se aquecer. Mais tarde, quando o garçom chegou com os cardápios, ele perguntou o que ela gostaria de comer.

- Você escolhe por mim. Tenho certeza de que sabe o que eles têm de melhor aqui - ela respondeu, pois um cardápio em francês estava além dos seus limites.

Ela sorriu e tocou com carinho no braço dele, como se estivesse encantada de passar a noite com ele.

Talvez fosse o maravilhoso vinho tinto que ele pedira, ou apenas seu comportamento cortês, mas ela logo se sentiu relaxada e feliz por estar ao lado de Bernard naquela noite. Apesar da aparência nada impressionante, ele tinha uma voz grave e melodiosa e um jeito

confortável. Eles conversaram sobre a Inglaterra pela maior parte do tempo, ele conhecia bem o país. Ele não contou a ela detalhes pessoais, nem perguntou os dela.

A peça para a qual ele a levou após o jantar era *Madame Sans-Gêne*, de Victorien Sardou. Embora ele tenha explicado a Belle do que se tratava, ela não conseguia acompanhar. Mas não se importou. Era maravilhoso estar sentada em uma cadeira coberta de veludo vermelho em um camarote, sabendo que muitas das pessoas vestidas com elegância do teatro estavam olhando para ela e tentando adivinhar quem era.

Era muito melhor do que trabalhar na casa da Martha, onde ela tinha de acomodar dez ou doze homens diferentes em uma noite. Embora temesse o momento em que voltassem ao quarto do hotel, pois sentia que Bernard tinha

criado grandes expectativas, havia boas chances de que ele caísse no sono logo.

Porém, ela estava completamente errada quanto a isso. Bernard pediu champanhe para eles quando voltaram ao hotel e pediu que ela se sentasse na cama para beber usando apenas as meias e a *chemise*.

Ao perceber que ele era do tipo que tinha fantasias com mulheres libertinas, ela ficou feliz em se comportar como uma. Ela se contorceu na cama, deixando que ele a olhasse bem, e, como ele continuou sentado em uma poltrona, foi até ele e sentou-se no seu colo, virada na sua direção com uma perna para cada lado. Pegou uma das mãos dele e a colocou no seu seio e a outra, na sua vagina. O rosto dele estava ficando cada vez mais corado, os olhos brilhavam e ele mexia nela freneticamente, mas sem efeito, como se nunca tivesse tocado o corpo de uma mulher antes.

Ela desabotoou as calças dele e colocou a mão para dentro delas, mas, para sua surpresa, o pênis dele era terrivelmente pequeno e ela percebeu que seu plano de sentar no colo dele nunca daria certo.

- Venha deitar na cama comigo - ela sugeriu, tomando-o pela mão e tirando-o da poltrona.

O mais perturbador em Bernand não era sua falta de experiência nem seu pênis pequenino, mas o fato de ele não falar. Ele tinha conversado com tanta facilidade no jantar em inglês fluente, e também durante o intervalo no teatro e na carruagem no caminho para o hotel. No entanto, desde que pedira para ela se despir, ele não havia dito mais nada. Era algo que nunca tinha acontecido com ela antes; na verdade, ela descobriu que homens com pênis pequenos costumavam falar mais do que os outros. Eles não apenas alegavam que estavam pequenos porque tinham bebido

muito, mas, com frequência, gostavam de falar obscenidades também. Entretanto, Bernard permaneceu em silêncio quando ela começou a despi-lo.

Após uma hora, Belle pensou seriamente em oferecer a Bernard seus 100 francos de volta, agradecer a ele pelo jantar e pelo teatro e correr para a porta. Ela havia tentado com empenho fazê-lo ejacular, mas nada, nem masturbá-lo, nem lambê-lo, adiantou. O membro dele continuava flácido e ele ainda estava em silêncio.

O bom jantar e o vinho que tomaram e, depois, o champanhe pedido quando voltaram para o quarto a estavam deixando com sono; além disso, ela estava com frio por estar fora das cobertas. Por fim, sentiu que tinha de admitir que nunca conseguiria e, sentando-se na cama, ela aproximou Bernard dos seus seios

para abraçá-lo, com a intenção de confessar que fora derrotada.

Porém, de repente, ele começou a chupar os seios dela como um bebê faminto e, quando ela escorregou a mão na direção do pênis dele, descobriu que tinha endurecido. Ele gemeu quando ela o tocou e chupou ainda mais forte seu mamilo. Belle sentiu-se motivada e segurou o membro dele com mais firmeza. Ela pensou que havia algo um pouco doentio em ele só reagir à combinação de seios e masturbação, mas estava tão aliviada de ter finalmente descoberto o segredo para estimulá-lo que não se importou.

Ele gozou alguns minutos depois e foi apenas nesse momento que encontrou a voz e a chamou de "babá". Quando ela olhou para ele, ele tinha lágrimas nos olhos.

Dez minutos mais tarde, ele dormia profundamente, com o rosto ainda colado em seu seio. Ela se perguntou quem seria a babá e quantos anos ele tinha quando teve uma experiência parecida com esta. Belle teve a forte sensação de que ele nunca fizera sexo normal com uma mulher. Ela desejou ter perguntado mais cedo se ele era casado e tinha filhos. Ela não sabia nada pessoal sobre ele.

Belle esperou até meia noite e quinze e, então, libertou-se dele, levantou-se e colocou a roupa. Escreveu um bilhete curto agradecendo por uma noite adorável e deixou-o sobre o travesseiro. Depois, saiu em silêncio do quarto.

O porteiro daquele turno não era o mesmo que tinha apontado o salão de jantar para ela no início da noite, nem o que abrira a porta quando eles voltaram do teatro e, se ele achou estranho uma mulher sair sozinha para ir para

casa tão tarde, não demonstrou. Ele a ajudou a entrar na carruagem, sorriu calorosamente quando ela lhe deu uma gorjeta e, por isso, Belle pensou que a situação devia ser comum para ele.

Porém, conforme a carruagem balançava pelas ruas desertas, Belle sentiu-se feliz. Em uma noite, ela havia ganhado muito mais do que a maioria das mulheres ganhava em um mês, tinha tido um jantar agradável e ido ao teatro também e, além disso, havia conseguido dar a Bernard o que ele queria. Pessoas respeitáveis poderiam considerar aquilo de mau gosto e depravado, mas ela não se importava com o que os outros pensavam. No que lhe dizia respeito, ajudar um homem desajustado e com problemas sexuais a encontrar uma válvula de escape era algo bom e gentil.

Capítulo 28

Janeiro virou fevereiro e, depois, março, e Belle ainda estava no Hôtel Mirabeau e ainda ganhava 100 francos cada vez que Pascal organizava um encontro dela com um cavalheiro.

Ela havia passado para um quarto maior e mais ensolarado no primeiro andar, que tinha uma pequena varanda com grade de ferro e vista para os pátios e jardins dos fundos. Tinha comprado mais roupas, sapatos e chapéus, aprendido francês suficiente para conseguir manter uma conversa simples e conseguia se deslocar por Paris como uma nativa.

Se Gabrielle Herrison tinha adivinhado o que sua hóspede inglesa fazia para viver, isso não parecia incomodá-la. Se ela estava acordada quando Belle voltava de manhã cedo, sempre lhe trazia um pouco de café e alguns croissants, mesmo que fosse cedo demais para o

café da manhã. Ela se oferecia para lavar as roupas de Belle também, que, em troca, comprava flores para Gabrielle toda semana, como sinal de gratidão. Gabrielle não gostava muito de conversar, apenas sorria e dizia algumas palavras de vez em quando; porém, nessas poucas palavras, Belle sentia que a mulher gostava dela e se preocupava com ela.

Belle tinha muita curiosidade em relação à dona do hotel. Achava que a história dela devia ser muito boa, já que Gabrielle lhe contara que os quadros do hall haviam sido pintados por um amigo que morrera. Belle tinha certeza de que ele fora namorado de Gabrielle, pois os olhos dela ficavam cheios de lágrimas quando olhava os quadros. Ela esperava que, um dia, Gabrielle lhe contasse mais a respeito desse homem.

Belle saía com cavalheiros três ou quatro noites por semana. Raramente com hóspedes

do Ritz; Pascal tinha contatos em muitas áreas diferentes. Porém, independentemente de o encontro ser em outro hotel, em um restaurante ou até na casa do cavalheiro, os homens eram sempre muito ricos e, provavelmente, influentes.

Belle tinha achado que Bernard, seu primeiro cliente, era um excêntrico, mas, na verdade, a maioria dos homens que ela conhecia por meio de Pascal tinha algum tipo de mania e, com frequência, eles eram muito mais estranhos que Bernard. Um deles pediu que ela ficasse andando nua sob o luar enquanto ele se masturbava e outro quis que ela batesse nele com um chinelo. Alguns quiseram ser mais violentos com ela também, mas, por sorte, ela tinha conseguido libertar-se deles antes que qualquer dano real fosse feito. Um dos homens queria que ela lhe desse ordens e gostava quando ela o xingava se ele a desobedecia. Ela encontrou um homem que gostava de brincar

de cavalo. Ele engatinhava e ela tinha de montar nas costas dele, nua. Pelo menos metade daqueles cavalheiros não parecia capaz de fazer sexo com penetração.

Belle lembrou que Etienne lhe dissera que ela devia tentar amar seus clientes. Era uma obrigação difícil, mas ela conseguia, genuinamente, encontrar muitas qualidades na maioria deles, pois, até então, todos tinham sido muito inteligentes e, em geral, interessantes. Ela nunca deixou de agir como se cada um fosse muito especial para ela, e sabia que estava conseguindo porque muitos dos cavalheiros tinham pedido para vê-la de novo e feito novos acordos com Pascal.

Quase todo dia ela contava o dinheiro que ganhara. Embora tivesse o suficiente para voltar à Inglaterra, achava que devia ganhar mais, para poder voltar triunfante, uma orgulhosa sobrevivente com um pé de meia que lhe permitiria

abrir uma loja de chapéus. Não que-ria depender da mãe nem de Mog.

Ela frequentemente sonhava acordada, imaginando que entrava na cozinha de casa e surpreendia Mog. Quase podia ouvir os gritos de alegria e imaginar o abraço dela. Era difícil pensar na reação da sua mãe; é óbvio que ela ficaria muito feliz de ter a filha de volta, mas Annie nunca foi do tipo que revelava seus sentimentos ou demonstrava afeto.

E havia Jimmy. Ele poderia já ter se casado, é claro, ou pelo menos ter uma namorada, mas Belle tinha certeza de que ele iria querer vê-la, nem que fosse apenas pelos velhos tempos, e ela estava ansiosa para encontrá-lo de novo.

Porém, por mais que ela sonhasse com sua casa e ansiasse por estar lá, sabia que nunca poderia aproveitar lá a liberdade que tinha em Paris. Às vezes, ela conversava com ingleses que

conhecia nos cafés de Montmartre e Saint-Germain e todos diziam que o que mais lhes atraía em Paris era a falta de puritanismo, o clima de festa e a diversão. Ela mesma tinha reparado que os parisienses não pareciam ligar muito para classes sociais; acolhiam artistas, poetas, escritores e músicos como se fossem tão vitais quanto médicos, advogados ou qualquer outro profissional. Nunca tinham lhe perguntado o que fazia para viver e, embora ela suspeitasse que a maioria das pessoas que conhecera supusesse que ela vinha de família rica por conta da maneira como se vestia, ela estava certa de que, se dissesse que era dançarina ou atriz, ninguém a acharia inferior. Na sua terra natal, não seria assim.

Lá, Belle também quase nunca se sentia sozinha. Ela conversava um pouco com os outros hóspedes, embora a maioria só ficasse em Paris no máximo por alguns dias, e havia conhecido pessoas nos lugares onde costumava comer ou

tomar café. Além disso, ela passava noites maravilhosas com seus cavalheiros, assistindo a shows no Moulin Rouge e outros cabarés e a peças e óperas. Tinha ido aos restaurantes mais finos de Paris, dançado em boates e passado noites em hotéis luxuosos e casas e apartamentos esplêndidos. Seria difícil voltar à sua vida antiga, com outros lhe dizendo o que fazer e sendo observada com curiosidade por todos de Seven Dials por ter passado tanto tempo longe de casa.

Por isso era tão importante ela voltar com dinheiro para ter sua loja de chapéus. Ela visitou todos os modistas de chapéus de Paris para ver a última moda. Comprou revistas de chapéus para estudá-los e, nas noites em que estava sozinha no quarto, sempre ficava desenhando e descobrindo como cada design poderia ser feito. Ela até pensou em procurar um pequeno apartamento com espaço para comprar os equipamentos e materiais necessários para

fazer os chapéus que desenhava e vendê-los. Assim, ela poderia voltar para casa de cabeça erguida e anunciar que tinha se tornado modista de chapéus.

Por mais feliz que estivesse em Paris, havia um probleminha chato, Pascal. Ela tinha sido cautelosa com ele no início porque pensava que ele a desejava, mas tinha passado a achar que estava enganada quanto a isso, pois, depois de ele ter percebido que podia confiar nela, eles tiveram pouco contato direto.

As instruções dele sobre os clientes e a hora e o local em que que-ria que ela os encontrasse vinham por mensageiros. Paris estava cheia de rapazes jovens dispostos a entregar uma carta em troca de alguns poucos centavos. Depois, o cliente entregava a ela um envelope selado contendo seu pagamento. Ela só via Pascal quando tinha de encontrar um cavalheiro no

Ritz e, mesmo assim, eles quase nunca iam além de um aceno da cabeça um para o outro.

Porém, no início de março, ele havia mandado um bilhete pedindo que ela o encontrasse em um café em Montmartre. Como ele nunca pedira para encontrá-la antes, ela pensou que, talvez, ele quisesse encerrar a parceria porque tinha medo de seu patrão descobrir, ou que algum cliente tivesse reclamado dela.

Pascal já estava no Le Moulin à Vent, que ficava perto da ainda incompleta basílica de Sacré-Coeur na La Butte, bebendo um copo de absinto. A simples maneira como ele se curvava sobre a bebida sugeria que aquela não era a primeira dose, e ele estava com uma expressão tão amarga que Belle suspeitou de problemas.

- Ah, Belle - ele exclamou ao vê-la e ficou em pé sem muita estabilidade.

Pascal chamou o garçom e pediu outro copo de absinto para ela, mas Belle recusou e pediu uma taça de vinho. Ele gastou um tempo tentando convencê-la de que absinto era a única coisa a beber em Paris, mas Belle havia provado antes e não tinha gostado. Desde então, ela reparava que a maioria dos bêbados habituais nunca bebia outra coisa.

- Então, por que queria me ver? - ela perguntou, depois de receber a taça de vinho. - Algo está errado?

- É necessário que algo esteja errado para que eu a convide para beber? - ele perguntou.

- De jeito nenhum - ela respondeu. - Mas é incomum e, por isso, pensei que você tivesse algum problema.

- Eu tenho - ele disse e, depois, engoliu toda a bebida de uma vez só e pediu outro copo em

voz alta. - Meu problema é que você passa as noites com muitos outros homens, mas não comigo.

Belle sentiu um aperto no coração porque sabia que ele não era um homem de flertar. Ele falava a verdade.

- Temos um acordo de negócios. Não seria bom misturar negócios e prazer - ela disse, sorrindo na esperança de que ele não ficasse ofendido.

- Eu pagarei - ela afirmou.

Belle contorceu-se por dentro. A verdade era que ela achava Pascal repulsivo. Ele era tão forçado. Ela o tinha visto falar com os hóspedes do Ritz e só lhe faltava lamber os pés deles. Ele usava óleo no cabelo com um cheiro enjoativo de violeta e suas mãos eram brancas e macias demais para um homem. Porém, era a maneira como ele olhava para ela que fazia

seu corpo ferver; tão intensa, tão calculada. Os olhos dele eram quase como os de um réptil, sem expressão. Ele não tinha alegria nem calor. Parecia estranho um homem assim ter qualquer desejo por uma mulher.

- Não, Monsieur Pascal, estou muito feliz com nosso acordo e não quero mudá-lo.

Ela não se importava que ele ficasse, provavelmente, com a maior parte do dinheiro que ela ganhava. Ela também entendia que, para manter o emprego, ele tinha de ser servil com hóspedes importantes e com os donos e gerentes do hotel. Entretanto, havia algo mais nele que ela não sabia bem dizer o que era; algo obscuro e, talvez, perigoso.

- Você deve me chamar de Edouard - ele disse, colocando uma de suas mãos macias sobre a dela e inclinando-se para tão perto que Belle pôde sentir o cheiro de alho no hálito dele. -

Eu poderia dar a você muito mais do que tem agora.

Belle sentiu que a única saída para a situação era não ficar muito séria.

- Tenho tudo que quero - ela respondeu, tirando a mão de perto da dele. - E acho que o senhor está um pouco bêbado e amanhã pode se arrepender de ter dito essas besteiras.

Ela saiu do café logo depois, mas seu coração estava pesado, pois sentia que o problema não estava resolvido.

Todos dizem que Paris na primavera é imperdível. Já havia narcisos em jardineiras nas janelas, pontos verdes nas árvores e os dias estavam ficando mais quentes. Belle concluiu, naquela noite, que o incidente com Pascal foi um lembrete, em boa hora, de que ela devia ir para casa. Decidiu que ficaria apenas mais

algumas semanas, até depois da Páscoa, que cairia no final da primeira semana de abril, e, depois, iria embora sem avisar Pascal.

Na manhã de terça-feira após a Páscoa, o jovem Henri trouxe para Belle um bilhete enviado por Pascal. Dizia que ela deveria estar pronta às sete horas daquela noite, quando uma carruagem a pegaria e a levaria para encontrar Philippe Le Brun em Montmartre. Belle ficou muito feliz, pois já tinha passado três noites com Philippe e gostado daquele homem grande e jovial, que tinha vinhedos em Bordeaux e era dono de dois grandes restaurantes em Paris. Ela havia comprado um lindo vestido de noite prateado, de segunda mão, com sapatos combinando na loja de Chantal na semana anterior e estava esperando uma oportunidade para usá-los. Philippe era o tipo de homem que gostava de ser visto em público com uma garota bonita e, por isso, ela sabia que ele a levaria para um show de cabaré e

passariam a noite comendo, bebendo, dançando e se divertindo, e não apenas fazendo sexo em um quarto de hotel.

Ela saiu imediatamente e foi lavar o cabelo e fazer um penteado no salão perto do Mirabeau. Depois, durante a tarde, tomou um banho relaxante, já que a água estava quente para variar.

Belle desceu para esperar a carruagem um pouco antes das sete. Gabrielle estava escrevendo sentada à sua escrivaninha; ela ergueu o olhar e sorriu quando viu Belle.

- *Vous êtes belle* - ela disse.

Belle corou ao ouvir que estava bonita, era a primeira vez que Gabrielle fazia um comentário pessoal. Belle agradeceu e disse que seria levada para jantar.

Gabrielle ficou olhando para ela com tanta intensidade e por tanto tempo que Belle sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

- Tenha cuidado - disse a mulher mais velha, com doçura, dessa vez em inglês. - Acho que você brinca com fogo.

Havia algo nos olhos dela que dizia a Belle que ela não apenas sabia o que sua hóspede estava fazendo, mas que tinha estado nessa estrada também.

- Eu voltarei para casa logo - Belle respondeu.

Com isso, ela ouviu o barulho da carruagem na rua e caminhou em direção à porta. Gabrielle levantou-se e segurou o braço de Belle.

- Se você tiver problema, tem alguém da sua confiança que eu possa chamar para você? - ela perguntou.

A pergunta fez Belle tremer ainda mais, pois não conseguia pensar em ninguém. Ela balançou a cabeça, mas, um segundo depois, pensou em Etienne.

- Eu conheci um homem chamado Etienne Carrera - ela disse, mas fez um gesto de desalento com as mãos. - Mas ele era de Marseille e não tenho seu endereço.

- Então, você deve ficar segura e ir para casa logo - Gabrielle disse. - Hoje, última vez?

Belle sentiu que a dona do hotel preocupava-se mesmo com ela e balançou a cabeça concordando com o pedido.

- Última vez.

Gabrielle pegou a mão dela e apertou. Belle deu um sorriso fraco e

se soltou para sair.

As palavras e a atitude de Gabrielle tinham levado embora a expectativa feliz que Belle sentira mais cedo. O dia tinha sido quente e agradável e, embora começasse a escurecer, as ruas ainda estavam muito agitadas tanto com tráfego quanto com pessoas. Conforme a carruagem seguia para Montmartre, todos os sons e cheiros a lembraram, inesperadamente, do dia em que havia sido empurrada para dentro de uma carruagem em Seven Dials. Não era algo que ela costumava lembrar; tantas coisas haviam acontecido desde então que ela, em geral, pensava apenas no futuro, sem nunca olhar para trás. Porém, naquele momento, ela se sentia um pouco enjoada, repentinamente consciente de que, na verdade, ela corria perigo toda noite que saía com um novo homem. Ela havia confiado no julgamento que Pascal fazia de todos eles, mas, na realidade, qualquer um poderia ter sido outro Sr. Kent.

Belle disse a si mesma que estaria a salvo naquela noite; afinal ela conhecia Philippe Le Brun. Porém, decidiu manter sua promessa a Gabrielle e aquela seria a última vez. No dia seguinte, faria as malas e iria embora.

Montmartre, ou La Butte, como muitas pessoas chamavam, era a parte favorita de Belle em Paris. Ela adorava as vistas espetaculares para a cidade, as ruas estreitas, cheias de curvas e de chão de pedra, e os muitos cafés e restaurantes frequentados por boêmios de ideias livres. Ela ficara sabendo que a área já tinha sido muito ruim, cheia de ladrões, prostitutas e anarquistas, o tipo de lugar perigoso evitado pelos parisienses de bem. Porém, à medida que os artistas, poetas, escritores e músicos se mudaram para a região por causa dos aluguéis baratos, aos poucos virou moda ser visto lá. Como resultado, os aluguéis subiram e muitos dos artistas em dificuldade mudaram-se para Montparnasse e Saint-Germain, na mar-gem

esquerda do Sena. Agora, com a linda basílica de Sacré-Coeur quase concluída e casas novas substituindo as antigas choupanas, ficava claro que uma renascença estava a caminho. Belle tinha dito a Philippe em seu último encontro o quanto havia gostado de Montmartre e, como um dos restaurantes dele ficava ao pé da colina no Pigalle, ela supôs que esse era o motivo de ele querer encontrá-la lá.

A carruagem saiu do bem iluminado e barulhento Boulevard de Clichy, ao lado do Moulin Rouge, e cruzou outra rua, que Belle reconheceu como o local onde tinha encontrado uma adorável loja de chapéus. Havia muitos restaurantes bons nessa rua e ela esperava que o cocheiro parasse por lá, mas, em vez disso, ele virou à direita e subiu uma rua de pedras íngreme, estreita e muito mais escura, onde quase só havia casas.

Belle ficou surpresa quando ele fez os cavalos pararem quase no topo da colina.

- *Voilà*, *madame* - ele disse ao abrir a porta para ela, apontando para uma casa à direita, alta e estreita e com as janelas fechadas.

Belle não conseguia enxergar bem já que a o poste de iluminação mais próximo ficava no final da rua, ao lado de um café. Ela achou que aquele café era um onde estivera algumas semanas antes.

A carruagem partiu enquanto ela tocava a campainha da porta da frente. Embora pudesse ouvir um acordeão sendo tocado por perto, a rua estava muito silenciosa e, assim, supôs que aquela fosse a casa de Philippe, apesar de ele não ter dito que morava em Montmartre.

O soar da campainha mal tinha desaparecido quando a porta foi aberta, não por Philippe ou

a empregada dele, mas por Edouard Pascal. Belle sentiu um aperto no coração.

- Monsieur Pascal! - ela exclamou. - Que surpresa!

Porém, como achava que ele estava apenas visitando Philippe e não queria que ele percebesse seu desânimo nem ofender Philippe, ela sorriu e aceitou um beijo de cada lado do rosto.

- Como você está bonita hoje - ele elogiou, depois de ela ter entrado no hall e a porta ter sido fechada. - Deixe-me pegar sua capa.

Ela agradeceu com educação e deixou que ele pegasse a pequena capa cinza de pele de raposa dos seus ombros. Aquela tinha sido sua única extravagância. Era da loja de Chantal, como todas as suas roupas, mas havia custado 200 francos e ela passou dias agonizando com a

dúvida de gastar tanto dinheiro ou não. Mas era tão linda e, quando a colocou, Belle se sentiu uma rainha.

- Onde está Philippe? - ela perguntou.

- Foi chamado para resolver algo urgente e pediu que eu cuidasse de você até que ele voltasse - Pascal respondeu. - Venha ficar perto do fogo, ele não deve demorar.

A maioria dos apartamentos e casas que Belle tinha visitado em Paris eram decorados e mobiliados de maneira muito suntuosa, mas sempre achou que eles não tinham personalidade. A sala de visitas para a qual Edouard a levou era, ao contrário, muito acolhedora, com sofás grandes, uma lareira flamejante, paredes cobertas por livros, muitos ornamentos em mesas baixas e um grosso tapete chinês. Ainda assim, não parecia combinar com o jeito exuberante de Philippe.

- Esta é a casa de Philippe? - ela quis saber. - Ele não disse que tinha uma casa em Montmartre.

Embora ela conseguisse imaginar Philippe esticando-se sobre um dos sofás, estava surpresa por ele tê-los escolhido em azul-claro. E quanto aos ornamentos, também não casavam com a imagem dele.

- Tenho certeza de que entende que um cavalheiro na posição dele teria o cuidado de não levar uma mulher para casa até conhecê-la melhor - Pascal disse, com delicadeza. - Agora venha se sentar perto da lareira e eu trarei uma bebida para você.

Ele serviu os dois com uma grande dose de conhaque e sentou-se em frente a ela ao lado da lareira. Belle sentiu a bebida subir diretamente para a cabeça, pois não comia nada desde o café da manhã. Ela esperava jantar

com Philippe e desejava apenas que Pascal partisse assim que ele chegasse.

Belle havia reparado, em encontros anteriores, que Pascal não conversava muito. Ele costumava apenas fazer perguntas ou dar instruções e, naquele momento, não estava diferente, disparando perguntas sobre o lugar onde ela morava, se tinha amigos em Paris e por que tinha saído da Inglaterra.

Desde que chegara a Paris, Belle havia evitado falar a qualquer um sobre seu passado; era mais seguro assim. No entanto, ela tinha de responder às perguntas de Pascal e, assim, disse que viera a Paris com um homem que amava, mas que ele tinha partido e a trocado por outra mulher. Acrescentou que não queria falar sobre aquilo porque estava tentando esquecer o assunto.

- Ainda assim, você passou de amante a dama da noite sem muitos problemas?

Belle encolheu os ombros. Sentia que ele podia ter descoberto alguma coisa sobre ela e estava tentado deixá-la sem saída, para que mentisse ou admitisse alguma coisa.

- É surpreendente o que podemos fazer quando passamos por necessidades - ela falou.

- Você está muito evasiva - ele observou, apertando os olhos. - Por quê?

- Eu apenas não gosto de falar sobre mim mesma - ela explicou. - Você deveria entender isso, também não fala sobre si mesmo.

Meia hora havia passado desde que chegara e ela estava ficando preocupada, achando que Philippe não voltaria.

- Você, até hoje, só me viu em meu local de trabalho e é claro que não falo sobre mim mesmo lá - ele respondeu. - Mas é diferente agora, somos dois amigos bebendo juntos.

- Então me conte, você é casado, tem filhos? - ela perguntou.

Ele hesitou e, depois, disse que não era casado. Belle tinha quase certeza de que era mentira, pois tinha escutado uma conversa dele com um casal no Ritz certa vez, para o qual conseguira ingressos para o teatro, e ele disse à mulher que sua esposa havia adorado aquela peça. Como ele tinha um comportamento muito forçado, poderia ter inventado aquilo para convencer a mulher de que ela gostaria da apresentação, mas Belle sabia, por experiência, que os homens não costumavam falar de uma esposa quando eram solteiros.

- Acho melhor eu ir embora, não estou me sentindo muito bem - disse Belle, após tentar puxar conversa sobre a Torre Eiffel e os passeios de barco pelo Sena.

Ela levantou-se e colocou a mão na cabeça, como se doesse.

- Você não pode ir - falou Pascal, ficando em pé.

- Philippe vai entender - ela comentou e foi até a porta. Quando chegou à porta, Pascal segurou seu ombro e a puxou.

- Você não vai a lugar algum.

- Como é? - Belle disse, com desaprovação. - Você não tem que me dizer o que posso ou não fazer. Eu nem fui paga por esta noite.

- Eu pagarei para você ficar comigo.

A simples velocidade com que ele reagiu fez Belle perceber que Philippe não viria naquela noite, que a casa podia nem ser dele e que Pascal tinha criado uma armadilha. Um frio correu por sua espinha.

- Não. Temos um acordo de negócios, isso é tudo - ela respondeu, rapidamente. - Agora, deixe-me ir, não me sinto bem.

Ele segurou os ombros dela e seus dedos enterravam-se na fina pele que os cobria.

- Você estava bem o bastante quando chegou. Se pode se entregar a qualquer homem que encontro para você, por que não para mim?

Os olhos dele não estavam mais sem expressão, brilhavam de raiva, e Belle sentiu uma pontada de medo.

- Porque gosto de você e o respeito como amigo - ela mentiu.

A mão direita dele saiu do ombro de Belle e ele bateu nela com força, primeiro em um lado do rosto e, depois, do outro.

- Não minta para mim. Sei que você me despreza porque sou um mero *concierge*.

A cabeça de Belle já doía de verdade, pois ela havia ficado desconcertada com os cruéis tapas.

- Isso não é verdade - Belle rebateu, sem fôlego. - Não o desprezo por ser um *concierge*. Por que faria isso? Tivemos um bom acordo até agora. Deixe-me ir embora. Por favor!

- Depois que você me der o que quero - ele gritou para ela e, depois, agarrou com força o

decote do seu vestido e rasgou a parte de cima dele.

Belle gritou e tentou fugir dele, mas ele era mais forte do que parecia e segurou o braço dela, afastando-a da porta e levando-a para o sofá. Por baixo do vestido, ela usava uma *chemise* listrada em cor-de-rosa e creme que mal cobria seus seios e, com o vestido rasgado, se sentia nua.

Quando ele a empurrou para o sofá, ela mordeu a mão dele com o máximo de força possível, fazendo-o sangrar.

- *Tu vas le regretter*, *salope que tu es*! - ele exclamou e a soltou para sugar o sangue da mão.

Belle aproveitou o momento, empurrou-o e correu para a porta. Porém, descobriu que ela estava trancada e a chave não estava lá, e

Pascal estava bem atrás dela. Ele segurou o ombro dela, virou-a e deu um soco em seu rosto, tão forte que a cabeça dela bateu na porta.

- Você não pode sair - ele berrou. - Vai ficar até eu terminar com você.

Imediatamente, ela sentiu que voltara àquele quarto na casa da Madame Sondheim, presa e indefesa. Seu rosto queimava, ela sentia o gosto de sangue na boca e estava apavorada. Em um lampejo de percepção, ela viu que devia ter entendido que a atitude servil e competente adotada por Pascal com os hóspedes do Ritz eram apenas um disfarce polido. Por baixo, havia um vulcão de inveja intensa. Ele provavelmente se ressentia com todos os ricos e bem-sucedidos, porque sabia que nunca teria aquela vida. No entanto, ele acreditava que ela podia ser dele porque era apenas uma prostituta.

- Por favor, não faça assim - ela implorou, forçando-se a parecer doce e bem comportada, agarrando-se ao vestido rasgado para esconder os seios. - Apenas começamos com o pé esquerdo. Você não devia ter fingido que eu ia me encontrar com Philippe. Eu teria ficado feliz em passar a noite com você se pedisse.

- Mentirosa! - ele gritou. - Quando eu abri a porta, vi seus verdadeiros sentimentos estampados no seu rosto. Fui tão bem recebido quanto uma cobra! Você sorri e flerta com qualquer outro homem. Você faz tudo o que eles querem desde que ganhe dinheiro. Mas nem olha para mim.

Com isso, ela olhou diretamente para o rosto dele, embora seu olho direito estivesse inchando e ela mal pudesse enxergar com ele. Havia tanta raiva na expressão de Pascal; as narinas abertas; os lábios como uma linha reta e os olhos frios. Ela tremeu.

- Nós tínhamos um acordo de negócios - ela repetiu, esforçando-se para não chorar. - Achei melhor continuar assim.

- Não quero um acordo de negócios, quero que você seja minha amante - ele rosnou.

Ao perceber que essa discussão poderia não ter fim e ele apenas ficaria mais nervoso e bateria nela de novo. Belle sentiu que devia tentar acalmá-lo.

- Por que não começamos novamente? - ela sugeriu. - Voltamos para perto da lareira, bebemos mais e conversamos um pouco?

- Não quero conversar, quero transar com você - ele gritou para ela.

Belle afastou uma sensação de enjoo. Seu rosto pulsava, ela tinha medo dele e a ideia de ser forçada a fazer sexo com um homem

enlouquecido era horrenda. Porém, não havia alternativa, ele não iria deixá-la escapar.

- Está certo então - ela disse. - Aonde que ir, ali perto da lareira ou para o andar de cima?

Ele a agarrou pelos braços e literalmente a empurrou de volta para a sala de visitas, jogando-a no sofá.

- Não seja tão agressivo - ela pediu, com fraqueza, mas ele já estava subindo a saia do vestido dela enquanto se ajoelhava e, com a outra mão, desabotoava as calças.

Nos dois anos anteriores, Belle pensava ter encontrado todo tipo de técnica sexual, dos novatos atrapalhados aos amantes habilidosos, com todas as centenas de variações entre eles. Ela havia aprendido a deixar de lado a memória de ter sido estuprada; era necessário, ou nunca teria conseguido lidar com sua nova

vida da casa de Martha. Quando ela estava com um homem de que não gostava ou era incompetente e desajeitado, o truque era imaginar que estava com Serge e pensar nas delícias às quais ele a tinha apresentado.

Porém, tudo em Pascal tornava impossível imaginar cenas agradáveis ou ter outro sentimento que não fosse nojo, pois ele era tão bruto e sem sentimento quanto os estupradores, mais nauseante que o pior bêbado. Ele forçava a língua para dentro da boca dela, trazendo tanta saliva que ela quase vomitava. Ele explorou sem cuidado suas partes delicadas até que Belle gritou de dor, e ela sabia que as palavras que ele murmurava em francês deviam ser detestáveis e estava feliz por não entender. O pênis dele era longo e fino e estava duro como se fosse de madeira. Ela tentou todos os truques que sabia para fazê-lo ejacular logo, mas não teve sucesso. Aquela provação continuava e ela se sentia violentada de todas as

maneiras, pois ele mordia seu pescoço e seus seios com tanta força que ela sabia que devia estar sangrando. Ele beliscava e arranhava as coxas e as nádegas dela como se odiasse o corpo feminino e quisesse desfigurá-lo.

No entanto, por fim, quando ela sentia que nunca iria acabar, ele gozou com um soluço abafado. Por alguns segundos, ficou deitado, ofegante, sobre ela e, de repente, levantou-se e arrumou as roupas.

- Vou lhe mostrar o banheiro - ele disse, sucinto.

Belle descobrira que quase todos os homens ficavam mais gentis depois do sexo, mas não Pascal. O rosto dele estava mais sério e frio do que antes; seu cabelo, geralmente tão arrumado e cheio de óleo, estava bagunçado, mas era a única evidência de que ele fizera algo fora do comum.

Ele pegou o pulso dela e praticamente arrastou-a escada acima, até o primeiro andar.

- Aqui - ele disse, abrindo uma porta, e empurrou para entrar.

Não era um banheiro, como ela esperava, mas um pequeno quarto no sótão. Ela virou-se para avisá-lo do erro, mas ele já tinha saído e fechado a porta. E ela o ouviu trancá-la.

- Pascal! - ela berrou. - Deixe-me sair. Preciso usar o banheiro.

- Há um penico aí e água para você se lavar - ele gritou de volta. - Você vai ficar aí. Ela gritou e esmurrou a porta, mas pôde ouvi-lo descer a escada, dizendo que não adiantaria gritar, pois ninguém iria escutá-la.

Por alguns minutos, ela ficou parada, espantada demais para reagir. O quarto parecia

ser da empregada; tinha apenas uma cama de ferro estreita com uma colcha estampada com flores esmaecidas por cima, um lavatório com um jarro e uma bacia e um penico embaixo, uma cômoda e um tapete velho sobre as tábuas do chão. Havia persianas na pequena janela e ela as abriu, apenas para descobrir que não havia vidro, somente madeira pregada com firmeza em torno da moldura.

De repente, a luz elétrica foi apagada e ela gritou em protesto, percebendo que ele devia tê-la desligado no andar de baixo. Porém, sabendo que ele devia ter apagado a luz por algum motivo, ela ficou em silêncio e escutou com atenção. Ela ouviu os passos dele no piso de azulejos do hall e, depois, o som da porta de entrada sendo fechada.

Encostada na porta, ela chorou de medo. Ela a estava deixando lá presa!

Capítulo 29

Gabrielle olhou mais uma vez para o relógio do hall. Já eram duas da tarde e Belle ainda não voltara. Ela tentava dizer a si mesma que sua hóspede estava com um homem de quem gostava muito e, talvez, ele a tivesse levado para passear naquele dia.

Porém, nenhuma mulher em seu juízo perfeito sairia durante o dia com um vestido de festa e uma capa de pele de raposa. O instinto de Gabrielle lhe dizia que Belle estava com problemas.

Ela tinha, é claro, chegado ao hotel com uma roupa de noite, embora usasse um casaco quente por cima dela. Nunca dissera de onde veio naquele dia, mas, como o Mirabeau ficava tão perto da estação, era bastante óbvio que ela tinha fugido de um homem e pegado um tr-em para Paris.

Gabrielle geralmente não sentia o menor interesse pelos hóspedes. Contanto que fossem quietos, limpos e respeitosos com o hotel e os outros hóspedes e pagassem o que deviam, ela não precisava de mais nada. Como qualquer outra dona de hotel, ela havia passado por sua cota de hóspedes difíceis, desagradáveis e problemáticos nos cinco anos em que estava lá. Já tinha chamado a polícia para prender alguém, uma mulher havia cometido suicídio no andar de cima, maridos raivosos apareciam procurando por esposas fugitivas; até recebeu uma mulher que, no final das contas, era na verdade um homem. Apareceram dezenas de prostitutas procurando por um quarto também. Ela costumava reconhecer o que elas faziam e negava o quarto, mas, para aquelas que não reconhecia, assim que elas tentavam trazer um homem, Gabrielle lhes mandava embora.

Belle era um caso especial, no entanto. Ela havia chegado desarrumada, claramente

angustiada e sem bagagem, e Gabrielle achou que, qualquer que fosse o problema daquela garota, ele a seguiria até o hotel. Mas isso não aconteceu.

Ela percebeu o que Belle fazia depois da segunda vez em que ela voltou de manhã cedo. Gabrielle ficou com medo; a experiência, inclusive seus próprios erros na mesma linha de trabalho, diziam a ela que, em pouco tempo, Belle tomaria liberdades. Porém, ela não fez isso e, na verdade, era a hóspede ideal; não fazia exigências, apreciava qualquer pequena gentileza e era extraordinariamente discreta.

O que tornara Belle tão querida para Gabrielle tinha sido, na maior parte, seu brilho, suas boas maneiras e seu sorriso carinhoso. Gabrielle gostava da maneira como ela aprendera um pouco de francês e passara a adorar Paris, e era sempre um prazer vê-la tão bem vestida, elegante, bonita e educada.

No entanto, naquele momento, parecia que o nervosismo que Gabrielle sentira em relação a ela nas últimas semanas não era despropositado. Ela sabia por conta própria que Paris era cheia de perigos para garotas como Belle. Não apenas havia criminosos que não parariam por nada para conseguir uma parte do dinheiro ganho por ela, mas também havia loucos que desenvolviam obsessões por garotas adoráveis como Belle.

Às dez horas daquela noite, Belle ainda não tinha voltado e o nervosismo de Gabrielle estava ficando mais acentuado. Desesperada, ela subiu ao quarto de Belle, acendeu a luz e olhou ao redor, esperando encontrar algo que pudesse lhe dar uma pista de para onde ela havia ido na noite anterior.

Como sempre, o quarto estava limpo e arrumado; os vestidos estavam pendurados no armário, os sapatos estavam no chão,

alinhados, e as roupas íntimas estavam dobradas com cuidado nas gavetas. Havia alguns livros ingleses ao lado da cama, uma garrafa de colônia na penteadeira, uma escova de cabelos, um pente e vários grampos em uma bandeja rasa.

Um livro de desenhos ao lado da cama foi uma surpresa, pois continha apenas desenhos de chapéus. Embora Gabrielle falasse inglês bem, ela não conseguia ler muito, mas supôs que as anotações abaixo de cada chapéu eram os materiais e ideias sobre como fazê-los. Ela achou estranho Belle ter o desejo de ser modista de chapéus, porém, a julgar pelos lindos designs e extensas anotações, ela pensava sério na profissão.

Todas as roupas, produtos de higiene e badulaques haviam sido adquiridos desde que Belle fora morar no hotel. Ela não recebia cartas e não havia um caderninho ou diário que desse

uma dica de quem ela era e de onde viera, ou mesmo o endereço de amigos e parentes na Inglaterra. A única comunicação que existia era quando um garoto errante aparecia com um bilhete. Gabrielle imaginou que o mais recente fosse o que estava sobre a penteadeira.

Ela o pegou para ler. Não havia endereço ou nome indicando de quem ou de onde tinha vindo.

"Monsieur Le Brun gostaria de vê-la esta noite em Montmartre. Um táxi ira buscá-la às sete" ela leu e, abaixo, havia apenas as inicias E. P.

Le Brun era um nome muito comum, do tipo que poderia ser falso e, assim, não ajudava, e Montmartre tinha muitos restaurantes, cafés e bares para onde Belle poderia ter sido levada. O garoto que trouxera a mensagem era apenas um pobre das ruas, um entre centenas em Paris, que as pessoas usavam para enviar bilhetes

como aquele em troca de alguns centavos. Gabrielle duvidava que sequer pudesse reconhecer o garoto se o visse de novo, pois ele havia entrado rapidamente, entregado a ela o envelope endereçado à Mademoiselle Cooper, feito-a assinar um pedaço de papel que confirmava o recebimento e saído correndo. Ela nem sabia dizer se era o mesmo garoto que trouxera outras mensagens antes.

Gabrielle ficou sentada na cama por alguns instantes, olhando pensativa para o bilhete. Estava escrito em um papel cor de creme de qualidade, mas claramente havia sido arrancado de um bloco, já que a parte de cima estava um pouco cortada.

- Ou a pessoa que enviou rasgou o endereço que estava nele - ela murmurou para si mesma. - Um hotel! - exclamou quando a ideia lhe veio à mente. - É claro! É assim que ela consegue encontros!

Ela sabia que era uma prática comum hóspedes ricos dos melhores hotéis pedirem a um porteiro ou *concierge* para encontrar uma companhia para eles. Não sabia por que não tinha pensado nisso antes, já que Belle era ideal para esse trabalho. Não parecia uma prostituta comum e tinha postura e boas maneiras para se comportar com homens sofisticados.

Gabrielle de repente sentiu um enjoo, pois Belle podia ter tido o azar de encontrar alguém muito perigoso. Embora a maioria dos homens de negócios, longe de casa, não quisesse nada além de sexo sem complicações, sempre havia os pervertidos e cruéis que viam uma prostituta como a presa ideal para qualquer atividade doentia que tivessem em mente.

Ela colocou a mão sob o babado em torno da gola alta do seu vestido e passou os dedos sobre a cicatriz saliente que existia ali. Seu

filho, Henri, tinha acabado de comemorar o primeiro aniversário quando ela teve a má sorte de conhecer o homem que se apresentava como Gérard Tournier. Ele parecia o cavalheiro perfeito, concordou em pagar 50 francos e a levou primeiro para jantar. Porém, em vez de acompanhá-la de volta ao apartamento dela, como tinham combinado, ele a havia levado a um beco e cortado seu pescoço com uma faca. Por sorte, ela foi encontrada antes de sangrar até a morte, mas a cicatriz horrorosa que ganhou era um lembrete constante do que costumava fazer.

- Belle é mais esperta do que você era, no entanto - Gabrielle disse a si mesma, colocando o bilhete no bolso do avental, saindo do quarto e trancando a porta.

Ela sabia que, se Belle não voltasse até a manhã seguinte, deveria recrutar a ajuda de alguém para encontrá-la, pois sabia que não

teria paz se a garota fosse encontrada morta e ela tivesse ficado parada, sem fazer nada.

Gabrielle havia se afastado de todos que conhecia na sua época de prostituta. Ela não queria lembranças de sua antiga carreira. E nunca quis que Henri descobrisse o que ela havia feito no passado. Porém, existia apenas uma pessoa ligada àquele mundo com quem ela ainda tinha contato, pois foi quem cuidou dela depois do ataque no beco e tomou conta de Henri. Quando acordou na manhã seguinte e descobriu que Belle ainda não voltara, Gabrielle decidiu encontrar Lisette depois de servir o café da manhã aos hóspedes e de Henri sair para a escola. Ela não esperava que sua velha amiga tivesse qualquer ideia de onde Belle pudesse estar, mas poderia conhecer pessoas que soubessem.

A menos que fosse passear com Henri, Gabrielle raramente ia além do raio de um

quilômetro do Mirabeau e, quando o fazia, era apenas para comprar comida, pois se sentia mais segura perto de casa. Ela nunca cuidava da aparência também, porque, sem estar bonita, ela atraía menos atenção. No entanto, sentiu a necessidade de se arrumar para a visita a Lisette e vestiu um *tailleur* velho, mas ainda bonito, de estampa xadrez *pied-de-poule* cinza e branca. O casaco era muito bem modelado para uma mulher que gostava de esconder as formas com roupas largas, mas ela amarrou uma echarpe branca em um ângulo moderno para esconder a cicatriz, acrescentou o chapéu de veludo preto com um meio véu que usava na missa e ficou feliz por não se destacar nem parecer muito sem graça.

Quando Lisette cuidara dela, havia mais de uma década, as duas tinham quartos na mesma casa em Montmartre, mas, um ano depois, quando Gabrielle deixou Paris para trabalhar como empregada para Samuel Arkwright, um

pintor inglês que vivia na Provença, Lisette foi morar e trabalhar em um bordel. Elas mantiveram contato apenas por meio de algumas poucas cartas, pois, embora Gabrielle gostasse muito de Lisette, ela não queria ser lembrada da vida que já havia compartilhado com ela.

As habilidades de Lisette como cuidadora foram sua salvação, já que, alguns anos mais tarde, depois de ela ter dado à luz um menininho, foi trabalhar em uma casa de repouso em La Celle St-Cloud. As duas amigas tinham se encontrado apenas uma vez desde então, pouco depois de Gabrielle voltar a Paris após a morte de Samuel. Lisette falou pouco sobre sua situação naquele dia, pois estava mais preocupada com a dor de Gabrielle por perder Samuel e sua dúvida se estava certa em investir o dinheiro que ele deixara para ela em um hotel.

Gabrielle sabia bem os seus defeitos. Não tinha uma natureza agregadora. Na verdade, desde que fora atacada, havia virado uma alma solitária que não sabia bater papo e afastava-se das outras pessoas. Os hóspedes às vezes comentavam que ela era taciturna e nada comunicativa e que, se o Mirabeau não ficasse tão perto da estação, ela poderia ter passado por dificuldades. No entanto, felizmente havia um fluxo constante de pessoas que precisavam de um hotel pequeno e confortável como o dela, e ela não dependia de os hóspedes antigos voltarem.

Dentro do trem para La Celle St-Cloud, Gabrielle começou a temer que Lisette tivesse se mudado, pois não tinha notícias dela havia quase um ano. Porém, acalmou-se dizendo a si mesma que, se fosse o caso, pelo menos ela havia tentado fazer alguma coisa para encontrar Belle.

Ela encontrou a casa de repouso com bastante facilidade e bateu na porta, que foi aberta por uma mulher idosa com um avental branco sobre um vestido preto.

Gabrielle desculpou-se pelo incômodo e disse que precisava ver Lisette com urgência. A mulher lhe disse para esperar do lado de fora.

Passaram-se alguns minutos até Lisette aparecer na porta, parecendo nervosa, como se temesse ouvir más notícias. Quando viu sua velha amiga, seu lindo rosto iluminou-se em um grande sorriso.

- Gabrielle! - ela exclamou. - Que bom vê-la! O que a traz aqui?

Gabrielle perguntou se havia um lugar para elas conversarem e Lisette disse que poderia sair para tomar um café com ela; apenas tinha de avisar alguém.

Cinco minutos depois, elas estavam caminhando para a praça e Gabrielle explicou da maneira mais rápida possível que uma de suas hóspedes havia sumido depois de sair para encontrar um homem.

- Passei a gostar da garota inglesa - disse. - Como você pode imaginar, depois que descobri como ela ganhava a vida, comecei a me preocupar com sua segurança, mas ela é como nós éramos, confiante de que ninguém a machucaria. Eu tinha esperança de que você conhecesse alguém que me ajudaria a encontrá-la.

- Ela é inglesa? - Lisette falou. - Quanto anos?

- Cerca de 18, não tenho certeza. O nome dela é Belle Cooper.

Lisette parecia espanada.

- Belle? Ela tem cabelo escuro e cacheado e olhos azuis?

- Você a conhece? - Gabrielle perguntou, sem acreditar.

- Bem, parece ser a mesma garota - comentou Lisette e ela explicou que tinha cuidado de uma menina daquela idade, com aquele nome e aquela descrição dois anos antes. - Ela foi levada para a América - concluiu. - Mas um homem veio procurá-la também, um amigo da família. Isso deve fazer um ano já.

- O nome dele era Etienne?

Lisette franziu as sobrancelhas.

- Não, ele era inglês, tinha mais ou menos 30 anos. Mas por que você perguntou se era Etienne?

- Foi o nome que ela me passou, na última noite em que a vi. Ela disse que confiava nele.

Elas haviam chegado ao café da praça e sentaram-se a uma mesa ao ar livre, longe das outras pessoas. Lisette estava pasma.

- O que foi? Você conhece alguém chamado Etienne? - Gabrielle perguntou.

Lisette balançou a cabeça, concordando.

- Foi o homem que a acompanhou até a América.

Gabrielle tinha poucas expectativas quanto àquele encontro e descobrir que Lisette conhecia Belle e o homem de quem ela falara foi quase demais para ela. Seu coração começou a bater acelerado e gotas de suor surgiram em sua testa.

- Pode me contar tudo o que sabe? - ela pediu. - Você parece saber muito mais sobre Belle do que eu.

Lisette hesitou.

- Não saí desse mundo como você - ela disse, com tristeza. - Mas tenho certeza de que você lembra como é. Só contei tudo isso porque somos velhas amigas e confio em você. Tenho de pensar no meu filho.

Gabrielle entendia exatamente o que ela queria dizer e tomou a mão da Lisette entre as suas para tranquilizá-la.

- Não esqueci nada, mas qualquer coisa que você contar ficará somente entre nós.

Assim, Lisette lhe contou tudo o que sabia: como Belle chegou ao lar precisando de

cuidados, o quanto gostara dela e, depois, sobre Noah Bayliss ter vindo procurá-la.

- Gostei muito dele também - ela admitiu. - Quase cedi à oferta dele de me ajudar a sair daqui. Mas fiquei com muito medo.

Gabrielle balançou a cabeça, compreensiva. As pessoas por trás do esquema que trazia garotas jovens à França não tinham compaixão e seria difícil Lisette confiar o suficiente em um homem para dar segurança a ela e ao filho.

- Mas, se esse homem, Etienne, foi quem levou Belle à América, com certeza ele é tão ruim quanto os outros. Por que ela diria que confia nele?

Lisette encolheu os ombros.

- A maioria de nós, presos nesse meio, foi forçada a fazer coisas que sabemos serem

erradas geralmente porque eles têm controle sobre nós. Não significa que sejamos todos maus. Eu diria que Belle deve ter tocado o lado bom de Etienne, assim como fez comigo e com você. Eles iriam passar uma longa viagem juntos pelo mar e devem ter virado amigos. O inglês, Noah, queria que eu entrasse em contato com Etienne para descobrir para onde ela fora levada. Eu tentei, na época, mas não consegui.

Gabrielle suspirou.

- Não acho que ele possa ajudar na atual situação, de qualquer forma.

- É provável que não - disse Lisette. - Principalmente porque fiquei sabendo que ele saiu desse meio. Dizem que sua esposa e seus dois filhos morreram em um incêndio e ele agora é um homem acabado. É claro que pode não ser

verdade. Já ouvi histórias como essa antes, pode ser apenas para nos deixar com medo.

- Você quer dizer que alguém pode ter feito isso de propósito? - Gabrielle perguntou, horrorizada.

- Coisas assim já aconteceram, se alguém sai da linha - Lisette respondeu, olhando para os lados, furtiva, como se tivesse medo de ser ouvida.

As duas ficaram em silêncio por alguns minutos. Lisette terminou de tomar o café e disse que tinha de ir.

- Eu tenho o endereço do Noah, no entanto - ela afirmou quando assinalava para o garçom trazer a conta.

- É mesmo? - Gabrielle disse, ofegando. - Você me passaria?

Lisette concordou balançando a cabeça. O garçom chegou e Gabrielle pagou para ele. As duas se levantaram e começaram a se afastar do café.

- Vou entrar escondida e pegar para você - Lisette falou. - Imagino que sua notícia só vá piorar a situação da família, mas, se Noah vier a Paris para vê-la, como tenho certeza de que fará, por favor faça-o entender que não posso me envolver.

Enquanto as duas mulheres conversavam em La Celle St-Cloud, Belle estava deitada na cama do pequeno quarto trancado, esforçando-se muito para não se entregar ao pânico completo.

Ela podia apenas adivinhar a hora olhando por um minúsculo buraco na tábua em frente à janela. Não era nem grande o suficiente para ela passar seu menor dedo. Quando

aproximava o olho, não podia ver nada além de um pedaço do céu. Ela não sabia que havia um buraco até o nascer do dia, quando um fino raio de luz entrou por ele. Havia procurado no quarto algo afiado para aumentar o buraco, mas não teve sucesso. Tinha tirado o colchão da cama apenas para descobrir que não tinha molas, somente uma estrutura de madeiras cruzadas, e passado as pontas dos dedos pelo chão esperando encontrar um prego ou parafuso, mas não havia nada.

O pequeno raio de luz estava mais forte e, assim, ela teve de supor que já era de tarde e o sol brilhava através dele. Porém, o tempo não tinha muito significado, de qualquer forma, não à medida que os roncos de fome aumentavam gradualmente na sua barriga. Havia água no jarro do lavatório e ela havia bebido um pouco mais cedo, mas, como não sabia quando Pascal estaria de volta, resolvera beber apenas poucos goles de vez em quando.

Ela esperava com fervor que ele voltasse naquela noite. Porém, o que ele faria com ela? Belle duvidava que ele a deixasse ir embora, teria medo de que ela fosse falar com a polícia ou o gerente do Ritz. No entanto, não poderia mantê-la ali por tempo indeterminado. Estaria planejando levá-la para outro lugar? Ou a mataria?

Ela tinha abandonado essa ideia mais cedo, achando-a boba; até imaginava que ele voltaria e pediria desculpas, ou diria que fizera aquilo apenas para lhe ensinar uma lição. Entretanto, conforme o tempo passava, a ideia de ser morta parecia menos ridícula, pois era a única forma de garantir seu silêncio.

A quem pertencia a casa? Ela achava improvável ser de Philippe Le Brun, já que não havia motivo possível para ele querê-la presa lá. Tinha certeza que não era de Pascal; um mero *concierge* não poderia pagar um lugar

assim. Ele estava mancomunado com o dono e os dois planejavam vendê-la a outro bordel? Ou mandá-la para o exterior de novo?

Esses pensamentos rodaram na mente dela até que achou que enlouqueceria com eles. Havia tentado bater nas paredes e pisar com força no chão. Tinha escutado com atenção, na esperança de ouvir alguém; se não naquela casa, pelo menos no vizinho, mas tudo estava em silêncio. Ela suspeitava de que aquela casa fosse mais alta dos que as demais e, talvez, as paredes daquele quarto não estivessem ligadas a outra residência.

Belle pensou que Gabrielle devia ter ficado preocupada quando ela não voltou ao hotel, principalmente após o alerta que tinha lhe dado. Mas faria alguma coisa a respeito? O quê? Ela não sabia quem organizava os encontros para Belle com os cavalheiros.

Imaginou, no entanto, quanto tempo levaria para que Gabrielle vasculhasse seu quarto e encontrasse o dinheiro escondido no espaço abaixo da última gaveta do guarda-roupa. Havia 1.700 francos lá. O suficiente para impedir que uma senhoria comunicasse o desaparecimento de uma hóspede.

Belle pensou que era muito azarada, pois, sempre que pensava que a vida mudaria para melhor, algo horrível acontecia.

Em Seven Dials, ela havia ficado feliz em conhecer Jimmy, mas, naquela mesma noite, testemunhou o assassinato de Millie. Depois da terrível provação no bordel da Madame Sondheim, pensou que tudo tinha acabado quando se viu na casa de repouso aos cuidados de Lisette. Porém, depois, fora mandada para a América.

Houve aquela pequena janela de felicidade com Etienne em Nova york e no caminho para New Orleans, mas, pouco tempo depois, ela se viu encurralada por Martha e acreditou que Faldo Reiss seria sua passagem para casa. Aquilo se revelou outra forma de prisão, porém, o trabalho com Senhorita Frank na loja de chapéus lhe deu esperança novamente. Então, Faldo morreu e Senhorita Frank voltou-se contra ela.

Belle confiou em Madame Albertine, em Marseille, mas ela a traiu ao arranjar o encontro com Clovis.

E, por fim, quando achou que estava prestes a ir para casa ver a mãe, Mog e Jimmy, Pascal a prendeu. Por quê? Ele devia ter ganhado muito dinheiro com ela, por que não era o suficiente para ele?

Teria sido diferente se ela tivesse se animado com a ideia de ir para cama com ele?

De alguma forma, ela duvidava disso. Ele sabia que a casa tinha aquele quarto, devia ter planejado trancá-la ali. Talvez estivesse ficando com medo de perder o emprego se descobrissem sua atividade paralela?

Belle devia ter imaginado, após aquela noite no café em Montmartre, que ele não desistiria simplesmente do desejo de possuí-la. Ela teve o claro pressentimento de que surgiriam problemas. Então, por que não seguiu seu instinto e foi embora da França? Que tipo de idiota ela era por pensar que ver Paris na primavera seria tão importante? Porém, se tinha realmente sido apenas isso, poderia ter deixado de aceitar encontros e ido para outro hotel, para que Pascal achasse que ela havia partido. Belle tinha dinheiro suficiente, mas queria mais por

conta do seu orgulho imbecil e por não querer ir para casa de mãos vazias.

Uma náusea apoderou-se dela ao encarar a verdade sobre si mesma. Belle sabia que muitas prostitutas eram forçadas a trabalhar no começo e outras entravam no ramo por uma necessidade desesperada ou simples estupidez, mas todas as prostitutas que tinha conhecido continuavam trabalhando porque eram ou preguiçosas ou gananciosas.

Belle começou a chorar de vergonha. Ela era inocente quando foi raptada pelo Sr. Kent e vendida à Madame Sondheim, mas por que raios permitiu que Martha a corrompesse e fizesse acreditar que não havia problema em atender dez homens por noite? Por que perdeu seu código moral?

Ela sempre se orgulhara de ser corajosa, mas a atitude corajosa a tomar teria sido ir à polícia

em New Orleans e contar o que acontecera a ela e por quê. Teria sido muito melhor do que lutar para ser a melhor garota da casa e parabenizar-se por ter aprendido uma dúzia de maneiras de fazer os clientes ejacularem depressa para poder passar para o próximo pobre rapaz que não tinha uma mulher.

A vida de quantas garotas havia sido arruinada por Kent e seus parceiros? Quantas mães e pais estavam sofrendo com a perda das filhas? Se ela tivesse encontrado a coragem para se pronunciar, poderia ter salvado algumas delas.

Belle então pensou, enquanto chorava sua vergonha, que havia sido tudo aquilo que tornara sua mãe fria e aparentemente indiferente à filha. Ela não tinha ideia de como Annie tinha se tornado prostituta e, agora, era provável que nunca viesse a saber. Mas podia ver que Annie fizera o melhor para proteger Belle do seu trabalho. Todas aquelas regras de nunca

subir após as seis, a distância que mantinha entre ela e as garotas e o incentivo para que ela lesse livros e jornais serviam para que a garota conhecesse o grande mundo além de Seven Dials. Mesmo deixar que ela visse Mog como uma segunda mãe fora um ato de altruísmo, pois a doce, gentil e amorosa Mog era uma ótima influência e ensinara o certo e o errado, as boas maneiras e como falar bem, para que ela não seguisse o caminho da mãe verdadeira.

- Eu a decepcionei - Belle soluçou com o rosto colado ao colchão, e pensar que ela era uma prostituta era pior do que qualquer coisa que Pascal pudesse lhe fazer.

Capítulo 30

Gabrielle olhou pensativa para o endereço que Lisette lhe entregara enquanto voltava para casa no trem. Se ela escrevesse para Noah Bayliss naquele endereço, poderia levar uma semana ou mais para que ele recebesse a mensagem. Era tempo demais, ela teria de mandar um telegrama.

Mas o que diria nele? "Ajuda necessária para encontrar Belle" não seria muito bom se ele já havia tentado encontrar Belle e fracassado. "Belle em perigo, venha logo" seria assustador para a mãe da garota. Ainda assim, o que quer que ela escrevesse, se o assustasse ou não, ainda demorariam alguns dias antes de o recado chegar.

Ela enviaria um telegrama de qualquer forma, mas, enquanto isso, precisaria de alguém, de preferência um homem, que conhecesse os

melhores hotéis de Paris e aqueles que buscavam garotas para os clientes e pudesse identificar as iniciais no bilhete que Belle recebera.

Houve uma época em que Gabrielle conhecia meia dúzia de homens assim, mas não agora. Ela tinha certeza de que Etienne seria a pessoa ideal, mas, se Lisette não sabia como encontrá-lo, que chance tinha Gabrielle?

Havia sido um golpe de sorte incrível Lisette ter cuidado de Belle, mas talvez não fosse uma coincidência tão grande quanto ela tinha pensado no início, afinal, Lisette trabalhava para as pessoas que compravam e vendiam jovens meninas. Gabrielle pensou que, depois que Belle fosse encontrada, ela deveria persuadir Lisette a fugir com Jean-Pierre e cortar todos os laços com esses indivíduos horrorosos.

De repente, assim que o trem estava diminuindo a velocidade e entrando na estação,

Gabrielle lembrou que Marcel, o dono da lavanderia quase ao lado do Mirabeau, era de Marseille. Segundo diziam, ele havia tido um passado de altos e baixos antes de ter a lavanderia. Ela era uma boa cliente e, assim, mesmo que ele não conhecesse Etienne, poderia lhe dar algum conselho.

Gabrielle foi diretamente para o correio e enviou um telegrama para Noah. "Entre em contato para ter notícias de Belle" ela escreveu e acrescentou o endereço do Mirabeau.

- A garota bonita de cabelos escuros? - Marcel perguntou depois de Gabrielle lhe dizer que estava preocupada com uma das hóspedes, que desaparecera. - Sim, eu já a vi passar pela janela.

Quando Gabrielle começou a contar que suspeitava de um crime, Marcel a fez entrar em um minúsculo escritório ao lado da lavanderia.

Estava muito quente e cheio de vapor, mas ela ficou feliz por poder falar com ele em particular, já que muitas pessoas ficavam entrando e saindo da lavanderia.

Marcel era baixo e gordo, quase explodia para fora da camisa. Seu rosto redondo e brilhante reluzia com o suor e o cabelo que lhe restava e o bigode comprido eram oleosos.

- Ela me disse que tem um bom amigo em Marseille e, como sei que você é de lá, tinha esperança de que pudesse conhecê-lo. O nome dele é Etienne Carrera.

Marcel arregalou os olhos.

- Já ouvi falar dele - comentou, em um tom que sugeria que Etienne devia ser tratado com cautela. - Mas sua jovem hóspede... Como ela conhece um homem assim? Ele tem uma péssima reputação.

Gabrielle explicou o mais brevemente possível o sequestro de Belle e como Etienne a levara para a América dois anos antes.

- Ela disse que confiava nele, isso deve significar que ele foi bom para ela. Não me importa que tipo de homem ele é, apenas espero que ele possa me ajudar a encontrá-la.

- Minha família de Marseille contou que ele perdeu a mulher e a família em um incêndio - Marcel disse, pensativo. - Foi o assunto da cidade há uns 18 meses, pois a maioria das pessoas acha que não foi acidente e alguém queria puni-lo.

- Fiquei sabendo disso também. Mas você sabe onde ele está agora?

- Posso ligar para o meu irmão mais novo e perguntar. Eles foram amigos na infância. Sei

que Pierre foi ao funeral da esposa e dos filhos de Etienne.

Gabrielle colocou a mão no braço de Marcel.

- Seria uma gentileza enorme - ela disse com sinceridade. - Se ele conseguir encontrá-lo, pode pedir que diga a Etienne que eu acho que Belle está em perigo e que ela me deu o nome dele como um amigo e alguém em quem ela confia? Marcel bateu delicadamente no ombro de Gabrielle, compreensivo.

- Vou vê-la no hotel assim que falar com Pierre. Vejo que está preocupada com essa garota. Você gostava dela?

- Muito - Gabrielle admitiu, percebendo, de repente, que, além de Henri, Belle era a primeira pessoa com quem ela se importava desde a morte de Samuel. - Ela passou por muitos problemas. Quero vê-la junto à família

de novo. Acho que esse homem, Etienne, iria querer isso também.

Marcel balançou a cabeça.

- Deixe comigo.

A senhor Dumas abriu a porta da frente e empalideceu ao ver o rapaz do telégrafo segurando um telegrama.

- É para o senhor Bayliss - ele disse.

A senhora Dumas ficou aliviada por não ser para ela.

- Sinto muito, ele não está - ela respondeu. - Mas chegará logo.

Ela pegou o telegrama e fechou a porta, olhando para o envelope e imaginando o que ele continha. Um dos seus pais estava doente ou

até mesmo morrendo? Ela desejou com força que não fosse o caso, pois gostava muito de Noah e ele estava tão bem depois de ter sido contratado pelo *The Times*.

Apenas meia hora depois, a senhora Dumas ouviu uma chave na porta e correu para o hall, para ver se era Noah. E era. Ele parecia estar com calor e incomodado, pois o dia estava quente e ele devia ter voltado para casa a pé desde a Fleet Street.

- Temo que tenha chegado um telegrama para você - ela disse. - Espero que não sejam más notícias. Mas já coloquei a chaleira no fogo, querido.

Noah parecia ansioso, mas sorriu após ler o recado.

- Não acho que sejam más notícias. Alguém em Paris tem notícias de Belle.

Nos dias em que ele costumava voltar correndo para casa esperando receber uma carta de Lisette, ele havia contado para a senhoria uma versão censurada da história de Belle, omitindo que ela fora criada em um bordel e vendida para a prostituição. Mas aquela carta muito aguardada nunca chegou e, depois de ser contratado como repórter do *The Times* e passar a trabalhar muito, suas visitas a Mog, Garth e Jimmy ficaram gradualmente menos frequentes também.

Na última vez que havia ido ao Ram's Head, Garth lhe dissera que ele e Mog planejavam se casar logo. Eles queriam encontrar outro *pub* no interior e, como Jimmy já estava praticamente administrando o Ram's Head, poderia assumi-lo se quisesse.

Jimmy havia crescido e se tornado um jovem forte e seguro, honesto e sincero, e quase não falava mais de Belle. Ainda assim, Noah sabia

que ele ainda pensava nela, pois, apesar de ele ter saído com duas ou três garotas, estava claro que seu coração ainda pertencia a Belle.

Mog não tinha abandonado por completo a esperança de encontrá-la, mas esforçava-se para esconder a dor que estava dentro do seu peito. Ela tinha uma boa vida com Garth e Jimmy e ocupava os dias cozinhando, limpando e costurando. Disse a Noah, certo dia, que sentia no fundo do coração que Belle reapareceria e essa ideia a mantinha em pé.

Quanto a Annie, sua pensão teve tanto sucesso que ela havia ocupado a casa vizinha também, mas tinha pouco contato com Mog. Noah havia escrito um novo artigo sobre Belle e as outras garotas desaparecidas em dezembro do ano anterior, na esperança de que, após tanto tempo, alguém pudesse se manifestar e trazer novas informações. Ele entrevistara várias das mães para esse artigo, inclusive Annie, e

percebera que, embora ela parecesse dura e fria, na verdade ela provavelmente sofria por Belle tanto quanto Mog, mas simplesmente não conseguia articular seus sentimentos.

De tempos em tempos, Noah ouvia comentários sobre o Falcão. Uma menina fora encontrada morta em um campo nos arredores de Dover e sua morte fora atribuída a uma alta dose de sedativos. Ela vinha de uma vila de Norfolk e tinha sido vista pela última vez em uma feira local, conversando com um homem com a mesma descrição do Sr. Kent. Noah conseguira ver o relatório do inquérito e havia marcas de corda nos pulsos e tornozelos da garota, como se ela tivesse sido amarrada, mas a corda havia sido removida após a morte dela. Noah estava convencido de que Kent era o culpado e planejava levá-la para a França da mesma maneira que fizera com Belle, mas, quando descobriu que ela havia morrido, simplesmente

descartou o corpo e esperou que a polícia achasse que ela tivesse cometido suicídio.

Outras meninas estavam desaparecidas também, muitas de Suffolk e Norfolk. Muitos dos policiais com quem ele falara concordavam que Kent estava envolvido e que apenas deslocara sua operação para uma área diferente. Porém, não havia evidências e, nas várias ocasiões em que ele fora levado para interrogatório, sempre tinha um álibi perfeito. Um policial veterano havia dito a Noah que, se eles ao menos conseguissem encontrar uma das garotas desaparecidas e convencê-la a testemunhar contra Kent, ele tinha certeza de que outras pessoas se pronunciariam com mais informações sobre os crimes dele.

No entanto, agora uma mulher de Paris tinha notícias de Belle. Noah sabia que o *The Times* ficaria feliz em pagar as despesas da viagem e pediria que seus colaboradores franceses o

ajudassem, na esperança de que ele encontrasse a menina e a trouxesse para casa, para testemunhar contra Kent e suas atividades. O coração de Noah batia acelerado de alegria, não apenas com a possibilidade de reunir Belle a Annie e Mog, mas também por conta do que significaria, para ele, conseguir uma reportagem de destaque sobre tráfico de pessoas que todos os jornais do país iriam querer.

E talvez ele também voltasse a ver Lisette.

Menos de uma hora depois de ter aberto o telegrama, Noah estava a caminho da Charing Cross para pegar o último trem da noite para Dover. Ele pensou em parar no Ram's Head para dar a notícia a Mog, mas desistiu com medo de que as coisas não dessem certo como ele esperava. Ele havia ligado para o editor do jornal que, como previra, deu sua bênção e prometeu enviar um telegrama para o escritório de Paris e pedir que ficassem de

prontidão para ajudá-lo e conseguir um intérprete, se necessário.

Gabrielle estava arrumando as mesas para o café da manhã às nove da noite quando a campainha da porta da frente soou. Ela correu e encontrou Marcel.

- Você descobriu alguma coisa? - ela perguntou e fez um sinal para ele entrar.

- Meu irmão sabe onde Etienne está, mas é um lugar a alguns quilômetros de Marseille, no interior. Pierre prometeu ir até lá de bicicleta ao amanhecer para vê-lo e passar seu recado.

- Deus o abençoe, Marcel - ela disse e, impulsivamente, inclinou-se para beijá-lo no rosto. - Ele acha que Etienne virá para cá?

- Tudo o que disse foi que Etienne é o tipo de homem que sempre ajuda os amigos. Mas

acrescentou que ele ficou diferente depois do incêndio. Assim, só nos resta esperar que venha.

- Fique e tome um vinho comigo, sim? - Gabrielle convidou.

Pela primeira vez em anos, ela não queria estar sozinha. Tinha ficado cada vez mais assustada com a situação de Belle conforme as horas passavam. Imaginara o corpo dela sendo jogado no Sena ou caído em um beco. Mesmo que Belle ainda estivesse viva, Gabrielle não suportava pensar o que podia ter sido feito com ela. Havia se ajoelhado em frente a uma imagem da Virgem Maria e rezado para que ela protegesse Belle, mas sua fé não era forte o bastante para acreditar de verdade que a oração bastava.

Etienne ficou parado à porta do chalé malcuidado em que morava e observou Pierre voltar de

bicicleta pela viela com marcas de pneus em direção à estrada para Marseille. Era uma bela manhã de primavera, o calor do sol tinha feito as flores brotarem por toda a extensão da viela e o som de pássaros por toda a volta fazia Etienne se sentir um pouco menos desesperado. Havia sido bom ver Pierre de novo, eles compartilharam muitas diversões inocentes quando meninos e, embora tivessem tomado caminhos tão diferentes quando adultos, ainda existia uma ligação entre os dois.

Etienne tinha desejado morrer depois de enterrar Elena e seus dois garotos. Escondera-se naquele chalé e passara o inverno todo bebendo para esquecer, quase sem comer, sem tomar banho, fazer a barba e nem mesmo trocar de roupa. Saía apenas para comprar mais bebida.

Foi somente quando o clima melhorou, no início de março, que ele reparou no mundo ao

redor. Ele acordou certa manhã sobre seu colchão cheio de palha e o sol brilhava pela janela, realçando a sujeira em que ele vivia: latas de comida e garrafas de vinho vazias por toda parte, a mesa coberta de pão bolorento, pratos sem lavar, chão sem ser varrido desde que chegara e coberto pelas cinzas da lareira. Ele percebeu um cheiro terrível... Se vinha dele ou da comida que havia caído no chão e apodrecido, ele não sabia, mas sabia que era hora de agir.

Estava tão fraco que só conseguia lidar com a sujeira aos poucos, fazendo intervalos para descansar. O simples ato de pegar água suficiente na bomba do lado de fora, encher a velha caldeira de cobre e acender o fogo sob ela o deixou sem fôlego e com dores. Mas ele não abriu uma garrafa e aquela noite, depois de varrer a sujeira e queimá-la, tomar um banho e lavar as roupas, foi a primeira em que dormiu sóbrio após o incêndio.

Agora, ele estava fisicamente forte de novo. Dias longos e difíceis limpando o terreno em torno do chalé moldaram seus músculos. Consertar o telhado, cortar madeira para a lareira e fazer novas cortinas para as janelas o fizeram parar de beber e acalmaram sua dor.

Ainda havia dias em que a raiva o consumia. Ele queria ter certeza se o incêndio no restaurante fora provocado deliberadamente para puni-lo por ter ousado dizer a Jacques que não trabalharia mais para ele. Se ele pudesse ter conseguido essa certeza, teria matado Jacques. Mas não existiam provas; a fonte do fogo parecia ter sido o fogão.

A pergunta que Etienne tinha de fazer a si mesmo era se seria inteligente ir a Paris procurar por Belle. Ele tinha cortado relações com Jacques, podia sentir que estava voltando gradualmente a se sentir bem, da mesma maneira como as folhas verdes estavam se

desenrolando na cerca viva. Porém, voltar a Paris sem dúvida o levaria a ter contato de novo com o tipo de escória que tinha abandonado.

Ainda assim, ele podia ver o doce rosto de Belle quando ela cuidou dele no navio, podia ouvir seus suspiros de alegria enquanto exploravam Nova York e lembrava muito bem do quanto ficara tentado na noite em que ela deitou-se em sua cama.

Ela invadira seus pensamentos com bastante frequência nos meses depois de tê-la deixado em New Orleans. Esperava ser mandado de volta para lá para poder ver como ela estava e sentia pontadas de culpa quando olhava para Elena, pois, com certeza, pensar assim em outra mulher devia ser uma traição tão grande quanto o ato físico.

No entanto, saber que Belle o havia citado como a pessoa em quem confiava significava que ele devia ir ajudá-la. O que ele tinha a perder? Tudo que amava tinha ido embora.

Etienne virou-se para entrar no chalé. Se ele partisse imediatamente, poderia chegar a Paris naquela noite.

Belle chorou quando o salto do seu sapato fez barulho ao cair no chão. Ela havia passado horas martelando na tábua da janela, tentando desesperadamente fazer um buraco nela. O salto do primeiro sapato quebrou e, assim, ela recomeçou após dormir um pouco, mas, com o segundo salto quebrado, não podia continuar. Não que ela tivesse feito qualquer avanço, tudo o que tinha a mostrar como resultado do seu esforço era uma pequena marca na madeira. Mas, pelo menos, enquanto martelava, havia um brilho de esperança. Ele agora tinha desaparecido.

A fome a estava deixando fraca e tonta. Não tinha certeza se fazia dois ou três dias que estava lá. Esse era o plano de Pascal? Deixá-la tão fraca que não poderia lutar contra ele quando voltasse? Ou pretendia abandoná-la ali para morrer?

De tempos em tempos, ela sentia o cheiro de comida sendo preparada, ele invadia o quarto para tentá-la. Se havia um restaurante por perto, por que ninguém a ouvia gritar e bater? Era o que ela fazia constantemente quando já não entrava luz pelo pequeno buraco, imaginando que seria mais provável alguém escutá-la quando as ruas ficavam mais silenciosas. Porém, ela não conseguia distinguir entre o começo e o final da noite ou por quanto tempo dormia de cada vez.

Por duas vezes, ouvira o som de um acordeão. Era um som comum em Paris, que ela tinha achado encantador quando estava livre. Se

aquele som chegava aos seus ouvidos, por que (mas, por quê?) ninguém a escutava?

Belle arrastou-se de volta para a cama, sentindo sob os pés os grampos tortos e quebrados que ela tentara, sem sucesso, transformar em ferramentas para mexer na fechadura da porta. Ela não tinha mais nada para usar; tinha retirado os suportes de barba de baleia do corpete do vestido e tirado os suspensórios, e quebrado cada um deles. Estava derrotada. E havia menos de cinco centímetros de água no jarro para beber.

Ela bem que podia simplesmente deitar e esperar pela morte. Não havia esperança.

Capítulo 31

Gabrielle estava sentada à sua escrivaninha no hall quando um homem entrou. Ela reparou primeiramente no terno em cinza pálido, pois tinha um excelente corte e era raro os seus hóspedes se vestirem com roupas tão caras ou terem a presença aquele estranho tinha. Depois, quando ele falou, a combinação de sua voz grave com os frios olhos azuis a deixaram pasma por um instante.

- Sou Etienne Carrera - ele disse. - Acredito que você estava esperando por mim.

Ela só conseguiu ofegar tolamente.

- E desejava que viesse, mas não ousei esperar por isso - Gabrielle articulou, sentindo-se como uma garotinha boba de 16 anos.

Depois de um momento de hesitação, ela levantou e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

- Sou Gabrielle Herrison. Estou muito feliz em vê-lo. Posso oferecer um café ou algo para comer? Você fez uma viagem longa.

- Um café seria bom enquanto conversamos - ele aceitou.

Ela tocou um sino e uma mulher mais velha usando um avental branco saiu da sala de jantar.

- Ah, Jeanne! Pode trazer um pouco de café para nós na minha sala de estar?

Gabrielle seguiu para um mezanino e guiou Etienne até uma pequena sala com vista para o quintal dos fundos. O lugar claro com o sol do final da tarde e tinha móveis simples: um sofá,

algumas poltronas e uma mesa com cadeiras perto da janela. Ela tirou alguns livros de escola de Henri de uma das poltronas.

- São do meu filho - explicou. - Ele deveria estar aqui fazendo a lição, mas escapou. Sente-se.

- Mal posso acreditar que tenha chegado tão rápido - ela continuou, após sentar-se em frente a ele. - Deve ter saído de Marseille assim que o irmão de Marcel falou com você. Ele concordou balançando a cabeça.

- Percebi a urgência. Agora, diga-me, há quanto tempo Belle está aqui e de onde ela veio?

- Ela chegou logo após o Natal. Suspeito que tenha vindo do sul, já que a Gare de Lyon atende essa parte da França. Não me contou nada sobre si mesma, apenas pediu um quarto

em inglês. Mas eu acho que ela fugiu de alguém porque usava um vestido de festa sob o casaco e não trazia chapéu, echarpe, luvas nem bagagem. Mais tarde, ela perguntou se eu conhecia uma boa loja de roupas usadas porque tinham roubado suas malas.

Jeanne bateu na porta e entrou com um bule de café e xícaras em uma bandeja. Gabrielle esperou que ela saísse e, depois, rapidamente entrou no assunto de como adivinhara o que Belle fazia para viver.

- Em geral, quando percebo isso, peço que elas se retirem - ela contou. - Tenho certeza de que entenderá que os problemas sempre seguem mulheres assim. Você deixa uma entrar e os amigos aparecem depois. Não quero isso no meu hotel.

Etienne abriu um pequeno sorriso de compreensão.

- Então, por que a deixou ficar?

- Porque ela era uma dama; silenciosa, educada, limpa e encantadora. Tinha uma personalidade carinhosa, sempre com um sorriso e sempre agradecida. Mas tenho quase certeza de que você sabe isso.

- Sim, eu sei. Mas disse alguma coisa a ela sobre o que ela estava fazendo?

- Não. Acho que fiquei com medo de assustá-la e afastá-la do hotel.

Gabrielle continuou contando que um garoto vinha com um bilhete para Belle e, mais tarde, uma carruagem chegava para levá-la ao seu compromisso. Disse que a hóspede costumava passar a noite toda fora e voltar apenas pela manhã. Depois ela contou a Etienne o que acontecera na última noite em que viu Belle sair.

- Senti que ela já conhecia o homem que ia encontrar. Foi a única vez em que a alertei. E aconselhei-a a desistir e voltar para a Inglaterra.

Ela olhou bem nos olhos de Etienne e seu lábio inferior tremeu de emoção.

- Sabe, eu sei por experiência própria as coisas ruins que podem acontecer a garotas como ela. Podem ficar bem por bastante tempo, mas, cedo ou tarde, irão encontrar um homem perigoso. E temo que seja o que aconteceu.

Gabrielle mostrou a ele o bilhete encontrado no quarto de Belle. Etienne analisou-o com cuidado.

- Monsieur Le Brun, um nome comum demais! O que a fez pensar que ela já o encontrara antes?

- Ela estava especialmente bonita, tinha se esforçado bastante e estava animada, como se esperasse ir a um bom lugar com um homem de quem gostava muito.

- Então acha que ele era um homem rico?

- Ela não estava vestida para uma noite com um homem pobre.

- Posso ver o quarto dela? - Etienne perguntou.

- É claro. Ia sugerir que ficasse nele.

- Não acho que eu vá dormir muito hoje.

Etienne sorriu com os lábios, mas os olhos permaneceram frios.

- Preciso começar a investigar, mas devo ver o quarto dela antes de sair. Os pertences de uma mulher costumam dizer muito sobre ela.

Gabrielle subiu para o andar seguinte com ele. Destrancou a porta e deu a chave a ele.

- Entregarei outra, da porta da frente, para você antes de sair - ela avisou.

Depois de Gabrielle descer, Etienne ficou parado por vários minutos, apenas olhando pelo quarto. Podia sentir um perfume almiscarado e inebriante. Ele reparou na fileira de sapatos sob o guarda-roupa, na escova de cabelo, no pó facial e nos grampos sobre a penteadeira e nos três chapéus na cômoda. Lembrou-o das vezes em que entrou na cabine que dividiram a caminho da América, pois ele fora tocado pelo seu asseio e feminilidade.

Ele tinha a lembrança da maneira como ela costumava se aconchegar na cama com um livro, torcendo uma mecha de cabelo distraidamente, e da maneira como ela olhava para ele sorrindo.

Etienne afastou esses pensamentos e voltou-se para o trabalho, abrindo gavetas, examinando as roupas do guarda-roupa. Ele ficou impressionado com elas; embora fossem de segunda mão, tinham qualidade e estilo. Estava claro que Belle tinha ficado muito sofisticada nos dois anos anteriores.

Depois, ele cruzou o quarto para olhar o caderno de desenhos na cama. Quando viu que havia apenas desenhos de chapéus, sentiu-se curiosamente emotivo, pois se lembrou de que ela dissera que seu sonho era ter uma loja de chapéus. Ele leu algumas das anotações abaixo dos desenhos e parecia que ela havia aprendido como produzir suas criações; ele não achava que ela tivesse esse conhecimento dois anos antes.

Começou então a fazer uma busca, pois a lógica lhe dizia que, se Belle estava juntando dinheiro para voltar à Inglaterra, não se

arriscaria a levar tudo com ela quando saísse à noite.

Em primeiro lugar, retirou todas as gavetas e verificou se havia algo enfiado no fundo delas. Quando não achou nada, ergueu o colchão e passou as mãos sob ele. Deslizou a mão para cima e para baixo da cabeceira, virou o banquinho da penteadeira de ponta-cabeça. Estava ficando sem ideias e parou para olhar ao seu redor. Ele colocou a mão por dentro da chaminé e não achou nada além de fuligem. Depois, reparou na gaveta na parte de baixo do guarda-roupa. Não havia nada nela. Ele a retirou, olhou embaixo e, em seguida, colocou a mão no espaço abaixo de onde a gaveta ficava; sua mão encontrou uma caixa de metal.

Ele a tirou de lá e abriu a tampa. Dentro, havia uma pilha grossa de francos. Passou os dedos por ela rapidamente e calculou que havia bem mais de 1.000 francos.

Etienne recolocou a tampa na caixa e a pôs onde estava antes. Depois, devolveu a gaveta e levantou-se. Era muito dinheiro e a prova de que os clientes de Belle eram homens muito ricos, pois Gabrielle tinha dito que ela nunca saía mais de quatro noites por semana. Ele estava impressionado por ela ter economizado tanto. A maioria das garotas no seu lugar teria desperdiçado o dinheiro em roupas e bobagens. Paris era um lugar emocionante, uma menina bonita poderia facilmente pensar que tinha o mundo aos seus pés e agir como se isso fosse verdade. Porém, Belle tinha ficado em um hotel barato, comprado roupas usadas e desenhado chapéus, e não restava dúvidas de que, quando não estava com um cliente, ela sonhava em voltar para casa e para as pessoas que amava e em abrir uma loja de chapéus. Ele ficou muito tocado ao pensar nisso e sentiu-se determinado a virar Paris do avesso, se necessário, para encontrá-la.

Quem seria esse Monsieur Le Brun que ela saíra para ver?

Etienne trancou a porta e desceu. Assim que virou para o último lance de escada ao lado da sala de estar de Gabrielle, escutou uma batida na porta. Gabrielle correu para atender.

O homem alto e magro parado na entrada tirou o chapéu ao vê-la.

- *Bonsoir*. *Je suis Noah Bayliss* - ele disse com um sotaque inglês artificialmente formal. Etienne desceu com rapidez os últimos degraus. Gabrielle tinha dito que enviara um telegrama àquele inglês, mas não explicara por completo quem ele era.

- Eu falo inglês - disse Gabrielle no tom usado pela maioria dos franceses quando os ingleses torturam seu idioma.

Ela virou-se para Etienne e explicou em francês que Noah era um amigo da família de Belle e tinha estado em Paris várias vezes nos últimos dois anos tentando encontrá-la. Depois, apresentou Noah a Etienne e disse a Noah que Belle havia dado o nome de Etienne como alguém em quem confiava.

Etienne aproximou-se e apertou a mão de Noah.

- Estamos muito felizes que tenha vindo, precisamos de toda a ajuda que conseguirmos.

Noah parecia confuso.

- O que quer dizer? O telegrama dizia que tinham notícias de Belle. Onde ela está?

Gabrielle interferiu e disse que Belle havia se hospedado lá e desaparecido. Explicou que não quis colocar nenhuma informação alarmante no

telegrama, mas esperava contar com a ajuda dele e estava grata por ele ter vindo tão depressa.

Noah virou-se para Etienne com uma expressão de dúvida.

- Sinto muito, mas não entendo. Onde você se encaixa nisso?

- Foi Etienne que levou Belle para a América - Gabrielle contou.

Os olhos de Noah revelaram sua raiva.

- Então estou surpreso que tenha coragem de mostrar sua cara aqui. Faz ideia do que a família e os amigos dela passaram?

- Entendo o que pode parecer para você - disse Etienne. - Tudo o que posso dizer em minha defesa é que não tive escolha. Recebi uma

ordem e as pessoas por trás do esquema são tão cruéis que, se você recusa, alguém próximo a você pode ser ferido. Mas posso dizer que foi com o coração pesado que deixei Belle em New Orleans, pois tinha me apegado a ela e suponho que ela sentisse o mesmo, já que deu meu nome a Gabrielle como alguém em quem confiava.

Noah colocou a mão na cabeça. Estava claro que ele não entendia bem o que estava acontecendo.

- Preciso que me expliquem melhor toda a situação - ele pediu.

- Sim, precisamos, e Gabrielle é quem pode fazer isso.

Etienne percebeu que Noah não sabia o que Belle estava fazendo na França e não queria ser o responsável por contar.

- Tenho algumas investigações a fazer agora e você deve estar muito cansado da viagem de Londres até aqui. Por que não fica com Gabrielle? Ela explicará tudo. Podemos nos reunir amanhã pela manhã, quando você estiver descansado e souber tudo que eu sei.

- É o melhor plano - Gabrielle concordou. - Tenho um quarto livre para você, Noah, mas, em primeiro lugar, vou lhe trazer uma bebida e algo para comer.

***

Etienne pegou uma carruagem para a Champs-Elysées. Ele imaginava que Belle teria suposto que os homens de negócios ricos procurariam hotéis naquela área porque era uma região central. Levava no bolso o bilhete recebido por Belle e tinha o esboço de um plano na cabeça.

Ao descer da carruagem e pagar ao cocheiro, veio-lhe à mente a ideia de que a tarefa que abraçara seria mais difícil do que tinha imaginado no início. Ele não passava por aquela área de Paris havia alguns anos e parecia haver muito mais hotéis do que ele se lembrava. Também não fazia ideia de quais eram os mais elegantes naquele momento. Na época em que ele entrava em hotéis para roubar joias e dinheiro dos ricos, existiam apenas uns dez. Porém, muitas construções e reformas haviam acontecido para a Exposition Universelle em 1900; segundo se lembrava, a Gare de Lyon fora construída para o evento, assim como o primeiro trem do Métropolitain.

Ele caminhou depressa, passando pelos hotéis e olhando para dentro deles, reparando na qualidade das roupas e da bagagem das pessoas que saíam das carruagens e táxis. Não ia perder tempo com hotéis cujos hóspedes fosse,

na maior parte, turistas. Eram os lugares seletivos e caros que ele queria verificar.

O primeiro em que entrou, o Elysée, encaixava-se nesses critérios. Árvores de louro em vasos ladeavam as portas duplas de mogno com detalhes brilhantes em cobre que foram abertas por um funcionário de uniforme verde e dourado.

Etienne cruzou um chão de mármore branco até o balcão da recepção e sorriu para o recepcionista de semblante sério e óculos de acetato.

- Poderia me dizer o nome do seu *concierge*? Um colega disse que deixaria um pacote para mim com ele, mas não tenho certeza se estou no hotel certo - ele disse.

- Temos dois - o recepcionista respondeu. - Monsieur Flambert e Monsieur Annily. Flambert

está aqui agora, talvez ele possa ajudá-lo, mesmo que este não seja o hotel certo.

Ele apontou para a mesa do *concierge* do outro lado do lobby, onde alguns hóspedes falavam com um homem.

Nenhum dos homens tinha as iniciais certas, mas Etienne perguntou se o Monsieur Le Brun estava hospedado no hotel. O recepcionista verificou o livro de registros e disse que não havia ninguém com aquele nome no momento.

Etienne pediu o nome de outros bons hotéis que ele poderia tentar. O recepcionista citou muitos nomes; alguns dos hotéis ficavam por perto, outros ficavam longe de lá, mas foi solícito e os marcou em um mapa das ruas e até se ofereceu para dar a Etienne os números de telefones.

Um por um, Etienne ligou para os hotéis, mas em todos os casos não havia ninguém com as iniciais certas nem um hóspede chamado Le Brun. Ele anotou cada um que tentou, com o nome do *concierge* ao lado.

Às 11 horas, estava começando a pensar que poderia não ser um *concierge* o homem que procurava, mas um gerente de hotel, embora soubesse que gerentes geralmente estavam acima da função de conseguir encontros para os hóspedes. Restava apenas o Ritz para ele verificar, mas Etienne não tinha muitas esperanças de que o hotel de mais prestígio de Paris tivesse um funcionário que se arriscaria lidando com algo tão obscuro. Ele também tinha medo de entrar lá, pois já fora seu lugar favorito para roubar dinheiro e joias das pessoas e, na última vez que tinha ido ao Ritz, fora interrompido por uma camareira que entrou no quarto para preparar a cama. Ele havia passado correndo por ela e descido as escadas

depressa, saindo pela porta de trás com alguém bem atrás dele. Não foi pego, é claro. Naqueles dias, ele conseguia correr como o vento e escalar muros sem esforço. Mas nunca ousou voltar lá, por medo de não ter tanta sorte de novo. No entanto, disse a si mesmo que seria improvável que uma pessoa que tivesse trabalhado lá 16 anos antes se lembrasse da descrição feita por uma camareira de um rapazinho magrelo e malvestido que ela surpreendera roubando um dos hóspedes.

Etienne ficou parado por alguns instantes na Place Vendôme, olhando para o Ritz, e tentou imaginar a Belle que conheceu tão bem juntando coragem para entrar em um hotel tão importante. Mas, lembrando-se de que ele ousou roubar pessoas ali e que a Belle não faltava atitude, entrou e perguntou sobre seu pacote fictício.

E ficou sabendo que o nome do *concierge* era Monsieur Edouard Pascal.

E. P. Tinha de ser ele.

- Mas ele já foi embora hoje - o recepcionista disse a Etienne. - Posso ajudá-lo com mais alguma coisa?

- Não, obrigado - Etienne respondeu. - Acho que estou no hotel errado. Tenho de falar com meu amigo e perguntar onde ele disse que deixaria meu pacote.

Etienne estava exultante quando saiu do Ritz. Agora que tinha o nome certo, seus contatos em Paris poderiam lhe contar mais sobre aquele homem. Pela primeira vez desde o incêndio, ele sentiu que tinha um objetivo. Esperava apenas que Belle ainda estivesse viva, pois, quando garotas da idade e experiência dela sumiam, invariavelmente eram

encontradas mortas em um beco ou flutuando no Sena. Eram as meninas inocentes que acabavam raptadas para trabalhar em bordéis; elas podiam ser moldadas ao desejo do dono. Mas Belle não devia mais ser assim.

O Le Chat Noir era um bar escuro e cheio de fumaça perto do Moulin Rouge. Era o antro favorito dos homens que viviam de golpes: trapaceiros, jogadores, ladrões e uma variedade de oportunistas bem arrumados. Ainda assim, eram os melhores no que faziam e Etienne tinha a reputação de ser um deles.

O porteiro, um ex-boxeador atarracado, abraçou Etienne com alegria.

- Nós achávamos que nunca mais iríamos vê-lo - ele disse. - Dizem que você se aposentou.

- E é verdade, Sol - Etienne respondeu e beliscou a bochecha do homem com afeto. - Só

estou em Paris por assuntos pessoais, mas não poderia deixar de vir vê-los.

- Ficamos sabendo do incêndio - Sol comentou, com a expressão repentinamente séria e triste. - Que coisa horrível!

Etienne balançou a cabeça, concordando. Ele não queria falar sobre o assunto e esperava que nem todos sentissem a necessidade de tocar nele. Talvez Sol tenha compreendido, pois ele observou como Etienne parecia bem e musculoso e, depois de fazer uma piada com o terno caro que o amigo usava, deixou-o entrar no bar.

Cerca de quinze homens estavam lá bebendo, e talvez cinco ou seis mulheres também. Mais tarde, nas primeiras horas da manhã, estaria lotado e seria quase impossível respirar. Etienne ouviu chamarem seu nome e viu um homem muito baixo com um casaco xadrez

acenando para ele do lado mais distante do salão.

Etienne sorriu. Era Fritz, um amigo de longa data e uma das pessoas que ele esperava que estivesse no bar naquela noite. Fritz sempre fora uma mina de informações e Etienne duvidava que tivesse mudado nos quatro anos que ficara sem vê-lo.

Ele repetiu com Fritz a coreografia que fizera com Sol: o abraço, as condolências sinceras.

- Não vamos falar sobre isso - disse Etienne. - Vim até aqui procurá-lo e pedir informações. Tudo bem?

Fritz encolheu os ombros, o que significava que o que Etienne quisesse, ele podia ter e, depois, pediu bebidas ao garçom.

Fritz fazia o papel de palhaço com estranhos. Ele tinha menos de um metro e meio e, com os casacos extravagantes, polainas e coletes brilhantes que sempre usava e uma voz que combinava com eles, as pessoas supunham automaticamente que ele era um bufão. Porém, na verdade, ele era um dos homens mais inteligentes que Etienne conhecia. Quando mais novo, havia roubado sozinho um comerciante de diamantes em Paris. Foi um roubo planejado com audácia e meticulosidade, que deixou a polícia perplexa. Fritz nunca levantou suspeitas e apenas três pessoas sabiam que tinha sido ele: sua esposa, seu irmão e Etienne.

Na época, o comerciante alegara que a quantidade roubada valia 4 milhões de francos, mas Fritz sempre sorria quando o número era mencionado, o que Etienne interpretava como sinal de que o valor real era muito mais baixo. No entanto, as pessoas continuavam comentando

aquele roubo ousado e, a cada ano, aumentavam mais o valor.

Fritz havia escapado porque não apenas não deixou provas de quem era o responsável, mas também não se gabou. Etienne sabia que era isso que denunciava a maioria dos ladrões, e o fato de que gastavam muito dinheiro por aí. Fritz comprou uma casa pequena e ele, a esposa e os filhos que vieram depois viviam com simplicidade e alegria. Ele dissera a Etienne na época que sempre planejara fazer um único grande roubo que o deixasse confortável para sempre, e seguira o plano.

- Quero descobrir se você sabe alguma coisa sobre o *concierge* do Ritz, chamado Edouard Pascal - Etienne falou, assim que o garçom entregou para eles uma dose generosa de conhaque e eles foram para uma mesa.

Fritz franziu as sobrancelhas.

- Não posso dizer que seja um local que frequento. O que ele fez para você?

- Nada. Mas ele vem conseguindo clientes para uma amiga minha que desapareceu.

- *Fille de joie*?

Etienne fez que sim com a cabeça. Estava feliz por Fritz usar aquela expressão, era mais gentil.

- Mas você deveria procurar o cliente, não? Sabe o nome dele?

- Le Brun, isso é tudo, deve haver centenas em Paris. Mas ele deve ser rico e ela estava animada em vê-lo de novo, então devia gostar dele.

- Então estamos procurando por um Monsieur Le Brun, rico e charmoso. Alguma ideia da idade?

- Não, mas não acho que tenha muito mais de 40. Ela tem apenas 18 anos, garotas dessa idade não ficariam animadas com alguém muito velho. No entanto, você poderia conseguir alguma informação sobre esse homem, Pascal? Eu talvez seja forçado a contar com ele e quero saber com quem estou lidando.

- Vê aquele homem ali?

Fritz apontou para um homem corpulento com cerca de 30 anos e um nariz grande que estava sentado a algumas mesas de distância.

- Ele era porteiro no Ritz um tempo atrás. Foi demitido por insultar

alguém. Ele deve saber sobre o *concierge*.

Etienne hesitou.

- Mas como ele é? Não quero que vá contar a Pascal que alguém esteve perguntando sobre ele. Também não quero que mais ninguém saiba sobre este assunto. Sabe o que quero dizer.

Fritz concordou balançando a cabeça. Ele percebeu que Etienne estava preocupado que a organização para a qual costumava trabalhar pudesse forçá-lo a voltar a agir para ela se soubesse que ele estava na ativa de novo.

- Ele me deve alguns favores. Posso inventar algum motivo para perguntar sobre Pascal. Não direi que você quer saber.

- Muito bom. Pergunte para ele quando eu sair e podemos nos encontrar amanhã. Pode pensar no nome Le Brun também e ver se descobre alguma coisa?

- Farei isso. Vou encontrá-lo amanhã no Gustave's às dez da manhã.

Depois de sair do Le Chat Noir, Etienne acenou para uma carruagem e foi até o Marais. Era uma área que passava por um momento ruim, mas ele gostava de lá, pois foi onde vivera durante um período em que teve de deixar Londres rapidamente e não podia voltar para sua casa em Marseille. Já passava bastante da meia-noite, mas o lugar fervilhava com a vida noturna, inclusive com prostitutas andando confiantes para lá e para cá procurando trabalho e seus *maquereaux* encostados em postes de luz e parecendo ameaçadores.

A música escapava dos muitos cafés e bares, muitos dos quais tinham bordéis no andar de cima. Etienne havia trabalhado em um como porteiro por um curto tempo e ficara chocado com as perversões que o lugar oferecia. Uma das salas era como uma câmara de tortura com

algemas nas paredes nas quais os clientes podiam ser presos para serem chicoteados. Ele tinha visto homens saírem cambaleantes de lá tão machucados que era um milagre ainda estarem conscientes. Ainda não entendia como alguém podia achar aquilo prazeroso.

Foi lá que descobriu que alguns homens gostavam de fazer sexo com crianças e foi ouvir uma garota de 12 anos gritar de dor ao ser estuprada que quebrou o feitiço de Paris e o mandou de volta para Marseille. Várias vezes, ao longo dos anos, ele encontrou homens que sequestravam crianças e jovens garotas para forçá-las a se prostituírem, uma prática que achava detestável. O mais triste era que não havia caminho de volta para essas meninas; uma vez sugadas para dentro do esquema, elas continuavam lá até ficarem velhas demais ou com muitas doenças para que os homens pagassem por elas.

Por causa do seu grande ódio por esse comércio, ele sentia-se profundamente envergonhado por ter cedido à pressão de Jacques e acompanhado Belle a New Orleans. Embora fosse verdade que não tinha escolha, não se quisesse garantir a segurança de Elena e dos meninos, ele passara a justificar sua atitude pensando que Belle não era uma criança e por achar que a casa de Martha era um lugar muito melhor do que qualquer bordel de Paris.

Porém, depois de deixá-la lá, os pensamentos sobre aquilo de que participara eram como ter um espinho no pé que ele não conseguia tirar. Ele tinha pesadelos com Belle sendo maltratada, imaginava homens brutos forçando-se para entrar nela. Etienne se odiava por não ter sido esperto o bastante para encontrar um jeito de levá-la em segurança de volta à Inglaterra e, ao mesmo tempo, garantir que sua esposa e seus filhos estivessem protegidos.

Foi por isso que, eventualmente, ele disse a Jacques que não poderia mais trabalhar para ele. Inventou que era porque queria passar mais tempo com a família e Elena não conseguia cuidar do restaurante sozinha.

Era provável que ele nunca soubesse com certeza se o incêndio que matou sua família foi uma vingança de Jacques ou um acidente de verdade. Mas havia algo de que tinha certeza: se ele encontrasse Belle, estava determinado a trazer a público esse maléfico comércio de crianças e jovens garotas. Já tinha perdido tudo que amava, não tinha mais nada a perder além da sua própria vida, e ele morreria feliz se soubesse que mais nenhuma criança sofreria daquela forma.

O Trois Cygnes não tinha mudado. Lá estava a mesma meia cortina de xadrez vermelho e branco desbotado no corrimão de cobre da janela, tinta descascada e a mesmo cheiro de

fumaça de cigarro, mofo e alho quando Etienne abriu a porta. Um senhor idoso cheio de rugas tocava o acordeão da mesma maneira que ele se lembrava e, embora os rostos dos clientes fossem diferentes, era a mesma mistura de prostitutas, cafetões, artistas pobres, dançarinas e estudantes. Alguns dos mais velhos poderiam até ser os mesmos que costumavam beber ali anos atrás. Porém, a memória que tinha daquele lugar era de que costumava ferver de agitação, com discussões acaloradas sobre política e arte. Personagens interessantes, opiniões fortes e excentricidade eram a ordem do dia, mas os novos clientes pareciam carrancudos, exaustos e enfadonhos.

- Etienne!

Ele olhou na direção do grito, no fundo do bar, e sorriu com alegria ao ouvir a voz daquela mulher. Tinha de ser Madeleine, mesmo que o tempo não tivesse sido generoso com ela.

Ela serpenteou entre as mesas e cadeiras apertadas, gorda e com seus 40 e poucos anos, mas ainda com um sorriso que iluminava o salão.

- Madeleine! Eu esperava que você estivesse aqui - Etienne disse e abriu os braços para recebê-la.

Ele aprendera com ela tudo sobre fazer amor, e mais ainda sobre a vida. Aos 30 anos, ela fora uma beldade de cabelos de fogo, com uma alma tão bonita quanto o rosto. O cabelo continuava vermelho, mas era óbvio que ela o pintava, e o rosto de porcelana estava sem brilho e com rugas. Ainda assim, todo o calor que ela sempre tivera ainda estava lá e, ao abraçá-la, Etienne sentiu o tempo escapar e pareceu ter 20 anos de novo.

- Deixe-me olhar para você - ela pediu, afastando-se um pouco. - Mais bonito do que nunca e com um terno que me diz que não

precisará que eu lhe pague uma bebida! O que o traz aqui? Soube que tinha virado um recluso.

- Vim procurá-la - Etienne respondeu.

Ela pegou a mão dele e o levou a uma mesa nos fundos do bar, pedindo ao garçom que trouxesse conhaque para eles. Como ele mais ou menos esperava, ela já tinha ficado sabendo sobre Elena e os meninos (as más notícias sempre se espalham com rapidez) e, ao oferecer suas condolências, seus olhos encheram-se de lágrimas de compaixão.

- É bom ver que seu coração continua grande - ele comentou, segurando a mão dela por cima da mesa. - Depois da forma como a deixei, não a culparia se me desejasse mal.

- Você nunca foi para mim, eu sempre soube disso - ela disse e ele reparou que seus olhos verdes ainda eram vivos. - Se você tivesse

ficado, teríamos destruído um o outro, e eu era velha demais para você. Mas não vamos falar sobre isso. Diga-me por que está em Paris. Você não é do tipo que faz visitas, como me lembro.

- Tenho certeza de que nem preciso dizer que o que eu falar deve ficar só entre nós? - ele a relembrou.

- É claro.

Etienne resumiu a história de Belle.

- Você estava certa em acreditar que me tornei um recluso. Se não tivesse recebido a mensagem do desaparecimento de Belle, teria terminado de limpar o terreno ao redor do chalé, plantado um pouco e comprado galinhas.

Madeleine riu.

- Com certeza não! Você, fazendeiro?

- Trabalhar na terra combina comigo - ele afirmou. - Espero poder voltar a fazer isso. Porém, em primeiro lugar, tenho de encontrar Belle para acertar a situação.

- Ela pode simplesmente ter ido viajar com um cliente.

- Não, ela deixou todas as coisas no hotel em que estava hospedada.

Madeleine suspirou com desdém.

- Umas poucas roupas não segurariam uma garota, não se o homem fosse rico e pudesse comprar outras.

- Eu diria que isso é verdade com muitas mulheres, mas não a Belle - ele disse, confiante. -

Ela teria mandado uma mensagem à dona do hotel para que não se preocupasse.

- Dois anos trabalhando como prostituta a teriam mudado. Ela não será mais a garota que você conheceu.

- Já faz mais de doze anos que nós nos conhecemos, mas eu diria que você ainda tem os mesmo valores - Etienne argumentou.

- No que diz respeito a você, talvez.

Ela encolheu os ombros, implicando que ele era um caso especial.

- Mas uma garota que trabalha nos melhores hotéis tem de ser esperta e sagaz. Eu mesma fiz isso, lembra?

- Sei que Belle está em perigo - ele insistiu. - Posso sentir, assim como a dona do hotel, que já foi *fille de joie* também.

Isso pareceu mudar a opinião de Madeleine.

- Muito justo. Então, o que quer de mim?

- Você conhece ou sabe alguma coisa de um homem chamado Edouard Pascal?

- Sim - ela respondeu e ajeitou-se na cadeira de repente, como se estivesse surpresa. - Ele costumava vir ao Marais quase toda semana. Eu o atendi duas ou três vezes, mas não gostei dele, ele me dava calafrios. Nenhuma das outras garotas gostava dele também. Mas isso faz oito ou mais anos. Não o vejo desde então.

- Com o que ele trabalhava?

- Ele não disse. Vestia-se bem, mas não acho que tivesse muito dinheiro. Talvez fosse funcionário de um escritório.

- Ele é *concierge* no Ritz agora. Estava arranjando clientes para Belle.

Madeleine arregalou os olhos.

- Isso me faz pensar que você está certo em se preocupar com ela. O motivo pelo qual me lembro dele é porque ele gostava de sexo com violência. Ele me mordia com muita força e me batia quando eu reclamava. As outras meninas falavam dele também.

- Sabe onde ele mora?

- Não anotamos endereços nesse tipo de trabalho - ela respondeu, com uma risada triste. - Na maioria dos casos, não sabemos nem os nomes verdadeiros. Mas ele queria que

soubéssemos o nome dele, era como se isso o fizesse se sentir importante.

- Conhece um homem chamado Le Brun? - Etienne quis saber.

- Uma dúzia - ela disse, seca.

Etienne contou que achava que o Le Brun em questão devia ser muito rico e uma boa companhia, já que a dona do hotel alegava que Belle estava animada por encontrá-lo.

- Bem, isso corta a maioria deles - Madeleine falou. - Não seria Philippe Le Brun, seria? O milionário dono de restaurantes? Conheço uma garota que o atendeu. Ele a levou para jantar e dançar. Ela disse que se divertiu muito e faria de novo de graça!

Etienne não sabia nada sobre o homem que ela mencionara, mas, afinal, seus contatos em

Paris costumavam ser do outro lado da escala social.

- Essa garota está por aqui?

Madeleine pareceu achar graça.

- Você acha que um homem como ele iria querer uma garota da rua? Ela era uma dançarina e conseguia clientes por meio do gerente do teatro. Mas casou-se e mudou-se daqui. Isso não acontece com frequência, ela foi uma das que teve sorte.

Etienne sentiu que Madeleine não poderia ajudá-lo mais e, de repente, estava muito cansado.

- Tenho de ir agora, Madeleine - ele disse. - Você me deu muito em que pensar. Obrigado.

- Eu gostaria de poder ajudar mais - ela afirmou. - Mas você sabe onde me encontrar se eu puder fazer mais alguma coisa.

Ele pagou a conta e deu a ela 50 francos.

- Compre algo bonito para você - ele aconselhou. - Em verde-esmeralda, você sempre ficou linda com essa cor.

Ele levantou-se e inclinou-se para beijá-la.

- Cuide-se.

Durante o café na manhã seguinte, Etienne sentiu que Noah não confiava nele. Não ficou surpreso; com o que aquele homem sabia sobre ele, só confiaria se fosse um tolo. Porém, estava claro que Noah não conhecia Belle; a ligação dele com o caso era que gostava de Millie, a prostituta que Belle viu ser assassinada. Quando Etienne começou a explicar que havia

se apegado a Belle na viagem pelo mar, Noah reagiu com raiva.

- Ela contou que tem um garoto de quem gosta na Inglaterra? - ele perguntou, irritado.

- Você está falando do Jimmy, eu presumo - Etienne respondeu. - Ela me contou sobre ele, embora tenha dito que era apenas um amigo. Porém, independentemente do que Jimmy era para ela, não aconteceu nada entre Belle e eu, se é isso que você teme. Ela tinha passado por uma provação horrível na casa da Madame Sondheim e eu era um homem casado que amava a esposa. Éramos como o tio e a sobrinha que fingíamos ser.

- Jimmy ama Belle - Noah comentou com teimosia.

Etienne podia ver que o bem criado Noah era um pouco inocente. Sua incursão pelo bordel

de Annie foi a primeira vez em que viu um pouco do submundo de Londres e, embora fosse um bom rapaz e não houvesse dúvida quanto à sua sinceridade, ele tinha uma ideia muito idealista sobre as pessoas e a vida.

- Ela é uma garota muito fácil de amar - Etienne concordou. - E, se Deus permitir, você poderá levá-la de volta para Jimmy, a mãe e Mog, de quem a dama me falou tanto. Se acha que vim até aqui reivindicá-la para mim mesmo, está enganado. Estou apenas tentando corrigir um erro.

Noah pareceu menos desconfiado depois da conversa e escutou Etienne contar o que havia descoberto na noite anterior.

- Minha sugestão é nós dois irmos encontrar meu amigo Fritz e ver o que ele descobriu. Não gostei do que ouvi sobre esse Edouard Pascal. Ele e o tal Le Brun possivelmente estão agindo

juntos, e talvez haja mais gente no esquema. Teremos de ter muito cuidado e descobrir o máximo possível sobre os dois antes de agirmos.

- O que você quer dizer com "mais gente"?

Etienne suspirou internamente. Como Noah tinha estado em Paris várias vezes no passado e tentara investigar outras garotas desaparecidas, ele pensava que o repórter já tivesse entendido o quanto o esquema era grande.

- A maldade é universal, Noah - ela disse. - Fortunas são feitas com ela.

- Compreendo - Noah parecia muito abatido. - Então ela pode ter sido levada para qualquer lugar do mundo?

- Isso mesmo, mas minha intuição me diz que, se ela estiver viva, ainda está aqui em Paris.

Há um mercado pronto para receber garotas muito jovens, mas Belle é muito velha para ele e, assim, a menos que ela já tivesse um comprador em espera, levaria um tempo para conseguirem se livrar dela.

Noah ficou com uma expressão alarmada.

- Isso significa que você acha que ela já está morta?

- Não - Etienne declarou com mais firmeza do que sentia de verdade. - Mas temos de manter essa possibilidade na mente.

Gabrielle entrou na sala de jantar quando os dois homens levantavam-se para sair. Etienne já havia lhe contado o que descobrira na noite anterior.

- Tenham cuidado - ela disse, ansiosa. - Eu odiaria ver um dos dois se machucar.

Etienne colocou a mão no ombro dela. Ele tinha visto rapidamente a nítida cicatriz do seu pescoço mais cedo, quando a echarpe escorregou, o instinto lhe dissera como ela a tinha ganhado.

- Ficaremos bem. Agora, pare de se preocupar. Fez a coisa certa nos trazendo até aqui, vamos assumir o trabalho agora.

Fritz já estava no Gustave's quando Etienne e Noah chegaram. Era um pequeno bar e café e Fritz estava sentado a uma das mesas do lado de fora. Etienne apresentou-o a Noah e, depois, perguntou se ele tinha alguma coisa para os dois.

- Sim e não. Descobri que Edouard Pascal é um filho da mãe oleoso. Ele era violento com as mulheres quando mais jovem e está trabalhando no Ritz há três anos. Antes, ele trabalhava como agente funerário.

- Agente funerário! - Etienne exclamou.

Fritz balançou a cabeça.

- Parece estranho ele passar disso para *concierge* do melhor hotel de Paris e aposto que ele subornou ou até chantageou alguém para ganhar o emprego. *Concierges* geralmente sobem aos poucos na carreira. Sinto o cheiro de alguma coisa suspeita.

Etienne concordou balançando a cabeça.

- E o Le Brun? Alguém me disse ontem à noite que poderia ser Philippe Le Brun, um dono de restaurantes.

- Foi o que pensei também. Ele é um homem com uma aura de grandeza, muito rico, um conquistador que gosta de prostitutas, embora digam que ele as trata bem. No entanto, minha fonte disse que, na noite em questão, ele foi

visto com uma loira escultural até o amanhecer.

Etienne franziu as sobrancelhas.

- Então podemos descartá-lo?

- De ter visto sua garota naquela noite, mas ele foi visto duas vezes com a mesma garota recentemente; jovem, muito bonita e de cabelos escuros e encaracolados. E minha fonte acha que ela era inglesa.

Tanto Noah quanto Etienne sorriram.

- Ele é acessível? - Noah perguntou.

- Não sei dizer - Fritz respondeu depois de pensar por um instante. - Mas ouvi dizer que ele toma café no Le Dôme, em Montparnasse, quase todas as manhãs.

Etienne agradeceu a Fritz e, depois, ele e Noah saíram do café.

- Vamos ao Le Dôme vê-lo? - Noah questionou.

Etienne estava dividido. Sua intuição lhe mandava investigar mais sobre Le Brun antes de entrar em contato com ele, mas Belle estava desaparecida havia três dias e talvez eles devessem agitar a situação um pouco.

- Sim. Eu lhe digo no caminho para lá como vamos agir - Etienne disse enquanto acenava para um táxi.

***

Noah entrou no Le Dôme decididamente nervoso. Ele tinha deixado Etienne um pouco antes, na rua.

Havia apenas cerca de dez pessoas no café, a maioria homens em grupos de dois ou três. Um homem estava sentado sozinho a uma mesa perto da janela, lendo um jornal. Noah sentou-se à mesa ao lado e, enquanto fingia consultar sua agenda, espiou sorrateiramente aquele homem.

Ele era grande, tão alto quanto Noah, e com um corpo bem feito; tinha o tipo de rosto avermelhado de um homem que comia bem demais. O colete, visível por baixo do paletó escuro de corte impecável, era verde-esmeralda com bordados em linha prateada. Parecia combinar com a descrição feita por Fritz da aura de grandeza daquele homem. Noah viu e ouviu quando ele cumprimentou outro homem nos fundos do café. Adivinhou, pelas palavras estranhas que pôde compreender, que era uma conversa alegre sobre um evento recente. Gostou da risada grave e rouca do homem, ele parecia muito amigável.

Noah pediu um café e inclinou-se na direção do vizinho de mesa.

- *Excusez-moi. Etes-vous Monsieur Le Brun*?

- *Je suis en effet* - ele respondeu e sorriu. - E você é?

- Noah Bayliss e sinto muito, falo muito pouco o francês.

- Como todos os ingleses - ele comentou com uma risada alta e sincera. - Mas eu gosto de praticar meu inglês, então tudo bem.

- Posso me sentar com você? - Noah pediu. - Gostaria de fazer algumas perguntas.

O homem indicou que não havia problema, mas sua expressão endureceu um pouco, como se estivesse apreensivo por ser questionado.

Noah passou para a mesa de Le Brun e, depois, para tentar deixá-lo à vontade, perguntou que restaurante ele recomendaria para Noah levar uma garota que queria impressionar.

O truque pareceu funcionar. Le Brun sugeriu que, se ele quisesse gastar dinheiro, o Le Grand Vefour era onde Napoleão costumava levar Josephine e a comida era excelente. Ele continuou falando sobre alguns lugares menos caros, mas bons, um dos seus restaurantes entre eles. Noah anotou os nomes na agenda.

Le Brun perguntou se ele estava em Paris a passeio e, então, Noah respirou fundo e disse que, na verdade, ele estava à procura da filha de uma amiga.

- Eu tinha o endereço do hotel onde ela estava hospedada, mas ela desapareceu - ele explicou. - É muito estranho, pois ela deixou

todos os pertences para trás. Belle não é assim. Estou ficando preocupado.

Ele observou o rosto de Le Brun, esperando que citar o nome dela o fizesse reagir, e não se decepcionou.

- Belle? - disse Le Brun com os olhos arregalados. - Conheço alguém com esse nome.

Na época de Noah como jornalista e investigador para uma empresa de seguros, ele ficara especialista em reconhecer os sinceros e os desonestos. Aquele homem podia ser um namorador, mas não era de enganar os outros.

- Conhece? Como ela é? - ele perguntou, inclinando-se para frente ansioso.

- Como o nome, linda, de cabelos encaracolados escuros. Mas o nome é apenas coincidência, pois a garota que conheço é *fille de joie*.

O coração de Noah bateu acelerado.

- Você entende essa expressão? - Le Brun perguntou, um pouco aflito.

Noah concordou balançando a cabeça. Não respondeu imediatamente, pois precisava de tempo para planejar a resposta.

- Tenho todos os motivos para acreditar que seja a nossa Belle - ele disse em voz baixa. - Sabe, ela foi raptada de Londres há dois anos e eu e a família temos procurado por ela desde então. Temíamos que estivesse morta, mas recebi um telegrama dizendo que ela estava aqui em Paris. Cheguei tarde demais, no entanto; ela desapareceu.

- *Mon Dieu*! - Le Brun exclamou e seu rosto ficou menos vermelho. - Passei a noite com ela há apenas dez dias. Esperava vê-la novamente logo, ela é muito... - Ele parou de repente e

Noah viu que ele percebera que aquele encontro não era coincidência.

- Sim, eu sei. Encontrei um bilhete no quarto de Belle vindo do homem que marca os compromissos dela - Noah contou. - Desculpe-me se eu o enganei, mas tenho certeza que entenderá que eu tinha de ser cuidadoso. Sabe, o bilhete dizia que ela deveria encontrá-lo em Montmartre. A dona do hotel disse que ela estava animada em vê-lo, mas ela não voltou.

- Olha aqui, eu nunca... - Le Brun explodiu com raiva.

- Eu sei - disse Noah, acalmando-o. - É claro que ela foi atraída sob o pretexto de encontrá-lo. Porém, se você gostava dela, eu ficaria grato se pudesse me contar tudo o que sabe sobre ela e o homem que marca os encontros. Seria, obviamente, tudo confidencial.

Le Brun cobriu o rosto com as mãos por um segundo, o gesto de um homem que se sentia encurralado.

- Eu gostava muito dela - ele confessou. - Era engraçada, doce e interessante de todas as formas. Juro por tudo que me é mais caro que não a vejo desde...

Ele parou para tirar uma agenda do bolso do paletó.

- Do dia 26 de março. Levei-a ao Maxim's naquela noite.

- Eu acredito em você - Noah afirmou. - Fale sobre Edouard Pascal. Ele o apresentou a Belle, não?

- É por causa dele que não vejo Belle desde então.

A expressão de Le Brun fechou-se ao ouvir o nome de Pascal.

- Aquele homem é uma cobra. Queria nunca ter sido tolo o bastante para ir até ele. Sabe, eu vi Belle pela primeira vez no restaurante do Ritz. Ela estava com um homem idoso e percebi pelas atitudes deles que era o primeiro encontro. Ninguém pensaria que Belle fosse uma *fille de joie*, ela se vestia muito bem, agia como uma dama, mas, quando eles saíram do restaurante, vi Pascal falar com o homem. Havia algo entre eles e foi então que percebi a verdade.

- Você achou Belle bonita e abordou Pascal?

Le Brun suspirou.

- Sim, é tudo minha culpa. Ele queria 400 francos para uma apresentação, como ele chamava. Eu devia ter saído andando, mas nós,

homens, podemos ser fracos quando queremos uma mulher.

Noah lembrava-se do que sentira por Millie, teria pago qualquer quantia para ficar com ela.

- E o que mais você sabe sobre esse homem? Ele poderia estar envolvido com o que quer que tenha acontecido com Belle?

Le Brun encolheu os ombros.

- Ele não é o tipo de homem com quem ficamos conversando um minuto a mais do que o necessário e, assim, não sei nada sobre sua vida pessoal. Mas ele é ganancioso e, se disse a ela que iria se encontrar comigo, não planejava nada de bom. Podemos contratar alguns músculos para bater nele e fazê-lo confessar!

Noah abriu um sorriso malicioso com a sugestão.

- Tenho a ajuda de alguém que pode fazer isso, mas tenho medo, caso ele esteja mancomunado com outras pessoas. Essas pessoas poderiam matar Belle se soubessem que estamos atrás delas.

Le Brun parecia alarmado.

- Não vai chegar a isso, vai? O que posso fazer para ajudar?

- Já fez bastante sendo sincero - Noah disse. - Não tenho nem como agradecer.

- O único agradecimento que quero é saber que ela está a salvo e sem ferimentos - Le Brun afirmou, com total honestidade. - Mantenha o contato.

Ele tirou um cartão do bolso.

- Você pode falar comigo aqui. Venha me ver se precisar de qualquer ajuda.

Capítulo 32

Belle arrastou-se até a janela e pegou um grampo quebrado com o qual ela continuava tentando aumentar o pequeno buraco da madeira. Não conseguia ficar em pé por muito tempo, sentia-se muito fraca e tonta, mas havia conseguido alargar o minúsculo buraco o suficiente para passar seu dedo menor por ele. Ainda não conseguia ver muita coisa, apenas um telhado inclinado a cerca de vinte ou trinta metros. Porém, quando o sol estava batendo na janela, um raio de luz entrou no quarto e ela pôde deitar na cama e observar as partículas de poeira dançando nele, imaginando que eram fadas.

Mog sempre a fazia rezar, algo que ela abandonara havia bastante tempo. Porém, estava rezando bastante naquele momento, prometendo a Deus que nunca pecaria novamente se ele mandasse alguém para resgatá-la.

A fome não era seu único problema. A água tinha acabado e, hora após hora, ela sentia que ficava mais fraca. Exceto por curtos períodos aumentando o buraco, ela passava o restante do tempo deitada na cama para conservar a força. Desejava apenas que sua mente pudesse desacelerar como o seu corpo, pois ela era torturada o tempo todo com a lembrança dos eventos dos dois últimos anos e culpava a si mesma por seu papel em cada um deles.

Belle pensava em Mog. Pensava bastante na mãe e em Jimmy também, mas especialmente em Mog. Imaginava-a na cozinha abrindo massas, ou torcendo a roupa molhada na área de serviço. Às vezes, ela acordava de um sonho em que Mog a segurava nos braços da maneira

que fazia quando Belle era pequena e, por um ou dois segundos, pensava que Mog estivera ali.

Ela tentava não pensar em Pascal ou imaginar o que ele planejara para ela. Não conseguia acreditar que alguém deixaria outra pessoa abandonada para morrer de sede e fome intencionalmente e, na maior parte do tempo, dizia a si mesma que ele devia estar doente ou ter sofrido um acidente que o impedia de voltar. Belle já não tinha ideia de quanto tempo fazia que estava lá, pois, quando pegava no sono, não sabia por quanto tempo tinha dormido. Porém, parecia estar naquele quarto havia semanas, não apenas dias.

O grampo caiu dos seus dedos e ela estava fraca demais para pegá-lo. Assim, arrastou-se de volta para a cama. Imaginou como seria morrer de fome. Iria ficar inconsciente e não sentir nada? Esperava que fosse assim.

Etienne escutou com atenção o que Noah tinha a lhe contar sobre Philippe Le Brun.

- Vamos ao Ritz resolver o assunto com Pascal - Noah sugeriu.

- Eu gostaria de ir lá e bater nele até ele confessar - Etienne comentou, desanimado, enquanto os dois desciam a rua. - Mas não sabemos se ele está trabalhando sozinho ou não. Precisamos saber mais sobre ele, onde mora e com quem, em que horário trabalha e se vai para algum lugar quando sai do hotel. Mas concordo que devemos ir até lá agora e ver se descobrimos alguma coisa.

Noah estava passando a gostar de Etienne. Gostava da sua atitude forte e comprometida e estava intrigado pelo seu passado obviamente interessante. Ele não costumava se gabar e tinha um lado delicado também, principalmente em relação a Belle, e fazia Noah se sentir mais corajoso só de estar ao seu lado. Tão corajoso, na verdade, que ele decidiu confessar o que sentia por Lisette e perguntar se

Etienne achava que ele tinha alguma chance com ela.

- Não a conheço, tudo que sei sobre ela é o que Belle me contou - Etienne disse. - Ela pareceu ser uma boa mulher, mas, se quer minha opinião mesmo, depois que encontrar-mos Belle, você deve voltar para a Inglaterra e achar uma garota com uma história de vida parecida com a sua. Você será muito mais feliz.

- Mas estou decidido a expor o comércio de meninas - ele disse, nervoso. - Encontrar Belle é minha prioridade, mas tenho a intenção de escrever artigos para a imprensa para conter e condenar os envolvidos.

- É uma ambição louvável e vou ajudá-lo nisso. Apenas não ache que conseguirá acabar com tudo, há muito dinheiro a ser feito com esse esquema. Os homens que pagam por meninas

geralmente estão em posições de poder: juízes, advogados, políticos e outros assim. Enquanto pedirem carne nova, alguém vai fornecê-la. Escreva seu artigo, faça campanha se quiser, mas não vá além. E não fique tentado a se casar com uma antiga prostituta, ela nunca será socialmente aceitável e, no final, você vai se arrepender.

- Que palavras duras! - Noah respondeu. - Isso significa que Belle também nunca será socialmente aceitável?

Etienne abriu um sorriso triste.

- Quase com certeza. Ela também pode estar tão traumatizada que não vai querer marido ou filhos. Nenhuma mulher pode passar pelo que ela passou e não ser afetada por isso. Você diz que Jimmy a ama, mas amor nem sempre é suficiente.

Etienne fez sinal para uma carruagem, indicando que aquele era o final da conversa.

- Devo ir conversar com Pascal? - Noah sugeriu quando a carruagem os deixou na Place Vendôme. - Eu faço bem o papel de turista inglês.

Etienne sorriu. Sabia que Noah estava bravo com ele pelo que disse sobre Lisette mais cedo, mas tinha de admirá-lo por não ficar de mau humor.

- Parece um bom plano. Pergunte a ele sobre dançarinas de cancã, qualquer coisa relacionada com mulheres. Dê uma dica de que está ansioso para ter companhia. Ficarei do lado de fora. Irei segui-lo mais tarde e não quero que me reconheça.

Etienne atravessou a Place Vendôme e encontrou um banco para se sentar enquanto

esperava por Noah. Sua cabeça girava com fragmentos de informações e ele achava que deveria ser capaz de juntá-los em um todo, mas um pedaço vital estava faltando. Não sabia nada sobre a vida doméstica de Pascal, nem onde morava, nem se era casado. Por que um agente funerário deixaria uma carreira com tanto potencial de lucro e se tornaria *concierge*? Os dois empregos eram tão diferentes.

Ele se virou para olhar o hotel, imaginando se havia uma ligação na qual não tinha pensado e reparou em um casal que entrava em uma carruagem. Havia mais quatro táxis esperando em fila para pegar passageiros.

- É isso! Encontrar o motorista que levou Belle naquela noite - ele murmurou para si mesmo.

Etienne sabia que era uma tarefa difícil, mas valia a pena tentar. Se Pascal chamou um táxi,

havia uma chance de o motorista conseguir corridas com regularidade no hotel.

Noah demorou cerca de 30 minutos para sair do Ritz. Ele viu Etienne e correu em sua direção.

- Ele é mesmo uma cobra - contou. - Eu o observei lidando com outras pessoas por um tempo e, embora não pudesse entender o que diziam, por duas vezes o vi receber o que parecia um suborno. No entanto, fala bem o inglês. Quando conversei com ele, pegou vários panfletos de shows e mostrou os que estavam esgotados para esta noite, mas tem um contato que pode conseguir ingressos para "um pouco a mais"! Quando perguntei sobre garotas, ele foi cuidadoso. Disse que conhecia alguém que poderia fazer alguma coisa. Fiquei com a impressão de que ele esperava que eu lhe desse um bom dinheiro.

- Ele perguntou onde você está hospedado?

- Não, mas tive uma inspiração e disse a ele que estava em Paris para organizar o funeral da minha avó e disse que mal sabia por onde começar para conseguir um agente funerário. Ele foi rápido como um raio e anotou um nome. É este aqui.

Noah passou o papel para Etienne.

- Arnaud Garrow, *Directeur de Services Funèbres* - ele leu em voz alta. - Rue Custine, é perto de Montmartre. Será que é onde ele trabalhava?

- Pareceu-me muito estranho um *concierge* entregar o endereço de um agente funerário - disse Noah. - Ele tem um dedo em cada negócio da cidade?

- Iremos lá mais tarde para verificar - afirmou Etienne.

Ele contou a Noah a ideia de descobrir qual tinha sido o cocheiro que recebera para pegar uma jovem no Mirabeau, na Rua St-Vicent de Paul, na quinta-feira, 11 de abril.

- Vamos conversar com eles agora e pediremos que um deles nos leve à Rue Custine.

Noah esperou enquanto Etienne terminava de conversar com o cocheiro. Não conseguia entender o que ele dizia, mas presumiu que estava pedindo que o homem falasse com outros cocheiros sobre a corrida de Belle a Montmartre no dia 11 e dizer que deveriam procurar Gabrielle se tivessem informações e para receber uma recompensa.

- E se a informação chegar ao Pascal? - Noah perguntou quando o cocheiro balançou o chicote e os cavalos começaram a andar.

- Eu tinha de arriscar. Precisamos da informação para encontrá-la.

O local de trabalho de Arnaud Garrow era muito malcuidado: um pequeno escritório com um arranjo de flores artificiais de cera em cima de um tecido de cetim roxo desbotado na janela. Noah e Etienne se olharam surpresos.

- Não chega nem perto do esplendor do Ritz - Noah comentou com um sorriso malicioso.

- É melhor eu entrar e falar - disse Etienne. - Duvido que falem inglês. Vou apenas dizer quem os recomendou e ver qual reação provocarei. Deve ser um amigo ou parente de Pascal. Você deve ter feito bem o papel de homem inglês comum.

Um homem magro com cabelos escuros e oleosos arrumados sobre uma grande parte careca da cabeça veio dos fundos do escritório quando eles entraram. Ele estava com as mangas da camisa enroladas e usava um avental verde-escuro que tinha finas lascas de madeira presas ao tecido. Noah perguntou se ele falava inglês e o homem balançou a cabeça, negando. Etienne assumiu a situação e Noah ouviu o nome Pascal em meio às palavras em francês.

O agente funerário balançou a cabeça em sinal afirmativo e parecia falar de Pascal. Etienne apresentou Noah com o nome fictício de John Marshal e continuou a falar em nome dele. A conversa entre os dois homens durou uns cinco minutos, Etienne era quem mais falava. Depois, ele apertou a mão do homem antes de virar-se para Noah e dizer que eles poderiam voltar na manhã seguinte para fazer o planejamento depois de conversarem com os outros membros da família.

Noah apertou a mão do agente funerário, despediu-se e ele e Etienne saíram do escritório.

- Pascal é irmão da esposa dele - Etienne contou quando estavam longe do escritório. - Acho que ainda deve ser sócio porque Garrow mencionou que tinha um e, depois, calou-se. Acho que Pascal pensa que subiu na vida e não quer que saibam que ele está envolvido com um escritório funerário surrado em uma rua escondida.

- Não me surpreende. Eu não iria querer que ninguém soubesse se fosse sócio daquele lugar!

- Aposto que ele ganha bastante dinheiro. As pessoas pobres devem ir lá, elas tendem a ter orgulho de gastar dinheiro para dar aos entes queridos uma boa despedida, mesmo que seja caro demais para elas.

Noah sabia que era verdade. Na sua época como investigador para a empresa de seguros, ele havia observado que os pobres sempre pareciam gastar bem mais do que podiam em funerais extravagantes e sempre se perguntou qual seria a lógica daquele costume.

- Não descobriu onde Pascal mora, certo?

- Deve ser por perto. Perguntei a Garrow, casualmente, se ele via Pascal com frequência e ele disse que Pascal aparecia por lá às vezes, quando voltava do trabalho para casa. Porém, tive a impressão de que ele está muito ressentido. É provável que não ache que Pascal faz a sua parte. Depois, ele disse que tinha uma boa seleção de caixões para nos mostrar e que poderia fazer um bom preço.

Os dois almoçaram em um pequeno café e discutiram o fato de que não pareciam estar fazendo um progresso real. Noah disse que

pensava em ir ao *Le Petit Journal*, ao qual fora apresentado pelo jornal para o qual trabalhava na Inglaterra.

- Falarei com o editor, ele já sabe um pouco sobre o motivo de eu estar aqui. Perguntarei se ele se lembra de alguma história envolvendo Pascal ou Garrow. Ele provavelmente conseguirá alguém para procurar em alguns jornais antigos. Deve ficar feliz em cooperar se houver a chance de conseguir uma história interessante depois.

- Bom plano - disse Etienne. - Só não toque no meu nome! Voltarei ao Ritz mais tarde, esperarei Pascal sair e o seguirei.

- Ele disse que trabalharia até as oito, quando perguntei sobre os ingressos - Noah avisou. - Posso encontrá-lo lá?

Etienne balançou a cabeça;

- Não é aconselhável, Pascal conhece seu rosto. Espere no Mirabeau, eu vou segui-lo.

- Mas e se você precisar de ajuda? - Noah perguntou, alarmado. - Não saberei onde você está.

Etienne olhou sério para Noah.

- Passei a maior parte da vida adulta perseguindo criminosos e gângsteres. Sei o que esperar deles e posso lidar com isso. Mas Pascal é uma incógnita; não sabemos quem está nessa com ele ou como ele reagirá se for encurralado.

- Mais motivos para eu ir com você - Noah protestou.

- Não, não quero colocá-lo em perigo. Você é o único que tem influência para colocar os traficantes de crianças atrás das grades. Se eu

não voltar esta noite, vá diretamente à polícia e conte tudo que sabe.

- Mas...

Etienne interrompeu a reclamação de Noah colocando uma mão firme em seu ombro.

- Não serei o responsável por colocar sua vida em perigo. Agora, vá ao jornal e descubra o que puder. Deixe comigo o que eu faço melhor.

Às sete e meia daquela noite, Etienne posicionou-se na Rue Gambon, perto o suficiente da porta dos fundos do Ritz para conseguir monitorar quem saía. Mais cedo, ele entrara no hotel para perguntar os preços e, sorrateiro, olhara na direção do balcão do *concierge*, para ver Pascal e poder reconhecê-lo depois.

Agora, ele aguardava o homem aparecer na porta dos fundos. Seu coração lhe dizia para simplesmente empurrá-lo para um beco, enfiar uma faca em seu pescoço e mandá-lo dizer onde Belle estava. Porém, sua cabeça dizia que não era uma boa ideia.

Para começar, Pascal podia não saber (caso houvesse outras pessoas envolvidas) e, como o nome de Etienne era conhecido pela polícia, ele poderia ser preso e Belle estaria perdida para sempre.

Ele passara o dia todo conversando com cocheiros e com velhos amigos que poderiam saber alguma coisa sobre Pascal e tinha ido apresentar-se a Philippe Le Brun no endereço que ele entregara a Noah. Ele gostou de Philippe, sentia que também tinha vindo de uma vida difícil, já que não tinha um único traço de esnobismo. Philippe havia concordado em entrar em contato com Pascal novamente para

marcar outro encontro com Belle. Etienne deixou-o dizendo que, a menos que alguma outra coisa aparecesse quando Pascal saísse do hotel, eles se encontrariam mais tarde no restaurante de Philippe no Pigalle para discutir mais o assunto.

Porém, no momento, Etienne tinha apenas de esperar.

Um grupo agitado de mulheres saiu da porta dos fundos do hotel alguns minutos após as oito. Etienne supôs que fossem camareiras. Alguns homens saíram também, talvez garçons ou membros da equipe de manutenção. Depois, quando ele começava a pensar que Pascal tinha saído pela porta da frente, ele apareceu também.

Ele havia trocado o bonito uniforme por um terno escuro e parou ao lado da porta para acender um cigarro. Etienne sentiu o sangue

subir, pois tudo naquele homem, o rosto magro e ossudo, o bigode aparado com esmero, o cavanhaque e o cabelo oleoso, lembravam-no dos indivíduos desprezíveis que conhecera no passado. Ele sabia que, se conseguisse provas reais de que aquele homem havia maltratado Belle, iria querer destroçá-lo, membro por membro.

Pascal jogou a bituca do cigarro no chão e pisou nela. Depois, subiu a rua em direção ao Boulevard des Capucines. Caminhava com passo acelerado e parecia ir pegar um ônibus.

Etienne ficou bem para trás e, quando viu Pascal se juntar a outras pessoas no ponto de ônibus, fez sinal para uma carruagem e disse ao cocheiro para esperar até o ônibus chegar e segui-lo até que ele mandasse parar.

Era uma noite agradável e quente, as ruas estavam agitadas com o tráfego e, em alguns

momentos, Etienne temia que o cocheiro perdesse o ônibus de vista, pois muitas carroças e carruagens entravam no caminho. Porém, ao se aproximarem da Gare Du Nord, ele viu Pascal descer do ônibus. Por um momento, achou que ele entraria na estação para pegar um trem e soltou um palavrão, porque seria mais difícil segui-lo. Porém, quando Etienne mandou parar a carruagem e pagou ao cocheiro, ele viu Pascal andar pelo Boulevard Magenta na direção do estabelecimento de Garrow, o agente funerário.

No entanto, Pascal não foi tão longe. Em vez disso, entrou em uma rua à esquerda e, depois, virou à direita. Etienne manteve-se a vinte metros de distância e, felizmente, havia pessoas suficientes perambulando pelo local para que o outro não percebesse que estava sendo seguido. Eles estavam em uma rua estreita com casas altas que provavelmente eram prédios de apartamentos e Pascal foi até o

final dela e desapareceu para dentro de uma das casas.

Etienne esperou por um instante e, em seguida, deslizou para dentro do corredor. Era igual a milhares de outras casas de apartamentos de Paris: triste, com o odor antigo do preparo de comidas, chão de azulejos, paredes sujas e, no fundo, uma escada sinuosa que subia para os seis andares. Embaixo da escada, havia algumas bicicletas.

Doze caixas postais estavam penduradas no hall e o nome de Pascal aparecia no número quatro, prova de que ele morava lá. Etienne supôs que, como havia dois apartamentos por andar, o de Pascal ficava no primeiro.

Um pouco decepcionado, Etienne rabiscou o endereço em um pedaço de papel e guardou na carteira. Ele esperava que aquele homem

morasse em um lugar mais chique, já que ganhava tanto dinheiro com Belle.

Ele esperou um pouco mais à frente, na rua, até depois das nove horas e, como Pascal não reapareceu, era provável que ele não saísse mais naquela noite. Quando Etienne se virou para voltar pela rua, ele decidiu ir ao restaurante de Philippe e pagar a outra carruagem para que pegasse Noah e, assim, a noite não seria um desperdício completo.

Philippe Le Brun cumprimentou Etienne calorosamente no Le Petit Poulet. Era um restaurante parisiense tradicional, longo e estreito, e estava cheio de clientes. No entanto, Philippe conduziu-o até uma mesa que tinha deixado livre e ficou feliz em saber que Noah se juntaria a eles em breve.

- Você conseguiu falar com Pascal esta tarde e perguntar se poderia se encontrar com Belle de

novo? - Etienne perguntou no momento que se sentaram.

- Falei sim e ele pareceu furtivo - Philippe abriu um sorriso malicioso. - Quero dizer, mais do que de costume. Ele respondeu o que eu esperava, dizendo para deixar que ele entrasse em contato com ela. Depois, eu disse que não sabia como ele faria isso, pois eu já havia ligado para o hotel onde ela morava e a dona de lá dissera que ela não voltava há dias.

- O que ele disse?

- Ele ficou claramente confuso e perguntou como eu sabia onde ela morava. Eu respondi que, no nosso último encontro, eu a havia deixado em casa.

- E? - Etienne perguntou.

Philippe riu.

- Isso o abalou. Não sei se por eu saber que ela está desaparecida ou porque ele não podia imaginar um homem tratando uma prostituta como uma dama. Talvez tenha lhe ocorrido que ele poderia ser eliminado com facilidade do posto de intermediário se os homens levassem as garotas para casa.

- E depois?

- Bem, independentemente do que estava em sua mente, ele explodiu e disse "Você sabe como são essas garotas, ela provavelmente encontrou alguém que a levou embora". Eu observei que era estranho ela não ter levado nenhum dos pertences e que eu pensava em avisar a polícia caso fosse um crime. Bem, foi o suficiente. A voz ficou mais alta, os olhos brilharam e ele disse que pegaria mal para mim. Eu argumentei que pegaria mal para ele também, já que eu teria de contar aos policiais como conheci Belle.

Ele parou de falar para servir um pouco de vinho tinto de Bordeaux para os dois, balançou o líquido na sua taça e o cheirou antes de dar um gole.

- Com isso, eu me virei e fui embora. Achei melhor deixá-lo preocupado, sem saber o que eu iria fazer.

Etienne desejou então não ter abandonado seu posto perto da casa de Pascal. Se o homem havia entrado em pânico com a ameaça de Philippe, poderia estar correndo naquele momento para avisar quem quer que fosse seu parceiro de que os problemas se aproximavam.

Capítulo 33

Belle não conseguia pensar em nada além da sede que sentia. Cada vez que fechava os olhos, ela via água escorrendo de uma torneira e imaginava que juntava as mãos e inclinava-se para beber. Tentava distrair-se pensando em Mog, mas, quando o fazia, Mog aparecia segurando uma chaleira e servindo chá em uma xícara.

Um barulho no andar de baixo assustou-a e tirou-a do sonho. Ela se sentou para ouvir, certa de que havia imaginado o som. Mas não, alguém com certeza estava lá embaixo. Ela saiu da cama e foi até a porta em um segundo, esquecida da sede; gritou e esmurrou a madeira.

Parou para escutar. Ouviu passos subindo a escada e reparou que havia um brilho de luz em

volta da porta, o que significava que a eletricidade fora religada.

- Ajude-me! - ela berrou. - Estou aqui!

- Sei que você está aí - soou a voz bastante familiar de Pascal. - Agora, afaste-se da porta, pois vou entrar com um pouco de comida e bebida.

O alívio percorreu o corpo dela e Belle espontaneamente recuou, segurando o que restava do corpete rasgado do vestido sobre os seios. Ela ouviu a chave ser girada na fechadura e, depois, enquanto a porta era aberta devagar, a muito aguardada luz invadiu o quarto, fazendo-a piscar. Pascal tinha um jarro na mão e uma sacola pendurada no braço, mas, na outra mão, ele segurava uma faca.

- Não se assuste com a faca - ele disse, usando-a para acender a luz do quarto. - Só vou usá-la se você tentar alguma coisa.

Os olhos de Belle estavam no jarro, pois, naquele momento, sua sede era maior do que o medo da faca.

- Onde você estava? - ela disse, ofegante. - Por que me deixou aqui por tanto tempo?

Pascal entregou o jarro a ela e, rapidamente, trancou a porta. Belle levou o jarro até a boca e bebeu com vontade. A água nunca tinha sido tão saborosa.

- Espero que tenha decidido que vai ser boazinha comigo - ele disse.

Com a sede apaziguada, Belle apoiou o jarro no lavatório.

- Farei tudo que você mandar, mas não me deixe trancada aqui por mais tempo - ela pediu.

- Sente-se e coma isto - ele mandou, segurando a sacola.

Belle arrancou-a da mão dele. Dentro dela, havia um pedaço de pão e um pouco de queijo. O pão estava velho, o pequeno pedaço de queijo estava muito duro, mas ela não se importou, rasgou-os com os dentes, engolindo tão depressa que nem sentiu o gosto.

Pascal ficou observando-a. Belle olhou para ele algumas vezes e viu que ele tinha um sorriso malicioso.

- Obrigada - ela disse depois de comer a última migalha. - Achei que você não voltaria nunca.

- Tive de ensiná-la a ter um pouco de respeito por mim - ele afirmou, com um toque de ameaça. - Mas acho que agora que você sabe o que posso fazer com você, tudo será diferente.

Sem sede e com a fome parcialmente aplacada, Belle recuperou o raciocínio.

- O que você quer de mim?

- Quero seu amor - ele respondeu.

Belle sentiu o coração apertado. Olhou nos olhos de Pascal e, em vez do aspecto frio e morto em que reparara quando o conheceu, viu o mesmo tipo de loucura que aparecera nos olhos de Faldo na sua última noite com ele. Ela não tinha lidado bem com Faldo, mesmo tendo carinho por ele, mas detestava Pascal e a ideia de ele tocá-la novamente lhe deu um arrepio.

- É preciso tempo e paciência para o amor crescer - ela disse com cuidado, preocupada com a faca na mão dele.

A faca tinha apenas 15 centímetros de comprimento e uma lâmina fina, mas parecia bastante afiada.

- Prender-me sem comida ou bebida não é a maneira certa de cultivar o amor.

- Nesse caso, vou me contentar com o amor fingido que você mostra pelos seus clientes - ele afirmou, lambendo os lábios lascivamente enquanto olhava para ela.

Ela estava tão concentrada em beber e comer que tinha esquecido o vestido rasgado e os seios expostos. Um calafrio percorreu sua espinha e ela tentou cobrir o corpo.

- Não precisa cobri-los - ele disse. - Gosto de olhar para eles. E sei como é calorosa com seus clientes. Muitos vêm contar para mim.

A simples voz desagradável dele, sem contar o que dizia, foi suficiente para revirar o estômago dela. Ela não podia fazer aquilo com ele, não podia suportar.

- Mas você não me quer assim - Belle comentou, afastando-se dele horrorizada. - Estou suja. Deixe-me tomar um banho e colocar roupas limpas primeiro.

- Não me importo que esteja suja - ele disse, aproximando-se dela e estendendo o braço para tocar seu seio direito. - É um lembrete de que você é uma prostituta e, além disso, o cheiro que está em você é o da última vez em que eu a possuí. Eu gosto disso.

O estômago de Belle contorceu-se. Ela sempre achara fácil flertar com os clientes e fazer elogios para deixá-los à vontade, mesmo se não gostasse deles. Mas Pascal era tão profundamente repulsivo para ela que não conseguia nem tentar usar aquelas falas bem decoradas, apesar de saber que sua vida dependia de ela ser o que ele queria que ela fosse.

- Tire a roupa - ele ordenou quando ela não reagiu. - Cada costura. Quero vê-la nua.

Belle sentiu-se da mesma maneira que se sentira com o primeiro homem na casa de Madame Sondheim; o terror completo tomava conta dela. Mas Pascal brandia a faca, e a intuição dizia a ela que ele não hesitaria em cortá-la.

Com relutância, ela começou a se despir. O vestido estava tão danificado que escorregou para o chão com facilidade. Ela soltou a cintura da anágua e deixou-a cair também, até

ficar apenas com a *chemise*. Pascal tinha rasgado as calças dela no andar de baixo e ela havia tirado as meias logo depois de ser trancada. Ela realmente não conseguia suportar ter de tirar a última peça, embora estivesse tão rasgada que não cobria muito do corpo.

- E isso - ele disse e deu um passo à frente, colocando a faca nas alças e cortando a primeira e, depois, a segunda, em dois movimentos rápidos; a *chemise* caiu no piso.

- Na cama - ele mandou e, ainda segurando a faca, tirou o casaco, jogou-o para o lado, tirou os suspensórios dos ombros e começou a desabotoar as calças.

Belle não podia fazer nada além de obedecer. As calças de Pascal estavam caídas até os pés, a camisa quase alcançava seus joelhos ossudos

e as meias pretas estavam presas com suspensórios.

Ele pegou o seu membro e começou a acariciá-lo enquanto olhava para ela. Mas, como ainda segurava a faca com a outra mão, Belle sabia que não poderia escapar do que ele queria fazer com ela e, assim, tinha que fazer aquilo acabar o mais rápido possível.

- Venha e deixe-me abraçá-lo - ela disse, tentando soar sedutora, mas podia ouvir o desespero e a aversão na própria voz e tinha certeza de que ele notara também.

- Abra as pernas. Mostre-se para mim - ele ordenou e inclinou-se para colocar a ponta da faca nos pelos pubianos dela.

As lágrimas começaram a cair dos olhos de Belle. Uma das meninas da casa de Martha havia lhe contado sobre uma garota de outra

casa que teve a barriga rasgada por um homem e ela tinha medo de que Pascal também quisesse fazer aquilo.

Belle sentiu que tinha de concordar com o ato lascivo que ele desejava e afastou os lábios da vagina para que ele a visse.

- Você fez isso para o Le Brun? - ele perguntou. - É por isso que ele queria vê-la de novo?

Belle ficou confusa com a pergunta. Philippe tinha mesmo pedido para vê-la de novo e Pascal estava com ciúmes?

- Não me lembro - ela choramingou.

- Sim, você lembra. Ele gostou tanto de trepar com você que foi procurá-la no seu hotel. Aquela informação era ainda mais estranha. Ela não tinha dito a Philippe onde morava.

- Eu disse a ele que você havia fugido com um homem. Ele não gostou. Homens ricos e poderosos como ele costumam ter tudo o que querem. Mas você é minha agora. Ninguém mais a terá e eu vou marcá-la para que se lembre de que é minha.

Ele escorregou a faca pela barriga dela, penetrando na pele. Belle olhou para baixo e viu a linha fina e vermelha de sangue aparecer desde os pelos pubianos até o umbigo. De repente, o quarto pareceu girar e ficar escuro.

- Não há razão para voltar agora - Philippe argumentou, com calma. - Se Pascal saiu, você vai apenas perder a viagem e, de qualquer forma, se estivesse em pânico, ele não teria ido para onde quer que tivesse de ir logo depois de sair do trabalho?

- Suponho que sim - Etienne respondeu e deixou que Philippe lhe servisse mais uma taça de vinho.

Ele ergueu o rosto e viu Noah entrar no restaurante e passar pelos clientes com um largo sorriso.

Enquanto puxava uma cadeira, Noah sentou-se e sorriu para os outros dois homens.

- Tenho algumas informações - ele avisou.

Quando ele começou a falar animado sobre o que descobrira no *Le Petit Journal* durante a tarde, Etienne e Philippe não conseguiram entender o que ele queria dizer. Noah falava com rapidez e fazia referências a um artigo de jornal sem dizer do que se tratava.

- Não estamos entendendo nada. Acalme-se e diga o que descobriu - Etienne criticou-o e serviu-lhe um pouco de vinho.

O rosto de Noah ficou muito vermelho.

- Desculpe. Eu estava esperando no Mirabeau, morrendo de vontade de contar o que descobri - ele explicou e bebeu metade da taça de vinho em um só gole. - Vejam bem, eu não consegui muita coisa até con-tar ao editor que Pascal tinha sido agente funerário e que eu achava que ela ainda era sócio de Garrow - ele continuou, falando mais devagar. - E, de re-pente, ele se lembrou de uma história sobre dois agentes funerários que foram presos por brigarem na rua. Disse que todo mundo achou graça porque ninguém espera que os lúgubres agentes funerários briguem.

- Foram eles? Pascal e Garrow? - Etienne quis saber.

- Sim. Bem, ele teve de verificar os nomes, mas foram eles. Aconteceu há três anos. Eles foram soltos com uma advertência, mas um dos jornalistas acompanhou o caso porque estava curioso para saber o motivo da briga. Parece que era porque uma velha senhora tinha morrido e deixado uma casa para Pascal. A questão era que Garrow estava furioso porque tinha cuidado da senhora, ia vê-la, fazia pequenas tarefas para ela. E sua esposa cuidava das roupas dela. Porém, Pascal não havia feito nada além de visitá-la de vez em quando com um arranjo estranho de flores. Garrow acusou Pascal de enganá-la para que mudasse o testamento em seu favor e disse que ele deveria vender a casa e dividir o lucro.

- Mas ele não quis? - Philippe perguntou.

- Não, recusou por completo. E parece ter sido por isso que Pascal largou os negócios e foi

trabalhar no Ritz, por conta da situação ruim com o sócio.

- E onde fica a casa?

- Em Montmartre.

Noah passou um pedaço de papel com um endereço para Etienne.

- Agora sabemos onde ele mora. Se meu sócio e cunhado ganhasse uma casa dessas e se mudasse para lá, deixando-me sozinho para tocar os negócios, acho que eu estaria muito bravo também.

- Mas ele não mora lá - Etienne afirmou, franzindo as sobrancelhas. - Eu o segui hoje e ele mora em uma casa de apartamentos em uma rua perto do Boulevard Magenta.

Noah pareceu confuso.

- Sério? Mas pedi para uma pessoa verificar se ela ainda é o dono da casa, e ele é. Por que não moraria lá?

Philippe pegou o pedaço de papel e leu o endereço.

- Eu conheço essa rua. Ela tem casas grandes e razoavelmente novas. Ele deve ter alugado a propriedade.

Etienne ficou em pé de repente.

- Vou até lá ver.

- Mas eu ia pedir o nosso jantar - Philippe disse, olhando para ele com desaprovação. - Por que não deixa para amanhã?

- Vocês dois ficam e pedem a comida - Etienne respondeu, com pressa. - Tenho de verificar.

Ele saiu tão depressa que os outros dois homens olharam-se atônitos.

- Era assim tão urgente? - Noah perguntou.

Philippe abriu um sorriso de compaixão.

- Ele quase saiu correndo daqui dez minutos antes de você chegar, quando falei para ele o que eu disse a Pascal hoje. Deixe-me contar.

Etienne olhou para o prédio de seis andares da Rue Tholoze, pensativo. Era uma casa bonita e de boas proporções, provavelmente construída nos vinte anos anteriores, e, embora os postes de iluminação não fossem claros o suficiente, ela parecia estar em boas condições. Todos os aposentos estavam escuros, exceto por um brilho fraco na janela em formato de meio círculo acima da porta de entrada. Sua experiência lhe dizia que isso significava que os moradores tinham saído e deixado uma luz acesa

no hall para verem o caminho quando voltassem.

Ele estava curioso para descobrir por que Pascal não se mudara para lá. Qualquer pessoa preferiria morar lá em vez da rua suja onde o apartamento dele ficava. Se Etienne ganhasse uma casa como aquela, teria ficado com o piso térreo para morar e alugado os outros andares. Os aluguéis em Montmartre estavam bem caros, os dias do bairro como lar de artistas pobres eram um passado distante... Todos haviam se mudado para Montparnasse, onde tudo era muito mais barato.

Como não queria voltar para o restaurante sem alguma informação para justificar sua saída apressada de lá, ele foi à casa ao lado e bateu na porta. Um homem de cerca de 60 anos com uma grossa cabeleira branca abriu-a e Etienne desculpou-se pelo incômodo.

- Estou tentando entrar em contato com o dono da casa ao lado, Monsieur Pascal - ele disse. - Ouvi dizer que tem quartos para alugar.

- Ele não. Ele não aluga para ninguém - o homem falou, seco.

- É mesmo? - Etienne exclamou. - Disseram-me que ele estava ansioso para alugar alguns quartos.

- Quem lhe disse isso não conhece o homem. As pessoas sempre perguntam sobre os quartos, mas ele não libera nenhum. Sempre achei loucura, porque ele quase não vem para cá.

- Sério? - Etienne perguntou. - Que estranho deixar uma casa grande como essa vazia. - Esse homem é muito esquisito. Fica aí por uma hora e vai embora - o homem comentou e seu tom sugeria que ele não gostava de Pascal.

- Ouvi dizer que ele é um homem difícil - Etienne falou em seu tom mais solícito. - Avisaram-me que ele não é confiável também. É verdade?

- Com certeza. Um Zé ninguém convencido, que acha que é da alta sociedade agora que tem essa casa. E ele a conseguiu em circunstâncias duvidosas.

- Como assim?

- Ele enganou a Madame Florette, a senhora que era dona da casa, para torná-lo seu herdeiro. Uma desgraça absoluta! Ela tinha dois sobrinhos que deveriam ter ficado com a herança.

Etienne estava feliz ao ver que a raiva estava deixando o homem mais indiscreto.

- Mas não faz sentido não ganhar dinheiro com ela. Sabe quando ele esteve aqui pela última vez?

- Na quinta-feira depois da Páscoa. Lembro-me bem, eu estava muito bravo porque o jardim malcuidado dele estava invadindo o meu pequeno quintal. Eu o vi passar pela janela e saí para discutir com ele.

O coração de Etienne pareceu saltar, pois era o dia em que Belle desaparecera. Podia ser apenas uma coincidência, é claro, mas ele sabia que tinha de entrar na casa e dar uma olhada.

- Quinta-feira? Foi dia 11. Tem certeza absoluta?

- Absoluta. Anotei na minha agenda porque talvez tenha de mover uma ação legal contra ele. Tenho um espaço pequeno lá atrás, mas

gosto que fique arrumado. Eu costumava cuidar do jardim da Madame Florette também, embora fosse duas vezes maior que o meu, pois ela era velha e não conseguia fazê-lo. Porém, Pascal deixou sair de controle e as plantas vão bloquear a iluminação da minha cozinha se ele não as cortar antes do verão.

- Espero que ele tenha prometido dar um jeito - Etienne comentou.

- Não, ele não prometeu. Foi rude comigo, como sempre. Apenas entrou correndo e bateu a porta na minha cara.

- Você não o viu hoje? - Etienne perguntou. - Ele deixou uma luz acesa no hall. Suponho que isso signifique que voltará mais tarde.

- Ele nunca fica a noite toda. Não há móveis nos quartos de cima, apenas na sala de visitas. Madame Florette tinha muitas coisas lindas e

deixou para os amigos e parentes. Porém, por algum motivo, deixou a sala de vistas intacta para aquele homem odioso. Os parentes vieram falar conosco para pegar as coisas depois da morte dela... Nós ficamos com as chaves, sabe? E ficaram muito chateados por ela entregar a casa a esse agente funerário ignorante. Mas não havia nada a fazer.

- Na noite do dia 11, ele não trouxe uma jovem para cá, trouxe?

O velho franziu as sobrancelhas.

- Ele chegou sozinho, foi por isso que saí para falar com ele. Mas pode ter recebido alguém depois, eu ouvi uma carruagem por aqui. Porém, não tenho certeza se era uma visita para ele.

Etienne achou que chegara a hora de ser mais sincero.

- Para ser honesto, senhor, não estou interessado em alugar a casa. Estou tentando encontrar uma jovem que desapareceu. Tenho certeza de que Monsieur Pascal tem participação nesse desaparecimento.

O velho olhou com seriedade para Etienne, talvez achando que poderia não ser inteligente dizer tanto a um estranho. Mas, depois, ele fungou.

- Bem, ele com certeza é bem misterioso. Mas você está insinuando que ela pode estar na casa agora?

- É possível. Ela desapareceu na noite do dia 11 e ele mandou um táxi trazê-la para Montmartre, tenho um bilhete escrito por ele que diz isso. Ouviu algum barulho vindo da casa?

O homem balançou a cabeça, negando.

- As paredes são grossas.

- Seria demais se eu pedisse para entrar no seu jardim e pular para o dele?

O homem hesitou.

- Como sei que não está planejando assaltar meu vizinho?

- Você se importaria se eu o assaltasse?

O homem abriu um sorriso maldoso.

- Não, mas não gosto de ser enganado.

- Você será um herói se a garota estiver aí - Etienne argumentou. - Arrisque comigo, sim? Por favor! Ele pode tê-la machucado.

- Então é meu dever ajudá-lo. Entre.

Etienne seguiu o homem por um amplo hall com duas portas e, depois, por uma passagem mais estreita que levava à cozinha e, em seguida, para a área de serviço. O velho abriu a porta para o quintal.

- Eu negarei saber como você conseguiu acesso ao jardim dele se você for pego - ele disse, mas sorriu. - Boa sorte. Você me avisará se encontrar a garota?

- Você e a vizinhança toda saberão - Etienne afirmou. - Eu devo uma a você.

Etienne pôde ver no mesmo instante por que o vizinho de Pascal estava tão irritado, pois, com a luz que saía da área de serviço, ele via que os arbustos e as plantas espinhosas do outro lado do muro de um metro e 80 de altura eram densos e altos. Embora ainda não estivessem totalmente com folhas, no verão estariam caindo no pequeno e bem cuidado quintal.

Ele escalou o muro com tanta facilidade quanto um gato e escolheu um ponto para descer do outro lado onde os arbustos eram menos grossos. Mesmo no escuro, ele podia ver que o jardim todo estava abandonado. Em alguns lugares, via o branco quase luminoso de um botão de flor e sentia um aroma doce e almiscarado, o que lhe dizia que aquele já fora um jardim muito amado. Ele esperou entre os arbustos até os olhos se acostumarem com a escuridão e, depois, foi para os fundos do jardim, onde havia uma árvore alta. Virou-se e olhou para a casa. A lua crescente estava brilhando acima da casa e ele podia ver que ela era mais alta que as duas vizinhas. Não havia luzes, exceto um brilho fraco em uma janela estreita do primeiro andar. Ele supôs ser a janela da escada e a luz estar vindo do hall.

Ao se aproximar da casa, Etienne tentou abrir a porta de trás, mas estava trancada e presa com uma barra. Fechaduras não eram capazes

de detê-lo, mas barras, sim. Por isso, ele olhou ao redor à procura de uma maneira mais fácil de entrar. A pequena janela ao lado da porta parecia boa. Ele sempre carregava uma faca pequena e afiada em uma bainha de couro presa ao cinto; pegou-a e passou a lâmina entre a janela e a moldura. Conseguiu sentir o metal do trinco, então ele foi levantado após alguns segundos de tentativas e a janela abriu.

Ele entrou, viu que estava em cima da pia e pulou pra o chão em silêncio. A disposição da casa era igual à do vizinho; ele passou para a cozinha e abriu a porta que levava ao hall. Apesar de saber que havia uma luz lá, ainda assim se assustou ao se encontrar em um lugar tão iluminado. Ele parou para ouvir antes de olhar ao redor. Não escutou nada além do barulho de um relógio, que parecia vir de um aposento na parte da frente da casa.

A primeira porta que Etienne abriu dava para um aposento sem móveis e com paredes forradas de papel verde-escuro, com pedaços desbotados onde antes ficavam quadros. Ele supôs que era a sala de jantar. A segunda porta mais próxima da porta da frente levava a uma sala de visitas bem mobiliada, com as paredes cheias de livros. As cortinas estavam fechadas e, depois de vê-la, ele fechou a porta e começou a subir a escada. Reparou que o tapete da escada e os quadros pendurados na parede não combinavam com o bom gosto que vira na sala de visitas. O tapete era de um vermelho-vivo e parecia fino e barato; os quadros eram do tipo que qualquer pessoa poderia comprar por 20 francos no mercado de pulgas. Ele presumiu que eram uma adição de Pascal.

Etienne havia acabado de chegar ao quinto degrau quando ouviu um barulho. Parou e escutou com atenção. Era quase como a rosnada de um cachorro, mas, ainda assim, ele sentia que

era humano e vinha do topo da escada. Etienne sempre tivera passos leves (as pessoas com frequência diziam que ele as irritava porque nunca o ouviam se aproximar), porém, até aquele momento, não tinha se esforçado para não fazer barulho. No entanto, parecia que ele não estava em uma casa vazia.

Enquanto subia na ponta dos pés, ele se encolhia cada vez que a escada rangia e apurava a audição. O barulho parecido com um rosnado apareceu de novo e, quando Etienne chegou ao primeiro patamar, pôde ouvir um som baixo de batidas também. Os dois sons poderiam ser produzidos por alguém que estava preso e amordaçado e, assim, poderia ser Belle, presa em um dos quartos de cima. Porém, por mais que quisesse ir para lá a toda velocidade e verificar, sabia que devia ser cauteloso. Ele desembainhou a faca de novo e continuou a subir devagar, escutando atento e pronto a agir, se necessário.

Quando ele chegou ao quarto andar, pouco da luz do hall o alcançava, mas ele olhou por cima do corrimão e viu uma rachadura que vinha do último andar. O som de batidas estava muito mais alto e, de repente, ele percebeu o que estava ouvindo. Além disso, reconheceu o som de rosnado como o tipo de barulho que uma pessoa com um pano na boca poderia fazer, e ele tinha certeza de que era Belle.

Furioso, Etienne não se importou mais com a cautela, correu pelo último lance de degraus e, quando chegou à porta, jogou-se, batendo o ombro contra ela. A porta toda e o batente tremeram e rangeram. Ele afastou-se e, depois, lançou-se novamente com mais força. Dessa vez, a porta se abriu, pedaços da madeira do batente quebraram-se e caíram no chão.

A cena à sua frente fez o estômago de Etienne se revirar. Pascal já tinha pulado da cama e

recuado até o canto mais distante, segurando Belle em frente a seu corpo.

Ela estava nua, com o rosto pálido e aterrorizado e sangue escorrendo pela barriga e as pernas. Ela tinha algo enfiado na boca como uma mordaça. E Pascal segurava uma faca perto da garganta dela.

Os olhos de Belle estavam arregalados de espanto por ver Etienne.

- Chegue mais perto e eu vou cortá-la de uma orelha à outra - Pascal sibilou.

Ele vestia apenas uma camisa e as meias presas com suspensórios, mas a camisa estava manchada de sangue.

- Quem é você afinal?

- Solte-a - Etienne mandou.

Ele havia escondido a própria faca na manga quando vira que Pascal tinha uma e, depois, deslizado-a de volta à bainha para ficar com as mãos livres.

- Você pode me fazer de refém, mas deixe-a ir.

- Por que eu iria querer isso? - Pascal disse com desdém. - Eu dou as cartas aqui. Faça um movimento e eu corto a garganta dela.

Etienne sabia que o outro estava no controle. Se ele se virasse e corresse atrás de ajuda, Belle morreria. Se tentasse agarrar Pascal, era provável que aquele homem fizesse valer sua ameaça.

Anos antes, quando Etienne era apenas um garoto, um tio que era lutador profissional disse-lhe que um homem encurralado era tão perigoso e imprevisível quanto um animal

encurralado. Etienne confirmou a teoria em muitas ocasiões. Ele sabia controlar sua raiva e pensar antes de agir.

- Não quero machucá-lo e não quero machucar Belle também - ele disse com a maior calma possível.

- Você não pode me machucar - Pascal respondeu, presunçoso. - Ela é minha mulher. Esperei muito tempo até encontrar a mulher certa e, agora que achei, vou ficar com ela.

Os olhos de Belle estavam fixos em Etienne. Apesar de estar claramente apavorada, a chegada repentina dele parecia um milagre. Etienne olhou o quarto quase vazio ao redor e reparou que a janela estava fechada com madeira. Ele estremeceu ao ver sangue por todo o lençol.

- Vai mantê-la aqui? Como um animal enjaulado? - ele perguntou. - Que prazer pode haver nisso?

- Você não sabe nada sobre mim - Pascal retorquiu. - Esta casa é minha e ela será a dona daqui.

Etienne percebeu então que aquele homem devia ser completamente louco se pensava que poderia estuprar uma mulher, ameaçar cortar a garganta dela e, ainda assim, imaginar que ela não fugiria dele na primeira oportunidade. Sabia que tinha de ser muito cuidadoso e tentar persuadi-lo.

- Se quer que uma mulher fique com você, tem de lhe dar um pouco de gentileza e afeto - ele afirmou.

Belle ergueu as sobrancelhas como se tentasse avisar que Pascal era muito explosivo.

- Ela é uma prostituta, está acostumada a ser paga. Eu ficarei com ela e lhe darei roupas e ela ficará ao meu lado. Quem é você afinal?

- Apenas uma das muitas pessoas que tem procurado por ela - Etienne respondeu. - Agora mesmo há um grupo de homens esperando que volte para contar se você está aqui ou não. Se eu não voltar, eles virão me procurar. E seu vizinho sabe que estou aqui. Ele me deixou pular o muro do jardim. E chamará a polícia logo. Por isso, solte Belle e sua situação não ficará tão ruim

- Eu avisei. Se chegar mais perto, corto a garganta dela.

Etienne viu as mãos de Belle levantarem-se na direção da mordaça, mas era óbvio que ela estava com muito medo para alcançá-la e puxá-la, caso Pascal resolvesse estrangulá-la.

- Pelo menos deixe-a tirar esse pano da boca. Ela mal consegue respirar - ele pediu.

- Não, não quero ouvir a voz dela. Toda palavra que ela diz é mentira. Eu a trouxe para cá para lhe dar uma boa vida e ela não quis nem me dar o que ela dá a qualquer outro homem que paga.

- Entendo - Etienne disse e encostou-se na parede atrás de si para criar uma imagem menos ameaçadora. - Então você a ama. É isso?

- Acha que um homem como eu não pode amar? - Pascal perguntou, bravo.

Belle olhou diretamente para Etienne e piscou um olho e, depois, piscou os dois de maneira exagerada enquanto movia as mãos um pouco para cima e para baixo. Ele achou que ela queria dizer que poderia levantar as mãos e

bater na mão de Pascal para afastar a faca, se Etienne estivesse pronto para avançar nele.

- Acho que o amor pode levantar o humor de qualquer homem - ele respondeu, esperando que ela entendesse a mensagem disfarçada. - Porém, às vezes pensamos que a mulher nos deu um sinal indicando que nos queria, mas estamos enganados.

Belle piscou rapidamente de novo e ele teve certeza de que entendera bem o recado.

- E a sua esposa? - Etienne perguntou e arrastou-se na parede alguns centímetros mais para perto de Pascal. - Como pode esperar sustentar Belle quando já tem uma esposa?

- Os homens franceses sempre tiveram amantes - ele afirmou.

- Mas a amante tem de querer - Etienne comentou e movimentou-se novamente.

Ele estava perto o bastante para atirar-se no outro, mas queria esperar até ele baixar a guarda ou ficar cansado de estar em pé.

- Belle não quer, certo? E os policiais foram à sua casa procurá-lo. Irão falar com Garrow também. Ele contará sobre esta casa, assim como contou a um dos meus amigos hoje.

Pascal pareceu fraquejar um pouco. Etienne esperava que, se continuasse sobrecarregando-o com preocupações, ele perderia o controle por um ou dois segundos.

- É tudo um terrível problema para você, não é? Seu vizinho suspeita de você, ele viu Belle chegar aqui em uma carruagem. Ele deve estar ligando para a polícia agora, já que eu não saí da casa. E o seu emprego no Ritz? Se esta

história vazar, você será demitido. Mas é claro que isso não importa, já que você irá para a cadeia.

- Cale a boa! - Pascal berrou.

Belle fez um sinal com a cabeça quando Pascal mexeu os pés e, enquanto a mão dela subia para tirar a faca de perto da garganta, Etienne pulou na direção deles, pegando Pascal pelos ombros e empurrando-o com força contra a parede.

Belle tinha escorregado para o chão. Etienne não podia parar para ver se a faca a ferira, precisava se concentrar em bater em Pascal até deixá-lo sob controle. Segurando-o contra a parede, ele lhe deu um soco na barriga com toda a força, deixando-o quase sem poder respirar, e ouviu a faca cair no chão.

Fazia muitos anos que Etienne não batia em ninguém. Sua reputação era tal que a maioria dos encrenqueiros e trapaceiros recuava quando ele os perseguia. Etienne sempre tivera orgulho de usar apenas o mínimo de força necessário para subjugar ou controlar alguém que tivesse recebido a incumbência de perseguir. Porém, ele havia armazenado raiva desde a perda de Elena e dos meninos e, quando olhou para Pascal com as mãos na barriga, sentiu que poderia matá-lo pelo que fizera com Belle.

Etienne segurou o pescoço do outro, levantando-o até a sua altura, e lhe deu um soco na cara com toda a força que tinha. Ouviu Pascal chorar por misericórdia enquanto o sangue escorria do seu nariz amassado e isso o irritou mais. Assim, segurou a cabeça dele e bateu-a contra a parede várias vezes.

- Chega, Etienne! - Belle gritou. - Vai matá-lo. Amarre-o e deixe os policiais lidarem com ele.

Ouvir a voz dela tirou-o do impulso sombrio que o dominara e ele deixou Pascal escorregar pela parede até o chão, inconsciente.

Etienne virou-se e viu Belle em pé com a faca de Pascal na mão e lágrimas escorrendo pelo rosto, traçando caminhos brancos entre o sangue e a sujeira. O cabelo dela estava todo embaraçado e ela ainda estava nua.

- Há uma corda sob o colchão - ela avisou, soluçando. - Amarre-o e vamos sair daqui. Etienne tirou o lençol da cama e enrolou-a nele.

De repente, os dois ouviram o barulho de vidro sendo quebrado em um dos andares de baixo. Etienne supôs que fossem Noah e Philippe, mas Belle tremeu visivelmente.

- Não se assuste, são os reforços - ele afirmou, abraçando-a com força. - Está tudo acabado. Vamos levá-la para um lugar seguro.

Capítulo 34

Etienne não aguentava mais o som de Belle choramingando. Vinte e quatro horas haviam passado desde que ele a resgatara de Pascal, e Philippe conseguira que ela fosse levada para uma casa de repouso particular. Um médico a havia atendido assim que ela chegara e cuidado da ferida em sua barriga, que, felizmente, não era profunda o bastante para precisar de pontos. Ele disse que Belle deveria se recuperar por completo com descanso e boa alimentação. Etienne assumira a responsabilidade de ficar de vigília do lado de fora do quarto, pois achava que o médico estava sendo complacente demais com o que ela passara.

Ele abriu a porta e entrou. Era um quarto pequeno e todo branco, com uma cama de ferro e um crucifixo de madeira acima dela. Uma das enfermeiras tinha deixado uma luz acesa quando escurecera e o cabelo de Belle

destacava-se, completamente realçado sobre a roupa de cama branca.

- Não consegue dormir? - ele perguntou com delicadeza. - Ajudaria se eu em sentasse ao seu lado? Ou você quer conversar?

- Tenho medo de pegar no sono - ela sussurrou. - Acho que tenho medo de acordar mais tarde e descobrir que sonhei com você me resgatando. Nem entendo como me encontrou.

Depois do que acontecera com ela, Etienne não ficou surpreso por ela não ter dito quase nada após ser salva. Ele achava bastante provável que Belle nunca conseguisse contar a ninguém exatamente o que Pascal tinha feito a ela, embora o sangramento, os machucados e o terror dela contassem bastante da história. Porém, ele pensou que era um bom sinal ela ter perguntas a fazer.

- Noah e eu fomos como seu Sherlock Holmes inglês - ele disse em tom de brincadeira, sentando-se na beirada da cama. - Nós bisbilhotamos, ameaçamos e pressionamos para encontrá-la. Qual era aquela frase que Holmes dizia ao seu parceiro? "Elementar, meu caro Watson."

Ele foi recompensado com um fraco esboço de sorriso.

- Quem é Noah? Ele falou como se me conhecesse bem, mas tenho certeza de que nunca o vi antes - ela comentou, franzindo as sobrancelhas como se estivesse confusa havia algum tempo.

- Ele era amigo de Millie, a garota que foi morta na casa da sua mãe - Etienne contou. - Mog, a moça de quem você me falou, foi procurá-lo para pedir ajuda quando você desapareceu. Sabe, ele é jornalista. Ele veio e

voltou da França várias vezes tentando encontrá-la. Em uma dessas viagens, conheceu Lisette, que cuidou de você antes de eu levá-la para New Orleans, e ela contou que você tinha sido levada para a América. Porém, é Madame Herrison a quem você deve agradecer pelo resgate. Quando você não voltou na noite do dia 11, ela ficou com medo. Lisette era uma velha amiga dela e ela foi procurá-la para pedir conselhos. Quando descobriu que você e Lisette se conheciam, ela ficou espantada e, mais ainda, por Lisette ter o endereço de Noah na Inglaterra. Assim, mandou um telegrama para ele e um recado para mim em Marseille.

- Gabrielle fez tudo isso? - Belle murmurou.

- Ela própria já foi ferida por homens e gosta de você - ele disse. - Mas eu poderei explicar mais quando você estiver melhor. A polícia está com Pascal agora e Philippe Le Brun está

preparando os documentos para você voltar à Inglaterra.

- Mas Philippe não era comparsa de Pascal? Eu estava presa na casa dele.

Etienne tirou o cabelo do rosto dela com carinho.

- Não, a casa era de Pascal. Philippe não sabia de nada até que Etienne e eu fomos vê-lo. Ele é um homem bom e é outra pessoa que gosta muito de você. Ele e Noah passaram o dia com os policiais explicando tudo. Como você deve saber, minhas credenciais não são tão boas quanto as deles e, por isso, optei por ficar aqui com você.

- Então Noah conhece minha mãe e Mog?

Etienne sentiu uma onda de emoção ao ver a esperança nos olhos de Belle.

- Muito bem. Pelo que disse, sua Mog quase o adotou como membro da família. Ela nunca perdeu a esperança de encontrá-la.

- E minha mãe, Annie?

Etienne desejava que Belle esperasse para perguntar a Noah sobre a mãe. Pelo que entendera, ela não tivera nenhuma participação na busca pela filha.

- Terá de perguntar a Noah sobre ela - ele respondeu, cuidadoso. - Eu o conheço há apenas alguns dias e estávamos muito ocupados tentando achá-la para conversar muito sobre outras coisas.

- Todo mundo sabe o que eu sou? - ela perguntou em voz baixa.

- Sabem apenas o que contamos, que você foi sequestrada na Inglaterra.

- Mas Pascal vai contar que fui procurá-lo para conseguir clientes.

Etienne sentiu o coração apertado de compaixão. Não havia muito em sua vida do que sentisse vergonha, mas ele tinha escolhido seu caminho. O de Belle lhe fora imposto.

- Acho que você vai descobrir que Philippe pode contar uma ou duas histórias convincentes e nenhum outro homem dirá o contrário. Além disso, Pascal é louco, ninguém prestará muita atenção em nada do que ele puder dizer.

Belle ficou em silêncio por algum tempo e ele supôs que ela estava pensando no assunto.

- Conte-me como tem sido a sua vida - ela pediu, de repente, como se quisesse afastar as lembranças de Pascal e da sua provação no quarto do sótão. - Não esperava vê-lo mais,

mas pensei muito em você nos últimos dois anos.

- Tenho um pequeno chalé agora. Estou limpando a terra para plantar. Saí do trabalho que costumava fazer.

- Fico feliz com isso - ela disse. - Deve ser um grande alívio para sua esposa também.

Ele concordou balançando a cabeça. Não contaria a ela seus infortúnios, ela tinha os seus próprios.

- Tente dormir agora - ele sugeriu. - Estarei por perto se precisar de mim.

- Você não quer saber como eu acabei voltando para a França? - ela perguntou.

- É claro que sim, apenas pensei que você ainda não estivesse pronta para contar.

- Pode me ajudar a ficar mais leve.

Ela abriu um sorriso triste.

- Eu realmente me tornei a melhor garota da casa de Martha, havia momentos em que eu até adorava o lugar. Mas Martha era uma cobra, ela me pagava muito pouco porque dizia que tinha de recuperar o que investira em mim.

- Sinto muito por ouvir isso. Quando eu lhe disse que ela era uma boa mulher, estava apenas repetindo o que me falaram. Mas mesmo pessoas basicamente decentes podem mudar quando o dinheiro está em jogo. E como você fugiu de lá?

- Fingi que ia dar uma volta e fui embora para virar amante de um dos meus clientes - ela explicou. - Era a única maneira de eu me libertar

e pensei que poderia, então, economizar o suficiente para voltar à Inglaterra.

- Espero que ele tenha sido um bom homem - Etienne declarou e acariciou o rosto dela com delicadeza.

- Eu achava que fosse. Ele era gentil e eu gostava dele. Eu queria mesmo fazê-lo feliz - ela disse enquanto as lágrimas enchiam seus olhos. - Mas ele mudou assim que me colocou para morar em uma pequena casa. Não falava comigo, nunca avisava quando viria visitar, não me levava para pas-sear. Ele apenas me usava e fazia com que me sentisse mal comigo mesma. Por que ele mudou assim, Etienne? Foi como trocar uma prisão por outra.

Etienne deu um longo suspiro, segurou a mão dela e beijou as pontas de seus dedos.

- Provavelmente porque ele estava apaixonado por você e tinha medo de ser enganado. Eu diria que ele não tinha muita autoconfiança.

Belle explicou rapidamente o quanto se sentira só e como conhecera a Senhorita Frank na loja de chapéus e conseguira ajudá-la a fazer as peças.

- Nunca ousei contar a Faldo aonde ia todos os dias, mas aprender a fazer chapéus me alegrou muito. Nas noites em que ele não me visitava, eu passava o tempo criando designs também. A Senhorita Frank até conseguiu uma encomenda de uma das minhas criações e pensei que estava caminhando para algum lugar. Porém, Faldo morreu.

- Ele morreu? Como?

- Teve um infarto enquanto nós...

Ela parou abruptamente, baixando os olhos. Etienne entendeu o que Faldo estava fazendo quando morrera.

- Ele foi horrível comigo naquela noite - ela contou, em voz baixa, com lágrimas escorrendo pelo rosto. - Perguntei por que ele não falava comigo ou me levava para passear e ele disse coisas terríveis e me bateu. Depois, começou a se desculpar e dizer que não podia se controlar porque queria o meu coração. Disse isso e jogou-se em mim como um louco.

Ela parou e tudo que Etienne pôde fazer foi segurar sua mão e esperar até que ela conseguisse terminar.

- Ele teve algum tipo de ataque enquanto estava comigo - ela continuou, soluçando. - Corri atrás de ajuda, mas, quando voltei com um policial, Faldo estava morto. Mais tarde,

quando o médico chegou, disse que havia sido um infarto.

Etienne podia imaginar bem o quão terrível tudo aquilo era para uma jovem que não tinha ninguém a quem recorrer. Ele tinha conhecido muitas garotas que, quando ficaram ansiosas para saírem de um bordel, depositaram confiança no homem errado. A situação costumava acabar mal, talvez porque o tipo de homem que oferecia uma nova vida para uma ex-prostituta era, geralmente, um desajustado também.

- Você deve ter ficado tão assustada - Etienne comentou.

Belle concordou balançando a cabeça.

- Fui até a loja da Senhorita Frank, achei que ela me ajudaria, mas, quando contei a história toda, ela voltou-se contra mim também.

Assim, arrumei a mala e consegui embarcar no único navio que aceitou me levar. Ele seguia para Marseille.

Etienne ergueu uma sobrancelha.

- Seria bom se eu tivesse ficado sabendo.

Belle apertou a mão dele.

- Pensei em você na viagem, mas não teria ousado perguntar a ninguém se o conhecia, caso as pessoas erradas ficassem sabendo. No entanto, eu fui uma tola ali também. Seria de se esperar que eu já tivesse aprendido a não confiar em ninguém.

- Em quem você confiou lá?

- Bem, em primeiro lugar, havia outro passageiro no navio, um homem chamado Arnaud Germaine. Ele me levou para a casa de uma

amiga, Madame Albertine. Você conhece algum deles?

Etienne abriu um sorriso torto.

- Não reconheço o nome Germaine, mas ouvi falar de Madame Albertine. Ela é muito conhecida por apresentar homens jovens e bonitos a mulheres mais velhas e ricas.

Belle franziu as sobrancelhas ao ouvir aquilo, imaginando se os homens que conhecera na casa de Madame Albertine, inclusive Clovis, eram gigolôs em potencial. Com medo de que pudesse ter se enganado quanto às intenções da velha senhora e constrangida pelo que acontecera com Clovis, não quis falar mais sobre Marseille.

- Bem, digamos apenas que eu me arrependi de ter contado minha história a ela - Belle

completou. - Por isso, peguei o trem para Paris.

Etienne lembrou-se de que Gabrielle dissera que Belle havia chegado ao Mirabeau usando um vestido de festa sob o casaco e sem malas e, assim, adivinhou que tivera alguma experiência humilhante em Marseille, que não queria revelar.

- Todos nós cometemos o erro de confiar na pessoa errada de vez em quando - ele disse, acalmando-a. - Eu com certeza fiz isso, muitas vezes. Porém, em algumas ocasiões, confiamos na pessoa certa, como você fez com Gabrielle e eu fiz com Noah e Philippe.

- Pensei estar vendo coisas quando você entrou correndo pela porta - ela afirmou, com uma risada fraca. - Até me esqueci de ficar envergonhada por estar sem roupa.

Etienne sorriu para ela.

- No futuro, acharemos que participamos de uma cena de um livro barato. É uma pena que eu não tenha pensado em dizer "tire as mãos sujas dela, seu salafrário".

Belle conseguiu rir de verdade dessa vez.

- É tão bom vê-lo de novo. Quando eu estava em New Orleans, ficava pensando se você era mesmo tão bonito e misterioso quanto eu lembrava ou se era minha imaginação de menina jovem e inocente. Mas você é exatamente como me lembro.

- Muitas vezes me lembrei da maneira como você cuidou de mim quando passei mal no navio e de como estava bonita na última noite antes de chegarmos a New Orleans. Foi tão difícil deixá-la naquela cidade, Belle. Sempre desejei não tê-la levado para lá.

- Você não tinha escolha - ela disse, com firmeza. - E não se sinta mal com isso, pois, de certa forma, fez parte de quem me tornei.

- Como pode dizer isso? - ele perguntou.

- Eu cresci, fiquei independente - ela respondeu, encolhendo os ombros. - Aprendi muito sobre as pessoas. Mas não vamos começar com essa história de "queria não ter feito". Fiquei fazendo isso o tempo todo que passei na casa de Pascal e é enlouquecedor.

Etienne tinha ficado impressionado, na viagem para a América, com a capacidade de Belle de aceitar o que não podia mudar e estava feliz por ela continuar a mesma.

- Muito bem. E o que mais gostaria de me contar, ou perguntar? - ele disse.

- Deixei muito dinheiro no meu quarto no Mirabeau. A Gabrielle o achou? - ela quis saber.

- Eu achei - ele revelou. - Está tudo lá ainda, em segurança. E Gabrielle tem um grande coração sob aquele exterior duro. Noah foi ao hotel ontem à noite e disse a ela que você havia sido encontrada e onde estivera. Ele disse que ela se iluminou como a Torre Eiffel. Antes, estava fora de si com tanta preocupação. Mas amanhã ou depois você poderá vê-la. Ela mal pode esperar por isso.

Belle então fechou os olhos e Etienne pensou em esperar até que ela dormisse e, depois, sair em silêncio.

Porém, alguns minutos depois, os olhos dela se abriram.

- Sei que eu disse que não deveríamos começar com a história de "queria não ter feito", mas

você já sentiu que seria melhor simplesmente morrer do que viver com as coisas horríveis que fez? - ela questionou.

- Sim, já - ele admitiu, lembrando-se de que, apenas alguns meses antes, ele não pensava em outra coisa. - Mas ouça, Belle. Uma em cada cinco mulheres de Paris é *fille de joie* e uma porcentagem grande delas não teve escolha a não ser viver assim, como você. Você não roubou nem machucou ninguém. Na verdade, deu a seus clientes bastante prazer. Por isso, não deve se sentir mal com isso.

- Eu não me sentia assim antes de Pascal. Mas ele me fez lembrar o que vender meu corpo significava de verdade. Nisso ele estava certo, por que não deixei que ele me possuísse? Eu estava à venda. Por que não vi o quanto tinha afundado? Eu poderia ter trabalhado como garçonete ou faxineira. Mas achei que era boa

demais para isso. Como pude pensar que ser prostituta era melhor?

Etienne inclinou-se para frente, tomou-a nos braços e abraçou-a.

- Ele era mau, não você, Belle. Não ouse começar a pensar que você mereceu o que ele fez. A morte não é solução, é apenas a maneira de os covardes escaparem da dor. O mais corajoso a fazer é deixar o passado para trás, que é o lugar dele. Eu vi os chapéus do seu caderno de desenhos e você tem muito talento. Por isso, pense em voltar para a Inglaterra e começar uma nova vida, virar modista de chapéus e conquistar seu sonho.

Ela começou a chorar, não as pequenas lamúrias de tristeza que ele tinha ouvido antes, mas soluços altos e purificadores. Etienne continuou abraçando-a enquanto ela chorava, sabendo que o processo de cura não poderia

começar antes que ela deixasse toda a dor sair.

Belle chorou por muito tempo, mas, gradualmente, as lágrimas começaram a cessar. Etienne pegou um pano úmido e banhou os olhos inchados dela.

- Acha que consegue dormir agora? Eu a convenci de que está segura, de que Pascal está preso e de que você irá para a Inglaterra em breve?

Belle abriu um sorriso... Um sorriso fraco e molhado.

- Sim, estou convencida, mas tenho só mais uma pergunta. Kent foi enforcado pelo assassinato de Millie?

Etienne não tinha certeza se era o momento certo para falar sobre aquilo, mas, se não

respondesse, ela iria ficar preocupada também.

- Não, não foi. Não havia evidências suficientes para acusá-lo de assassinato. Noah reuniu um bom dossiê dos crimes dele e não foi apenas você que foi vendida a um bordel, houve outras garotas também. Todas ainda estão desaparecidas e Noah espera poder expor todos que tiveram participação nisso tanto na Inglaterra quanto na França.

- Então ele vai precisar que eu seja testemunha?

Etienne hesitou. Ele estava com medo de que, se dissesse que as provas dela eram cruciais, ela ficasse com medo de novo.

- Ninguém vai pedir que faça nada que você não queira fazer.

- Quero que ele seja punido, pela Millie. E, a menos que ele seja, e também aquela terrível Madame Sondheim, esses crimes vão continuar. Porém, não quero que pessoas como você e Lisette sejam arrastadas para isso.

- Eu ficarei bem. Fui apenas contratado para acompanhá-la até a América. Você não era menor de idade e eu também não tinha escolha. Eu também tenho meus motivos para querer que os culpados sejam punidos e ajudarei a polícia nisso. Quanto a Lisette, ela é tão vítima quanto você, e Noah gosta dela também, ela será bem cuidada. Quando os chefes são presos, muitas pessoas abaixo deles sentem-se capazes de contar o que sabem. Noah espera encontrar as outras garotas também, todas têm famílias desesperadas por notícias.

- Assim, eu devo testemunhar - Belle disse. - Seria covardia se eu não o fizesse.

Ele sorriu para ela, tocado com sua coragem.

- Não será fácil para você. Ser a testemunha principal de um julgamento dessa importância colocará seu nome nos jornais e as pessoas vão comentar - ele alertou.

- Deixe-as comentarem - Belle afirmou. - Homens cruéis devem ser contidos.

- Você ficou aqui a noite toda de novo? - Noah perguntou quando chegou à casa de repouso na manhã seguinte para ver como Belle estava e encontrou Etienne sentado do lado de fora do quarto dela, com os olhos fundos e a barba por fazer.

- Sim. Fiquei com medo que ela tivesse pesadelos - Etienne respondeu.

- E ela teve?

- Não, dormiu com uma tranquilidade impressionante. Porém, antes de você entrar para vê-la, vamos lá fora conversar. Depois, vou apresentá-lo do jeito certo para ela antes de ir ao Mirabeau me arrumar.

Noah tinha abandonado a desconfiança em relação ao francês havia muito tempo, mesmo com seu passado como gângster, e o fato de ele ter ficado na porta do quarto de Belle por 48 horas era mais uma prova do caráter dele e do quanto gostava da garota. Eles caminharam pela passagem, desceram as escadas e saíram para um pequeno jar-dim murado nos fundos da casa de repouso. Era uma manhã quente e ensolarada e o jardim protegido estava lindo, iluminado por tulipas vermelhas e amarelas e uma pequena árvore carregada de botões de flores brancos.

Os dois sentaram-se em um banco e Etienne contou a Noah que Belle estava preparada para ser testemunha no tribunal.

- Descobri que os policiais daqui já tinham suspeitas sobre Pascal havia um tempo - Noah disse. - Não apenas eles acreditam que Pascal enganou a velha senhora para ficar com a casa, mas outra garota, Claudette alguma coisa, desapareceu há uns 18 meses e agora eles acham que Pascal pode tê-la matado.

Etienne disse que, de alguma forma, não estava surpreso e perguntou se ela era prostituta.

- Não, ela trabalhava em uma loja de departamentos. Uma amiga que trabalhava no mesmo lugar e dividia quarto com ela comunicou o desaparecimento quando ela deixou de voltar para casa certa noite. Ela disse ter certeza de que um cliente que sempre ia à loja ver sua

amiga era o responsável. Ela não sabia o nome do homem, mas a descrição que deu na época combina com Pascal. A garota achava que ele havia ficado esperando pela amiga até a loja fechar e convencido-a a ir a algum lugar com ele.

- Eles investigaram o caso, certo?

Noah encolheu os ombros.

- A polícia daqui parece tão descuidada quanto a da Inglaterra. Eles perguntaram a várias pessoas se tinham visto Claudette, mas suponho que, em uma cidade do tamanho de Paris, seja difícil encontrar alguém quando não se têm o nome da pessoa. Como não encontraram o corpo de Claudette e ela não tinha parentes para pressioná-los, as informações sobre o caso foram arquivadas e, até agora, esquecidas. Philippe traduziu tudo isso para mim e, por isso, alguma coisa pode ter se perdido

na tradução, mas disseram que queriam fazer uma busca completa na casa e no jardim de Pascal hoje.

- Pascal já disse alguma coisa sobre Belle?

- Parece que ele se recusou a falar nas primeiras horas em que esteve preso, mas, mais ou menos às quatro horas da tarde de ontem, ele alegou ter visto Belle na rua e ela ter ido com ele para casa por vontade própria. Disse também que, depois de fazer sexo com ele, ela havia pedido 500 francos e dito que, se não recebesse, ela contaria tudo à esposa e aos patrões dele.

Etienne balançou a cabeça sem acreditar.

- Então essa é a desculpa dele para trancá-la em um quarto durante dias, estuprá-la de novo e ameaçar matá-la?

- Ele disse que entrou em pânico - Noah continuou, irônico, erguendo uma sobrancelha. - Mas, no final das contas, ele caiu nas nossas mãos dizendo isso. Veja bem, Philippe já tinha revelado que Pascal era o intermediário entre ele e Belle, já que viu Belle tomar chá no Ritz há algumas semanas e perguntou a Pascal quem ela era. Philippe disse que Pascal chamou Belle quando ela estava saindo do hotel e disse que havia um cavalheiro que queria conhecê-la. O resultado disso foi que Philippe a levou para jantar duas vezes.

- Ele pensou rápido - Etienne elogiou. - As pessoas podem pensar que Belle é um pouco atirada, mas é bem menos desonroso que a verdade.

- Exato. Philippe não é o tipo de homem de quem as pessoas desconfiam; é um cidadão muito conhecido e honesto que apenas gosta muito de mulheres. Além disso, ele claramente

ficou encantado com Belle, os policiais devem ter sentido isso. E, como o próprio Philippe observou, se encontrarem um corpo, esse será o principal elemento do julgamento de Pascal e Belle terá apenas uma pequena participação nele. E é bastante improvável que outro cliente dela faça declarações.

- Os policiais não perguntaram o que ela fazia para viver?

- Sim, e Philippe disse que ela era camareira do Mirabeau. Foi sugestão de Gabrielle. Etienne ficou impressionado, Philippe parecia ter pensado em tudo.

- Vocês disseram alguma coisa sobre o sequestro e a vinda de Belle para a França?

- Não. Se eu tocasse no assunto, Kent poderia ficar sabendo e desaparecer antes que a

polícia pudesse prendê-lo. De qualquer forma, não era uma boa ideia complicar mais a situação.

- Você fez bem - disse Etienne. - Nunca os agradeci por aparecerem tão depressa na casa de Pascal. Foi um confronto terrível e nem sei dizer o quanto fiquei aliviado quando vocês entraram correndo. O que os fez vir em tão pouco tempo? Com certeza não tiveram tempo de jantar.

Noah abriu um pequeno sorriso.

- A maneira como você saiu correndo me deixou tenso. Depois, apenas tive a intuição de que algo estava errado. Quando chegamos à casa, o vizinho estava do lado de fora olhando para as janelas. Assim, Philippe chutou a porta para abri-la. Acho que nunca fiquei tão chocado com nada como fiquei com a cena naquele quarto. O sangue, o cheiro, o rosto pálido e

aterrorizado de Belle. Graças a Deus você a encontrou! Ele deve ter planejado matá-la, não poderia mantê-la ali para sempre.

- Acho que você está certo - Etienne ponderou. - Mas, pelo que ele disse, acho que ela a colocou lá pensando que poderia mantê-la na casa como sua amante. Como um homem pode se iludir a ponto de pensar que pode ganhar o coração de uma mulher com força e crueldade?

- Por falar em coração, Belle perguntou sobre Jimmy? Acho que devemos mandar um telegrama para Mog dizendo que a encontramos, mas aposto que isso fará Jimmy vir correndo para cá.

- Não. Ela quis saber quem você é e eu expliquei, mas evitei as outras informações que você me deu porque ela não estava forte o suficiente na noite passada para saber sobre o incêndio ou a aparente indiferença da mãe. Você

é quem deve falar do incêndio. Talvez consiga passar longe de falar da mãe.

Noah concordou balançando a cabeça.

- Acho que o incêndio foi provavelmente uma bênção disfarçada. Belle não terá nada para lembrá-la do que viu naquele velho lugar e terá um lar de verdade com Mog, Garth e Jimmy.

- Acho um pouco irreal imaginar que ela vai se recuperar ao lado dele - Etienne afirmou, um pouco agressivo.

Noah olhou para o outro e riu.

- Estou percebendo uma pitada de ciúmes?

- *Bien sûr, je ne suis pas jaloux* - Etienne retorquiu.

Noah riu de novo. Ao escorregar para sua língua materna, Etienne havia provado que sentia algo por Belle.

- Não, é claro que você não é ciumento! Como poderia ser?

Noah sentiu-se recompensado ao ver Etienne corar. Ele estava certo de que aquele efeito era mais raro do que dentes em galinhas.

- É melhor irmos ver Belle agora - Noah disse. - E, depois, você deve ir e dormir um pouco antes que perca as forças.

Etienne ficou feliz em ver que Belle parecia cem vezes melhor do que na noite anterior. Seus olhos estavam mais brilhantes, as olheiras que estavam ao redor deles haviam sumido e o machucado na bochecha estava menos aparente.

- Este é Noah Bayliss, meu Doutor Watson - ele disse, com um largo sorriso. - Você não estava com humor para apresentações na última vez em que se viram.

- Sei que devo lhe agradecer por muitas coisas, senhor Bayliss - ela afirmou. - Etienne me contou que você veio a Paris muitas vezes procurar por mim.

- Por favor, pode me chamar de Noah - ele pediu, sorrindo. - E não precisa agradecer. Ver que você está muito melhor é todo o agradecimento de que preciso.

- Agora, sente-se e me conte sobre a Mog - ela continuou, sem agitação na voz nem nos olhos.

- Vou voltar ao Mirabeau - Etienne avisou, virando-se para a porta. - Acho que você poderá sair daqui hoje mais tarde ou amanhã

e, assim, vou trazer algumas roupas quando voltar.

- Mande lembranças a Gabrielle - ela disse. - E diga a ela que lhe devo muito por tê-lo encontrado.

Noah puxou uma cadeira para perto da cama quando Etienne saiu.

- Você sabe que ele ficou do lado de fora do quarto pelas últimas 48 horas? - ele perguntou.

Belle pareceu surpresa.

- Mas por quê? Ninguém ia me machucar aqui.

- Ele temia que você tivesse pesadelos.

- Eu pareço ter a capacidade de me recuperar de situações desagradáveis bem depressa - ela comentou. - Dormi muito bem esta noite, nem

sonhei. E acordei pela manhã sentindo-me muito melhor. Mas chega de falar de mim, conte como você conheceu Mog e minha mãe. Soube que Millie era sua amiga, deve ter sido horrível saber como ela morreu.

- Depois que você desapareceu, Mog descobriu onde eu morava e foi me procurar. Eu era investigador de uma empresa de seguros na época e Mog achou que isso significava que conseguiria encontrá-la. Não tinha ficado sabendo da morte de Millie até ela me contar.

- Minha mãe foi vê-lo?

Noah percebeu o tom de dor na voz dela.

- Acho que Mog agiu por conta própria e alguém tinha de ficar em casa para o caso de você voltar ou alguém aparecer com notícias.

Ele explicou que não tinha experiência em procurar pessoas desaparecidas.

- A polícia não levou muito a sério e Mog ficou muito abalada. Mas Jimmy me motivou a querer encontrá-la. Sem ele, eu poderia ter desistido.

- Jimmy ajudou?

Ela pareceu surpresa e emocionada.

- Mas como você o conheceu? E como ele está? Ainda está com o tio no Ram's Head?

- Ele praticamente cuida dos negócios agora e é um ótimo rapaz, um dos melhores. Sem ele, acho que Mog teria desmoronado com o seu desaparecimento. E ele e o tio salvaram a vida da sua mãe no incêndio.

- Incêndio?

Noah viu o horror voltar aos olhos dela e perguntou-se se estava certo em contar isso tão pouco tempo após a provação pela qual ela passara.

- Sim, sua antiga casa foi queimada. Mog deu o alarme e conseguiu tirar as garotas em segurança, mas Annie ficou presa no quarto. Garth e Jimmy a resgataram pela janela. Depois, levaram Mog e ela para o Ram's Head.

- O incêndio foi um acidente?

- Nós achamos que Kent mandou alguém iniciá-lo - Noah respondeu. - Mas, é claro, não pudemos provar e aquele homem é tão poderoso que a polícia não se interessou muito. Os olhos de Belle ficaram cheios de lágrimas.

- Deve ter sido tão triste para elas perder a casa e todos os pertences. Mas por que Garth

as levou para a casa dele? Dizem que ele é um homem desagradável.

- Como a maioria das pessoas, ele pode surpreender - Noah afirmou e, depois, estendeu a mão e enxugou os olhos dela com um pano. - Pude conhecê-lo bem nos últimos dois anos e, por baixo daquele exterior rude, ele é um homem gentil e decente. É claro que Mog fez uma mudança nele e no Ram's Head desde que virou empregada do lugar.

Belle ficou pasma.

- E tenho notícias ainda melhores - Noah anunciou, sorrindo. - Ele e Mog querem se casar. E, quando receberem meu telegrama avisando que vou levá-la para casa, vão dançar de alegria e tenho certeza de que o casamento será uma comemoração dupla com você lá.

- Ó, Noah! - ela exclamou e seus olhos encheram-se de lágrimas de alegria. - Que notícia maravilhosa. Mog merece toda a felicidade do mundo. Achei que ela estava destinada a ser uma solteirona.

- Amar e ser querida fez com que ela desabrochasse - Noah comentou, feliz. - Tudo o que faltava para deixá-la feliz por completo era encontrar você.

Belle fez muitas perguntas animadas sobre Mog e Jimmy, mas, depois, sua expressão endureceu.

- Você não disse nada sobre a minha mãe.

- Ela está bem - Noah falou rapidamente e passou a contar sobre as pensões de Annie. - Ela não brigou com Mog, apenas seguiram em direções diferentes. Na verdade, o incêndio foi a melhor coisa que aconteceu a elas. Agora são

mulheres respeitáveis vivendo com conforto. Já começaram uma construção no lugar da antiga casa da sua mãe. A casa de Annie é uma lembrança distante para a maioria das pessoas do lugar.

- E eu sou uma lembrança distante para minha mãe também?

Noah segurou a mão de Belle.

- Você deve saber que Annie é incapaz de revelar seus sentimentos - ele disse com delicadeza. - Isso não significa que ela não sinta nada. Conversei bastante com ela certo dia e, como ela estava muito triste com o seu desaparecimento, ela me contou o passado dela. Também foi forçada a prostituir-se quando era ainda mais jovem que você. Ela ficou muito marcada pela experiência, mas, ainda assim, não interrompeu sua gravidez e entregou-a para Mog ser a mãe que ela não era capaz de

ser. Mas eu sei que ela sempre te amou, mesmo quando não conseguia mostrar.

- Mas ela não ficou desesperada com o meu sumiço?

Noah encolheu os ombros.

- Ela é uma mulher complicada, Belle. É difícil entendê-la. Mog, para todos os efeitos, é a sua verdadeira mãe, Annie sempre soube isso. Porém, acho que, agora que você conhece bem o mundo em que ela cresceu, vai conseguir ver provas de que ela fez o melhor para você.

Belle fungou. Noah achou melhor parar por ali e deixá-la pensar sobre o assunto.

- Como se sente com a ideia de ver Jimmy de novo? - ele perguntou.

- Não sei - ela respondeu com uma expressão abatida. - Éramos apenas crianças inocentes quando nos conhecemos. Gostei muito dele também, mas não sou mais a mesma garota, sou?

Ela parecia tão triste que Noah sentiu um aperto na garganta.

- Todos nós mudamos - ele garantiu. - Eu era tão quadrado quando conheci Millie, mas, nos últimos anos, aprendi a não julgar as pessoas, ou a maneira como elas vivem. Jimmy cresceu de todas as maneiras e até Garth amoleceu.

- Mas Jimmy está preso à memória que tem de como eu era, assim como eu em relação a ele. Não conseguiremos voltar àquele ponto.

- Não. No entanto, em meio a toda a agitação da sua volta para casa e do casamento de Mog

e Garth, talvez vocês encontrem um novo ponto de início.

- Etienne disse que você gosta da Lisette - ela comentou. - Posso esperar que algo aconteça entre vocês? Ela foi tão boa para mim.

- Gabrielle foi visitá-la hoje. Elas são boas amigas, entende? Além de avisar que você está a salvo, ela espera organizar um encontro entre nós dois. Seria bobagem minha ir até lá, as pessoas que Lisette teme podem ficar sabendo. Porém, na última vez que vi Lisette, ofereci-me para levá-la embora junto com o filho em segurança. Gabrielle dirá que a oferta ainda está valendo.

- Então espero que ela aceite.

Noah sorriu maliciosamente.

- Etienne disse que eu deveria voltar para casa e me casar com uma garota que tenha uma história de vida parecida com a minha.

- Para que você possa deixá-la em casa e ficar andando por toda parte como ele faz - ela retorquiu.

Noah olhou para ela surpreso.

- Ele não contou o que aconteceu com a esposa e os filhos?

- Não, por que deveria?

- Eles morreram em um incêndio ano passado - Noah revelou. - Ele não sabe se foi um crime ou acidente, mas acredita que foi de propósito porque ele havia deixado a organização para a qual trabalhava.

Belle empalideceu.

- Que horrível! Pobre Etienne. Eu sei que ele os amava muito.

- Ele não gosta de falar sobre isso e, é claro, eu não o conhecia antes. Porém, eu diria que é por isso que ele estava tão comprometido em encontrá-la e por isso está preparado para denunciar algumas pessoas e ser testemunha.

Belle ficou tão pasma com a notícia sobre a morte da família de Etienne que não conseguia falar. Ela sabia o suficiente sobre os homens para saber que a família de Etienne era seu mundo ou ele poderia muito bem ter se aproveitado dela no navio quando ela tentou fazer com que ele a seduzisse.

Estava claro que ele não contara sobre a tragédia porque queria concentrar toda sua energia e compaixão nela. Tal gentileza diante da dor que ele sentia era quase insuportável. Ela havia sido resgatada, iria para casa ter uma

boa vida com a família, mas ele ficaria sozinho, apenas com suas memórias.

Noah olhou para a expressão abalada de Belle e pensou, não pela primeira vez, se havia algo mais entre ela e Etienne do que eles disseram. Entretanto, não era certo perguntar, ele já tinha causado danos demais por um dia dando aquelas notícias. Não havia mais nada que pudesse contar sobre as pessoas da Inglaterra também e, assim, ele achou melhor ir embora em vez de conversar sobre amenidades. Além disso, ele precisava fazer algumas anotações para ter um registro recente do que acontecera na França nos últimos dias. Também tinha de enviar um telegrama a Mog.

Noah disse a Belle que precisava ir e ela ficou olhando para ele sem expressão por um instante.

- Ó, sim. Obrigada por ter vindo. Espero que consiga resolver as coisas com Lisette.

- E eu espero que você fique bem o bastante para sair daqui logo.

Quando Noah fechou a porta, Belle começou a chorar de novo, pensando em como Etienne estivera ao seu lado para consolá-la e imaginado que ele devia ter vindo em seu auxílio depressa quando Gabrielle lhe mandou o recado.

Isso poderia significar que ele gostava dela? Ele disse que se lembrava de como ela estava bonita naquele último dia no navio. Ele também se lembrava dos beijos compartilhados na cama estreita?

Havia dois anos que ela recuperava as lembranças de Etienne quando se sentia triste e solitária e, até, para ser totalmente honesta, quando estava com seus clientes. É claro que

era vergonhoso ela esperar que os dois pudessem ter um futuro juntos logo após ouvir sobre uma tragédia tão terrível, mas por que o destino os tinha reunido se não fosse por isso?

Capítulo 35

- Promete escrever para mim? E ir à Inglaterra em breve? - Belle implorou a Etienne.

Eles estavam na Gare Du Nord, na plataforma ao lado do trem para Calais. Noah já estava dentro do trem com a bagagem e deu aos outros dois a chance de se despedirem sem que ele ficasse olhando.

A estação estava muito cheia e barulhenta com o som de motores a vapor, carrinhos para malas sendo empurrados e pessoas gritando para serem ouvidas. Porém, Belle estava alheia a tudo, exceto por Etienne, enquanto ele segurava suas mãos e olhava para ela.

Ela queria prender a lembrança do rosto dele para sempre na mente. Aqueles olhos azuis que podiam ser frios como o Oceano Atlântico às vezes e, ainda assim, conservavam o calor e a

alegria de New Orleans quando ele olhava para ela. As maçãs do rosto bem marcadas, a curva da boca generosa. Ela queria tirar o chapéu dele e bagunçar seu cabelo, porque gostava daquele visual de menino que ele tinha quando acordava.

Belle havia sido forçada a ficar na casa de repouso por mais tempo do que o esperado, pois ficara doente e com febre. O médico disse que era o choque, mas ela achava que era da preocupação de que Pascal pudesse tê-la engravidado. Porém, por sorte, sua menstruação chegou com alguns dias de atraso e ela logo se recuperou. A cicatriz na barriga tinha melhorado bastante, mas ela evitava olhar; não queria lembranças do que Pascal fizera a ela.

No entanto, haviam sido as visitas de Etienne as responsáveis pela sua recuperação total. Ele chegava com doces, frutas ou alguma outra delícia e sentava-se ao lado da cama para

contar o que tinha lido nos jornais do dia. Ela se viu contando para ele histórias engraçadas das garotas da casa de Martha e ele contou histórias sobre alguns dos vilões que conhecera no passado. Etienne acabou falando sobre o incêndio e como ficara abalado depois, mas tinha mais vontade de falar sobre os planos para sua pequena fazenda e incentivá-la a conversar sobre seu sonho de ter uma loja de chapéus.

No entanto, durante a maior parte do tempo, eles falavam sobre assuntos pouco importantes, como as coisas que viram juntos em Nova york, os livros que haviam lido e outros lugares que gostariam de conhecer. Era muito fácil estar ao lado dele, ele não disparava perguntas para cima dela, não queria saber o que ela estava pensando. E ele nunca indicava que estava cansado da companhia dela.

Belle finalmente conseguiu ver Paris na primavera também, pois, assim que foi liberada para voltar ao Mirabeau, Etienne a levou para passear pela cidade.

Paris estivera cinza e invernal em todo o tempo que ela passara lá, mas, naquele momento, as árvores estavam radiantes com botões de flores rosa e brancas, e o sol brilhava nos canteiros de flores com tulipas vermelhas e amarelas. As pessoas tinham abandonado as roupas pesadas e feias de inverno e era agradável vê-las caminhando pelos bulevares cercados de árvores, as mulheres com elegantes vestidos em tons pastel e lindos chapéus de primavera. Até os cavalheiros usavam ternos de cores mais claras.

Belle e Etienne fizeram uma viagem de barco pelo Sena, caminharam no Bois de Boulogne, viram Versalhes e subiram a Torre Eiffel.

Parecia até que estavam namorando, como os casais ao redor.

Porém, Belle sabia bem que nunca poderia esperar um relacionamento doce desse tipo, não depois de tudo que ela fizera. Ela ouvia garotas rindo e soltando gritinhos na plataforma do topo da Torre Eiffel. Observou a maneira como os homens abraçavam a cintura delas, protetores, enquanto olhavam a vista panorâmica de Paris lá embaixo. Ela podia rir como as outras, Etienne podia abraçá-la da mesma forma, mas a soma de tudo o que os dois sabiam sobre o lado mais depravado da vida impedia um romance inocente.

- Vou escrever, mas aviso que meu inglês escrito não é bom - Etienne disse. - Porém, não é bom eu ir à Inglaterra. Sempre a lembrarei do passado e isso não é bom para você.

Belle olhou para ele consternada. Ela sabia, pela oscilação da voz dele, que suas palavras não refletiam o que o coração sentia.

- Mas eu preciso de você - ela suplicou com os olhos enchendo-se de lágrimas. - Está dizendo que quer que eu o esqueça?

- Você deve tentar, pequena - ele respondeu. - Assim como eu devo tentar também, pois sei que não sou o homem de quem você precisa.

O guarda soprou o apito para avisar que o trem estava partindo. Noah gritou da janela que Belle precisava se apressar.

- Você tem que ir, sua família está esperando na Inglaterra - Etienne disse.

Belle queria bater o pé e recusar-se a partir até que ele admitisse que a amava e prometesse que estariam juntos em algumas

semanas. Porém, ela percebeu, pela tristeza nos olhos dele, que Etienne nunca diria isso, pois acreditava estar fazendo o que era certo para ela.

- Então, apenas diga uma última coisa em francês para mim - ela pediu, ficando na ponta dos pés para beijá-lo na boca.

Ele segurou o rosto dela com as duas mãos e beijou-a com uma doçura grande demais para suportar.

- *Je défie les incendies, les inondations, et même l'enfer pour être avec vous* - ele murmurou ao soltá-la. - Agora, para o trem. Vá!

Belle começou a andar até a porta do vagão, onde estava Noah, fazendo sinais frenéticos.

- *Au revoir*, *mon héros* - ela disse e viu que os olhos de Etienne estavam banhados de lágrimas, como os dela.

- Belle, venha agora! - Noah gritou enquanto o guarda balançava a bandeira para o trem partir.

Etienne teve de colocá-la para dentro do trem quando ele começou a se movimentar. Ela inclinou-se pela janela e mandou um beijo para ele. Ele correu pela plataforma dizendo algo que ela não conseguiu ouvir e a fumaça que saía do motor quase escondeu o rosto dele.

Belle acenou até que Etienne fosse apenas um ponto a distância e só então esteve pronta para se juntar a Noah.

Ele encontrou um compartimento vazio. Enquanto ela passava pela porta, ele comentou,

rindo, como tinha espalhado os pertences dos dois por toda parte para que ninguém entrasse lá. Porém, Noah viu que Belle chorava e deu a ela seu lenço.

Ela enxugou os olhos e limpou manchas de fuligem do rosto.

- Colocar o rosto para fora da janela sempre faz meus olhos lacrimejarem - ela disse, tentando explicar.

- Meus olhos fazem isso em momentos estranhos também, principalmente quando me despeço de pessoas de quem gosto - Noah respondeu, com um sorriso torto.

Belle precisou juntar toda sua determinação para não contar a Noah que amava Etienne e achava que não suportaria voltar a Londres. No entanto, Noah estava muito animado com a perspectiva de reunir a família. Não era justo

decepcioná-lo ou deixá-lo preocupado, não depois de tudo o que fizera para encontrá-la. E seria cruel com Annie, Mog e Jimmy, que provavelmente estavam em um frenesi, preparando-se para o feliz retorno.

E havia Gabrielle também. Belle tinha visto o quanto aquela mulher gostava dela na manhã em que se despediram, e Gabrielle tinha grandes esperanças para o futuro de Belle na Inglaterra.

Belle devia muito a ela; na verdade, se não fosse pela atitude de Gabrielle, seu corpo poderia ter sido jogado no Sena ou jazer em um túmulo raso para toda a eternidade. Ainda assim, não era apenas gratidão que ela sentia por aquela mulher que falava tão pouco, mas tinha feito tanto por ela. Gabrielle havia lhe mostrado que era possível, até para a pessoa mais machucada, começar uma vida nova e melhor. Ela contou a Belle sobre sua época de

prostituta, sobre o homem que lhe cortou a garganta e sobre como Lisette cuidou dela e do pequeno Henri. Ela também tivera o coração partido quando o artista que amava morreu. Disse que teria acabado com a própria vida também se não tivesse que cuidar do filho.

- Talvez nunca mais nos vejamos - Gabrielle disse ao abraçar Belle. - Você sempre será bem-vinda, é claro, mas entendo que talvez haja lembranças ruins demais aqui para que você volte. Porém, leve no coração meu afeto por você e minha esperança de que todos seus sonhos se realizem. Você fez mais por mim do que jamais saberá.

Não havia jeito de Belle voltar agora que o trem ganhava velocidade. Assim, ela se sentou e direcionou a atenção a Noah, para evitar pensar nas lágrimas de Etienne.

- Lisette irá para a Inglaterra? - ela perguntou.

Noah tinha se encontrado com ela duas vezes na semana anterior, mas não dissera muito sobre os encontros.

- Ela disse que queria, mas pode ser assustador demais para ela.

- Pode ser porque ela pensa que você não está falando sério - Belle sugeriu. - Uma mulher com filhos precisa se sentir segura. Você deve fazê-la sentir-se assim bombardeando-a com cartas e contando as melhores coisas sobre Londres. Prometa que ela não terá obrigação nenhuma com você, mas, mesmo assim, diga que está ansioso para conhecer o filho dela. Deve resolver.

Noah sorriu.

- Você faz parecer tão fácil, mas tivemos tão pouco tempo juntos para que eu mostrasse que sou confiável e não um libertino.

- Ela pode perceber isso só de olhar para você - Belle afirmou.

Ela passara a ver Noah como um irmão, gostava de seu jeito aberto, de seu entusiasmo e do fato de ele não esconder nada e não ser complicado.

- E ela me terá por perto para conversar sobre assuntos de mulher e para trocar confidências. E tem a Mog, que vai recebê-la de braços abertos por ter sido tão boa para mim.

- E quanto a você e Jimmy? - Noah perguntou, sem rodeios. - No telegrama que ele mandou, parecia estar contando os minutos para vê-la.

Belle estremeceu. Ela também sentira que Jimmy tinha muitas expectativas e, à luz do que ela sentia por Etienne, aquela era uma grande preocupação.

- Prometa que não falará muito de Etienne para ele. Deixe-me encontrar uma maneira de dispensá-lo com delicadeza.

- Dê uma chance a ele - Noah implorou. - Eu vejo Etienne como um tigre; ele é forte, corajoso e nobre, mas perigoso também. Jimmy é mais como um gato domesticado, mas é esperto, afetuoso, altivo, leal e lutaria com unhas e dentes por você. Não feche seu coração para ele antes de vê-lo e poder conhecê-lo de novo.

- Não fecharei - Belle concordou.

Depois, encostando-se no assento, fechou os olhos e fingiu que ia dormir. Ela queria lembrar as palavras que Etienne lhe dissera em francês.

Belle conseguiu entender a primeira parte, de que ele enfrentaria o fogo, mas não sabia traduzir o restante. A velocidade com que ele havia pensado na frase, combinada com as

lágrimas dele, sugeria que era algo que ela gostaria de ouvir, mas, ainda assim, se fogo tinha sido a primeira ideia na mente dele, significava que ainda pensava na esposa?

Belle nunca esqueceria o choque e a felicidade de quando Etienne entrou correndo pela porta na casa de Pascal. Mesmo nos seus sonhos de resgate mais loucos, nunca imaginara que ele seria seu salvador, ou mesmo que o veria novamente. Porém, também houve o momento em que Philippe entrou no quarto e ele e Etienne amarraram Pascal, quando ela pensou estar imaginando tudo.

Nos dias seguintes, Etienne a havia tirado do choque, da aflição e da falta de esperança. Depois que Noah contou sobre a esposa e os filhos de Etienne, ela entendeu por que ele era a única pessoa que tinha o poder de ajudá-la a lidar com tudo aquilo.

Ela não conseguia afastar a esperança de que ele gostasse de verdade dela. Porém, talvez fosse apenas a maneira da natureza de tentar compensá-la pelo trauma que sofrera. Ele com certeza não havia dito nada para alimentar esse desejo.

Nos últimos dias, quando ele a levou para passear em Paris, não deu qualquer dica de que seu afeto por ela fosse maior que o de um amigo ou irmão. Ele também não a beijou de novo como fizeram no caminho para New Orleans.

Ela também sabia, pensando com os pés no chão, que seus próprios sentimentos podiam estar distorcidos. Podia estar colocando-o em um pedestal porque ele a tinha resgatado; ele também era o único homem que provavelmente não jogaria o passado de Belle na sua cara e essa ideia era reconfortante.

Não era bom pensar que as lágrimas de Etienne significavam que ele havia se apaixonado por ela. Ele ainda estava sofrendo, assim como ela ainda era assombrada pela provação que passara com Pascal. Os dois haviam se ajudado em um momento de necessidade e, talvez, aquilo fosse tudo.

Belle e Noah saíram da estação de trem de Charing Cross para o pátio da Rua Strand no fim da tarde do dia seguinte. Tinham passado a noite em Calais porque Noah pensou que seria cansativo demais para Belle fazer a jornada toda em um dia.

Da balsa, ela viu os rochedos brancos de Dover pela primeira vez. Perguntou-se quantos ingleses, ao longo dos anos, sentiram-se a ponto de chorar ao vê-los, pois significavam que estavam perto de casa.

Conforme o trem passava pelo interior de Kent, Belle maravilhou-se com a paisagem suntuosa e verde e deu-se conta de que o mais próximo que ela já chegara do interior antes tinham sido os parques. Parecia extraordinário que tivesse passado pela América e a França, mas nunca vira uma vaca ou ovelha pastar até essa viagem para casa.

À medida que se aproximavam de Londres, o coração de Belle disparou e, quando o trem passou pela ponte de Hungerford e ela viu o Tâmisa brilhando prateado sob o sol, o dome da Catedral de São Paulo e o Big Ben no Parlamento, achou difícil ficar sentada, tamanha era a sua animação.

A Rua Strand estava agitada como sempre, mas Belle reparou que havia muito mais carros a motor. Noah dissera no trem que queria um e pensava que levaria apenas um ou dois anos até que eles fossem mais comuns que cavalos.

Enquanto caminhavam pela Rua Strand e, depois, cruzavam a rua para subir ao Covent Garden, Belle começou a andar cada vez mais depressa.

- Acalme-se - Noah reclamou, com uma mala em cada mão. - Não consigo correr com esta bagagem.

Belle mal o ouviu. Ela estava com os pés de volta à terra natal e sentia-se no país das maravilhas.

- Tudo parece menor do que eu lembrava - ela disse, sem fôlego. - Achei que os *pubs* fossem tão grandes, as ruas tão largas, mas são pequenas e até as pessoas parecem ter encolhido e ficado mais silenciosas.

Noah só podia rir. Tudo parecia, soava e cheirava da mesma maneira para ele, sujo e enfadonho, com o odor de ralos fedorentos e

excrementos de cavalos. Os pedintes, os bêbados e as crianças maltrapilhas tentando conseguir esmolas e os vendedores de rua gritando para anunciar as mercadorias eram iguais aos que tinha deixado ao partir.

Quando Belle viu o Ram's Head, começou a correr. As pessoas pararam para observá-la e Noah não ficou surpreso, pois ela parecia muito mais uma parisiense, com seu vestido listrado em cinza e branco e o moderno chapéu pequeno e cinza, do que uma garota de Seven Dials.

Ela hesitou à porta do bar, olhando para Noah como se procurasse um incentivo.

- Entre - ele a apressou.

Belle abriu a porta, seu coração batia tão depressa que ela sentia que qualquer pessoa poderia ouvi-lo.

O cheiro de cerveja e fumaça de cigarro atingiu seu rosto. Ela viu as pessoas virarem-se e olharem para ela e, por um segundo, quis recuar.

Porém, Belle ouviu Mog gritar seu nome, um som de felicidade absoluta, e as lágrimas apareceram tão depressa que Belle ficou cega por um instante.

A pequena figura em um vestido rosa-claro que abria caminho no meio da multidão do bar não parecia a mulher que a criara.

- Belle, minha linda Belle - Mog disse e a profusão de lágrimas diminuiu um pouco para que Belle visse que Mog estava chorando também e trazia os braços abertos para recebê-la.

Uma gritaria começou, 50 homens ou mais levantaram-se para dar as boas-vindas. Os braços de Mog estavam em volta de Belle,

abraçando-a com tanta força que qualquer tremor que sentia desapareceu.

- Deixe-me olhar para você! - Mog pediu.

O lugar ficou silencioso e todos observaram as duas mulheres darem as mãos, chorarem e rirem ao mesmo tempo enquanto observavam uma a outra.

- Bem-vinda ao lar, querida! - alguém gritou e ouviu-se um rugido e o barulho alto de pés batendo no chão.

Belle não reconheceu ninguém, embora imaginasse que todos aqueles homens a tinham visto crescer. Porém, ela sabia que a alegria deles era, na verdade, por Mog. A mulher que ela amara por toda a vida era amada por todas aquelas pessoas também.

Garth então se aproximou, mas ele tinha mudado também. Estava tão grande quanto ela lembrava, mas seus cabelos vermelhos e sua barba, que costumavam estar sempre bagunçados, estavam bem cortados. Ele usava uma camisa de um branco ofuscante, as mangas enroladas deixando à mostra parte de seus poderosos braços e um colete verde-esmeralda com pequenos botões de cobre. No entanto, a verdadeira diferença era o seu largo sorriso; ela o conhecia desde criança e ele sempre parecera azedo e mau.

- Minha nossa, você virou uma bela mulher! - ele exclamou. - É bom tê-la em casa. Bem, onde está o Jimmy? Ele ficou andando de lá para cá o dia todo, verificando a hora e olhando pela porta e agora nem está aqui!

- Estou aqui, tio - a voz de Jimmy soou e todos se viraram para vê-lo parado quieto ao lado da janela, onde claramente estivera o tempo

todo. - Apenas queria que Mog a cumprimentasse primeiro.

A voz dele estava mais grossa e ele estava uns bons dez centímetros mais alto do que Belle lembrava. Os ombros eram quase tão largos quanto os do tio e o cabelo antes espetado e laranja ficara mais escuro e ele o usava mais longo, o que lhe caía muito melhor.

A imagem que Belle guardava dele na memória era de um menino magrinho e cheio de sardas com olhos dourados, um jeito educado e o visual de um garoto de rua, mas Jimmy era um homem, bonito, de bom porte e confiante. Apenas os olhos dourados continuavam iguais.

- Ele nunca desistiu de você - Garth disse e lançou ao sobrinho um olhar de orgulho. - Bem, venha, seu grande bobalhão, venha abraçá-la.

Belle achou que o Jimmy que conhecera encolheria de vergonha com essa ordem, mas esse novo Jimmy não fez isso. Ele aproximou-se dela em três ou quatro passos, tomou-a nos braços e girou-a no ar.

- Achei que este dia nunca ia chegar - ele disse enquanto ela soltava um gritinho de surpresa. - Não imagina o quanto é bom vê-la de novo.

Garth foi para trás do bar e tocou o sino para pedir silêncio.

- Hoje é o dia que todos esperávamos - ele disse, sua voz ecoando pelo bar. - É hora de comemorarmos com nossa Belle a salvo em casa. Eu apenas a conheço por meio de Mog e Jimmy, mas estou ansioso para conhecê-la como parte da família. Antes de eu distribuir bebidas para todos por conta da casa, quero oferecer um agradecimento especial a Noah. Sem a ajuda e tenacidade dele, Belle estaria

perdida para sempre. Ele não é da nossa família, nem conheceu Belle antes de ela ser sequestrada. Mas Mog pediu a ajuda dele e ele a deu de bom grado. Por dois anos, foi nosso ponto de apoio, consolando Mog, ajudando Jimmy, aconselhando, escrevendo artigos, cutucando a polícia e Deus sabe o que mais. Nós o consideramos parte da família agora. E ele trouxe a nossa Belle para casa. Vamos saudá-lo à maneira de Seven Dials para que ouçam até na França.

As vivas foram longas e tão altas que Belle e Mog cobriram as orelhas com as mãos. Noah parecia constrangido, mas Jimmy e Garth o pegaram, colocaram-no sobre os ombros e participaram da comemoração.

Para Belle, era como o paraíso e o inferno. Embora fosse maravilhoso ver seu retorno criar tanta alegria e Noah receber o reconhecimento que merecia, o que ela realmente queria era

ficar sozinha com Mog, e Jimmy também, para sentar e conversar. Não ficar presa em um bar cheio de fumaça e estranhos fazendo tanta bagunça.

Noah foi colocado no chão, Garth foi para trás do bar servir as bebidas e, de repente, lá estava Jimmy, colocando um braço ao redor de Mog e outro ao redor de Belle.

- Vão para os fundos - ele disse. - Vocês têm dois anos de conversa para colocar em dia.

Mog fez exatamente o que Belle imaginara durante toda a viagem para casa. Ela fez um bule de chá. O barulho do bar era apenas um pouco menor na cozinha, mas ela parecia não notar.

- É tão estranho - Mog disse ao tirar um bolo de frutas de uma lata e colocá-lo em um prato. - Desde que soube que você ia voltar para casa, ensaiei tudo o que diria, pensei em cada

pergunta que queria fazer, mas, agora, você está aqui e não consigo pensar em nada para dizer.

- Está acontecendo o mesmo comigo - Belle admitiu. - Não há nem os objetos familiares de casa aqui para me incentivar.

- Você não gostou? - Mog parecia tão nervosa que Belle não conseguiu segurar a risada.

- É muito melhor - ela respondeu.

Belle falava a verdade. A velha cozinha tinha sido a única casa que conhecera, mas era grande demais para ser confortável e sempre pare-cia escura porque era quase um porão. Estava anoitecendo, mas ainda havia luz entrando pela grande janela em frente à pia e parecia que as paredes cor de limão tinham acabado de ser pintadas. Havia cortinas de xadrez amarelo na janela e uma toalha de

mesa combinando. Perto do fogão, havia um tapete de retalhos e duas cadeiras de espaldar alto com almofadas de *patchwork*. O armário estava repleto de louças bonitas e até as prateleiras que guardavam filas de potes de vidro com tudo, desde farinha até açúcar mascavo e arroz, tinham bordas arredondadas pintadas em amarelo.

Estava claro que era tudo fruto do trabalho de Mog. Belle lembrava que ela estava sempre arrumando a antiga casa, pois era uma dona de casa nata, mas, talvez porque Annie era tão relutante em gastar dinheiro com qualquer coisa que não fosse vista pelos "cavalheiros", Mog só conseguia fazer pequenas melhoras.

- Era um buraco quando cheguei aqui - Mog contou. - Homens que moram sozinhos são bem porcos!

- Conte do incêndio e, o que é mais importante, sobre Garth. Noah disse que vocês vão se casar.

Com isso, o gelo foi quebrado e Mog conversou animada sobre como fora morar lá, limpara a casa e, por fim, apaixonara-se por Garth. Falou também do pedido de casamento.

- Somos muito parecidos - ela comentou com um sorriso amoroso que mostrava o quanto ela estava feliz com ele. - Ou talvez eu deva dizer que nós dois éramos apenas meia pessoa até nos encontrarmos e virarmos uma. Ele não é o idiota mal-humorado que as pessoas diziam e descobri que não sou capacho dos outros como eu pensava. Nunca achei que encontraria o amor, supunha que não era para mulheres como eu.

Belle sentiu um nó na garganta de emoção e perguntou quando seria o casamento.

- Bem, agora que você está em casa, podemos fazer logo que quisermos - Mog afirmou enquanto servia a Belle mais uma xícara de chá; ela já havia oferecido dois tipos de comida, mas Belle não estava com fome. - Acho que eu sabia lá no fundo que você seria encontrada porque eu o adiei. Mas minha felicidade está completa agora que você voltou ao

seu lugar.

- E a Annie? - Belle perguntou. - Noah me contou o que ela anda fazendo e como vocês seguiram caminhos diferentes. Ela sabe que eu voltei?

- Ela sabe que você foi encontrada. Eu avisei, mas não sabíamos quando você ia voltar.

- E?

- Ela ficou muito feliz em saber que você estava a salvo, mas sabe como ela é. Não demonstra nenhuma emoção, não consegue elogiar ninguém ou oferecer compaixão. Eu costumava pensar que, de alguma forma, esse jeito dela era minha culpa, mas, para ser honesta, Belle, não posso mais com isso. Se ela quer se transformar em uma velha amargurada, ela que lide com as consequências. Cansei de correr para resolver os problemas dela e inventar desculpas por ela. Ela sabe onde eu estou e onde você estará. Teremos de ver se ela aparece.

Belle tinha esperado que o fato de ter ficado dois anos longe teria deixado sua mãe menos dura e mais preocupada, mas imaginou que era demais contar com isso.

- Mas quero saber sobre você - Mog disse, mudando de assunto. - Agora, comece desde o início e me conte a história toda. Não deixe de fora partes que acha que vão me chatear.

***

Depois de uma hora e meia, mais duas xícaras de chá e um sanduíche de presunto, Belle finalmente havia chegado ao ponto da história de terror em que Etienne a salvava. Os olhos de Mog ficaram arregalados durante a maior parte do relato e ela tinha chorado diversas vezes.

- Como ainda está tão jovem e adorável? - ela perguntou.

- Tive dez dias em Paris para engordar de novo e para os machucados desaparecerem, com a gentileza de pessoas como Noah, Etienne e Gabrielle para me ajudar a superar o trauma - ela explicou. - E Philippe me mandou uma linda blusa de seda e perfumes franceses antes de eu partir.

- Você foi, sabe, examinada? - Mog perguntou com delicadeza.

Belle sorriu com a hesitação de Mog em dizer "sífilis". Ela parecia uma dona de casa suburbana agora e falava como uma; ninguém iria adivinhar que havia sido empregada em um bordel durante a metade da vida.

- Sim, enquanto eu estava na casa de repouso. Não havia sinal de nenhuma doença, mas o médico alertou que pode demorar algum tempo para os sintomas aparecerem. Mas não vou mais seguir aquele caminho!

Mog corou e Belle riu dela.

- Não podemos fingir que ainda sou uma pequena inocente - ela disse.

- Para mim, você sempre será minha garotinha - Mog afirmou, com o lábio tremendo. - Não suporto pensar no que você passou.

- Está tudo acabado agora. Contar tudo a você foi o último obstáculo. Tenho uma boa quantia em dinheiro e vou abrir uma loja de chapéus. O primeiro chapéu que farei será para o seu casamento.

Jimmy espiou pela porta.

- Se quiserem que eu vá embora, eu vou - ele disse.

- É claro que não queremos - Belle falou. - Entre e junte-se a nós. Ainda há muita gente no bar? Está bem mais silencioso.

- A maioria já se arrastou para casa agora - Jimmy relatou. - Garth disse que vai fechar

logo. Noah saiu já há algum tempo. Ele pediu para avisar que tinha de escrever uma carta.

Belle sorriu com a informação e contou sobre Lisette para Mog e Jimmy.

- Espero que ela venha para a Inglaterra, ele gosta bastante dela. Ela merece uma vida melhor; é uma mulher boa e gentil e muito bonita também.

Ela podia ver que Jimmy queria ouvir a história toda, mas sabia que teria de contar a versão censurada e precisaria de um ou dois dias para planejá-la. E ela, de repente, sentiu-se muito cansada, a viagem e toda a animação tinham drenado suas energias.

- Posso ir para a cama agora? - ela pediu. - Eu gostaria de ficar e conversar mais, mas estou muito cansada.

- É claro - Jimmy disse. - Saber que você estará segura lá em cima é o suficiente para Mog e eu. Conversaremos amanhã.

Capítulo 36

O inspetor de polícia Todd, com sua visão apurada e seus dentes escurecidos, e o policial já estavam saindo do Ram's Head após conversarem com Belle quando Todd virou-se para ela.

- Obrigado pela ajuda valorosa, senhorita Cooper - ele disse, bruscamente. - Colocaremos os dois homens sob custódia até a tarde de hoje. Estamos vigiando os dois desde que o senhor Bayliss nos avisou que você havia sido encontrada.

Belle engasgou com o choque da surpresa. Os dois agentes a interrogaram por mais de uma hora, mas como se ela fosse uma criminosa e não vítima. Ela não entendeu por que não tinham dado essa informação desde o início.

Todd a fez explicar cada detalhe do que ocorrera no quarto de Millie, na casa de Annie, e a interrompiam com mais perguntas, como se quisessem surpreendê-la em uma mentira. Em certo momento, até insinuou que ela havia se escondido sob a cama por outro motivo, e não porque estava assustada de ser flagrada no quarto. Era claro que ele não acreditava que ela não entendia o que aconteceu lá.

Quando ele pediu que ela contasse sobre o sequestro, ficou com uma expressão cínica, como se pensasse que ela entrara na carruagem com dois estranhos para viver uma aventura. Foi apenas quando ela chegou à parte do que tinha acontecido na casa da Madame Sondheim, e começou a chorar, que ele amoleceu um pouco.

Todd tinha mostrado uma longa lista de nomes de outras garotas e perguntado se ela conhecera alguma ou sabia algo sobre elas. Alguns

dos nomes, Noah havia mencionado, mas Belle não sabia nada sobre elas. O inspetor pareceu não acreditar nisso também.

Belle ficou bastante tentada a dizer ao inspetor Todd o que pensava a respeito dele, mas mordeu a língua para não soltar uma resposta grosseira.

- Que inteligente da sua parte - ela disse e disfarçou o sarcasmo com um sorriso largo.

- Vamos precisar que você faça uma identificação formal dos dois homens quando os prendermos - Todd avisou, claramente imune ao sarcasmo. - E, depois que seu depoimento for escrito, pediremos que leia e assine. Enquanto isso, devo dizer que estou muito feliz por você ter sido encontrada em Paris e trazida de volta para sua família e seus amigos.

Belle entrou novamente após os policiais irem embora e encontrou Jimmy esperando na cozinha com uma expressão de ansiedade no rosto.

- Foi tudo bem? - ele perguntou.

- Eu posso entender por que a maioria das pessoas daqui não quer ajudar a polícia e nem pedir auxílio a ela. Os policiais ficaram sem agir por dois anos e, quando eu por fim volto, sem nenhuma ajuda deles, me tratam como se eu fosse mentirosa - ela reclamou. - Esse homem, Todd, tem a sensibilidade de uma barata. Porém, ele acabou dizendo que vão prender Kent e Sly hoje. Vamos esperar que consigam mesmo.

Jimmy olhou-a com compaixão.

- Dizem que ninguém vai proteger o Kent agora, nem se ele tentar subornar - ele

afirmou. - Não apenas por causa da Millie ou pelo seu sequestro, mas pelas condições de moradia terríveis que ele impõe aos seus inquilinos, pelas outras garotas desaparecidas e pela violência com que trata qualquer um que fique no seu caminho. Ele não está mais nos dias de glória. Até os homens que já foram seus aliados mais leais o abandonaram. Será enforcado, com certeza. E, se o Sly fizer jus ao que quer dizer seu apelido, ardiloso, vai abrir a boca para salvar o próprio pescoço.

- Espero apenas que as outras garotas sejam encontradas e trazidas para casa - Belle comentou. - Mas suponho que a maioria delas agora já passou do ponto em que poderiam ser salvas.

Ela se jogou em uma cadeira sentindo-se completamente desanimada.

- O tio Garth disse que eu poderia tirar o resto do dia de folga. Ele imaginou que você ficaria um pouco triste e sugeriu que eu a levasse para passear e animá-la - Jimmy contou. - Você quer ir?

- Seria ótimo - ela respondeu cheia de gratidão.

Belle não queria passar o restante do dia dentro de casa remoendo o quanto a polícia tinha sido injusta com ela ou pensando no destino das outras meninas.

- O dia está com um sol tão bonito. Poderíamos pegar um barco para Greenwich, ou ir para Hampstead Health ou até os Jardins de Kew.

- Eu gostaria de ir para Greenwich - ela disse.

O rosto de Jimmy iluminou-se e ele avisou que iria subir e trocar de roupa porque ficara trabalhando na adega mais cedo.

Belle ficou na cozinha e lavou as xícaras de chá. Mog havia ido ao mercado comprar legumes e verduras e ela podia ver Garth pela janela empilhando barris e engradados vazios no quintal dos fundos para serem recolhidos. Sair com Jimmy era a maneira ideal de conversar com ele sobre tudo; ela sabia que não tinha sido justa com ele até então, evitando fazer isso.

No dia anterior, ela acordara tarde e, depois, Mog a tinha ocupado pelo restante do dia, levando-a a uma modista para fazer um vestido de casamento. Belle poderia ter voltado para casa depois e falado com Jimmy, mas, em vez disso, incentivou Mog a passar a tarde fazendo compras na Regent Street. À noite, Jimmy

ficou trabalhando no bar e eles tiveram apenas conversas curtas e rápidas.

O que deixava a missão de falar com Jimmy ainda mais difícil era que Mog e Garth obviamente tinham grandes expectativas para os dois. Ela podia ver evidências disso por toda parte. Um quarto no último andar havia sido preparado para ela com um bonito papel de parede de flores, cortinas de babados e o tipo de cama de casal nova com uma cabeceira bonita decorada que um casal recém-casado poderia escolher. O quarto ao lado não tinha móveis e Belle tinha certeza de que o motivo era ter sido escolhido como sala de estar para ela e Jimmy se os dois se casassem.

Embora ela soubesse que esse tipo de suposições e planos eram comuns em famílias que tinham dois jovens considerados ideais um para o outro, ela os achava opressivos e irreais. Belle gostava bastante de Jimmy; ele

tinha todas as qualidades que qualquer garota procuraria em um marido. Na verdade, se ela não tivesse sido sequestrada tão nova, não tinha dúvidas de que eles teriam namorado e poderiam até já estar casados.

Porém, Mog e Garth não estavam levando em consideração que ela não era mais uma garota comum e inocente e que suas experiências haviam criado um grande abismo entre Jimmy e ela. Ela achava que Mog e Garth deviam ser capazes de perceber isso, mas, como eles tinham encontrado o amor, tinham uma ideia bastante doce, mas potencialmente perigosa, de que a devoção de Jimmy por Belle poderia apagar o passado dela.

Belle deu o braço a Jimmy enquanto eles andavam pela Villiers Street em direção ao Aterro do Tâmisa para pegarem um barco mais tarde naquela manhã.

- Lembra-se daquele dia em que viemos correndo para cá na neve? - ele disse.

- Eu costumava pensar sempre nisso quando as coisas estavam ruins - ela admitiu. - É tão estranho nos vermos tão adultos agora. Nós dois mudamos muito em dois anos.

- Eu não acho que eu tenha mudado - ele comentou, sorrindo para ela. - Cresci alguns centímetros, ganhei um pouco de músculo, mas isso é tudo.

- Não, há mais do que isso - ela afirmou. - Você é um homem agora, conquistou confiança em si mesmo. Você ainda era um menino sofrendo a morte da mãe quando eu o conheci.

Ele fez uma careta.

- Você faz parecer que eu era um bobo sentimental.

Belle riu.

- Eu não quis dizer isso. Eu era bem boba e sentimental também. Não sabia nada na época, nunca tinha saído de Seven Dials.

Eles continuaram a conversar ao entrarem na longa fila para um barco até Greenwich. O humor de Belle estava melhorando porque Jimmy não estava tentando fazê-la contar sobre os dois anos em que estivera desaparecida. Ele estava contando histórias sobre os vizinhos - de alguns deles ela se lembrava e de outros, não -, mas os relatos eram engraçados. Jimmy era um bom narrador, descritivo, mas caindo no cinismo se tivesse estudado as pessoas de quem falava com bastante atenção. Belle percebeu que estava rindo com facilidade e, quando eles entraram no barco e encontraram assentos na proa, ela estava feliz por terem saído e muito à vontade com ele.

Havia uma grande mistura de pessoas no barco: casais jovens como eles, famílias, idosos e um bom número de estrangeiros de férias na Inglaterra. O sol estava bem quente e fazia o rio brilhar, e todos estavam alegres e simpáticos diante da perspectiva de um dia agradável.

- Sempre quis que Mog me trouxesse a um destes barcos - Belle confessou enquanto a tripulação afastava o barco do píer e ele começava a descer o rio. - Eu costumava pensar que ela era malvada por não me trazer, mas acho que Annie nunca a deixou ter um dia inteiro de folga.

- Ela me contou certa vez que pediu a Annie para vocês duas tirarem umas férias curtas na praia - Jimmy falou. - Annie não deixou. Mog disse que achou, na época, que sua mãe estava apenas sendo cruel, mas, mais tarde, ela percebeu que ela tinha ciúmes da ligação entre vocês.

- Não sei por que Mog não foi embora, Annie era tão má com ela às vezes - Belle comentou, pensativa.

- Por causa de você, é claro - Jimmy concluiu. - Mas também acho que ela era muito apegada a Annie. Ela me disse que a mulher que era dona da casa antes sempre implicava com ela, mas Annie a defendia. Mog não é do tipo que abandona quem foi bom para ela.

- Acho que ela não tem muita ideia do seu próprio valor, embora tenha sido a responsável por manter tudo nos trilhos - Belle argumentou. - Conte como foi que elas se afastaram. Annie não quis Mog em sua pensão?

- Annie simplesmente fez planos para ela mesma - Jimmy afirmou. - Na época, achei muito ruim da parte dela, ela não parecia se importar nem um pouco com Mog, mas, no final das contas, foi o melhor.

- Imagino quando vai se dignificar a vir me ver. Ou você acha que ela espera que eu vá vê-la?

Jimmy encolheu os ombros.

- Ela é uma mulher difícil de decifrar. Nunca disse isso a ninguém, mas fui visitá-la quando Noah descobriu que você havia sido levada para a América. Além de dar a notícia, acho que eu queria apenas conhecê-la melhor, mas ela foi muito seca comigo. Disse que, onde quer que você estivesse, com certeza poderia ter escrito para ela. Bem, eu disse a ela que você podia ter feito isso, mas, como a velha casa havia sido incendiada, a carta nunca seria entregue.

- Eu enviei um cartão de Nova york - Belle contou. - Nunca pensei que elas poderiam não estar lá. Eu costumava pensar nelas em Jake's Court, Mog pendurando a roupa lavada, minha mãe sentada à mesa da cozinha jantando com

as garotas. E você também, é claro, fazendo tarefas para seu tio. Pensei em escrever uma carta de verdade quando estava em New Orleans, mas não fiz isso porque pensei que seria mais difícil para Mog e Annie saberem a verdade sobre o que acontecera comigo.

- Eu entendo - Jimmy disse -, mas não consegui compreender a atitude de Annie, ela me deixou irritado. Virou a história do avesso para falar que ela era a prejudicada. Eu disse isso e ela me mandou embora.

Jimmy continuou contando a Belle todas as tentativas feitas para encontrá-la. Ela sorriu quando ele descreveu a invasão ao escritório de Kent e à casa dele em Charing.

- Você não achou aquela casa estranha? - ela perguntou. - Eu vi apenas o hall e a sala de estar, mas ela era tão bonita, não é o tipo de

casa onde se espera que um monstro como ele more.

- Eu pensei a mesma coisa. Fico me perguntando se um dia descobriremos o porquê disso - Jimmy disse, pensativo. - Ele poderia mesmo estar planejando levar Millie para lá? Belle teve uma visão de Millie trancada em um quarto e estremeceu.

- Não vamos falar sobre isso, faz com que eu pense em Pascal. Acho que ele e Kent são iguais.

- Prometo que, um dia, você vai acordar e ver que ganhou alguma coisa com suas experiências, por mais horríveis que os últimos dois anos tenham sido para você - ele afirmou.

Belle ergueu as sobrancelhas, perplexa.

- É tão improvável quanto eu descobrir que sou, na verdade, filha bastarda do Rei Eduardo - ela comentou, rindo.

Jimmy sorriu.

- Bem, foi assim comigo. Fiquei muito triste quando você desapareceu. Você era minha única amiga e, de repente, foi embora. Porém, por milagre, minha vida melhorou por causa desse fato. Mog veio morar conosco depois do incêndio, meu tio ficou muito mais feliz com ela por perto e tentar encontrá-la deu a todos nós um novo objetivo e nos uniu. Até o bar está rendendo mais por causa disso.

- Sim, eu vejo como sua vida melhorou - ela disse. - Mas acho que nunca chegarei ao ponto de dizer que fico feliz por ter sido vendida para a prostituição.

- Não, isso não, mas com essa tragédia vieram outras coisas. Só posso reconhecê-las quando olho para trás. Foi horrível ver o sofrimento de Mog, eu fiquei fora de mim por causa da preocupação também. Foram tempos sombrios e horríveis. Ainda assim, sem eles, eu teria passado a gostar do meu tio e respeitá-lo? Acho que não. Ganhei a Mog, que eu adoro, e achei um amigo de primeira, o Noah. Em troca, eles confiaram em mim e eu me saí bem cuidando do *pub*. Agora sinto que tenho uma família de verdade e um futuro. E não sou apenas eu, veja como Mog está feliz agora, e o tio Garth. Três pessoas cujas vidas mudaram para melhor.

- Então suponho que terei de olhar para o passado e ver se consigo achar alguma coisa que eu tenha ganhado - ela sugeriu.

- Ainda é cedo para isso. Você ainda está lidando com a perda da inocência, com as

pessoas que a machucaram. Porém, aposto que há pessoas que ficaram felizes em conhecê-la e coisas que você viu e mudaram sua forma de pensar. Um dia, você vai acordar como eu e ficar feliz por isso.

- Talvez - ela disse.

A única pessoa que ela estava realmente feliz por ter conhecido era Etienne, mas não podia dizer e, assim, mudou para um assunto mais leve.

Belle achou o distrito de Greenwich encantador com suas casas pequenas, antigas e singulares e os *pubs* perto da margem do rio, além das elegantes casas georgianas mais à frente. Ela achou que o Royal Hospital School e o Naval College eram esplêndidos com gramados tão verdes e exuberantes diante deles. Após comer uma torta de carne com purê de batatas em uma barraca à margem do rio, eles subiram o

morro para ver o Observatório e sentaram-se em um banco para aproveitar a vista do rio.

- Henrique VIII nasceu aqui no palácio - Jimmy contou; ele sempre parecia saber muito sobre história. - Foi queimado, no entanto. E onde agora está o Observatório ficava o Castelo de Greenwich, onde moravam as amantes dele. Deveria formar uma cena linda quando os reis e rainhas navegavam rio acima nas barcaças reais. É estranho pensar que o tempo é medido a partir deste lugar, e também a longitude, para que as pessoas possam navegar por todo o mundo.

- Você quer continuar cuidando do Ram's Head ou tem outros planos? - Belle perguntou.

Eles já tinham conversado sobre muitos assuntos. Jimmy contou sobre o funeral do Rei Eduardo e a coroação de Jorge V um ano depois, quando eles ficaram acordados a noite

toda para conseguir um bom lugar e ver a procissão real passar. Ele explicou o que as sufragistas fizeram durante a ausência dela, quantas delas foram alimentadas à força na prisão e como uma morreu quando se jogou embaixo do cavalo do rei na pista de corrida de Epsom. Ele disse que Mog e Garth tinham discussões acaloradas sobre o tema. Mog as admirava, mas Garth achava que elas tinham de ficar em casa, cuidar da família e deixar a política e as eleições para os homens.

Eles discutiram o naufrágio do Titanic na viagem de estreia também, que acontecera em 15 de abril, enquanto Belle ainda estava se recuperando na casa de repouso em Paris. Noah contara que 1.500 pessoas haviam morrido quando o navio bateu em um *iceberg*, mas, talvez por achar que poderia chateá-la, não deu muito mais informações, e ela não conseguia ler os relatos da tragédia nos jornais franceses. No entanto, Jimmy sabia toda a

história e relatou com tantos detalhes que alguém poderia pensar que ele estava no navio.

Belle reparou que, embora Jimmy falasse bastante de assuntos atuais, vizinhos e Mog e Garth, não havia respondido a pergunta dela sobre trabalho. Assim, ela perguntou de novo.

- Acho que, quando o tio Garth e Mog se casarem, eles terão muita vontade de sair do centro de Londres - Jimmy respondeu. - Eu acho que posso ficar e administrar o *pub* sozinho, mas não quero. Nós fomos passar um dia em Blackheath, na Páscoa, um pouco antes de sabermos que você havia sido encontrada. Eles não falavam de outra coisa além de encontrar um *pub* lá, mas isso foi esquecido desde que você voltou.

- Onde fica Blackheath? - Belle quis saber.

Jimmy apontou para trás dela.

- Do outro lado do Greenwich Park. A estrada para Dover passa por lá e, com tantas pessoas comprando carros a motor, será um bom lugar a escolher. E estão construindo várias casas naquela direção também. Se Garth encontrar o *pub* certo, eles poderão ter quartos para alugar também. Acho uma ideia brilhante. O lugar é adorável, com lago e uma feira quando estávamos lá. As pessoas jogam críquete lá no verão e a vila é muito bonita.

- Parece que você quer mesmo ir para lá - Belle observou. - Seria um bom lugar para uma loja de chapéus?

Ela havia contado a Jimmy e Mog que aprendera a fazer chapéus enquanto estava na América e que queria abrir uma loja de chapéus, porém, com toda a agitação do retorno dela e do interrogatório da polícia, eles não tinham reagido à ideia.

- Seria ideal - Jimmy comentou. - É bem o estilo da vila, de classe média com vários homens que trabalham na cidade e esposas que se orgulham de serem modernas e bem vestidas.

Belle sentiu uma onda de emoção com a ideia de recomeçar a vida onde ninguém a conhecia. Porém, quase imediatamente, ficou desanimada porque, como testemunha principal em um julgamento de homicídio, sua história a seguiria.

- O que foi? - ele perguntou quando a expressão dela mudou.

Ela explicou.

- As pessoas não guardam esses fatos por muito tempo na memória - ele disse para acalmá-la. - Usam o jornal velho para acender o fogo e é isso, acabou. São apenas os amigos próximos e

a família que acham difícil esquecer. Entretanto, você poderia mudar de nome e, assim, ninguém faria a ligação.

Belle pensou nisso por um tempo.

- Não consigo me imaginar como outra pessoa que não Belle Cooper - ela acabou dizendo.

- Poderia ser Belle Reilly se nós nos casássemos.

Belle tinha medo de ele a pressionar de alguma maneira, mas, a maneira relaxada como ele falou a fez rir.

- Uma garota deve concordar em se casar com alguém por razões muito mais profundas do que a troca de nome - ela garantiu.

- É verdade - ele disse com o mesmo tom de leveza. - Porém, se todos nós nos mudássemos

para Blackheath, um lugar extremamente respeitável, eu teria de fingir ser seu irmão para que as pessoas não comentassem. E ficaria muito complicado. Seria muito mais fácil apresentá-la como esposa. E mais fácil para você conseguir uma loja; os proprietários têm preconceito contra mulheres sozinhas que querem alugar imóveis.

Belle pensou que deveria ficar nervosa com o rumo que a conversa estava tomando, mas não ficou. Tudo o que ele dizia era verdade.

- Eu digo marido e mulher apenas no nome - ele acrescentou, rapidamente, antes que ela sequer pensasse em como responder. - Eu sei que, depois do que você passou, a última coisa que iria querer seria outro homem assumindo o controle da sua vida.

Ela sentiu a sinceridade completa dele e ficou muito emocionada.

- Não seria justo com você, Jimmy - ela disse em voz baixa.

- Você quer dizer se você não quiser dividir a cama comigo? - ele perguntou, sem rodeios.

- Bem, sim, e por eu não gostar de você desse jeito - ela continuou, constrangida. - Eu gosto muito de você, Jimmy, confio em você também e podemos ser melhores amigos, mas... - Ela parou, sem saber como finalizar.

- Ouça - ele falou, segurando uma das mãos dela -, eu fiz uma sugestão, nada mais. Tudo o que quero de verdade é que você se recupere do que passou. Quero ser seu amigo e apoiá-la no que decidir fazer.

Ela olhou nos olhos dourados dele e viu exatamente o que vira quando o conheceu: honestidade.

Eles caminharam pelo Greenwich Park até os portões de ferro no fim dele e Jimmy disse a Belle que a vastidão de grama à frente deles era Blackheath. Havia alguns barcos para crianças no lago, garotos em uniformes de marinheiros e garotas com vestidos bonitos, observadas pelas mães, algumas com carrinhos de bebê, sentadas em bancos.

Para além de lá, Belle podia ver uma igreja com uma torre. A cena era tão diferente de Seven Dials que ela sentiu um nó na garganta.

- Minha mãe me trouxe aqui quando eu era do tamanho daquele garoto - Jimmy contou e apontou para um menino de cerca de 7 anos. - Ela nunca disse nada, mas eu sentia que ela desejava viver em um lugar assim e eu poderia andar de barco em vez de brincar na rua. Ela tinha de trabalhar duro para nos sustentar, mas nunca reclamou.

- É por isso que você gostaria de viver aqui? - Belle questionou.

- Acho que sim. Bem, em parte. Eu gostaria de ter filhos um dia e trazê-los para cá para andar de barco e jogar críquete. Porém, o principal é que eu gostaria de viver em um lugar com muito espaço como esse, acordar de manhã e ouvir pássaros cantando e apenas ser feliz.

- Acho que é uma ambição adorável - Belle elogiou e percebeu que ela partilhava desse desejo.

Nos dias seguintes, enquanto ajudava Mog com as tarefas, Belle muitas vezes se pegou pensando em Blackheath banhada pelo sol, no lago e nos barcos. Ela já havia percebido que seria arriscado tentar abrir uma loja de chapéus perto de Seven Dials, pois já havia muitos lugares para comprar chapéus na Oxford Street e na Regent Street. Blackheath

parecia perfeita e pensar na loja desviou os pensamentos de Belle das lembranças do que ela vivera nos dois anos anteriores e do que o futuro imediato reservava para ela assim que Kent e Sly fossem presos.

No entanto, até aquele momento, a polícia não tinha conseguido pegar os dois e, a cada dia, Belle ficava mais tensa. Ela sabia que era perfeitamente possível que, se Kent já soubesse que ela voltara à Inglaterra, ele a procurasse e matasse. Ela sabia que isso passava pela cabeça de Garth e Jimmy também por causa da maneira vigilante como eles trancavam o bar à noite e insistiam que ela não saísse sozinha.

Jimmy ficava ocupado pela maior parte dos dias e noites, mas, quando o bar era fechado, ele e Belle sentavam-se ao lado do fogão e conversavam. Pouco a pouco, Belle contou a ele sobre New Orleans, Faldo e a ida para

Marseille. No início, ela censurou a história, contando apenas as partes boas, ou contava como se ela tivesse sido uma mera espectadora. Porém, gradualmente, ela percebeu que ele não ficava chocado com facilidade e contou o que acontecera de verdade.

- Esse rapaz entende muitas coisas - Mog observou no dia em que Jimmy acompanhou Belle à delegacia de Bow Street para ler e assinar seu depoimento. - Acho que trabalhar no bar permitiu que ele ouvisse todo tipo de histórias. Vivendo aqui não se fica inocente por muito tempo. Mas ele não faz julgamento, acho que é o que mais gosto nele.

Belle tinha de concordar. Ela até provocou Jimmy dizendo que ele seria um bom padre.

- Eu seria bom para ouvir as confissões - ele riu. - Mas não aguentaria tanta reza e tal.

Belle perguntou-se se por "tal" ele queria dizer celibato. Ela sabia que Jimmy havia saído com algumas garotas enquanto ela estivera fora, mas suspeitava que ele ainda fosse virgem. A proposta dele continuava no fundo da mente de Belle, voltando-lhe à lembrança nos momentos mais estranhos. Ela pensava que seria a coisa mais fácil do mundo aceitar a ideia; em um só golpe, ela deixaria todo mundo feliz, até ela mesma, de diversas formas, já que, a cada dia, gostava mais dele. Porém, enquanto ela ainda pensasse em Etienne e esperasse, por mais improvável que fosse, que ele aparecesse para buscá-la, não era justo encorajar Jimmy e deixá-lo pensar que ela mudaria de ideia.

No entanto, Etienne não tinha enviado nenhuma carta. Belle já estava de volta a Londres fazia duas semanas e, apesar de dizer a si mesma que correspondências vindas da França poderiam levar ainda mais tempo para

chegarem, ela sentia que não havia nenhuma carta a caminho.

Garth não permitia a presença de mulheres no *pub*. Essa atitude não era incomum; exceto pelos bares de hotéis, ou tavernas perto de teatros, a maioria dos proprietários fazia o mesmo. Mog às vezes ajudava a servir durante a hora do almoço, mas nunca à noite, e Garth referia-se às mulheres que tentavam entrar como "damas da noite" e proibia a entrada delas.

O eufemismo não era muito adequado, pois, em Seven Dials, elas não esperavam a noite, ficavam nas esquinas desde as nove da manhã. Elas passaram toda a infância de Belle nas esquinas e, ainda assim, Belle mal reparara nelas. Mas ela reparava agora e sentia muita pena delas: sujas, envelhecidas, algumas com os seios enrugados quase descobertos, cabelos sem lavar por dias e magras porque escolhiam

comprar gim barato em vez de comida para desfrutarem o esquecimento trazido pela bebida.

Assim, quando Belle e Mog ouviram vozes femininas estridentes vindas do bar certa noite enquanto estavam sentadas na cozinha, Belle levantou os olhos do seu bloco de desenho surpresa.

- O que está acontecendo lá? - ela perguntou.

Mog largou a costura e olhou pela janela.

- Bem, não está chovendo, que é quando elas geralmente tentam forçar Garth a deixá-las entrar. Eu vou ver.

Ela foi apenas até a porta que levava ao bar, abriu-a e espiou.

- Jimmy! - chamou. - O que está acontecendo?

Belle não ouviu a resposta, mas Mog voltou e sentou-se.

- Ele disse que virá em um minuto para explicar. Mas há uma multidão de garotas lá, parecem ser da casa de Pearl e Garth serviu bebidas para todas. Algo deve ter acontecido.

A casa de Pearl era um bordel a algumas ruas dali. Mog a havia mencionado um ou dois dias atrás porque diziam pertencer a Kent.

- Talvez a polícia a tenha invadido procurando por Kent - Belle sugeriu.

- Se fosse isso, com certeza teriam levado todas as garotas para a delegacia - Mog concluiu e franziu as sobrancelhas, ansiosa.

Era frustrante ouvir o volume das vozes aumentar e não saber o que estava acontecendo. Mog foi até a porta várias vezes para

escutar, mas não conseguia entender nada que estava sendo dito. Depois, elas ouviram a campainha soar para avisar a todos que deveriam terminar as bebidas, pois o bar seria fechado e, aos poucos, o barulho diminuiu e as pessoas começaram a ir embora.

Por fim, Garth apareceu. Ele estava sério.

- O que aconteceu? - Mog perguntou, indo até ele e colocando os braços em torno da cintura dele.

- A polícia invadiu a casa de Pearl - ele contou. - Kent estava lá, mas ele tinha uma arma, atirou em um dos policiais e saiu correndo pela janela dos fundos. Toda a região está em polvorosa. As garotas vieram até aqui me avisar por causa de Belle.

Capítulo 37

Belle ficou revirando-se a noite toda, atenta para a presença de Mog na cama ao lado dela e o fato de que Jimmy e Garth estavam revezando a vigilância no andar de baixo.

Jimmy tinha observado, antes de se deitar, que, depois de atirar em um policial, não haveria motivo para Kent querer matar Belle também, pois ele seria enforcado mesmo que ela não fosse testemunha dos seus crimes. Garth dissera que Kent estaria muito mais preocupado em sair do país, e o raciocínio dos dois era lógico. Porém, Belle achava que a lógica não funcionava com homens como Kent e Pascal.

Eles haviam olhado pela janela do quarto antes de irem dormir e visto dois policiais patrulharem a Monmouth Street. Mog comentara que muitos mais estariam por toda parte em Seven

Dials e observou o quanto a região estava silenciosa, nenhum dos bêbados ou das prostitutas de costume vagava pelas ruas.

Belle deve ter pegado no sono em algum momento, pois acordou assustada com alguém batendo na porta do andar de baixo e viu que era dia.

Mog pulou da cama como um gato escaldado e colocou um xale sobre os ombros.

- Fique aqui - ela ordenou a Belle. - Vou descer para ver se Jimmy ou Garth vai atender a porta.

Belle olhou para o relógio e viu que eram seis e meia. Como sabia que não seria capaz de dormir de novo, levantou-se e vestiu-se.

Mog voltou para o quarto.

- É o Noah - ela avisou. - Jimmy deixou-o entrar.

Belle correu escada abaixo e encontrou Jimmy completamente vestido na cozinha com Noah, e Garth usava apenas as calças e o colete, bocejando sonolento.

- Noah esteve na delegacia para saber as notícias mais recentes - Jimmy informou.

Belle colocou a chaleira no fogo. Às vezes pensava que estava se transformando em Mog, que sempre fazia isso durante uma crise.

- Desculpem-me por vir tão cedo, mas achei que gostariam de saber. Sly foi preso na tarde de ontem - Noah contou. - Achou que falou tudo o que sabia, porque é a única forma de a polícia ter ficado sabendo que Kent iria à casa de Pearl ontem à noite cobrar o aluguel. Por que não o pegaram antes de ele entrar lá é um

mistério, aqueles idiotas. De qualquer maneira, os policiais entraram na casa como se fossem uma cavalaria. Para ser justo com eles, acho que não esperavam encontrar Kent com uma arma. Ele estava em um quarto no andar superior, que aparentemente usa como escritório. Ouviu o barulho, tentou sair pela janela e quando o guarda entrou, atirou nele.

- Ele está morto?

- Como uma pedra - Noah disse, sério. - Um jovem com três filhos pequenos. Vocês podem imaginar a confusão. Dizem que o lugar é como uma toca de coelho, cheio de passagens estreitas e quartos pequenos. Somem a isso todas as garotas gritando, os homens tentando se vestir e sair antes de a polícia questioná-los... Deve ter sido um caos. Kent conseguiu sair por uma janela e pular para o telhado. De lá, parece que ele andou pela rua toda e escapou

da polícia, que estava do lado de fora da casa de Pearl.

- Então ele ainda está à solta? - Belle perguntou nervosa.

- Sim, mas está acontecendo uma grande caçada. Todos os policiais de Londres estão nas ruas; não há nada que os motive tanto quanto a perda de um dos seus.

- Se sabiam que Kent era dono da casa de Pearl, por que não ficaram à espreita antes? - Jimmy quis saber.

- Não acho que sabiam. Pearl foi presa. Ouso dizer que ela estava assustada demais para denunciá-lo.

Mog havia entrado na cozinha, estava pálida de medo.

- Para onde foram todas as garotas da Pearl? - ela perguntou.

Noah encolheu os ombros.

- Não faço ideia, mas, quando passei por lá, vi que a polícia isolou o lugar. Se as garotas forem espertas, ficarão afastadas por um tempo.

- É a casa delas, Noah - Belle o fez lembrar, enquanto pensava no dia em que Millie fora assassinada: muita histeria e medo, mas, pelo menos, as garotas puderam ficar na casa. - Todos os pertences delas estão lá e a maioria não tem outro lugar para ir.

- Acha que deveríamos sair daqui? - Mog perguntou.

Garth olhou para ela, viu o quanto estava assustada, aproximou-se e abraçou-a em um gesto protetor.

- Eu não poderia sair daqui nem se quisesse - ele afirmou. - O lugar seria invadido assim que virássemos a esquina, e não deixarei que você e Belle fiquem longe da minha supervisão. Mas Kent não ousará entrar aqui. Ele não é tolo, ou teria sido pego há dias. Assim, vamos ficar, viver normalmente e apenas manter a vigilância.

- Vamos nos sentar e tomar o café da manhã - disse Belle.

Ela tirou a frigideira do gancho, sabendo que isso incentivaria Mog a arrumar a mesa.

Cerca de quinze minutos depois, todos estavam sentados à mesa comendo bacon e ovos e tudo estava calmo novamente.

- Eu quis vir na noite passada - Noah contou ao pegar mais um pedaço de pão. - Recebemos um telegrama ontem no escritório vindo de

Paris, dizendo que a polícia encontrou o corpo da outra garota. Mas fiquei por lá até tão tarde escrevendo uma matéria a respeito que ficou tarde demais para ligar para vocês.

- Ela estava enterrada no jardim de Pascal? - Belle perguntou; ela podia sentir arrepios por todo o corpo.

- Não, cavaram tudo e não encontraram nada. Estava em um terreno baldio atrás da Basílica de Sacré-Coeur. Um trabalhador a encontrou quando estavam nivelando o terreno para pavimentá-lo. Ela foi identificada pelo colar que a avó lhe dera de presente.

- Como ela morreu? - Garth questionou.

- Precisamos falar disso enquanto comemos? - Mog disse com a voz trêmula.

Noah desculpou-se, mas continuou o relato e disse que a garota havia sido estrangulada.

- Mas podem provar que Pascal é o culpado? - Belle indagou.

- Acharam algumas peças de roupa dela na casa dele - Noah contou. - Eram as que ela usava na noite do seu desaparecimento. Parece ser o bastante para condená-lo.

- Se eu fosse policial, bateria nele até que confessasse - Garth afirmou num tom sombrio.

- Não seria surpresa se já tivessem feito isso - Noah comentou com um sorriso torto. - O julgamento dele será marcado logo. Irei para Paris cobri-lo.

- Eu terei de ir também? - Belle perguntou.

- Duvido muito. Philippe disse, quando estávamos lá, que seu depoimento era o suficiente para eles. Prenderam Madame Sondheim também. Talvez precisem de você para o julgamento dela, mas ainda vai demorar. Ainda estão reunindo mais evidências sobre os crimes dela e, é claro, de outros nesse esquema.

- E a Lisette? - Belle lembrou. - Ela vai depor?

- Você poderá perguntar pessoalmente, ela está vindo para cá - Noah informou, abrindo um grande sorriso e com a animação brilhando em seus olhos. - Recebi uma carta dela há dois dias. Ela e o filho estavam na Normandia com a tia dela e chegarão a Dover em uma semana. Hoje vou olhar um lugar para ela morar. É perto de onde eu moro.

- Etienne vai ficar sabendo de tudo isso?

Belle tinha de perguntar sobre ele. Ela sentiu que Jimmy a olhava e esperava que ele não tivesse percebido sua ansiedade e descoberto que tinha um rival.

- Ele pode não ter ficado sabendo do corpo perto da igreja, mas saberá da Madame Sondheim. Parece que ele ajudou muito a polícia francesa. Ele é um homem corajoso, e marcado também. Fiquei impressionado com a missão dele de conter o cruel comércio de meninas e acho que faz tempo que deixou de se preocupar com a própria segurança.

Belle esperava que Jimmy fizesse alguma observação maldosa, mas ele não fez. E subiu mais um degrau na estima dela.

Mais tarde, quando o bar foi fechado, Jimmy contou que todas as conversas haviam girado em torno do tiro de Kent no policial.

- Todos dão a entender que conhecem Kent muito bem - Jimmy criticou. - Mas, quando estávamos tentando encontrá-lo dois anos atrás, nenhum desses babacas covardes sabia nada sobre ele.

Belle apenas riu. Ela achou engraçado ver o calmo Jimmy esquentar tanto.

- Duvido que o conheçam, mas as pessoas são assim. Eu aposto que metade da população de Londres alega ter um parente ou amigo que estava no Titanic também.

Jimmy concordou com ela.

- Quando a notícia chegou, foi tudo o que ouvi. Aposto que, quando Jack, o Estripador estava em ação, havia centenas de garotas que juravam ter escapado das garras dele também.

- A polícia ainda está patrulhando a rua? - Belle perguntou.

Garth a havia proibido de colocar o nariz para fora do bar.

- Sim, está por toda parte e as pessoas estão até reclamando. Os donos de lojas dizem que isso impede as pessoas de fazerem compras, as garotas da rua não podem arranjar clientes e os trombadinhas não têm carteiras para roubar.

- O *pub* está com menos fregueses?

- Não, é engraçado, estamos mais lotados do que nunca. Até recebemos algumas pessoas que não moram por aqui.

- Ficamos com uma onda de trabalho extra na casa da Annie quando a Rainha Vitória morreu - Mog comentou, maliciosa. - Agora, diga-me por

que haveria uma onda de luxúria com a morte de um monarca?

Os três começaram a rir e, depois que começarem, não conseguiram parar. Para Belle era especialmente engraçado porque podia imaginar as frenéticas cenas entre quatro paredes no bordel. Ela não sabia o que Jimmy achava tão divertido.

Porém, dar uma boa gargalhada fez todos se sentirem melhor.

Desde que voltara a Londres, Belle assumira a responsabilidade de limpar o bar todas as manhãs, deixando Mog para fazer as outras tarefas. Uma das vantagens do trabalho era que ela sempre pegava a correspondência. Sabia que Jimmy poderia ficar chateado se ela recebesse uma carta de Etienne, e Mog provavelmente iria querer saber demais. Assim, ela preferia que eles não vissem nenhuma carta.

No entanto, sem ter recebido nenhuma desde seu retorno, Belle estava prestes a desistir de Etienne. Porém, quando ela entrou no bar naquela manhã e viu um envelope branco no chão abaixo da caixa de correio, voou naquela direção. Para sua alegria, era endereçada a ela. Depois de colocar a carta no bolso do avental, correu até o quarto para lê-la.

Não havia selo, nem da França nem de outro lugar, mas ela abriu com ansiedade, quase na expectativa de que Etienne estivesse na Inglaterra e a carta fosse um aviso. Mas ela ficou decepcionada ao ver que o endereço na parte de cima da única folha era de King's Cross. Vinha de sua mãe e Belle sentiu-se culpada pela sua decepção.

Estava escrito:

"Querida Belle, estou muito feliz por você estar de volta à Inglaterra a salvo. Por favor,

perdoe-me por não tê-la visitado, mas há um clima ruim entre Mog e eu, e realmente não posso ir até aí. Coloquei esta carta por debaixo da porta quando estava indo ao mercado esta manhã, na esperança de que você pudesse me encontrar mais tarde na Maiden Lane, no café de lá. Não diga nada a Mog, ela sempre quis guardá-la só para ela e tentará impedi-la de vir. Estarei lá às dez e meia.

Com amor,

Sua mãe."

Belle leu a carta várias vezes antes de guardá-la de volta no bolso do avental. Apesar de seu grande amor por Mog, ela era madura o suficiente para ver que Annie nunca tivera a chance de ser sua mãe de verdade porque Mog assumiu aquele papel.

Agora que ela sabia, por meio de Noah, que Annie havia sido forçada a se prostituir, ela via de forma diferente o motivo de sua mãe ser fria e distante. Porém, Belle nunca passara fome quando criança, ninguém tinha sido cruel com ela; na verdade, ela vivia melhor do que a maioria das meninas com quem estudava, que tinha pais muito respeitáveis.

Se ela tivesse engravidado quando estava em New Orleans, teria sido uma boa mãe? Não tinha como responder, ninguém sabia até que acontecesse. Mas ela sentia que deveria ir ver a mãe. Elas tinham uma história parecida agora e, com isso, poderiam descobrir uma amizade.

O problema era que ela sabia que Garth, Mog e Jimmy não iriam deixá-la sair. E, se ela não aparecesse no café, sabia que a mãe acharia que era porque não queria encontrá-la. Belle

sentia que tinha de ir vê-la, nem que fosse para contar que Kent estava desaparecido.

Ainda eram nove horas. Era o dia de Mog trocar os lençóis das camas e Jimmy ainda ficaria trabalhando na adega até, mais ou menos, dez e meia. Garth poderia estar em qualquer lugar, não gostava de rotina. Se Belle terminasse de limpar o bar bem depressa, poderia sair pela porta lateral às dez e quinze e todos ainda pensariam que ela estava em casa por pelo menos mais meia hora.

Enquanto trabalhava, lavando e enxugando copos, polindo os espelhos do bar e o próprio bar e, depois, passando o esfregão no piso, ela pensou no risco de sair sozinha. Como muitas pessoas tinham dito, agora que Kent atirara em um policial, era improvável que ficasse pela região. E, mesmo se estivesse por lá, estaria entocado em algum lugar, e não nas ruas ou em um café.

Belle usaria como desculpa, quando voltasse, que queria comprar materiais para fazer um chapéu. Com sorte, poderiam nem notar sua ausência.

Belle lavou as mãos e o rosto quando terminou a tarefa no bar, penteou os cabelos e pendurou o avental atrás da porta da cozinha. Esperava estar bonita para encontrar Annie. Mog havia lhe dado o vestido verde de algodão que ela estava usando, já que todas as suas outras roupas eram boas demais para usar na faxina, mas ele não era bonito, era grande demais para ela e a fazia parecer uma empregada.

Garth estava no quintal dos fundos, Mog estava no andar de cima, cantando enquanto arrumava as camas, e Belle podia ouvir barulhos de batidas vindo da adega, o que significava que Jimmy estava lá. Ela ia sair enquanto podia.

Felizmente, a porta lateral tinha o tipo de fechadura que não precisava de uma chave para ser trancada pelo lado de fora e, assim, nenhuma porta ficaria aberta para denunciar a saída de Belle. Quando já estava na rua, ela correu por um beco em frente e saiu na Neal Street. Viu quatro policiais antes mesmo de chegar ao mercado, mas, apesar do que as pessoas contaram no bar na noite anterior, o lugar estava tão lotado quanto sempre. Belle ouviu um relógio soar meia hora quando estava perto da Maiden Lane.

A Maiden Lane tinha ficado ainda mais suja do que ela lembrava. A calçada do lado esquerdo estava bloqueada pelos andaimes de um prédio e havia também pilhas de areia e de tijolos. Assim, ela atravessou para a direita. Os teatros da Strand tinham as portas dos fundos voltadas para aquela rua e havia latas de lixo transbordando e pilhas de caixas de papelão. Ela não conseguia ver um café, mas alguns prédios

avançavam mais sobre a calçada do que outros e, por isso, ela continuou andando pela rua.

De repente, um homem a agarrou vindo por trás e uma mão tapou sua boca. Ela soube naquele instante que tinha sido enganada, mas, antes de poder reagir, ela se viu sendo arrastada à força para dentro de um prédio.

Belle tentou chutar o agressor, mas ele a jogou contra a parede e, depois, chutou a porta que dava para a rua, fechando-a. Havia pouca luz, mas, mesmo assim, Belle sabia que era Kent pela forma e o cheiro dele. Gritou a plenos pulmões até que ele a calou com um soco no rosto.

- Eu devia tê-la matado desde o início, sabia que você traria problemas - ele rosnou, colocando um pano mal-cheiroso dentro da boca dela. - Mas vou acabar com você desta

vez. Porém, antes, você será meu passaporte para fora de Londres.

Os olhos de Belle estavam se acostumando à escuridão e ela o viu pegar uma corda para amarrar as mãos dela atrás do corpo e as canelas juntas, de uma maneira muito parecida com a primeira vez que a capturara. Quando ele a levantou, jogou-a sobre um ombro e carregou-a por uma escada.

O cheiro do lugar quase fez Belle vomitar. Era o mesmo tipo de odor que saía dos imóveis mais esquálidos: excrementos humanos, ratos, umidade e sujeira pura. Como no andar inferior, estava muito escuro, havia apenas um brilho fraco de luz entrando do outro lado de um grande aposento. Ela podia ver cadeiras quebradas caídas em meio a outros entulhos e imaginou que devia ter sido um clube ou danceteria em algum momento, mas,

recentemente, eram pessoas desesperadas que viviam por ali.

Kent largou-a no chão, o que fez todos os seus ossos estralarem, e, depois, caminhou em direção ao brilho fraco do outro lado do salão.

Enquanto Belle estava deitada em meio à imundície, o rosto pulsando por conta do golpe de Kent, ela pensou que estava sempre se arrependendo das coisas. Por que não prestara atenção nas instruções de Garth para não sair? Porém, ainda maior que aquele arrependimento era o horror de que sua própria mãe a atraíra para aquele lugar. Por que ela faria isso?

No entanto, aquilo mal importava agora, diante do que Kent iria fazer com ela. Ele não tinha nada a perder e era um homem inteligente e astuto. Belle não conseguia imaginar

como ela seria o passaporte dele para fora de Londres, mas ele devia ter um plano.

Capítulo 38

Jimmy subiu da adega e entrou no bar, esperando que Belle ainda estivesse fazendo a faxina. Ela já havia terminado, tudo estava brilhando e o chão ainda não estava seco, mas Belle não estava lá. Como supôs que ela estaria no andar de cima com Mog, ele subiu correndo. Mas Mog estava sozinha, juntando a roupa de cama suja.

- Onde está Belle? - ele perguntou.

- Limpando o bar - Mog respondeu.

- Ela já terminou e não está na cozinha - Jimmy contou e, depois, abriu a porta de cada quarto para ver se ela estava em um deles.

- No quintal com Garth? - Mog sugeriu.

Jimmy abriu a janela e chamou o tio, que estava sentado em um engradado virado de ponta-cabeça fumando seu cachimbo.

- Belle está aí fora com você?

O tio gritou de volta que ela estava no bar.

Jimmy respondeu que não. Ele estava ficando preocupado.

- Onde mais ela pode estar? - ele perguntou a Mog e correu escada abaixo para verificar a sala de visitas, que eles quase não usavam.

Jimmy estava parado na cozinha com um olhar ansioso quando Mog desceu, alguns minutos depois.

- Não gosto disso - ele afirmou. - Você acha que ela pode ter saído, apesar de termos dito que ela não devia?

- Talvez ela precisasse de algo urgente.

- Como o quê?

- Não sei, Jimmy - Mog respondeu. - Mas as garotas têm cada ideia. Acho que ela pensou que era urgente.

- Às nove e meia, eu saí da adega para pegar água quente e pude ouvi-la varrer - Jimmy informou. - Você a viu depois disso?

- Bem, eu avisei que ia trocar os lençóis e ela brincou, dizendo-me para não voltar a dormir - Mog lembrou. - Isso foi às dez.

- Ela deve ter saído pela porta lateral - Jimmy ponderou. - Garth ficou o tempo todo no quintal dos fundos, então ela não foi por ali.

- Veja só que sorrateira - disse Mog.

Quando ela viu a expressão preocupada de Jimmy, foi para perto dele e deu algumas batidinhas em seu braço.

- Pare de se preocupar, ela provavelmente precisava de grampos, ou viu algum conhecido pela janela e saiu para conversar. Não deve ter ido longe.

- Não estou gostando disso, Mog. Olhe, ela tirou o avental. Não faria isso se tivesse apenas saído para falar com alguém. Além disso, agora já faz meia hora que ela saiu.

Mog olhou para o avental. O simples fato de estar pendurado era estranho, pois Belle sempre o deixava em uma cadeira ou qualquer outro lugar, menos no gancho. Ela foi até ele e passou a mão no tecido; Belle só o pendurava quando estava molhado.

- Está superseco - ela comentou.

No entanto, enquanto suas mãos percorriam a peça, ela sentiu algo duro no bolso. Levou a mão para dentro dele e tirou a carta. Enquanto lia, seu rosto ficou pálido.

- O que é? - Jimmy perguntou.

- Uma carta da mãe dela - Mog respondeu, ofegante. - Mas não é a letra de Annie e quem quer que tenha escrito queria se encontrar com Belle.

Jimmy arrancou o papel da mão de Mog e leu.

- Mas é o endereço de Annie - ele observou. - Tem certeza de que não é dela?

- Claro que tenho certeza. Vi a letra de Annie todo dia por vinte anos e não é essa.

- Mas Belle saberia reconhecer.

- A mãe nunca lhe escreveu uma carta. O máximo que Belle via eram alguns rabiscos nas listas de compras, e isso já faz mais de dois anos. Também não acho que Annie diria que não queria vir aqui; ela é muitas coisas, mas não é covarde.

Jimmy olhou para a carta de novo.

- Maiden Lane, foi onde invadi aquele escritório. Era um clube na época, mas foi fechado há 18 meses.

Ele olhou para Mog e seus olhos brilhavam como o fogo.

- Isso é armação do Kent. Ele a levou para lá. Conte para Garth e mande a polícia para Maiden Lane. Diga que é o velho clube ao lado da porta de trás do teatro. Vou para lá agora.

- Não, Jimmy, ele tem uma arma! - Mog disse, horrorizada, mas era tarde; ele já corria para a porta e parou apenas para pegar um porrete que Garth guardava para ameaçar possíveis encrenqueiros.

Jimmy correu pelo mercado como o vento. Ouviu pessoas gritarem com ele, mas não parou nem gritou de volta. Havia apenas um pensamento em sua cabeça: tinha de salvar Belle.

Em Maiden Lane, ele foi obrigado a parar por um momento, pois sentia uma dor e estava sem fôlego. Dobrou o corpo até a dor passar e, depois, foi até a porta do antigo clube. Ele podia ver, pelo lixo ao redor, que não estava mais em uso. Imaginou que James Colm, o homem que costumava administrar o estabelecimento, tinha dado a chave a Kent para que ele se escondesse lá até a poeira baixar. Embora a polícia soubesse que Colm estava

envolvido no tráfico de meninas, era provável que não tivesse achado que Kent estaria ali, já que o clube estava fechado havia muito tempo.

A porta não parecia muito forte, mas, quando Jimmy ergueu o porrete para bater nela, percebeu que Kent o ouviria e ficaria pronto para recebê-lo de arma em punho. Poderia até atirar em Belle também.

Não havia nada a fazer a não ser escalar a parte da frente do prédio e entrar pela janela.

Ele contornou a Rua Strand correndo, lembrando-se de como, na última vez em que estivera ali, tinha ficado com medo de ser visto. Isso não importava naquele momento, mas ele esperava que, se alguém o visse, não criasse confusão e gritasse, para não alertar Kent de que algo estava acontecendo.

Jimmy enfiou o porrete sob a camisa e começou a escalar. Era muito mais forte do que dois anos antes; subiu sem esforço pelo cano de esgoto e pisou no peitoril da janela do antigo escritório. As janelas estavam tão escuras com a sujeira que era difícil ver o que havia do lado de dentro, mas posicionando-se bem na lateral e torcendo para que as cortinas de que se lembrava ainda estivessem lá para escondê-lo, ele esfregou um pedaço do vidro para espiar.

O escritório estava revirado. Jimmy pôde ver um velho colchão no chão cheio de lixo. Os armários de arquivos não estavam mais lá, mas a escrivaninha, sim, e Kent estava sentado em frente a ela, analisando o que parecia ser um mapa.

Ele estava virado para a janela; um barulho feito por Jimmy seria suficiente para que ele olhasse naquela direção. Jimmy espiou

novamente, na esperança de ver a arma de Kent. Porém, se ela estava em algum lugar daquele escritório, estava fora do seu campo de visão. Não havia sinal de Belle, mas ela devia estar no antigo clube.

Jimmy encolheu-se enquanto pensava no quer fazer. Pensou em descer novamente e pedir que alguém das lojas da rua desse a volta e batesse na porta. Isso poderia fazer com que Kent descesse para investigar e Jimmy poderia quebrar a janela quando ele não estivesse olhando. Porém, era quase certo que Kent pegaria a arma e a levaria com ele. Jimmy não estava preparado para o risco de Belle ser ferida.

Ele espiou de novo e ficou impressionado com a aparente calma de Kent, sentado em frente ao mapa como se estivesse apenas planejando as férias. Porém, ele não era mais bonito como quando Jimmy o espionara dois anos antes.

Naquela época, o cabelo dele era escuro, grisalho apenas nas laterais, mas agora estava todo cinza e tão longo que chegava à sua camisa suja e sem colarinho. Ele não se barbeava havia algum tempo, mas não o bastante para ter uma barba. Seu bigode, antes bem cortado em estilo militar, parecia um arbusto, quase escondia os lábios. Algumas pessoas na calçada estavam se reunindo para olhar Jimmy. Ele podia ouvir o burburinho de vozes e pensou que elas achavam que ele ficara trancado para fora e estava tentando entrar pela janela. Ele ouviu uma mulher o chamar, dizendo para tomar cuidado, pois poderia quebrar o pescoço se caísse.

De repente, teve uma ideia. Se aquelas pessoas fizessem barulho suficiente, Kent se levantaria para ver o que estava acontecendo. A escrivaninha ficava mais perto da segunda janela e ela parecia menos suja também e Jimmy podia ver uma pilha de caixas sob a

janela em que ele estava. Assim, Kent pegaria o caminho mais fácil para olhar para fora e, ao fazer isso, Jimmy poderia quebrar a primeira janela, entrar e, com sorte derrubar Kent antes que ele pegasse a arma.

Com certeza não era um plano perfeito; tudo o que Jimmy tinha a seu favor era o elemento-surpresa. E ele teria de sincronizar a quebra da janela e o pulo para entrar com um golpe de porrete em Kent antes que ele tivesse a chance de recuperar o raciocínio.

Porém, era a única ideia que Jimmy tinha e, enquanto ficava ao lado da janela ponderando os prós e os contras, Belle estava lá dentro, correndo risco de morte.

Assim, ele virou um pouco o corpo e começou a balançar os braços como se estivesse escorregando do parapeito. Ele sabia que as pessoas lá embaixo não conseguiriam perceber que o

parapeito, na verdade, era largo e ele queria que elas começassem a gritar.

- Fique parado, vamos ajudar! - alguém berrou.

Imediatamente, o burburinho de vozes virou um tumulto, que aumentou quando os lojistas juntaram-se ao grupo. Em um movimento rápido, Jimmy espiou pelo vidro e viu Kent se levantar. Para garantir que o homem fosse até a janela, Jimmy fingiu escorregar de novo, e os gritos de choque e os pedidos para que ele ficasse parado eram tão altos que ele sabia que Kent devia estar olhando para fora.

Jimmy havia colocado o porrete no parapeito quando chegara à janela. Ele o pegou, balançou-o para trás e, com toda sua força, lançou-o contra o vidro. No momento do impacto, ele se jogou para frente, de olhos fechados. Sentiu pedaços de vidro arranharem

sua cabeça e seu rosto, mas continuou segurando o porrete com firmeza e só abriu os olhos ao atingir o chão. Cambaleou e, depois, virou-se e viu que Kent ainda estava em frente à outra janela, mas tinha se virado e seus olhos estavam arregalados com o choque.

Com o porrete erguido acima da cabeça, Jimmy saltou para frente até aquele homem e desceu o objeto com força. O golpe atingiu o ombro de Kent, ele recuou uivando de dor. Jimmy ergueu o porrete de novo e, com ainda mais força, atingiu-o na lateral da cabeça.

Kent tombou no chão como um saco de batatas.

Jimmy não conseguia ver bem por causa do sangue no rosto. Ele esfregou os olhos com a manga da camisa para limpá-los e, depois, olhou ao redor. O casaco de Kent estava sobre

algumas caixas e a arma aparecia em um dos bolsos.

Jimmy pegou-a, enfiou-a na cintura das calças, chutou Kent para ter certeza de que ele estava inconsciente e, como ele não se moveu, foi procurar Belle.

Belle estava deitada no chão perto da porta da escada, amarrada e com um pano na boca e um olho estava ficando roxo por conta de um golpe.

- Está tudo bem, você está segura agora - disse Jimmy enquanto tirava o pano da boca dela. - Kent está apagado e eu estou com a arma dele. Mas tenho de voltar para lá e garantir que ele não acorde. Espere mais alguns minutos, a polícia vai chegar logo.

- Então era você - ela disse, admirada.

Jimmy riu. Ele queria desamarrá-la e abraçá-la, mas não tinha uma faca para cortar a corda e tinha medo de Kent acordar.

- Sim, era eu, mas aguente um pouco, querida. Não posso soltá-la agora.

Belle o viu andar de volta na direção da luz no final do salão. Ele tinha um andar muito leve e gracioso e ela se lembrou do dia em que ele tinha escorregado no gelo enquanto os dois desciam para os jardins do Aterro do Tâmisa na neve. Parecia ter acontecido em outra vida.

Ela tinha passado por um terror tão grande, deitada no chão, que havia urinado. Conseguia ver Kent sentado com as costas para ela no final do salão, mas ele era apenas uma sombra escura e imóvel. Ela não sabia o que ele estava fazendo, mas tinha certeza de que se preparava para matá-la. Não acreditava em um resgate, ninguém pensaria em procurá-la ali.

Depois de tentar, em vão, libertar-se, ela desistira. Parecia que seu destino era uma morte violenta e ela apenas o havia trapaceado sendo resgatada das garras de Pascal. Mas, de repente, gritos soaram da frente do prédio. Ela torceu para que fosse a polícia, mas, com a esperança veio um terror ainda maior, porque ela sabia que Kent não iria se entregar facilmente; ele começaria a atirar ou a usaria como refém. De qualquer maneira, ela sabia que morreria, ali ou em outro lugar.

Viu Kent levantar-se e, depois, ouviu um barulho incrível e o som de vidro quebrado. A luz entrou de repente e ela viu a silhueta de outro homem com algo grande e pesado e, em seguida, ouviu uma batida e um berro de dor. Mais uma batida seca e o homem caminhou na direção dela.

A luz estava atrás dele e, assim, Belle não percebeu que era Jimmy, não até ele falar. Ela

pensou em como a força policial inteira não tinha sido capaz de pegar Kent e, ainda assim, Jimmy o havia encontrado sozinho.

- Meu Jimmy, um herói - ela murmurou para si mesma.

Jimmy estava gritando para alguém pela janela. Dizia para entrarem pela porta dos fundos.

- Arrombem-na - ele falou. - Não posso deixar este cretino sozinho. E um de vocês solte a senhorita Cooper quando subir, ela está amarrada.

De repente, o fedor daquele lugar e o terror que ela sentira desapareceram. Era quase como se ela estivesse flutuando entre as nuvens e pudesse olhar para baixo e ver seu passado espalhado diante dos olhos. Kent era o homem que havia provocado tudo. Agora que

ele fora pego, ela estava livre. Livre para deixar tudo para trás, livre para ter a vida que escolhesse.

Jimmy estava certo em dizer que, um dia, ela perceberia que algumas coisas boas resultaram de tudo o que ela passou. Ela conhecia as pessoas agora, as más e as boas e aquelas no meio-termo, que eram um pouco de cada porque haviam sido machucadas pelas coisas ruins que aconteceram a elas. Entendia que a ganância podia distorcer as ideias das pessoas e que luxúria sem amor nunca deixaria alguém satisfeito por completo.

Pessoas verdadeiramente perversas eram raras, ela descobrira. Kent era uma delas, Madame Sondheim e Pascal faziam parte do grupo também. Mas outros, como Martha, Sly e, talvez, Madame Albertine, provavelmente haviam virado pessoas ruins por meio da ganância e da ligação com indivíduos maus.

Ainda assim, no final das contas, muitas pessoas eram boas. Além de Mog e Jimmy, havia Lisette, Gabrielle, Philippe, Noah, Garth e Etienne. Talvez alguém argumentasse que, como a própria Belle, a maioria deles não era completamente pura, mas eles defendiam o que era certo quando havia necessidade.

Belle ouviu o barulho de madeira sendo quebrada e, depois, os reconfortantes passos de botas pesadas na escada. Tudo estava acabado; ela e Jimmy logo estariam em casa e ela poderia começar uma nova vida.

Capítulo 39

A marcha nupcial começou e Belle virou-se para ver Mog entrar na igreja de braços dados com Jimmy; seus olhos começaram a formigar com as lágrimas de emoção. Ela já tinha visto Mog com o vestido mais cedo, quando a ajudara a se vestir. Tinha fechado a longa linha de pequeninos botões nas costas do vestido azul-claro e colocado o chapéu azul e branco, que fizera, na cabeça de Mog. No entanto, vê-la naquele momento, o rosto corado e o sorriso aberto como uma garotinha enquanto andava na direção do seu homem, era muito emocionante.

Era início de setembro e fazia um glorioso dia quente de sol. Do lado de fora da igreja de All Saints, em Blackheath, as famílias estavam fazendo piqueniques e os idosos estavam sentados ao sol nos bancos. E, mais à frente na rua, esperando que Mog e Garth virassem o

senhor e a senhora Franklin, estava o Railway Inn, o *pub* dos sonhos deles.

Já fazia três meses que Mog e Belle moravam em dois quartos na Lee Park, uma rua quieta e contornada por árvores, para que Mog e Garth pudessem se casar em Blackheath. Garth e Jimmy continuaram no Ram's Head, não apenas para vencê-lo e esperar a finalização dos trâmites legais da compra do Railway Inn, mas pelo bem das convenções sociais. Em Seven Dials, as pessoas não se preocupavam muito, mas eles sabiam muito bem que começar um negócio em uma área respeitável exigia que eles fossem vistos como cidadãos respeitáveis também.

Belle havia pensado que ela e Mog achariam muito difícil se adequarem às tradições das esferas mais educadas da sociedade, mas, para a surpresa das duas, não foi tão complicado. Se perguntavam, Mog dizia que tinha sido

governanta e Belle empregada da mesma casa. Quando estavam sozinhas, elas com frequência riam disso, pois, em muitos aspectos, era verdade. Mog sempre fora muito bem educada e criara Belle para ser igual; assim, não havia muitas armadilhas para elas. A única coisa com a qual estavam achando muito difícil se acostumar era o senhorio e os outros homens que encontravam. Eles a tratavam como florzinhas delicadas, sem cérebro nem opinião própria. Ainda assim, três meses sem muito a fazer além de passear, ler e costurar deram a elas tempo para estudar as classes médias, ajeitar seu comportamento de acordo com elas e ter um merecido descanso enquanto planejavam o futuro.

Porém, enquanto observava Mog andar pela nave da igreja até o altar, onde Garth esperava com o padrinho, John Spratt, seu velho amigo, Belle sabia que Mog estava muito feliz por esse ócio forçado ter acabado. Finalmente

ela poderia transformar os quartos dos andares de cima do *pub* em um lar de verdade e ter Garth ao seu lado para sempre.

- Mog está linda - Annie sussurrou para Belle. - O chapéu dela parece ter vindo da Bond Street. Você realmente tem talento para criar chapéus. E está muito bonita também!

Belle brilhou com o elogio da mãe. Ela estava usando um vestido rosa-claro de seda artificial com babados na bainha e um chapéu branco, os dois feitos por ela mesma. Sabia que nunca seria tão próxima de Annie quanto era de Mog, mas as duas estavam se esforçando bastante.

Depois daquele terrível dia com Kent, Garth tinha ido até a casa de Annie e insistido que ela fosse ver a filha e explicasse sua participação no acontecimento. Belle viu então um lado diferente da mãe: uma mulher vulnerável que havia construído uma casca dura em torno

de si, acreditando que, ao manter-se indiferente, poderia proteger-se de mais sofrimento.

Annie explicou que um homem que a conhecera no passado tinha se hospedado na sua pensão. Como esse homem já sabia bastante sobre ela, e parecia gentil, Annie contou para ele sobre Belle e disse que não a via desde que ela voltara da França.

Quando Annie ficou sabendo da carta que supostamente havia sido escrita por ela, percebeu que o hóspede devia ser parceiro de Kent, enviado com a única intenção de conseguir informações sobre Belle. Estava claro que ele passou a história adiante para Kent, que forjou a carta.

Annie admitiu que devia ter ido ao Ram's Head assim que Belle tinha chegado da França, mas alguns dos sentimentos relatados na carta eram verdadeiros. Ela estava envergonhada por

ter abandonado Mog e pensado apenas em si mesma, mas, um ano antes, quando Jimmy colocou isso em palavras, Annie sentiu que todos estavam contra ela.

- Eu não conseguia suportar pensar que você seria submetida às mesmas situações terríveis que eu fui quando menina - ela contou para Belle, soluçando. - Era menos doloroso pensar que você estava morta e a salvo do tormento pelo qual passei. Toda vez que Jimmy, Mog ou Noah ia me visitar, sentia que estava cutucando minha ferida. Não acreditava, como eles, que você seria encontrada.

Belle compreendeu. Talvez se o laço entre elas fosse forte como o que ela tinha com Mog, Annie soubesse, no fundo do coração, que ela estava viva. Ela sentia que sua mãe merecia pena, e não mais punições por ter ficado de fora da vida da filha. Desde então, Belle a visitava em King's Cross a cada duas ou três

semanas. Como Annie e ela tinham compartilhado tantas experiências parecidas no passado, elas as discutiam, às vezes chorando, às vezes rindo. Belle sentia que havia sido muito bom para as duas confiarem uma na outra.

Não podia deixar de reconhecer o talento da mãe para os negócios e o quanto ela trabalhava. Suas duas pensões ofereciam quartos limpos e confortáveis e ela servia café da manhã e uma refeição noturna aos hóspedes. Ela mesma cozinhava e fazia boa parte da limpeza também, já que tinha apenas uma empregada para serviços gerais. Ainda assim, parecia mais feliz do que nos velhos dias de Seven Dials.

Foi Annie quem Belle procurou para aconselhá-la quando Etienne por fim escreveu uma carta, pois a lealdade de Mog estaria com Jimmy.

A carta de Etienne era estranha, não apenas porque ele achava difícil escrever em inglês,

mas porque Belle achava que ele estava escondendo seus verdadeiros sentimentos em relação a ela. Ele contou que fornecera todas as evidências que podia à polícia francesa sobre o tráfico de meninas e que Madame Sondheim e muitos outros envolvidos no esquema estavam presos e aguardando julgamento. Pascal também esperava pelo seu, e Etienne achava que não restavam dúvidas de que ele iria para a guilhotina.

Etienne falou da sua pequena fazenda, que tinha galinhas e alguns porcos, estava plantando limoeiros e oliveiras e deixara o chalé mais agradável. Ele tinha lido nos jornais que Kent fora preso, julgado e condenado pelo assassinato de três garotas, Millie e outras duas, e perguntava a Belle como ela se sentia agora que ele seria enforcado. E finalizou a carta incitando-a a deixar o passado para trás, dizendo que ela morava em seu coração e que lhe desejava todo o sucesso no futuro.

Annie analisou cada palavra da carta com cuidado.

- Eu diria que ele a ama - ela acabou comentando -, mas sabe que não é o homem certo para você. Acho que, pela forma como ele descreve a pequena fazenda, também sabe que não poderia morar na Inglaterra e que você não viveria na França. Porém, lendo nas entrelinhas, eu diria que ele espera estar no seu coração.

- Devo ir vê-lo? - Belle perguntou.

Annie encolheu os ombros.

- Se você fizesse isso, tenho certeza de que ele a receberia de braços abertos e que, por um tempo, vocês seriam muito felizes. Mas você teria de pagar um preço alto, Belle. Ele é muito conhecido na França e, por causa do passado dele, você ficaria marcada também. E

também há o problema da profunda tristeza dele por ter perdido a esposa e os filhos. Você poderia viver em um lugar isolado com um homem assim e nunca se arrepender de ter deixado as pessoas que ama aqui? Ou seu sonho de ter uma loja de chapéus?

Belle ficou emocionada por sua mãe não ter ridicularizado a ideia de ela alimentar porcos e galinhas, regar as árvores de Etienne e viver como camponesa. Ela sentia que Annie até entendia seu desejo físico por aquele homem e, ainda assim, não dissera que não seria o suficiente para mantê-la feliz lá.

- Acredito que você pode sentir o que sente por Etienne também por outro homem, um que possa lhe dar tudo o que você quer - Annie acrescentou com delicadeza. - Temo que tenha fechado sua mente para essa possibilidade, mas tem de abri-la, ser receptiva e deixar o amor entrar.

O julgamento de Kent aconteceu um pouco antes de Belle mudar-se para Blackheath. Ela foi chamada como testemunha no tribunal Old Bailey, mas, por conta dos outros dois assassinatos e de uma dúzia ou mais de outras testemunhas, inclusive Sly, que testemunhou contra o antigo parceiro, sua participação foi menos importante do que o esperado. Por causa da sua pouca idade e por ser tão vítima de Kent quanto Millie, Belle não foi submetida a interrogatórios muito rigorosos por parte da defesa e, com os contatos de Noah nos principais jornais, pouco foi escrito sobre ela pelos repórteres que cobriram o julgamento.

Kent foi enforcado algumas semanas depois da condenação, e Belle não leu nenhum dos jornais na época, de propósito. Não queria ouvir o nome dele de novo e, muito menos, ler sobre ele.

Enquanto estava na igreja, ouvindo os votos de Mog e Garth um para o outro, toda aquela escuridão e brutalidade pareciam pertencer à vida de outra pessoa. Belle estava mais feliz do que nunca, cada dia trazia novas alegrias e ela sentia que seu coração estava aberto de novo.

Olhou para Jimmy em um banco mais à frente, sentado com uma postura ereta, os cabelos ruivos parecendo cobre polido sob a luz de um raio de sol. Ele era vários centímetros mais alto que o homem ao lado, com ombros mais largos, e era mais forte e gentil que qualquer um. Ele a fazia rir, ela podia conversar com ele sobre qualquer coisa e ele provara, no dia em que pulou por aquela janela, que era tão valente e durão quanto Etienne. Jimmy ainda tinha pequenas cicatrizes no rosto e pescoço para lembrá-la disso; alguns ferimentos tinham sido tão graves que ele passara dois dias no hospital para remover pedaços de vidros deles e levar pontos.

Jimmy sabia tudo sobre Belle, mas ela ainda estava fazendo descobertas sobre ele. Ele com certeza não era apenas o cachorrinho devoto que a seguia, como ela pensara ao voltar para a Inglaterra.

Annie cutucou a filha e Belle assustou-se, percebendo de repente que, enquanto ela sonhava acordada, Mog e Garth tinham finalizado os votos e todos estavam se ajoelhando para rezar.

Ela fez o mesmo, mas espiou por entre os cílios Noah, Lisette e o pequeno Jean-Pierre, de 6 anos, do outro lado da nave da igreja. Jean-Pierre usava um terno de marinheiro branco e estava adorável. Ele tinha o mesmo cabelo escuro e olhos grandes e escuros da mãe. Lisette estava linda em um vestido cinza-prateado e um chapéu de penas combinando feito por Belle para ela. Ela adorava sua nova vida em Londres e conseguira um emprego como enfermeira em uma pequena casa de

repouso em Camden Town. Estava quase tão perdidamente apaixonada por Noah quanto ele por ela e Belle pensou que era apenas uma questão de dias para eles anunciarem que iriam se casar.

Noah tinha virado um jornalista de muito sucesso. Havia ganhado fama naquele ano com seus artigos ferozes sobre tráfico de pessoas. Graças à sua grande persistência e a motivação que dava aos outros, três das garotas da lista daquelas raptadas por Kent e seus comparsas tinham sido encontradas na Bélgica e voltado para as famílias. No momento, ele estava escrevendo uma série de reportagens sobre os sobreviventes do Titanic. Contou para Jimmy que também estava escrevendo um livro, mas não foi convencido a revelar o tema.

As outras vinte e poucas pessoas convidadas para a cerimônia eram os respeitáveis amigos de Mog e Garth de Seven Dials, donos de lojas,

donos de *pubs*, um advogado e um médico com as esposas. Porém, o casal tinha dado uma animada festa no Ram's Head uma semana antes para que o restante de seus clientes habituais não se sentisse deixado de fora.

Dois dias antes, um carreto havia trazido todos os móveis e pertences deles para o Railway Inn e Mog e Belle arrumaram a casa nova. Naquela noite e pelos dois dias seguintes, Jimmy ficaria lá sozinho, enquanto Mog e Garth passavam a lua de mel em Folkestone. Belle ficaria em Lee Park nesses dias também. Ela sorriu para si mesma com a insistência de Mog para que ela e Jimmy não ficassem sozinhos sob o mesmo teto. Se fosse levada em consideração a antiga carreira de Belle, a preocupação pareceria ridícula, mas, desde a mudança para Blackheath, Mog virara uma defensora de que Belle tivesse uma acompanhante. Dizia que era para preservar sua reputação.

O último hino, "O amor divino aumenta todos os amores", foi cantado e Mog, Garth, John Spratt e Jimmy saíram para a sacristia, para assinar os documentos. O organista estava tocando uma música suave e havia um burburinho baixo de conversas.

- Tenho algo a contar - Annie disse. - Vou falar agora, antes da balbúrdia de pessoas trocando beijos e tirando fotos. Quero que você vá aos advogados Bailey e Macdonald na Montpelier Row na segunda ou na terça assinar o contrato de aluguel para aquela loja.

Belle franziu as sobrancelhas.

- Eu disse que eles não vão me deixar alugar porque sou solteira.

Ela tinha visto a loja vazia em Tranquil Vale, a principal rua da vila de Blackheath, algumas semanas antes e pedira ao corretor que

mostrasse o lugar para ela. Era perfeita, uma pequena loja completa, com uma vitrine em formato de meio-círculo e uma sala nos fundos grande o suficiente para ser a área de trabalho, além de um lavatório no quintal de trás. O aluguel era razoável também. No entanto, Belle fora recusada na hora como inquilina.

Annie sorriu.

- Agora vão alugar, eu os persuadi a me deixarem ser fiadora. Como tenho uma propriedade e eles acham que sou viúva, não podiam recusar.

Se a noiva e o noivo não estivessem atravessando a nave da igreja com sorrisos enormes no rosto, Belle teria se jogado para abraçar a mãe. Em vez disso, ela discretamente apertou a mão de Annie em agradecimento e sussurrou que elas conversariam mais tarde.

O almoço de casamento foi no Railway Inn. Era um velho *pub* tradicional com piso de ardósia, uma grande lareira e um bar longo e curvado. Ficara negligenciado durante anos, mas, depois de Garth assumi-lo, ficara fechado por alguns dias antes do casamento para ser arrumado.

Garth chamara um grupo de pessoas que esfregaram o chão, poliram o bar, as portas, as mesas e as cadeiras e pintaram as paredes manchadas de fumaça com tinta creme. Agora, com espelhos brilhantes atrás do bar também radiante, arranjos de flores e novas cortinas de chita nas janelas, parecia um lugar diferente. Uma empresa de bufê local havia disposto duas mesas longas formando um T e colocado um bolo de casamento de duas camadas feito e decorado por Mog no centro.

Belle estava acordada desde as seis da manhã fazendo pequenos arranjos de flores para a mesa que combinassem com o buquê de

margaridas e botões de rosa cor-de-rosa e também separando cravos para os homens colocarem na lapela.

- O lugar não vai ser tão bonito nem cheirar tão bem depois que abrirmos para os negócios - Garth brincou enquanto orientava os funcionários do bufê a servirem uma taça de champanhe para cada convidado antes do almoço.

- Se acha que vou deixá-lo transformar o *pub* em um lugar malcuidado, pode esquecer - Mog retorquiu. - E não vai ter aquela história de só homens poderem entrar. Pelo que soube, algumas damas de Blackheath gostam de entrar no pequeno salão para tomar uma taça de xerez.

Mog havia renovado as almofadas dos bancos de madeira do pequeno salão, que ficava separado do bar principal por uma divisória com um bonito vitral no topo.

- Agora estamos casados, senhora Franklin - Garth falou, olhando para ela com carinho. - Você fará o que eu digo.

Todos riram, pois era extremamente óbvio que Garth idolatrava Mog e a consultava em todos os assuntos.

- É difícil acreditar que esses dois são as mesmas pessoas com quem vivíamos quando eles se conheceram - Jimmy sussurrou para Belle. - Meu tio era tão sério e mal-humorado e Mog era como um ratinho cinza.

Belle deu risada. Naquela época, ela só conhecia a reputação de Garth, mas diziam que, se alguém o irritasse, seria chutado para a rua. Mog era mais velha do que sua idade verdadeira, usava roupas feias e quase nunca contradizia os outros.

O amor fizera Mog desabrochar e ganhar confiança e, desde que Belle voltara, ela aconselhava Mog a usar roupas mais modernas que exibiam seu bonito e pequenino corpo. Ela não amarrava mais os cabelos com tanta força, eles brilhavam como castanhas frescas e ela os usava em um coque bem mais macio. Quando ela os soltava e escovava antes de dormir, parecia não ter mais de 25 anos.

Lisette aproximou-se de Belle pouco antes de todos se sentarem para comer.

- Você está tão elegante hoje - ela elogiou, com seu delicioso sotaque. - Não é surpresa que Jimmy não tenha olhos para mais ninguém.

Belle riu. Ela havia falado de Jimmy para Lisette quando ficou na casa de repouso após seu sofrimento da casa da Madame Sondheim e Lisette estava convencida de que eles estavam destinados a ficarem juntos.

- Não há outras mulheres solteiras aqui para competir comigo - ela respondeu.

- É verdade, mas, se houvesse, você ainda teria toda a atenção dele - Lisette insistiu.

- Jean-Pierre está se adaptando à nova escola? - Belle perguntou.

Tanto Noah quanto Lisette sempre falavam coisas assim sobre Jimmy e era um pouco cansativo.

- Ele está tão feliz lá - ela disse, com alegria. - O inglês dele está tão bom quanto o meu agora. Ele lê bem e gosta de somar.

- E você está feliz por ter vindo para a Inglaterra?

- Ó, sim. Não sinto falta da França, a não ser, talvez, do bom vinho e da boa comida. O

açougueiro me disse outro dia "vocês, franceses, são muito exigentes".

As duas riram. Noah com frequência descrevia como ela escolhia as frutas, verduras e legumes nos mercados. Em um acordo mútuo e implícito, as duas nunca falavam sobre a maneira como se conheceram. Elas deixavam a impressão de que Noah as tinha apresentado e apenas Mog, Garth e Jimmy sabiam a verdade.

- Bem, temos um almoço inglês tradicional hoje - Belle disse. - Carne assada com todos os acompanhamentos.

Ela contou a Lisette que sua mãe tinha garantido o aluguel da loja que ela queria.

- Você tem de vir para a inauguração - ela convidou. - Pode jogar seu charme francês nas damas de Blackheath e mostrar como usar um chapéu com estilo.

Lisette inclinou-se para frente e beijou Belle dos dois lados do rosto.

- Os momentos ruins acabaram para nós duas agora - ela murmurou. - Você me trouxe Noah e eu espero que logo veja que Jimmy é o homem certo para você.

Quase três horas depois de uma excelente refeição e muito vinho, todos os convidados do casamento acompanharam Mog e Garth até a estação e acenou para eles quando partiram no trem para Folkestone. Mog parecia um anúncio de moda em um *tailleur* creme com o casaco acinturado com *peplum* e uma saia reta que deslizava sobre suas botas curtas de couro brilhante e saltos baixos. Belle havia feito o chapéu de feltro creme com uma trança de fita creme e marrom.

Conforme o trem saía da estação, os convidados se dispersaram, a maioria seguiu para

outra plataforma, para esperar o trem até Charing Cross.

Jimmy e Belle caminharam de volta para o Railway Inn para pagarem a equipe do bufê, que ficara arrumando o lugar.

- Será estranho voltar para Lee Park sozinha - Belle comentou quando eles saíam da estação. - Fiquei tão acostumada com Mog lá o tempo todo.

- Acho que Annie esperava que você pedisse para voltar com ela - Jimmy falou. - Ela parecia um pouco triste quando se despediu.

Annie havia partido mais cedo, pois precisava fazer o jantar para os inquilinos.

- Não acho que fosse por isso, ela estava com um pouquinho de inveja de Mog. Mas não foi lindo ela garantir a loja para mim?

Belle tinha contado a história para todos durante o almoço e, além de estar feliz, era bom poder mostrar um lado melhor da mãe para os outros.

- Não é mais do que você merece - Jimmy afirmou. - Você nem vai saber o que fazer com tanto espaço para produzir os chapéus. Eles estão começando a tomar conta dos quartos em Lee Park!

Belle tinha começado a fazer chapéus com empenho cerca de seis semanas antes e, com meia dúzia deles por cima de moldes e caixas de enfeites e outros materiais, tudo empilhado, a sala de estar parecia um pequeno ateliê.

Eles entraram no *pub* e encontraram a equipe do bufê pronta para sair. Jimmy pagou a conta, agradeceu por tudo e, depois, trancou a porta.

- Socorro - disse Belle com uma expressão falsa de terror. - Estou sozinha com um homem!

- E eu tranquei a porta - brincou Jimmy, olhando-a de soslaio. - Agora vou desonrá-la.

- Por favor, não, meu bom cavalheiro - ela disse, correndo para a cozinha. - Sou apenas uma empregada inocente e, se você arruinar minha reputação, quem vai me querer? - ela gritou, olhando para trás.

Ele correu atrás dela e pegou-a nos braços.

- Solte-me, senhor - ela pediu.

Belle sabia que Jimmy estava brincando, mas os braços dele ao redor dela pareciam encaixar tão bem que ela moldou-se a ele e colocou a mão em seu pescoço, puxando a cabeça dele para beijá-lo.

Os lábios dele eram convidativos, quentes e macios e, enquanto a ponta da língua dele roçava na dela, Belle sentiu uma onda de desejo que não esperava. Um beijo levou a outro, e depois outro, e o tempo pareceu não avançar ao passo que eles devoravam um o outro.

Foi Jimmy quem se afastou. Ele estava corado e respirava com dificuldade.

- E você, donzela, precisa me soltar - ele falou -, ou assumir as consequências.

- E quais seriam elas? - ela perguntou com um sorriso sedutoramente inocente.

- Terá de se casar comigo.

A oferta de casamento dele meses atrás no dia do passeio em Greenwich fora feita com ar leve e ele não tinha mais falado no assunto.

Desde que Belle e Mog havia se mudado para os quartos em Lee Park e viam Garth e Jimmy apenas aos domingos, ela sentira falta do amigo, mas recusava-se a pensar que ele um dia seria mais do que isso para ela.

Porém, naquele momento, à luz do que os beijos dele a fizeram sentir, ela não tinha mais tanta certeza.

- Eu a amo, Belle, sempre amei - ele disse com delicadeza. - Conheci outras garotas quando você estava longe, mas elas não significaram nada, você sempre ocupou meus pensamentos. Mas está na hora de eu levá-la para casa. Ouso dizer que nós dois fomos afetados pelo casamento e bebemos muito vinho. Não vou fazer papel de bobo e irritá-la.

- Você não está fazendo papel de bobo - Belle afirmou. - Apenas me beije de novo antes de sairmos.

Ele a tomou nos braços e beijou-a até que ela sentisse que iria desmaiar de desejo.

- Para casa agora - ele avisou, segurando a mão dela e levando-a até a porta. - Acho que você precisa de um tempo sozinha para pensar bem nisso.

Belle revirou-se na cama naquela noite, incapaz de pensar em outra coisa além dos beijos de Jimmy e em como se sentira. Ela havia beijado apenas cinco homens na vida: Etienne, Serge, Faldo, Clovis e Jimmy. Serge não contava, por melhor que tivesse sido fazer amor com ele, ela nunca tivera a ilusão de que fosse algo além de sexo. Faldo também não contava, pois ela não tinha sentido nada além de uma leve afeição por ele. Clovis era um profundo arrependimento. Quanto a Etienne, ela ainda era apenas uma criança quando ele a beijou e, depois de tudo que ela passara pouco antes de

conhecê-lo, era provável que ela tivesse ficado encantada por ele ter sido tão gentil com ela.

Ela havia escrito para ele logo antes de ela e Mog mudarem-se para Blackheath e contou sobre sua vida na Inglaterra, sobre Lisette e Noah e sobre o futuro casamento de Mog e Garth. Disse que esperava que ele encontrasse a verdadeira felicidade na pequena fazenda, mas não falou sobre seus sentimentos por ele.

Belle percebia agora que a carta havia encerrado a história para ela. Ela conhecera Etienne em um momento desesperado de sua vida e a gentileza e a sabedoria dele ajudaram-na a superar. Ao pensar no passado, não era surpresa que ela o tivesse colocado em um pedestal. Além disso, foi ele quem a salvou de Pascal. Que mulher não o amaria por isso? Ainda assim, nos três meses anteriores de segurança e felicidade, ela raramente pensara nele e, quando o fizera, não fora com tristeza pelo que

poderia ter acontecido entre eles, mas apenas com a gratidão por ele estar ao seu lado quando ela precisou.

Porém, se Jimmy saísse da vida dela, Belle tinha certeza de que não o esqueceria rapidamente. Ele fazia parte do seu passado, do presente e ela o queria no futuro. Será que ela o amava?

Se alguém é seu melhor amigo, alguém que você não quer perder e que você deseja, e isso não é amor, o que é?

Ela tentou pensar na sua loja, imaginar como iria arrumá-la e decorá-la e como exibiria os chapéus na vitrine. Mas seus pensamentos continuavam voltando para Jimmy.

Todos que conhecia ficariam felizes se ela e Jimmy se casassem. Até a mãe tinha dito que ele era um diamante.

O que ela estava esperando? Um raio vindo do céu que a fizesse perceber que aquele era seu destino?

Belle saiu da cama e, como costumava fazer quando não conseguia dormir, pegou o bloco de desenho e um lápis.

Porém, em vez de desenhar um chapéu, ela se pegou desenhando um véu, e isso levou a um vestido de noiva.

Mal tinha amanhecido quando ela começou e ela ficou tão absorta nos detalhes, seu rosto sob o véu, o bordado de contas no vestido, uma cauda arrastando-se pelo chão e até um buquê exuberante, que perdeu a noção do tempo.

Ao terminar, olhou para o relógio e descobriu que eram nove horas.

Baixou os olhos para o desenho finalizado e sorriu.

- É o mais parecido que você vai conseguir de um raio - ela murmurou. - Então acho que você deve ir contar a ele.

Sobre Lesley

Lesley Pearse é uma das mais amadas novelistas do Reino Unido, com fãs em todo o mundo e quase quatro milhões de livros vendidos até hoje.

Uma verdadeira contadora de histórias e mestre em enredos envolventes que deixam o leitor preso do início ao fim, Lesley apresenta aos leitores personagens inesquecíveis com os quais é impossível não se importar. Não há um gênero ou fórmula fácil de definir para seus livros: alguns, como *Rosie* e *Secrets*, são sagas de famílias; *Til We Meet Again*, *A Lesser Evil* e *Faith* são romances policiais e outros, como *Never Look Back*, *Gypsy* e *Hope* são aventuras históricas.

Remember Me é baseado na impressionante história real de Mary Broad, que foi condenada por roubos em estradas e levada na primeira

frota para a Austrália, onde uma colônia penal seria fundada. A história das revoltantes dificuldades encaradas pelos prisioneiros lá e da determinação corajosa de Mary para conseguir uma vida melhor para os filhos não é fácil de esquecer.

O passionalmente emotivo *Trust M*e também se passa na Austrália e lida com o escândalo real de milhares de crianças britânicas que foram mandadas para lá no período pós-guerra para serem sistematicamente negligenciadas e, em alguns casos, abusadas.

Roubada é um *thriller* - o primeiro de seus livros a ter um cenário contemporâneo - e foi número um de vendas em 2011.

Lesley apresenta aos leitores personagens inesquecíveis, com os quais é impossível não se importar.

A pesquisa incansável é uma das marcas de Lesley. Em primeiro lugar, ela lê bastante sobre o assunto e, depois, vai para o lugar escolhido como cenário. Uma vez lá, enquanto desenterra a história local, a narrativa começa, seja sobre condenados na Austrália, as condições dos soldados na guerra da Crimeia, as dificuldades sofridas por mineradores de ouro no Klondike ou a coragem impressionante de pioneiros que abriram caminho pela América em carroças cobertas.

A História é uma das paixões de Lesley e, combinada com sua imaginação vívida e sua percepção aguçada sobre como as pessoas poderiam se comportar em situações perigosas, trágicas e incomuns, logo cria um enredo com muitas reviravoltas dramáticas.

"Foi apenas quando eu estava trabalhando em meu sexto ou sétimo livro que me dei conta de que todas as minhas heroínas tiveram de

superar danos emocionais causados nelas quando crianças", Lesley observou. "Eu mesma tive de fazer isso; minha infância não foi um mar de rosas, mas, quanto mais pessoas eu conheço, mais descubro que a maioria tem algum tipo de trauma no passado. Talvez seja por isso que muitos de nós gostem de ler sobre o triunfo frente a adversidades."

O passado interessante de Lesley tem sido um ponto de referência útil para o seu trabalho, seja escrevendo sobre um triste orfanato no pós-guerra, uma criança que não se adéqua à escola, adoção, uma garota que sai de casa muito jovem e despreparada para lidar com as situações, a pobreza ou a dor do primeiro amor, ela sabe como é. Como Lesley, rindo, descreve: "Minha vida teve mais altos e baixos que um balde de poço".

A pesquisa incançável é uma das marcas de Lesley.

Mas as tristezas e dificuldades da vida de Lesley estão no passado. Com três filhas adultas e dois netos muito amados - o mais novo, Harley, nascido em março de 2010 -, Lesley acha sua vida maravilhosa.

"Moro em um lindo chalé em Somerset com meus dois cachorros, Maisie e Lotter, e meu jardim é uma paixão que me consome", ela conta. "Sinto que sou verdadeiramente abençoada por acordar todo dia com escolhas tão adoráveis: escrever ou cuidar do jardim. As duas combinam bem; se estou sem ideias para o livro mais recente, saio e planto flores, corto a grama ou arranco ervas-daninhas. Com frequência, escrevo até duas ou três da manhã, já que tudo fica em completo silêncio e não há distrações, como o telefone, para perturbar minha concentração. No entanto, tenho de confessar que perco muito tempo no Twitter. É como ter um monte de amigos invisíveis, muitos dos quais também são escritores.

Comentamos os assuntos, dizemos o que estamos fazendo e, às vezes, temos conversas tão engraçadas que fico rindo alto."

Os amigos são muito importantes para Lesley; alguns ela conheceu no colégio e durante a adolescência. Eles são o alimento da sua vida e não tem nada de que goste mais do que um dia com as amigas para ir ao shopping e almoçar.

"Também adoro quando sou convidada para palestras. Às vezes acontecem em livrarias, onde posso conhecer meus leitores. Às vezes, sou oradora convidada em almoços ou jantares para um evento de caridade. O escritor tem de ter contato direto com as pessoas. Sem isso, ele iria trabalhar em um vácuo. O *feedback* que você recebe é muito valioso; de qual livro gostaram mais, ou menos, e por quê. Também é uma ótima oportunidade de tirar minhas galochas e roupas de jardinagem, vestir algo mais

glamoroso e visitar uma parte do país onde nunca estive."

O talento de narradora de Lesley fica ainda mais evidente quando ela está falando com um grupo de pessoas, pois consegue escanear seu passado e contar anedotas hilárias que dá acessos de risadas nas plateias. Seria de imaginar que ela teria sido uma boa atriz se não tivesse pulado de um emprego ao outro quando jovem. Assim, ela foi babá, garçonete no clube da Playboy, costureira e passou muitos anos fazendo trabalhos promocionais, junto com empregos temporários mais mundanos em escritórios. "As empresas para as quais eu era mandada como temporária costumavam gostar de me ver ir embora", ela ri. "Eu era uma distração porque conversava com todo mundo e era péssima em datilografia. O engraçado é que, agora, eu digito com rapidez e precisão. Porém, na época, sempre ficava tentada a colocar minhas próprias palavras em cartas que

me pediam para escrever, apenas para acabar com a monotonia delas."

O passado interessante de Lesley tem sido um ponto de referência útil para o seu trabalho.

Lesley também é presidente da filial de Bath e West Wiltshire da NSPCC, uma associação de caridade que tem muito a ver com ela, por causa do abuso físico e mental sofrido pela autora quando criança.

"No meu mundo ideal, todas as crianças seriam queridas, valorizadas, amadas e bem cuidadas", Lesley afirma. "Sei, por meio das pesquisas, que o abuso de crianças é um mal muito antigo e a única maneira de evitá-lo é a educação. Eu gostaria que todas as escolas colocassem a criação de crianças na grade curricular e incutisse nos adolescentes a importância de se cuidarem para garantirem que

estão em um relacionamento amoroso estável antes de terem um bebê."

Sobre *Belle*

Qual foi sua inspiração para* Belle*?

Enquanto fazia pesquisas para *Gypsy* e *Never Look Back*, eu encontrava o tempo todo detalhes sobre milhares de mulheres jovens que se tornaram prostitutas durante a febre do ouro da Califórnia e do Klondike. A pré-concepção comum é de que essas mulheres foram forçadas a fazer isso por causa da pobreza terrível ou da brutalidade. Algumas com certeza foram, mas havia muitas outras que entravam por vontade própria, e até com alegria. Algumas tinham vidas bastante boas; as que estavam no topo do mercado eram quase celebridades.

Vi-me atraída para esse meio sombrio que, embora seja moralmente repreensível para alguns, fornecia a diversão, o conforto e o intervalo muito necessários para os mineradores de ouro, que tinham de enfrentar dificuldades horríveis na busca pelo metal precioso.

As histórias dessas mulheres ficaram na minha cabeça e, embora eu não quisesse escrever outro livro sobre uma febre do ouro, fui levada a criar uma heroína que, embora fosse forçada a se prostituir no início, decidisse aceitar o destino e fazê-lo trabalhar a seu favor.

Um tema central no romance é o contraste entre a cidade natal de Belle, Londres, e seu novo lar em New Orleans. O que a fez escolher esses dois locais?

Eu fico com frequência em um hotel em Seven Dials e, embora agora seja uma parte chique de Londres, já foi uma área apodrecida e suja

onde abundavam todos os tipos de vícios. Os cortiços revoltantemente esquálidos, que já foram o lar de inúmeros ladrões, mendigos, prostitutas e as pessoas mais pobres das sociedades vitoriana e eduardiana foram demolidos há muito tempo. Lojas de primeira classe que vendem itens de marca e restaurante bonitos, *pubs* elegantes e bares de vinho tomaram o lugar dos velhos bares de gim, *pubs* sujos e lojas de penhores. No entanto, ainda é possível, no que resta das ruas estreitas e dos pátios minúsculos, ter uma ideia do como era nos dias da iluminação a gás e charretes de aluguel. Enquanto eu vagava por ali, olhando o restante dos prédios antigos, podia imaginar os bordéis, os mercadores de rua e as crianças maltrapilhas que cresceram nesse ambiente tão hostil.

Certa noite, enquanto voltava ao hotel por uma rua muito mal iluminada, imaginei uma

menina criada em um desses bordéis, e a semente para *Belle* foi plantada.

Escolhi New Orleans como o outro lugar principal porque a famigerada Storyville, onde a prostituição era legalizada, estava no auge na década de 1900. Fui a New Orleans fazer mais pesquisas e, embora Storyville tenha sido destruída e reconstruída como moradias populares, o French Quarter continua como sempre foi, bonito, obsceno, sensual, animado com músicas e todos os fantasmas do seu passado perverso. Senti que Belle poderia ter aceitado com facilidade a vida de cortesã ali.

O tráfico para prostituição é um assunto importante que afeta muitas mulheres e crianças hoje, assim como vários personagens de* Belle*. Deve ter sido um assunto difícil de pesquisar. Que semelhanças encontrou entre o tráfico naquela época e agora? Acha que

tem alguma coisa que possamos aprender ao olhar o tráfico na história recente?

Naquela época, como agora, traficar mulheres e crianças para o sexo era um mercado furtivo, mas extremamente lucrativo. Se eu tentasse pesquisar o tráfico de hoje em dia, duvido que tivesse muito sucesso. As pessoas que o controlam provavelmente o executam atrás da fachada de um negócio legítimo, ou em um país onde as autoridades são pagas para ficarem quietas. Com certeza não conversariam com alguém como eu! As vítimas são aquelas que não podem pedir ajuda: imigrantes ilegais e aqueles que temem uma retaliação contra suas famílias se fizerem uma denúncia.

Na época em que se passa a história do livro, meninas bonitas podiam ser pegas na rua para esse tráfico ou atraídas para longe de casa com a promessa de um emprego. Com frequência, eram mandadas para outro país, para que a

dificuldade na comunicação e a falta de dinheiro para voltar para casa as mantivessem cativas. Depois de levadas a esse tipo de trabalho, mesmo que escapassem do seu capturador, havia tal estigma contra mulheres "desonradas" que a maioria continuava nesse meio por vergonha. A vida delas geralmente era curta: doenças, drogas e bebidas cuidavam disso.

Infelizmente, não acho que a situação tenha mudado muito, apesar da força policial mais bem equipada e treinada, ou da educação melhor. As vítimas do tráfico podem ser da Europa Oriental, Tailândia, África, em vez de meninas inglesas do campo, mas o tráfico parece estar aumentando, e não diminuindo. Clubes de *strip-tease*, clubes de dança erótica e casas de massagem são abundantes em qualquer cidade grande; o lado menos agressivo do mercado do sexo que crescemos acostumados a ver. Meninas e meninos vendem seus corpos para

comprarem drogas ou até para se sustentarem durante a universidade. De vez em quando, ouvimos falar de círculos de pedofilia sendo desmanchados, mas, para cada círculo exposto, cujos envolvidos são presos, há provavelmente dúzias de outros

ainda ativos.

Descobri, na minha pesquisa, que, na década de 1900, apenas em Paris, quatro de cada cinco mulheres usavam a prostituição como meio de sobrevivência. Algumas, apenas de vez em quando, como último recurso quando precisavam comprar comidas e roupas ou achavam necessário, mas, para o restante, era a única fonte de renda. A proporção de prostitutas é, obviamente, muito menor agora, mas apenas porque há muitas formas de emprego abertas para mulheres hoje em dia e benefícios para os desempregados.

@Created by PDF to ePub